3 1761 07045133 1

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/odesenganoperiod00mace

O DESENGANO

PERIODICO POLITICO, E MORAL:

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

N.º 1.

Salus Populi suprema Lex esto.

LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA.
1830.

POR ORDEM SUPERIOR.

Pq
T. 1
M D47

INTRODUCÇÃO.

O que podia, e devia ser o canal da ventura dos homens no estado social, e politico, se tem tornado pela malicia dos falsos Politicos, e de perversos conspiradores, no meio, e no instrumento das suas maiores desgraças. Eis-aqui huma verdade da experiencia, e eis-aqui a idéa, que de si mesmo nos tem dado, ou a maior parte, ou todos os Periodicos. São instrumentos da rebellião, os que podião ser os laços da Concordia. Derramão o veneno da corrupção, os que devião desenvolver o germen de todas as virtudes moraes, e civís; fazem os Povos odiosos aos Soberanos, e buscão fazer os Monarcas odiosos aos Povos. São as alavancas das innovações, os que devião defender, e manter as antigas, e primordiaes Instituições das Monarquias, cuja boudade, e justiça se firma na base da experiencia de muitos seculos de grandeza, e independencia. Os que devião inspirar, e conservar o respeito aos Dogmas, e á Moral da unica, e verdadeira Religião, que he a de J. C., tem transformado estes Dogmas, e os principios desta Moral em escandalosos Problemas. São os assopradores da divergencia das opiniões, os que devião promover, e conservar a concentração destas opiniões no unico objecto da obediencia aos Monarcas, do respeito, e da observancia das Leis, e dos mandamentos dos mesmos Soberanos. Tem servido de illudir as Nações, quando podião servir de meio efficacissimo para as illustrar. Bem dirigidos podem ser a origem do maior bem; pervertidos, e desencaminhados, são as vertentes dos maiores males, e desventuras.

A consideração do estado actual, e da constante, e permanente fermentação da Europa, onde de espaço a espaço rebenta huma lavareda do nunca de todo abafado incendio das revoluções, isto he, das rebelliões dos Povos contra os Reis, e contra as Leis, me subministrou as côres do retrato, que acabo de fazer dos Periodicos. A sua composição, e publicação, sendo hum objecto da maior transcendencia, devia ser a partilha, e o emprego dos homens de bem, dos que temem a Deos, dos que sabem amar, e obedecer aos Monarcas, e dos que sinceramente desejão a felicidade da sua Nação, e dos que trabalhão por conservar a harmonia social, a que o mesmo Deos chamou os homens do estado da simples

Natureza; mas desgraçadamente temos visto usurpar estas funcções aos homens mais perversos, e aos mais pervertedores das humanas Sociedades. São estes Periodicos, huns de summa ignorancia, e quasi todos ou de aberta, ou de escondida maldade, os que preparão, e depois sustentão todas as revoluções, mofando, e escarnecendo dos Povos, quando imprudentemente lhes dizem que os querem illustrar.

Antes que no momento actual consideremos a França, que he o principal fim da composição, e publicação deste papel, sem nunca nos desviarmos dos principios da verdadeira Politica, e do respeito devido ao corpo, e á cabeça de qualquer grande Nação, devemos considerar este, que sempre o será quando o quizer ser, o portentoso Reino de Portugal, victima de estranhos, e de domesticos Periodicos. Os Periodicos surdamente preparárão, e descobertamente sustentárão a revolução criminosissima de 1820, porque desde a revolução de Hespanha de 1812 penetrando os confins do mesmo Reino no vehiculo dos Periodicos tantos venenos, e tantas doutrinas revolucionarias; preparárão os malvados para a primeira bôca do Volcão, que se abrio em 1817, até que em 1820 se patenteou vasta Cratéra, donde tão espessos, e negros fumos, e tão ardentes, e devastadoras lavas se derramárão para cobrirem de cinzas, e de sepulcros tão malaventurado Reino nas mãos daquelles, que se dizião seus regeneradores, e salvadores. Pela corrupção dos Povos se devia consolidar a revolução; e a corrupção dos Povos não se podia conseguir, nem universalisar senão pelo intermedio dos Periodicos. Assim o vimos executar, e levar ao fim. Os Discursos mais impios, mais revoltosos, e revoltantes, (e mais vergonhosamente) apparecêrão, e vimos tambem huma especie de frenesi apossar-se dos Portuguezes, a ponto de lhes transformar o caracter, e não parecerem Portuguezes: huns loucos, outros Canibaes, e quasi todos, vendo deslocar-se o Reino, e eclipsar-se a Magestade, e a gloria, applaudirem a sua ruina, abraçando-se com o punhal, que lhes varava o coração, e beijando as algemas que lhes roxeavão os pulsos; e se alguma alma, ou intrepida, ou resoluta como esta, que me anima, lhes offerecia algumas Taboas em que se salvassem do naufragio que os submergia, era logo reputada criminosa de Lesa-Nação, e como tal ultrajada, perseguida, e atormentada com ferros, e exterminios, progredindo sempre a obra da iniquidade, até que a espada invicta do divinamente fadado, e Legitimo Rei de Portugal decepou as pululantes cabeças da venenosa Hydra; e como algumas ficárão, golfando novo veneno, mais contaminárão os Povos no segundo, e mais terrivel, e mais infernal ataque, até que o invencivel Hercules, não lhe bastando o ferro, empregou tambem o fogo, como o antigo Hercules, para extinguir de todo o peçonhento Monstro. A obra foi premeditada, e arquitectada por poucos comparativamente á massa po-

pular; mas a massa popular foi corrompida, e depois arrastada pela inundação dos Periodicos que alagou o Reino. O grito da justiça, e da fidelidade não se podia levantar sem perigo até de vida: mostrar-se fiel, era mostrar-se criminoso; e pelo orgão dos fabricadores de Periodicos, os Povos permanecião illudidos, enervadas as forças da reacção até nos homens de bem, suffocados por outra força maior. Parece que o Reino tinha chegado á summa altura da ignorancia sobre o que era verdadeira politica, e verdadeira moral, e que deste ponto, que tocára, não poderião adiantar-se a mais: aqui parava eu com a consideração, persuadindo-me que os Portuguezes não poderião chegar a maior auge de perversidade, nem que o espirito da rebellião, ou a mania das revoluções chegasse a invadir certas Classes elevadas, cujo summo interesse he a conservação da Monarquia legitima, e independente como a vemos, e temos agora, pois está empunhado o Sceptro pelo unico, e legitimo Soberano, a quem pela Lei do Reino, e pelo voto unanime da Nação firmado nesta mesma Lei, este Sceptro pertencia, e pertencerá, porque tem vassallos, que em quanto tiverem nas veias sangue que derramar, o hão de conservar em suas Reaes Mãos. Estes malvados de facto, e criminosos de Direito, pizando aos pés os estimulos de hum sangue nobilissimo, e nunca por tantos seculos manchado; esquecidos das honras, dos beneficios, dos altos empregos, das distincções, e condecorações, e até da amizade individual do mesmo Soberano, contra elle, contra nós, contra a Patria, contra as Leis, conjurárão, e se armárão, a nós vierão depois de foragidos com a espada nua para nos sujeitar a hum jugo estranho, e detestado, sendo muitos descendentes daquelles, que seguirão a voz do Mestre de Aviz, e lhe segurárão na cabeça a Corôa nos Campos de Aljubarrota, e pozerão em 1640 a Dynastia de Bragança no herdado Throno Portuguez. Vimos, e sentimos todos estes attentados, e elles nem derrotados desistem, nem mendicantes se envergonhão, nem aborrecidos, e desprezados se arrependem. Donde vem, donde nascem estas desastradas anomalías? Nascem do espirito do Maçonismo, que tanto tem cegado o entendimento com os fumos de fantasticas theorias politicas, como corrompido os corações com os Systemas de huma moral dissoluta, ou de huma impiedade reflectida. Cave-se fundo na raiz de tantos males, e vêr-se-ha que vem correndo das vertentes dos Periodicos, primeira arma nas mãos dos perfidos revolucionarios, sem ter havido hum só que atalhe os progressos desta mortifera gangrena, e diga aos Portuguezes — Vêde que andais cégos, errados, e conhecei o que seja a verdadeira politica, quando andar ligada á pura moral da Natureza, e aos Oraculos Divinos da Religião.

Assim temos visto Portugal, comecemos agora a contemplar a França. Quadro espantoso, e que se vai apresentando cada vez em mais terrivel aspecto, e se continuar, queira o Ceo que seja se-

melhante á Estatua, que se representou em sonhos ao Monarca de Babylonia! A França foi o Reino de maior representação na Terra, e da maior influencia da Europa, e na Europa, ou siga os caminhos da justiça para o bem, ou as tortuosas veredas das revoluções para o mal. Isto vemos invariavelmente no quadro da sua Historia, por quasi quinze seculos da sua duração, desde Clodoveo até o infeliz, e malogrado Luiz XVI. Derrubando o Throno deste desditoso Monarca, dêo a França a mais espantosa queda, cahio n'hum abysmo opprimida de seu mesmo pezo. Napoleão não abrio a estrada para a sua gloria, franqueou-lhe o caminho para o seu sepulcro, e tendo coberto a Terra de sangue, elle se cobrio de ignominia nos campos de Waterlôo, e o horizonte de Conquistas, que se abrio diante de seus olhos combatendo, se convertêo no uniforme horizonte do mar, que mettido em ferros, elle contemplava dos rochedos de Sancta Helena; e o que se anciava, como se lhe fossem estreitos os limites do Mundo, passeava humilhado nos confins das alas que lhe formava hum Regimento, nas mãos de seus inimigos. Elle não se levantou da sua quéda, mas a França resurgio da sua. Estes forão os dous desenganos, com que a Divina Providencia quiz ensinar os homens, e deixar ao Mundo huma Lição terrivel na quéda, e misericordiosa no resurgimento. Vinte, e cinco annos de estragos se reparárão n'hum momento da razão, e da Justiça. Conhecêrão os homens, que o Governo de hum só, he o Governo de Deos, ou da sua imagem. Nenhum Politico, ou dos seculos da Grecia, e de Roma, ou dos seculos modernos, imaginou, ou disse jámais, que hum Reino tão vasto como a França podia permanecer por muito tempo, ou ter longa duração, transformado n'huma Republica, ou Governo puramente Democratico. Na Grecia erão tantas as Republicas, quantas as Provincias. Na Italia depois de acabar o Throno dos Wandalos, dos Godos, e dos Longobardos, se retalhou, e dividio, e destas divisões se formárão outras tantas Republicas; poucos momentos teve de duração a tão preconisada Republica Franceza, cahio nas mãos de hum furioso Usurpador, que não governou como Monarca, mas como hum Cabeça de bandidos, que devião, despovoando a França, assolar a Terra. Os sustentaculos deste novo Imperio de ferro, e sangue, forão os Periodicos, que divinisando o Monstro illudião os Povos, sustentando esta illusão com o medo da força, até que a Providencia Divina suspendeo esta torrente impetuosa, como pôe hum limite intransgredivel ás ondas do Oceano. Restabeleceo-se na França o antigo, e legitimo Governo, e a proscripta Dynastia subio ao Throno. De todas as attitudes em que ao Mundo se tem mostrado a França, desde que se formou em Corpo de Nação, esta he a mais maravilhosa, e a mais digna da contemplação do homem pensador. Luiz XVIII entra na Capital da França, seus pés não dão hum passo, que não pizem ruinas,

e estragos, e muito mais lastimosos na ordem moral, que em todas as outras ordens, como consequencias da politica da revolução, e esta revolução consequencia, ou resultado dos Periodicos, que a promovêrão, e depois de feita, a sustentárão, e dilatárão ainda mais que a mesma força das armas. Achou a Religião maculada, ou quasi extincta; os costumes pervertidos, e geralmente o Povo embrutecido com o furor das Conquistas, da carnagem, e da rapina; odiado, e aborrecido dos outros Povos de quem tinha sido o flagello, e o devastador; e, sem offender muito a justiça, e a caridade, achou os homens convertidos em assassinos, e salteadores: mas repentinamente, como ao toque de huma vara mysteriosa, como a de Moysés, apenas conhecêrão o imperio, ou o governo de hum só, e legitimo Soberano, tudo foi mudança, e tudo foi verdadeira regeneração; a esta se seguio a maior ventura, a que os homens podem chegar no estado social, e politico. Então se conheceo, e confessou, que a verdadeira gloria, e grandeza da França, estava ligada á Dynastia de Bourbon, e se começou a vêr reproduzido o seculo de Henrique IV, e do Grande Luiz XIV. Este em quarenta annos de Reinado, tinha feito grande, e respeitavel a França em tudo aquillo, em que pode ser grande huma Nação; Luiz XVIII em poucos dias de seu Imperio concluio esta obra sublime, com a differença, que Luiz XIV achou o Reino não só disposto, mas avançado pela estrada da gloria com o impulso que lhe déra seu Pai Luiz XIII, tendo a seu lado hum Ministro profundamente politico, e hum dos maiores homens da mesma França; e Luiz XVIII achou sentada sobre ruinas a nova Filosofia rodeada dos troféos da immoralidade, e da irreligião. Lançou os alicerces ao edificio da grandeza, e da felicidade da França, e Carlos X, seu successor, completou, ou poz a mão ultima nesta obra da verdadeira prudencia, e da verdadeira fé, em que consiste a tão difficultosa Arte de reinar, condescendendo em parte com a tendencia do Seculo, para consolidar mais seguramente a obra da felicidade da Nação. A França ha muito poucos dias chegou áquelle altissimo fastigio de gloria, que só tinha sido dada, mas depois tirada, aos Portuguezes. Desde o IV Seculo da Era Christã em que huns barbaros das visinhanças do Polo Septentrional, chamados Wandalos, penetrárão na Africa pela Mauritania Tingitana, e nella pela Conquista se estabelecêrão em Imperio, só os Portuguezes em hum dia só, 25 de Julho, com hum desembarque, e com hum só assalto, levárão á escala a fortissima Praça de Ceuta, e depois com mais vagar, e não com menos esforço, galgárão as muralhas de Tangere, de Arzila, de Marzagão, e de Safim, assustárão Mequinéz, pozerão em contínuo sobresalto Marrocos, e Tetuão, e quando se fallava na extensão, e nos limites do Imperio Portuguez, dizia-se — A Europa Portugueza, a Asia Portugueza, a Africa Portugueza, a America Portugueza... e agora parece que

dizem por caridade — Hum Cantinho Portuguez na Europa, e esse aguarentado...

Depois destas Conquistas Portuguezas, ganhadas com tanta gloria n'Africa, e perdidas com tanto desmazelo proprio, ou perfidia estranha, depois das tentativas inuteis de Fernando, e Isabel sobre Orão, e de Carlos V sobre Tunes, ainda que ajudado pelos Portuguezes, que de lá trouxerão huns pannos, assim chamados de Tunes, que por certo não erão Caragoça do Redondo, mas que por certo d'aqui levárão sumiço, porque pannos, e tudo sempre aqui foi roupa de Francezes: só estes Francezes rompêrão o encanto da inconquistabilidade Africana, cahírão sobre o Emporio da Pirataria, a formidavel Praça de Argel, e affrontando a mais vigorosa resistencia, que não tinha podido contrastar toda a Esquadra Britannica, e o sustentado bombardeamento dirigido, e commandado por Lord Exmuth, a levárão como vêmos, e a Lua Musulmana desmaiou, e se fez mais branca que a mesma Bandeira das Lizes, levantada sobre os mais altos terraços, ou eirados de suas Mesquitas, attrahindo a França sobre si as benções da Europa, como d'ahi a poucos dias attrahio as maldições da mesma Europa. Eis-aqui o grande ponto, mas eis-aqui o vergonhoso, mas talvez que efémero, triunfo da nefanda Seita da Maçonaria.

Eu não sei que Nação alguma tenha chegado em sua existencia politica ao estado de querer continuar a ser aquillo mesmo que a França estava sendo, e com o mais justo motivo, e não só justo, mas até glorioso! Contemplemos este unico fenomeno em Politica. Os limites da Monarquia dilatados, e seguros; huma paz profunda, e consolidada; hum Exercito organisado, e temivel, mas fiel, e decidido, e ainda que composto de alguns elementos da antiga Revolução, mudados pela honra, e até pelo interesse individual; hum Commercio florentissimo, e tanto que podia fazer ciume a qualquer das outras Nações, que mais se haja opulentado pelo mesmo Commercio, e por huma incançavel industria: huma Força naval, que em pouco tempo tinha adquirido huma estatura Collossal: as Artes fabris levadas ao mais alto gráo de perfeição, e quasi a ponto de não poderem ser excedidas; as Sciencias, e as Artes de puro engenho com esmero cultivadas, recompensadas, e applaudidas: o Culto Religioso re-integrado, e conservado quasi como no antigo fervor, e pureza: no meio d'este quadro de ventura, hum Rei perfeito, e sempre desvelado na gloria, na felicidade de seus Vassallos; a Successão do Throno afiançada; nenhuma oppressão, nenhuma violencia, nenhuma tyrannia; a liberdade legal sempre mantida, e sempre respeitada; hum Rei homem identificado com os homens, que sendo Vassallos, conservão illesa a dignidade de homens: as Leis, e não os caprichos, a Justiça, e não a vingança.... Este o estado da França: e neste estado, huma Revolução Democratica! Os Pares estão desvaneci-

dos, e os Communs (ou Communeros) legislando, ou determinando esta exclusão dos Pares; isto he hum salto tão bruseo, tão impensado, tão repentino, que se os olhos o não vírão, pelos ouvidos ninguem o acreditára. Os Congressos de Troppau, de Laibach, de Verona ludibriados, e ainda mais que esquecidos, e desprezados; a indignação do Mundo desafiada, e a Força de grandes Potencias em altos brados provocada.

Estará por ventura illesa a força moral, e conservará a efficacia, e energia, que deve manter, porque a salvação dos Povos he a primeira Lei do Codigo da Natureza, e da Justiça! E poderá o homem sensivel, o homem verdadeiramente filosofo ser indifferente a hum semelhante espectaculo, e no meio da apathica indolencia olhar para as desgraças, que estão imminentes? A Humana Sociedade está em verdadeiro perigo. A Religião he ameaçada, os Thronos em oscilação, os laços communs da Humana Sociedade promptos a estalar; as Nações commovidas, e alvoroçadas; as Leis insultadas, os Diademas embaciados, ou annuveados; e todos os homens de bem ultrajados, pois lhes trôa nos ouvidos o grito da guerra, que se lhes declara: e nós os Portuguezes mais expostos a vilipendios, e perseguições de outros Portuguezes, porque já estão ensinados por duas Revoluções, a segunda de hum differente caracter, mas com maior malicia, essencialmente Revolução, tanto mais perigosa, quanto mais arteiramente disfarçada.

N'esta geral suspensão, em que parece estar o Genero Humano, qual he, ou qual deve ser o sagrado dever de hum verdadeiro Portuguez, que teme a Deos, que ama a sua Patria, e mais que a propria vida o seu Soberano, que estremece pela sua vida, que he essencialmente a vida de huma inteira Nação, que já a não teria, se hum tal Monarca não existisse?!! Este dever he empregar todos os meios, que a Providencia poz a seu alcance para salvar da imminente ruina tão sacrosantos objectos. Eu contemplo a causa efficiente de tantos males, e concluo que o instrumento mais poderoso tem sido os escriptos periodicos, em que se tem propinado aos Povos o mortifero veneno em Politica, e em Moral. Se não fôrão estes impios escriptos, não teria n'estes dias rebentado em França o mais espantoso Volcão revolucionario, voragem, que ameaça engolir em seu escuro seio todos os Povos, e todos os Monarcas, pois he este, e só este o seu infernal designio. Eu não posso esgrimir huma espada, enristar huma lança, ou bornear huma peça, mas posso oppôr hum Escripto a outros Escriptos, e combater com a razão, e com a verdade os sofismas da impiedade, e da rebellião, desenganando os Povos, mostrando-lhes o que lhes convem em Politica, e o que devão praticar em Moral, porque o feroz Maçonismo não procura mais que cegar os homens com a apparencia, e com a promessa de bens, que são verdadeiros males, que lhes prepara ferros, quando lhes promette liberdade, offerecen-

do-lhes opulencia, quando os intenta despojar de tudo, constituindo a *Ochlocracia*, que he o governo da canalha, quando assegura conservar, e respeitar a Monarquia.

A maioria do Povo Portuguez permanece incontaminada, mas não he incorruptivel, pode o veneno ser tão subtil, e com tanto artificio preparado, que venha a produzir seu mortifero effeito, e por isto he melhor prevenir com antecipação, que remediar depois sem proveito. O amor da Patria, e do Soberano suppre o que em mim já não tem a Natureza = forças. = A causa he do Rei, a causa he do Povo, eu a defenderei; e se conseguir desenganar os Portuguezes, mostrando-lhes o que ha verdadeiro em Politica, e necessario em Moral contra os esforços Maçonicos, terá a nossa amada Patria, e o nosso adorado Soberano em torno de si hum muro de bronze: talvez que possa mais n'esta Causa a razão das Letras, que a força das Armas: escreverei pois hum Periodico Semanal, que não excederá talvez huma folha de impressão em miuda letra. Sahirá em hum dia da Semana, sem se determinar qual d'elles deva ser, porque as occorrencias o podem alterar alguma vez, mas logo se annunciará por esse Papel, que se chama Gazeta. Não se esperem noticias Politicas, porque eu não sou Correio, mas sobre os factos, que pública, e authenticamente constarem na marcha da infausta Revolução, em si mesma, e em suas relações com as outras Potencias, o *Desengano* fará as mais justas reflexões a beneficio dos Portuguezes, sem offensa de Corporação, ou de Individuo. Querer Assignaturas he, em quanto a mim, fazer huma violencia ao Povo: quem livremente quizer, que o compre, porque o preço será tão modico que pouco excederá a despeza do papel, e da Impressão. Sobre a materia proposta não se admittem nem Cartas, nem Memorias, nem Discursos estranhos, nem Communicações particulares; pela uniformidade, e caracter do estilo se conhecerá sempre quem seja o Auctor, que nada remette pelo Correio, nem pelo Correio aceita.

Tenho dado huma clara idéa do Periodico annunciado, a quem este 1.° N.° serve de introducção. Ao Rei, e á Nação, que não quer outro Rei, são devidos todos os excessos, e todos os serviços, ainda os mais arduos, e arriscados. O maior, e mais implacavel inimigo dos Reis, e das Nações, da Religião, e das Leis he o Maçonismo, e tão contumaz, que até se obstina contra as Forças, e contra os Cutélos; não se pode usar contra elle seguramente da Força armada, porque a corrompe, e a transforma em instrumento do seu poder; e repetidos exemplos proximos a nós, e a nós agora presentes, comprovão esta verdade: a unica arma, que pode debellar este novo Anteo da Fabula, que se levantava das suas quédas com mais vigor para combater, he a opinião do Povo Portuguez; e assim como as provas mais incontestaveis da

verdade da Religião são os factos, por factos tambem públicos, provados, e universalmente conhecidos, conservados na Historia, na Tradição, e no testemunho ocular, eu mostrarei sem equivoco, sem ambiguidade, eu mostrarei, que todos os males, que temos soffrido, soffrêmos, e receâmos, nos tem vindo, e nos vem das mãos do Maçonismo, e só, e exclusivamente das mãos do Maçonismo. Chegando o Povo Portuguez ao ponto do Desengano, que lhe dará esta verdade demonstrada, o Throno estará seguro, a Religião virgada, a Patria defendida, e a obra das trévas anniquilada. Tendo concluido esta Introducção: se me disserem que este Escripto he dictado pelo espirito de Partido, eu lhe direi que sim, e que he verdade, e que he aquelle Partido, que o homem de bem deve invariavelmente seguir, e abraçar. Este Partido quer o Rei Independente, Livre, e Absoluto, Executor das Leis sem restricção, e não só Executor, mas Auctor sem concorrencia de outra alguma authoridade, porque a Lei he a vontade do Superior declarada aos Subditos, mas conforme aos eternos principios da Justiça. Este Partido quer a unica, e verdadeira Religião Catholica em toda a sua pureza, e integridade. Este Partido he o que reconhece a Legitimidade do Soberano conforme as primitivas Instituições. Este Partido he o de abominar, e detestar as Innovações em Politica, reconhecendo que o Governo de hum só he o mais vantajoso, e necessario aos homens, o mais conforme á humana Natureza, porque he a imagem do Governo de Deos no Universo. Eis o Partido, que segue o Auctor d'este Escripto; e praza aos Ceos que os sequazes d'este Partido sejão sem excepção todos os Portuguezes! Seria bastante a sua mesma experiencia para seu desengano. Em quanto esta planta venenosa se não arrancar da terra pela raiz, não veremos nem a segurança dos Thronos, nem o socêgo dos Povos, porque em certos, e immudaveis periodos triennaes vegéta, e nos produz fructos de morte; as nossas desgraças tem assignalado este circulo de tres annos. Em 1817, 1.ª (entre nós) erupção do Vesuvio revolucionario. Em 1820, 2.ª; em 1823, 3.ª, estendendo-se até 1824. Em 1826 maior irrupção, e por todo o anno de 1827, 4.ª: em 1830, o que estamos vendo, e contra quem nos devemos prevenir pelo *Desengano*, que vou offerecer aos Portuguezes. Para estes calculos não he precisa a Luz Profetica, basta huma seria observação politica, basta o amor da Patria, e para mim basta o amor do Rei, tão digno de viver, e tão digno de Reinar.

Pedroiços 6 de Setembro de 1830.

José Agostinho de Macedo.

O DESENGANO

PERIODICO POLITICO, E MORAL:

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

N.º 2.

Salus Populi suprema Lex esto.

Que cousa he Revolução?

A DEFINIÇÃO do annunciado nesta palavra — *revolução* — basta para dar aos Portuguezes o mais importante desengano em Politica, offerecendo-lhes ao mesmo tempo o mais efficaz antidoto contra o veneno das innovações de que os mesmos Portuguezes tem sido victimas pelo espaço de dez annos. —Revolução he huma mudança desgraçada do bem para o mal, na ordem Politica, de que resulta alguma vantagem para os Scelerados, que a fazem. — Esta definição já mostra aos Portuguezes, que de huma revolução não podem resultar mais que infortunios, e desventuras, e será preciso huma absoluta cegueira de entendimento, huma brutal dureza de coração, e huma criminosissima contumacia de vontade para não conhecer esta verdade, annunciada, e confirmada pela propria, e domestica experiencia. Todo o transtorno da ordem estabelecida he huma desgraça verdadeira; toda a mudança repentina he perigosa, e muito mais quando se passa de hum estado para outro estado diametralmente opposto. Se os habitos politicos, e moraes arraigados profundamente pelo lapso dos seculos, se tem convertido em natureza,

sem fazer a esta extrema violencia, não se podem mudar, ou destruir, para adquirir outros em todo o sentido contrarios. Eis-aqui o que intentão fazer as revoluções politicas, que se devem considerar como flagellos da Justiça Divina para punir os delictos dos homens. Sempre houverão revoluções em todos os Povos antigos na ordem politica, mas limitavão-se unicamente entre os Romanos á forma do seu governo, e ás pessoas que sustentavão as rédeas destes mesmos governos; revoluções moraes nunca existirão. Erão immudaveis as Leis, immudavel a Religião, invariaveis os costumes, tudo era Romano até á expulsão dos Tarquinios, tudo foi Romano no Governo Consular, e passando o Governo ao Estado Monarquico, não houve mudança alguma, ou alteração nos Costumes, na Religião, e nas Leis. As revoluções modernas depois da primeira catastrofe da França tiverão outro caracter, porque com a mudança das Dynastias, e da forma do Governo Politico, veio tambem a mudança na ordem moral. Com o odio aos Monarcas, apparecêo, não só o desprezo, mas odio á Religião, e aos costumes formados pela sua Moral, o odio ás Leis mais Sagradas da humanidade, ás Instituições consagradas pelos seculos em que os Povos tinhão conservado a sua felicidade. Estes espantosos fenómenos no seculo presente devem ter huma causa efficiente, ou hum principio donde procedão; esta causa, ou principio não he outro, por mais que se esforcem por lhe assignalar diverso, mais que a Seita pertinacissima da Maçonaria. Quer o Imperio universal pelo acabamento, e ruina de todas as Monarquias, retalhar toda a Europa, e convertella em Republicas Federativas, promettendo aos homens huma liberdade, que consiste só no desenfreamento de todas as paixões, na impunidade de todos os crimes quando se considerão no seio da Religião, como effeitos de huma incredulidade absoluta. Com a primeira revolução de 1789 cahio a França neste insondavel abysmo de males; porque a Historia desta revolução he a Historia de todos os horrores. Acabárão com a Monarquia, acabárão com a Religião, acabárão com os Costumes: com esta segunda revolução, como os meios são semelhantes, e os instrumentos identicos, os fins, e os resultados serão iguaes; e eu creio que serão ainda mais funestos, porque a força da resistencia será ainda mais vigorosa da parte dos mesmos Francezes, pois as divergencias das opiniões, ou dos partidos, vão apparecendo muito mais pronunciados, pois sem errar em meus calculos politicos, o derramamento de sangue será muito maior, e muito mais deploravel, porque não póde escapar á vigilancia, e perspicacia dos Governos,

que se achão nesta ponderosa alternativa, — ou vêr os Thronos em cinzas, ou vêr a força usurpadora anniquilada, — nisto não ha meio. Com a Seita abominavel não se póde transigir, nem convencionar; o resultado seria o triunfo, e a completa victoria da rebellião, e da impiedade. A luta deve terminar pelo exterminio dos monstros. Esta he verdadeiramente a causa, ou a unica questão Européa, não ha outra. Para segurar o andamento da maquina politica, he preciso que se mova, e que trabalhe nos seus antigos eixos. Eis-aqui hum desengano. Chamo antigos eixos aos Governos puramente Monarquicos. Desenganem-se os Reis, desenganem-se os Povos, que o mais sagaz, e ardiloso artificio dos malvados, ou da pestifera Seita revolucionaria, he a invenção dos Governos Representativos; por mais disfarçados que se apresentem com atavios da Realeza, mais suspeitos se nos devem tornar. Hum Governo Representativo á moderna he hum seguro degrão para a Democracia. Parece que hum Governo Representativo contenta os Reis, e enganão-se os Povos. Quando nos vem dizer que assim se coarcta o Poder de hum só, he para darem aos mesmos Povos hum centenar de Tyrannos. O irrisorio Dogma, ou sofistico principio da Soberania da Nação, que he a primeira das contradicções, ou o primeiro dos absurdos, he tambem a primeira móla das revoluções. Em nome da Nação se commettem todos os attentados pela mesma Nação, e fica escrava dos facciosos, a mesma que se acredita Soberana no Throno. Se a facção revolucionaria em França poz o Pai no cadafalço, como poderá, sendo a mesma, conservar no Diadema o Filho? De todos os meios, e de todos os nomes se serve a malvada caterva para chegar aos fins da insolente dominação Democratica. Estados Geraes, Assembléa Legislativa, Convenção Nacional, Directorio executivo, tudo isto são nomes que enganão os Povos, e o resultado, os Francezes o vírão, o Rei no patibulo, a Nação nos ferros, e na miseria, a Religião proscripta, os costumes estragados, o Mundo inquieto, e em continuados sobresaltos. Não aproveitar a primeira lição, e querer ser mais desgraçado ainda na segunda, he querer dar ao Mundo o espectaculo de hum Povo de mentecaptos, que afia os cutélos, e torce os cordeis com que seus proprios algozes os martyrisão, em quanto estes mesmos verdugos se applaudem na obra da sua mesma perversidade, e escarnecem, e mofão da simplicidade, e irreflexão dos Povos agrilhoados.

Eis-aqui o que seja — Revolução — E quererá Portugal huma revolução, cousa que nunca teve até ao infausto, e desgraçado anno de 1820! Pois Portugal nunca teve revoluções? Nun-

ca, e foi aquella a primeira. Nunca! E aquella mesma, não era sua, era estranha, e com ella entrava na generalidade da revolução Européa. Era huma porção consumida pelo fluido electrico, que envolvia, e abraçava simultaneamente as outras Nações da Europa. Ao mesmo tempo a Hespanha, ao mesmo tempo Napoles, ao mesmo tempo Sardenha, e assim progressivamente iria consumindo todas as Potencias Européas. Segundo os principios, e disposições da mesma infame Seita, a conflagração revolucionaria deve ser geral, chegando o incendio voracissimo a todos os Povos. E então Portugal nunca teve revoluções? Nunca, torno a dizer, e pouco instruido em nossas Historias andava o Abbade Vertot, quando chamou — Revolução de Portugal á gloriosa Restauração de 1640. Este acto heroico não se deve confundir com o termo — revolução — porque nunca os Portuguezes a tiverão antes deste seculo depravado, onde as mudanças politicas sempre forão justas, e se encaminhárão ao maior bem dos mesmos Portuguezes, porque nellas o Throno, e a legitimidade sempre forão mantidos, e respeitados, a Religião sempre intacta, e os Costumes, os mesmos, isto he, Portuguezes, e as Leis sempre invariaveis, e sempre seguidas. Eu me explico, para que o Desengano seja claro, os males se previnão, e Portugal veja a voragem profundissima em que seus acirrados, e implacaveis inimigos o procurão com tanto affinco precipitar, e de que a Espada de Deos, e a Espada de Gedeão o ha de livrar, como ha tres annos, até agora temos visto. A Espada de Deos, que he a sua Omnipotencia, e a Espada de Gedeão, que he a constancia, o esforço, o valor, e a vigilancia do Nosso Augusto, e Legitimo Soberano.

Nos primeiros tres seculos da Monarquia estavão os Portuguezes sempre costumados a vèr em seus Monarcas o valor Marcial em seu ultimo apuro, pois com a ponta da Espada hião lavrando, e segurando na Cabeça a Corôa por elles legitimamente herdada, e conservada sempre pelo direito de Conquista sobre os Sarracenos, expulsos totalmente das suas Provincias. Governavão seus Reis independentes de estranhas forças, e principalmente da influencia de Aulicos, e Privados, e sem outros instrumentos mais, que a sua Espada, e as suas Leis. Não foi isto o que elles devisavão em Sancho Capello, isto he, Sancho Segundo, a influencia de D. Mecia de Paredes, a privança de Aulicos arrastrados pela intriga, fizerão hum Rei fraco, *que torna fraca a forte gente.* — E como então a honra, e a dignidade formavão o caracter dos Portuguezes sem revolucionariamente abrogarem as Leis, ou proscreverem a legitima Dynastia, pro-

pozerão huma mudança ao irmão do mesmo Rei, o guerreiro, e intrepido Affonso Terceiro, então Conde de Bolonha em França, não com o titulo de Rei, mas de Regedor do Reino, porque era vivo Sancho II, mas sem legitimo Successor ao Throno. Chamárão assim na mesma linha da Successão, o segundogénito: nada mais se fez: Portugal ficou Reino, mas com as mesmas Leis, os mesmos usos. Isto não he revolucionar. Nenhuma mudança nas Leis Fundamentaes, nenhuma usurpação, nenhum transtorno em a Moral, nenhuma revolução.

Depois da morte de D. Fernando, sem successão varonil, e sua unica filha, feita estrangeira pelo consorcio com hum Principe estrangeiro, com os fios da espada em huma campal, e decisiva batalha se eleva ao Throno D. João I, repelle a força do intruso, assegura a Corôa em sua frente, e pela decisão da Justiça em legitimas Côrtes, e unanime acclamação dos Povos he constituido Rei de Portugal, e hum dos mais assignalados desta gloriosa Monarquia. Permanecem intactas as Leis Patrias, a Religião em sua integridade, os usos, e os costumes sem alteração. Isto não he revolução popular, ou militar, isto he mudança politica para salvar, como effectivamente salvou a Nação convulsa, e em verdadeiro perigo. Portugal, depois da batalha de Aljubarrota, e depois das Côrtes de Coimbra, foi o mesmo que era antes daquella acção, e daquella reunião, não ficou a Monarquia retalhada, ficou consolidada, e mais firme nas bases da sua politica existencia.

Sahe D. Affonso V deste Reino, não para conquistar mais Praças, e Fortalezas na Africa, como já tinha feito, mas para negociar pessoalmente em França os necessarios soccorros para suas ulteriores emprezas, deixa, ou transmitte o Throno a seu filho, que já com elle se havia immortalisado na memoravel batalha de Tòro. O pai está vivo, o filho governa, e o Reino não tem dous Monarcas; isto não he revolução, não ha nem facções, nem partidos, he Portugal com hum Rei legitimo, e apenas, não esperado, apparece o Africano Affonso, seu filho lhe vai na foz do Téjo depositar nas mãos com respeito filial, submissão, e vassallagem aquelle Sceptro, que elle havia depositado nas suas. Isto não he revolução, isto he o Heroismo Portuguez, porque em Portugal nunca houve revoluções que alluissem os alicerces da Monarquia, senão em 1820, que juntamente com o Throno fizessem vacillar a Religião, e a Moral.

Já fallei na gloriosa Restauração de 1640, a que se não pode chamar nem a sombra da revolução, foi a sahida de hum prolongado captiveiro, foi a recuperação da Monarquia inde-

pendente, e se custou huma guerra de vinte e sete annos, tambem nos produzio a gloria de quarenta batalhas campaes ganhadas, e quarenta Troféos levantados ao nome Portuguez.

Não foi revolução, foi necessaria mudança de Soberano, porque a salvação do Povo he a primeira Lei, a remoção de D. Affonso VI, e o chamamento de D. Pedro II como Regente do Reino, comprovada com os mais rigorosos, e repetidos exames a incapacidade fysica, e moral do removido Monarca. Isto não he criminosa Revolução Politica, foi a execução da Lei, que manda salvar o Povo, isto he, a conservação do Throno legitimo. Este espantoso monstro das Revoluções á moderna, isto he, feitas pelo Filosofismo do Seculo, nunca levantou entre nós a torpissima cabeça. As nossas mudanças nunca demolirão, sempre edificárão, não destruirão, sempre reparárão. Os Portuguezes unicamente conhecêrão, e experimentárão o que era revolução em 1820, então pela primeira vez se rasgou a bôca ardentissima d'este Vesuvio assolador. E conhecem acaso todos os Portuguezes o que seja na sua essencia huma Revolução? Para se dizer que he má, que he péssima, que he a completa ruina da Nação, basta que he obra privativamente Maçonica, onde se descobrem todos os elementos do mal. Eis-aqui o mais prompto, e o mais claro desengano do Povo. Obrão acaso de boa fé os auctores, e arquitectores das Revoluções, quando dizem que só trabalhão n'esta obra para beneficio público? Quando imprudentemente o dizem, tambem atrevidamente declarão, que he só para beneficio proprio, e particular interesse. Os primeiros passos, que dão, fazem logo conhecer esta verdade. Quem erão os mais assignalados Coryfeos da Democratica Revolução de 1820? Ainda prescindindo de serem sectarios contumazes, e impios da Seita Maçonica, basta reflectir hum pouco sobre o seu caracter moral, e para o seu estado no Corpo Social. Em que serião elles capazes de fazer a felicidade pública, que tão desaforadamente promettião? Quem lhe havia dado o poder, ou a investidura de huma similhante missão? De tal maneira se illudem, e fascinão os Povos, que não houve quem lhes perguntasse que meios tinhão elles para se conseguirem os fins tão vantajosos, que propunhão! O maior insulto, ou o unico atroz, mas verdadeiro insulto, que até alli se havia feito á Nação Portugueza, era o Manifesto, com que dérão principio á sua rebellião. Traçárão hum quadro de males fantasticos, de que a Nação era victima, e que annunciavão a dissolação de todas as suas partes, e se declarárão os reparadores d'estes mesmos males, que pezavão sobre o Povo Portuguez. O Throno, o Altar, os Tribunaes, as

Leis do Reino, seus Executores, tudo foi insultado. Meia duzia de Mações salteadores promettião remediar promptamente tantos estragos, e isto a Portuguezes, que os conhecião!! Só o Governo pode applicar os meios ou de absoluta salvação, ou proficua reformação do Reino. Quem authorisou esta vilissima canalha para com o titulo de Salvadores se erigirem em Governo Supremo do mesmo Reino! Descobrirão em sua vasta capacidade, e profundissima intelligencia que a Náo do Estado velejava errada, e estava proxima ao naufragio? Mui bem, se os anima, e os inflamma hum zêlo verdadeiro, e hum heroico patriotismo, apontem respeitosamente os meios mais efficazes para a salvar. Que cegueira! E não vião os Povos que estes pérfidos Demagogos vinhão escoltados de huma formidavel Força armada, e que se mostravão ladrões com violencia os que se assoalhavão salvadores por patriotismo! Mas ah! que as revoluções não se fazem sem Tropa! Essa he a maior de todas as desgraças que tem acontecido, e vão acontecendo! Os que por profissão, e por juramento devião defender os Thronos, e os Povos, são os instrumentos violentos da ruina dos Thronos, e do cativeiro das Nações como entre nós vimos, e em França estamos agora vendo. Se n'estes Corpos de Força armada, em lugar da corrupção tivesse penetrado o desengano, conhecerião desde logo que elles vinhão ser instrumentos materiaes de huma usurpação, e de hum grande latrocinio: se n'aquelles illudidos Corpos existisse huma faisca só d'aquelle fogo d'antiga honra, deverião decidir sobre similhante acção, e dizer: — Ou esta cousa he boa, ou he má; se he boa, bastaria que elles a lembrassem, e propozessem, porque os Povos não rejeitarião o que era essencialmente bom, e para isto não haveria mister Força; e se ella he má, nós não devemos concorrer com a Força para se commetter hum delicto entre os atrozes atrocissimo. — Tarde veio o *Desengano* aos Povos, porém como chegou, será o cúmulo da desgraça não nos aproveitarmos d'elle.

A Europa tem dentro em si huma Conspiração permanente, e tão geralmente espalhada que não existe hum Throno, em torno do qual se não trabalhe surdamente em sua ruina, e se não aproxime o momento da explosão. Esta Conjuração não exclue nem as primarias, nem as secundarias Potencias da mesma Europa. Esta Conjuração tem por devisa — *Não desistir.* — Isto não são méras conjecturas. Todas as medidas, que os Reis, e os Povos tem tomado, ou sejão as do rigor, ou as da infructuosa moderação, tem sido ou affrontadas abertamente, ou illudidas com a malicia; he similhante áquelles rios, que sem dei-

xarem jámais a sua natural carreira, ainda que por alguns espaços a escondão a nossos olhos debaixo da terra, apparecem n'outro ponto, e lá vão entrar com suas aguas no Oceano. Não deixa a Conjuração de caminhar rapidamente ao seu fim, ainda que por alguns espaços se esconda, conserva sempre a mesma força, e a mesma actividade na sua carreira. Sem me valer de exemplos estranhos, basta o quadro presente das nossas desventuras. Desenganem-se os Povos, a Revolução não pára; se parece extincta, enganão-se, está estacionaria, espera o momento, e apenas, segundo as suas vistas, se lhe proporcionão as circumstancias, rebenta com mais furor, para causar maiores estragos: para tão pérfido inimigo não deve haver armisticio; não ha meio algum entre a victoria, e o exterminio. As Nações estão vendo que a conspiração geral se serve da Força, e he de Direito Natural, e da Justiça eterna repellida com outra Força. Que pode a Revolução trazer presentemente á França, que não sejão desgraças? Ou todas as Monarquias hão de ser o que a França está sendo, ou a França ha de acabar de huma vez de inquietar o Mundo. As Nações acabárão com a primeira Revolução, chegando esta a consolidar-se, e com apparencia de Estado Monarquico, sentando no Throno o mais temivel homem do Universo, como dizia o Ministro Inglez *Pitt;* poderão agora consentir que o abafado incendio torne a rebentar com mais violencia, e maior furia? Antes de se findar o anno de 1831 os Tartaros Calmucos, e os Cossacos cruzarão as ruas de París, e todas as Armas da Europa tocadas do Sol reverberarão dentro de todos os limites da França, e tempo talvez virá, em que o viajante attonito diga, olhando para hum montão de ruinas aquillo mesmo, que diz, olhando para os restos dispersos de Babylonia, e de Palmyra: — Aqui existio París, assim o dizem esses montões de pedras. — Sem que eu escreva a Historia do Futuro, estes vaticinios são filhos do Presente. Pouca previsão he precisa para antever esta verdade.

Desenganem-se de huma vez os Povos, nenhum Monarca quer a Revolução; a guerra he declarada unicamente a elles, e o primeiro ataque dos malvados Mações revolucionarios, nós o temos visto, he aos Ministerios; elles com toda a força da sua malicia os procurão sustentar, ou ineptos, ou pervertidos: esta he a primeira móla, que elles fazem trabalhar na maquina infernalissima das Revoluções. Em ambos os suppostos, ou ineptos, ou perversos, são a causa da ruina das Nações: ineptos não illustrão, perversos illudem, ou atraiçoão. O zêlo nos bons deve ser prompto, porque a males imminentes o remedio deve ser

prompto. O documento politico, que mais enchêo as medidas do meu coração, foi o Relatorio, em que os dous Ministros de Carlos X lhe offerecião com valentes côres o quadro da fermentação geral de toda a França, e dos symptomas nada equivocos do proximo rompimento. Appareceo o pretexto frivolo da infracção da Carta, que não era mais que huma medida de precaução contra os abusos funestissimos da liberdade da Prensa sem restricção, rebentou logo o volcão. E porque motivo ha mais tempo se não havia feito esta declaração ao Monarca? Não era d'aquelle instante só o conhecimento d'aquellas surdas maquinaçoes. E que nos dá isto a conhecer? Nenhuma actividade na Policia, e hum criminoso desleixo no mesmo Ministerio. Já não era tempo do remedio, porque a conspiração geral tinha augmentado em força o veneno da corrupção moral. O Throno de França com quatorze Seculos de duração dêo a maior quéda que o entendimento humano podia imaginar, porque ha huma distancia infinita entre os dous pontos, o da elevação, e o do abatimento, entre o Rei de França, e dous sordidos Banqueiros, que logo se disserão Membros do Governo Provisorio, que he sempre a primeira palavra, que se ouve, e o primeiro passo, que se dá em todas as Revoluções. Não me espanta tanto a audacia dos Revolucionarios, quanto me assombra a aquiescencia dos Povos. Que tantos Marechaes, tantos Generaes, tantos homens, cuja grandeza se assegurava com a segurança do Throno, não saibão, ou não queirão oppôr-se ao impeto da torrente, antevendo o pezo dos males, que esta repentina catastrofe consigo acarretava, nem o abalo geral da Europa, e do Mundo, que ella n'aquelle mesmo instante devia produzir, he quanto podemos vêr no meio d'este tumultuoso Oceano das humanas desgraças!!

E será preciso maior desengano para os Portuguezes! Humaraça de viboras entre nós não deixa de conjurar em nossa ruina, e com tanta contumacia como estamos vendo, serpentes animadas em nosso mesmo seio nos procurão dar a morte, e nós continuamos a dar-lhes alentos; mas eu me persuado que chegou o tempo do ultimo desengano. Ao éco espantoso d'este trovão medonho, e que devia encher estes mesmos diabolicos maquinadores, quantos rostos festivaes, e cheios de maligna satisfação apparecêrão logo, e vão continuando a apparecer diante de nós! Não se lembrão estes mentecaptos, nem se desenganão, que pela desesperação, em que tem posto os Povos, e pelo conhecimento, que lhes tem dado da sua mesma perversidade, que accendem, e preparão hum raio, que se lhes ha de desfechar primeiro sobre a sua cabeça, e que nas ruinas da Patria, que meditão, abrem

a sua mesma sepultura? Tem já apurado a paciencia dos Povos, e a paciencia offendida tão atrozmente se ha de transformar em furor! Não se desenganão que este mesmo furor ministra terriveis armas! Será possivel que tenhão ainda a impudencia de nos apregoarem felicidades, tendo elles mesmos por tantas vezes sido a unica origem de tantos pezares? Que resposta poderia ter o seu primeiro grito! A resposta da morte, porque elles mesmos estão dizendo aos Povos que não vivem senão para conspirar. Não esperem, e estejão desenganados que huma vez só triunfa a traição contra a fidelidade, e a impiedade contra a Religião, e o espirito Demagogico contra o amòr ao Throno, e adhesão ao nosso Legitimo Soberano, e o desenfreamento escandaloso, e barbaro contra a authoridade, e santidade das Leis; o cahos revolucionario contra a ordem estabelecida entre a grande Familia Portugueza; e finalmente o Maçonismo contra a santidade do Evangelho.

Chegou o tempo do Desengano dos Povos; e farei, quanto em mim couber, que aproveitem as lições, que os revolucionarios nos tem dado: a nossa mesma experiencia nos servirá de luz, que espanque as sombras, ou trévas, em que nos tem procurado envolver. Os revolucionarios tem feito que os Povos abracem o mal, trabalhando pelo envolver nas apparencias do bem; eu procurarei rasgar de todo este véo, e desfazer este prestigio, com que desde o primeiro passo da rebellião se tem fascinado os mesmos Povos. As Leis sem costumes de nada aproveitão, e não pode deixar de ser errada a Politica, quando se separa da moral; quando esta se corrompe, então se abre a estrada para a revolução, porque esta justifica todas as desordens, e apadrinha todos os crimes, segurando toda a impunidade aos malvados. Considerada a revolução só debaixo d'este aspecto, bastará para que os Povos se horrorisem, e detestem a origem, e o motivo de todos os males. Portuguezes, eu não pretendo convencer-vos com capciosos arguimentos, basta que dirija a vossa reflexão para o espectaculo, que a França vos offerece no momento actual. Acaba de romper a segunda Revolução, ainda não dèo mais que hum passo, a Religião está atacada, e profanada, o Erario delapidado, e já hum punhado de facciosos pede á Nação hum emprestimo (talvez que forçado) de sessenta milhões de Francos: a industria até aqui activissima está já paralysada, o espirito do Wandalismo se propaga, pois até quebrárão, e demolirão nas Fabricas as mais preciosas maquinas; os homens de bem já são perseguidos, e insultados, e para ultima prova da mais declarada, e descarada desmoralisação propoz a Camara que se man-

dasse ao Ministro do Interior que levantasse hum monumento á memoria de quatro malvados, que na Praça de Greve morrêrão enforcados a 21 de Setembro de 1822 por conspiradores. Chamavão-se esses monstros *Borics*, *Raoul*, *Pommier*, e *Goubin*. Esta Indicação foi approvada á unanimidade de votos pela Camara baixa. Tambem por lá ha martyres da Patria! E a Revolução está em principio de seu Despotismo! Que maior desengano esperão os Povos?....

Pedroiços 13 de Setembro de 1830.

José Agostinho de Macedo.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1830.

POR ORDEM SUPERIOR.

O DESENGANO,

PERIODICO POLITICO, E MORAL:

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

N.º 3.

Salus Populi suprema Lex esto.

Pretextos das Revoluções.

Expuz, com a clareza, que me foi possivel, em o Número antecedente, que cousa seja Revolução Politica dos Povos; devo agora mostrar quaes sejão os especiosos pretextos de que os malvados perturbadores do Mundo se tenhão servido, e estejão entre nós servindo para levarem ao fim esta obra funestissima das trevas, que vem produzir nas Sociedades humanas o Imperio do cahos, onde os contrarios elementos entre si furiosamente pelejão. Fazer passar o Povo de hum estado para outro estado diametralmente opposto, isto he, para a obediencia de diversas Leis, diversas instituições, diversos usos, e o que ainda he mais, diversa crença, fazendo-lhe vêr, que muda de condição para melhor, que sahe da escravidão para a Liberdade, da vassallagem para a Soberania, da miseria para a opulencia, da servidão para a independencia, e n'huma palavra só, do servilismo para o Liberalismo; eis-aqui o que apregoão esses furiosos mentecaptos, que se dizem reparadores dos aggravos da humanidade, e defensores dos imprescriptiveis Direitos do homem da Natureza, e do homem da Sociedade. Embora o volver de muitos seculos haja posto o sello da razão, da justiça, e da ventura nas instituições Civis deste ou daquelle Povo, que com ellas viva contente, como vivêrão seus antepassados, elles lhe procurão fazer crêr o contrario, dizendo, que essas instituições, essas Leis primitivas, esses costumes inveterados, tinhão feito dos homens outros tantos escravos, e que a estes he necessaria, e li-

cita a sua emancipação, e que a hum estado de desgraça convêm huma regeneração. Estes assoladores da Terra procurão persuadir os homens da absoluta necessidade que tem de reduzirem a pratica estas insensatas theorias. Sem este fermento não levéda, nem fermenta a massa popular, e sem esta fermentação não ha mudança, e sem esta mudança na essencia da materia, não ha revolução, e para isto he preciso enganar tudo, illudir tudo, e o fanatismo revolucionario fertilissimo em diabolicas invenções, sem se apartar jámais da marcha intentada, e seguida, tem invariavelmente levantado baterias, sobrebaterias de pretextos sempre com as roupas, e atavios da verdade; e com tão infausto; e desgraçado successo, que elles tem preparado, e conduzido todas as revoluções.

Estes pretextos são os que tem enganado os Povos, mas a experiencia poderia ter levado o desengano aos mesmos Povos, desviando-os do abysmo a que a malicia revolucionaria os tem conduzido; não tem sido assim, e a presente revolução Franceza he huma prova desta desgraçadissima verdade. A França foi a primeira victima da sua mesma revolução. Ficou coberta de estragos, e de ruinas, porque a revolução tem as propriedades do raio, traz comsigo o estrondo, e a morte. O Povo enganado, e illudido com as apparencias de Gloria, de Liberdade, e de Grandeza, sentio logo os outros effeitos, e as outras propriedades do mesmo raio = brilha, e mata. = Esta mesma experiencia, valendo em tudo para persuadir, e convencer os homens, nas revoluções nada vale, e nada pode, porque tal he o poder dos illusorios pretextos, que a perversidade tem inventado, sendo os mesmos, e invariaveis em toda a parte, em todos os Reinos, em todas as Nações a que o contagio mortifero das revoluções tem chegado, que sempre tem produzido os mesmos effeitos. Os nefandos revolucionarios nada mais sabem nem dizer, nem fazer, gyrão neste circulo, agitão-se, e correm sem sahir desta órbita, o mesmo sempre, o mesmo em toda a parte; mas com isto tudo conseguem. O Desengano mostrará a falsidade, e a illusão destes pretextos, que tanto entre nós se procurão fazer valer, e tanto conseguírão na perfida, e traidora revolução Democratica de 1820. Todas as cautélas se põem em obra quando se trata de vedar a propagação de hum contagio, se huma Nação vizinha se declara accomettida deste terrivel flagello na ordem fysica; e na ordem moral, e politica porque não haverá as mesmas prevenções, e cautélas, se o contagio revolucionario ameaça? E eu não me atrevo a decidir qual dos dous contagios seja o mais terrivel!! A virtuosa, e heroica Nação Portugueza merece que se lhe acuda, já que muitos de seus ingratos filhos por todos os lados a accomettem. O Povo a si mesmo se pode perder, e se pode salvar: o Povo he essencialmente a força, qualquer que seja a fórma de Governo porque se dirija; elle não he a Soberania, porque então sería hum monstro, então sería huma Quimera; o Povo he a força passiva: este Povo Portuguez, bem illustrado sobre os seus verdadeiros interesses, he incorruptivel. Este Povo, creado, constituído, e conservado ha setecentos annos com hum Governo Monar-

quico hereditario, e absoluto, está com elle de tal maneira identificado, que não pode existir, nem ser venturoso sem os seus Monarcas. Isto conhece o mesmo Povo por huma especie de instincto indestructivel: se illudido por alguns instantes fécha os ouvidos aos clamores deste instincto, despérta logo, e em fazendo sua a causa do seu Rei, nenhuma força o contêm, nenhum obstaculo o suspende, tudo vence, e tudo se restaura; por isso todos os tiros dos malvados revolucionarios se dispárão contra o Povo, e não havendo contra elle força, ha contra elle a illusão. Todos os pretextos com que se procura contrastar a sua força, e fascinar o seu entendimento, vem sempre ataviados com as roupas da utilidade pública, do bem commum, de melhoramentos necessarios, de reformas uteis, e de mudanças vantajosas, e sobre tudo de mudanças Ministeriaes. Como a vaidade he indita á humana natureza, fazem-lhe crêr que he Soberano, e em sendo representado, fica irremediavelmente escravo, porque o Povo não faz mais que converter em Déspotas aquelles mesmos que se dizem seus Commissionados.

Como o unico presupposto, ou causa final d'este Escripto he o Desengano do Povo, fazendo-lhe vêr o que seja a verdadeira Politica, e a verdadeira Moral, como Portuguez que sou, serei Portuguez na manifestação dos meus sentimentos. Todas as Revoluções, que temos visto, para se consolidarem lanção mão de hum meio, ou instrumento, que he indefectivel no seu fim, que vem a ser, a convocação, ou o chamamento de hum Congresso, a que logo dão o nome de Nacional. A desgraça de Luiz XVI começou na convocação, e formação da Assembléa dos Notaveis: este foi o primeiro degrão, por onde elle subio ao Cadafalço. Entendão agora os Monarcas, lhes diz Deos na Escriptura, e aqui aprendão os que julgão, e governão a Terra. E para esta convocação, que motivo, que causa efficiente houve? Hum pretexto, que he o primeiro, e o mais efficaz de todos para illudir os Povos, que vem a ser a má administração das Finanças, como he uso dizer-se, porque em Portuguez são as Rendas do Estado, ou Patrimonio dos Reis: d'este pretexto nasce outro, que he igualmente poderoso para com o Povo, que muitas vezes não reflecte, nem discorre, nem examina maduramente como deve, que vem a ser, huma exaggeração, hum encarecimento porfiado da enorme, enormissima, e insolvivel divida pública; poderosa alavanca he esta nas mãos dos Arquimedes revolucionarios, com ella querem mover a vasta maquina da Terra, e com ella sustentão as Revoluções. O Povo n'este caso se serve de hum termo de comparação, e diz: — O Estado he como he em pequeno huma Casa particular, e huma Familia; se as suas rendas são mal administradas, se as suas dividas crescem com tanto excesso, que sempre vão em progressivo augmento, porque a despeza vai muito além da receita, a ruina d'esta Casa, ou d'esta Familia he inevitavel, e por isso exige hum efficaz, e prontissimo remedio; pois tire-se o governo ao Cabeça d'este Casal, e entregue-se a mãos mais prudentes, e economicas, pois quatro olhos vêem mais que dous. — A consequencia, ou inferen-

cia he justa, mas os principios são falsos, ou arbitrariamente exaggerados. Eu quero fazer mais, concedo huma, e muitas vezes que os principios são certos, concedo que o mal seja verdadeiro, mas nego que o remedio heroico seja aquelle. Sofismas não são argumentos, podem valer alguma cousa em quanto se não rasga o véo da illusão.

Este foi o pretexto da Convocação dos Notaveis em França, que bem depressa se convertêo na Convocação dos Estados Geraes, e logo em Assembléa Constituinte, em Assembléa Legislativa, d'aqui ao Consulado, ao Directorio, ao Conselho de Quinhentos fôrão passos contados, e rápidos, até que os Francezes, sempre inconsequentes, sempre volueis, e sempre filhos da mediocridade, fôrão cahir nas mãos da ferrea tyrannia de Napoleão, que os governou com huma vara de ferro, e de ferro em braza.

E que pode n'este caso dizer o *Desengano* aos Portuguezes? Que conheção a maliciosa força dos pretextos revolucionarios, e que sustentando o Governo Monarquico á custa do sangue, e da vida, pois com elle começárão a ser Nação, e fôrão grande Nação, e conservando intactos seus originaes costumes, e seus habitos Nacionaes, olhem com horror, e pertinaz aversão para Congressos, para Camaras, para Cartas, e para innovações, que os levárão ao ultimo exterminio, cobertos de opprobrios, e carregados de grilhões, e de cadêas. Então.... me dirão agora muitos Hypocritas, que eu conheço, e que no fundo de seu coração nem amão o Rei, nem se interessão pela gloria, e magestade dos Portuguezes, pois nós não havemos ter as nossas Côrtes? Se as Côrtes são Portuguezas, eu as quero, e eu as defendo; se estas Côrtes são as suas, eu não desejo a ruina da Patria, nem poderei supportar que ElRei viva sem reinar, e morra sem gloria.

Comtudo, o que he bom, e optimo, degenera, e se corrompe nas mãos dos impios revolucionarios, que tanto a peito tem tomado a desgraça do Reino, e que de tantos meios se tem servido, e servem para conseguir este damnado fim, consultando os principios de huma verdadeira Politica, acho muito acertado que não haja a Convocação dos nossos Tres Estados senão no caso extraordinario, e importantissimo objecto da Successão ao Throno, como agora acontecêo, e mais nada. Pois mais nada? Não, Senhores. Para mais não tem o Reino necessidade. Depois do caso da Restauração de 1640 até ao caso unico de 1828 não teve o Reino necessidade da Convocação dos Estados. Posso enganar-me, porem parece-me que para se chamar á Regencia do Reino o Senhor D. Pedro II, conhecida, e comprovada de facto a inhabilidade fysica, e moral do Senhor D. Affonso VI, para se reconhecer do Direito resultante do facto, não sería absolutamente necessaria a rigorosa Convocação dos Estados do Reino. Esta foi a nossa mui acertada Politica desde 1697, pois nunca mais se chamárão a Côrtes estes mesmos Estados. Algumas dúvidas se poderião excitar, ou mover depois da morte do Senhor Rei D. José na applicação da Lei originaria de Lamego, pois já existia a geração varonil, que a mesma Lei chama ao Throno; mas para

as resolver não se julgou necessaria a Convocação dos Estados do Reino. Nenhuma outra occurrencia pode obrigar a isto; e quando apparece, esta Convocação pertence unica, e privativamente a ElRei.

A maior injuria, que se tem feito ás Côrtes Portuguezas, foi dar este sagrado, e augusto nome a huma caterva de Republicanos que se juntárão em 1820, convocada pela mesma rebellião que a compunha, para levar ao precipicio esta portentosa Nação Portugueza, tão digna do nome que sempre teve, e da gloria, que soube adquirir pelos feitos mais heroicos. E tiverão a impudencia aquelles Demagogos de dizerem, escreverem, e imprimirem — Tenhamos as nossas Côrtes! — Assim o vemos naquelle insolente Manifesto com que se atrevêrão a querer justificar a rebellião de 24 de Agosto, e a legalisar os pretextos de que se servirão para arrastrar ao abysmo da desgraça toda a Nação, pois só esta Cohorte revolucionaria foi causa da perda das Colonias mais vastas, e florecentes, e que talvez que dentro do espaço de hum anno sejão o theatro, e as victimas de huma geral anarquia, ou se convertão em pequenas, e tumultuosas Republicas federativas para terem o mesmo fim que tiverão as da Grecia, e depois de retalhado o Imperio Romano tiverão as da Italia. Para estes vaticinios não he necessaria a luz profetica, e sobrenatural, basta a simples consideração da discordancia dos elementos de que se compõem aquelles heterogeneos corpos. Vejão em que se convertêrão aquellas promettidas Côrtes, e o amigavel modo com que os bastantes, e sobejantes Procuradores tratárão os seus enganados, e escarnecidos Constituintes! A reforma geral foi huma rapina pública; e a felicidade annunciada veio a parar em huma miseria extrema. A liberdade do Cidadão foi pontualmente a vergonhosa servidão do escravo. O Systema Liberal não foi mais, nem menos que o Despotismo Oriental. Os nossos Procuradores forão os nossos Tyrannos, e tivemos o vilipendio de ver sentados nos Sofás regeneradores muitos que deviamos ver arrastrando as correntes da calceta. Desenganem-se os Povos, e estejão seguros, que sejão quaes forem os nomes que estes infames Flibusteiros, ou descarados Mações, venhão dando aos seus ajuntamentos, chamem-lhes Congressos Nacionaes, Côrtes Soberanas, Côrtes Constituintes, venhão alcunhas de Camaras dos Pares, Camaras dos Deputados, ou Communs, em que vem toda esta nomenclatura a parar? No que vimos entre nós; em huma quasi geral corrupção de costumes, e em hum impio desprezo do Culto; e depois destes dous golpes tão funestos, tão lastimosos, vem a miseria pública, e a obstrucção de todos aquelles canaes por onde entrava a pública opulencia neste Reino; e para cumulo de infelicidade entre a penuria, e indigencia do Povo se levanta huma nuvem de durissimos Egoistas, ou Tigres nunca fartos de sangue, chamados Usurarios, que sorvem os ultimos resquicios da substancia popular, para os quaes os clamores da fome, e os ais da indigencia são musicas deliciosas. Isto he huma natural consequencia da revolução politica. Desvanece-se esta, ou para me explicar com mais propriedade, pára esta revolução, (eis-aqui huma observação que eu tenho feito, e me

parece que não he vã, nem precipitada), então se procura augmentar ainda mais, e exagerar a miseria pública, e a falta de meios necessarios no Estado, para multiplicar, e fazer soar mais alto as queixas, e as demoras, para que, convertidos em desesperação, chegue ao ponto tão desejado da revolta. A Seita desorganisadora tem Emissarios para tudo, tem Agentes na sua causa, e operarios na sua fazenda. Fallemos claro, pois onde ha ambiguidade, não ha desengano. O Club, ou em Portuguez, o Conluio Director, ou Centro Maçonico permanente na Capital, que de dia passeando, e de noite abrindo mezas de jogo, sem já haver socs, nem columnas, nem aventaes, nem mitras, mas bugias accèzas, e baralhos ociosos, trabalha incessantemente, e deste centro vão as linhas, ou os raios tocar todos os pontos da periferia do circulo do Reino. Estas linhas são os Emissarios, e por toda esta tèa levão o veneno do Insecto, que está emboscado no centro. A' mais ignorada Aldèa chegão; e quanto mais incautos encontrão os Povos, mais estragos fazem; alli se exagerão, e augmentão os males que se fazem, ou se fingem com arte mestra desgraças que nunca existírão; alli se semeia com mão larga o descontentamento, e para que! Para tornar odioso o Governo, fim principal das primeiras maquinações, porque, reconhecendo odioso hum Governo, he facil excitar o desejo de mudar para outro. Sem robuço se diz que a Monarquia he Despotismo, e a Religião Fanatismo; alli se faz crer aos Povos, que he verdade haver Tribunaes, mas que tambem he verdade não haver Justiça; que o Estado tem rendas para pagar, e não haver queixosos, mas que são não sómente mal administradas, mas dilapidadas. Os Emissarios, ou Missionarios não descanção, os pretextos adquirem forças, o número dos descontentes prodigiosamente se multiplica.

Mil vezes tenho escutado queixas de Povos inteiros contra os Magistrados que os governão, não só por lhes não administrarem Justiça, e obrarem contra o expresso nas Leis, mas por lhes fazerem arbitrarias vexações, e infligirem penas rigorosas, e que nenhuma proporção conservão com os delictos. Desenganem-se os Povos, são Emissarios; e este procedimento de muitos Magistrados não procede tanto da sua indole perversa, mas da força do mandamento, porque são obrigados a propagar o descontentamento dos Povos, e a fazer que a revolução nunca páre em sua funesta marcha. Apurar o soffrimento, e fazer rebentar a desesperação dos Povos, he hum dos mais estimados triunfos do Maçonismo, porque da desesperação á revolta não ha mais que hum passo a dar; e a revolta, atiçada por todos os modos, he o elemento em que vivem tantos perversos; mas os Povos desenganados, e huma Policia activa podem formar huma barreira intransgredivel ás tentativas da revolução.

O Relatorio dos Ministros de Carlos X Rei de França veio tarde, e muito tarde, porque havia muito tempo, que os symptomas da revolução erão visiveis, e palpaveis, e de huma data muito remota, e atrazada. O remedio que o Relatorio exigia, já não vinha a tempo, a gangrena tinha subido, e absorvido a vitalidade, e dos

extremidades tinha progredido até ao centro. Fallemos sem figuras, e escute-se unicamente a voz do Desengano. Todos os Ministerios formados, dirigidos, e presididos por Villele, forão compostos de homens, que não erão Realistas no coração: devião ser conhecidos, porque a hypocrisia he transparente. Estes homens não devião ser empregados! Oh! O Governo he composto de duas Camaras, e a Camara dos Pares he hum baluarte inconquistavel, e nunca podeiá ser levado pela força dos Democratas da Camara baixa. Os sobretudos dos Pares são forrados de péles: mas desenganem-se os Povos, se as péles parecem de Ovelhas na superficie, interiormente são de Lobos voracissimos, e ferozes, são na maior parte filhos daquelles homens que fizerão a primeira revolução, que a revolução fez, e dos que preparárão a segunda revolução.

Eu acautélo os Povos, e não argúo os Soberanos, mas estes Soberanos são homens, e a Natureza não os izenta de erros, ainda que a virtude os preserve de crimes. Luiz XVIII foi sentando no Throno de seus maiores pelas forças reunidas das maiores Potencias da Europa. Deos, e a Espada dos Monarcas o restabelecco no Throno da Legitimidade; estas mesmas Potencias formidaveis erão as garantias da sua conservação; e a medida mais prudente da verdadeira Politica, foi a residencia dos exercitos estrangeiros, ou das forças alliadas dos Soberanos Europeos desde o Néva até o Danubio, e o Rheno. De que mais podia necessitar Luiz XVIII para consolidar o seu Imperio? Acabou-se a Usurpação, e entrou a Legitimidade; a força a tinha supplentado, a força a restabeleceo, e a conservava. Os Francezes, como se vio no Imperio dos cem dias, não querião Luiz XVIII, não querião os Bourbons no Throno de França, e entrando com as armas na mão, quiz entrar como capitulando, e pactoando com seus mesmos inimigos, vindo com a Carta na mão offerecendo, sem ser exigida, como condição esta mesma Carta. Pois o que lhe competia por herança, deve acaso ser alcançado pela Carta? Desgraçado prestigio, ou desgraçado pretexto he este da Carta! Este invento revolucionario das Cartas, desenganem-se os Povos, he conservar em vida as revoluções. Desenganem-se os Monarcas, se elles querem a conservação do Throno, não queirão Carta, e se querem Carta, não terão segura nem a magestade, nem a existencia do Throno. Carta, nem serve ao Rei, nem serve aos Povos; nem serve ao Rei, porque he fazer de hum Soberano hum Fantasma de poder, coarctando-lhe, ou extinguindo-lhe todos; não serve aos Povos, porque em lugar de extinguir a Tyrannia (como promettem os Revolucionarios) multiplica os Tyrannos. Carta he hum laço da mais refinada perfidia, nelle se colhem os Soberanos, e se colhem as Nações. Camaras, são os theatros da discordia, e os mananciaes da insolencia. Sobre isto eu não posso dar aos Portuguezes hum desengano tão claro, como lhe derão seus mesmos olhos, e a sua experiencia, na primeira Camara, verdadeira Olha podrida, ou misturada ridicula, e chamava-se Camara Soberana, e Constituinte, Corpo Legislativo, e o que tantos Demagogos se quizerão chamar. Dis-

entre os Governantes, e os governados. Se além da firmeza destes alicerces, e destas bases, este mesmo edificio estivesse magistralmente distribuido, e repartido em suas diversas ordens, e jerarquias, de maneira que, se destas partes entre si diversas, pela sua prudente combinação, e união resultasse hum todo perfeitissimo que promettesse huma estabilidade inalteravel, e da qual se derivasse huma permanente ventura; se neste estado, para proseguir com este argumento analogico, nos apparecesse hum, ou mais homens, que nos dissessem, e com grande apparato de razões, e palavras entre si ajustadas, e d'ante mão convencionadas, nos quizessem porsuadir que este edificio moral, e politico estava arruinado até aos fundamentos, derrocadas, e alluidas as suas paredes, e que por seus continuados abalos tinha perdido o aprumo, e o equilibrio, e que era preciso abatello de todo para de novo o levantar; o mesmo que tinhamos dito aos do edificio material, deviamos responder aos do edificio moral, e politico, ou da Sociedade Civil, que mentem, que ajuntão ao espirito da impostura o espirito de latrocinio, porque nenhum dos motivos, que apontavão para a reforma do edificio, existia.

A historia das revoluções modernas, e o conhecimento dos seus pertinacissimos agentes, nos convencem de huma verdade tal, que por si mesma he demonstrada; mas huma das mais lastimosas fatalidades do presente seculo, sobre o seu vicio radical, que he a fatuidade, he huma voluntaria cegueira sobre os objectos do maior interesse para as humanas sociedades. Os homens não querem entender quando se trata de bem obrar. Eu não sei se he illusão, se he estupidez, serão ambas estas cousas juntas, quanto eu mesmo tenho observado, ou descripto na Historia das Nações estranhas, ou testemunhado por meus mesmos olhos dentro dos limites deste Reino. Mostra-se que huma revolução he hum mal, ou talvez que o maior, e mais pezado de todos os males, mostra-se que os seus arquitectores são huns mentirosos, são huns impostores, são huns malvados inimigos da ordem pública; no que fazem, no que dizem, no que promettem, vêm a illusão, vêm a estupidez; são aereditados, são seguidos; embora grite, e vocifére a experiencia; á illusão, e estupidez, segue-se a contumacia. Ameace-os embora hum inevitavel supplicio, rigorosos, e afflictivos ferros, a fome, a infamia, o desterro, a calamidade, todos os males juntos, não desistem, proseguem, vão adiante, abração-se com sua mesma desgraça; e a constancia, que devião mostrar no caminho da virtude, he a que mostrão, e de que se ufanão no caminho do vicio, e do crime. Perde hum Rei-

no pela revolução tudo aquillo que fazia a sua segurança, opulencia, conservação, soberania, Leis, e Liberdade: não importa, são estes os naturaes, e immediatos effeitos da revolução, queremos ser pobres, miseraveis, escravos, dependentes, odiados, aborrecidos, castigados, mas queremos revolução.

Eu não penetro as sombras dos Gabinetes, nem posso, ou não se permitte que se decifrem os seus mysterios, ou se propálem profundissimos segredos, porque hum Ministro, sendo hum homem, huma vez que ou o merito, ou a intriga, ou a ambição o metta dentro de hum Gabinete, porque a Seita o leva, ou o conserva, como vemos nesses Reinos, que ao menor toque se abalão, já se julga transformado em huma Divindade, cujas tão sollicitadas respostas são oraculos ambiguos como erão os das Sibyllas, e os de Apollo em Delfos; mas se assim mesmo no meio da França se levantasse hum grito que dissesse: — Todas as Nações, as mais fortes, e mais aguerridas da Europa se armão, e marchão, já passão o Rheno, e o Escalda, já galgão os Pyrenéos, já transpõem os Alpes; e, acastellando-se na França, vem pulverisar a nascente Democracia, e á força das armas, e do imperio da morte, vem fazer vêr ao Mundo, que não he da attribuição de hum Povo instigado pelas suggestões do Maçonismo, e a quem, para o revolucionar, fazem crer que nelle existe a Soberania, mudar de Monarca, fazer abdicar o Monarca, excluir, e chamar a seu sabôr esta, ou aquella Dynastia, dar-se a si mesmo nova Constituição, e novas Leis. Estas Nações vingaráõ de huma vez para sempre as injurias feitas á Religião, e aos Thronos, enfrearáõ, ou extinguiráõ os meios de resistencia de que as revoluções te tem servido, e finalmente farão conhecer á mesma França illudida, que seus verdadeiros Tyrannos são aquelles mesmos que se dizem seus salvadores, ou regeneradores, e que as Constituições com que lhe dizem que vem affiançar a sua liberdade, e manter aquelles imprescriptiveis direitos, que o homem em nascendo recebe das mãos da Natureza, são outros tantos grilhões que lhes preparão como escravos. Viráõ, ou devem vir estas Nações, por mais corrompidos que se considerem os Gabinetes, (porque a voz do interesse commum soará mais alto), destruir, e assolar tudo, porque o Maçonismo só póde, e só deve ser esmagado debaixo daquellas ruinas, que elle mesmo não cessa de promover no Mundo, e depois destes desenganos, o filtro da allucinação ainda será tão poderoso, que não vendo mais que sangue, e cinzas, os Francezes ainda queirão, e ainda maquinem mais revoluções. A' vista

disto, que ou á minha razão, ou á minha fantasia se afigura, que posso eu, com o mais desinteressado zelo, dizer aos Portuguezes?

Eu não quero nem armas estranhas, nem forças alhêas para lhes marcar a estrada da verdadeira Politica, e da verdadeira Moral: para desengano basta a experiencia; esta não cessa de clamar que os que se assoalhárão por verdadeiros regeneradores, e melhoradores dos Povos são huns impudentes mentirosos, e criminosissimos impostores. Os exemplos não são estranhos, são domesticos, são proximos, são vivos; e se com elles não vierem os desenganos, então he insanavel a sua contumacia, ou a sua demencia. A Seita conspiradora contra os Altares, e Thronos, quero dizer, contra Deos, e contra os Reis, tinha, e tem huma grande Colonia em Portugal; e qual he o Estado, a Condição, e a Jerarquia, em que se não encontrem ainda distinctos Vassallos d'esta infernal Monarquia? Invadio o Sacerdocio, e n'elle, e por todas as suas Classes, fez altissimas conquistas: invadio a Toga (a Forca não mente), e os Guardas, e executores das Leis fôrão os seus mais escandalosos infractores: invadio a Milicia, este he o maior escandalo da razão, e da justiça; atacárão com as espadas os objectos, que devião defender com as vidas; e os campos de Portugal se transformárão mais de huma vez em novas Farsalias, e em novo Filippo, e não o Sogro, e o Genro, Pompeo, e Cesar, mas parentes mais chegados, e mais conjunctos tingírão profanas armas no proprio sangue; invadio por todas as Classes Cidadãos, que se representavão mais conspicuos por seus empregos, e dignidades; muitos contém em si os Presidios, e Fortalezas, e todos devia conter em si o exterminio: invadio o que parecia menos accessivel a estas filosoficas theorias dos melhoramentos das Nações, quero dizer, aquella parte do Povo, que se compõe de vendilhões, e de operarios, que, como a Plebe Romana n'outro tempo não pedia mais que pão, e os espectaculos Circenses, não pede senão pão, sem lhe importar Theatros; (e tem muito juizo em não querer Theatros, porque por instincto conhece o que elles sejão); esta mesma porção de Povo foi invadida, e furiosamente, porque nas revoluções quem mais grita, mais serve a Causa, e mais adherencia mostra ao chamado Celesteal Systema. Ainda aqui não pára esta pertinacissima invasão; entra por aquelles domicilios, onde a revolução tem feito, e procura fazer maiores estragos, quero dizer, pelos Claustros até os mais austeros, e penitentes, onde não posso deixar de pasmar á vista de huma contradicção revolucionaria; querem

que a Religião, que procurão destruir, sirva de instrumento para conseguirem a acquiescencia dos Povos aos principios anti-religiosos, que elles propagão, e estabelecem. N'estes asylos penetra o espirito da revolução, porque ella faz ouvir a voz da liberdade, sem se lembrarem que essa suavissima prizão, que tanto detestão, se converterá dentro em pouco em huma insupportavel escravidão.

Assim propagada, e assim dilatada esta mania das revoluções, que muito que o entendimento se cegue, quando a vontade não só está disposta, mas pervertida! Por isto, ouvido o grito da revolução, no mesmo instante, como o fluido electrico, se dilata, e se propaga, e simultaneamente se escutão vozes, que a approvem, braços, que a sirvão, e espadas, que a defendão, e até authoridades, que a consolidem. E como chegará o desengano onde se encontra huma quasi universal pertinacia? Se derem por hum momento lugar á reflexão, chegará este desengano, e poderão sahir os Portuguezes da impostura, e da alcivosia. Hum grande homem compoz n'este Reino huma Arte de Furtar, qualquer revolucionario pode compôr huma Arte de mentir. E que confiança podem ter os Povos em quem por profissão, por instituto, e por officio os engana, os illude, e com tanta impudencia lhes mente? O que he huma revolução são todas, porque todos tem hum typo invariavel. O que fizerão, o que disserão, o que mentirão, e enganárão em França em 1789, não he differente, mas he o mesmo que fizerão na Hespanha em 1812, em 1820, e no mesmo infausto anno em Portugal, e tornárão agora a fazer em França em 1830. Se os Povos vissem que as Missões revolucionarias se confirmavão com milagres, ainda que illusorios, desculpa tinhão os Povos irreflexivos; mas annunciando-se com mentiras, e estragos... ou demencia, ou Maçonismo!!

Além d'esta corrupção quasi geral, que tem obrigado os homens a amar mais as trévas que a luz, cedendo á força das illusões, e das mentiras, vejo entre os Portuguezes hum certo abatimento moral, de que resulta hum absoluto indifferentismo para tudo; até (tanto pode o Seculo!) a honra Nacional he para elles hum objecto indifferente. Este nobilissimo estimulo, que obrigava nossos antepassados a obrarem aquellas façanhas, e ultimarem aquelles feitos, que, já não vistos, mas lidos, ainda espantão o Mundo, e que excedem tudo quanto de si mesmos disserão, e assoalhárão os Gregos, e os Romanos; este abatimento escuro, e triste torna os Portuguezes, como acabo de dizer, indifferentes, e apathicos; e eis-aqui tambem perdida a energia moral, que he a maior de todas as perdas,

e a mais desastrada; he por ventura do verdadeiro caracter Portuguez soffrer que quatro impostores nos digão que nos annuncião verdades? Huns estouvados Republicanos, que não sabem o que isto seja senão por ouvirem esta palavra, nos venhão inculcar Governos representativos? Huns Hypocritas de patriotismo nos venhão exaggerar os males da Nação, de que elles mesmos são as causas proximas, e os motivos efficientes? Oh desventura! Pois porque o Leão está enfermo, será licito ao inerte Jumento não só escarnecêllo, mas escouceallo? E já se provou que a enfermidade he insanavel, ou que a doença he de morte? Isto ainda lhes parece pouco, porque muito contão com o abatimento, e fria indolencia, em que o Maçonismo (de todo o mal esta he a causa) tem sepultado os Povos. Depois que a revolução enthronisa os malvados, não contentes com tantas miserias, (nós o experimentámos) não só insultão, mas até espancão os homens de bem, sem lhes valer nem honra, nem virtude, nem dignidade, nem jerarquia, nem sangue, até chega a sua insolente audacia, como em França vêmos, a seus Monarcas, e a seus Ministros. Ah! Lembrem-se estes impostores, e enganadores dos Povos que o adormecido espirito Portuguez pode sahir do lethargo, e sahirá; se intentão tocar com mãos profanas, e impias o Ungido do Senhor, nadaráõ seus cadaveres em lagos de seu impuro sangue; acabaremos nós, mas esta progenie de viboras ha de primeiro acabar. *Posuimus mendacium spem nostram, et mendacio protecti sumus* (lhes diz Deos por hum Profeta). Isto quer dizer = *Não temos outra esperança, nem outra protecção mais que a mentira.* = Os Povos bem conhecem, e o Povo Portuguez mais que todos, que os revolucionarios sempre mentem.

Mas poderáõ dizer muitos que as minhas asserções são vagas, e os meus ditos são livres. Os que isto disserem, são revolucionarios, enganadores da Nação, e tambem mentem. Eu tambem lhes digo, que em materias tão graves, e das quaes depende a salvação do Povo, são necessarias provas. Ellas existem entre nós, humas em nossa mesma experiencia, outras nos proprios escriptos dos sublevadores. O papel mais impio, mais attentatorio, mais atroz, que impresso tem apparecido n'este Reino, cujas mentiras podérão fascinar os Povos, foi a Proclamação, Manifesto, Declaração, ou o que lhe queirão chamar, com que a Junta Provisoria, formada, nomeada, installada por si mesma, veio espantar a Nação, e até o Mundo, na Cidade do Porto, a 24 de Agosto de 1820. A sua simples leitura devia desde aquelle instante desenganar

o Reino, e naquelle mesmo instante obrigar a fazer em pedaços, e pedaços bem miudos, os onze malvados, que no mesmo infamissimo papel se assignárão. Trasladar todo este monstruoso aggregado de insanias, e mentiras seria para mim o calix mais amargo, e por isso pouco basta para se conhecer o todo. No 8.° § = *Nunca a Religião, o Throno, e Patria recebêrão serviços tão importantes, nunca adquirirão, nem maior lustre, nem mais sólida grandeza, e todos estes bens dimanavão perennemente da Constituição do Estado, por que ella sustentava em perfeito equilibrio, e na mais concertada harmonia os Direitos da Soberania dos Vassallos, fazendo da Nação, e do seu Chefe huma só familia, em que todos trabalhavão para a felicidade geral. Tenhamos pois esta Constituição, e tornaremos a ser venturosos.* =

Quadro he este por certo admiravel! Todos estes bens são muito naturaes effeitos da Constituição Politica do Estado, e para, ou reproduzir, ou sustentar estes bens, esta sólida gloria, esta inalteravel ventura — *Tenhamos pois esta Constituição.* — Nada mais justo, porque se o desejo da ventura he tão natural ao homem em todas as suas condições, e estados, ninguem será tão inimigo desta ventura ou geral, ou individual, que despreze acintemente os meios de a conseguir, e meios faceis, promptos, exequiveis, e tão simplices em si, e tão proximos a nós, como a Constituição do Estado, e o mesmo que ella fez entre os nossos antigos Avoengos, pode agora fazer entre os Netos, porque a mesma causa produz os mesmos effeitos. E que Constituição he esta? Não póde ser outra senão aquella porque começou, e se fez independente a Monarquia; he aquelle Código primordial, no qual está sabiamente regulada a ordem da successão ao Throno com huma modificação á Lei Sálica, que exclúe as Femeas, e entre nós as chama faltando a linha masculina com a condição de casar com hum Varão natural deste Reino, para que o Sceptro não passe a mãos estranhas; assim como estão as matrizes de todas as Leis da Nobreza, de todas as Leis criminaes, e de todas as Leis Civis. Esta Constituição foi feita na reunião dos Tres Estados convocados pelo Rei, e pelo mesmo Rei presididos, porque no estado, ou Governo Monarquico, a suprema, e independente authoridade existe exclusivamente no Rei. Elle convoca, se lhe apraz, estas Assembléas, e se lhe apraz as dissolve. Ampliou-se esta Constituição primitiva na progressiva existencia da Monarquia, e servio de base ao Código Affonsino, ao Manoelino, ao Filippino, e finalmente a essas luminosas Ordenações do Reino, onde nada falta senão

huma reforma feita pela Humanidade em o Livro 5.° Eis-aqui a que se chama Constituição do Estado, vertente exuberantissima de tantas venturas, tanta gloria, tanta grandeza, e tanta representação. *Tenhâmos pois esta Constituição*, nos diz a Junta Provisional do Governo Supremo. Parece que se faz crédora da nossa estima, e veneração, pois com zelo patriotico nos exhorta á observancia das nossas primitivas Leis, e daquella Constituição que he o sólido, e seguro fundamento da nossa gloria, porque a considerarmos a collocação dos termos, a sua enfase, e natural sentido, a palavra — *Esta Constituição* — não designa, nem póde designar outra que não seja o Codigo de Lamego. Considerão-se os Portuguezes no ultimo fastigio de grandeza desde a victoria de Aljubarrota, e inopinado assalto, e escalada de Ceuta, até que na mesma Africa, e não mui longe daquella Praça, se eclipsou este Astro radiante com a derrota, e com a morte do magnanimo, mas mallogrado Rei D. Sebastião, porque até na Regencia de sua Avó a Rainha D. Catharina se sustentárão os dous memoraveis cercos de Mazagão.

Sendo este o natural sentido das palavras, nenhuma dúvida póde haver em acreditarmos, que estes homens inspirados, e zelosissimos do nosso bem, emprehendem tantos trabalhos, fazendo a marchas forçadas huma jornada de tantas legoas do Porto até á Capital só por acudirem ás nossas desgraças, fazendo que se observem aquellas Leis antigas que nos fizerão tão grandes, e tão afamados no Mundo, e na memoria, e no conceito dos homens, que não são Pedreiros. Pois vejão agora estes homens, que não são Pedreiros, que tal seja a raça dos impostores, que nos apregôão melhoramentos nas revoluções! Só a simples ponderação do que até aqui tenho dito, será para o Povo o maior Desengano. Essa Constituição do Estado, origem de tantas venturas, he a que elles trazem n'algibeira traduzida de seus dous Originaes, Francez, e Castelhano, cujas bases, como se ella ainda se houvesse de fazer, nos fizerão logo jurar. Eis-aqui a promessa, e eis-aqui o seu cumprimento. Combine-se agora a Constituição de que elles fallárão, com a Constituição, que elles fizerão. Não he preciso muita penetração, e perspicacia para comparar os resultados de huma, com os resultados da outra; mas qualquer que seja este termo de comparação, com elle ficará patente a descaradissima impostura dos malvados; e o que se póde esperar de huma obra, que tem por principio o crime, por meio a mentira, e por fim a desgraça! Como se póde esperar bem algum do que he raiz e fonte de tantos males? Não he boa a arvore, cujos fructos são venenosos.

Disserão os impostores, que nos vinhão livrar de todos as males, que não existião, e que unicamente sentimos quando elles os fizerão, e causárão. Elles mesmos os apontárão, parece que para sabermos o que deviamos esperar. Eis-aqui hum compendio de todos apontados no 4.° §. *Assim vimos nós desgraçadamente desapparecer o nosso commercio, definhar-se a nossa industria, esmorecer a agricultura, e apodrecer nossa marinha.* Julgo que não devião dizer — Vimos — mas que devião dizer: Veremos. — Foi tudo isto o que pontualmente acontecèo. Se dissessem — Veremos — seria esta palavra a unica verdade que se lhes escutasse, e se lhes pedissemos huma Logica definição do termo — Revolução — não a poderião dar mais exacta, porque era apontar a causa, e juntamente os seus effeitos, proximos, e remotos. Eu ponho no presente, o que elles mostravão pôr no preterito — Vimos — eu digo — Vemos. — Desapparece o commercio. A Constituição o fez desapparecer, porque a separação do Brasil foi obra privativamente Maçonica. Antes desta impolitica separação, desta independencia, antes da fatal abertura de seus Portos aos vazos de todas as Nações Europeas, Lisboa era o Emporio, ao menos o interposto, de todo o commercio Europeo, porque, ou aqui viessem os generos Coloniaes, ou daqui fossem os productos da industria estrangeira, do fundo do Mediterraneo, e dos seios do Baltico, aqui viamos tremolar bandeiras dos vasos que conduzião humas e outras cousas. Vierão os impostores, e á sua vista *desappareceo o Commercio*, que elles dizião que tinha desapparecido antes delles apparecerem. Tinha este grande mal algum paliativo remedio, a Hespanha nos prevenio, e se antecipou com muita politica, e muita prudencia. Abre em Cádis hum Porto Franco; mas o Téjo era mais central, e muito mais cómmodo. Eu não sei como em nosso estado decadente, e até com as esperanças desvanecidas, se controverteo este projecto de que a Hespanha nos dèo hum tão poderoso exemplo. Tão desgraçadamente fizerão *desapparecer o nosso Commercio*, que ainda que daqui veja fundear naquelle rio, pequenas, e ridiculas pelo feitio, embarcações estranhas, muitas em lastro entrão, e em lastro sahem. Que dirão os impostores que restão, dos impostores que tantas mentiras disserão á vista desta lastimosa scena a que elles, e só elles reduzírão aquelle espantoso Commercio que fazia passar pelas mãos dos Portuguezes as riquezas d'ambos os Mundos? Que dirão? O que póde dizer hum Pedreiro a cuja face não assomou ainda a côr da vergonha. Com o ar da estupidez, e o tom da materialidade, dirá: — O Governo

representativo, as duas Camaras, e a Amnistia, promettem hum futuro brilhante!!! — Nisto ficamos, em quanto aquelles malvados morrem por mandar do coração á bôca o grito da revolução, que tem depositado dentro do peito. Vamos contemplando esta escandalosa enfiada de imposturas para que o Povo, que deveras quer o bem, fique de huma vez para sempre, desenganado. — *Definhar-se a nossa industria.* — Estas palavras, pedantescamente escolhidas. — *definhar-se* —, precisavão de outra resposta, que não cabe na gravidade deste escripto, ainda que não fosse muito alheia do fim a que se encaminha. Não falta aos Portuguezes o genio, o talento, a disposição para todas as artes, e muito menos para as artes fabriz, e para todas estas artes, ou de necessidade, ou de luxo, tem dentro em casa isso que dérão em chamar materias primas, metaes (todos os metaes se os quizerem), lãs, madeiras, tudo em que possão exercitar a sua industria, o seu amor ao trabalho, e o seu horror á pobreza; porque o Portuguez não he desleixado, nem he perguiçoso. — Faça-se de hum só jacto na Fundição huma Estatua Equestre de dimensões collossaes. — Poz-se ao lume o bronze, e fez-se a Estatua, se não veio cá a industria estrangeira nem atarracar-lhe o cravo de huma ferradura. Se a desenterrassem em Roma como a de Marco Aurelio, dir-se-hia que era Grega, e que era obra de Fidias, ou Miron, ou de Praxitéles; pois he obra de Portuguezes, cuja industria, dizem os impostores, estava *definhada.* E quem he causa deste definhamento? Os malvados revolucionarios, que pozerão em combustão este Reino, que o dividírão, que o retalhárão, que acendêrão o facho das Furias nas guerras civís, que obrigárão os Povos a emigrar, fugir de suas violencias, crueldades, e latrocinios, que os empobrecêrão com suas delapidações, a ponto de se não poderem lembrar os tristes Portuguezes, mais que do simples, e simplicissimo pão quatidiano, para o qual não tem muitos o numerario, quanto mais para objectos de luxo na perfeição das artes para as quaes os mesmos Portuguezes tem tanto genio, e tanta aptidão. Que ha de fazer o miseravél Fabricante, cujos estabelecimentos se inutilisárão por malicia estranha, e cobardia domestica, reduzindo os productos da sua industria de superfície brilhante, e de amago nullo a tão baixo preço, que depois farão contar, e medir a pezo de ouro, e de brilhantes, de tal maneira, que intentando-se fabricar cousa similhante, não chegue a venda nem para pagar a mão de obra. Estas são as fontes que os perversos abrírão para o annunciado definhamento da industria: he obra sua, e queixão-se de nós. — *Esmore-*

cer a Agricultura. — Em hum paiz tão fertil, e productivo como este Reino, onde basta atirar com a semente á terra para pegar, e vingar; sacudir e varejar as oliveiras, pizar como divertimento as uvas no lagar, sem theorias, sem calculos, sem pelejar com a arte contra a Natureza esteril, forçando-a com trabalho, e suprindo com artificio o que negão as Estações; só nos faltão braços, já que nos sobeja a terra: e quem nos fez pobres destes braços, pois a população do Reino já não he proporcionada á sua extensão? Os impostores da revolução, atrahirão para a Capital os que erão necessarios nas Provincias para passearem no Rocio, entulharem os Cafés, os que podião abrir, e rotear os baldios, vindo os que podião cavar de dia, roubar aqui de noite; reduzindo o Reino a huma Hydropesia de cabeça, pois só a Capital regorgita em gente. Obrigando-nos a ter sobre armas os Soldados, que no seio da paz, licenceados, podião tornar ferteis aquelles campos que por falta da cultivação estão transformados em charnecas intransitaveis: iscando tudo com a mania politico-revolucionaria, fazendo que os grandes proprietarios, que devião ser obrigados a residir em suas terras por algum espaço do anno, desprezem tudo, para empunharem na Loja huma trôlha naquellas mãos, que podião com fructo puchar hum alvião. Quem induzio tantos milhares de individuos de todas as classes a se rebellarem, e fugirem deste Reino onde a necessidade de conservarem o seu estado, e a decencia da sua condição, os obrigaria a ser cultivadores? Os impostores.

Vamos finalmente considerar a ultima parte deste arresoado, ou de inepcias, ou de atrocidades. — *Apodrecer a nossa Marinha.* — Fizerão-nos perder as mais opulentas Conquistas, arruinárão de todo o nosso Commercio, interrompêrão as nossas relações exteriores, e cooperárão para que em hum Imperio, para nós agora tão estranho, ficassem os melhores vazos de guerra, pela fórma, e pela materia, que sahem de todos os estaleiros das Nações civilisadas; assim mesmo não acharão os impostores a Marinha podre, forão elles os que a pozerão nesse estado; e as lamas da Boavista nos estão dizendo, e com mais altos brados todos os dias: — Eis-aqui a revolução, — apontando-nos para as despedaçadas carcaças que antes da revolução erão navios de mui alto bordo, que muitas vezes vírão o Cabo Austral d'Africa, e nos trazião da America a opulencia da Europa.

Que mais he preciso para desenganar os Póvos? Se a razão humana com razões se convence, e com factos se persuade; as razões que allego não se destroem, e os factos que

aponto, não podem negar-se. Possão os Portuguezes, dignos deste nome, aproveitar estas recordações, para taparem os ouvidos horrorisados ao éco da voz — revolução —; a memoria do passado, o quadro do presente, a aprehensão do futuro os deve tornar cautelosos, se não quizerem atrahir sobre si, e sobre a desgraçada Patria a ultima ruina. E já que estamos no Imperio da Justiça, peçamos ao Todo Poderoso, que nos conceda permanentemente o Imperio da Paz.

Pedroiços 18 de Outubro de 1830.

LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1830.

POR ORDEM SUPERIOR.

O DESENGANO,

PERIODICO POLITICO, E MORAL:

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

N.° 5.

Salus Populi suprema Lex esto.

Consequencias da Revolução.

Este he o quadro mais hediondo, espantoso, e miserando, que se pode offerecer, e que se tem offerecido aos olhos do Universo: parece mais huma producção do inferno, que huma obra das mãos dos homens; he huma invenção das trévas, a quem a Justiça Divina permitte apparecer na Terra para rigorosissimo castigo de seus habitadores. Sem misturar o sagrado com o profano, nem os Oraculos Divinos com as expressões dos homens, de hum só rasgo eu direi com as palavras de hum Bispo, que depois de o ser se constituio no estado de Leigo, e que em materias de Religião parece que sempre o fôra, quaes sejão as primeiras, e mais proximas consequencias de huma revolução, ou quaes fôrão os primeiros resultados da revolução Franceza. = Depoz, e derrubou de seus Thronos os Poderosos do Mundo, e exaltou, e elevou a estes mesmos Thronos os farrapões, e os *sans-culottes*. = Enchèo de riquezas, e de opulencia os esfomeados, e pòz os ricos, e opu-

*

lentos a pedir huma esmóla. = Isto, que se disse de huma ordem moral, e sobrenatural, nós o vêmos na ordem politica, e social, e sempre o veremos todas as vezes que as portas do inferno se abrirem para vomitarem esta peste devastadora, ou este flagello assolador. Eu não encontro no tão variado espectaculo da Natureza outra imagem mais excessivamente expressiva d'esta calamidade, que não seja o convulsivo movimento da Terra, ou pela expansão do vapôr electrico, ou pelo abatimento das abobedas de suas immensas cavernas: (eu não escrevo Tratados de Fysica, seja pelo que fôr hum horrivel terremoto): sejão vastas Cidades, sejão desconhecidas Aldêas, tudo fica sepultado em suas mesmas ruinas, e não se descobrem mais que montões de cinzas onde se admiravão soberbos Palacios; estendendo-se estas ruinas não só aos povoados, mas aos mesmos campos, aos mesmos montes, aos mesmos rios, mudando de tal sorte de aspecto hum vasto terreno, que sendo depois visto, e considerado, não se conhece, e ninguem poderá dizer que era o mesmo. Tão abalados ficão os Thronos dos Reinantes com a revolução, como ficão as chóças dos pastores, e as cabanas dos rusticos; nem os Exercitos por fortes, nem as Academias por sabias, nem os Artistas por vigorosos ficão izentos d'estes abalos. O terremoto tudo comprehende, a revolução nada deixa de fóra. No terremoto tudo se perde, os edificios se arrazão, os móveis se despedação, as preciosidades se escondem, e sepulião, os limites das propriedades se confundem, as mesmas Ordens, e Jerarquias se perdem, e se ha uniformidade em alguma cousa, ou igualdade nas condições, he na geral pobreza, miseria, e desamparo, a meza do opulento não differe da meza do pobre, e o mesmo pão, que este deseja, he pontualmente o que falta áquelle. Eis-aqui os effeitos, e as consequencias do terremoto: e se a identidade dos effeitos, e consequencias argúe, e mostra a identidade das causas, o que he na Natureza hum terremoto, he em Politica huma revolução. He verdade que huma revolução não deita abaixo os edificios; mas fecha-os; não dispersa, ou affugenta as familias; mas separa os homens, fazendo-os contrarios, e inimigos; não traz comsigo a fome; mas he occasião d'ella; não traz comsigo os males fysicos; mas he o germe, e a origem dos males moraes, que são peiores que os da Natureza. Se no commum estrago o terremoto mistura os Monarcas com os Vassallos, sem os confundir, a revolução lhes apaga, e amortece de tal arte a luz da Soberania, e lhe coarcta o poder, que a sublimidade do Diadema

do Rei se transforma na vileza do grilhão do escravo, porque hum Rei Constitucional he o mesmo que hum Rei pintado. Vêde huma pintura, seja embora de Rafael, de Vanloo, de Corregio, ou de Caravagio, represente Cesar, Scipião, Fabio, ou Marcello, tudo he grande, o gesto, o portamento, a magestade, tenha na mão a espada, ne peito o arnez, no braço o escudo, na cabeça o elmo, vêde bem, parece que os olhos pastanejão, que os labios se movem, que o peito arqueja, que tudo seja acção, movimento, vida, e até furor: pois tudo he engano, tudo he superficie, tudo he apparencia, e nada ha real mais que as luzes e as sombras d'aquella inanimada pintura: palpe-se, chegue-se bem ao pé, não tem movimento, não tem acção, que he a vida. Tal he hum Rei Constitucional. Cinja o Diadema, empunhe o Sceptro, fluctue-lhe o Manto, que por isso se chama roçagante, será a figura de hum Rei, mas não he Rei, porque lhe falta a essencia, e essencia, pela qual o Ente he o que he; consiste na Soberania, e esta he indivisivel; e dividilla, he acaballa. Não vai de hum golpe, mas gradativamente. Não pozerão logo na cabeça do mallogrado Luiz XVI o barrete da Liberdade, famosa insignia da canalha. Não lhe cahio de repente a Corôa da cabeça; cahio a pedaços, mas cahio de todo, porque a revolução não rompe senão para isto. Ou dê hum Rei a Constituição sem lh'a pedirem, ou assigne a Constituição quando lh'a levão feita, ou, degradando-se a si, vá jurar esta Constituição quando lhe mandão que o faça, entenda que deixou de ser Rei, e que fica subdito dos que até alli se dizião seus vassallos. O que nunca fizerão com os Imperadores de Roma as Cohortes Pretorianas, n'este Seculo malvado, porque he o Seculo das revoluções, se atrevêrão o fazer quatro plebeos infames. Não se espantem os hypocritas melindrosos, porque eu bem sei o que digo. Vejo nos Annaes de Roma depostos, e até mortos, Commodo, Caracalla, Domiciano, Othon, Galba, Vitellio; hum Senatus-Consulto depõe a Nero, e elle se mata. Hum General Pretoriano executa, ou faz executar estas acções, que ainda salpicão de sangue as paginas da Historia; mas não sei, nem acharei quem me diga que elles atacárão, ou destruírão a Soberania. Isso não, a Soberania sempre ficou intacta. Acaba, por exemplo, hum Caracalla, mas intacta a Soberania, passa no mesmo instante ás mãos de hum Septimio Severo.

A revolução moderna produz outros effeitos, segue outra marcha, busca outro fim, que he, não só acabar com a exis-

tencia, ou vida dos Monarcas: mas dar a morte á Soberania, isto só fez, e intenta sempre fazer a revolução, e as suas armas são as Constituições. Que outra cousa he a divisão dos Poderes, senão o sepulcro da Soberania? E que outra cousa he a questão da Soberania do Povo, questão ridicula, senão o acabamento das Monarquias? Quem não governa só, não he Monarca, porque isto só quer dizer esta palavra. Tantas catástrofes devem ter desenganado os Soberanos. Mudárão muitas vezes os amotinados, e sempre inquietos Pretorianos, como disse, os Imperadores. As Legiões acampadas pelas margens do Danubio, ou pelas do Eufrates, as estacionadas na Hespanha, as que estavão na Syria, ou no Egypto, ora punhão, ora depunhão estes, ou aquelles de seus Imperadores (Generaes de Cavallaria). Roma approvava, mas nunca se mudou a Constituição do Estado: agora muda-se a Constituição do Estado, para se acabar com os Imperantes. Para a França não ter Luiz XVI, começou por não querer ter as primitivas Leis da França Monarquica. Desengano para os Reis, porque do seu depende o dos Povos.

Para conhecermos quaes sejão as consequencias das revoluções, basta que nos lembremos, que todos os seus auctores são Ladrões, e insignes Ladrões; este termo de que me sirvo, não he aspero, nem arriscado. Todo o imperio dos revolucionarios, he hum grande latrocinio. Os abalos da revolução não são como os do terremoto, estes remittem; no latrocinio das revoluções os abalos crescem progressivamente, abrangem todos os elementos sociaes, não ha parte alguma no Estado politico a que não cheguem: descompaginão-se todos os membros do grande Corpo de huma Nação. A força armada he como o laço de todos elles: a ordem civil não se mantêm sem força; ainda que o Throno se firme na Justiça, a corrupção da natureza humana he tal, que não basta á Justiça equilibrar huma balança, he preciso tambem empunhar huma espada, não só para conservar a ordem, mas para repellir a violencia; mas a oscilação tumultuosa do terremoto revolucionario lá vai tocar nesta mesma força, e o resultado he corrompella, allucinalla, e allicialla. Elle he o agente principal, ou verdadeiramente o mais poderoso instrumento da revolução. Isto são verdades, que desgraçadamente tem passado para a cathegoria dos factos. Não busquemos os que já passárão entre nós: os que mais proximos estão de nós no tempo, mais vivamente nos dão nos olhos; a sua impressão he mais viva, porque he mais chegada. Soou por muito tempo o rebombo subterraneo

do terremoto politico em França, e vemos como comprehendeo a Força armada, corrompendo-a. Esta he a mais terrivel consequencia da revolução. No seculo em que por fins muito particulares, ou muito manifestos, se dá tanto pezo, e tanto valor aos juramentos, começa a mesma revolução a querer, e a justificar o mais escandaloso de todos os perjurios. Nada mais solemne, mais apparotoso, mais respeitavel, que hum juramento de fidelidade da força armada. Ceos, Terra, publicidade, bandeiras, vozes muito intelligiveis nas formulas dos mesmos juramentos, tudo concorre para tornar temeroso este mesmo acto. Quem jura a Constituição, e por fragilidade infringe a Constituição, ou, por termo mais refalsado, a *Carta*, he julgado logo, o desgraçado, criminoso de Lesa Nação, e o reo de morte. Pois não ha infamia que se iguale á infamia de hum perjurio militar. Tudo na profissão militar he honra, até o campo em que os homens (tapando os olhos á Natureza) se matão reciprocamente, se chama o campo da honra; pois a revolução tem arte de fazer destes homens, todos honra, e todos brio, os magarefes mais vís, e a escoria mais desprezivel da canalha, porque, tornados sustentaculos da revolução, atraiçoão a sua mesma honra, e commettem o mais nefando perjurio, porque faltão ao mais público, e solemne juramento. Os que ferião as estrellas com o festival clamor do applauso na coroação, e sagração de Luiz XVI, são os mesmos que lhe formárão as alas para o cadafalço! Se este Regicidio foi o mais horroroso crime da Terra, o perjurio militar que sustentou a revolução, não foi menos horroroso delicto. Hum corpo militar revolucionado, a não ser logo pelo ferro extincto, ou pela sóga do Verdugo, por mais provas de fidelidade, que queira dar com o arrependimento, sempre conservará em si hum indelevel caracter da infamia. Os que se creárão para defender hum Throno, se convertem em Sapadores que o alluem, e que o derrubão! O Maçonismo não distingue o crime da virtude, a móla de todas as suas acções he a vingança pela rebellião, e o interesse pela rapina. No Maçonismo, só o juramento da Seita he o juramento sagrado; mas este juramento da Seita não he huma virtude, he huma conspiração, que se estende a tudo, e na destruição do Mundo busca a sua conservação. A liberdade da Europa, ou da Terra toda, se podia antecipar alguns annos á derrota (quási infructuosa) de Waterloo. Napoleão, ou só, ou mal escoltado, passa o Monte S. Bernardo, e no meio daquelles escarpados picos, e ermas asperezas da montanha, hum Tenente de Hussares

Austriaco lhe lança a mão, o encára, e o conhece; eis-aqui o panno do Theatro em baixo, e a Tragedia acabada; mas o signal, que dá Napoleão, da infernal Confraria, deo ao Tyranno a liberdade, e a continuação dos ferros á Europa. E este Tenente não teria posto a mão sobre as Aguias Austriacas debuxadas em suas bandeiras? Muitas vezes, considerando attentamente a scena do Mundo, eu digo comigo: — as armas erão escusadas, e o projecto do Abbade de S. Pedro, sobre huma paz perpetua, era exequivel, se no Mundo não existisse o Maçonismo; e neste caso, a destruição do Maçonismo só pode, e só deve ser feita pelas armas. Para a sua dominação se serve das armas corrompendo os que as vestem, os que as cingem, os que as empunhão; pois sirvamo-nos dellas para nos desfazermos delle; he mais justa, mais santa huma Cruzada contra o Maçonismo, que as que se formárão contra os Sarracenos. He preciso acabar de huma vez contra aquelle, que tantas vezes se levanta contra nós.

Que esta espantosa scena de perjurios, e de infamias se observe tantas vezes em França, não me admiro, attendida a força do Maçonismo na volubilidade Franceza; são como forão os Judeos, na recepção de Luiz XVIII, e na exaltação de Carlos X. Ramos de Palma, ramos de Oliveira, quando entra J. C. em Jerusalem; dahi a pouco huma Cruz para o fazerem sahir de Jerusalem, e da vida. Espanta-me mais que tudo isto o que na força armada tenho observado em Portugal. Dez annos me tem offerecido á contemplação cousas, que me não offerece o longo tracto de sete seculos. O periodo de dez annos me parece muito longo, basta-me o periodo de quatro annos. Eu vi com os meus olhos, e li em alta voz o original da propria letra do Auctor, com sua propria assignatura, as Instrucções que o Mestre de meninos da Villa d'Arruda, Candido José Xavier, hoje banido, dava ao banido tambem hoje, e sempre Commandante do Exercito de Operações, para se constituir a si, e o mesmo Exercito debaixo das ordens de Guilherme Henrique Clinton, e operarem os exercitos combinados contra os Portuguezes: isto parece incrivel, mas eu sei onde pára este documento originalissimo; mas tal foi a consequencia da mais que todas maligna revolução de 1826, que obrigou soldados Portuguezes a se rebellarem, e desconhecerem hum Rei Soldado, e o legitimo Rei dos Portuguezes. Estas manchas não se lavão senão com o sangue Maçonico. Aqui me gritaráõ os Hypocritas da Realeza; — Moderação, moderação. — Que he isto?

Mal conhecem a quem tanto gritão!! Pois moderação com o sangue, que tanto derramou, e ainda procura derramar o nosso, e quer invalidar a sagrada força da omnímoda acclamação legal do Povo Portuguez! Haja embora hum acto de clemencia, mas não queirão que seja huma prova da Legitimidade. Augusto Octaviano abraçou a Cina, mas Augusto era hum velhaco, não era hum Imperador; para comprazer a Antonio, deixa que se degolle Cicero. O Triunvirato não era Rei, e aquella victima valia mais que o Imperio.

Assaz me tenho demorado com esta desgraçadissima consequencia da revolução. A Nobreza quer ser tudo, e pode ser tudo. A aproximação ao Throno não dá rigorosamente o mérito, mas abre para elle huma mui gloriosa estrada; a aproximação ao Throno he hum degrão para subir, mas tambem deve ser huma muralha para se defender. Não passa facilmente a corrupção pela purpura. Eu não desculpo, nem justifico delictos, mas faço justiça ás intenções dos homens, porque as analyso primeiro, e por mais escondidas que sejão, nunca escapão ao microscopio da razão. Tres nobres matárão D. Ignez de Castro; se fosse huma mulher que a matasse, seria ambicioso ciume, mas nos tres nobres, foi desejo de mais nobreza embeber o ferro em quem, ou era já, ou se dizia esposa do Rei, que devia succeder a seu pai o Bravo Affonso 4.° Seguem muitos nobres a voz de Hespanha, e com D. João 1.° de Castella veio a Aljubarrota até hum irmão do Condestavel, mas antes que Portugal junto em Côrtes legitimasse o Mestre d'Aviz, parecia áqueles nobres, que no seio de Theresa Lourenço não se gerava hum Rei de Portugal. Em 1641 dispara-se hum tiro, ou se não disparou, aponta-se hum arcabuz, isto foi huma traição particular, não foi huma guerra aberta, não se levantárão armas, apontou-se huma. Como foi o attentado de 1759?? Não sei; mas sei, porque conheço os homens, que os actos da vingança de hum, são imputados como crimes á innocencia de muitos. Para o periodo que eu limitei no espaço de quatro annos, como consequencia da revolução, estava reservado para huma parte da nobreza Portugueza o maior delicto que se tem commettido em Portugal desde a sua instituição politica. Não se podem escandalisar os fieis, quando eu só fallo dos criminosos. Se eu fizesse huma chamada nominal de todos elles, nos que não respondessem eu apresentaria a lista exacta dos criminosos. Se os militares forão perjuros, e se cobrírão de eterna infamia como militares, que fará nos que ajuntão esta nobreza do emprego, ao esclarecido do san-

que! E se se ajuntar a este delicto o maior, ou o mais feió que tem a Natureza, que he a ingratidão?! Homens tão distinctos, e tão grandes por origem, e por titulos, não comprados, mas ganhados, e merecidos, huns nas muralhas de Dio, outros nos revelins de Malaca, alguns nos torreões de Arzila, muitos nas tranqueiras de Tangere, e hum nos declives, e ladeiras de Montes-Claros, esquecidos de si, dos seus, de todos, mais pequenos agora, e mais contemptiveis que os remeiros forçados de huma Galé, foragidos, e desditosos, sem que lhes valha o fôro da nobreza para esquivarem o publico desprezo, que dirão? Sem lagrimas, e sem palavras, porque as pequenas dôres fallão, e as grandes emmudecem, dirão dentro em seu peito traidor, que antes tivessem ido pelos ares, como seus Avós n'hum baluarte de Dio, que arrastrarem a vida atados ao carro da miseria, e do odio, por longes terras, e por estranhos climas. Quem os poz em tal estado? A revolução. E quem os traz no vórtice da revolução? O Maçonismo. E fez acaso este Maçonismo, que elles mudassem de condição? Sim, para peor. Alto desengano!! Debalde báte já ás portas do seu coração; estão cerradas, porque o entendimento está cégo, e a vontade pervertida.

Da revolução, que esperão os nobres? O que derão em 1820, que vinha a ser o mesmo, que lhes tinha dado a França em 1789, e lhes vai dando com larga mão em 1830. Se os Castellos de seus solares demolidos se hião já reparando com o restabelecimento da legitimidade, depressa se transformaráõ em cinzas d'onde não possão mais levantar-se, se o interesse proprio não der hum grito a tão poderosos Monarcas que vêem correr pelos seus Estados o Volga, e o Danubio, que venhão derrubar a obra, que primeiro assoprárão dous sórdidos Banqueiros. Em quanto he atalhavel o mal, acudão-lhe, não se lhes diga depois, e sem remedio, que elles são cumplices neste delicto público, e universal. Vejão, vejão os nobres, e tremão; a Baudeira que entre os Francezes fluctúa, he a mesma, e unica Baudeira da revolução. O Rei he amovivel, porque o seu Estandarte he o da revolução, e o da rebellião. Onde estão em campo branco os tres lyrios, se o Rei he hum descendente transversal de Henrique 4.°? E podem estar seguras as Monarquias com o Maçonismo em revolução? Ceguem-se os fóssos de todas as Praças com cabeças de Pedreiros Livres, abrão-se-lhes as portas, que eu fico que nenhuns inimigos as entraráõ. Foi o clamor da revolução actual levantado pela relé da plebe, instrumento de outra relé, que

não he plebe; e que sórte espera os Grandes, e os Nobres! Tarde lhes virá o desengano, se promptos não acodem com o remedio! Ouviráõ a deliciosa musica do hymno de Marselha, e o Algoz Jordão — *Coupe-tête* — começará com mais dexteridade, e ligeireza, a fazer o seu officio. Não ensurdeção os Nobres aos brados do Desengano, tremão das consequencias de huma revolução. Chegados ao Rei por qualidade, defendão o Rei por affecto. Com tal General, nenhum soldado he fraco; e poucos soldados serão muitos exercitos.

Dizem-me que eu com estas verdades nascidas e assentadas em meu coração, multiplico os meus inimigos, e que a vingança que tiraráõ, será espantosa: eu nenhum temor tenho, e não sei que feições tenha o medo. Quasi septuaginario, gotoso, e calculoso, e tão transido de dôres, que o debil resto da minha vida já he metade da morte, que me podem tirar? Nem a vida, nem a liberdade; não a vida, porque he qual a retrato; não a liberdade, porque os ferros não me prenderáõ tanto, como me tolhe a doença; e se eu não tenho deixado de amar o Rei, e de amar os Portuguezes em tão longo espaço, não me hei de desmentir em tão rápido momento como he o da morte. Foi-me preciso fallar dest'arte de mim mesmo, porque assim devia responder ao que acabava de escutar. Torno ao quebrado fio.

Conquistar Reinos póde hum Reino poderoso, mas insultar o Mundo, só o póde fazer a impudencia dos revolucionarios Francezes. — Nós fizemos a revolução, diz hum dos seus Ministros, fallando á sua Camara de Deputados (eu digo isto porque o diz essa Gazeta, que ahi se imprime). Nós fizemos a revolução, mas nós não existimos no estado revolucionario. = Esta distincção he fóra até da ordem metafysica. Confessa que fizerão a revolução. Carlos X deposto, e fugitivo, o Duque d'Orleans saudado Rei de França; o estado politico actual não he o estado politico anterior; então para que estado passárão, e em que estado existem? A baixa Camara, ou os Cummuneros, legislando, o exercito reduzido; os que entre nós se chamão Ministros territoriaes tirados; os Generaes, os Marechaes, os Almirantes dimittidos, os Ministros que erão de Estado, póstos em Processo como criminosos; o saudado Rei em perfeita nullidade, a bandeira Republicana levantada na terra, e nos mares; e tudo isto, e o mais que iremos vendo, não he existir no estado revolucionario!! He impulencia de mais! E poderá esta escandalosa irrisão do genero humano adormecer as Potencias Européas?

E deixaráõ, indolentes, consolidar esta, a mais terrivel, e espantosa de todas as revoluções, que ameaça todos os Thronos, que se ramifica por todos os paizes, que se descobrio já em progressivas explosões em Hannover, em Saxonia, em Flandres, que virá do Norte ao Meio dia como hum incendio atiçado pelo vento da arquitectada, e systematica conspiração universal, e que tem por fim, e por objecto a total destruição da Soberania, e estabelecimento do Republicanismo federativõ? Povos, e Nações, o conhecimento, e o estudo do passado, vos deve obrigar a acautelar o presente, e antever o futuro. Vêde a quem encarregais da força das vossas armas. O Duque de Brunsvick chegou com suas avançadas a avistar as barreiras de París, hum passo mais daria a liberdade á França, e a paz ao Mundo: que força o fez dobrar sobre a sua retaguarda? Nunca se disse, e todos o presumem. Sim já então o Imperio do Maçonismo tinha levantado a frente, e estendido por toda a parte o sceptro de ferro. Quer assentar seu throno sobre as ruinas da Soberania, e como são indefinidos os limites deste Imperio, vêde a simultaneidade com que as Provincias de França, ainda as mais remotas da Capital, acodirão ao reclamo da revolução apenas esta fez o primeiro movimento em hum suburbio de París. Pareceo á prudencia humana, que era huma pequena faisca, mas essa mesma bastou para atear tão vasto incendio, e se custou pouco a acender, não custará pouco a apagar. Os principios da presente revolução ainda são mais estrepitosos, que os da primeira; nesta o salto não foi tão repentino, foi mais vagaroso, e compassado. Luiz XVI não subio logo ao cadafalço: mas considerando o frenesim revolucionario, quem poderá determinar o momento em que o Duque de Orleans tenha de fazer a mesma jornada? Nós já vêmos os Ministros de Carlos X mettidos nos ferros, e no processo, e para serem julgados réos de Lesa Nação, basta que se não encontre o seu nome no Almanaque da Maçonaria; o processo está feito, e antes que se profira a sentença no Tribunal, já está proferida, e sanccionada na Caverna. A' vista disto, quem se constituirá fiador da tranquillidade dos Povos, da conservação da Nobreza, e da estabilidade, e firmeza dos Thronos? A revolução he a pedra arrancada de cima da montanha, a sua acceleração não he como a dos outros corpos, aqui não ha, nem razão directa, nem inversa do quadrado da distancia, ha huma precipitação ruinosa, que leva comsigo tudo, se não se constituir na espada, e no canhão o unico meio da resistencia.

Se o que se escreve não he para o bem geral, então escreve-se para o vento. A força unida obra mais vigorosamente, (eu fallo aqui da força moral); quando se une, produz hum sentimento indestructivel, quer em todos huma mesma cousa, e que maior cousa póde haver, que a salvação da Patria, e a segurança do Throno? Com a concordia crescem as pequenas cousas, com a discordia dissolvem-se as grandes. Os estados politicos formão-se de diversas ordens, esta differença não exclúe a sua união, antes esta união faz que todas permaneção equilibradas; e não póde haver a mutua benevolencia onde ha offensas, ou escandalos permanentes: divergem para oppostos sentimentos os que não podem unir-se por sinceros, e reciprocos affectos. A Nobreza, ou a classe alta despréza, ou desdenha muito a classe popular. Ha Nobres tão intrataveis, e soberbos, que mostrão não poderem supportar que os plebêos tenhão como elles a figura humana, e por que estão em huma condição elevada, não querem conhecer nos outros a igualdade da Natureza. Para se communicarem hum grande, e hum plebêo são precisos dois instrumentos, dos quaes hum em Astronomia se chama Telescopio, outro em Fysica se chama Microscopio, hum aproxima, outro augmenta; para o plebêo fallar a hum destes Grandes precisa do Telescopio, que lho aproxime; tal he a grandeza, e a distancia em que o Nobre se considera, ou quer que o considerem! Para o Grande fallar, e tratar a hum plebêo, necessita do Microscopio, que lhe augmente a invisivel pequenez em que o reputa, ou imagina. Bom seria que estes tubos, e estas lentes se quebrassem de huma vez para sempre, e que se formasse huma adequada idéa do que seja a igualdade moral, e que se calculassem os males que acarreta esta arbitraria differença. Note-se, que nas commoções populares, terrivel principio, e consequencia da revolução, como se tem visto em França, e em toda a parte, os maiores excessos do odio, aversão, e vingança executados pelo povo, forão contra os Nobres, não se podendo conter o ressentimento conservado no fundo do coração dos plebêos contra aquelle insano orgulho, e tão mal fundada soberba. Na revolução de 1820 se descobrio claramente esta verdade, sendo huma lição de que os Grandes se não devião esquecer. O titulo de Grande era o principal motivo da exclusão de seus chamados Congressos. Esta exclusão legal em hum Reino Monarquico, que não póde existir sem a Nobreza, he hum labéo sempiterno, e tambem he hum desengano. Queixão-se os Francezes das reuniões po-

pulares, e com as reuniões populares fizerão a actual revolução, porque se lembrão que na primeira revolução, estas reuniões populares fazião rapidamente succeder huma fórma de governo a outra fórma de governo. Esta fluctuação tambem he huma consequencia das revoluções; nada permanece fixo e seguro; e se o mais terrivel estado he o da incerteza, e o do sobresalto, opponhamos com todas as forças a honra Portugueza ao vilipendio, á infamia, á vileza do Maçonismo.

Pedroiços 30 de Outubro de 1830.

LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1830.

POR ORDEM SUPERIOR.

O DESENGANO,

PERIODICO POLITICO, E MORAL:

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

N.° 6.

Salus Populi suprema Lex esto.

Doutrinas da Revolução.

MAIS de hum seculo antes que apparecesse no Mundo a desgraça do mesmo Mundo, quero dizer, o furor epidemico das revoluções, se começárão a preparar, e dispôr os animos para esta desgraçada obra das trevas, e da iniquidade. As classes influentes devião arrastar apoz si as menos influentes, para que todas se contaminassem, e formassem hum todo, ao qual, posto em acção, se não podesse resistir, porque a força moral, quando se universalisa, supplanta a força fysica. Cada seculo traz em si hum caracter que o distingue, e huma tendencia, que para alguma cousa o leva, e violentamente o arrasta, e quando se trata de Artes, e de Sciencias, de Letras, e de humanos conhecimentos, mais distincta, e mais sensivel se nos torna esta tendencia: fixemo-nos sobre este quadro constantemente variado, e contemplemos o que se chama Litteratura desde que na Italia renascêrão as Letras. O seculo deste renascimento se distinguio de todos os outros pelo que se chama — Filosofia; — buscavão-se os monumentos antigos que ainda nos restão de Athenas, e de Roma; decifravão-se manuscri-

ptos cuja idade era de mais de dezeseis, de dezoito, e vinte seculos, imprimião-se, publicavão-se com doutissimos Commentarios, e com estas publicações, e annotações se adiantárão muito os humanos conhecimentos, e nisto se empregárão os maiores sabios, e bastará que eu lembre hum por todos elles, Erasmo de Rotterdam. Este era o genio do seculo desde Nicoláo V até Julio II. Seguio-se o seculo da Historia, o seculo da Poesia, o seculo da Filosofia, e sobre tudo da Fysica, e da Astronomia: Galileo, Torricelli, Cassini, pai, e filho na Italia; na França Descartes, depois, em Inglaterra, Newton, e Boyle. Comprehendeo á tendencia deste seculo todos os Reinos da Europa, e a Republica de Hollanda mais se distinguio entre todos os Povos. Depois deste seculo finalmente veio o seculo da Politica; começou-se a vêr a tendencia geral para o estudo da Politica, e começárão a apparecer os grandes, e os maiores Publicistas, que ainda hoje avultão, e se respeitão: Hobbes, com o seu Tratado do *Cidadão;* Grocio com a sua grande obra dos *Direitos da guerra, e da paz;* Puffendorfio, com os vastissimos, e profundissimos escriptos do *Direito Natural, e dos Direitos das Gentes;* tudo isto vazado nos moldes do velho, e ingratamente ignorado, e sepultado Hespanhol *Domingos Sóto*, no pezado volume *Da Justiça e do Direito.* Com estes principios se começou a tratar mais acaloradamente dos Direitos do homem, dos Direitos do Cidadão; e, entre todos, hum Saxonio, como Samuel Puffendorfio, chamado Uberto Ulrico no Livro que intitulou, *Do Direito Social,* (que isso quer dizer o titulo — *De jure Civitatis.*) e desde a publicação deste Livro, se lançárão á terra as sementes da revolução. Eu tenho seguido com o estudo, e com a observação passo a passo a marcha das primeiras theorias até agora. Cabeças volcanicas, esturradas com as doutrinas dos Maniqueos, dos Valdenses, e sobre tudo do Inglez Wiclef, para dominarem sobre os homens os quizerão por principios reduzir em moral, e em politica no simples estado da Natureza: começou-se a ouvir a palavra igualdade, e liberdade, e a falta de intelligencia destes dous termos, por Logica definição, tem feito a desordem, e a desgraça do Globo, que habitamos. O Sceptiscismo de Bayle, e o adulterado, e mutilado Livro do profundo Espinosa, traduzido em Francez com hum titulo capcioso — *Diversas idéas de hum Livre pensador* —, sendo elle no Original Latino — *De jure Ecclesiasticorum*, — acabárão de fazer andar a cabeça á roda aos semidoutos, mas estremes, e acabados Pedreiros, fazendo igualmente levedar a massa das revoluções, em que se vindicassem

os falsamente atacados, e opprimidos direitos dos homens. Quando os Corifeos da Seita Maçonica, vírão que a falsa idéa de liberdade, e igualdade, e o Systema da Democracia, ou da Soberania do Povo, tão espalhada, e arreigada, tinha chegado á sua perfeita maturidade, para não faltar cousa alguma que podesse servir de causa proxima da revolução, apparecêrão impressas, e commentadas as Obras de quatro Sofistas maximos que accendêrão de todo os animos para se consumar a grande obra da perenne inquietação do Mundo, e o transtorno de todas as instituições dos homens; quero dizer, Montesquieu, Voltaire, Rousseau, e Raynal. Eis-aqui o facho que se accendeo no altar sacrilego da corruptora Filosofia, que posto nas mãos das Furias deveria reduzir a cinza os Templos do Deos vivo, e os Thronos dos Monarcas. Eu considerarei cada hum destes homens em suas producções, não só para acautelar, mas para desenganar os Estados politicos, mostrando-lhes o veneno que se lhes propinava, e propina para sua infallivel ruina.

Comecemos por Montesquieu, chamado pela escola Maçonica, o Legislador do Universo. — Entrou com huma lanterna dentro do escuro labyrintho das Leis, expoz as differentes fórmas de governos adoptados pelos differentes Povos, fez conhecer aos homens seus direitos, ou verdadeiramente, poz em movimento paixões, e vontades, que os homens para seu maior bem, e que a politica devião conservar amortecidas; que os mesmos homens devião desconhecer, e talvez que este mesmo Filosofo se arrependesse depois de não ter deixado os homens em sua natural ignorancia. Se elle vivesse até ao anno de 1789, por certo se envergonharia de vêr tantos aventureiros em Legislação, e tantos Flibusteiros em Politica, que se chamavão, pelo abuso de suas doutrinas, seus discipulos, e estes são os mesmos que fizerão, e sustentárão a revolução!!

João Jacques Rousseau, cuja selvagem Filosofia fez tantos prosélytos, sendo elle hum declarado inimigo dos homens, fez derramar tanto sangue, e commetter tantos assassinatos, que devia amaldiçoar o dia em que deo á luz o Evangelho dos facciosos, quero dizer, o seu — *Contrato Social.* — Abalou a Religião em seus fundamentos: tirou aos fracos, e aos perversos o salutifero temor de hum futuro eterno. Disse que a Sciencia era fatal ao homem, ao mesmo passo que se empenhava em esclarecer o mesmo homem; mas para ser virtuoso como elle queria, não era necessario ser tão sabio; e de paradoxo em paradoxo, apressou a revolução, tornou odiosa a Sociedade Civil, e proscreveo toda a authoridade governativa.

Voltaire, seguindo outras pizadas, por todo o longo fio das suas fatigantes, ou fatigadoras obras, declarou guerra á Religião, atacando com as armas do ridiculo seus Ministros, tornando-os odiosos. Com seus muitas vezes insulsos motejos, conformando-se á ignorancia, e malignidade natural dos homens, rompeo aquellas sagradas cadèas, que unem os mesmos homens a Deos. Ora os homens sem Deos, o qual, como o mesmo Voltaire disse em hum lucido intervallo, senão exististisse, era preciso fingillo, como poderáõ sujeitar-se aos deveres da razão, e da justiça no tribunal da sua consciencia, se neste tribunal não entra, nem pode entrar a força coerciva dos outros homens? Deste espaço ao das revoluções não existe distancia alguma? Voltaire a preparou mais que os outros, e as doutrinas que elle assoalhou são as mesmas, e não outras as doutrinas da revolução, que elle ensina, e que os revolucionarios sustentão com a palavra, e com o exemplo.

Raynal tinha menos engenho, que os tres de quem acabo de fallar, mas era dotado de huma atrevidissima eloquencia, e fascinava, e arrastrava com ella a totalidade, ou ao menos a maioria dos semi-doutos, dos falladores, e dos que professão o instituto de Filosofos de Cafés, e que são grandes Dignitarios da frivolidade das Companhias. Este Raynal em sua heterogenea Historia, jámais com ordem lucida seguida, não deixava huma pagina sem ataque, ou directo, ou indirecto, contra a Religião, e contra a Soberania dos Reinantes. Lisongeava-se, e ufanava-se de supplantar, e acabar com o fanatismo Religioso; porém accendeo, e levantou o fanatismo da Filosofia.

Estes homens de quem acabo de fallar, e com mais extensão do que permitte, ou he compativel com esta folha de papel, o abuso da Filosofia, e a irreligião que por seus escriptos se propagou, preparárão a revolução no reinado de Luiz XV, e com estas doutrinas rebentou a revolução no reinado de Luiz XVI. A chamada Arvore da Liberdade produzio estes venenosos fructos, que são peores ainda que os pomos de Sodôma; estes ao menos tinhão a casca, ou apparencia lisonjeira á vista, ainda que interiormente não fossem mais do que cinza, e podridão: os fructos da revolução, no àmago, e na superficie, não são mais, que asquerosa podridão. He preciso que os Povos se desenganem. Neste Reino tem havido hum abuso enormissimo, e huma negligencia criminosissima na introducção de Livros anti-religiosos, anti-politicos, e a nossa verdadeira desgraça na ordem moral daqui procede. Não veio isto contaminar immediatamente a massa do Povo, mas inva-

dio as classes influentes, que pela sua representação impõem ao mesmo Povo. A Escola geral do Reino, onde se vão preparar para o governo delle na intelligencia, e applicação das Leis, e no que chamão Arte de curar, ou de enterrar os homens com formalidades, que custando a levar aos doentes, muito mais custão a pagar aos sãos: e muito mais no que se diz Historia, ou Sciencia da Natureza, trabalho inutilissimo, porque ella tudo revela, e nada explica; de longo tempo se conheceo que era o fóco da contaminação, devendo acudir-se a isto, não pela reforma dos Compendios, mas pela expulsão dos sujeitos; he huma prova da calamidade pública que o Reino tem experimentado na introducção de Livros das doutrinas revolucionarias, e impias. Entrão, diz-se, que são examinados; eu creio que he só por fóra, não será ineptidão nos Censores, será preguiça, ou urgencia de outros empregos; se os livros trazem os titulos de Medicina, mais escrupuloso deve ser o exame. Quantos vi eu de Fisiologias, que erão na essencia o puro Materialismo! Vem obras do *Summo* Medico Cabaniz; entre bichas, entre purgas, entre vomitorios heroicos, vem a unica e infinita substancia de Espinosa, vem a Alma do Mundo, que quer dizer — O Pantheismo. Isto em huma, como transeunte comparação; porque, diz elle, assim como a substancia, que se chama alma unida á substancia extensa, que se chama corpo, dá movimento a este, tambem esta substancia unida e incorporada na materia, que he o que se nos torna visivel no Mundo, dá movimento a este.

Para o fim porque se escreve este papel, parecerá mui longa esta digressão; mas eu julgo que para os desenganos que desejo dar ao Povo, convem lembrar-lhe quaes sejão as doutrinas da revolução, e os males que hajão causado estas doutrinas. Com ellas vem preparados os que dando-se ás Sciencias na Escóla geral, vem apparecer na Sociedade, e nella por seus empregos tem maior influencia na Politica, e na Moral.

Que diz, e que ensina a doutrina revolucionaria aos Povos? Que procura insinuar-lhes a respeito dos Reis da Terra? Que são huns Tyrannos, a quem ou a astucia, ou a força levantou no principio aos Thronos para agrilhoarem os homens; que devendo ser o seu regimen puramente paternal, he hum regimen despotico, porque os homens não são por elles considerados como filhos, mas como escravos; que as suas Leis não são mandamentos da Justiça, mas caprichos da Tyrannia; que a fórma de seu Governo he incompativel com a dignidade do homem; que a Natureza quer que se mantenha a ordem como

ella a segue, mas que esta ordem não destróe nem a liberdade, nem a igualdade das creaturas; que a Soberania não pode estar n'hum só individuo, e menos como herança, mas na força collectiva de huma inteira Nação; que o Despotismo offende a Natureza; que os Reis tem crimes; que permittir a impunidade, he apadrinhar o delicto; que os Reis são homens, e que assim como não estão fóra da órbita da Natureza, assim não devem estar fóra da órbita da Justiça; que para elles deve haver hum Tribunal, e que este Tribunal, está essencialmente levantado no meio do Povo; que o supplicio (martyrio) de Carlos I, e de Luiz XVI foi hum acto legitimo de legitima Soberania do Povo; que o Povo não póde abdicar esta Soberania na mão de hum só homem; que os Monarcas são escolha dos Povos, que para elles se fizerão, e não os Povos para os Monarcas; consentem-se para que bem governem, depõem-se porque mal dirigem; que a sua elevação he unicamente huma regalia do Povo, e a sua desthronisação he hum derivado da mesma inalienavel Soberania do mesmo Povo; em fim que a Monarquia he escolha de outros, e não he herança propria, e que o exemplo do pai de familias não colhe, porque he hum sofisma, que illude, porque he falso o argumento de menor para maior. Estas são as doutrinas da revolução a respeito dos Reis. Eu não sou hum Sofista, que amplifique, ou exagere; sou hum éco da experiencia, e offereço aos olhos dos Portuguezes o que os olhos dos Portuguezes virão dentro, e fóra dos limites deste nosso tão perseguido, e vilipendiado Reino. Não he mais nem menos a revolução, isto he, não he mais, nem he menos a Maçonaria. Grande desengano para os Reis! Vacillão os Thronos em quanto não pernearem nas Forcas os Pedreiros. Dir-me-hão, que sou homem de sangue, quando devia ser hum orgão da paz, ou hum Apostolo da Amnistia. Ah! Malvados, se vossês conhecessem o verdadeiro arrependimento, os Reis da Terra, assim como são a imagem do Altissimo para punir, assim o serião com mais ampla vontade para perdoar. Deos não perdôa aos que voluntariamente querem morrer no seu peccado. Contumacia, e impenitencia, tudo he o mesmo; vós quereis morrer impenitentes, pois morrei. Os encurralados n'huma Ilha, e os entalados nos Pyrenéos, querem que lhes façamos bem, porque não nos podem fazer mal: transigir com elles, he afiar-lhes, e aguçar-lhes os punhaes. A fidelidade á Seita os faz traidores ao Mundo, não querem nelle Monarcas, para que elles o sejão, e como não conhecem Religião, querem que os mais a não tenhão! querem revolução, para que o jugo das Leis

existentes se sacuda; não querem ouvir a voz da Natureza, porque não querem outro Codigo, que não seja o desenfreamento de todas as paixões. Fallão em laços sociaes, e sustentão a impunidade em todos os crimes: cansão os homens com a palavra — igualdade, — e pelo abatimento dos outros se enthronisão nos primeiros lugares. Este quadro fiel, assim como desengana, tambem obriga os Monarcas á vigilancia. Os fundamentos dos Thronos são a Justiça; e a espada d'esta Justiça não deve estar ociosa nas mãos dos Imperantes: cada passo, que se dê para a revolução he hum degráo, que se põe na escada do patibulo (trema a humana Sociedade!) a que subão os Imperantes, e huma mui larga estrada aberta, e patente para a ruina dos povos. Tomem esta lição, e aprendão os que julgão a Terra. O mesmo Deos lhes faz escutar este oraculo. Na Maçonaria está a escóla do crime, na revolução a pratica, e a impunidade de todos elles.

Eis-aqui em quanto aos Monarcas as doutrinas da Revolução; vamos vêr estas mesmas doutrinas relativamente ao que chamamos Fidalgos, palavra syncopada do Hespanhol, que quer dizer filhos de alguem, e com effeito muitos d'elles, de muitos grandes alguens são filhos: eu não estou pela sentença de *Ovidio* = Não podemos chamar nosso ao que nós não fizemos. = He huma grande cousa huma grande acção; e, se chamão sua huma grande Quinta, porque lhes vem por herança, e elles não fundárão, porque não ha de ser sua huma grande acção, que seus ascendentes obrárão! Não lembro nomes, nem especifico sujeitos, porque eu não nasci com orelhas para ouvir que se me diga que eu quero de algum d'elles alguma cousa. Aqui trata-se de Desenganos, e por isso digo que nas doutrinas da revolução, que se não comprehendem n'hum pequeno volume, ha hum longo Capitulo, em que está muito bem expendida a materia = Fidalgos; = he extensissimo o §. que contém os nomes, e epithetos affrontosos, que os malvados revolucionarios lhes dão! Tudo quanto o odio, a aversão, e o desprezo pode suggerir de infame, alli se encontra: são vil, e cobardemente atacados. He menor o odio, que eu conservo aos Pedreiros, do que a Democracia professa á Aristocracia. No §. da existencia dos Fidalgos vejo muito laconismo, he concebido em tom Imperial, e Dictatorio = Não os haja. = Esta Lei não tem nenhuma Epiquéa. *Não os haja*. As doutrinas da revolução, se não perdôão a pergaminhos velhos, a Castellos Gothicos, a tudo quanto se aprende na arte do Brazão, a Commendas, a bens da Corôa, que ellas derrubão, e de Ordens, que ellas não conhecem, como perdoarão aos No-

bres? Fôrão-se as condecorações, os Lugares, as Presidencias, os Commandos, os Privilegios; e não havendo Throno, aonde se hão de chegar? Chamar-se-hão Cidadãos, como começão de chamar em França ao Duque de Orleans = Rei Cidadão. = E a quem ouvimos nós aqui dar este titulo? Ainda me horrorisa pronunciallo no genero feminino! Como todos são iguaes, e não ha Nobreza, ouvirão os povos dizer = o Cidadão carrasco, e o Cidadão magarefe. = No Tribunal da governança da Cidade, onde os Vereadores são Togados, e Conselheiros, era hum Marquez Presidente, e que contava entre seus ascendentes hum dos quarenta Acclamadores de 1640, eu vi com os meus olhos, e todos fôrão com as mãos á cabeça para taparem os ouvidos, hum Taverneiro, e na Procuração da Cidade, hum Cabeça de pão, e essencialmente cabeça revolucionaria, que transformado em Escriptor Trans-Atlantico, como o Çapateiro em Medico, insulta de lá, mais que todos os outros, este mesmo Reino. Isto que fez a revolução, em que fallo, fazem, e faião todas os outras. Desenganem-se os Grandes, que esta he a sorte, que espera a Nobreza, se ella se não transformar em huma muralha de bronze, que mais do que o muro da Tartaria defende o Imperio, defenda o Rei, defenda o povo das incursões dos mais que Tartaros Mações.

As doutrinas da revolução fazem hum ataque directo á Magistratura; mas se ella se houver contaminado, este ataque será para ella huma victoria. Este Corpo tão respeitavel, e sobre cujos hombros péza o que ha de mais attendivel na Sociedade civil, a vida, a honra, e a fazenda; este Corpo, que por suas funções occupa os primeiros assentos, e lugares na Republica, não em o todo, mas em parte, como o provão os Patibulos, e os Presidios, e Fortalezas, deixando-se contaminar em muitos de seus membros da furiosa mania da revolução, parece que promove esta mesma revolução; fallo assim porque são cousas tão públicas como os papeis, que as relatão: quando se descobrem conspirações, ou as infernaes tramas da subversão dos povos, isto he, das revoluções, sem excepção de huma só, sempre lêmos os nomes do Magistrado tal, do Advogado qual, do Ministro este, do Bacharel aquelle, em fim sempre intervem alguns membros da Magistratura; e quantos, quantos com a hypocrisia da Realeza estão com estudados pretextos, entre os Povos, que governão, e Camaras, a que presidem, assoprando as brazas da revolução? Corra-se a Historia d'estas modernas revoluções, ou grandes, ou pequenas, ou geraes, ou particulares, sempre se encontrarão, sem excepção de huma só, duas classes como obrigadas, Medicos,

Jurisconsultos, alta, e baixa Magistratura; a contagião politica abrange com manifesta predilecção estas duas classes, e para adquirirmos este conhecimento, não he preciso viajarmos fóra do nosso paiz. Não se desenganão! Tribunaes, Auditorios, Conselhos, Relações, dentro do espaço de hum riez, ou quando muito dous, em que vem a parar estes corpos tão venerandos, e até necessarios não só para a recta administração da Justiça, porém para esplendor, e magnificencia das Monarquias? São huns Conselhos públicos, e permanentes, huns luminares do Estado, huns Guardas das Leis, huns Arbitros illustrados nos negocios públicos, e particulares. Pois tudo isto se converterá em Cadís da Mourama, que huma palavra nova na Lingua Portugueza, e que nos custa a conhecer se huma das suas syllabas he longa, ou breve = *Juri* = nos annuncia. E quem são estes Cadís, ou estes Juris? São huns homens formados em Direito, e feitos Magistrados pela revolução, porque estes Lycurgos da revolução tem assentado que sendo todos os homens iguaes, seja qualquer que fôr o caso, hum Albardeiro ha de, e deve ser julgado por outro Albardeiro. Nefanda cegueira! Magistrados com Toga, e sobre a Toga huma Capa, applaudem, e querem isto mesmo! Nós fomos testemunhas d'estas scenas ridiculas, com que a revolução insultava, e vilipendiava a dignidade, e magestade do Povo Portuguez! Mas se as doutrinas da revolução não tivessem vingado tanto, que chegassem a contaminar todas as classes, não chegaria o Reino a tanta desventura; porém a Providencia lhe quiz trazer o ultimo desengano, pondo-lhe diante dos olhos o actual espectáculo da França. Tinha o veneno da revolução profundamente derramado nas entranhas; era real a felicidade, de que hia gozando; o Altar, e o Throno promettião alguma estabilidade, e consistencia; prosperavão as Letras, as Artes, a Industria; e até, para se estender a tudo esta prosperidade, a mesma gloria militar em altos feitos de armas, que levárão o nome Francez onde não tinha penetrado por conquista depois dos Portuguezes, quero dizer, aos Potentados da Mauritania Tingitana; mas o veneno das doutrinas revolucionarias era huma occulta mina, que devia rebentar, e deixar tudo debaixo de miserandas ruinas. Pede o tal povo Soberano, isto he, a canalha, já ataviada com a gorra, ou barrete da Liberdade, a cabeça dos Ministros d'Estado postos a ferros por crimes, que ainda se não sabe contra quem os commettêrão, (contra a proscrita Monarquia por certo não; pois para os revolucionarios não podem ser criminosos por mal servir os mesmos que elles destróem, ou expulsão:

contra estes revolucionarios não, porque elles se não havião ainda apossado do Governo.) Lá vão os punhaes bater ás portas da Fortaleza, onde os conservão fechados, lá tornão os punhaes a bater ás portas do Rei, que elles escolhem, e que os não tinha no seu Gabinete por Ministros. Tão monstruoso procedimento he a mais rigorosa definição da palavra *revolução*, e legitima consequencia das doutrinas da revolução. Veremos agora se a Magistratura em França continúa a ter a mesma representação, ou se os Parlamentos com seus Presidentes, o Guarda dos Sellos com suas magestosas, e roçagantes roupas, cedem as altas cadeiras aos bancos rasos do Juri! Isto veremos, e muito mais ainda se as armas da Europa não correm a vingar a injuria dos Thronos, e a quebrar as cadêas preparadas para a escravidão dos povos. Se eu leio bem no meu Reportorio politico, e não me engano no juizo do anno de 1831, parece que se não volverão muitas Luas, que não apparecão Cossacos em Paris, e que mais de hum Platow seu Caudilho, tragão nas pontas das suas lanças as cabeças de dous Banqueiros, e seus corpos destroncados atados ás caudas de seus cavallos. Aquelle braço, que ha pouco á ferrea cadêa, que de Sésto a Abydo fechava o Bósforo, quebrou os fuzis, tambem decepará as cabeças á Hydra, que se revolve no turvo Senna para depois se engorgitar de sangue.

Continuemos na ponderação das fataes doutrinas da revolução. Que queirão a revolução os que d'ella tirão sua vida, não admira; mas que a queirão aquelles, a quem a revolução dá a morte, he hum mysterio indecifravel, porque he huma contradicção em a Natureza. A revolução combate a Religião, isto he, quer abolir o Culto pelo total exterminio dos seus Ministros; este he o voto principal do Maçonismo, e elle o ha cumprindo em primeira, e ultima instancia em 1823; ficavão sem casa para viver, sem pão para se sustentar, sem vestido para se cobrir, e até lhes tirarião hum Deos para adorar, e para servir, pois já o tirárão por hum Decreto, e já o pozerão por outro; deixando os que pedião pão a Deos, que lh'o dava, a pedir unicamente pão aos homens, que lh'o não querem dar. Mas o que obra, e pode a mania revolucionaria! Hum Monge, irmão na profissão d'aquelle, que dizia com muito sentimento aos Portuguezes — Não tendes Pedro?!! — applaude, batendo as palmas, não só a Revolução Franceza, mas a irrupção na Hespanha do Exercito heterogéneo, ou dos Cavalleiros de Mina! Póde haver maior calamidade? Não; porque os Ministros do Culto, que assim se pronuncião, que assim fallão, e que assim obrão, são os peiores entre os mais

emperrados Mações, e desejão ainda mais a ruina do Culto, e a abolição dos Thronos. Que virão a ser estes malvados quando a revolução os arrancar dos Claustros! Converteu-se logo em gritadores das Gallerias, em espiões sacrilegos, victimas da fome, e objectos do odio, e do desprezo público. Tal he o fructo das doutrinas revolucionarias, que depois de corromperem o coração, cégão de todo o entendimento, não digo só sobre os interesses públicos, mas sobre seus mesmos particulares interesses; e quanto maiores são estes, tanto mais profunda, e carregada he a cegueira de seu entendimento. Não me admira muito que hum estouvado mancebo Regular se applauda a si mesmo na presença de huma revolução; o bolicio das paixões n'esta idade he mais fervido, o impetuoso desejo da liberdade não lhe faz vêr senão o presente; para elle não ha previsão do futuro; são como os Touros bravos, forcejão por quebrar as barras do curro, e na liberdade, que buscão, encontrão a morte, que não querem: admiro-me, e sobre maneira me confundo, quando me dizem, apontando com o dedo, aquelle Bispo he hum Liberal.... Que horror! Pois tanto podem as doutrinas da revolução, que até abalão as columnas do Sanctuario? Sim. Sobre este quadro tão escandaloso desejo lançar hum véo obscurissimo. Esta apostasia não tem desculpa, seja qual fôr o ponto, em que se considere a fragilidade da Natureza; n'esta apostasia não ha nem o ordinario e natural temor da morte, porque acontecêo algumas vezes no berço do Christianismo, no meio das sanguinarias perseguições, que alagavão a Terra em sangue, que algum dos Luminares da Igreja se apagasse, isto he, que aterrado com a acerbidade dos tormentos, e aspecto espantoso da morte, lançasse incenso no thuribulo dos Idolos, para se esquivar ao golpe extremo. Isto vírão algumas vezes os primeiros Seculos do Christianismo, porque os homens em todos os Seculos são homens; mas nenhuns Seculos vírão o que em o nosso estamos vendo. Não he o terror da morte, nem o temor dos martyrios, são as doutrinas da revolução as que podião offerecer á nossa vista este escandalo do Mundo, este vilipendio da Religião. Achão-se exarados nos registos dos Pedreiros Livres nomes, por inteiro, dos successores dos Apostolos; e o Instituto Maçonico tem por primeira baze — *Esmagar o Infame* — De que he capaz o coração humano! Nós vimos aqui Decretos, e Projectos de Lei para serem congruados os Ministros do Culto, e para os Bispos havia tambem ordenado certo pago pelo tal Thesouro Nacional. Assim se consideravão como mercenarios os que erão os primeiros Pastores, e estes Pastores

assim o querião dentro em poucos dias, estes Congruados Bispos da revolução nos apparecião pelas portas mendigando hum pão para o sustento d'aquelle dia. E d'este estado de desprezo não haveria hum passo para o acabamento, que era o que por este meio indirecto, mas seguro, se procurava, e se conseguiria, se a Providencia não acodisse, e communicasse a sua Justiça ao Filho do Rei, para acabar com estes malvados, que desmentem a Natureza, que dando aos homens huma irresistivel impulsão para o bem, elles não querem senão o mal. Acabo, e peço aos verdadeiros Portuguezes, que isto lèrem, que attendão com seriedade, e interesse para este discurso. Nos outros pode só escrever a minha penna, mas aqui falla só o meu coração; e se merece alguma contemplação o zèlo, com que os desengano, que não desprezem, nem inutilizem a verdade, com que lhes tenho fallado.

Pedroiços 12 de Novembro de 1830.

LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1830.

POR ORDEM SUPERIOR.

O DESENGANO,

PERIODICO POLITICO, E MORAL:

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

N.° 7.

Salus Populi suprema Lex esto.

Qual he o fim da Revolução.

Repetir os discursos sobre huma materia que parece estar completamente esgotada, assim como he cousa fastidiosa para quem lê, he muito mais difficil, e trabalhosa para quem escreve. Para lêr póde haver paciencia; para compôr, neste caso, he preciso hum esforço de entendimento, e huma fecundidade de idéas, que raras vezes, e a muito poucos costuma dar a Natureza, especialmente quando se trata de dizer cousas grandes em poucas palavras, sendo este o methodo que tenho seguido no que tenho escripto, e publicado. Tenho considerado a revolução em todos aquelles aspectos em que ella se nos offerece, e se póde considerar; pois restão ainda muitos, que eu não omittirei, e entre estes o mais attendivel, e importante, qual he o seu fim, e o seu objecto, isto he — Para que se faz huma revolução? Para que he a applicação de hum dissolvente a hum Corpo, a quem dizem sequer acudir porque se dissolve? He esta huma questão em politica, e em moral, que pede ao homem Filosofo huma resposta. A consideração das causas finaes, em Fysica, e em Metafysica, tem occupado em

todos os seculos os estudos, e o entendimento dos maiores homens, e muitos se tem servido deste caminho para chegarem ao conhecimento da primeira Causa, e provado assim a existencia do Supremo Creador dos Ceos, e da Terra; por este caminho se dirigírão os maiores Filosofos da Grecia, e o maior entre os Romanos Marco Tullio Cicero em seus admiraveis Dialogos sobre a Essencia, ou Natureza Divina, que isto quer dizer o titulo *de Natura Deorum.* — Indagar estas causas finaes em Politica, e Moral, será tambem hum assignalado serviço á humana Sociedade, e o seu resultado hum desengano para todos os Povos.

Existimos no Seculo das Revoluções, e metade deste periodo nos offerece mais Revoluções, que desde a quéda do Imperio Romano nos tem offerecido os outros seculos. E porque se tem feito tantas Revoluções no estado politico, e moral de tantos Imperios, ou no estado das Sociedades Civís em que os homens existem? Todas as creaturas racionaes obrão por amor de algum fim, e pelo indestructivel impulso da Natureza; quando o fim das acções dos homens he mudarem de hum estado para outro estado, sempre aquelle para que se mudão he realmente, ou se representa ser o mais ditoso, o melhor, o mais afortunado, de maneira, que a cousa para que se procura a mudança sempre traz comsigo algum bem, ou real, ou imaginario. Segundo estes principios, tão altamente gravados em nossos corações, que apartar-se delles he offender, ou contradizer a mesma Natureza, podemos perguntar para que fim, desde o anno de 1789, tem apparecido tantas revoluções, isto he, tantas passagens de hum estado até então permanente no governo dos homens juntos em Sociedade? A resposta deve ser conforme aos principios que ficão estabelecidos, não como postulados, mas como axiomas indestructiveis, e innegaveis. Porque he natural aos homens quererem passar de hum estado em que estão para outro que se lhes representa melhor, pois he hum dictame da razão, que morando o homem n'hum edificio que dê signaes de proxima ruina, queira mudar-se, e se mude effectivamente para outro edificio, que descobre mais seguro em seus fundamentos, mais regular em suas accommodações, e mais bem arquitectado em sua construcção, e onde melhor sinta os prazeres da existencia. Impugnar este procedimento he obrar contra a razão. Esta paridade cólhe, e este exemplo convence. A questão não está acabada, e por tanto he preciso, que se considere tambem do lado opposto, e necessariamente se deve concluir, que este quadro pelo inverso contradiz os principios naturaes; porque

mudar-se de hum edificio bem construido para outro informe, e ruinoso, he mostrar-se o homem inimigo de si mesmo, ou que deo em rematado louco, porque quer o que não quer a Natureza, a razão, a justiça, e a mesma experiencia.

Persuado-me que levei este meu raciocinio ao fim em todo o rigor dialectico; mas toda a Escola filosofante deste, e do passado seculo, quero dizer, os Oraculos da Maçonaria se me constituem diante, e me negão o supposto, ou presupposto, que eu deixei sem prova, gritando-me que o summo bem do homem em Sociedade he huma revolução, porque ella tem por unico fim fazer passar o mesmo homem do miseravel estado da escravidão para o da liberdade; da cegueira para a luz; do abatimento para aquella dignidade que lhe he propria entre todas as creaturas como hum ente, cuja caracteristica he o ser racional; e que nesta passagem vão conformes com as vistas da Natureza, *e que por isto o unico e ultimo fim da revolução he a maior, ou maxima ventura social.*

He verdade, e parece que eu assentára gratuitamente a menor do meu argumento, e que negando-me esta, fica invalidada, ou destruida de todo a minha tirada consequencia; mas esta menor do argumento se estabelece e prova, mostrando eu que he experimentalmente falsa a segunda parte do Maçonico Enthymema. Este unico, e ultimo fim da revolução (vou eu demonstrar) he a maior, e unica desventura, e calamidade social. A experiencia está tão proxima a nós, e até nos he tão particular, e domestica, que eu não descubro, nem outra origem, neu outra vertente dos nossos males (ainda são reparaveis) senão esta. A revolução, que já segunda vez soffre a França, e que nós já por duas vezes tambem soffremos, he de hum genero, ou, mais logicamente, de huma especie inteiramente nova, e pouco se tem attendido para esta parte da Filosofia da Historia; eu me lembrarei por tanto de alguma cousa. Parece-nos, por exemplo, huma revolução a encarniçada guerra, que por espaço de quarenta annos sustentárão os Belgas contra o poder colossal da Hespanha, desde o Imperio de Carlos V até o ultimo dos quatro Filippes, reduzidas aquellas sete Provincias, ou Estados independentes, a huma Provincia só do vastissimo Reino de Hespanha, começada a governar pela Infanta Isabel Clara Eugenia. Esta porfiada guerra por tão dilatado periodo de tempo, e maior ainda que o de trinta annos em que o Sueco Gustavo Adolfo trouxe a guerra no centro da Alemanha, foi, ao primeiro aspecto huma escola militar, em que se aperfeiçoárão nesta infausta Sciencia os primeiros Generaes daquelle seculo, como Alexan-

dre Farnesi, Duque de Parma; mas que se transformou em verdadeira guerra de resistencia, ou força repulsiva, quando o caracter feroz e tyrannico do Governador Duque d'Alva, D. Fernando de Toledo, começou a semear desgraças como Nero, e a palliar tyrannias, e oppressões como Tiberio. Tratárão os Belgas de repellir violencias; porque, na verdade, no Mexico, e no Perú não apparecêrão maiores actos de sevicia, e de vingança, quando os Pizarros, os Almagros, e os Cortezes assolárão aquelles innocentes Incolas, e pacificos homens da Natureza, do que se manifestárão, e ainda se conservão nas paginas da Historia, no governo do feroz Duque d'Alva, e menos me horrorisa Antonio de Solis no que me conta na Conquista do Mexico, que o que me retrata Famiano Strada na Historia da guerra Belgica. Resistir á oppressão, e pelejar pela independencia e liberdade agrilhoada, e assoberbada, não he revolução, porque não he revolução querer recobrar o que se tem perdido, e restituir-se ao estado de que arrancárão hum Povo. Eu já mostrei que não fomos rebeldes quando em huma guerra, não de quarenta, mas de vinte e sete annos, sacudimos completamente hum jugo estranho. Os Belgas não mudárão de Lei, nem da primitiva instituição do seu Estado. Assim como se não póde chamar revolução a guerra dos Belgas contra o poder da Hespanha, tambem senão póde chamar revolução a vigorosa resistencia das Provincias Unidas ao espirito Conquistador, ou invasor de Luiz XIV.

A revolução Politica que a França sente, e nós já sentimos, e com que a audacia de desaforados Demagogos ainda nos ameaça, tem outro caracter, outros meios, e outros fins. O seu espirito he subversivo, os seus meios são as usurpações, e os seus fins são hum absoluto captiveiro. Nós, dizem os freneticos regeneradores, não conquistamos, reformamos; se tiramos as Corôas da cabeça dos Reinantes, não he para cingirmos com ellas as nossas frentes, he para constituir o poder nas mãos da verdadeira Soberania, que está em todo o Povo collectivamente. — Assim será, mas se todo o Povo desta sorte he soberano, quem deixará de fóra para ser governado? Oh! que delléga a Soberania nas pessoas dos seus representantes! Sofisma indigno!!! Pois o Povo, que tem poder de delegar em muitos a sua innata Soberania, não tem poder para delegar em hum só? Deos he o auctor, he a fonte unica de toda a Soberania, porque todo o poder he de Deos, e delle vem, ou mais claramente, só Deos he o Poder. Os homens na ordem moral são os instrumentos deste poder, ou desta Soberania. Deos quer a Soberania absoluta na fórma do Go-

verno, porque he a imagem mais expressiva da Divindade. Os homens escolhêrão hum homem, mas não derão a este homem a Soberania. Isto não he subtileza, nem argucia, e não me envergonho de argumentar assim neste seculo, porque em fim ainda os Portuguezes, a quem particularmente me dirijo, não apostatárão do Christianismo. Os Oraculos das Escripturas assim se explicão, quando se trata da elevação ao Throno do Monarca Saul: mandou Deos ao Povo que sorteasse as Tribus, e depois os individuos daquella Tribu que a sorte tinha designado: apparece Saul; está a escolha feita, mas ainda não está dada a Soberania; a unção, e a investidura he determinada immediatamente por Deos, porque Deos he o Unico Poder, ou a Omnipotencia he o seu essencialissimo attributo. Não se me diga, que eu com estes principios queira estabelecer, que o unico governo que exclusivamente deva existir na Terra he o governo Monarquico, digo só que he o mais perfeito. Seja o governo ou de hum, ou de muitos, eu considero em abstracto a Soberania, que só vem do Auctor da Natureza, e não está na essencia do homem, e tudo em meu raciocinio se encaminha a mostrar que he falsissimo, e contradictorio, sofistico, ou quimerico o Dogma revolucionario da Soberania do Povo. Este falso principio he, na Filosofia do Maçonismo, a base principal da revolução, com elle se engana o mesmo Povo, e com elle se prepara, e dispõe para soffrer o pezadissimo jugo de muitos Tyrannos juntos, cujo fim he a ruina, e captiveiro de todos os Povos.

Eu não poderei definir com mais rigorosa exactidão o fim a que se dirige huma revolução, do que Horacio, sem fallar de revoluções, o define em hum só verso:

> *Dirnit, edificat, mutat quadrata rotundis.*
> Deita abaixo; levanta; o que he quadrado,
> Logo apparece em circulos mudado.

Isto diz mais ainda que o pezadissimo *Ferrand* nos quatro secantissimos volumes — *Theoria das Revoluções* — que vem a ser, revolucionar-se methodicamente, falta haver tambem — *Principios Mathematicos de hum Levantamento.* — Nada disto he preciso quando temos ainda aberta a escóla das nossas domesticas desgraças, e dos nossos quasi não reparaveis infortunios. Medicos gratuitos de enfermos que nem se queixão, nem existem, aqui nos apparecem, e nos annuncião huma radical mudança para melhor em nossas Instituições, Leis, e usos, tão abraçados, e tão antigos, como a mesma

Monarquia, e vi eu os Portuguezes divididos descubertamente em duas classes, huma de cumplices, outra de pasmados, e obstupefactos; nestes se divisa o temor da força, porque até os ouvidos lhe estremecem com o estrepito das carretas d'Artilheria; nos outros, o ar de satisfação de hum crime, sem remorsos perpetrado, e sem obstaculos seguido. Que fim trazem estes homens, que já nos tem posto em estado de revolução? O seu fim he a nossa ruina, a nossa pobreza, e a aniquilação da nossa antiga representação; porque o Imperio que elles querem para si, se compõe destes elementos.

Parece-me que expuz com clareza qual seja o fim de huma revolução, mas segundo me tem mostrado a minha observação, e experiencia, ha hum fim accessorio para o qual talvez se haja attendido pouco; eu me explico: a gente mais descarada, e impudente que tem apparecido no Mundo, desde que elle he Mundo, mais insolente, e mais sem vergonha, são os Pedreiros Livres. Apanhados, e maniatados com todas as suas insignias, paramentos, e atavios Maçonicos, que, se os adoptárão como Symbolos significativos, são a cousa mais ridicula que podia inventar hum Arlequim, ou para dançar n'huma corda, ou para bailar n'hum theatro, com estes mesmos atavios, açoitados pelas ruas públicas, expostos ás apupadas, e á irrisão da canalha, e ás maldições dos homens de bem, levados por mão do algoz pelas escadas da forca até á sua sumidade, com as faces da impudencia, e com os olhos da soberba, como se assim tivessem nascido, se apresentão. No supplicio de qualquer réo, muito duro, e empedernido será o coração do espectador, que alli não se esqueça do crime, para se lembrar do homem, porque em fim a Natureza não se desmente, e reclama sempre os seus direitos; mas não succede assim quando se trata de esquartejar hum Pedreiro: não excita a compaixão, augmenta a indignação: para a plebe he huma galhofa, para os homens honrados, sisudos, e pensadores, he huma satisfação da razão, e da justiça. Este attributo do Maçonismo, he communicado pela revolução; querem os Pedreiros, que todos sejão, como elles são = descarados. = E conseguem elles este fim, e vinga nas suas mãos este fructo? Para desengano dos Povos não he preciso o meu discurso, bastão-lhes os seus olhos. Abominanda obra! Considere-se hum Liberal, hum filho mimoso da revolução; quanto nelle apparece tudo clama impudencia, descaramento; no gesto impudencia, nas palavras impudencia, nos vestidos impudencia, no mesmo andamento impudencia, nos discursos impudencia. O desligado, ou dimittido, o preterido, o

arrancado ao emprego no Tribunal da Justiça, da Fazenda, e na Cadeira do Magisterio; o levado ás Fortalezas, o conservado nas Cadêas, todos, todos ficão convertidos em Estatuas de pedra, em Simulacros de bronze; não ha hum sinal de vergonha, mas huma gala do sanbenito. Aperta-os a fome, maltrata-os o desprezo, separa-os da sociedade huma, e muitas grades de ferro, offerecendo-lhes a Costa de Leste os seus deliciosos asylos, nada importa, a cara he a mesma, a audacia he maior, os insultos crescem, e são cada vez mais picantes, e affrontosos. E he possivel que huma tal contaminação viesse fazer taes estragos no meio dos Portuguezes! Nenhuma Nação se mostrava no Mundo de caracter mais seguro, de costumes não só os mais graves, porém os mais austeros, sempre impetuosos na vingança das injurias, não feitas a cada hum delles em particular, mas á Patria, fieis, e attenciosos por natureza, modestos em sua grandeza, e gloria; nunca encarecidos, e ostentadores em suas proezas; grandes, e imperturbaveis em sua adversa fortuna, escravos de sua palavra, amando mais a honra que a vida; emfim hum homem honrado sempre teve em Portugal, não hum synonimo, ou equivalente, mas hum exemplar, ou, o que he mais ainda, huma prova — *Portugal velho.* — Trouxe o Maçonismo a revolução, e de quam poucos se pode dizer — *he Portugal velho!* — Parece de pouco momento este desgraçado fim, que teve a revolução; pois não he assim; para este Reino hum Portuguez degenerado he a maior de todas as nossas desgraças. Os thesouros roubados, e levados a estranhos Paizes; as Colonias as mais extensas, e opulentas perdidas, a Representação Politica quasi acabada por acinte, ou vingança; tudo isto são males muito menores, que hum Portuguez sem vergonha, que professa o liberalismo. Outro fim desastrado he fazer que os Portuguezes perdessem a mutua confiança. Fallamos aos nossos Patricios, aos nossos parentes, aos nossos conjunctos, e não sabemos com quem fallamos. He preciso examinar antecipadamente se he Pedreiro; sem estes conhecimentos não podemos abrir o nosso coração. Depois do infausto dia 6 de Março de 1826 houve mister que o homem honrado se escondesse, e emmudecesse. Então começárão as perseguições no completo triunfo, que pelo maior dos attentados alcançou o Maçonismo. Horrorisa-se a alma quando de tal nos recordâmos. Soffrer a fome, a pobreza, e o desterro voluntario, he tudo isto mais supportavel que soffrer publicamente hum insulto. A impudencia deixou nesta horrorosa revolução cahir a mascara-

Em hum Reino cheio de Leis, de boas Leis, de optimas Leis, que necessidade havia de novas Leis, quando na resenha das existentes se devião escusar muitas? E que se fez com os ocos projectos de novas Leis? Injustiças, e barbaridades. Estes Senhores tão idólatras de Côrtes (que he o que vierão gritando por essas estradas — *tenhamos as nossas Côrtes* —) devião lembrar-se que a condição, em que ficámos depois do dia 6 de Março de 1826, era o caso, que mais imperiosamente bradava pela chamada a Côrtes, porque o enigmatico, e invisivel do Decreto datado do mencionado dia não pode ser considerado como o Testamento d'ElRei, porque assim não fazem os Reis Testamento. Veja-se na Historia Genealogica qual seja a formula de todos elles. Chama-se a Côrtes quando apparece o Unico, e Legitimo Successor, e não se chama a Côrtes quando, sem o esperarmos, se nos prepara hum Rei estrangeiro, e Monarca de hum Imperio independente? Isto só o podia fazer o descaramento da Maçonaria! Os que reconhecêrão, e acclamárão (e assignárão o Assento de 11 de Julho de 1828) ElRei Nosso Senhor Legitimo Monarca destes Reinos, e seus Dominios, não o podião fazer, examinando as Leis primordiaes da Monarquia no caso da Successão? Tanto pôde então a Maçonaria! Deste crime nascêrão todos. Dado este passo, e ouvida a Sentença do Tribunal competente, que erão os Estados do Reino, não se accenderia o facho da guerra civil, e então viria, como tem vindo, e vem o reconhecimento, e não terião principio tantas desventuras, e calamidades; mas o fim daquella revolução, como o era da primeira, era confundir tudo, e converter tudo em ruinas, fazendo do Reino hum cemiterio, e sobre hum throno de ossos, e de caveiras empunhar o Sceptro a furia do Maçonismo. Não se fez, porque então o poder da Força suffocou a voz da razão, o clamor da justiça, e o estimulo de honra, e fidelidade dos verdadeiros Portuguezes.

Aqui chegava, tres horas da tarde do dia 22 de Novembro, quando junto a esta mesa me vem dizer que na Resposta, que dá o Doutor *Outro que tal* ao Bacharel *Não sei quem*, diz aos Portuguezes que se deitem a dormir, que descancem, que nada tem que temer de conspirações, e revoluções.... Eu não li tal papel, mas creio em quem m'o disse, porque ama o Rei, e ama a Nação. Larga resposta tem isto, mas eu vejo que altercações de penna não produzirião mais fructo que a imagem, que vou pôr diante dos olhos, para os arregalar bem, ao tal *Doutor outro que tal*. Devia ser obri-

gado a vir morar em Pedroiços, quando o Cão de Procris faz ouvir os seus primeiros latidos, quero dizer, quando a Canicula começa de fazer sentir os seus ardores. Veria que o primeiro que apparece no sitio, he hum Liberal desligado de hum Corpo; este he o Aposentador mór dos outros, e das outras taes como elle; quando chega esta respeitavel Colonia, os buracos estão alugados, isto he, comprados; antes que vão por ceremonia, e por pretexto metter-se no mar, ha a primeira reunião preparatoria para as assembléas particulares, e para as conferencias secretas; se por acaso vem aqui algum homem de bem, e verdadeiro Portuguez, com elle não se trata, nem se lhe tira o chapéo; a insignia dos Confrades he hum varapáo mais alto que o mais alto delles; ellas tambem trazem a mesma insignia, tem empregos, tem dignidades, até hum correio trazem comsigo, e anda como cão d'agua, com alguma cousa na bôca, atrás delles; juntão-se unicamente com os que aqui ha, e aqui vivem. O ar he soberbo, e insultador; se soltão, ou deslisão hum sorriso, he amargo. Os dias Constitucionaes são celebrados, e guardados com maior escrupulo do que he aquelle com que os Inglezes guardão o Domingo; as suas visitas, ou de longe, ou de perto, são exclusivamente de Confrades. He cousa digna de rizo, se passão seges para as Fortalezas, e levão batedores, não só adiante, mas das ilhargas, e atrás, com medo, creio eu que do vento da Barra, todas as janellas, e todas as portas se fechão; he hum dia de luto, ou noite de temporal. Em quanto aqui está (pouco tempo) hum homem de muita representação, as suas marchas públicas pelas aprazíveis, e pintorescas praias, que merecem os Pinceis de Vernet, não são tão frequentes, nem tão escandalosas. Julgão-se aqui, como elles dizem, nos Estados Unidos, porque fallar, e conspirar he muito á sua vontade; e que remedio lhe ha de dar a triste, e silenciosa Patrulha de tres Soldados de Policia? Se a sentem, dão-se Cartas para o Casino; se dá vinte passos para a frente, ensarilhão-se os baralhos, e torna a Loja a seus trabalhos. E isto não he de recear? Tomára aqui o Doutor talvez que *Outro que tal.* Talvez que não tornasse a aconselhar o sono, e o repouso. Pois todos os dias se descobrem destas, que aqui se observão; e não ha que temer? E que provas dou eu disto para me livrar da nota de calumniador? A mais luminosa, e mais concludente. Ei-la. — Ha muitos annos, que neste sitio me tem ligado a minha horrivel molestia, ainda nenhum delles fallou, nem fallará comigo. Se passão enviusão os olhos, e crescem-lhes as espumas

da colera nos cantos das praguentas bocas. A raiva lhes faz tremer, e abanar a cabeça, o movimento, ainda que convulsivo, he o do ameaço; e parece-me que lhes ouço dizer: «deixa estar, malvado, monstro sanguinario, que o *Ilabaiana* «não anda por cá debalde!! Has de vêr as Camaras, e nós «to diremos!!»

Se todos se mettem a dar conselhos em Politica, e em Policia correccional, eu tambem darei o meu conselho assim como o dão os outros sem lho pedirem. Todos estes, que com especioso pretexto de banhos vem juntar-se, e sempre os mesmos em Pedroiços, devião primeiro ir dar na Intendencia huma segura fiança da sua conducta nos Clubs deste sitio, e todos desde o Aposentador mór até o seu aguadeiro. Então he que eu diria que podiamos sem sobresalto dormir a somno solto, porque elles bem sabem que daqui á Torre de S. Julião he meio caminho andado. Na presença de huma revolução, qual he, e qual pode chegar a ser a revolução Franceza, na presença dos symptomas de huma conspiração universal, rebentando aqui, e alem huma e outra lavareda do abafado, e occulto incendio, pondo nós os pés sobre dolosas cinzas, vendo, como preparatorias para mais, transgredidas as barreiras dos Pyrennéos, mostrando-se hum pouco de Iman para attrahir grandes massas, he possivel que sem espirito maçonico se nos diga que nada temos que recear, e que podemos descançadamente dormir? O caracter de nossos inimigos, a sua pertinacia, ou não desistencia, ouvindo de continuo seus ameaços, e vendo a sofreguidão, com que lanção mão de qualquer pequeno incidente, que pareça favorecer a obra da iniquidade, nos obriga a conservar huma nunca interrompida vigilancia, e a nos conservar como em hum estado de cerco, e, podemos dizer, com a brexa aberta; e para sentinellas não se escolhem Soldados invalidos, cégos, surdos, e mudos. E podemos não recear conspirações, se por toda a parte, e por todos os modos se conspira? Desenganem-se os verdadeiros Portuguezes, será em mim pussilanimidade, até estremeço, quando sem causa pública se me diz — *Dá-se hum jantar;* — e dahi a poucos momentos se torna a dizer — *penetrou o Mina na Hespanha.....* — Pois esse foi o Cozinheiro do jantar, lhe torno eu. Nesta situação tão lastimosa não poderá jámais ser ociosa, ou inutil a vigilancia, nem frustrado o trabalho de desenganar o Povo sobre a espantosa calamidade de huma revolução, para o pôr em guarda contra tão poderoso, e refalsado inimigo. Quem pretende adormecer os Portuguezes, não he amigo dos Portuguezes.

Hoje he dia de noticias, e de reflexões: aqui me apresentão hum pequeno extracto de hum Periodico Inglez, que he o remate de hum discurso de hum Inglez, chamado Fulano *Peel*, em que trata do justissimo reconhecimento da Legitimidade ao Throno na ordem da Successão em ElRei Nosso Senhor. Eu não devo entranhar-me na alta Politica dos Gabinetes, porque não se pode fallar com exactidão daquillo, que claramente se não conhece, ou que factos públicos não comprovão; e quem escreve para o público, e de taes materias, não deve ser temerario. São tantas as provas da justiça com que Sua Magestade subio ao Throno, tão incontestaveis os Direitos da sua Successão, que não seria rigorosamente necessaria a definitiva sentença, nem o tomado assento dos tres Estados do Reino, porque era a unanime acclamação de todo o Povo Portuguez. Estas provas não podião ter replica, e tão claras erão que os mesmos Escriptores estranhos sobre ellas escrevêrão largos volumes em diversas linguas; são vigorosissimos os seus arrezoados: faltava com effeito a ultima, a decisiva, a mais forte, a concludente para ser reconhecido Legitimo, e verdadeiro Rei de Portugal, pelos nossos antigos, e mais fieis alliados, os magnanimos, e generosos Inglezes, Nação grande, e singular, e a mais inclinada aos actos de clemencia, que parece ser o unico fundamento da sua alliança com todos os Povos da Terra.... Somos devedores deste achado da maxima prova ao Senhor *Peel*, porque elle a declarou, e allegou na Camara dos Communs, onde esta nossa decidida Causa se tractava. Eu transcrevo as suas palavras, que levão o convencimento ao fundo do Coração Inglez, e acclarão de todo a nossa intelligencia.

> *Que os interesses dos Subditos Britannicos estavão seriamente prejudicados pela falta do reconhecimento de D. Miguel.*

E conclue com esta terminantissima interrogação.

> *E havia o Governo deste Paiz (a Inglaterra) ainda recusar reconhecello, e permittir que sejão essencialmente prejudicados os interesses dos Subditos Britannicos pela continuada interrupção das nossas relações com Portugal??*

Bem tocado ponto de Direito! Vem agora, ou não vem o reconhecimento! Isso não he das nossas decisões, he

só dos nossos desejos. Nada importa ao Senhor *Peel*, e tem razão, mais que os *interesses* dos Subditos Britannicos; quer isto dizer, ou he só o que nós podemos dizer, se sim, sim; se não, não.

Fim, ainda que fique no meio.

Pedroiços 22 de Novembro de 1830.

Errata essencial.

Na 1.ª pag. do N.° antecedente lin. penultima, onde se lê *Filosofia* lea-se *Filologia*.

LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1830.

Com Licença.

O DESENGANO,

PERIODICO POLITICO, E MORAL:

POR

JOSE AGOSTINHO DE MACEDO

N.º 8.

Salus Populi suprema Lex esto.

Salvo conducto das Revoluções.

A IMPUNIDADE no crime, porque o commettem com a força, he hum dos grandes principios, e huma das grandes esperanças dos revolucionarios; e nestas esperanças procedem elles com alguma coherencia. A Seita está prodigiosamente estendida, e propagada; esta contagião, como mil vezes tenho notado, chega a todas as classes, e a todas as jerarquias, e assim como em toda a parte tem agentes, em toda a parte tem protectores; aquelles servem para a dilatar, estes para a conservar. Se prosperão em suas damnadas tenções, insolencia; se se considerão pouco distantes da forca, misericordia. Se chegão a apoderar-se da magestade governativa, tyrannia; se os colhem com as armas na mão, ou paramentados em permanente sessão, amnistia. Neste circulo se agitão, e nós no centro para recebermos todo o damno que da periferia nos queirão mandar. Esta palavra — Amnistia, assim como se não encontra em nossos Diccionarios velhos, não se devia consentir no uso commum, e nos procedimentos politicos do tempo presente. Esta palavra Grega, he, em quanto ao meu ob-

*

tuso entender, he causa efficiente de maiores males, que a perfida Maçonaria nos tem causado. Pois huma palavra? Sim, Senhores, huma palavra. A impunidade no crime he maior mal ainda que o mesmo crime. A amnistia os facilita, e diz aos revolucionarios, que os commettão. Quando no momento actual ouço proferir a palavra Amnistia, estremeço; nunca se empenhárão tanto os monstros revolucionarios em promover revoluções como agora; o quadro da Europa nos prova esta verdade. Não ha Throno, que as não deva recear, e tambem não deve haver Throno que as não deva supprimir, e suffocar na sua origem, porque se no berço não se atalha, he como hum rio impetuoso, *vires acquirit eundo*. Ganha força em sua mesma carreira, he como a descida dos corpos graves, que augmentão a acceleração na razão inversa do quadrado da distancia, e são tanto mais velozes, quanto mais se aproximão á terra. Aos progressos das revoluções não ha resisteneia; eu creio que o infausto termo — Amnistia — as promove, e as accelera. Tomão assento na alta Côrte os Soberanos Rosa-Cruzes de hum subterraneo Directorio, opinão, e preopinão, e o resultado da nocturna, e diurna sessão he huma cousa, que se chama — *Dilemma* —, e desta guisa argumentão: Ou péga a revolução, ou não péga; se péga, estamos como queremos; se não péga, e nos apanhão, Amnistia; em hum, e outro caso, sempre ficamos bem, a Amnistia nos conserva a vida, e se esta nos he deixada, nós a empregaremos de maneira, que o Throno seja nosso, e as cadêas do Povo. Neste caso, se as revoluções são muitas, he porque tem enforcado poucos. O cumulo das contradicções humanas, he haver Nação na Terra que empenhe o seu poder, e a sua influente superioridade para que outra Nação, que he só pequena pelo mesmo motivo por que hum homem rico fica pobre, porque lhe roubárão o que tinha, conceda Amnistia aos que a procurão expungir de todo da Lista das Nações independentes.

Sendo esta a materia, sobre que neste N.° tinha determinado dar hum desengano á Nação Portugueza, e chegando aqui immerso em minhas idéas, que neste Papel lançava, recebo do Senhor *Joaquim José Pedro Lopes* huma Carta, que nada deixa que desejar na mesma materia, pois enche todas as medidas, e explica este infernal salvo-conducto, em que tantos fallão sem saber nem o que dizem, nem o que querem; desterra o malicioso equivoco tão perfidamente sustentado = *Perdão, e Amnistia* = chamando-se-lhe, ora acto de clemencia, ora acto de justiça, e Amnistia não he nem huma cousa, nem outra; não he de clemencia, porque não perdôa, esquece; não he de justiça, porque não pode ser della, quando

huma Nação inteira he a parte offendida, e não tem perdão, porque he tirar-lhe a sua vida politica.

Ao muito Reverendo Senhor José Agostinho de Macedo.

Meu Amigo, e Senhor. — Em quanto V. mercê com o magisterio de que he capaz vai diffundindo entre o Povo Portuguez as mais solidas doutrinas, e manifestando-lhe para geral desengano as manobras, e astucias da revolução, e ao passo que a Nação se vai profundamente persuadindo, e convencendo das puras verdades que lê; estuda a malicia, e procura astutamente pôr em pratica, novos estratagemas, e ardís de semear a sizania, e inverter tudo quanto o Governo dispõe a bem do paiz, tanto para seu socego interno, como para com gloria terminar os negocios exteriores de modo que não fique embaciado o esplendor da Corôa do nosso caro, e legitimo Soberano o Senhor D. Miguel I, que Deos nos conserve longos, e felizes annos. Agora que estão a ponto de se renovar as relações politicas de Governo a Governo com o da Grã-Bretanha, annunciada já esta proxima conclusão pelo Monarca daquelle Reino ao seu Parlamento em 2 de Novembro, porque appareceo nessa falla a palavra *Amnistia geral* como circumstancia inherente ao termo desta questão, assentárão aqui por Lisboa, e onde mais o tem feito acreditar, os inimigos do nosso bem público, e alguns homens tímidos, arrastados pelo impulso daquelles, e pela propria falta de conhecimentos, que o que se prepara he huma *Amnistia*, ou *esquecimento* dos passados crimes contra ElRei, e contra a Nação, tão extensa, que abranja todos os individuos que desde a feliz chegada d'ElRei a Lisboa até ao instante da publicação dessa Amnistia tiverem levantado o estandarte da rebellião contra o seu legitimo Governo, e afiado os punhaes para os embeberem no seio da Patria, e suffocarem a voz de noventa e nove centessimos dos Portuguezes, que o acclamárão pelo mais sagrado Direito, e com a maior solemnidade possivel, dando ao Mundo hum exemplo raro da dignidade com que se devem respeitar as Leis Fundamentaes do Estado. — Para concorrer pois eu tambem hum pouco para prevenir os incautos, e assustadiços, e como por desenfado de huma longa noite de Novembro, vou submetter á sua douta consideração alguns pensamentos sobre este assumpto, que talvez mereção servir de aresto a algum número proximo do seu excellente, e verdadeiramente patriotico *Desengano*, e entrarei assim com hum pequeno escote para o grande cabedal de erudição com que brilha tão douto Periodico.

A palavra *Amnistia (lex oblivionis*, lei d'esquecimento) todos sabem que he Grega, e que a primeira vez que se acha em uso na historia da Grecia he quando Trasybulo, derrotado Cricias, e os outros trinta Tyrannos, que, postos por Lysandro em Athenas para bem a governarem, se convertêrão em déspotas, e vexadores daquelle Povo, e depois delles os Decemviros, restituido o socego, e terminada a guerra civil, fez a Lei de Amnistia para acabar para sempre as desavenças entre os Cidadãos. Não era Trasybulo hum Rei acclamado pela sua Nação na conformidade de huma Lei Fundamental que estabelecesse a ordem da Successão de huma Monarquia: era hum illustre Cidadão de Athenas, d'onde fugíra para Thebas para escapar aos oppressores da sua Patria, á qual pôde por fim, e a muito custo, dar a liberdade, ficando á testa do Governo. Esta, a primeira *Amnistia* conhecida na Historia, não tem exacta comparação com as chamadas *Amnistias* dos nossos tempos; mas assim mesmo nella temos patente o principio (sendo ella a mais ampla) de que os cabeças da rebellião nunca podem ser envolvidos na *Amnistia geral;* porque Trasybulo só fez aquelle Decreto depois de mortos os trinta tyrannos, e os Decemviros, e com elles muitos dos seus sequazes; milhares de individuos tinhão perecido primeiro que Athenas tivesse recuperado o socego perturbado por aquellas civís discordias.

Precouisa-se a *Amnistia* que dêo Carlos II d'Inglaterra quando se achou restituido ao Throno, de que tantos annos estivera privado pela usurpação de *Cromwel*, o qual fôra como Chefe do Governo Inglez reconhecido pelas outras Nações da Europa, que já com este reconhecimento da usurpação abrírão desgraçado exemplo a outros reconhecimentos iguaes nos nossos dias, que tanto desbonrão a politica do Seculo. Porém que comparação tem o estado em que se achava a Grã-Bretanha depois de tantas guerras Civis, quando ninguem, ou quasi nenhuma porção do Povo Inglez ousava pronunciar o nome do Filho do decapitado Carlos I durante o interregno de doze annos, que comparação tem, digo eu, o estado politico da Inglaterra com o estado politico de Portugal, quando o Senhor D. Miguel chegou á sua Patria, onde em breve se vio por unanime Acclamação saudado Rei, e legitimo Successor de seu Augusto Pai, pois se conhecião bem as Leis Fundamentaes da Monarquia Portugueza, que não admittem Estrangeiros no Throno? (e já o era plenamente seu Augusto Irmão como Imperador do Brasil constituido Estado independente; o que não obstante ser geralmente conhecido, se não dêo por sanccionado senão quando assim o declarárão as Côr-

tes legitimas, e unicas legalmente admissiveis no estabelecimento desta Monarquia). Não ha comparação: desde que Sua Magestade foi acclamado, e jurado Rei em Côrtes com applauso geral da Nação, e completa execução da Lei Fundamental, nunca se vio obrigado a sahir sequer da Capital; reinou, e tem reinado sempre sem interrupção, e sem guerra Civil no Reino. Ora assim mesmo Carlos II, depois de decorrerem tantos annos desde a catástrofe de seu Pai, em que occorrêrão tantos, e tão varios successos, e quando já a geração existente era menos de metade talvez da que commettêra a rebellião, não dêo tão geral amnistia que não fizesse punir com a pena de morte dez dos mais criminosos revolucionarios. E poderia alguem criminallo de inhumano? Poderia caber na bôca de algum Ministro d'Estado estrangeiro o indiscreto, ou disparatado epitheto de *acto de justiça* a hum acto em que aquelle Rei perdoasse, que digo! *esquecesse para sempre* os crimes daquelles cabeças da rebellião! Ousaria Soberano algum exigir, ou intervir para de tal modo inverter todas as ideas da justiça! Ninguem tal fez. Ninguem vedou tão pouco a Luiz XVIII, que, depois de restituido á França, governada tantos annos por hum homem, que a Europa toda reconhecêo Chefe da Nação (e até mesmo a Inglaterra tratou com elle como tal na Paz de Amiens, etc.) deixasse de exceptuar da amnistia geral varios individuos mais escandalosamente réos de atrocissimos crimes commettidos contra o legitimo Soberano. Ney, e outros réos da rebellião de 1815 fôrão punidos de morte; não lhes acudio o Painel da Misericordia dos Filantropicos Pares, e Communs da Grã-Bretanha, nem o seu Ministerio, para lhes obter o salvo-conducto de novos crimes, e rebelliões, isto he, o acto de *justiça e humanidade* de serem escudados com huma *amnistia*, ou esquecimento de suas perfidias.

E seria Portugal, ou a fiel Nação Portugueza, tão infeliz que tivesse de passar pelo jugo destas Forcas Caudinas? Não, nem temos Soberano que o consinta, nem somos Povo capaz de soffrer estranha ingerencia nos nossos domesticos negocios, nem mesmo o Governo Britannico nos quer fazer similhante injuria. O abuso, que nos ultimos tempos se tem feito da palavra *Amnistia* em logar da palavra *Perdão*, ou *Indulto*, he que tem infatuado os criminosos, e intimidado os menos illustrados. O legitimo Soberano pode usar da sua clemencia, da sua humanidade, da sua magnanimidade, e compaixão, perdoando os crimes commettidos contra as Leis, e contra a sua Pessoa, pezando na balança da sua prudencia até que ponto as circumstancias podem permittir, ou mesmo

aconselhar esse acto generosamente humano (e nunca se lhe poderia chamar *acto de justiça*, pois por este acto se *castiga*, e por aquelle se *perdoa*). O acto porém de *amnistia* no rigoroso sentido desta palavra só tem lugar quando se faz hum Tratado de paz entre duas partes, que contendem, e então quer tacita, quer expressamente fica pactuada amnistia, ou esquecimento das mutuas offensas entre os dois contendores, a fim de se extinguirem as desavenças, que os tinhão chamado ao combate. Em Portugal nada disto ha: não ha guerra com o Soberano do Brasil, nem elle propoz, nem podia propôr, por isso que não está em guerra com Portugal, amnistia para os que pugnavão por elle; e nem sequer ousa propôr essa medida esse Governicho dos Piratas encurralado na Terceira, (nem mesmo podião ser attendidos, se o propozessem).

Os rebeldes não podem por tanto contar senão com aquella generosa humanidade, que tão altamente caracterisa El-Rei Nosso Senhor, o qual por certo a não ha de fazer degenerar em injustiça, como pretendem os nossos inimigos, isto he, fazer entrar no seio da grande familia da Nação, e gozar de todos os bens, prerogativas, e empregos, aquelles infames Cabeças e sectarios da revolução, que não tem cessado hum instante de maquinar contra sua Real Pessoa, e contra este Reino, tanto antes como depois da sua exaltação ao Throno, aceitando o Sceptro que as Côrtes declarárão com toda a legalidade lhe pertencia. Essa época he a que huma piedade bem entendida poderia prudentemente marcar para a pretendida amnistia, não porque deixasse de ser gravissimo o crime de rebellião contra Sua Augusta Pessoa em quanto era só apellidado Regente, pois ninguem tinha jus para lhe desobedecer, nem direito para lhe tomar contas, e muito menos para lhe fazer a guerra; mas ainda não estava declarado pelo Congresso Nacional o grande ponto de Direito Patrio que lhe hia ser apresentado e submettido á sua decisão e reconhecimento. Feito este, manifestado á Nação e ao Mundo, jurado e acclamado em Côrtes ElRei Nosso Senhor, que então recebêo da Nação o juramento de preito e homenagem, bem como déra o seu como Rei, todos os novos actos commettidos pelos rebeldes forão novas reincidencias, novos crimes, que não são iguaes, são de superior transcendencia aos que antes disso havião praticado, e que por anteriores poderião ser objecto d'amnistia, e os unicos que como taes se podem subentender nas expressões do discurso d'ElRei da Grã-Bretanha ao Parlamento em 2 deste mez; o que aclarou Mr. Peel na Camara dos Communs quando fallou sobre este objecto, dizendo, que o acto a que se referia era = « hum acto de amnistia

«geral em razão daquelles actos politicos que tinhão sido di-«rigidos contra elle (ElRei N. S.) *while assuming the power «he now possesses*, isto he, ao tempo, ou *em quanto assu-«mia* o poder que actualmente possue.» — He bem certo que Mr. Peel não podia envolver nessa época o tempo depois della decorrido, e figurar-se na imaginação o absurdo de estar ElRei ha dois annos e sete mezes *assumindo* o poder que ora possue da Soberania destes Reinos; e elle bem mostrou não ter tal pensamento quando depois disse: «Tem passado dois «annos e sete mezes *desde a subida de D. Miguel ao Sobe-«rano poder em Portugal*, e os seus Vassallos manifestão an-«nuir á sua posse deste poder.» — Combinem-se estas duas passagens do Discurso de Mr. Peel, e se terá huma clara intelligencia do como os Ministros de Sua Magestade Britannica entendem esse acto *unicamente relativo aos factos anteriores á acclamação* de Sua Magestade em Côrtes, de que data o exercicio de seu Governo como Rei. Logo que sua exaltação foi sabida, o que não podia tardar tres mezes que não fosse constante a todos os Portuguezes na Europa, e Ilhas do Atlantico, todos se devião immediatamente submetter, e esperar o perdão de seus rebeldes e criminosos passos, ou essa amnistia propria da magnanima piedade do seu Soberano. Os que nunca mais pugnárão contra sua legitima Authoridade, nem se ligárão a novas conjurações contra ella, por certo creio poderião ser objecto de *perdão*, ou embora d'*amnistia*.

Não ha exemplo que allegar para, ou de fóra, ou de dentro deste Reino, se pretender mais da innata piedade d'ElRei N. S., e ninguem menos pode interessar-se com razão e exemplo domestico do seu paiz que a Grã-Bretanha, salvo se ella agora pretendesse desmentir-se a si propria, e patentear ao Mundo que o illudia quando por tantas vezes officialmente asseverou ás outras Côrtes da Europa, que não tinha de modo algum intervindo nos factos que desde o fallecimento do Senhor D. João 6.° occorrêrão em Portugal até á chegada de Sua Magestade a Lisboa, e sua exaltação ao Throno. Por certo este desdouro não manchará os Ministros de S. M. Britannica, e elles sabem optimamente que no seu paiz, depois da guerra civil que dêo a Guilherme 3.° o Sceptro que de direito pertencia a Jacob 3.°, denominado o *Pretendente*, não apparecêo similhante acto de *amnestia geral* contra os que tomárão as armas e combatêrão pelo seu *legitimo Rei*, caso que ainda mais pedia esse acto de *humanidade*, que podia alli ter tambem o nome de acto *de justiça*, pois o he perdoar aos que succumbírão na defeza de huma causa *legitima e justa*; mas não assim aos que se armão e pugnão contra o seu

legitimo Rei, contra as Leis da sua Patria, e contra huma Nação toda, dedicada a defender os seus direitos e os do seu Monarca.

Que grandes males não tem os nossos rebeldes espalhados pela Europa causado, excitando com as mais descaradas falsidades, e desmoralisada conducta a indignação dos homens probos? Elles tem causado tambem á Inglaterra hum grande mal; porque unindo-se alli aos radicaes, já por vezes tem concorrido para o Governo Britannico tomar medidas contra taes homens, que não cessão de vituperar ElRei Nosso Senhor, e ainda em cima poem todos os esforços, illusoes, e perfidias em pratica para que os Ministros Britannicos se empenhem em lhes obter huma amnistia daquelle Soberano que os rebeldes não tem querido reconhecer, que incessantemente estão injuriando, e que, regressados que fossem a Patria, havião de obrigar em breve a punillos por novas tramas que nunca cessarião de maquinar contra a Sua Real Pessoa e contra a mesma Patria.

Ora, os maiores réos da rebellião, com poucas excepções, estão fóra de Portugal, e muitos na Ilha Terceira: qual he delles o que não tem de novo, depois da exaltação de Sua Magestade em Junho de 1838, entrado em maquinações horrendas para o desthronar, (e até ainda nos ultimos dias a hydra se tem revolvido e preparado para novos attentados!): qual será! O ex-Marquez de Palmella, os ex-Condes de Villa-Flor, Taipa, etc. etc.! Poderia a amnistia cobrir estes e outros que taes Monstros! E os que tem pago no patibulo, secundarios a elles, deverião perder, como tão justamente sentenciados perdêrão, a vida, ficando perdoados tantos e tão execrandos reos e chefes do mesmo seu atrocissimo delicto? Basta. Quem tal advogasse o menos que provaria era que entrava na perpetração d'essa permanente rebellião em que se conservão os nossos perversos inimigos; e ninguem póde vêr na estranha intercessão por elles mais que hum desejo de acudir por humanidade a esses miseraveis, na persuasão de que elles são capazes de tão grande beneficio; mas não os conhecem; a sinceridade não concebe as miras traidoras da perfidia; a nossa experiencia, e conhecimento dos individuos não se póde fiar, nem se fia delles. Os mesmos que poderião entrar no Indulto, por não constar continuassem a tramar contra ElRei e a Patria, os mais pacificos, e em certo modo inclinados a entrar fielmente em seus deveres, não poderião ser acreditados em quanto o seu comportamento na Patria, onde deverião ser vigiados pela Policia, não nos desse huma garantia segura da boa fé com que se união á grande familia da Nação. Os ou-

tros, mettidos em casa, a minarião em breve de tal modo que custaria grandes sacrificios o sustentalla sem cahir, e ficaria mesmo, apezar da morte dos traidores, em muito maior estrago.

ElRei Nosso Senhor he reconhecido, e só o póde querer ser desse modo, sem condições; o que se tem por legitimo direito, não se deve a favor. O Duque de Wellington no Parlamento positivamente declarou que essa amnistia não era *condição;* logo seria *peditorio*, ou quando muito *conselho* em que se insistia, da parte daquelle Governo, o qual por certo não quer mais que servir de mero medianeiro a favor dos rebeldes, mas sem duvida em termos habeis, e sem aviltar o seu Alliado. A Nação Ingleza foi sempre estimada pela Portugueza; mas depois que alli achárão refugio, e protecção, não do Governo, mas do Radicalismo, os nossos transfugas, he visivel o desgosto que em Portugal se nota de vêr a demora que tem havido em proseguir nas relações diplomaticas daquelle com este Governo; e sobre tudo pasmão todos quando combinão este com o procedimento que se observou com a França. Esta admiração comtudo não faz o mesmo effeito nos Portuguezes mais prudentes e atilados, que sabem muito bem que a Politica dos Gabinetes exige muitas vezes medidas cujos motivos e fins se não podem manifesiar ao publico.

De tudo quanto fica dito devemos conhecer a necessidade de nos não abalançarmos a julgar dos passos dados pelo Governo Britannico relativamente aos objectos que dizem respeito a este Reino, o qual tem hum Soberano e hum Ministerio que sabem manter a dignidade Nacional e da Coroa Portugueza; ElRei N. S. vigia cuidadoso sobre nós, sobre a publica tranquillidade, e conhece melhor que ninguem o ponto a que devem chegar os effeitos de sua Justiça, e os dons da sua Augusta Clemencia; e n'isto podem estar descançados todos os seus fieis Vassallos.

Meu amigo, o discurso alargou-se; elle vai á sua mão, e he quem póde melhor julgar do objecto a que se dirige, e ninguem melhor conhece as intenções deste

Seu cordeal amigo,

J. J. P. L.

S. C. 23 de Novembro de 1830.

Como Appendix a esta erudita Carta, e como remate deste N.° direi mais alguma cousa da minha lavra sobre esta importantissima, e tão transcendente materia, que tanto occupa as conversações, e tanto accende os desejos daquellas viboras, que tanto querem que lhes façamos bem, porque se vão considerando em estado de não nos poderem fazer mal. Não he nada, ou quando muito huma venialidade, haverem como Pedreiros Livres, que são, conspirado sem cessar, nem desistir jámais contra o Rei, e contra a Nação, commettendo os mais horrorosos attentados, que preparárão o funebre dia 6 de Março de 1826, e que sem interrupção seguirão. Não he nada terem mudado a Constituição primordial do Reino, chamando á Successão hum Principe, que tão solemnemente decahio de seus Direitos, renunciando-os, e protestando, até com as armas na mão, que nada mais queria deste Reino. Não he nada accender com este atroz procedimento huma guerra intestina, n'huma sanguinaria perseguição geral por estragos, por mortes, e ruinas, não perdoando nem a sexo, nem a idade, nem a condição alguma, ou classe, das que formão o corpo da Nação, derramando o sangue innocente, calumniando a virtude, e a lealdade, desterrando o homem de bem, arrancando-o do seu Emprego para lhe substituir huma raça de malvados, que empobrecêrão, e dilapidárão o Reino, precipitando-o n'hum abysmo de males, de que só o Braço Omnipotente o poderá salvar. Não he nada as injurias, e affrontas vomitadas pela canalha por elles assolada contra a Pessoa Augusta do unico legitimo Successor do Reino. Não he nada fazer invadir com mais perfidia que a Franceza este infeliz Reino, huma parte do qual tinha emigrado, fugindo á tyrannia por hum Exercito mandado, porque pedido, pelo cabeça dos descontentes, ou revolucionarios de todo o Mundo, que, como elle dizia, lhe estavão unidos para operar hostilmente contra os Portuguezes, que combatião pela legitimidade: não he nada, ter atacado com mão armada este mesmo Reino, fazendo em seus Portos, como barbaros Flibusteiros sanguinarios desembarques, apossando-se com perfidia, e furor Diabolico das Colonias do mesmo Reino, e convertendo huma das suas Ilhas adjacentes em verdadeiro Emporio de Piratas, e Ladrões, para mais desfalcarem, e atenuarem este Reino, assolando, e devastando a mesma Colonia com mais sevicia, e crueldade que os Scytas da Lagôa Meótis se levassem á escala a Ilha de Chypre, ou de Rhodes, commettendo alli attentados que horrorizão a Natureza, e muito mais a Religião, pois naquella malfadada Ilha são já quasi imperceptiveis os vestigios da sua existencia. Não he nada andar de contínuo

solicitando forças estrangeiras, para continuarem na mesma furiosa perseguição, fomentando assim mesmo rebelliões, sustentados em sua mesma maldade, extorquindo dos captivos habitantes, á força de tormentos, como despiedados algozes, os ultimos meios da subsistencia..... Nada disto sejão crimes imperdoaveis, sendo os mais atrozes que se tem commettido no Mundo, sejão perdoados, restituidos, afagados, e por maior que seja a sua malicia, seja maior, porque tal he o Seu Real Coração, a Clemencia do Soberano. Não se póde negar que os seus inauditos crimes não sejão crimes de traição contra o Rei, e contra o Reino, que não sejão de Lesa Magestade Divina, e humana; que não sejão todos Réos de morte pelas Leis de todas as Nações. ainda as mais barbaras, e menos cultas, porque atrocidades similhantes, nunca manchárão a face da terra: e depois de tantos horrores, não se encontrando similhantes em todo o vastissimo Quadro da Historia do Mundo, para cúmulo de maldade, são ingratos; aqui bate de outra sorte o coração, e a alguns podia dizer o Nosso Augusto Soberano aquellas mesmas palavras que disse, já apunhalado, Julio Cesar ao despiedado Bruto junto á Estatua de Pompeo, onde expirava: *Etiam tu, Brute, fili mihi?*— Tambem tu, ó meu filho Bruto!

Estes crimes em nossos dias perpetrados, e por nossos olhos vistos, sejão crimes dignos de perdão, e fique levantado em todos os seculos este Trofeo de Clemencia, para assombro do Mundo, e para lição dos Soberanos. J. C. perdoou no Gólgota aos que *contra elle* commettião não menos que hum Deicidio. Chamão-me os Pedreiros Livres sanguinario; mas eu seria o voluntario, o gostoso Leitor desta Sentença.

A' vista de tudo isto, ha nestes indomaveis Tigres, que por certo são a vergonha, e o insulto da especie humana, hum crime de tanta atrocidade, ou de tal natureza, onde não póde, nem deve chegar a amnistia do mesmo Trasybulo, a que elles tanto se pegão, e tanto se encostão. Todos os crimes tem limites na sua duração, este não os tem. Não está no que elles conjurárão, e conjurão, não está no que elles disserão, nem está no que elles fizerão, e não deixão de fazer; e para não suspender mais os Portuguezes, cujo desengano com tanta ancia busco, este crime está no que elles escrevêrão, imprimírão, e por todo o Mundo espalhárão. E quem poderá assignalar os limites do tempo, e do lugar a este crime? Quem poderá sondar toda a profundidade do abysmo da sua malicia? Hum Garrett, hum Lopes Rocha, e sobre estes monstros, hum Magalhães, commettêrão hum crime infinito, ou ao menos indefinito, em suas consequencias. Hum Li-

vro apparece, e este Livro tem na frente este titulo — *Injusta acclamação de D. Miguel* — Outro Livro se intitula — *Illegalidade, e nullidade do Assento dos Tres Estados do Reino!*.... Estes golpes na vitalidade da Monarquia não tem perdão. Responde-se-lhes, he verdade, mas quem destroe a primeira impressão, e o apoio que offerecêrão aos malvados! Quando terá fim a sua maligna influencia? Devo declarar huma vêrdade; a mim em particular não me satisfazem as respostas que alguns Estrangeiros tem dado a estes partos da vingança, da pertinacia, e da perfidia; porque, por mais que se cancem, por instruidos que sejão estes Estrangeiros, não passão da superficie no conhecimento das nossas cousas, assim como nunca pronuncião correctamente a nossa lingua; muito fazem no que fazem, e no que tem escripto, mas não fazem quanto baste, e quanto era preciso saber para sustentar em sólidos fundamentos a demonstração da Legitimidade. Queimar aquelles Livros pela mão do Algoz, seria huma satisfação da Justiça, mas não era rigorosamente hum remedio de tantos damnos.

Não basta simplesmente provar até a convicção, a legalidade da decisão dos Tres Estados; para os Portuguezes verdadeiros nem isto era preciso; mas convinha por huma vez que tantos homens illustrados, que tem em seu seio a Nação Portugueza, como amantes da Patria, e do Rei, respondessem a estes sofismas destes malvados, pois vejo, que tantos Estrangeiros delles se tem deixado arrastrar. A muitos cega o interesse, e a muitos mais a ignorancia. Haja perdão, mas lembre-se a Clemencia, que as palavras morrem, e os Livros vivem: aquellas são criminosas, e acabárão, estes são criminosissimos, e permanecem. A soberania atacada, e este crime impune na pessoa do amnistiado, he dizer a todos os Thronos que não estão seguros. Concluamos: se a Amnistia he preço, a soberania não he genero; se he condição, a soberania não he contracto: se he imperioso mandamento, nós queremos ser vassallos de hum, e não queremos ser escravos dos outros: e se estes tem muita força, nós temos muita honra. Se alguns mandão Leis a Bengala, nós ainda mandamos Leis a Timor, e a Macáo, que ainda he para lá mais alguma cousa. = *Domine, salvem fac Regem.* = Este he o voto dos verdadeiros Portuguezes, dos homens de bem, e do que com tanta efficacia os defende, e os defenderá nos poucos dias que restão de vida a

José Agostinho de Macedo.

Pedroiços 6 de Dezembro 1830.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1830. *Com Licença.*

O DESENGANO,

PERIODICO POLITICO, E MORAL:

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

N.º 9.

Salus Populi suprema Lex esto.

Pés de lá da Revolução.

ABRIR, ou arrombar huma porta sem fazer estrondo, andar por cima de hum telhado sem quebrar huma telha, ingerir-se no interior de huma casa em mais profundo silencio que hum Cartucho, quando se encaminha para o Côro ás duas horas da noite, mais com escarpins de algodão, que com çapatos de ourelo, he arte maxima de hum ladrão fino, e cadimo. Quando se pinta ao vivo hum ladrão, retrata-se ao natural hum revolucionario. Os mesmos ardís, as mesmas manhas, as mesmas subtilezas, e sobre tudo, os mesmos pés de lã. He preciso roubar, e enganar como hum ladrão; o punhal que lhe ha de servir para varar o coração, he primeiro amolado no rebollo da lisonja, que pelos ouvidos lhe deva adormecer o entendimento; e desgraçado do que escuta os cantos desta Serêa, ou não escuta o estrépito dos pés de lã destes ladrões! Levedar a massa popular he hum dos seus mais seguros, e solidos principios, e que melhor fermento, que procurar de antemão metter na cabeça a este Povo, animal de carga para todo o pezo dos malvados revolucionarios,

*

que elle he essencialmente o Soberano! Esta idéa he electricamente communicada a todas as classes, corre com a rapidez do relampago arruamentos inteiros, e, como o som, simultaneamente chega a todos os ouvidos. Que maior excitante, e estimulante para a innata vaidade dos homens, especialmente para aquelles que se considerão como agrilhoados nas cadêas de huma condição humilde, indigente, e trabalhosa, onde o pão falta, e as miserias sobrão! Em vós está o Poder Soberano, lhes dizem aquelles mesmos que querem ser mais que Déspotas. Póde acaso haver hum veneno mais macîo, mais subtil, e mais capaz de embair estas massas pela maior parte esfomeadas, e todas irreflexivas? Vão os pés de lã seu caminho, e dizem; vós sois Entes racionaes, obras das mãos da Natureza; em si, e em suas obras he ella sempre igual e invariavel, e entre os individuos de huma mesma especie não pode haver differença moral, assim como não ha differença fysica; e crêde, que são vossos Tyrannos os que vos dizem, que he hum absurdo querer desigualdade, onde tudo he similhante: Vós nasceis, vós viveis, vós acabais, como nascem vivem e acabão todos os Entes vossos similhantes. Se he manifesta esta igualdade nos homens, he outro absurdo querer n'huns a superioridade do dominio sobre os outros, porque sendo a liberdade o maior bem, os que a procurão restringir são huns usurpadores. Não queirais, nem consintais que vos despojem deste summo bem.

Estes são os pés de lã, com que estes públicos Salteadores entrão no incauto domicilio do animo do Povo, e este Povo facilmente acredita aquillo, que se lhe pinta no desejo, e muito mais se lhe entranha n'alma aquillo, que lhe vai directamente penetrar o coração. Os raciocinios persuadem a muitos, mas as paixões dominão, e tyrannisão a todos. Lisongear estas paixões no Povo, he carpear mais finamente, e passar por mais miuda carda a lã com que sobresolão os çapatos. O freio mais duro para a bôca do animal racional, he o freio da austera moral do Evangelho: este bocado embrida muito a consciencia, e, em este se tomando, soltão-se, e despedação-se até os mesmos laços sociaes. E como entrão nisto os pés de lã dos salteadores revolucionarios? Como! dizendo, e persuadindo ao Povo, que está austera moral não he hum impulso da mesma Natureza, mas hum invento da malicia dos Tyrannos para agrilhoarem os Povos, e que o Fanatismo ainda exagéra mais esta mesma moral; que os sentimentos naturaes, não se devem violentar, que a corda do arco não deve estar sempre atezada, porque neste estado violento não se conservará, mas estalará, e já que os homens vierão voluntariamente á Sociedade, vivão na Sociedade sem

constrangimento. Com effeito, nós vimos nos infaustos dias da regeneração, que tudo era huma continuada Orgia, e para me explicar de hum modo mais intelligivel, tudo era huma continuada infracção dos mais puros dictames do Evangelho. Este quadro nos offereceo a França, e offerecerá de novo, se o vento do Norte, como espero, e prometto, soprando rijo, não affugentar, e dissipar este negrume. Proscrevêrão a Religião, e com isto proscripta ficava tambem a moral, porque eu não posso desunir esta da pratica da Religião; todas as virtudes dos Aristides, e dos Fociões, dos Catões, e dos Marcos Aurelios, nada valem se as compararmos com o mais leve preceito da Caridade Christã. A virtude que insinuavão ao Povo, ainda que nunca se calem com a palavra = filantropia =, he a satisfação das proprias paixões, e as miras do particular interesse: mais ainda fizerão, apianando a voz, e afofando a lã dos calcanhares, persuadirão o Povo, que a palavra *obediencia*, era huma degradação da dignidade humana, porque então não sería próvida a Natureza em nos fazer a todos iguaes; livre o Povo deste jugo, nem obedece á Lei revelada pelo mesmo Deos, nem aos gritos da consciencia, nem á vontade expressa dos Soberanos; e temos neste caso feita a vontade ao Sofista de Genebra, que era constituir os homens no estado insocial, ou quando muito na companhia dos Ursos, e das Panthéras. Com estes insinuantes principios de que não será capaz a humana Creatura! Qualquer revolução lhe parecerá hum passo indifferente. Tudo roubão aos homens estes salteadores; os pés de lã com que entrão, fazem que não sejão sentidos senão pelos posteriores estragos das revoluções que se lhes preparão.

Se destes principios vagos tão arteiramente espalhados, insinuados, e introduzidos na indiscreta massa do Povo, vamos considerar os passos subtilissimos, que com seus mesmos pés de lã os revolucionarios sabem dar em suas promessas, maior desengano podemos dar ao Povo sacrificado sempre á frenetica ambição destes monstros. Sendo vós, dizem elles, iguaes por natureza, e não havendo distincção de homem a homem, os cargos, os empregos, os lugares distinctos, e lucrativos, serão unicamente dados ao merecimento: acabaráõ de huma vez para sempre, como huma preoccupação da ignorancia, e da soberba, serviços feitos pelos antepassados; assim como o sangue tem só huma côr, este sangue he em todos o mesmo, e assim como não varía o accidente, tambem he invariavel a substancia. No individuo que se apresenta não se considerará, se he nobre, se he plebeo, sómente se terá em vista o ser de homem, porque em nosso Celestial Systema sabemos distinguir com justiça os enga-

nos da opinião das dotes da Natureza; se estes sobresahem, nenhuma outra chave poderá abrir a porta aos Cargos mais eminentes da Republica. Nós nivelaremos, quanto poder ser, as fortunas dos Cidadãos, para que a huns não deslumbre a opulencia, nem a outros abata a indigencia, e a miseria: não terá a soberba hum pretexto para desprezar o pobre; este mesmo, se servir, servirá com dignidade ao rico, porque, se ha differença nos haveres, não haverá differença no caracter. Não hirá hum governar a India, porque seu avô a governára, hirá, porque lhe dêo este talento a Natureza. Nós só ambicionamos hum tisulo, que vem a ser o de Desterradores de preoccupações, e Salvadores da Patria..... Mas a sua hypocrisia não he tão embuçada, e funda, que não possamos lêr por baixo destas Inscripções outros mais salientes letreiros, que vem a ser — Ladrões com pés de lã, e Salteadores sem vergonha, porque nós bem vimos bater na bigorna de hum Ferreiro o escudo de huma — Excellencia — convertendo-se a tenaz de huma immunda fragua em hum Sceptro de despotica dominação; e o punho de hum cróque na inflexivel vara da suprema Justiça. — Nós simplificaremos de tal maneira os processos do foro contencioso, que se não precise para dar a cada hum o que he seu, e o que lhe pertence, mais do que huma pequena casa, em que o réo, e autor se ajuntem, cada hum diga o que quizer; se o réo fôr dos nossos amigos, fique absolvido, ainda que seja hum ladrão com o furto nas mãos, ou hum assassino com o punhal gotejando sangue, e o autor com dous costaes de provas, que o justifiquem, condemnado. Nós não temos senão proprietarios insolentes, e colonos miseraveis, e escravos, tendo nas palmas das mãos o sangue que cospem; pois nós faremos taes Leis agrarias, que os Concelhos não sejão senhores de hum palmo de terra de hum baldio, e á régua, e compasso faremos com tanto escrupulo a divisão das terras, que nenhum Cidadão inque com mais huma sesma de terreno do que outro Cidadão, ainda que diga hum, que não quer trabalhar na fazenda do outro, porque este outro não tem mais do que elle, e quando os Exercitos Nacionaes vierem do Campo da honra entramalhetados de louros, e carregados de troféos, ganhados aos vilissimos, e cobardes servís, tirar-se-ha a cada Cidadão da sua partilha huma, ou duas geiras de terra, para se dar ao Soldado victorioso, e benemerito da Patria pela haver alagado de sangue desses brutos ferozes, que querem hum Rei, huma Lei, huma Religião.

E vós, que pareceis humas formigas da terra, huns átomos vivos, mas impalpaveis, quereis subir áquelle fastigio de altura, e de grandeza, a que hum mortal pode chegar no Mundo, pois

tira Reis, e põe Reis, concedendo-lhe ao menos hum, ou dous dos quatro poderes, em que nós dividimos o unico que até agora se conhecia, e exercitava, que he ser Deputado em Côrtes, e fazer gemer, e ranger hum estofado sofá, dilatando as bochechas para assoprar Projectos de Leis, que ponhão a direito os negocios humanos? Pois isso pende só das nossas Listas, e dos nossos fieis Emissarios por todas as Cidades, Villas, e Aldèas; entrareis todos n'hum Salão chamado Augusto, e formareis hum Congresso, a quem os mesmos Reis chamarão Soberano; em vossa passagem se abaterão as Bandeiras, e as Caixas retumbarão com as pancadas de marcha grave: o Povo vos pagará hum tributo diario, tereis as barrigas impando de alimento, e as cabeças de grandes fumaças, ainda que muitas vezes ao desmanchar da feira não sejão inviolaveis ás pedradas, nem os vossos ouvidos ás apupadas. — Tudo o que levo dito he embutido com taes pés de lã, com tanta doçura, e infantil ingenuidade, que dalli a huma revolução não falta mais que repartir o vinho, para que molhada assim a palavra, que se ha de pedir, e dar, se levante o grito, como acabão de fazer em França dous Banqueiros, e vinte Sanseculotes mais esfarrapados que a canalha, e mais descarados que hum Pedreiro, que já tenha sido amnistiado.

A estas alliciações, e a estas já tão rebatidas illusões chamo eu os pés de lã da revolução, e creio que me não aparto da verdade, se os Portuguezes, para seu desengano, se lembrarem do dia 24 de Agosto. E depois disto restará ainda mais algum vélo de lã, com que os revolucionarios calcem os pés para entrarem sem se sentir no sempre preparado labyrintho da revolução, que parece descançar apparentemente alguns momentos para depois correr com maior impeto, e velocidade? Sim, ainda resta, e tão subtil, fina, e delgada, que até a mim mesmo me havia escapado, e até áquelle momento, em que apparecêo *Outro que tal* respondendo a *Não sei quem.* — Sobre isto he preciso dar ao Povo Portuguez hum muito claro, e muito sério desengano. O veneno he tanto mais para temer, quanto mais se propina disfarçado, e dissimulado. Fallarei com mais acrimonia, mas acrimonia filha daquelle zêlo, que me tem devorado pela felicidade, e pela honra dos Portuguezes. Queixem-se da afouteza, que tem em descer á liça para provocar hum combate, em que talvez se enganem com o lutador. Neste jogo revolucionario restava huma carta para jogar, a que elles chamão o Trunfo, e vem a ser, depois da falsidade, a fatuidade das promessas, com que allucinão o Povo, exaltando-lhe as paixões, e dilatando-lhe as esperanças; nas suas mãos, como sabemos, se não pode o punhal descoberto, pode o veneno occulto. Huma fatal experiencia nos

tem mostrado, e vai mostrando, que existe espalhado por todo este Globo, que habitamos, hum volcão revolucionario; de grandes erupções parciaes temos nós sido testemunhas, e tambem victimas, estas erupções parciaes tem alguns intervallos, mas não se extinguem de todo, signal de que ha materia inflammavel, e com isto podemos recear que huma combustão geral venha trazer na Ordem Politica o mesmo parocismo, que na Ordem Fysica deve trazer ao Mundo a ultima, e geral conflagração. Fallemos sem figuras, porque devendo ser claro o Desengano, nos dispensa de imagens Rhetoricas. No Mundo existe a Veneranda Ordem, ou infernal Associação Maçonica? Sim. Logo existe no Mundo huma geral, e não interrompida conspiração contra Deos, e contra os Reis, ou mais claro ainda, contra a Religião, e contra os Povos; contra a Religião para a abolirem, contra os Povos para os agrilhoarem, e roubarem. Quem duvidará responder-me affirmativamente á pergunta, que lhe vou fazer! Existem, ou não existem em Portugal Pedreiros Livres? Nem o mais descarado delles, ou outro que tal como elles, poderá dizer que não. Nós podiamos todos os dias, e a todas as horas vêr huma corda, ou huma leva delles de mitra, e avental; se assim os quizessem engrazar na infiada, que se chama galé, ou grilheta, alli podiamos vêr, porque a variedade agrada, como a das flores n'hum risonho prado, desde o estupidissimo caixeiro, até os mais distinctos, altissimos Financeiros; desde o mais pingado Sacristão, até o mais gordo, e preguiçoso Cura (ainda que as portas estejão abertas, não he tempo agora de entrar pelas portas alheias;) ha pois Pedreiros, e se os não houvesse, escusados erão estes Desenganos; logo, pela força, e pelo fim do seu Instituto, deve haver, e realmente ha conspirações, e nada ha tão terrivel, e tão temivel como as conspirações revolucionarias. Quando esses chamados semi-diplomatas, ou chamados Consules, que por esse Mediterraneo estão espalhados desde as bôcas do Estreito até Alepo e Alexandria, vêem brotar naquellas abençoadas terras algum viçoso ramo de peste, correm, e voão as participações, e os avisos para todas as Praças, e Trapiches do Occidente, e do Aguião; e de repente tudo se põe em movimento, e acção; os Lazaretos trabalhão, os portos são vigiados, as providencias tomadas, as cautelas promptas, os agentes da saude não dormem, os fardos, e pacotes de fazenda apalpados, e muitas vezes empalmados; o mais leve descuido, a imprudencia ou venalidade de hum Guarda, pode assolar Reinos, e Provincias, interrompem-se as communicações, pára o Commercio!!!! O commercio! Os mesmos Periodicos, genero importantissimo, e da primeira, e indis-

pensavel necessidade, apparecem, porque se não apparecessem ficaria sem luz o Mundo; e as mesmas Gazetas, como costumão, sem chorume algum a que se possa pegar o mais imperceptivel miasma, se nos mostrão de escabéxe, golpeadas, e com molho de vinagre, como eu as tenho visto; e isto para que? Para que o contagio se não propague e communique. Que diriamos de hum homem, que se deitasse a dormir e se descuidasse de se pôr a salvo, se soubesse que nas suas vizinhanças se estabelecia hum Aduar de Mouros, ou Guéto de Judeos contagiados? E se nós vissemos a cada instante cahir como tordos Judeos ás duzias, e Mouros aos quarteirões, e nos viesse dizer hum *Supposto*, ou Agente da Policia Medica, tão cuidadosa do nosso bem estar, que até nos prohibio as frituras ázimas, e a louça vidrada, que nada tinhamos que temer, nem recear da proximidade do contagio, e que era tal o nosso *brio*, que nem a propria peste se atreveria a entrar, e aboletar-se em nossos corpos? Que resposta se poderia dar a isto, que não fosse darmos nós completo cabo, com vigorosas arrochadas, do canastro daquella negra, e agoureira ave, antes que a peste nos desse igual cabo do nosso?

Entremos na questão, que o caso não he para gracejos, que o caso que vamos a tratar he muito serio, e o mais serio de todos. Quem tem poder de dizer ao mar = Aqui chegarás, d'aqui não passarás, e aqui só para recuarem se quebraráõ as tuas encapelladas, e soberbas ondas! = Só Deos o póde fazer, e nenhuma creatura o fez até agora. Quem poderá suspender a torrente de huma Revolução, que impetuosamente se despenha do alto de huma montanha fragosa, e alcantilada, e fazer que não alague as campinas circumvizinhas, levando comsigo povoações inteiras? Vejão os Portuguezes, a quem o meu coração, e não a minha penna, está fallando, —

Che amor che apena è nato
Già grande vóla, e già trionfa armato.

Diz o incomparavel Tasso de huma paixão, que desapparece, apenas apparecem duas rugas, ou gelhas em huma cara talvez que composta, e arrebicada: vejão os Portuguezes como, apenas rebenta a plebéa Revolução Franceza, as planicies da Belgica se alagão, como se seus Diques se tivessem rompido; e não poderá isto acontecer em outras Provincias, estando as chaves das torneiras nas mãos perfidas dos Magões desalmados? Passou a primeira Revolução os Alpes, passou a primeira Revolução os Pyrennéos; e acaso levantárão-se mais estas montanhas, ou estes

Andes Europeos, que se tornassem intransgrediveis? A aprehensão das suas consequencias basta, não se havendo ainda disparado hum tiro, para que além do Wolga, e do Boristhenes se comecem a reunir aquellas grandes massas, que só imaginadas assustão, e que, apenas se movem, vencem. Quantos rios de sangue correrão, e quantos milhões de homens acabárão, não para se extinguir, mas para se suspender a primeira torrente!! E tomara que me dissessem se a primeira Revolução teve hum exordio mais medonho, e assustador que esta segunda! Se a hida a Versalhes, e a tornada de Neker para a *pasta das Finanças* teve hum aspecto mais assustador do que teve este motim popular, ou este assopro da canalha! Oh! porque então começavão os Pedreiros, e agora estão cançados! Isso he não conhecer nem Pedreiros, nem Francezes, nem huma alma sem fé, nem hum coração sem moral. Não he preciso, que elles sejão invadidos do espirito de conquista, a propaganda estende-se até aos fins da Terra; basta que o exemplo exista, e que a esperança do apoio prevaleça. O fosso do Occano não he mui facil de cegar, nem são de facil accesso as Dunas da Grã-Bretanha; vejão os effeitos do contacto n'essas revoltas populares, ou d'esse fermento do radicalismo, que não deixa, ou surda, ou descobertamente de levedar a massa.... A mão se me torna seca, e árida de temor e de pavor, quando me vejo precisado a fallar de Inglaterra, ainda que tenha á vista seus authenticos papeis; como sou de mui curto entendimento, e acanhada comprehensão, não sei se se escandalisaria, ainda que eu fallasse de factos públicos, como v. g. de Luiz Filippe reconhecido, e Carlos Decimo excluido; nada disto, lá se avenhão; não quero ser Autor de Jurisprudencia nova, em que os Pupillos tenhão acção contra os seus Tutores. Sempre digo, que o que foi em França, pode ir em Inglaterra. O vinho póde muito em París, tambem a cerveja póde valer em Londres.

Mas para que estou eu açoitando o vento, e excitando idéas aterradoras? Quem me disse a mim, ou me podia dizer, que nada he a revolução Franceza, que nada temos que temer, e que recear, e que são inuteis todas as cautellas, todas as prevenções, todas as medidas que se queirão tomar? Quem me veio cá dizer, que o brio dos Portuguezes, que lhes chegou agora de novo da Ilha Terceira, porque já tinhão pouco, ou estava de todo gasto em 1820, e 1826, bastava, e sobejava para levantar huma barreira insuperavel contra a revolução Franceza?

Não fui eu, que levantei isto da minha cabeça, nem este receio podia nascer da minha natural pusillanimidade; quem me manda dormir a somno solto, dizendo-nos que nada temos que

recear da Revolução Franceza, foi hum homem tão amigo dos Portuguezes, que, esquecido do seu nome de baptismo, e profissão, só quer ser conhecido por *Amigo dos Portuguezes*, e bem o mostra pelos conselhos de amigo que dá aos Portuguezes. Assim o vejo a pag. 15 § ultimo, linha 3.ª Quem cita, deve trasladar. — João Jacques parece estar alli reproduzido, porque não se mostrou mais eloquente no Paradoxo em que sustentou a inutilidade das Sciencias; veja-se a estupenda obra da — *Resposta á Carta* 1.ª *de não sei quem* —

> *Eis-aqui, Senhor Incognito, huma rapida indicação dos motivos em que me fundo para assegurar-lhe que nada temos a recear em Portugal d'esse novo Contagio Francez. E para que não pareça que eu brinco de mais, e desprezo os perigos, protesto fazer vêr Discursos de varios Periodicos estrangeiros, que ridiculisão, e combatem, mesmo dentro em París, com o maior desengano, e ufania, essa nova Revolução Franceza.*

Dizem-me que este homem, tão sacrificado ao amor, e amizade dos Portuguezes, que todo se desfaz em proveitosos conselhos, procurando-lhes todos os meios de sua ventura, e segurança, he hum Doutor daquelles que chamão de Capêllo, que vem a ser Doutores inteiros. Que bem assentada Borla em tal cabeça!! Tomemos outro tom. Mandar sentar hum homem na crista do Vesuvio quando a detonação da montanha mais pavorosamente se escuta, e huma, e outra columna de negro fumo topéta já com as mais altas nuvens, e quando as pálidas, ou sulfureas lavaredas começão de rebentar, e de alargar mais a cratéra, e dizer a este homem, que esteja sem susto, e sem pavor, que o seu terror he panico, que na verdade aquillo que élle está ouvindo, e vendo he huma erupção do Vesuvio, mas que nada tem que temer, e recear, e que póde estar seguro, que ainda que a montanha cáia a pedaços, elle ficará sentado com segurança na cadeira em que permanece!... Visto este conselho, se lhe poderá chamar o heroismo da amizade. Este conselho deve estribar-se em razões sólidas, e com tanta força, que possão destruir a mesma experiencia. Este amigo, que tanto o mostra ser dos Portuguezes, que pode nos dizer que a amizade de Jónathas e David era só hum ligeiro cumprimento, como he muito dotado de razão, prudencia, e previsão, e sabe, por que he Doutor de Capêllo, que cousa seja fundamentar huma proposição, não nos deixa na esperança de provas, pois logo as allega:

Prometto fazer vêr Discursos de varios Periodicos Estrangeiros, que ridiculisão, e combatem, mesmo dentro em París, com o maior desengano, e ufania, essa nova Revolução Franceza.

Eu não posso saber nem comprehender quem seja este amigo dos Portuguezes! Não sei quem seja; o que sei he, que não ha quem o entenda; parece que conta demasiadamente com o —*brio*— Nacional, fazendo da Nação tão manifesta zombaria. Quando começa a sua resposta á carta de não sei quem, não ha praga que não rogue aos Periodicos estrangeiros, não ha nome afrontoso que lhes não chame, mentirosos, aleivosos, destampados, amotinadores etc. etc. etc. No fim da mesma resposta, para provar que nada temos que recear do contagio da Revolução, vai buscar a prova desta verdade á fonte destes mesmos Periodicos Estrangeiros, a quem acaba de chamar pais, e filhos da mentira!! Isto he fazer mófa dos Portuguezes, ou não se lembrar do que escreve acabando de o escrever. Parece que não he homem da sociedade, que não conhece os homens, que não tem uso do Mundo, que he algum Monge que veio pela primeira vez ao povoado das solidões da Thebaida, dos ermos da Nitria, das Cavernas de Sublaco, das espessuras de Cassino! Homem de tanta virtude, tanta simplicidade, e boa fé, que acredita os Periodicos estrangeiros, *mesmo dentro em París*, e quer provar aos Portuguezes com estes infalliveis textos, que a actual Revolução Franceza, que quer converter a Europa em Republicas Federativas, he cousa nenhuma, he hum producto da industria ou Quinquilharia Franceza. Se nada he, se nenhuma funesta influencia póde ter no *brio* Portuguez, se a contagião revolucionaria não se póde communicar, como se communicou a este Reino em 1820, estando a materia disposta, e tantos animos promptos, e até esperançados, que parece, que não cabem em si de alegria desde que se rompêo neste Reino a infausta nova da presente Revolução Franceza, então deixe-os ser felizes com o seu erro, porque he erro que não tem má consequencia, e para os não descontentar, não lhes chame tôlos á bôca cheia, como se lê em quasi todos os §§. do fim de tão judicioso, e urbano escripto. — Fidalgos, Militares, Negociantes, Desembargadores, Frades, Clerigos, e todos os Clerigos a eito, e a esmo sem exceptuar hum só! Todos tôlos! Filhos de S. Pedro, menor injuria pessoal fez Malco a vosso pai, por que esse Quadrilheiro da Policia de Anaz, ou de Caifaz, não trazia mais que huma Lanterna, e vosso pai lhe atirou tal gilvaz com a catana, que o deixou sem huma orelha. E não seria justo,

que viesse S. Pedro, sobre o Politico escriptor, que considerando-vos em massa vos chama tôlos a todos? Tôlos não erão elles, serião outra cousa, porque sendo as Revoluções verdadeiramente aguas envoltas, não forão poucos os que em 1820, e 1826 pescárão peixe grosso, e do alto, e para qualquer Revolução elles conservão os mesmos anzoes, e as mesmas linhas, e, o que faz morrer mais peixe, a mesma vergonha. Quantas Mitras cahirão do salão, que fôrão pousar nas cabeças que nós conhecemos, e ainda dellas não escorregárão? Cesteiro que faz hum cesto, faz hum cento; e se o contagio Francez pegasse, *Quod Deus avertat*, iguaes afilhados não acharião os mesmos padrinhos? Os mesmos Becas a quem este escriptor chama tôlos, e mais que tôlos, como lêmos nos ultimos §§., não passarião de Becas simples a Becas com capas? Alguns passárão da muito simples casaca a esta senatoria, e magestosa insignia; pois este salto, não he de tôlos. Tambem chama tôlos aos Fidalgos, que quizessem e esperassem alguma cousa da Revolução, dando-lhes hum sutaque que eu não esperava a respeito da criminosissima Revolução de 1826 (paginas 13, §. 2.º) — Diz pois dos Fidalgos nesta de 26, estas memorandas palavras = *Que lhes dêo com mel pelos beiços, e que tanto os enfeitou, havia de raparlhes as pelles, e ossos.* = Oh! se eu escrevesse isto, logo, logo em cima de mim cahia o Carmo, e para fazer mais pezo cahiria a *Trindade*. Vamos nós, e venhamos, o Reis-Effendi não põe aos hombros huma Pelissa de Martas Zibelinas de mais preço, e mais anchuda do que essas que por ahi apparecêrão, e de que eu muito gostei, porque segundo o meu genio, que gosta de desfórras, me parecêo aquillo hum aciute, huma revindicta, ou huma cousa que se chama — *Por isso mesmo.* — Os da primeira salsada se vestírão de parda, grosseira, e melancolica saragoça; erão Frades Capuchos de Fraque económico; justo era que os da segunda, apparecessem com hum luxo mais que Asiatico, e sem pôrem mais hum bróche no chapéo, ou hum martinete de brilhantes na carapuça, sentarem-se no Divan! Deixemos isto, mas eu não esperava tal sutaque: a Nobreza empellicada, ou por empellicar, deve ser para os Portuguezes, que querem ser Portuguezes velhos, hum objecto de sincero respeito, qual eu consagro a muitos (e não poucos) pelo que elles fazem, e seus Avós fizerão. Mas como me não sei torcer, sempre digo, que se a ira de Deos desfechasse sobre nós os raios da sua vingança, o que não podemos esperar da sua misericordia, que aproximasse de nós o infernal contagio Francez, *o brio* do nosso animador, e adormecedor, ficava frustrado; se muitos andão pelas Ilhas, outros tantos por cá vestião as pelles. — Ah!

Portuguezes de tão nobre sangue, não o mancheis, tomai o conselho que vos dão huns cabellos brancos, e Portuguezes, de mais de 65 annos..... Se outra vez vos obrigarem a vestir as Pelles, vesti antes a Mortalha! Morrei com honra, e não vivais com infamia. Diga a Posteridade — Forão victimas de huns Tyrannos; não forão escravos de huns patifes. Que homem vos diz isto? He hum homem, que sendo feito Deputado ás Côrtes de 1822, ainda não abrio o seu Diploma, o qual ainda está com as mesmas obreas hoje 13 de Dezembro de 1830.

José Agostinho de Macedo.

LISBOA

NA IMPRESSÃO REGIA. 1830.

Com Licença.

O DESENGANO,

PERIODICO POLITICO, E MORAL:

POR

JOSE AGOSTINHO DE MACEDO.

N.º 10.

Salus Populi suprema Lex esto.

Insolencia da Revolução.

COMBATER os Pedreiros Livres, isto he, os inimigos de Deos, e do genero humano, he cousa muito necessaria, e ao mesmo tempo he cousa que se tem tornado por extremo difficultosa: eu desejava que se exterminassem, como se exterminárão os Lobos em Inglaterra, isto he, que se matassem todos n'huma só montaria: em Inglaterra não houve mais Lobos, porque como era cousa, que comia, e não rendia, nem entrava no calculo dos interesses dos subditos Britanicos, ninguem quiz (por especulação mercantil), ninguem quiz levar para lá hum casal destas boas prêas, basta que de lá saião. Não haja, com este remedio, Lobos em Portugal. He verdade que a minguada população do Reino de que tanto se queixão, ficaria como depois do S. Miguel huma vinha vindimada, cacho aqui, bago acolá, porque o rabisco levava tudo, e a seára he *immensa!* A idéa de montaria, he com effeito original! Veriamos cahir á bala, o que vírão os Judeos no Deserto, nuvens, e nuvens de Codornizes cahir dos ares para saciar a sua fome, nuvens de Pedreiros em terra para satisfazer o nosso desejo, e saciar o nosso appetite. E que

fazem os Pedreiros, virão gritar-me os foragidos Filantrópos em Inglaterra, para nos havermos assim com elles! O que elles tem feito, e nos querem fazer a nós. Que fazem os Lobos! Matão, roubão, fogem; perturba-se, põe-se em sobresalto huma Aldèa, escondem-se os gados, e por todas as partes se ouvem alaridos, tudo he confusão, e tudo he espanto. Isto que causão os Lobos n'huma Aldèa pacifica, e tranquilla, causão os Pedreiros em hum Reino por muitos seculos existente, farto, rico, abastado, em plenissimo socego, e liberdade, contente com seus Monarcas, satisfeito, e ditoso com suas Leis, opulento com suas Colonias, e Conquistas, respeitado por seu poder, admirado por seus costumes, invejado por sua representação, applaudido por suas Letras, e protegido do Ceo pela sua nunca contaminada, ou profanada Religião. Vem os Lobos voracissimos, isto he, sahem das embrenhadas Cavernas os Pedreiros; miseravel Reino! ficas Aldèa assaltada dos Lobos. Tudo o que eras se foi, nem podes ser aquillo mesmo que elles querem que tu sejas. Querem que tu chames Pais da Patria, e della benemeritos a huns Ladrões desalmados, e petulantes, que te promettem riquezas, e te deixão sem camisa: liberdade, e te atão com pezados grilhões ao banco de huma Galé: que te annuncião hum Imperio da Lei, e te degradão até á condição de hum vilissimo escravo: que te embalão com estabilidade, e representação, e jogão comtigo a pélla: que te affiança a posse, e fruição segura dos teus bens, e te arrancão do seio da tua familia, e do gremio da tua Patria para longes terras, e barbaros climas: que adormecem com a promessa de Leis conformes aos justos dictames da Natureza, e te vão arrastrando á carroça triunfal de seu soberbo arbitrio, e nascendo tu Portuguez ingenuo, e livre, te fazem hum mancipio affrontoso nas solidões Africanas.

A Nação assim captiva, escarnecida, e vituperada tem razão de levantar o grito d'Aldèa ao apparecimento de hum Lobo que só respira sangue, e morte. Pois atirem-lhe, como fazem os d'Aldèa, e não haja arcabuz, fouce, páo, pedra, olho de enchada, que lhes não vá á cabeça como se costuma fazer a hum Lobo damnado, e em quanto derem signal de vida, não os deixem: e se elles com tremenda voz, e intercadentes gemidos disserem: — Então isto he o Poder executivo! — V. mercês o fizerão. E o Direito do Cidadão? He o rabo desta chuça. E a inviolabilidade do Domicilio? Pois se nós não entramos, vá a sua alma dar hum passeio. E a Carta que nos foi outorgada? — Dê-lhe lá muitas saudades. — Amnistia, Amnistia!! — Isso morreo. — Os Inglezes dizem que sim. — Pois nós dizemos que não.

Quando nós faziamos por essa Mauritania dobrar para a

parte opposta as pontas das Luas Africanas diante das muralhas de Arzila, os eclipsadores destas Luas, accrescentárão depois aos seus appellidos o appellido de *Mata-Mouros;* tomára vêr hum dia em que tambem o tomassem de *Mata-Pedreiros!*— Oh! que barbaridade! Oh! que animo tão ferino!— Esperem, Senhores, eu não quero similhante cousa.... A escolha da Nação, os homens mais sabios e virtuosos! Mate-os Deos que os toléra. Dizem os mais seguros Expositores das Escripturas, que quando Deos quiz dar a morte aos Primogenitos do Egypto, mandára o Arcanjo S. Miguel fazer esta operação, e que para desassombrar Jerusalem do cerco dos Assyrios, o Exercito expedicionario fôra o mesmo Arcanjo S. Miguel, que, em huma só noite, aviou cento e sessenta e cinco mil dos mesmos Assyrios. Este Arcanjo não morreo, ainda está vivo, e Deos o guarda para grandes cousas, e não he pequena dar cabo, e cabo completo de todos os Pedreiros, mais ímpios, que os Egypcios, e mais barbaros que os Assyrios.

Applaudio, e approvou o Mundo no seculo XII huma Cruzada geral dos Povos da Europa contra os Sarracenos, que então occupavão a Syria, e a Palestina, para arrancarem de seu barbaro poder o sepulcro de Christo, *Il gran sepolcro liberar di Christo*, para ficar no melhor dos Poemas immortalisado o nome de Gofredo. Note-se, que nesta Cruzada sómente se trata de libertar o sepulcro, que vem a ser hum Sarcófago de pedra tosca, mas santificado pelo contacto do cadaver do Redemptor, e pelo mysterio da sua resurreição: para isto cahio toda a Europa sobre a Asia menor: bem empregados trabalhos, e abençoadas armas, porque pelo motivo erão piedosas! *Canto l'arme pietose, e il Capitano*, diz o mesmo texto do maior Poeta. Talvez eu não discorra mal com este exemplo. Se para libertar o sepulcro se armou a Europa, para libertar, defender, e sustentar a Religião de J. C., derrubar o Imperio do Atheismo, e repellir os esforços da incredulidade, trazer a paz ao Mundo, o socego aos homens, dar huma guarida á virtude affugentada, e desvalida, apreço aos costumes, educação á mocidade, segurar os Reis nos Thronos, e as Leis na força, purgar a Terra de salteadores, e de Usurpadores, fazer que a humana sociedade fosse de homens, e não de Tigres: não sería ainda mais necessaria, e mais justa huma geral Cruzada, ou guerra universal de exterminio contra os Pedreiros?.... Pois este homem, dirão os insolentes Pedreiros, atreve-se a escrever assim!! Escrevo como devo, ainda que não diga tudo quanto me deve ser permittido dizer, e em quanto os Reis da Terra ligados, e confederados o não fizerem, não cumprem com as vistas da Providencia sobre

a conservação, e ventura dos Povos que a mesma Providencia confiou á sua direcção, e governo. Os Godos, os Wandalos, os Hunos, e os Longobardos, quando retalhárão o Imperio Romano, e levantárão o seu no meio dia da Europa, e nas Costas Septentrionaes do Mediterraneo, não fizerão á Sociedade Européa, nem o centessimo dos males, que lhe tem causado já, e querem fazer ainda os Pedreiros Livres. Alarico, e Theodorico em Roma, e sobre tudo Amalassunta sua filha, com seus Ministros (Secretarios) Symmaco, e Cassiodoro, (depois Monge na Sicilia) mantiverão, e fizerão dominante o Culto Catholico; e na Sociedade Civil, optimas, e muito humanas são as Leis de Theodorico, e Amalassunta! Vejão essas mesmas doutissimas cabeças recheadas de minhocas, os requerentes da Amnistia, mendigos de pão de rolão pelas Tavernas de Inglaterra, o mesmo incredulo Gibbon na Historia do Baixo Imperio, e comparem esta Historia com as Memorias para a do Jacobinismo, e verão quem acarretou á humanidade maiores males, se os Barbaros da Scandinavia, se os Filosofos de Paris, ou os pobretões, e gulosos da regeneração Portugueza. Da necessidade da Cruzada exterminadora, isto he, da Liga Européa contra os Pedreiros estamos nós convencidos, e da escolha de hum Capitão Supremo, não devemos nós hesitar, ou duvidar, porque entre nós existe: elle sabe como essa guerra começa, elle merece este Bastão, e dando-lhe principio com tanta justiça, elle a terminará com maior gloria. Na Cruzada da Palestina o Mancebo Rainaldo, da estirpe d'E'ste, galgou primeiro as muralhas de Jerusalem; o das margens do Tejo, d'outra estirpe ainda mais nobre, porque dos Reis de Portugal, he muito mais valente, e mais formoso.

E porque merecem huns homens tão dignos de consideração, e respeito, que até se chamão irmãos unidos pela virtude mais pura, qual he a Filantropia, a quem chamão Pedreiros Livres, porque não são apennados para cousa alguma, e trabalhão graciosa, e gratuitamente, huma total exterminação! Pelo que elles tem feito, vão fazendo, e promettem executar, e que longe de poderem ser chamados criminosos pelos outros homens, elles devem chamar a estes ingratos, pois querem compensar com a morte, e morte de fogo, os maiores beneficios que á humanidade podia fazer a humanidade! Eu não sou Legislador, e não trato de delictos, e penas, mas son hum Observador, e posso ao menos mostrar, e ponderar o modo porque elles fazem as cousas; este modo he tão insolente, que eu determinei tratar *in abstracto* desta insolencia no presente N.° 10. Comecei dizendo, que era cousa difficultosa combater os Pedreiros pelo raciocinio,

combatidos que sejão huma vez; porque a mesma cousa, que ha tres mil annos dizem que ouvírão a Adonitão, he a mesma cousa que dizem agora, e irão dizendo pelo caminho da Forca, ou da Fogueira. Ainda tem os mesmos atafaes, ou aventaes, a mitra ainda he bicornea; e se os mesmos são nos farrapos, são os mesmissimos nos surrados termos da algaravia Maçonica com que começárão a illudir os homens, e a barralhar o Mundo. Não se lhes ouve mais do que aquillo que se lhes começou a ouvir. Se as palavras são tão circunscriptas, que sempre tornão, necessariamente as idéas tem a mesma pobreza, ou parecem fundidas nas mesmas fórmas. Fallão as Escripturas dos ímpios, e dizem, — os ímpios andão á roda — *In circuitu impii ambulant.* Nem estes textos merecem os Pedreiros, eu digo o que elles são, para se entenderem melhor. São Burros de Nora por dentro, e por fóra: e ainda que haja alguns que sendo filhos de Burros possão ser cavallos, digo que são como os cavallos á guia, andão no circulo cujo centro he o pilão. Ouvem estalar o açoute, barafustão, e escouceão, mas o circulo não he maior, nem he menor. Veio a caterva em 1820: desde 24 d'Agosto deste anno, até 27 de Maio de 1823 em tantos dias que lhes parecião poucos, porque o soldo não era pequeno! (Que ladroeira!) o que disserão no primeiro, estavão dizendo no ultimo, naquelle momento em que ouvírão o assovio do páo que rompia o ar, e lhe vinha ás costas sacodidamente. Veio a segunda revoada das aturdidas Aves de felpudas pennas, que ainda se não julgão, nem se resolvem a estar d'aza cahida, — *Erat Terra labii unius, et sermonum eorundem.* — O mesmo Romance, ou a mesma descosida, e decrepita fraseologia. Veio de novo hum Poderzinho, como hum escorralho, que deixárão ao Rei, mas nunca se pôde saber o que aquillo era senão muito tempo depois, quando sentindo as costellas em imminente perigo, começárão de gritar, — moderação, moderação. — Divina attribuição do Poder Moderador! Já que mandâmos tantas vezes ao Executivo, não poderemos haver moderação do Poder Moderador! Moderação tem havido com as prisões, podendo trabalhar bem despejadamente a Forca!

Nestes termos, combatidos os Pedreiros pelo raciocinio huma vez sómente, escusado he entrar em campanha com elles, porque não poderemos ouvir mais do que temos ouvido, nem á centessima facada ouviremos daquellas bôcas mais que os mesmos nomes, as mesmas frases, ou, para me explicar mais Portuguezmente, as mesmas parvoices. Se houvesse hum paciente curioso, que emprehendesse huma jornada á Fortaleza de S. Julião, e de lá ao Palacio em que falleceo o Conde Andeiro, e de lá como

bom viajante fosse a Peniche, e visitasse os Fortes, e de lá fosse ao Douro regenerador, vêr o Palacio das sete Torres, ou da Relação; em fim, fosse onde estivessem mais bem parados os Pedreiros, sem os estorvar da obra em que estão naquellas seguras e tão bem arejadas Officinas, perguntasse a cada hum delles em particular, sem que hum ouvisse o outro, pelas cousas, e negocios da Ordem, sem que hum discrepasse do outro em huma syllaba só, ouviria a todos o mesmo aranzel; e se achasse alguma differença ou accidental discrepancia, sería em o número das Camaras, ou divisão dos Poderes. Alguns quererião huma só, outros mais fofos, e mais ôcos, quererião duas, huns com pelles, outros pellados: estes querião que o projecto passasse sempre nas pelles, aquelles, que tornasse para traz se achasse entupimento, ou que os pellados o fizessem passar por força. Hum gritaria — venha o *Vêto*, outro gritaria ainda mais alto — nada de *Vêto*, fóra *Vêto*. Eis-aqui o que ouviria, e conheceria, que as quédas do outavo tom no Cantochão nunca forão mais uniformes. Vá a comparação no accidente, e não na substancia. Na fundação de Mafra por aquellas mãos que chovião ouro, cantavão trezentos Frades no Côro; cantassem trezentos, ou cantasse hum só, tudo era o mesmo, o trovão era igual, e o Mestre Rosario com huma vara na mão como a de Moysés com tal arte regulava a detonação, ou o diapasão era tão sustentado, que por aquellas marmoreas abóbabas não se ouvia mais do que hum só E'co. Isto não são Pedreiros Livres, mas simples similhança de tom uniforme, porque a sua desincencia sempre he a mesma. Nada mais sabe hum Pedreiro. Se alguns, ou algum ha, e eu conheço, que guarda em tudo o silencio Pythagorico, e que parece a Estatua de Harpócrates, quando se apresenta em Sociedade, só lhe falta trazer o dedo na bôca, ou parecer o Busto de Fr. Martinho d'Arrabida com hum cadeado nos beiços. Se a conversa geral escorrega, segundo a mania, para a Politica, até alli ninguem lhe ouvio palavra, ou se metteo Frade Cartucho, ou estava morto; ouvio Politica, já se mexe, já dá signal de si, já parece a Sybilla, ou Pythia sobre a Tripode; primeiro dá hum salavanco, como sege de aluguel em sobre-rodas; depois dá cuadas como Capucho que defende Conclusões: os cantos da bôca já tem espumas, os queixos batem, ou dá a mandibula superior na mandibula inferior, os olhos se arregalão, os cabellos se errição, como a Sybilla — *plena Deo*, isto he, que tem Apollo nas tripas, tem elle o Systema no bandulho, a Caverna de Cumas vai a mugir.... Então que diz, ou com que sahirá esse Demonio até alli mudo? Esperem, que elle não se tem, nem se soffre.... *O Representativo*, e *Mr. Laffitte*.... Acabou-se.

Então não diz mais nada? Não, Senhor, mais nada, porque mais nada sabem dizer. Pois *Lafitte* não he hum Cambista? Quererá elle descontar algum bilhete, será melhor deixar-lho lá, porque para casa nada se traz dessas trocas; isso foi tempo! Não Senhor, Mr. *Lafitte* não he Rebatedor, agora na França he o Senhor Manoel Fernandes Thomaz. As vinte e quatro Cartas do Hipolyto impugnadas, e refutadas no *Espectador*, dizem pontualmente o mesmo, que diz Garret, que diz Midosi, que diz Rocha Lopes, que diz Magalhães, que diz o Chaveco, que diz Palinuro, que diz o Paquete de Lisboa, que disse a primeira, que disse a segunda, e que arrebenta por dizer a terceira; mas eu firmemente creio, que huns brutos chamados Cossacos, que morão na Rua do *Norte*, não deixarão levantar os andaimes; e estejão os *Arquitectos* certissimos, que ainda mesmo alcançados como estamos, se por mal de peccados seus se atrevessem a levantar o primeiro barrote, lhes serve logo para hum Garrote! Grande ornato para a sua Arquitectura! E como elles se penteião para o Salão, bom será que se lhes vá desatravancando a Sala fechada, e que se nomêem dous substitutos aos Executores, porque tanto a vida, como a saude não estão nas mãos da gente.

Não sou eu o que dou estes desenganos ao Povo, são elles mesmos os que ainda não deixárão de os dar em tudo quanto tem feito, e tem dito tão claramente nestes dez infaustos annos; mas como não ha que dizer ao que elles dizem, porque dizendo sempre o mesmo, a tudo tenho respondido, ou elles estivessem no poleiro, ou estejão na enxovia; farei algumas reflexões sobre a primeira qualidade das que mais os distinguem, e que mais escandalosamente nos dá nos olhos, a sua insolencia, isto he, a insolencia da Revolução. He verdade que parecem varas de ferro, com que Deos nos tem castigado, e que são golpes da sua justiça, cujas medidas ainda não estavão cheas; se em nós não houvesse esta lembrança, á vista da insolencia com que estes malvados, apenas se apresentárão, nos começárão a tratar, lavariamos logo as mãos em seu impuro sangue; e se a força nos opprimisse tanto, os fados de Numancia, e de Sagunto não esquecêrão ainda ao caracter dos verdadeiros Portuguezes; acabariamos debaixo das ruinas, e cinzas da nossa Patria, mas vingados. Insolentes! Sabei que em quanto eu viver, em mim ao menos vivirá Portugal. *Spartacus*, que vós tanto divinizais, por ser hum escravo rebelde, tinha mais honra, e magnanimidade, que vós teudes, nunca tratou com insolencia a mesma Patria, que com as armas na mão combatia. Roma era grande para elle pelas armas, e era ainda maior pelo respeito. Combateo, mas

nunca escarneceo. O documento da maior insolencia, que pela Prensa se tem dado ao Mundo, e com que os Portuguezes podião ser insultádos, he aquelle, que se intitula — *A Junta Provisional do Supremo Governo do Reino, — aos Portuguezes.* —

> « *Escolhidos para vigiar sobre os vossos destinos, até*
> « *ao dia memoravel, em que vós completamente repre-*
> « *sentados haveis de estabelecer outra Fórma de Gover-*
> « *no, empregaremos todas as nossas forças para corres-*
> « *ponder á confiança, que se fez de nós.* »

Por certo, ó Portuguezes, a audacia, e a insolencia dos mais atrozes facinorosos, ainda considerados na abominanda classe dos revolucionarios mais impudentes, nunca chegou até hoje a annunciar-se desta maneira! E poder-se-hão soffrer com vida estes infames, se ainda huma hora só os virmos levantar cabeça? — *Escolhidos para vigiar sobre os vossos destinos!!!* Quem fôrão, e que authoridade tinhão os eleitores para fazerem esta escolha? Huma conspiração verdadeiramente *horrorosa*, organisada, e seguida nas cavernas do Maçonismo, ensaiada tres annos antes com huma explosão tão lastimosa; conspiração, que abortando, acabaria na Forca, e na fogueira, composta de saltimbancos obscuros sem representação, e sem influencia, ou por talentos, ou por lugares, ou por opulencia no meio da Sociedade, nos quaes não se descobria mais que hum desesperado atrevimento communicado a tres imbecís Coroneis de Regimentos, mais capazes de fazer bulha, do que de dirigirem até militarmente a Força; a caricatura de hum quasi todo tonsurado Monge, mais criminoso pelo estado, que todos os outros complices, e que se não envergonhou de fazer mais sensivel, e irrisorio o embréxado de Cavalcata com o vasto volume de seu corpo, e fluctuantes abas da sua Cuculla, mettendo-se-lhe em cabeça por vaidade que tinha os talentos, e a coragem de Massaniello em Napoles, para fazer com hum grito só revolucionar cem mil homens da Plebe, e fazer tremer a seus pés não só a Authoridade do Vice-Rei D. Pedro de Toledo, mas o formidavel poder de Filippe IV, julgando-se o espirito director daquelles Panças, porque nem Sanchos merecem que se lhes chame: e na frente destes Paladinos sem vergonha hum conhecido Orate mais embigodado que o Barão de Trencke, o coco das crianças, e o vilipendio do Algarve, com tanta sciencia militar, que podia perguntar, se huma Peça se carrega pela bôca, ou pela culatra? Hum Aspirante á Napoleoa, hum Feld-Marechal da Força armada, que ainda sabia menos que hum Anspeçada; e sem se

saber a que, e aonde se encaminhava aquelle Cirio de Taverna, trazia no seu couce tres Secretarios, cada hum delles com sua alcunha, que assim como a de hum, a dos outros dous tambem podia enfarruscar o papel. Nas repartições dos papeis hum figurava por duas Provincias, as outras quatro ficavão de fóra. Commercio tambem apparecêo, e era representado por hum só, e era o que bastava, porque commercio he huma cousa só, que vem a ser comprar, e vender: assento em Côrtes não sei se o tem, porque eu só os tenho visto sentados ás portas das suas tendas, ou dentro dos seus balcões. O que mais desafiava, não risadas, mas arrochadas, he a empada de moélas, e pontas d'aza, de que se compunha a que se dizia *Junta Provisional do Governo Supremo.* — Pelo Clero o Padre Luiz Pedro; pela Nobreza Pedro Leite; pela Magistratura Manoel Fernandes (e Manoel Fernandes pela Magistratura, he cassoada!), pelo Commercio Francisco José. Em todas, e em cada huma das nossas Provincias do Reino ha Clero, ha Nobreza, ha Magistratura, ha Commercio: se o Minho he huma Provincia, e nella ha Clero, Nobreza, Magistratura, e Commercio, então quem foi metter na empada das moélas José Maria, e João Soutomaior para representarem pelo Minho aquillo, que sem exclusão estava representado por todo o Reino, que se compõe de seis Provincias?

Eis-aqui os insolentes, os descarados, ou os malvados, que se dizem os Escolhidos para vigiar, ó Portuguezes, sobre os vossos destinos até o dia memoravel, em que estabeleçais *nova Fórma de Governo*.... Que desgraça he o estado do Mundo Politico no momento em que isto escrevo! He o ultimo dia do anno de 1830; e me consta mais huma revolução, e na Polonia!!! E o calculo do retardamento, e diversão das columnas Moscovitas terá certo o resultado! Que querem as crianças da Escóla militar de Varsovia? Não o sabem dizer, porque talvez nunca soubessem a lição. São as mechas do incendio, porque o que se quer he o incendio, comece onde começar. A respeito da Russia a Polonia não deve ser huma Potencia, deve ser huma estrada, comece na Ponte do Vistula, e venha, atravesssando a Europa, acabar na d'Iéna. O Desengano não he só para Portugal, he para todos os Povos, porque o mal a todos se estende, e a todos ameaça. No Gabinete de Petersburgo ha Conselho, e hum Imperio, que vai pôr o marco das suas fronteiras na fronteira da China, não teme liga, nem confederação, e o tempo chega, em que o mal, e a morte para os impios se ha de derramar do Norte, que ha de cahir sobre elles, onde quer que a Terra os sustente. Tornemos á insolencia da revolução.

Já sabemos que quatro Palhaços, e sete Belforinheiros são os escolhidos, sem se saber por quem, para vigiarem sobre os destinos dos Portuguezes, *mudando-lhes a Fórma do seu Governo.* Ouve Portugal tudo isto, e he tão magnanimo, e generoso, que se não vinga nos seus continuadores! Mudar a Fórma do seu Governo! Insolentes ladrões dos Governos, e dos Povos! Pois hum Governo ha setecentos annos, e sustentado tão gloriosamente, sem a mais imperceptivel alteração, e mudança, ainda mesmo quando pelo espaço de sessenta annos esteve nas mãos de hum dominio estranho, hum Governo, de que nascêra a grande ventura, a grande gloria, a grande opulencia, e poder, que espantou o Mundo, crescendo em thesouros, e conquistas desde que principiou, e depois que ultimou a expulsão dos Sarracenos, deve mudar em sua forma, ou vèr destruida, e anniquilada, como vio, a sua immovel Lei primordial, só porque assim o querem huns Pelotiqueiros desconhecidos até nas Aldêas, em que nascêrão, e nas canastras, onde embalárão alguns? E será possivel (digão-me que minto, se o que digo não he verdade) que o Povo se não desengane, e que torne a acreditar as parlendas destes descarados, e insolentes charlatães, que nos vierão pôr na mais desditosa condição, ou mesquinho estado, do que tivemos antes de começar a vencer os Mouros? Quem não se consome de dòr, ou não estála de vergonha na contemplação deste quadro, então he peior que hum demonio, ou que hum Pedreiro. Não he preciso que eu escreva, basta que os homens tenhão olhos para que, vendo o que estão vendo, se não desenganem. Dizem que os Pedreiros andão armados de hum punhal, creio que assim seja, porque esta he a arma do assassino, e do ladrão; e só ha punhaes, que os Pedreiros tragão? Mas são escusadas armas escondidas, quando a Força he tão patente.

Parara nisto a insolencia da revolução para com os tão vilipendiados Portuguezes por amòr dos Pedreiros? Não parou nisto, porque fôrão infinitos os actos de insolencia contra toda a Nação praticados; mas entre todos, eu vou trasladar humas palavras, que entre todas as insolencias foi a que mais ferio o meu coração na interminavel cadèa de males, que temos soffrido; e por isto, se elles os insolentes com a força das armas nos escravisárão, com a mesma força das armas os devemos exterminar.

> «*A mudança dos costumes, fructo tambem de huma «illuminada Instrucção publica, até hoje por desgraça «abandonada, fará a nossa felicidade, e das idades fu- «turas.*»

He Portugal hum Reino em que a Instrucção pública está abandonada! Ignorancia, rudez, e barbaridade; eis-aqui como dous insolentes Franchinotes nos pintão á face do Universo! Tenho razão de dizer que esta insolencia da revolução tem sido para o meu coração o mais penetrante golpe. Vierão os Oraculos da Sabedoria, abrirão-se os Gymnasios de Athenas, e se franqueárão as Escólas de Roma; e os chuveiros da sapiencia começárão de correr em tanta copia das eruditas bôcas, que o Reino ficou logo inundado, e a indeficiente luz por toda a parte derramada, fugio a sombra da ignorancia. Vião-se os Bacalhoeiros lendo, e explicando *Platão*, e os seus visinhos Quinquilheiros, fazendo as mais profundas reflexões a *Ocillus Lucanus*, e a *Timeo de Locres* sobre a eternidade do Mundo, e origem da Materia, em quanto vendião hum barrete de lã a hum Fragateiro. O que mais se estendêo, e profundou foi logo o estudo da Politica, chegou até ao sexo encantador; rivalisando com os Quinquilheiros, andavão ás punhadas sobre a intelligencia de hum Texto de *Filippe de Comines* commentado por *Vitrian*. Na época dos lutos da Europa não tem lugar os gracejos; mas que merecem os charlatães insolentes, que vierão insultar os Portuguezes com a Instrucção pública por elles abandonada, e com a reforma dos costumes, que elles muito ácinte vierão corromper? Que faltou para se fecharem todas as Escólas? Encarregavão isso aos Parocos, porque antevião que nada terião que fazer na administração dos Sacramentos. O que elles fizerão, como Histrioens infames, foi purgar o Theatro do ultimo vislumbre de decencia, e de vergonha, insultando alli mesmo com a Sultanice Constitucional os homens de bem, que elles desiguavão pelo entendido, mas inexplicavel sobrescripto de Corcundas. He verdade que elles vierão trazer *a mudança de costumes*, porque como erão politicos, quizerão que a Moral fosse o fundamento mais seguro da Politica; e como para a instrucção da mocidade nos principios da Religião, e da Moral deve haver hum Cathecismo, escolhêrão, não o Romano, que he pezado, ou o de Montpellier, que he diffuso, mas o de Volney, que he mais maneiro, e comprehensivel; hum Ecclesiustico o traduzio, e a Commissão de Censura o approvou, e a mocidade ficou com esta instrucção pública, como era de esperar, ficou com a devisa do Estoico Justo Lipsio — *moribus antiquis* — huns austeros, e severissimos Catões, e ellas tambem ficárão humas Catoas, e cada huma dellas podia dizer com a energia de Metastasio — *Son Figlia de Catone, e son Romana.* — Só eu não posso aqui acrescentar o Verso, com que lhe rimára este hum Corcunda da Platéa! Fiquemos nisto, que a promettida Instruc-

ção pública em letras produzio Burros, e em Moral patifes. Torno a asseverar que esta insolencia me rasgou o coração de pena. — Abandonada em Portugal a Instrucção pública!! — Em Portugal! Parece-me que esta insolente blasfemia foi inquietar as cinzas daquelles homens em tudo immortaes, que afamárão este Reino em todos os angulos da Terra, e que nunca serão victimas do esquecimento da mais remota posteridade por seus escriptos, por suas heroicas virtudes, por suas proezas, e por sua representação politica nas mais arduas, e melindrosas missões, e negociações, com que assombrárão o Mundo. Onde bebêrão esta instrucção pública! nos charcos immundos das regeneradoras revoluções! E quem são estes illustradores da Terra, estes disseminadores da Moral pura, estas luzes do Mundo, estes Mestres das Nações? São huns poucos de ladrões até da honra, e da gloria da Nação, a que pertencião pelo nascimento, e de quem se desnaturalizárão pelos crimes. Se o homem de bem se indignava contra estes devastadores Quixotes, ou se ria da miseravel obrinha para vergonha dos Povos vertida de Castelhano, chamada Constituição, era no mesmo instante condemnado como réo de lesa-Nação. Venhão cá, malvados, quando Vossês contra ella attentárão, mudando a Fórma de seu Governo, e prescrevendo suas Leis, sendo isto hum crime, contra que Nação foi elle commettido? quem era então a Nação lesa? Quando deitâmos em terra, e sempre deitaremos, o seu Governo, sômos réos de lesa-Nação; e quando Vossês deitárão a terra o nosso, são os Pais da Patria, os Salvadores dos homens, e os Mestres, e Propagadores da mais pura Moral, os vivos exemplares dos bons costumes.

Portuguezes, se a vossa experiencia vos não desengana, mal o poderá conseguir a palavra ouvida, ou a palavra escripta. Ensine-vos a desgraça a não quererdes ser mais desgraçados. Ai de vós, se vos não lembrais que as varas para o castigo dos *escravos*, que, ou *sentião* mal do systema insolente, ou *querião* ir sustentar em Paiz estranho a Legitimidade do seu adorado Rei, ainda se guardão tintas no sangue dos Portuguezes vossos irmãos, vossos parentes, vossos amigos, e vossos semelhantes! Estará já sêco este sangue, mas ou esteja sêco, ou esteja fresco, he sangue, e he sangue Portuguez.

Pedroiços 31 de Dezembro de 1830.

LISBOA: Na Impressão Regia. 1831.

Com Licença.

O DESENGANO,

PERIODICO POLITICO, E MORAL:

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

N.º 11.

Salus Populi suprema Lex esto.

A Escada voltada na revolução.

A CELEBRIDADE do nome nunca se conseguirá, nem se tem conseguido pela publicação de hum Periodico, ou, em fraze, que não he Portugueza, mas que se entende, Folha volante. O Mundo geme debaixo do pezo deste diluvio incessante, diluvio, que teve principio; e quem poderá affirmar que ha de ter fim? E para que fim se escrevem? Ora se isto, que eu escrevo, tambem he Periodico, diga tambem huma vez, e talvez seja a primeira, e a ultima, a verdade, aliás não seria Desengano. Quem tem fome, faz Periodicos; quem quer dinheiro, para o que he, e para o que lhe não he preciso, faz Periodicos; quem quer promover, preparar, e depois sustentar, e dirigir huma revolução, faz Periodicos; quem quer doestar, infamar, e perseguir individuos, ou classes, vingar-se de seus inimigos, enredar familias, forjar aleives, faz Periodicos; quem com descarada fôfice, se pretende inculcar, ou impingir por grande homem, vasto em erudição, profundo em Politica, capaz de altas missões, e de andar pelos Reinos Estrangeiros adivinhando o que vai pelos Gabinetes, que ás vezes he cousa nenhuma, mentindo impunemente, como os que influem nos negocios do Mundo, faz Periodicos. Quem quer retalhar a Turquia, juntar as tres Arabias em huma só, fixar a sorte da Polonia, e orçar huma dotação para o Dei de Argel, faz Periodicos; quem quer fallar de si, com a

*

soberbissima fórmula de — *Nós em nosso Periodico* — louvando-se tôla, e desencadernadamente, faz Periodicos; quem se determina a enjoar o Genero Humano, impacientar os homens sensatos, e prudentes, desafiando a indignação dos verdadeiros amigos da sua Patria, que desejão dar huma descarga certada nesta matilha de gozos rabugentos, e esfomeados, para livrar a terra de latidos, e immundicies, faz Periodicos. E que he preciso para fazer hum Periodico? He preciso o que elles são, nada. Quem tem as *Folhas*, ou quem lhe lêa as *Folhas*, ou quem lhe empreste as *Folhas*, que vem a ser Periodicos como os que se querem fazer, está logo Periodiqueiro, e faz Periodicos. Tirem lá as *Folhas* ao *Amigo dos Portuguezes*, que eu não sei quem elle seja, e ainda que o soubera, não punha o seu nome, tirem-lhe das mãos as *Folhas*, no mesmo instante se lhe acaba a periodica amizade aos tristes dos Portuguezes. Eu sem culpa, tenho *presentemente* a culpa de tudo isto; e me sería muito bem applicada a historia daquelle doudo, que entrando na Igreja de hum grande Convento naquelle instante, em que os edificantes Religiosos vinhão em massa para as Matinas, todos mettêrão em linha a dous de fundo nos primeiros, e segundos bancos, ou cadeiras côraes: o silencio era o dos tumulos, houve huma pausa, em que todos com igualdade se incliuárão como pipas, que se despejão, e tão aprumados que as costas parecião hum lizo pavimento, ou trincheira de canastras; a evolução foi rápida, porque ao som de huma palmada não estrondosa, hum delles, que estava em lugar mais alto, porque era o Hebdomadario, abrindo a bôca, e dilatando o pulmão, disse — *Deus in adjutorium*.... — Agora o vereis, a trovoada não era perpendicular, era horizontal, mas era daquellas de quem diz Ovidio — *Et humanas motura tonitrua mentes.* — O doudo, até alli quieto, salta pelo Côro dentro, e impinge huma tambem sonora bofetada no Hebdomadario, dizendo: — tu excitaste este grande clamor, e só tens a culpa desta descomedida matinada; se não abríras o bico, os mais estavão calados; começaste tu, começou a gritaria!

A historia do doudo he esta, e esta he tambem a minha historia. Respirava o Reino desassombrado do vendaval Periodiqueiro, tinhão cessado estas pragas mais calamitosas que as do Egypto, a mesma Besta ficou embargada na estalagem; o Arrieiro da mesma Besta tambem o pozerão a pé; e tudo foi muito bem feito, porque o socêgo he hum bem sem preço, e todos nós devemos levar com silenciosa bizarria os couces, que a Besta nos quizer dar. Eu tive a desatinada lembrança, visto que todos os Periodicos do Mundo se tem feito para enganar, de fazer hum Periodico para desenganar. Palavras não fôrão ditas, e ahi está o Reino cheio de Periodicos; *qua data porta ruunt.* Fui eu o Eólo, que abrio a porta aos ventos, e por isto tinha vontade de me calar; mas taes, e quaes forças, tal, e qual vontade, tudo

em mim até á ultima hora da vida será sacrificado ao bem, e á felicidade desta Nação, que por suas qualidades deve ser, e essencialmente o he, a primeira da Terra; e pelos crimes nunca interrompidos dos Pedreiros Livres tem chegado a ponto de tocar a nullidade. Vejo os Periodicos, que hoje tomão hum nome, ámanhã crismão-se, e tomão outro nome; e vejo que se não correm, nem pejão de nos dizer que nos vão dar todas as noticias da revolução, e dos revolucionarios Francezes, trasladando os seus Papeis, e pintando com as mais vivas côres, como se faz a revolução, o pouco que custou a fazer, e até o vinho, que sobejou depois de distribuidas as vezes, ou tarraçadas, que se derão ao Proto, aos Officiaes, e aos Moços das Imprensas dos Periodicos, o dinheiro meudo, que contou o Rebatedor *Laffitte* com o seu competente premio, para se repartir pela sanseulotada dos acclamadores, como entre nós se contou o *liberalisado* aos Patriotas da Archotada; as parvoices, que sahírão da bôca do decrepito *La Fayete*, como *Manoel Cidadão* na Camara baixa, etc.; não ha miudeza, ou acção plebéa, que alli não appareça, mostrando hum decidido zêlo em nos provar a facilidade, com que se conseguio a gloria dos tres gloriosos dias, ficando firme em suas seguras bases a *Soberania do Povo*, que he o grande *cardo rei*, ou eixo do carro. Este he o serviço, que nos tem feito (e seus auctores gabão-se disso) esses, que affectão vir dar novidades mais amplas que as da Gazeta, afóra as noticias confidenciaes dos seus correspondentes, porque huma vez que se digão Periodiqueiros, por força hão de ter os *nossos* correspondentes. Senhor Padre, dizia eu a hum imprudente Missionario, que ouvia pela manhã, e publicava tudo de tarde, Senhor Padre diga ao Povo o que elle deve fazer, e não o que elle faz, porque isso sabe elle muito melhor que Vossa Reverendissima; e muitos com o que lhe ouvem de tarde, aprendem a fazer aquillo, que ao ouvido lhe disserão de manhã, e muito melhor, porque aos inventos he facil accrescentar.

Tambem eu tenho demorado muito este sermão, que a necessidade me encomendou, mas tambem neste sermão se encerrão clarissimos desenganos ao Povo, porque a sua conservação, e felicidade he a primeira Lei. Cerre o Povo os ouvidos ao que lhe dizem alguns novelleiros enfatuados, e desconfie da amizade, com que lhe estão embutindo o que os Francezes fazém com a capa, ou pretextinho de se fazer zombaria delles, querendo que se acredite que he nada o que elles fizerão, porque lhes custou pouco a fazer. Combinações anteriores, e as maliciosas noticias dos Periodicos sobre a quimerica emancipação Franceza, tão facil que para isso bastou só querer a plebecula que se fizesse, ateárão o incendio na Belgica, na Saxonia, em Florença, e agora na Polonia. Em Paris disse, ou gritou o que estava mais bebado — *Viva a Carta* — outro em igual estado — *morra a Car-*

ta — e repentinamente huma Monarquia, que contava quatorze Seculos de duração, succedendo-lhe as Dynastias de huma mesma raiz, acaba, ou muda de fórma, e de fórmulas. Eu imaginava mais sabedoria em reinar em Luiz XVIII: vir ás portas de París cercado, e acompanhado de todas as Forças da Europa, com Blucher, e Bulow á frente dos seus Prussianos, e dizer aos Cabeleireiros, e Dançarinos Francezes — *Se me deixão entrar, dou-lhes este Papelinho!* — Que queria depois? Entrar no seu Reino depois de huma revolução, e da plena opposição, e liga de todos os Poderes infernaes, isso só o soube fazer como Rei ElRei D. Miguel I. Eu não vi mais que hum homem só pôr os pés no Caes de Belem. Elle só, e a sua espada. Na barraca estava o Official da arrecadação para lhe dar o Bilhete da Sisa; porém não se atrevêo a deitar a cabeça de fóra, porque de certo lh'a cortavão, e era bem cortada, e para isso apparecêrão logo dez mil vontades, e vinte mil braços. Não lhe erão precisos Exercitos Estrangeiros, porque elle tinha cá os Portuguezes; não vinha com a Carta na mão, porque elle vinha dar cabo della, e de todas; nem promettia Camaras hereditarias, ou electivas, cá estavão as que devião estar, e logo apparecêrão para decidir o que a ellas só competia; chamadas, não por amôr de nós (quando eu digo, ou escrevo — *Nós* — somos *nós*, e não os Pedreiros), mas por amôr dos estranhos: entre os Portuguezes nem se tirão Reis, nem se põe Reis, porque com o Reino nascêo a Lei, que os chama; quem se naturaliza em hum Paiz estranho deixa de ser Portuguez, e em Portugal nunca reinárão, nem reinaráõ Reis Estrangeiros; e se tres Filippes aqui se encaixárão, nós os pozemos na rua; e recobrar nunca foi revolucionar. Paremos com a digressão, que talvez haja parecido estranha, mas tambem serve de desengano ao Povo, que mal sabe elle onde o querém levar, quando os Periodiqueiros lhe inculcão, em ar de amizade, o pouco trabalho, que houve na revolução de 1830; talvez lhes estejão preparados grandes trabalhos, e luctos, quando neste de 31 se chegar ao desmanchar da feira; se o vinho os fez Cidadãos livres, o sangue os fará Vassallos sugeitos, humildes, e obedientes. Vamos pois contemplar que cousa seja a *Escada voltada*. Aqui se hão de assustar os Pedreiros, porque em ouvindo fallar em escada, já cu dão que he a da Forca; bom he temella com tempo, para a não soffrer hum dia.

Ha huma escada, que não he a symbolica de Jacob, nem a Mystica de Cassiano; ha huma escada social, onde gradativamente vão apparecendo os differentes degráos, e jerarquias, de que se compõe a sociedade civil, e politica, que começão no baixo, e acabão no alto, e com taes proporções, e harmonia, e com tão manifesta, e necessaria distincção, que della resulta hum todo perfeito, de que se deriva a estabilidade, a conservação, e a ventura dos homens. Estas verdades não são theóricas,

são práticas. Isto não são systemas, são experiencias. Se hum degrão, que se tire, causaria não só huma deformidade, mas huma ruina, que será pegar na escada em pezo, e voltalla de cima para baixo! Todas as gradações vem a perder o seo lugar; o que era de cima, vem para baixo, o que era debaixo vai para cima, e desta guiza todas as cousas ficão fóra de seu lugar, de sua situação, e do seu emprego. Na escada social o mais sublime fastigio, ou elevado lugar he o grão, ou o degrão do Rei. Que distancia para baixo não vai deste degrão da Soberania a hum Troca-Bilhetes, ou barbaro beleador do sangue do Povo laborioso, e faminto! Nós temos huma medida, e bem aferida, desta distancia, entre Carlos X, Rei de França, e de Navarra, e Braz Laffitte, o Rebatedor; veio a revolação dos *tres gloriosos dias*, em que embebedárão o Povo *Soberano* para ficar mais escravo; pégão na escada tão firme, e tão segura, quanto o podia ser nos quinze annos de restauração, e reparação, dão volta, (não ha operação mais simples!) lá fica hum Canabista em cima, e hum Rei em baixo. Dirão que eu não arguimento de boa fé, porque ainda que dessem volta á escada para mudarem as fórmulas da Monarquia, no mais eminente degrão pozerão hum Rei, e dizem huns que se chama Luiz, outros que se chama Filippe; e tendo tanto nome, ainda se não sabe que poder tenha, ou lhe concedão a Camara e meia, que por lá existe; e dizem os mais politicos dos Cafés de Paris que até o lavar dos cestos he vindima, e eu o que digo cá de mim para comigo he que Rei, e Automato são duas cousas infinitamente differentes entre si, e por isto eu considero a escada voltada de cima para baixo.

Desenganem-se os Soberanos, que se á palavra Carta, e Camaras não responderem no mesmo instante com a espada, estejão certos que a escada se volta, e que o degrão, que lhes hão de deixar, não ficará mui longe da terra, e o que os malvados Pedreiros querem he que não fique longe do patibulo: primeiro querem dar cabo da Soberania, depois procurão dar cabo da Pessoa. Tanto pôde a desmoralisação Maçonica entre os Portuguezes, que até fez que o não fossem, ou ao menos que o não parecessem. Estalou-me o coração de pena, e nadou a minha alma em amargura, que nada perdôo ainda da sua actividade, quando a 4 do mez de Julho de 1821 vi acabar a Soberania em Portugal, ficando só o nome de Rei, e o descendente de cinco Affonsos, e de hum Manoel, reduzido a hum Pupillo governado. Quiz desembarcar hum Rei das suas Náos, e dizem quatro pedintes de esquina, e meia duzia de Magarefes do Foro — Não queremos, e não ha de ser hoje; e não foi quando o Rei queria; neste momento infaustissimo se acabou a Soberania. A este acto atrocissimo se seguio outro vilipendioso, e talvez se não praticasse, antes da condemnação, com Maria Antonieta, Rainha de França. Manoel Borges Carneiro, Orate Republicano,

hum dos da quadrilha, que entrárão o portaló da Náo, emboca a porta da Camara, em que estava a Irmã do Rei de Hespanha, e Esposa do Rei de Portugal, pucha de huma Cadeira, e senta-se na sua augusta, e veneranda presença. Menos injuria fez o Çapateiro *Simon* quando chamava o Menino Luiz XVII só com o nome de *Capet*. Voltou-se a escada a bordo da Náo, e volteada ficou até 27 de Maio de 1823. Quem a poz em seu antigo lugar, ou em sua natural attitude, e situação, não sabe temer, nem eu calar-me, senão quando a pedra da sepultura me tapar a bôca. O Rei, que temos, em toda a sua fortuna Grande, não cinge a espada por enfeite, nem a embainhará por medo; e em quanto elle com vida estiver no mais eminente degráo da escada, a escada não se voltará; e tambem me parece que a totalidade do Povo Portuguez (porque ridiculas excepções não destroem a regra) não está já para essas voltas; e desgraçados Pedreiros, se para levantarem andaimes quizerem voltar a escada! se o tentarem, não voltaráõ elles a escada, mas elles se voltaráõ n'outra escada muito contra sua vontade. Os Portuguezes são naturalmente feis; este he o caracter desta Nação, a quem chamão pequena; e nenhuma, depois da queda do Imperio Romano, fez maiores cousas, nem ultimou maiores emprezas em todas as quatro partes do Mundo. Politica na Europa, arrojada, e valente na Africa, magnanima, e conquistadora na Asia; e digamos que foi generosa na America, porque tanto lhe custou a ganhar, como a perder; e o que veio por hum acaso, de que se não fez caso, não importa que se vá por huma perfidia, que se não vinga. Pois quem sem auxilio algum mais que o deseu proprio braço, de sua intrepidez, e de sua constancia fez cousas tão grandes, não poderá executar outra, que se não chame maior, qual he o total exterminio da Maçonaria? A escada estará segura quando lhe pozerem humas palmetas por baixo, o ajuntarão bem os cadaveres dos Pedreiros Livres. Malvados! Que lhes fez Portugal, e que lhes fez o Genero Humano para o inquietarem tanto? Não nos dão paz, e querem que lhes não façamos guerra!! Matão-se as Estas ferozes, porque nos fazem damno ou nas fazendas, que possuimos, ou nos animaes, de que nos servimos, e devemos penar a vida a serpentes mais peçonhentas, a Hyenas mais sanguinarias, ou verdadeiramente a Bogios mais ridiculos! Com que nos vierão estes malvados, que nos trouxerão, que nos ensinárão, que verdades nos descobrirão, para gemermos ha dez annos, e sem lhe vêrmos o fim, debaixo de hum flagello assolador? Querem tirar hum Deos aos homens, hum Rei aos povos, e a paz ao mundo. E isto a troco de que? De quatro idéas, ou de quatro palavras de convenção, que nada dizem, a Carta, as Camaras, o Systema, a responsabilidade, a iniciativa, o orçamento, os bens nacionaes, a falla do Throno (synedoque ridicula!) o relatorio..... e depois de tudo isto

aberto hum espantoso abysmo de fome, de pobreza, de sobresaltos, de miserias, de anxiedades, alongando-se mais, e mais diante de nossos olhos hum horizonte de males, que como tempestuosas ordas de hum interminavel Oceano se vão seguindo, e impellindo huns aos outros, sempre mais pezados, e mais irremediaveis. Basta; eu torno a considerar a escada: os Thronos vacilão, mas o coração dos Reis está nas mãos de Deos; nestas mãos está todo o Rei de Portugal.

A Nobreza, ou os Fidalgos, occupão seus degráos na escada social, e muito altos, e muito gloriosos; vem a revolução, e dá volta á escada; felizes delles se ficarem no lugar dos Lavapeixes, porque o firme presupposto dos Pedreiros, he tirallos absolutamente de todos os degráos desta escada social. *Tolluntur in altum, ut lapsu graviore ruant.* Forão elevados tanto, para que o seu precipicio seja tão ruidoso, como vergonhoso. Na Presidencia dos Tribunaes, no Governo das Provincias, no Vice-Reinado das Colonias, no Commando dos Exercitos, nos Conselhos do Governo, no Serviço immediato dos Reis, nas Condecorações das Ordens, na fruição das Commendas; tudo degráos do meio da escada para cima; e chegados ao mais alto, são substituidos por Aventureiros incognitos, e ataviados, que nascêrão n'hum palheiro, e forão embalados n'huma gamela, ou n'huma canastra. Desenganem-se, e lembrem-se que a sua immodesta soberba, he o mais especioso pretexto das revoluções. Olhem que a escada começa a voltar-se pela Aristocracia. E querem Cartas, e querem Cartas! Oh! que o seu engano he o mais cégo de todos os enganos! Todos esses que com o crime, e com a fuga, e mais ainda com o passeio militar do Barco de Vaper, e que vinhão embeber o punhal do Maçonismo no seio da Patria, ou em seu proprio seio, manchárão o sangue donde vinhão, e na mesma Camara Aristocratica renunciárão a Aristocracia. Eu me ria por motivo bem differente daquelle pelo qual delles estavão sempre zombando os Demagogos da baixissima Camara. Eu me ria, vendo a azáfama, e até certo gesto de pietismo como Beatas em altissima contemplação, e o superticioso escrupulo com que *alguns* apressavão as Bestas, para chegarem com pontualidade ao suspiradissimo instante, e sempre na precedente noite sonhado, de ouvirem a palavra, que hia produzir no Mundo o effeito do — *Fiat lux* — Está aberta a Sessão. — He impossivel que estando alli tantos homens de muita representação, e juizo, e madureza, e até superior á sua idade, homens que vinhão em recta linha de grandes Portuguezes, não conhecessem que tudo aquillo erão fórmulas Democraticas, e que, cada abertura de Sessão, cada leitura da Acta, cada embaixada *da Ordem do dia*, expressão nunca em tal sentido Portugueza, cada pedir a palavra, e cada dar a palavra, outra que tal salgalhada do Neologismo, e tanta apóstrofe queixosa ao Senhor Presiden-

te, Senhor Presidente vai, Senhor Presidente vem; era huma enxadada que abria a determinada sepultura da Aristocracia... Só por hum prestigio infernal que lhe haja cegado o entendimento pode a Nobreza não detestar, e não abominar a Revolução. Quando eu vi aquelle vasto Salão da Camara dos Dignos Pares, e estes da mais apurada escolha da alta Nobreza, tudo tigéla inteira, e nenhum meia tigéla, brilhando os largos listões das Ordens em que o mesmo Newton podia estudar todas as gradações das côres do seu prisma: quando vi fluctuarem pelos ares tantos rabos de Burros, e de Avestrazes, que parece que todos ficárão derrabados pelos areaes de Siene, e do Alto Egypto, muito, e mui sinceramente me alegrei; cuidava que tinhão recuado os Seculos, e que eu em 1143 me via transportado a Lamego, e posto a hum cantinho da decrepita Igreja d'Amacave, vendo o que lá hia, e ouvindo o que dizia Lourenço Viegas; eu me assustei muito, vi levantar aquellas barbaças venerandas, metterem todos mão ás espadas, e tão luzidias, e apontadas, que o Sol reverberava nellas pelas frestas ou seteiras do mesmo Templo, e como se estivessem fallados, gritarem todos a huma voz — Nós somos livres, o nosso Rei he livre, nada de jugo estranho; se ha Rei de Leão, he cousa que nós não conhecemos; governe lá os seus Leões, e os seus Jacarés. O nosso Rei aqui está, não está lá fóra, nós o acclamamos, porque he o unico, e o forçado herdeiro de seu Pai; e se alguem abrir bico, essas teimas, tirão-se com estas espadas: — e esgrimindo-as tinião de tal maneira, que a todos os que alli estavão tremião as cárnes, como a Fernão Mendes Pinto, e seus Companheiros, quando o Junco de Antonio de Faria foi abalroado pela armada dos Achens. — Eu cuidava que ouvia isto na alta Camara; mas não me succedeo como cuidava, aquillo não era a Igreja de Almacave, era o Salão da Revolução, e alli primeiro se começaria a voltar a escáda. Se elles se quizessem abater tanto que quizessem ouvir o conselho da minha ruina, e esbranquiçada cabeça, eu lhes ensinaria a fazerem o seu nome immortal na Terra. Eu lhes diria: — Vós ahi sois mais de quarenta; pois menos forão os acclamadores de 1640. Levantai-vos, ponde os vossos chapéos semi-derrubados na cabeça, desembainhai essas espadas que parecem canivetes, chegai a essas janellas, a essa varanda, gritai, contando com hum auditorio honrado: — « Abaixo, ó Portuguezes, abaixo com a Facção Maçonica. Nós não queremos Rei Estrangeiro; temos a Lei que o chama, e este he o Senhor D. Miguel I. Viva!! E se nós vos não temos dado nada senão desgostos por nos deixarmos cavalgar de quantos patifes plebeos se tem levantado com o Reino, ao menos ahi tendes guardanapos, que senão são de Guimarães, são do Porto; os punhados de papeis que nos vêdes nas mãos são as folhas da Constituição; se faltar alguma, he porque já cá servio em caso de necessidade. Portu-

guezes, dai-lhe o mesmo uso, e sereis Portuguezes. » — Então he que eu diria que estava na Igreja de Almacave, ou na Sala dos Tudescos no 1.º de Dezembro de 1640, vendo espedaçar Miguel de Vasconcellos. Isto em mim são sonhos de febricitantes; a corrupção tinha chegado aonde podia chegar; não me digão os Grandes, que elles não erão Senhores da força armada para fazerem o que fizerão os de Lamego, e os de 1640. Que importa a força armada, onde está o sangue illustre, e onde está a justiça? Se appellidassem esta força, ella acudiria. Ha honra nos Commandantes dos Corpos militares, são fieis, e chamados em nome do Rei, e para sustentarem a causa do Rei todos os actuaes que eu conheço, antes quererâo morrer que desobedecer. Houve hum *Carriço*, mas hum *Carriço* he hum *Carriço*, e hum *Cabreira* ainda menos que hum *Cabreiro*. Quem se havia de oppôr? Os da Camara baixa? Isso são huns cobardes. Em letra redonda chamei eu a todos — *Pobres do Lavapés* — ; e ainda aqui estou. Mas em fim, o feito não tem remedio, e o que está por fazer póde ainda remediar tudo, se o Genio Portuguez resistir ao espirito da Maçonaria. Os Commandantes dos Corpos estão actualmente na honradissima situação da obediencia passiva; *se elles são por vós mandados*, podemos nós dizer com Luiz de Camões a ElRei Nosso Senhor, com tal Rei General, não ha Grã Mestres Pedreiros, nem a escada se volta, se os Grandes se conservarem firmes nos seus degráos. Se tomão isto por invectiva, enganão-se; o meu zelo he honrado; se querem ser Grandes mereção sempre o nome. Hum Grande mettido em revolução he verdadeiramente hum dos Sanscullotes embriagados com *Viva a Carta!*

Não só para os Grandes se volta a escada na revolução; tem ella muitos degráos, e todos elles ficão fóra de seu lugar. Quantos com o seu trafico, e cabedaes servem não só de se opulentarem a si, e deixarem seus filhos tambem opulentos? Se apparece a revolução, podem elles ficar indigentes, e os seus filhos pedintes. Para os Revolucionarios furtarem, se compozerão neste, e no passado seculo as Economias Politicas. Em nellas se tratando das riquezas das Nações, Balança mercantil para aqui, e para além; circulações do numerario, especies metalicas que vem ao gyro, Calculos dos Contingentes nas especulações.... a Deos, a Deos — tudo isto he *jargão* revolucionario. Vem a revolução, as Casas quebrão como estôpa podre. Os fallidos deixão-se cahir das altas nuvens a que tinhão subido, como hoje dez de Janeiro estão cahindo do ar os cópos da neve. Os Contratos entrão na marcha dos bens nacionaes, e recursos do Thesouro, para que os que administrão a Fazenda, que hão de ser os mais ardilosos, e astutos, ou mais ladrões da revolução, mettão o braço até ao cotovello. Olhem os máos Portuguezes, que tanto suspirão por huma revolução porque a França se tornou a re-

volucionar, o que fizerão logo ao seu mais distincto Corifeo. O Cambista Laffite tinha o contrato exclusivo do Café das Colonias, e com este contrato exclusivo, mettia grossas sommas no Erario Regio; vem a revolução, ao mesmo Cambista que a promove, se tira o contrato, que o enriquecêra, e com que augmentára a riqueza da Nação. Eu sempre defenderei a exclusão em certos Contratos, porque são mais vantajosos para os Estados, e para os particulares, porque tem maior corpo quando estão concentrados em hum, ou em poucos, porque a administração he mais exacta, e mais fiel. Nesta estagnação geral em que vemos estar o Commercio do Hemisferio de cima, e o Hemisferio debaixo, descobrimos huma completa evaporação de tudo o que se chama dinheiro; he condão das revoluções, que sendo ellas todas inimigas Capitaes dos Frades, vem reduzir todos os homens a Franciscanos. O que se vê tudo parece huma Franciscanada, e eu o creio, porque não vejo mais que pedir, pedir, pedir, até o vasto, e florentissimo Imperio do Brasil, onde os pés se embaraçavão em fios de perolas, e dos esgalhos das bananeiras pendião bizalhos de diamantes, e os canos das Cariocas s'entupião com as arêas do ouro, pede a quem de lá lho levou, por chitas de côres efémeras, hum emprestimo de dinheiro, que do paiz onde foi, não tem mais reversão, que as almas do outro Mundo; as portas das Alfandegas de cá e de lá, solitarias como Cemiterio, podem sortir de malvas as Boticas do Universo; e fallemos claro, as rendas do Estado não se engrossarião, para chegarem, bem governadas, a alguma cousa, senão fossem os Contratos exclusivos, que se permittem. Todos se estarão lembrando do Contrato do Tabaco, tambem eu desse me lembrava. Neste Artigo Tabaco em que a Fazenda Real, sem metter prégo nem estôpa, recebe annualmente mil e quatrocentos contos, e do qual, tantos contos de bôcas comem á farta, e tantos milhares de indigentes recebem pensões, e esmolas, Portugal sobrepuja a todos os outros Reinos, porque nenhum tem hum Contrato que tanto renda, e que he para o Reino a verdadeira Pedra Filosofal, porque não converte metaes em ouro, mas folhas seccas em milhões. Se o Diabo, porque só o Diabo as faz, trouxesse huma revolução, que seria do Contrato, que logo os Regeneradores repartião por si, e seus queridos afilhados! O Contrato do Tabaco he, considerado politica, e economicamente, a Chave de hum Cofre nunca exhausto depositada nas mãos do Governo, onde se encontra o prompto recurso de urgencias; e nas mãos de huma revolução, he hum manancial das suas escandalosas rapinas. Oh! que este Contrato exclusivo tem engrossado tantas casas. Sim, Senhores, e estas enchem tantas mil barrigas! Inda bem que algumas invadio a mania da Arquitectura para levantarem Porticos Gregos, com as Cornijas vindas das ruinas de Palmyra, e Bronzes da abrazada Corintho! Tanto melhor! Isto não

se faz com assopros, para isto empregão-se braços, e os sucos gastricos de tantos estomagos se tem posto em movimento para tantas digestões! Vem a revolução, e dá volta á escada, começa a Nação a reclamar os seus bens, e a Patria a estar em perigo, ahi vem os Porticos a terra, e os Bronzes convertidos em moeda Nacional. N'huma Republica, o Cidadão distingue-se pelas suas virtudes, e não pela sua opulencia. *Cincinato*, e *Curio* não tinhão aonde cahir mortos, a Nação se encarregou de seus Funeraes, e disse ao Coveiro, que os enterrasse, porque se assim os deixavão, dentro em tres dias ninguem parava. Deos livre o Reino destes flagellos, e os Portuguezes desenganados com as verdades, que não eu, mas a experiencia tantas vezes lhes tem manifestado, se determinem até se esgotar todo o seu sangue, a se oppôrem ao monstro revolução; o Tabaco, por isso mesmo que he hum tão seguro nervo, ou esteio do Estado, he logo por ella fumado todo. He declarado propriedade Nacional, deixa de ser Contrato exclusivo, e reverte á Nação, e com elle a sua administração; e drão com o estanho que elles costumão ter na cara, que he para pagar mais depressa a divida pública. Isto que digo do Tabaco por occasião de exemplo, diria, e digo de todos os outros Contratos que se arrematão pelo canal ordinario da Fazenda Real. O que os revolucionarios fazem, e o que elles fizerão á divida pública, foi augmentalla o duplo com as suas malversações, ou latrocinios; e bastou para tudo isto dar huma volta á escada. E nesta volta, onde, e em que degráo ficaria a Magistratura, e alta Magistratura? Quando na volta déssem o tombo, como já vimos com o mui nobre Senado da Camara, n'hum prégo lhe ficava a capa, n'outro a Beca, e muito em baixo a Carta de Conselho, que tanto ennobrece as Becas, e as Capas, e quando chegassem ao infimo que se lhe destinava, os Presidentes, e os Deputados nús, e crús, nem Juizes Ventaneiros ficarião.

Qualquer homem empregado, que a si particular, e individualmente se considere, e examine em todas as suas relações, por seu proprio interesse, e pelo interesse da sua condição, e estado, deve detestar, abominar, e oppôr-se ao flagello da revolução. Os ricos ficão pobres, e os pobres ficão mortos; os homens de bem ficão em tres lugares, nos carceres, nos desterros, e nos patibulos; e os malvados nos mais eminentes degráos, rindo-se cá para baixo. Que volta deo a escada neste perseguido Reino, no maior, e mais público dos crimes que eu aqui vi commetter? (e talvez que em toda a redondeza da Terra nunca se haja podido apontar outro similhante!) Obra nefanda da revolução! Não se devem apontar as circumstancias, que o fazem mais aggravante. Voltou-se a escada, e eu não demoro mais = O Cerco posto ao Palacio em que estava huma Soberana de Portugal. = O Cerco de Belgrado não foi mais apertado! Fechárão-se her-

meticamente por muitas legoas em torno todas as estradas, que ao Palacio conduzião. Ao longe, guardas avançadas, e mais ao perto os macissos de Cavallaria, e Infanteria. Henrique IV foi mais generoso com os sitiados Parisienses deixando-lhes entrar carradas de pão; aqui apanhado hum temivel Espião, que era o moço de hum Inglez bebado, que neste estado se havia posto em Cintra, e remettia para Lisboa huma condeça de roupa interior suja de vomitos anteriores, e posteriores, para se lhe remetter roupa lavada, e enxuta, ou para tornar a Lisboa, ou para pôr no mesmo nauseante-estado; a condeça foi aprehendida, e considerada boa preza, foi com huma escolta forte para ser aberta, e examinada na presença do espantoso Bachá, não *Jusuff*, mas *Renduffe;* alli se abrio, pasmando o Bachá que primeiro lhe désse no olfato que na vista, e vendo depois aquella miseria, tanto do interesse dos subditos Britannicos. Em quanto chegava o resultado do exame, por mais que o moço se esconjurasse, que aquillo era cousa que elle não podia chamar pelo seu nome com respeito, e vergonha dos Senhores, esteve a ferros no Quartel General. O mesmo succedeo ao Creado de hum Grande Titulo, que mandava huma condecinha de Peras, só porque lhe descubrirão hum papel por baixo. E quem sería o Commandante em *Chefe* deste nunca visto assedio! Sería o Sueco General Bocke, que nem ás crianças perdoava? Não, Senhores, este Generalissimo, que tinha o seu Quartel General n'huma Taverna na Porcalhota, era hum Beleguim da rua, que prendia gente no Bairro de Belem, *e ainda está* prendendo, n'outro Bairro! Aqui tem Vossas Mercês a *Escada voltada pela revolução!!!* E haverá Grandes, e pequenos que almejem por huma revolução??? Ha....

Pedroiços 11 de Janeiro de 1831.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA.

1831.

Com Licença.

O DESENGANO,

PERIODICO POLITICO, E MORAL:

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

N.º 12.

Salus Populi suprema Lex esto.

A Casa dos Orates na Revolução.

Pois huma Revolução he hum latrocinio? Sim, e he o maior de todos os latrocinios. Deste labéo não escapárão os mais famosos, e assignalados Conquistadores, a quem se levantárão Estatuas, erigírão Arcos de triunfo, e se aprumárão columnas trazidas de remotos climas, e como senão bastasse, que delles fallassem as pedras, e os bronzes, fallárão tambem os Annaes dos Historiadores, e os lisongeiros, e encarecidos Panegyricos dos Poetas. Neste sentido, Ladrão foi Alexandre, Ladrão Cesar, e maior Ladrão ainda Affonso de Albuquerque. Roubárão com a espada, porque tiverão maior força, e maior ventura que os Povos conquistados, e sujeitos ao seu dominio. Estes Ladrões com a cara descoberta, e com a espada nua, erão generosos, as Nações mudavão de Senhorio, mas não mudavão de condição; esta mudança, ou esta passagem, não era muito sensivel, porque era muito usual, e o costume inveterado converte-se em natureza. Alexandre em huma grande parte da Asia levantou hum grande Imperio, composto de differentes Povos, e diversas Nações, com differentes linguas, costumes, e Religião, e obedecendo a hum mancebo tresloucado, e temerario, mudárão de cabeça; era hum só Rei para muitos Povos, mas os Povos ficárão como erão; se pobres, pobres; se opulentos, opulentos. A Persia, sem Dario, ficou a mesma Persia; Cambaia, sem Póro, ficou a mesma Cambaia; e quando em Babylonia lhe dérão ao almoço o chocolate estomacal, com que se tem feito tantos descartes de Reis, e de Papas neste Mundo, ficou o Imperio dividido em quatro Imperios, mas cada Imperio em sua

perfeita integridade. Esta he a marcha que tenho visto levar a todos os Conquistadores. He verdade, que querem dar pasto á ambição, e muitas vezes á mais sordida avareza, dilatando os confins de seus dominios. *Æstuat infelix angusto limite Mundi:* São como Alexandre que se anciava, e suava infelizmente como affrontado nos apartados limites do Universo, não cabia nelle, queria campo mais largo: mas nenhum destes perturbadores da pública tranquillidade do mesmo Mundo aspirou jámais ao dominio dos sentimentos internos do coração dos homens, destruindo-lhes aquelles principios de moral que tanto condizem com as inspirações da mesma Natureza; fazendo-os renunciar a crença de huma Religião, que bebêrão com o leite, que herdárão de seus pais, e em que fazem consistir a sua terrena, e a sua immortal felicidade. A tanto não chegou nunca o furor das Conquistas, e frenesim de dominar. Affonso de Albuquerque, atirando com humas poucas de panellas de polvora (bombas) dentro á Praça, ou Fortaleza de Ormuz, fez que Ormuz pagasse páreas ao Rei de Portugal, e não ao Sofi da Persia; mas deixou os Persas na crença do seu Zoroastro, e quando levou Gôa ao Sabaio deixou aos Canarins que lessem o seu *Zenda-Vesta;* se abraçárão muitos o Christianismo, não foi pelos fios da espada do Conquistador, mas pelo zelo dos Missionarios, não foi a força, foi a convicção. Assim forão, e tem sido até agora os maiores Conquistadores; deixão os Povos nas suas Leis, nos seus costumes, na sua crença, só querem delles a obediencia: mas o Diabo em infernal Consorcio houve hum filho da furiosa Loucura, e este filho (que de taes pais, tal filho se esperava) chamou-se o Maçonismo, que propagou, e deo, não á luz, mas ás trevas, tantos Orates, quantos são no Mundo os Pedreiros-Livres; e como o Diabo seu Avô foi o Principe deste Mundo, que delle foi deitado fóra, os netos mais endiabrados que o Avô, quizerão ser os dominadores universaes, e querem que seja universal o seu Imperio; este Imperio he o da Loucura, e podem dizer que este Imperio he mais extenso do que forão, todos juntos em hum só, os Quatro Imperios tão affamados no Mundo, e comparados no Profeta Daniel a quatro Bestas monstruosas, e ferocissimas, Assyrios, Persas, Gregos, e Romanos; e o Padre Antonio Vieira, engenho profundo, mas alguma cousa maligno, quiz juntar a estes quatro hum mais chamado o Quinto, e morrendo-lhe ElRei D. João IV no caminho, disse, e escreveo, que havia de resuscitar, e salir da Igreja de S. Vicente são e escorreito para ser o Imperador; milagre que elle queria fazer com a chave dos Profetas, que elle tinha guardada na sua Gaveta, e que ninguem entendeo senão elle. Se eu lhe fallasse, lhe diria que se deixasse de fazer mentir os Profetas em Portuguez claro, para armar Quintos Imperios, que descançasse, que este Quinto devia apparecer, e que se os Quatro tinhão sido de homens de sangue, o Quinto devia ser de consumadissimos Orates, e que senão tivesse o Elogio de Erasmo, teria o azurrague de Pedro Aretino, que era este seu creado. Com effeito, quando eu, com a attenção de que sou capaz, considero a dominação Maçonica, em cada Revolução feita por estes fundadores do Quinto Imperio, vejo huma perfeitissima Casa de Orates, cuja demo-

lição he hum sagrado, e necessario dever da espada dos Monarcas, porque o fim do Imperio dos Pedreiros he não querer no Throno, nem na vida, hum só Soberano na Terra. Entremos na materia; Casa de Orates, e Revolução, he vêr huma só cousa, com tal identidade, que a vista mais aguda, e o juizo mais seguro nunca lhe acharáõ differença. Nós já vimos por duas vezes esta Casa com as portas de par em par aberta, e formigando dentro della os Orates, e mentecaptos, e se os não vemos agora juntos, nós os vemos dispersos, mas não menos furiosos. Juntos, ou separados, em Synedrio, ou em dispersão, e em desterro, nas cafúas de S. Julião, ou pela platéa, e Camarotes de S. Carlos, nos Gabinetes de dia, ou na espelunca de noute, com os calções do Carrasco no cachaço, ou na cabeceira do Tribunal, são como os Judeos, não querem huma cousa, e esta cousa he o Messias, isto he, não querem Religião, que he a primeira cousa, que o homem deve querer. Hum Orate não póde ser nunca hum Filosofo, porque se a Religião podesse ser hum mero invento dos homens, o que a tivesse inventado sería o maior Filosofo, pois considerada politicamente, he o laço mais seguro para a união dos Povos, o fundamento mais firme de todas as Leis, porque une a Moral á Politica, e o que nem prende, nem domina a força, que he a consciencia, a Religião a liga, e a sujeita, e dentro da alma do homem levanta hum Tribunal em que nenhum criminoso he absolvido. Manda, e exige no Vassallo a obediencia ao Soberano, nos Povos a sujeição ás Authoridades estabelecidas, nos filhos o respeito, e reverencia aos pais, marca os deveres do homem para com o homem, e para comsigo mesmo; e se o homem sahe imperfeito das mãos da Natureza, porque esta está viciada pelo crime hereditario, ella o aperfeiçôa, e o purifica. Ao desgraçado dá hum bem, que he o ultimo, que se perde, a esperança, e constitue a perfeição do homem, e o complexo das Leis no amor heroico, que he a caridade, que reprime a soberba índita aos mortaes, com o que ignorárão os Filosofos, a humildade. A' vista disto, que cousa he hum Pedreiro, que não só não tem Religião, mas a persegue? He hum Orate, porque o Imperio Maçonico he hum Imperio de loucos. E que se faz na casa onde estão aos Orates? Correada, não só que deixe vergão, mas que escorra sangue, e só o sangue do açoute cura Orates, e cura Pedreiros.

Eu me constituo Inquiridor destes Orates, porque para tudo tenho paciencia, e nunca me desfallece o animo no meio das mais intoleraveis dôres do corpo, (pedra, e gota!) quando se trata de salvar o Povo Portuguez, o mais docil, e virtuoso da Terra, da voragem da Revolução. Apparece este animal sanguinario, e feroz, como o vio hum Profeta, animal de dez cornos, e no meio da cabeça hum corno pequeno, que fallava grandes cousas, e proferia grandes blasfemeas (eu direi ainda quem seja a Besta, quem seja esta chavelharia toda, grossa, e miuda). Tudo vem a ser a guarda avançada do Anti-Christo. Vem das margens, ou ribeiras do Rio Douro, e tambem do Rio Mondego, hum punhado de Orates, e o Corno negro, e pequeno (em tudo) grande Rethoricão, e grande fallador; arma-se a

Revolução, isto he, abre-se a Casa dos Orates; não foi preciso que eu batesse mui rijo, o que elles querem he gente, e cuidárão bem que eu entrasse; se eu houvesse de endoidecer, muitas cousas vejo cá por fóra que tinhão esse poder, mas como Pedreiro nunca eu hei de endoidecer; tão grande *Oratismo* nunca ha de entrar na minha cabeça, e nunca direi: — Ninguem sabe para que está guardado neste Mundo! Parece, que o Porteiro era hum Frade, porque foi o primeiro com quem deparei; senão era Porteiro, era por certo o primeiro Director, ou daquelle Banco, ou daquella Confraria. A primeira palavra, que lhe ouvi, foi esta = V. Mercê vem vêr o nosso Manifesto! = Não he preciso, porque VV. Mercês bem se tem dado a conhecer, e clarissimamente se tem manifestado, e não ha Cão, nem Gato em Portugal, e fóra delle, que os não conheça por Orates, e por Ladrões. Nem se espantou, nem se correo desta palavra, tudo isto he o seu officio, e ninguem se envergonha do que tem, e do que exercita diante de Deos, e de todo o Mundo, nem elles querem ser da classe daquellas, que o são, mas não querem que lho chamem. Sei o que seja o seu Manifesto, tiverão duas Musas que lho inspirárão, a Ladroeira, e a Impostura. Impôr, e roubar, eis-aqui o Maçonismo. Aposto eu que se fazem alli huma Junta do Commercio, Navegação, Fabricas, Agricultura, e se quizerem Aguas Livres, tambem Aguas Livres; mas tudo mentira, impostura, e ladroeira. Para as palavras communs tem elles hum sentido contrario, o seu Diccionario, he o Diccionario dos inversos, e a prova, está no seu Manifesto. Todos os Pedreiros são iscados da Agromania. Animar a Agricultura, dizem elles, he a base da opulencia, he a alma, ou o principio animador do Commercio. Impostores! Antes da dominação Maçonica pela Revolução, não se semeava, nem colhia neste Reino nem hum grão de trigo, ainda que digão os Historiadores, que no Reinado d'ElRei D. Fernando estavão por esse Téjo mais de duzentos Navios estrangeiros á carga de Trigo, e este negocio sempre naquelles tempos sem civilisação, nem derramamento de Luzes, nem domicilio do Cidadão, foi negocio de exportação, e não de importação, e então havia mais gente no Reino que comesse; ainda não tinhão começado, nem Descobrimentos, nem Conquistas, e todos os titulos em larga copia, se encerravão em Portugal, e Algarves, nem o Imperio da Loucura tinha apparecido para prometter Mundos, e fundos, e por fim fome, e miseria: mas eu não venho aqui para ouvir pataratices, e imposturas de seus Manifestos, promessas, e arrazoados; venho para interrogar cada Orate em particular, e para me dizer o que quer, e o que espera da Revolução, e já que primeiro me appareceste, anda cá, Orate Frade, que queres tu mettido nesta Casa dos Orates? Já sei o que tu queres. Sabes que estes malvados tem determinado dar cabo da Religião, que he o Culto público que damos ao verdadeiro Deos, porque não o podemos generosamente querer, e amar, sem cumprir seus mandamentos; estes perversos não querem tal Culto, porque os constrange, nem taes Mandamentos, porque lhes embridão as paixões, e sopêão os appetites, e para abolir o Culto he preciso começar por abolir seus Ministros; tu deixas,

ou perdes logo o delicioso socego Cenobitico, e se te promettem oito vintens, não te hão de dar oito ceitis; mas eu fico, e te asseguro que te hão de dar oito mil pontapés, e oitenta mil cachações em teu cachaço rapado, e se agora hes o objecto do seu odio, então o serás de seu desprezo, que ainda he cousa mais penosa, terrivel, e afflictiva. Nem de ti se hão de fiar, porque vendo-te perjuro aos teus votos, por mais que faças, não hão de acreditar tua adhesão, e tuas promessas, ainda que leves por fiador a vida mais escandalosa, e profana; começaste por ser impio, e acabarás por ser desgraçado.

Orate Clerigo, anda cá, chega-te a mim; olha que vês hum Clerigo velho, e talvez tu sejas mais, e mais asno por certo, porque tu estás ahi, e eu ainda por cá me vou arrastrando: que queres, ou que esperas tu da Revolução, e das promessas dos pataratas seus auctores? Esperas que te fação logo Conego de Sé pinguissima, e que por isto *Seneca* te ponha logo no Tratado *de Vita Beata*, ou de boa vida, porque a levão? Com effeito com hum bom Prioste para os Grossos, e outro qualquer Aguazil de Sotana para os miudos, com Dizimeiros de consciencia, (se isto he possivel), com semanas livres, humas que te dão, e outras que tu fazes, tendo, por pouco economico que tu sejas, hum prato do meio ao jantar, não te apparecendo garrafa na meza, que não traga ajoujado hum saca-rolhas, e no bojo externo huma Certidão, não de baptismo, porque o não tem, mas de idade, porque nella a decrepitude he o mais nobre brazão, pois tornando os annos o espirito obtuso, alli mais se aviva, e não desce á barriga, mas, como muito elevado, sóbe até ú cabeça; estendendo o teu corpo com que rauja o leito n'hum colxão de sumahuma, e quando no travesseiro fores inclinando a cabeça, já a leves dormindo pelo caminho, porque isto he ser Clerigo rico, e não arquitector de Desenganos, obrigado a fazer de nada alguma cousa, pódes estar seguro, que ninguem leva neste Mundo vida mais rasgada, e folgazã. Esperas isto, e fazes bem, porque de telhas abaixo não ha melhor vida, nem mais segura bemaventurança, porque até *Los doelos com pan son menos*, dizia o Doutor Sancho a seu amo, ficas livre dos seis vintens em Santo Antonio, da véla no enterro, e dos feijões na taverna. Esperas muito bem, e a Prebenda deve ser o premio do Libe alismo, como senão fôra melhor roer n'hum C. que comer á farta o pão partido por patifes. Estás feito Conego, e para ti se acabárão os cuidados da vida; estás livre de appareceres pela manhã pálido, por teres levado a noute em claro, folheando os exemplares Gregos, e Latinos a vêr se atinas com a Pyramide dos Entes, ou com a essencia do Bello. O teu Breviario só, e a tua goella unicamente; mas espera huma migalha; lá sahio do Augusto Salão hum Decreto Soberano, que supprime as Sés, os Cabidos, as Prebendas, os mesmos Sacristães, e os Meninos do Côro, declarando os Dizimos verdadeiros bens nacionaes, que já na eira estão clamando pelo Thesouro Publico, e Nacional, onde terão o seu perpetuo jazigo. = Então de que hei de eu comer? me dirás tu. = De seres Liberal, que he cousa que enche barriga, mas nem aos Clerigos, nem aos Frades. O Thesouro te congruará, mas de fome, de miseria, e de

desprezo. O que a ti te succede, succederá aos Curas, e succederá tambem aos Bispos, pois eu não esperava que estes entrassem tambem na Casa dos Orates da Revolução; mas falle a França, porque na Igreja Lusitana verei Martyres, mas não verei Apostatas; fará o valimento de hum Leigo hum Bispo, mas nunca fará a impiedade de hum Bispo hum Leigo.

Cheguem-me para cá aquelle que anda acolá, mais Orate, que os outros Orates, com mais fitas que Noiva d'Aldèa, e com mais medalhas, que hum Romeiro de Santiago: he hum Nobre, he hum Grande, he hum Fidalgo.... Estes andão pela Ilha Terceira, e com huma tigéla ao caldo dos Subditos Britannicos. E tambem por cá; vamos andando. O' Nobre Orate, que queres da Revolução? Ser Par com pelle, ir para a Camara alta julgar pela Carta os outros Pares, os Principes, os Infantes, os Reis. — *Isso bom he, mas dura pouco, e bem dizia o profundo auctor da resposta a não sei quem, no que vinha a ser outro que tal, que os revolucionarios tinhão dado com mel pelos beiços aos Fidalgos, e que lhes havião de tirar as pelles, e os ossos.* Tenhão paciencia, entrárão na Casa dos Orates, beijem os pés ao Rei, que os livrou das mãos, e da boa vontade dâquelles netos de Satanaz, que delles fazião zombaria, quando os viâo ir tão empellicados, e apressurados para o seu augustissimo, e sublimissimo Salão. Eu me envergonhava de os vêr, e me admiro agora, que elles se não envergonhem de os terem visto. Concordo, que nós cegalhos de outro Adão tenhamos summo respeito, e veneração áquella distincta classe, mas quando vejo passar este, ou aquelle puchado na carroça da soberba, sem terem olhos, nem ouvido desprezo, que ponhão nestas formigas da terra, mas feitos á sim[illegible]ança do seu Auctor, sempre murmuro por entre dentes aquellas palavras que o cauteloso Ulysses disse ao fanfarrão Aiax no arrazoado da sua contenda sobre as armas de Aquilles:

Nam genus, et Próavos, et quæ non fecimus ipsi,
Vix ea nostra voco.

Eu chamo apenas nosso ao que fizerão
Os antigos Avós da estirpe nossa,
E não fizemos nós....

O que fizerão os Orates revolucionarios netos de grandes avós, lá se está vendo ainda pela Ilha Terceira; fizerão-se a si desgraçados, sim, porque bem desgraçado he o homem ingrato: todos os criminosos acompanhados de algumas circumstancias podem merecer perdão; o ingrato nunca merecerá indulgencia, não ha delicto, que mais enxovalhe a Natureza, ou que mais offenda a Justiça. Quem mais que esses foragidos Orates recebêo das mãos dos Monarcas maiores beneficios?. Não he preciso que se diga o que tão manifestamente se descobre. Esses Orates da Ilha, sobre os farrapos da indigencia, e entre os remendos da mendicidade, pendentes de desbotadas fitas, ainda se lhes devisão as medalhas da condecoração, e os symbolos da grande-

za; e nos hombros, no lugar, que não parece tão safado como os outros, porque alli estivetão as já vendidas Dragonas, se descobre hum espaço, por onde passavão a tiracólo os raiados Listões dos Grandes Dignitarios das Ordens: a estes premios moraes, mais preciosos que os que esgotavão o Erario, são tão ingratos, que desembainhão a espada contra o Rei, que, ou lh'os déra, ou lh'os não tirava. Como Orates chegárão a este estado, e como incorrigiveis criminosos nelle se conservão. Muito tempo me levárão estes Orates, e mais Orates que os outros, porque hum Grande feito hum liberal he o ultimo excesso do *Oratecismo*.

Venhão cá esses Orates de cabeças calculadoras, e especuladoras. Que grandes Brigadas delles encerra a vastissima Casa! Quasi a vejo cheia de taes inquilinos! Chamão-se estes Senhores os Senhores do Negocio; e se se queixão de o vêrem estacionario, de si se queixem. Conhecidos Capitalistas, (são mais as vozes que as nozes) Cidadãos tão Patriotas, que podendo aqui receber de seus fundos cinco, seis, e até dez por cento, querem antes tres, ou tres e meio por cento no Banco da famosa Londres!.... Bem recahia sobre elles hum emprestimo forçado, porque a quem arrota milhões, não faz grande brécha hum empate, não infructuoso, de alguns mil cruzados. Enchão-se burras para a Revolução; e tendo huma Letra, que pagar á vista, deixaráõ que a protestem para acudirem naquelle mesmo dia a huma archotada, se houver requisição de vinho, e mais de archotes. Que esperão da Revolução? Que os cárdem, e que os esfólem até lhes transformarem os Cofres, domicilios de cartuxos, em perpetuas aposentadorias de têas de aranha; e as possantes, e arfantes Galeras, que podião ... o costado a tres Fragatas Tripolinas, e que vasavão do bojo mil caixas, e dez mil sacas, e duzentos mil mólhos de salsa parrilha, reduzidas a hum Hyate velho, que traga de S. Martinho meia carga de ripas de pinho da terra! E não se desenganão estes furiosos Orates! Dizem os signaes telegraficos que se vira ao Norte, que se vira ao Sul, que se descobrira ao Leste hum Bergantim sem bandeira, que navegava para Oeste, e passa hum mez, que estão calados sobre a entrada de hum só Barco pela foz do Téjo, e elles muito contentes indo á Praça saber huns dos outros como estão de saude, e se sabem de algum Mestre de Fundas, porque as quebraduras são immensas, e não se desenganão. Oh! que a Revolução, que só busca a prosperidade interna do Reino, porque era hum aforismo do Patriarca Fernandes — *Adeos, Senhor Brasil, passe por lá muito bem*, — vendo-nos quebrados, e feitos em cacos, nos fará logo Juizes de facto entre hum magote de Jurados, he verdade que sem ordenado, mas tambem he verdade que honra, e proveito não cabem n'hum saco. Orates, não estão vendo que a Revolução rebellou as Conquistas, e fez perder a mais extensa, e a mais opulenta das Colonias, que tiverão os Reinos Europeos no Hemisferio opposto; não estão sentindo que esta perfida desmembração estancou as fontes do mais florecente Commercio, que só com simplices commissões opulentava tantas casas! Quem lhes poz tão espessa peneira nos olhos, ou quem de Agulas perspicassissimas os transformou

em cata-cégas Toupeiras, que não vejão que para se lhes não extinguir o espirito commercial, ver-se-hão obrigados pela ultima das especulações a vender Trapos na Feira da Ladra, ou Vassouras de piaçá pelas ruas?—Tudo isso, que Vm. nos está dizendo, he a mesma verdade; o Commercio, a não ser o das mentiras, calotes, e trampolinas, ha muito que está enterrado, nós andamos tiinindo, os protestos por serem tantos, e tão usuaes, já não metem medo, se os nossos crédores protestão, nós tambem protestamos não lhes pagar, fica elha por elha, tudo he negocio; se nós ficamos muito enchutos, elles ficão muito desesperados; mas entre isso, que Vm. chama desgraças, e males, temos o supremo bem da Carta, vêmos Pares dignos (de que sei eu), vêmos Deputados Senhores, vêmos Cidadãos livres, pois pela Carta nenhum pode ser prezo sem culpa formada... Muito asnos são Vv. mms.!! Isso sería optimo, e celeste, se a Carta não mandasse a suspensão do *Habeas. A Carta a medrar*, e a Patria a perigar tudo he o mesmo; e se até agora não se prendia, sem se lhe dizer porque, agora prende-se sem este berbicacho, e vão Vv. mms. bailar á Cadêa, e mais a Carta. Verdadeiros Orates! Ficão sem burras, sem negocio, sem casa, sem jantar, e sem liberdade. Ora Deos os ajude, os desengane, e lhes abra esses olhos estupidos, e malignos.

Que he isto? Tambem nesta Casa mórão, e muito contentes, tantas Bécas! Cuidei que por si mesmas já estivessem desenganadas, depois da metamorfose do Senado da Camara, e depois da *Divinal* Instituição do Jury!... Então que querem desta Casa, isto he, que querem, ou esperão da Revolução! Nós queremos fazer o Código para ganhar alguns vinténs, pois tantos se promettem pelas Côrtes, visto não o saberem fazer. Na Camara infima, e na Camara summa ha só dous lotes de Camarentos, o primeiro lote he dos mudos, o segundo he dos falladores; e onde huns não dizem palavra, por mais que o Senhor Presidente lh'a dê, outros não ha quem os entenda nas palavras, que dizem, porque arengas descozidas nada querem dizer; na de cima Linhares, na de baixo Magalhães, como hão de fazer o Código? Por isso querião chamar para a obra Pedreiros de fóra, e com tão farto Jornal, como era o promettido. Nós faremos o Codigo....

O Codigo, Senhores, e Vossas Senhorias bem o sabem, o Codigo está feito, ha quasi duzentos annos, e a sua ultima redacção foi concluida por Thomé Pinheiro da Veiga, e Diogo Marchão Themudo, grande amigalhote do Padre Antonio Vieira; e ha que folhas elles morrêrão! Ha entre Vossas Senhorias alguns como aquelles dous? Creio que sim, e melhores. He hum encanto ouvir seus discursos em hum Salão de companhia, até as Senhoras se derengão todas; eu nisso não reparo, porque estou como embebido no oceano da sua Jurisprudencia: Ulpiano, e Papiniano não me arrebatarião tanto, isto he, a fallar, porque a escrever, não fallemos nisso!!! Querem pois fazer o Código; para quando! Olhem, antes da resurreição dos Capuchos não apparecería elle. Ora eu sou hum Clerigo velho, e para entender as Lições do Breviario me dá a agua pela barba, e diráõ que eu metto fouce em seára alhêa; mas digão quanto quizerem, que eu sempre hei de ir com a minha por diante. Justiniano não ajuntou,

ou compilou mais Leis do que tem este Reino, e talvez que nenhum outro as tenha melhores, ou da razão, ou da Natureza mais de perto derivadas. Leis Agrarias, Leis Sumptuarias, Leis Commerciaes, Leis Coloniaes, Leis Civís, Leis Criminaes, Leis Economicas, Leis Penaes, Leis Municipaes, etc., e outras muitas, sem ser preciso ir colhê-las á arvore, ou mecher nos bahús dellas, que aqui trouxe da Ilha o Mestre Vicente, de que com muita razão os mesmos Liberaes malhados fizerão muita zombaria. Separadas todas estas Leis, e feitas em móllos, cada móllo correspondente á sua Classe, móllo agrario, móllo sumptuario, etc., e escolhidas outras tantas cabeças da Ordem Senatoria, entregar a cada huma dellas hum móllo bem atado, não cahisse alguma, obrigar a tal cabeça a fazer dellas huma miudissima analyse, marcando o que he bom, e rejeitando o que he superfluo, e ocioso, em fim hum extracto exactissimo, resumido sim, mas sem omittir cousa alguma essencial no espirito, ou intenção da mesma Lei, e ei-ahi o Codigo feito, porque não ha Leis melhores, nem mais providentes que as Leis Portuguezas; e se nellas ha cousa impertinente, são os cabeçalhos, e os barambazes franjados, que pelo meio lhe mettião. Feito assim o Codigo, ficavamos livres dos labyrintos, das ambages, das epiquéas, com que os Causidicos nos aturdem, e com que ajudão (untando-lhes bem as mãos) a boa vontade dos que a não tem para pagar o que devem, e se lhes demanda. O verdadeiro exemplar dos Códigos são os dez Mandamentos — Não matarás — Não furtarás —: não se diz mais, nem em menos palavras; não se mata, nem se rouba. Leis com franjas são Leis pataratas.... Lá grita hum dos mais soberbos, e empertigados, e talvez que dos mais ignorantes.... Clerigo velho, triste Clerigo de *Requiem*, tu papagueaste tanto, e não sabes o que dizes: tu não conheces a tendencia do Seculo, o derramamento das luzes, o progresso da civilisação, o pezo da opinião, nem sequer ouviste fallar nos Direitos do Cidadão. — Tanto não quizera eu ter ouvido, nem conhecido que todos esses palavrões são outros tantos xaropes de Dormideiras por toda a parte propinados ao Povo para o conservar em lethargo. — Pois se conheces isso, sabe que o Código, que queremos fazer, he todo *baseado* nos Artigos da Carta *Divinal*, que este titulo lhe empurrão os Hymnos á Constituição de Pedro, ou Pedreira, feita cá, e vinda de lá. Pois se isto querem, ou intenção, então deixem-se estar onde estão, na Casa dos Orates. Querem Carta, e sabem acaso como ficarão, e todos aquelles, que quizerem Carta? Eu lh'o digo: ficarão sem Religião, sem Monarquia, sem Leis, sem ajustados costumes, sem Patria, sem representação, sem jantar, e sem ceár, sem socêgo, e sem liberdade, obrigados a pedir, não a Carta politica, mas a Carta de Guia para irem por essas Misericordias, e se ainda existirem, por essas Portarias com huma escudella ao caldo. Falla-lhes já o Desengano, e se atemão, fallar-lhes-ha a propria experiencia. Perca-se huma Nação, e tão digna de existir gloriosamente, como tem existido a Portugueza, com tanto que se satisfação as miras da ambição de huma Seita de loucos; e se hum faz hum cento, eis-a querem fazer todos. Aqui chegava, fallando-me ainda muito, porque

á Casa dos Orates não se passa escrupulosa revista nem em cinco dias do mez de Maio: houve mister parar, por hum motivo, que para mim não he novo, e eu me admirava que elle não tivesse apparecido com aquella frequencia, com que em tempos Constitucionaes se me offerecia. Huma formosa Anonyma marca — Coimbra — me veio á porta, e á mão. Que Catilinaria sobre os Contractos exclusivos, e com especialidade, o do Tabaco, em que fallei por occasião de exemplo! He verdade que eu não sou Financeiro, e não sei fallar em Finanças; e onde estão as Finanças para eu as vêr, e fazer idéa do que isso seja, e fallar com o conhecimento de causa? Se dellas houvesse hum systema fixo, podia eu então dizer alguma cousa. Sou Macedo, he verdade, mas ha mais Marias na terra, e ha Sancto do meu nome, que tem feito, e não sei se ainda faz, grandes milagres! Respondo ao Senhor Anonymo, pelo que observo, que se o Contracto passasse para a immediata administração da Real Fazenda, começava logo, e logo a atenuar-se, e em lugar dos 1400 Contos, que entrão impreterivelmente no Erario, apparecerião mil e quatrocentos centos contos de mãos, que ficando todas untadas, como hum grande rio dividido todo em grandes, e pequenos canaes para regarem estas, e aquellas extensas campinas, o tributo de aguas, que devia levar ao Oceano, ficava reduzido a dez réis de mel coado. Creio que me explico menos mal com esta imagem, ou semelhança. A Decima, que foi decretada para manutenção, e conservação do Exercito, se o seu lançamento fosse feito como manda a Lei, e não pelo arbitrio, ou conveniencia de tantas Harpias, que jantando com os Proprietarios, deixão que as casas tenhão inquilinos, e ao mesmo tempo escriptos, porque das que estão, ou parecem estar vagas, não se paga Decima, chegaria o producto, e chegaria para pagar a meio Exercito Russo, e até o faria andar mais depressa.... Reduza-se a Contracto Real, e venha á Praça a sua arrematação, não só a Decima, mas as Sizas, e Manceio, e deixe-se ir tudo a mãos fieis, e bem afamadas como são as dos Contractadores do Tabaco, porque tractarião a cousa como sua, e como quem não quer perder, verião como regorgitava o dinheiro no Erario, e mostrarião a tanto pusillanime esfomeado se o Reino tem, ou não tem recursos; e em cima de tudo isto faça o Banco o que a Lei de sua creação manda, e faça tremer os Cambistas, que para isso foi creado, permittindo-se-lhe que batesse moeda, mas desta que leva o vento, em quanto a pezada vai cahindo muito para o fundo de certas burras, ou sorvedouros. Se do Inferno surde a infernal Constituição, he tal a mania, ou o furor da perversidade, que logo apparecem milhões para festas Civicas, e no mesmo instante surgem da terra, ou do Logradouro do Rocio, que he páo para toda a obra, *Sagradas Lapidas*, que vão hombrear pelas nuvens com as Pyramides do Egypto: he preciso sustentar a Causa da Patria, e o Throno de legitimo Rei, que com unanimidade de votos a Nação acclamou, tudo são lamurias de miseria, e escacez de numerario; e eu diria neste caso, que se não querem por bem, queirão por mal. Os Orates curão-se contra sua vontade.

A Anonyma levou-me 65 réis de porte, isto he peior que tudo,

e me fez quebrar o voto de não acceitar Carta, cuja letra no Sobrescripto me fosse desconhecida, e Carta com calculos financeiros, em que eu não entro, porque me podião dizer — Donde veio a Pedro fallar Galego? — Haja menos exactores, ou cobradores das rendas públicas, e não dos que são do ramo Justiças, teremos muito dinheiro; não haja Pedreiros, teremos muita paz, muita fartura, e muita felicidade. O que mais que tudo desejo he não vêr o Povo Portuguez mettido na Casa dos Orates na Revolução. Se alli cahe, será para sempre desgraçado. Na primeira cahe todo o homem, ahi tem 1820; na segunda o pouco acautelado, ahi tem 1826; na terceira o tólo; e para o não ser tem bastantes Desenganos; se para alguns são amargos, mais o são os da Botica, e tomão-se (excepto eu) para que a perdida saude se restaure, ou a molestia não vá por diante. Promettem larga, e repentina ventura ao Povo; mas como? Mora o pobre, e indigente em huma agua furtada, he verdade que he huma guarita, onde não dá tres passos livres apenas, dando sempre com a cabeça no tecto, sem o poder levantar mais; e mais á larga está hum Pardal no ninho, e huma Coruja no buraco; mas vive tranquillo em sua baixa condição; hum pão de rala he para elle tão saboroso como papos de Anjos, ou bicos de Rouxinoes, ninguem o pérturba, e nenhuma inveja ou o rala a elle, ou por ella o perseguem; mas ha quem lhe offereça a mudança de estado, e de fortuna, e até de domicilio, e tanto melhor do que aquelle onde reside, quanto vai de huma cambaia agua furtada a hum esplendido primeiro andar, onde tenha vastas salas, grandes camaras, ante-camaras, ricos moveis de Magno, ou com verniz, que o finja, Trumós, Lustres, Marquezas, e Canapés, e, o que he melhor que todo este luxo de móveis, e immóveis, huma Dispensa mais guarnecida de presuntos, paios, chouriços, e mantas de toucinho mais preciosas que os Pannos de Tunes, do que a Praça d'Elvas de artilharia, e tudo isto com huma unica condição, que vem a ser, fazer-se no sobrado hum buraco largo, e capaz, que venha por todos os andares linha recta até ao primeiro andar, e precipitar-se o miseravel até dar com o costado feito em hastilhas no pavimento alcatifado do tal primeiro andar. Que louco seria o que acceitasse o partido? Melhor era a este homem contentar-se, e viver tranquillo com seu pobre domicilio, e o seu aspero, e negro pão. Pois eis-aqui a Revolução, e as promessas da Revolução. Faz perder ao Povo o pouco, que tem, porque lhe tira os meios de o adquirir, não lhe dá o que lhe offerece em suas insidiosas promessas, porque não he para dar o que unicamente para si os Ladrões vão roubar. Destes Ladrões, que com tão inchadas bochechas tudo, e de repente promettião, vem esta miseria pública, e universal; e das punhaladas, que derão no estado politico, e economico do Reino, vem estes ais, estes gemidos, que sem remedio está dando a toda a hora a indigencia. Pozerão o Povo Portuguez naquella lastimosa situação, em que aos olhos do Papa o representárão as *verdadeiras* premissas da Bulla da Carne. Nem pão, nem azeite, nem peixe, nem vinho, nem fructa deixárão em pé os temporaes neste Reino. Oliveiras! Nem huma. Laranjas! Nem para nos pôrem a pão, e laranja; e para mais penas

sentir, huma esquadra de Chavecos Argelinos, e Marroquinos veio aqui para a bôca da barra, e engulirão todas as Muletas do Seixal, e do Barreiro, queimárão todas as cabanas da Costa, e todos os Samirros da Sardinha. Ficou só o gado vacum, e ovelhum; e como as chêas levárão os pastos todos, visto não terem que comer, impetrou-se a Bulla para nós os comermos a elles. Que verdades! Mas eis-aqui verdadeiramente o estado, em que a Revolução pôe, e deixa os Povos, huns na Casa dos Orates, e os outros nos Hospitais.

Pedroiços 1 de Fevereiro de 1831.

N.B. No N.º 11, pag. 7, lin. 21, *ataviados*, leia-se *atrevidos*.

LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA.
1831.

Com Licença.

O DESENGANO,

PERIODICO POLITICO, E MORAL:

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

N.º 13.

Salus Populi suprema Lex esto.

Os Cães ladradores, e os Cães derramados na Revolução.

Considere-se bem qualquer Revolução Politica, descobrir-se-ha hum bando de Ladrões sem medo, nem vergonha, e quando se ouve a gritaria de ou — *tenhamos as nossas Cortes* — como em 1820, ou *Viva a Carta*, como em 1826, podemos dizer, ou empunhando a bolça, ou engatilhando a Espingarda, — estamos chegados ao Pinhal d'Azambuja, e aqui não ha meio entre estes dous extremos, — ou ficarmos como nossas mãis nos parirão, ou estendermos sobre esta area, e deixarmos aos Lobos que façáo as honras sepulcraes a estes Cacos desalmados, que nos tirárão a vida, se nós não tivessemos a resolução de lha tirarmos a elles primeiro. Este he o procedimento que devemos ter com os Ladrões de estrada na ordem da razão, e da Natureza, porque na ordem sobrenatural da Revelada Filosofia se nos diz, se vos tirarem a capa, dai-lhe tambem a tunica, (ainda que ha Ladrões tão liberaes, que nem dão lugar a esta entrega da tunica depois de tirada a capa, levão logo tudo na primeira assentada, ou investida). Neste retrato ao natural dos Ladrões, ou Salteadores de estrada, que a Forca mui raras vezes tem a honra de vêr elevados á summidade de seus magestosos degráos, vemos nós, tambem ao natural, a copia de outros Ladrões mais cadimos, mais barbaros, e mais abominandos, que se chamão Revolucionarios; a quem os Ladrões da Charneca, ou do Pinhal, podem dizer o que disse o Pequeno Cor-

*

sario na enseada de Babel Mandel ao maximo Ladrão Alexandre Magno: — Tu me queres tirar a vida porque aqui por estas aguas roubo alguma cousa para me sustentar, e quem t'a ha de tirar a ti, que roubas, e inquietas o Mundo inteiro? — Disse bem o Corsario a Alexandre, e tão bem o disse, que o fez calar. O mesmo devião fazer os Revolucionarios, se os outros Ladrões lhe dissessem isto. Os Ladrões Communs alimpão bolças, e algibeiras, os Revolucionarios roubão, e alimpão Erarios, despejão Cofres, e aligeirão as Burras daquella enorme carga de ouro, que as fazia estar eternamente immoveis. Nós assustamos, por essas longas estradas, e despovoados huma, ou outra Aldêa sobre a qual, e na qual com mais industria, ou violencia, nos podemos introduzir e acommetter, e vossês roubão, assustão, acommettem, e depois despojão Reinos inteiros, e, ou os convertem em chão de casas queimadas, ou nas tristissimas solidões de hum Cemiterio. Nós despojamos huma casa de seus ornatos, e moveis, ou profanamos muitas vezes huma pequena Ermida de sua alampada de latão, ou galhetas de estanho sujo, porque mais não podemos: Vossês roubão todos os Templos deixando-os em osso, sem poderem continuar as funcções do Culto; e como se isto, sendo tanto, não bastasse, roubão a vida a seus Ministros, porque, senão houver estes, tambem não haverá Culto. Nós reduzimos huma familia á mendicidade, vossês reduzem á indigencia hum grande Imperio. Nós por qualquer entrosga em que nos apanhem, nos levão ao patibulo; vossês commettendo todos os crimes, querem a impunidade, e a consesguem. — Eu, sem poder eximir os Ladrões da Forca, parece que não devo querer absolver os Revolucionarios do cadafalço. Comparados com estes os Ladrões vulgares, me parece que se lhes podem chamar os Santos innocentes. Tal he a atrocidade dos crimes destes verdadeiros Demonios com apparencia humana. Os Ladrões ordinarios deixão o homem *in puris naturalibus*, isto he, sem camisa, que lhe cubra os couros; os Revolucionarios deixão os Povos sem socego, e em interminaveis sobresaltos. Hum ataque de Ladrões dura huma noute, o ataque de Revolucionarios estende-se a annos; aquelle, tem remedio, este não tem reparo; a Justiça persegue os Ladroes, os Revolucionarios, extinguem, e amortecem todos os principios da Justiça, e tanto a desconhecem, que de todo, não só fica esquecida, mas enterrada. Os Ladrões pedem muitas vezes perdão ao Rei; os Revolucionarios, querem, e procurão dar a morte aos Soberanos, e acabar para sempre com a Soberania. Os Ladrões furtão por fome, os Revolucionarios roubão por soberba, por ambição, e por vingança. Dos Ladrões vulgares, e dos não vulgares teve profundo conhecimento o Padre Antonio Vieira, em seu nunca assás estimado Livro — *a Arte de furtar;* mas esta nova extraordinaria especie de Ladrões, escapou á sua profunda perspicacia, e viveza, porque, Ladrões mais que Ladrões, nunca se vírão no Mundo, senão depois que no Mundo se descobrírão, e existem Pedreiros Livres.

Parece que me estão de muitas partes gritando a ambos os ou-

vidos: — Que lhe roubárão a V. m. os Pedreiros Livres Revolucionarios, para os denegrir com hum nome tão affrontoso! Não são elles de huma Ordem que por sua grandeza, dilatação, e antiguidade he chamada a Veneranda, composta de Confrades tão inteiros, e virtuosos, que passão as noutes mettidos em boracos, preparando os bens, e as esmolas com que, aclarecendo o dia, lão de acodir á humanidade afflicta, e necessitada! Não são elles os que, encarregados do melhoramento das Nações, tendo os Reis hum poder independente, e absoluto, lhes concedem dous poderes, hum vem a ser executar o que os Salões lhe mandarem — *Mande-se ao Executivo* — outro Moderador, que não se entende governar, mas sim tratar os Pedreiros apanhados com a bôca na botija, com muita *moderação, e mais moderação*, fazendo a vista gorda, a quantas Conspirações elles tramem, e se descubrão; e homens tão raros, e tão conspicuos, são por v. m. tratados tão deshumanamente, que até lhes assaca, ou lhes põe o labéo de Ladrões! Que lhe furtárão? Se fosse só a mim, nem palavra eu proferiria, mas roubárão o Reino inteiro, tirando-lhe a tranquillidade, a paz, a representação, as Colonias, o vestido do corpo, e o pão da bôca, e aos individuos de que se compagina, e forma o corpo da nação, roubárão individualmente o socego, a cuja conservação tenho jus, pois para mo defenderem, e manterem vim á Sociedade, despojando-me de huma parte da minha natural liberdade obedecendo aos outros, para se conservar a ordem social em todo o corpo moral da Nação; não he preciso ser muito Puffendorf para dizer isto....

De tal maneira nos tem estes Cães ladradores, e Cães derramados com seus latidos, e irremediaveis mordeduras roubado este bem preciosissimo, que se chama socego individual, que não ha hora do dia, e muito mais da noute em que estes Cães desaçaimados deixem de ladrar, e deixem de morder, e por isto chegão momentos em que a razão offendida, e indignada deseja, que a humana Sociedade se dissolva, e que os homens tornem ao estado primitivo da Natureza agreste. Eu bem sei, que isto he o voto da desesperação, que julga serem melhores os troncos das arvores, as fendas dos rochedos, as cavernas dos montes, que o apparato, as commodidades, o esplendor, e a abundancia das grandes Cortes, e das populosas Cidades, se nellas se perde o grande bem, o socego, que se adquire no estado de isolação das espessuras, e dos bosques: mas idéas filosoficas do Cidadão Genebrino não são para aqui, nem os discursos da melancolia aproveitão cousa alguma contra Cães a ladrar, e cães a morder: outro he o procedimento que se deve ter com os Cães; para os que ládrão, páo; para os que marfados mordem, e damnados communicão a hydrofóbia, tiro com balla, e tiro com zagalotes; e, ou viver inquieto com os latidos, e uivos, e esperar a morte na agonia do veneno, ou dar por huma vez cabo de toda esta canzoada. Se os que só ládrão ficassem logo derreados a bambú, e com os queixos tão reduzidos a farinha, que nunca mais podessem bater hum no outro, e

a sua maxima mais seguida, e sustentada, he esta — se huma espingarda errou fogo, nem por isso se deve deixar de a carregar outra vez, ou de a tornar a escorvar immediatamente. — Isto se faz, isto se tem feito; pois faça-se com que se não torne a fazer! O grande conselho de descançarmos, confiados *no brio*, só levado a páo, e sacodido logo apenas os foguetes acabassem de estalar. Que desgraça!! Desenganem-se os Povos, e saibão que tem dentro em si os elementos de huma Revolução; mas acreditem-me os Povos, que se romper, ella não terá mais duração que a do relampago, e o trovão que se lhe seguir depois de apagada a luz, será o golpe da morte de seus auctores, e estejão certos, que tócão a degolar, quando tocarem a revolucionar. Até hum milhão de mortes, se conservará a vida de hum só, que he a vida de todos; he, e será preciso que a Nação Portugueza acabe, para que ElRei não exista. Isto não são amplificações da Eloquencia, são sentimentos depositados no coração dos Portuguezes. A Patria sempre lhos inspirou, e quem lhos arreiga mais, e lhos confirma? Quem lhos exalta, e lhos inflamma! Eis-aqui huma causa pessima produzindo hum effeito optimo. São esses monstros abominaveis, que não querem conservar huma Patria, que os Romanos invejarião, ou quererião trocar pela sua. Della querem dar fim, e não se apaga o murrão com que querem fazer rebentar a mina que elles tem com tanta pertinacia profundado.

A' vista disto, com que socego viviremos? Tudo esmorece, e sem nenhum interesse olharáõ os Portuguezes para tudo quanto póde servir para a conservação do bem estar da Sociedade humana. Para que hei de trabalhar, e consumir-me no estudo das letras que me dão os tão necessarios conhecimentos nas Artes, e nas Sciencias? Vejo ir correndo a noute, e já confinando com o alvor da madrugada, a Natureza pede o somno, e o estudo a vigilia, e nesta fluctuação no meio do silencio, e do socego, me surprehende o estrondo do primeiro ensaio revolucionario; que hei de eu dizer comigo? Que dirá outro qualquer homem nas minhas circumstancias? Praguejar a sua existencia, detestar o seu emprego, abominar os seus trabalhos, porque no meio de huma revolução tudo se perde, tudo se transtorna, tudo se acaba. Sim, voltêa a morte de contínuo diante dos olhos, abomina-se o presente, e teme-se o futuro. Nesta mesma revolução ha partidos, porque as paixões encontrão-se, a ambição, e a vingança se embravecem, o odio refina-se, quanto mais faceis se proporcionão os meios de se satisfazer. Seja a victoria de que partido for, os estragos são iguaes. Basta a incerteza, e a contínua fluctuação da ochlocracia, que he o tumultuario Governo da Populaça, que entre alaridos quer humas vezes a morte dos Ministros, outras a abolição das Leis, outras a extincção dos impostos, e sempre o desprezo do Culto. Qual he então a segurança da vida, e da propriedade! Se este frenesim revolucionario não houvesse arrastrado os homens para serem engolidos pela voragem da sua mesma desgraça, não viviriamos assim, sempre em cuidados, sempre em receios esperando, e com

muita prudencia, sempre o peor, porque peor foi a revolução de 26 do que a de 20, e a de 23 muito peor hia sendo que ambas as precedentes, e que poderia vir a ser a preparada, se tal foi a primeira dentada destes Cães derramados, que depois de nos perturbarem, e inquietarem tanto, não anhelão mais que ruinas, e cuja sêde nem com rios de sangue se estanca?

Se eu digo muitas vezes que me ennobreço, e ufano muito de ser Portuguez, mostrando que me devora o zêlo da gloria, e do renome desta Nação prodigiosa, á vista do presente, e com a memoria do passado, tambem devo dizer que me entristeço muitas vezes de ser Portuguez, muito sériamente, quando me pergunto a mim mesmo —porque razão os Portuguezes se não lembrão do que fôrão para se deixarem estar neste estado! — Tome-se esta pergunta naquelle honrado sentimento, que tem dado a conhecer as minhas rectissimas intenções. O nosso tão bem motivado, e justificado orgulho Nacional, e a consciencia da nossa mesma grandeza formada, e sustentada pelas nossas façanhas obradas na Europa, e na Asia, (não fallo na America, porque isso foi huma fazenda achada ao acaso, e mandada depois cultivar, e povoar com os nossos escravos, e criminosos punidos, e degradados) nos estão dizendo a todo o momento: se quereis sustentar o nome de honrados, e de grandes, não deixeis levantar cabeça ao Imperio das innovações. Pois sete seculos de magestosa existencia deixar-se-hão macular pelos ôcos palavrões de huns pataratas, que se divertem como Charlatães de Feira, fogem depois como Ciganos, ou Ladrões da Charneca! Já que os não espancastes em seu apparecimento, antes de tomarem força, não os deixeis viver agora, e tomai tento que elles são como os Polypos, que feitos em pedaços se reproduzem. A vossa franca indolencia, ou natural magnanimidade os desprezou no berço, agora que crescidos, e costumazes offendêrão a vossa virtude com a sua impiedade, a vossa independencia com a sua tyrannia, os vossos costumes com a sua corrupção, as vossas letras com a sua ignorancia, e o vosso Rei com a sua rebellião, acabai com elles no desterro, e no patibulo, e lembrai-vos que he perpetuar os crimes perdoar, ou tolerar reincidencias. Mas que tempos! Vá-se dizer isto a hum Ministrinho territorial, ou não territorial, dir-vos-ha — *Isso fica para as medidas geraes.* — Estas palavras são como as Receitas dos Empyricos, servem para todas as doenças, como as bichas dos Medicos actuaes. Se o doente está tisico, bichas; se he pletórico, bichas; isto não he testemunho falso, he comigo; se a pedra me retem a ourina, bichas; se a pedra, rompendo a uretra, me constitue em Dysuria, que me traz sempre encharcado, bichas; se a gôta me desconjunta os ossos dos pés, bichas. Este cozimento de medidas geraes veio aqui do Porto em 1820 com a revolução, e aqui ficou, e achárão-lhe tanta virtude nesta planta exotica actimatada nas margens do Douro, que serve para tudo, e os nossos regeneradores deixavão para a mais urgente necessidade actual o remedio futuro das medidas geraes. Medidas geraes com girandolas ao

a sua maxima mais seguida, e sustentada, he esta — se huma espingarda errou fogo, nem por isso se deve deixar de a carregar outra vez, ou de a tornar a escorvar immediatamente. — Isto se faz, isto se tem feito; pois faça-se com que se não torne a fazer! O grande conselho de descançarmos, confiados *no brio*, só levado a páo, e sacodido logo apenas os foguetes acabassem de estalar. Que desgraça!! Desenganem-se os Povos, e saibão que tem dentro em si os elementos de huma Revolução; mas acreditem-me os Povos, que se romper, ella não terá mais duração que a do relampago, e o trovão que se lhe seguir depois de apagada a luz, será o golpe da morte de seus auctores, e estejão certos, que tocão a degolar, quando tocarem a revolucionar. Até hum milhão de mortes, se conservará a vida de hum só, que he a vida de todos; he, e será preciso que a Nação Portugueza acabe, para que ElRei não exista. Isto não são amplificações da Eloquencia, são sentimentos depositados no coração dos Portuguezes. A Patria sempre lhos inspirou, e quem lhos arreiga mais, e lhos confirma? Quem lhos exalta, e lhos inflamma? Eis-aqui huma causa pessima produzindo hum effeito optimo. São esses monstros abominaveis, que não querem conservar huma Patria, que os Romanos invejarião, ou quererião trocar pela sua. Della querem dar fim, e não se apaga o murrão com que querem fazer rebentar a mina que elles tem com tanta pertinacia profundado.

A' vista disto, com que socego viviremos! Tudo esmorece, e sem nenhum interesse olharáõ os Portuguezes para tudo quanto póde servir para a conservação do bem estar da Sociedade humana. Para que hei de trabalhar, e consumir-me no estudo das letras que me dão os tão necessarios conhecimentos nas Artes, e nas Sciencias! Vejo ir correndo a nonte, e já confinando com o alvor da madrugada, a Natureza pede o somno, e o estudo a vigilia, e nesta fluctuação no meio do silencio, e do socego, me surprehende o estrondo do primeiro ensaio revolucionario; que hei de eu dizer comigo? Que dirá outro qualquer homem nas minhas circumstancias? Praguejar a sua existencia, detestar o seu emprego, abominar os seus trabalhos, porque no meio de huma revolução tudo se perde, tudo se transtorna, tudo se acaba. Sim, voltèa a morte de contínuo diante dos olhos, abomina-se o presente, e teme-se o futuro. Nesta mesma revolução ha partidos, porque as paixões encontrão-se, a ambição, e a vingança se embravecem, o odio refina-se, quanto mais faceis se proporcionão os meios de se satisfazer. Seja a victoria de que partido for, os estragos são iguaes. Basta a incerteza, e a contínua fluctuação da ochlocracia, que he o tumultuario Governo da Populaça, que entre alaridos quer humas vezes a morte dos Ministros, outras a abolição das Leis, outras a extincção dos impostos, e sempre o desprezo do Culto. Qual he então a segurança da vida, e da propriedade! Se este frenesim revolucionario não houvesse arrastrado os homens para serem engolidos pela voragem da sua mesma desgraça, não viviriamos assim, sempre em cuidados, sempre em receios esperando, e com

muita prudencia, sempre o peor, porque peor foi a revolução de 26 do que a de 20, e a de 23 muito peor hia sendo que ambas as precedentes, e que poderia vir a ser a preparada, se tal foi a primeira dentada destes Cães derramados, que depois de nos perturbarem, e inquietarem tanto, não anhelão mais que ruinas, e cuja sêde nem com rios de sangue se estanca?

Se eu digo muitas vezes que me ennobreço, e ufano muito de ser Portuguez, mostrando que me devora o zêlo da gloria, e do renome desta Nação prodigiosa, á vista do presente, e com a memoria do passado, tambem devo dizer que me entristeço muitas vezes de ser Portuguez, muito sériamente, quando me pergunto a mim mesmo — porque razão os Portuguezes se não lembrão do que fórão para se deixarem estar neste estado! — Tome-se esta pergunta naquelle honrado sentimento, que tem dado a conhecer as minhas rectissimas intenções. O nosso tão bem motivado, e justificado orgulho Nacional, e a consciencia da nossa mesma grandeza formada, e sustentada pelas nossas façanhas obradas na Europa, e na Asia, (não fallo na America, porque isso foi huma fazenda achada ao acaso, e mandada depois cultivar, e povoar com os nossos escravos, e criminosos punidos, e degradados) nos estão dizendo a todo o momento: se quereis sustentar o nome de honrados, e de grandes, não deixeis levantar cabeça ao Imperio das innovações. Pois sete seculos de magestosa existencia deixar-se-hão macular pelos ôcos palavrões de huns pataratas, que se divertem como Charlatães de Feira, fogem depois como Ciganos, ou Ladrões da Charneca? Já que os não espancastes em seu apparecimento, antes de tomarem força, não os deixeis viver agora, e tomai tento que elles são como os Polypos, que feitos em pedaços se reproduzem. A vossa franca indolencia, ou natural magnanimidade os desprezou no berço, agora que crescidos, e costumazes offendêrão a vossa virtude com a sua impiedade, a vossa independencia com a sua tyrannia, os vossos costumes com a sua corrupção, as vossas letras com a sua ignorancia, e o vosso Rei com a sua rebellião, acabai com elles no desterro, e no patibulo, e lembrai-vos que he perpetuar os crimes perdoar, ou tolerar reincidencias. Mas que tempos! Vá-se dizer isto a hum Ministrinho territorial, ou não territorial, dir-vos-ha — *Isso fica para as medidas geraes.* — Estas palavras são como as Receitas dos Empyricos, servem para todas as doenças, como as bichas dos Medicos actuaes. Se o doente está tisico, bichas; se he pletórico, bichas; isto não he testemunho falso, he comigo; se a pedra me retem a ourina, bichas: se a pedra, rompendo a uretra, me constitue em Dysuria, que me traz sempre encharcado, bichas; se a gôta me desconjunta os ossos dos pés, bichas. Este cozimento de medidas geraes veio aqui do Porto em 1820 com a revolução, e aqui ficou, e achárão-lhe tanta virtude nesta planta exotica actimatada nas margens do Douro, que serve para tudo, e os nossos regeneradores deixavão para a mais urgente necessidade actual o remedio futuro das medidas geraes. Medidas geraes com girandolas ao

ar he querer mais girandolas. Ora deixem lá os Girandoleiros para quando se tornarem as medidas geraes; o que eu vejo com muita satisfação he o juizo, e a promptidão, com que se vai deitar huma tarrafa, ou rede geral, que apanhe os Girandoleiros, e os Girandolistas. Se existe, ou não existe, o trama infernal, se o dia, e a hora estavão, ou não marcados, e decretados, ainda que não era bem manhã clara, bem claramente se vio, porque deitar foguetes só por deitar foguetes em tão distantes, e em tão oppostos pontos da Cidade, sem prévia convenção, e sem determinado fim, he querer muita cousa das que se chamão impossiveis moraes. Mas se aquelle era o principio, porque não apparecêo o fim? Se apparecêo o começo, porque não apparecêo o progresso? A Veneranda he acaso capaz de deixar huma obra imperfeita! He verdade que todos, ou quasi todos elles são huns quadrupedes da mais fina raça, mordem como cães, dão couces como bestas: mas em algumas, que lhes temos visto fazer, e que logo abortão, ficão de orelha cahida como burros. Maior, e mais extenso he o terreno da Russia, com tudo, começando pelas mais remotas folhas, ou folhagens, ainda que, com bastantes vagares, se foi pelos troncos ao claro conhecimento da primeira raiz da venenosa arvore da morte, para, pela primeira, e mais funda raiz ser arrancada; e com effeito, para que não germinassem mais estas raizes, pozerão-se a secar ao ar de hum lugar alto penduradas até se mirrarem de todo.

Ora pois o Governo não dorme, e menos dormirá em seu regaço a Justiça; mas os cães tambem não dormem, e não deixão de ladrar, e de morder; hum dente só, que lhes reste, hão de ateimar, e dar huma dentada, em quanto daqui não fôrem atrellados com suas colleiras, não digo que sejão de ouro, mas daquelle metal consagrado a Marte, que he mais seguro, e em tendo uso, se faz muito luzidio, e brilhante. Muitos destes cães estão ladrando, e mordendo ao longe, procurando que aqui se oução os seus latidos, e vejão as suas mordeduras. Esses ridiculos, e infames papeis, que clandestinamente se introduzem, e girão pelo Reino, são tão vergonhosos, e tão destampados, que o Povo, a quem elles vem seduzir, e indispôr, merece algum desengano. Pelo caracter moral de seus auctores se pode ajuizar da sua perversidade. Huma Comedia de doudos, ou de bebados, teria por certo mais ordem, e mais juizo. Profanando o augusto nome da Senhora Princeza do Grão-Pará, que he hum Principado creado de novo no vasto, e *povoado* Imperio do Brasil, dandolhe a investidura de Rainha de Portugal pela determinação de outras Côrtes, que não são as de Lamego, mas de Cortiços feitos por elles, Cortiços, que se não crestão, mas Cortiços crestadores do Mundo inteiro, estão com Decretos irrisorios, feitos em nome da mesma Serenissima Senhora, com a mania dos *Departamentos*, dividindo, e *departamentando* as nossas Provincias em porções Departamentaes, e nomeando para elles Prefeitos, e Sub-Prefeitos; e ainda nenhum delles nos fez o favôr de apparecer, tomar posse, e encartar-se, pa-

gando os novos Direitós. Dão Patentes de Generaes, armão Gabinetes a seu modo: o Ministro da Fazenda por força he honorario, ou fica esperando que a haja; e que grandes caloteiros tem elles no Taipa, no Linhares, no Villaflor para hum lugar similhante! O Pasta das Pastas, Pedro de Sousa, he o Presidente de tal Ministerio.... E vèmos isto, e lèmos estes Decretos, e trememos quando chegamos ao fim do Decreto, que nos determina as côres de que se deve compôr o Laço Nacional; e elles estão lá, e nós aqui. O que sobre tudo deve fazer desesperar de raiva, ou estoirar de riso, he a chamada triple invasão, determinando-se os tres pontos do simultaneo desembarque. Só para elle estão já abordo dos Transportes oitenta mil Granadeiros, todos elles côr de café. Pionagem, Gastadores, Vivandeiros, ou Quitandeiros de hum, e outro sexo, he huma nuvem negra, cuja presença assustará mais com o cheiro que com as armas; tantos Catingas, ou tanta Catinga corromperá os ares. Contão que virão refrescar á Terceira, receber o Generalissimo Antonio Hippolyto, para Commandante dos Cavallos, não ligeiros, mas pezados; não lhes falta por lá onde escolher. Estes sonhos de delirantes, e de bebados nos não devem ocupar por hum momento, tomemos a cousa sériamente, e determinemo-nos, que os canhões assestados pelos nossos surgidouros, e ancoradouros devem ser Forcas, e os revelins, e bastiões, que formarmos, sejão levantados de cadaveres dos nossos internos inimigos, que não são quatro ancoretas de melaço vindas dos matagaes da Terra de Santa Cruz.

Mais consideravel, e ponderoso julgo eu o ataque, que nos fazem os nossos descarados foragidos, verdadeiros cães ladradores, nesses miseraveis Periodicos, que como drogas sem sello aqui por mãos Britanicas, carregadoras de Laranjas, nos são introduzidos. O Povo está desenganado, e já conhece pela experiencia de longos annos o que elles contenhão. Se aquelles mesmos dos dous Medicos, a quem se pagava para escreverem em Inglaterra o *Investigador*, nos embutião as malhadices, que convinhão ás intenções, e disposições da Veneranda; e tanto rombo fizerão no costado da Náo do Estado; que farão *Palinuros*, *Paquetes*, e *Chavecos*, dignos nomes, e genuinas producções de cabeças vazias, e bôcas esfomeadas, cuja inspiração he huma impotente raiva de cães damnados? Eu corro todas aquellas douradas paginas, porque em poucas deixa de apparecer o meu nome. Busco razões, que combatão outras razões, argumentos, que destruão outros argumentos, e não acho mais que insultos, aleives, e regateiraes descomposturas. Já se não atrevem a estender, ou em cima, ou em baixo, tão respeitados auctores, o seu respeitavel nome; *Garret*, *Midosi*, *Magalhães*, *Rocha Lopes*, e outros, em quem pôper não teve a Forca (talvez ainda o venha a ter) já são tão conhecidos, e tão detestados, ou escarnecidos, que se não atrevem a estirar seu nome, como fazião. Perdem a obra, ou o oleo, e podem renunciar o ministerio de illustradores; e se estes escriptos fôrão os canaes por onde se derramárão tantos venenos, persuadão-se que es-

tão para sempre entupidos, ou obstruidos. Que se pode esperar de bom, de honrado, e judicioso, de conforme á razão, e ao senso commum, de huns infames traidores ao seu Rei, á sua Patria, á sua Religião, e aos seus mesmos concidadãos, a quem com a mascara de grandes Beneficios causárão todos os males de que pode ser victima o estado social? Depois de nos conservarem em continuos sobresaltos, valendo-se da sua malicia, do poder estrangeiro, das manobras de huma baixa, e sordida politica, que não considera mais que os proprios, e particulares interesses á custa da Justiça pública, e dignidade Nacional, nos atacão, nos escarnecem, nos ameação de contínuo, levando os insultos desde o homem tranquillo, e retirado até á summidade do Throno, a quem pedem amnistia, ou esquecimento de tudo quanto tem feito, e que com extrema impudencia vão fazendo, e não querem deixar de fazer.

Eu tenho dito, e escripto quanto basta para a refutação destes perversos, e monstruosos escriptos, quando elles atacão o Throno, a Religião, e as Leis deste Reino; e ainda não vi que apparecessem outras pennas, que tão constantemente nisto se occupassem; entre aquelles mesmos, a quem mais podia interessar similhante materia, pelo vulto, que julgão fazer no Publico, eu não tenho visto mais que infatuação, e fatuidade: para demonstrar a verdade, e a justiça da nossa grande questão he necessario começar por destruir os argumentos, com que a combatem os nossos inimigos, com hum vigor, e com huma clareza tal, que o homem menos instruido do Povo possa conhecer a força dos raciocinios. Esses livros, que aqui tem vindo de fóra, contão o que se tem passado neste Reino desde a sua origem, e as relações, que os seus Monarcas tiverão com os outros, provando que Portugal he huma Monarquia independente como são as outras da Europa; e provar que o Reino de Portugal he o Reino de Portugal, he a cousa mais ociosa que ha. Os infames Libellistas, vagabundos por Inglaterra, atacão a parte vital da questão completamente já decidida, e legalmente resolvida, e de hum modo tal, que devia ter imposto silencio ás grandes dúvidas, e aos grandes escrupulos continentaes, e insulares, como se houvesse alguma intima, e inseparavel relação com o reconhecimento, ou absoluto, ou condicional (cousa, de que nos deveriamos rir) com as provas da legitimidade. Estas provas são as que elles atacão. A maior de todas que se podião allegar na questão da successão he o Assento de 11 de Julho de 1823, que assentou sobre razões, que não apparecêrão em Coimbra em 1385. Huma voz de tantas vozes tem maior pezo que a voz de João de Aregas. Ao ataque sobre este Assento só eu tenho respondido, e ainda de Inglaterra entre tantas bugiarias, ou insolencias ainda não apparecêo huma réplica. Pelo que me pertence só a mim nos taes cadernos, e caderninhos, ladrem quanto quizerem, e..... chama-lho antes que to ella chame.... Se querem que não escreva mais, não he preciso descompor-me, eu estou nisso, e declaro que já basta; e se querem que lhes diga tudo, tenho a cabeça cançada,

o vigor, que nella havia, está evaporado, e o resto do corpo morto, ou quasi immovel. Levo comigo huma consolação, que he, vêr girar por este Reino hum papel intitulado — *A Contra-Mina*; o seu auctor se assigna = O Padre Mestre Doutor Fr. Fortunato de S. Boaventura, Lente em a Universidade. = Neste papel lançou elle mão do meio mais conveniente, e mais capaz de illustrar a Nação, que vem a ser, propôr-lhe dous exemplos, hum para o seguir, outro para o fugir. O exemplo da imitação he o honradissimo procedimento da Hespanha, o valôr, o juizo, a energia, com que se tem opposto ao vertiginoso espirito das innovações, a guerra de exterminio, que tem declarado, e feito ao Liberalismo, e o maravilhoso instrumento de que se serve para dar cabo dos Pedreiros, que vem a ser, o jogo, em que só se ganha com — Tres Páos; — as medidas, que tem tomado, e as providencias, que tem dado para se evitar o contagio na introducção de livros impios, e de charlatães estrangeiros, e a firmeza daquella maxima, que nascêo em Portugal — Antes quebrar que torcer — que vem a ser, ou que quer dizer, que antes deixar de ser Nação, sepultando-se, mas com a espada na mão, debaixo das suas mesmas ruinas, que dobrar o humilhado pescoço ao opprobrioso pezo de hum jugo estranho; este exemplo de huma Nação tão paredes meias com a nossa, que tendo os interesses communs, e defendendo a mesma causa, devião ha muito tempo enlaçar-se com hum pacto intimo de alliança offensiva, e defensiva, deve servir de guia, e de modelo a todos os Portuguezes, e como he hum exemplo não imaginado, mas vivo, e presente, devia ter tanta força entre nós, que quem visse hum Hespanhol pelas faldas dos Pyrenêos, visse hum Portuguez pelas praias do Oceano.

Este he o exemplo para seguir; vejamos o exemplo para fugir. De tal maneira o muito sabio, muito erudito, e, o que he melhor que tudo isto, o honradissimo auctor da *Contra-Mina* retrata ao natural os horrores da Revolução Franceza, não de morte-côr, mas com vivissimas côres, que os verdadeiros Portuguezes não podem deixar de recuar espantados á vista daquelle Inferno aberto. Ora pela bitóla da Revolução Franceza de 1789 se tem feito, e farão sempre (*Quod Deus avertat*) todas as outras. E qual será o desalmado, aré tão inimigo de si mesmo, que procure vêr a sua Patria victima de tão nefandas calamidades! Diga-se assim aos Revolucionarios Portuguezes: eis-aqui tendes onde possais vêr o que quereis fazer. Muitos dos Bachareisinhos terão vindo das margens do Mondego, penteando-se, ou ensaiando-se em Condeixa, para representarem em huma Revolução a Personagem do Causidico de Arras, *Robespierre*. Veja-o alli com os queixos quebrados com hum tiro de Pistola, e depois aparado pelo pescoço na Guilhotina. Incendios, roubos, mortes, demolições de edificios, profanações de Templos, matanças a eito, e a esmo sem attenção a sexo, a condição, a idade, eis-aqui o quadro, que a Revolução lhes offerece aos olhos; querião a Revolução, quererão o mesmo, e isto irão vendo, se armas incorruptas, e incorruptiveis não

trouxerem, como devem, das margens do Neva o promptissimo, e necessario remedio.

He pois este o meio mais seguro, e o mais proveitoso de desenganar o Povo; os factos, e não os discursos, são para elle o mais prompto desengano; a *Contra-Mina* seguio esta vereda, e abraçou este methodo, e eu o julgo, e o proponho como hum objecto da séria consideração dos Portuguezes, e nas actuaes circumstancias, a leitura mais proveitosa. Louvar o seu auctor sería ir contra o proloquio Latino — *In silvam ne ligna feras* — sería levar lenha para o mato. Elle não quer louvores, mas desejo que o leião. Isto não he acceitação de pessoa, dos mais, que assim escrevessem, eu diria o mesmo. Eu estou doentissimo, decrepito, e moribundo; sou o Priamo de Virgilio, que veste as armas para ir morrer; parece-me que diz assim:

Arma diu senior dessueta trementibus ævo
Circumdat nequidquam humeris, et inutile ferrum
Cingitur, ac densos fertur moriturus in hostes.

Pedroiços 17 de Fevereiro de 1831.

LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA.
1831.

Com Licença.

O DESENGANO,

PERIODICO POLITICO, E MORAL:

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

N.º 14.

Salus Populi suprema Lex esto.

O Frasquinho de Balsamo, ou os Charlatães da Revolução.

Hum dos maiores, e mais intoleraveis, e prejudiciaes empecilhos da Sociedade humana civil, e politica, he o bando de Charlatães mézinheiros, que introduzido não só nas Cidades populosas, mas nas mais desconhecidas Aldêas, anda com descozidas arengas apregoando, e vendendo (com licença, e permissão do Proto-Medicato) remedios universaes para todos os males, molestias, achaques, macacôas, a que o nosso fragil corpo está sujeito neste valle de lagrimas. Todos estes remedios, tópicos, e não tópicos, calmantes, excitantes, evacuantes, diluentes, emolientes, irritantes, e dissolventes, estão encerrados, não virtual, mas essencialmente n'huma cousa chamada Balsamo, e este Balsamo vem sempre mettido n'hum frasquinho; e isto he tanta verdade, que no momento em que isto escrevo, e em todos os momentos mais, se ha de achar, e vêr o frasquinho em optima gravura por todas as esquinas das ruas, e praças da quasi sempre enganada Lisboa por estes Corsarios, e Charlatães, que vem aqui enterrar, e roubar a gente, como se cá não houvesse, quem optimamente fizesse huma, e outra cousa. Por baixo da gravura do frasquinho, está o comprido Sermão impresso, que expõe com huma eloquencia irresistivel as virtudes naturaes, e sobrenaturaes do mesmo Balsamo. Não se poupão alli os nomes dos Summos enterradores de gente, Theofrasto, Paracelso, Fabricio Aquapendente, Van-Helmoncio, André Cisalpino, e Jeronymo Cardano, Interpretes da Na-

tureza, fundadores de antigas Escólas, e de cujas mãos habeis, e Medicinaes, nenhum doente se gabou de escapar com vida. O menos que se prômette, e que vem fechado nos taes frasquinhos he a duração de huma vida á vista da qual podemos dizer que Mathusalem morreo creança. Por oito tostões comprou hum amigo meu hum frasquinho destes do tamanho do diametro do canudo desta penna de escrever, com hum Balsamo tal, que huma só gota tomada em jejum curava radicalmente a Gota, a Pedra, a dôr de Dentes, e as Cefalgias, e Hemicraneas, que são os quatro teimosissimos Algozes que mais me atormentão; assim dizia a immensa folha impressa que acompanhava o frasquinho; e para que não tivessemos o arrojo de duvidar de tantas virtudes, e de tantas promettidas, e milagrosas curas, nos dava por testemunha hum homem que mora em Bruxellas n'huma casa ao pé do rio, que qualquer criança a que alli se perguntasse, logo ensinava. Quem não acudiria ao reclamo, e por tão modico preço de oito tostões, para ter hum Balsamo, que dilatava a vida até á resurreição da carne, dando cabo de quantas enfermidades podem assaltar o corpo humano? Quem não acreditaria com huma testemunha daquellas, e tão facil de se interrogar, e de se ouvir? Não passa huma Semana, sem que estes frasquinhos appareção, e sem que os Editaes promettedores não forrem as esquinas todas! Não ha Franchinote, que aqui appareça, que são aos milhares, que não traga frasquinho, e que não nos prometta não só a cura nas enfermidades, mas inmortalidade na vida. Muitas vezes, para que a nossa simplicidade encha a barriga a muitos, (que conforme o meu voto devia ser de estocadas) sem nenhum delles deixar o frasquinho, que he a unica bagagem, que os acompanha, cada hum delles vem com faculdade do Banco de Montpellier, curar huma só enfermidade, sendo o Balsamo em todos o mesmo. Hum vem tirar dôres, e dentes, Dentista approvado; outro he Cirurgião Calista, tira os calos, e tambem os prega, e isto mais do que est'outro; hum he Medico Parteiro, põe as mulheres, em estado de sahir creança, e tripas, e a mãi para sempre deste Mundo. Vem outro Cataratciro, tira as névoas, e juntamente os olhos; chama-se Oculista. Vem hum, e diz, com licença do Proto-Medicato (havendo-o) em cinco minutos com cinco pingos do meu Balsamo, eu curo a Retina Electrica. Pois eu, diz outro, com pingo e meio curo em meio minuto, a Hepatitis, e a Tympanitis: outro jura pelos seus gráos, que só com o cheiro do seu Balsamo desterra as Opilações, Obstrucções, e os Empyemas dos bofes. As lombrigas desalojão do canal intestinal, só com huma fricção no *abdomen* deste seu Balsamo divino. Este se annuncia Cirurgião Lombrigueiro, e só deseja lombrigar alguma bolça de dinheiro para lhe fazer a operação da evacuação, e da talha. Tenho observado huma cousa nestes Franchinótes Frasquinheiros, e vem a ser, que muitas vezes nos annuncião por esse papel chamado Gazeta, que todas as manhãs nos visita em jejum, e nelle nos deixa, que por estes seis dias se ausentão desta Capital para irem correr as da Europa, e para tirarem o dente do siso ao Landegrave de tal, para que os Senhores

que tiverem debotado o esmalte dos dentes incisorios, corrão a reparar este dezar na Hospedaria dos Arlequins, ou na Travessa do Cátefarás, e declara que o acharáõ de Boticão feito desde as nove horas até ás duas e meia. Dahi a nove dias, outro aviso do mesmo cunho, que declara aos Senhores desta Capital, que elle tem a honra de lhes dizer, (e nós a parvoice de o aturar) que a sua partida fôra adiada para acudirem com o Balsamo do seu frasquinho a muitos de seus illustres assignantes, que se achavão não de dente, mas de queixo cahido, por lhes haver sahido o Gado mosqueiro, e espantadiço com estálos da madrugada, e que — nem por muito madrugar amanhece mais cedo....

Párece-me, que ahi vem já huma, ao parecer, justa arguição: «Onde vai ficando este Desengano, atormentando a nossa paciencia com a mui longa impertinencia do frasquinho e Charlatães? Não tenhão pressa, Senhores; que o maior Desengano que eu posso dar ao Povo, está no frasquinho, e nos Charlatães. Ora ahi vai, e acommodem-se; o frasquinho he a Revolução, e os Charlatães, são os seus auctores, assoalhadores, e promotores, que, ao que promettem, faltão, e no que dizem, mentem, e perfidamente enganão. Não se póde entre dous objectos achar huma identidade mais perfeita, do que a que eu encontro entre os mézinheiros Charlatães de frasquinhos de Balsamo, e os malvados arquitectores da Revolução. Quem chama cá estes *Cagliostros* dos pingos de Balsamo, até para nos aguçarem o entendimento, e avivarem os sentidos, alimpando-nos as névoas das algibeiras? Quem chama estes Valdevinos, sem eira e sem beira, e sem ramo de figueira? Ninguem: antes a Policia, activa, e vigilante cuida logo em alimpar as Cidades, e Villas destas malditas sevandijas, que tudo corrompem, tudo emporcalhão, tudo roubão, e tudo arruinão, e se este remedio não he prompto, depois será impossivel que tão grandes males o tenhão. Em Cidades bem policiadas, a mais prompta, e mais cómmoda aposentadoria que lhes dão apenas apparecem com a matalotagem dos frasquinhos, he a cadêa, e não sahem senão para pôr os quartos fóra de Villa, e Termo, com pena de Galés, e açoutes se lá tornarem, e antes de sahirem, queimarem-lhes os Editaes, e na mesma fogueira os frasquinhos, e mais os Balsamos, que por certo não são Catholicos como os da Botica, de que Deos livre a todo o fiel Christão. Se este exemplo não contiver outros que queirão vir, fazer-lhes o mesmo, e eu lhes faria ainda mais, que vem a ser, com os frasquinhos, e os aranzeis, queimallos a elles tambem na mesma fogueira, chamassem ou não os outros mézinheiros, que de longe ateimão com o frasquinho, a este remedio, remedio heroico, porque, sem elle, não se vê a gente livre de Charlatães.

Quem chamou cá os regeneradores revolucionarios, mézinheiros gratuitos do genero humano? Ninguem os chamou, nem convidou, vierão elles como verdadeiros Charlatães politicos, carregados de palavras, e sobrecarregados de mentiras. Os Charlatães do Balsamo dizem que trazem remedio para tirar as névoas dos olhos, e deixão a

gente cega. Os revolucionarios vem promettendo o derramamento de luzes, e deixão os Povos ás escuras; riquezas, e deixão os Povos por portas, ou portarias. Os Charlatães de Balsamo promettem curar todas as feridas do corpo, e deixão chagas cancerosas, e pestilentes; os revolucionarios promettem curar os golpes que no corpo social tem aberto huma má politica, e pessima administração, como elles lhe vem chamando, e rasgão, e profundão de tal maneira as chagas, que só a morte as poderá cicatrizar. Eu devo provar o que lhes faço dizer com o que elles descaradamente se atrevêrão a praticar como verdadeiros, e despreziveis Charlatães, que nem apupados se envergonhão, nem bem sacudidos desistem.

Quando ha noticia da chegada de hum magote de saltimbancos com ligeirezas de mãos, de huma matilha de Pelotiqueiros, composta de Malabares engolidores de espadas nuas, e tambem do que podem apanhar a dente, porque em fim as espadas não se convertem em quilo nutritivo, todo o Povo apressuradamente corre para gozar do espectaculo de tão respeitaveis, e benemeritas personagens, e para lhes contemplarmos as caras onde vejão esculpidos os signaes do desaforo, da impudencia, e da impostura; e menos Mundo se ajuntaria para verem desembarcar carregado de palmas, e de louros D. João de Castro vencedor em Diu, ou D. Luiz de Ataide, Libertador da India, debaixo do Pallio com ElRei D. Sebastião; porque os Arlequins attrahem mais o Povo, a quem os Pedreiros Livres chamão Soberano. Ora, quando entrou o frasquinho do Balsamo revolucionario, e os Charlatães seus portadores, e conductores, bem se sabe o que foi nesta Capital, no dia 1.º de Outubro; como erão Balsamos, e mézinheiros nunca aqui vistos entre nós, tambem eu busquei o lugar que me competia, como Povo que sou, e cheguei-me quanto pude para lhes contemplar o que a Natureza primeiro, e depois o crime, tinhão feito, quando fizerão aquellas caras. A cara com que eu fui, como Povo que sou, metter-me no meio daquella Populaça para vêr que caras erão as dos Charlatães do frasquinho, era a imagem viva, ou mais depressa morta, de hum adro, em que o Inglez *Hervey* se faria a olho com a melancolia, e tristeza das campas das sepulturas: mas que transformação foi a minha ao vêr a veneravel caterva? Cuidei de me espojar de rizo, quando com tal vista se offereceo á minha vivacissima imaginação a figura daquelles Medicos pintados á cabeceira dos doentes nos paineis de milagre nos muros — *Ex voto* — pendurados na ante-Sacristia da Penha de França, que todos tem caras de quem tem mortes ás costas. Não podia atinar com o fim para que trazião comsigo os mézinheiros da cavalcata hum Frade tão bem disposto, e anafado! He verdade que elle vinha no meio da leva de Curandeiros, que se encaminhavão á Capital para tirarem com o seu Balsamo da aberta sepultura a moribunda Lusitania, e com seus soccorros, e mais ainda com suas promessas lhe tinhão alizado tanto a pelle, e tornado o cachaço tão roliço. A opinião mais geral foi, e bem se vio, que o Frade vinha para matar como mézinheiro, assim como seus Companheiros matárão outras cousas, os Gallicismos que

abusivamente se havião introduzido na Lingua Portugueza; mas mentio, como mentem todos os Charlatães, pois os multiplicou ainda mais. Se eu minto, não importa, e senão veio para isto, então veio para dar cabo do Reino, como elles todos fizerão, pois vinhão para isso.

Estão pois chegados os Charlatães, os frasquinhos annunciados, e os Editaes póstos: que contém estes Editaes, ou que nos vem elles dizer! Mais mentiras, embustes, e desaforos insolentissimos, do que até ao dia 24 de Agosto de 1820 tinhão os Charlatães impingido ao Mundo inteiro desde o dia em que Adão peccou, até áquelle memorando dia. Eu nada tenho com as suas mentiras, minção quanto quizerem no que disserão, proclamárão, e escrevêrão; mas tenho muito com a zombaria que de nós vierão fazer, e effectivamente fizerão. Isto vou mostrar, e nisto vai o maior, e o mais claro Desengano, que se póde dar ao Povo Portuguez para o pôr a coberto das desgraças com que o ameação em huma Revolução cujos symptomas, ao menos indicios, que tão repetidos acontecimentos nos não deixão equivocos, ou dentro, ou fóra deste Reino. O primeiro achaque, que nos promettem curar com o Balsamo da Revolução, he o dos vicios radicaes da nossa Legislação, porque, dizem os Charlatães, não póde haver ordem, estabilidade, força, e regular movimento na maquina do Estado, sem Leis conformes á tendencia do Seculo, e aos progressos da Civilisação; por aqui começa o Charlatanismo revolucionario. As Leis de Portugal, como filhas de hum Seculo Gotico, e como parto de huns homens que nunca virão a Luz, retardão o derramamanto das Luzes, e a felicidade dos Cidadãos: nós vimos deitar abaixo este edificio irregular, e creando hum Corpo, ou huma facção Legislativa, levantar sobre as suas ruinas hum monumento perenne, e mais duravel que o bronze, o que mostraremos só pelos projectos de Leis, que trazemos, ou feitos por nós, ou trasladados dos outros. Eis-aqui o segundo paragrefo do Edital primeiro affixado no Porto a 24 de Agosto de 1820 = *Huma administração inconsiderada cheia de erros, e de vicios havia acarretado sobre nós toda a casta de males; violando os nossos fóros, e direitos, quebrando nossas franquezas, e liberdades.* =

Fóra Charlatães! Pois nós não temos huma administração legal, politica, economica, civil, e militar! Se a vossês lhes queimassem os Editaes, lhes barrassem a cara com outra cousa, que não fosse o Balsamo do frasquinho, e depois de assim barrados os enforcassem logo, os Povos a quem vinhão illudir, e roubar, ficarião logo desenganados. Não reconhecer a profunda Sabedoria, e a consumada prudencia das Leis de Portugal, he mostrarem-se quadrupedes tão brutos como o bruto Polifemo. Onde está este vicio, esta imperfeição, está nas Leis, ou em hum, ou outro de seus executores! Se está nas Leis, vossês, sim, todos vossês, nem são capazes, nem toda a Seita em massa, de as fazer melhores; se está nos homens, porque são homens, e hum ou outro póde deslizar, ou arredar-se das veredas da razão, da probidade, e da justiça, não os póde haver peores do que vossês são

(e ainda não cessárão de o provar,) e escusavão de cá vir. Vossês querem-nos curar com o seu Balsamo, e vossês não se curão nem com tres Antieyras. Se a morte se esquecer de mim hum anno mais, que he o que me basta, apparecerá talvez alguma cousa que se chame—*O Espirito, ou a Intenção das Leis de Portugal.*—Tanta calumnia na bôca da ignorancia!! Mas se estes malditos não sahem do circulo das surradas frases, e nada mais podem dizer, porque nada mais sabem dizer! Haja no Reino (o que Deos, e a Espada d'ElRei não permittão) quarenta revoluções em hum anno, o aranzel da ultima ha de ser como o aranzel da primeira. Nada me impacientava tanto, e por fim, nada me fazia rir tanto, como ouvir-lhes dizer em suas surradissimas arengas: — *Para quando se fizerem as Leis regulamentares.* — Fóra, impostores, com esta frase canora! Quando se hão de fazer essas Leis regulamentares, que necessidade ha dellas em Portugal, e quem de vossês he capaz de as fazer? Se pelo espaço de 33 mezes não se ativessem á velha, e providentissima Ordenação, tristes, e miseraveis de vossês, porque nem palavra se lhes ouviria, e se lá lhes fosse huma Coima da Cazinha, mettião-se no cadóz, e dizião o que tantas vezes disserão: —*Não pertence ás Cortes.*—Serei eu injusto? Não, Senhores; lá estavão homens conspicuos, e de quem eu sou o sincero amigo, mas (fizerão muito bem) pozerão-se na prateleira dos mudos, e fizerão de tudo aquillo hum divertimento; gozárão de hum espectaculo ridiculo; aquecêrão alguma cousa a respectiva algibeira, e esperárão em magestoso silencio, que hum sopro de vento rijo, com hum repellão deitasse de pernas ao ar a tão mal cimentada Igrejinha, que o espirito de rapina, e a vaidade, e orgulho Pedreiral tinhão momentaneamente levantado. Ah! Charlatães! Levantárão-se verdadeiros rebeldes, juntárão-se com perfidia, alcunhárão-se a si mesmos Cortes Constituintes com o soberbo, e illimitado poder Legislativo, e para que? Para marcarem atrevidamente limites ao absoluto, e independente poder d'ElRei; para crearem a mais contraditoria fórma de Governo politico; e para promulgarem novas Leis. Que prestigio foi este nos Portuguezes, quem poz, ou levantou barreiras ao seu natural valor, e á sua nunca manchada honra? Porque não fizerão ao segundo dia da abertura daquelle ridiculo Areopago, o que fizerão no dia 27 de Maio de 1823? A hum tiro de mosquete não se dissolve mais depressa, mais rapidamente hum bando de Pardaes, que ande retouçando em huma esterqueira, mettendo-se cada hum em seu boraco nos telhados vizinhos, do que se dissipou aquella nuvem negra de Gralhas, que tanto nos inquietou com os grasnidos, como nos depennou com as unhas. Eu creio que o Desengano, que tanto vai chegando ao coração do Povo Portuguez, lhe fará querer antes expirar com a espada na mão que consentir, que estes que ainda vivem, e que outros Charlatães similhantes se reunão em outro Salão Augusto como o passado para nos envenenarem com o frasquinho de Balsamo, que tanto assoalhão.

Torno a gritar: ah! Charlatães! Querem prover de Leis o Reino de Portugal? Porque nos não dizem, e nos declarão o que falta

á Legislação Portugueza? Não tem falta alguma, e se a houvesse, quem da ordem dos Charlatães sería capaz de encher este vacuo? Catálogos taes, ou quaes das Leis existentes, concedo-lhes que os façáo, porque em as comprando, e sabendo contar, e lendo no fim — Lei, ou Alvará com força de Lei, pelo qual V. Magestade he servido..... etc., e para fazer Indices Chronologicos, que mais he preciso que o trabalho material de lhes apontar as datas? Talvez eu não saiba o que digo, mas não he isso de admirar; todavia, deixem-me dizer, que ao menos sei o que vejo, e este meu ocular testemunho não he para regeitar; eu não tenho visto mais do que aquillo que digo, porque nada mais tem sahido destes abarrotados armazens da Politica, e Jurisprudencia, Diplomacia, e bolorentas antiguidades. Tantos Charlatães Constitucionaes! Impostores! Nem a mesma Constituição souberão fazer, isto já era muito, nem ao menos as Bases della. E serei eu capaz de levantar hum aleive a estes mesmos energumenos revolucionarios? E não lhes bastava serem Plagiarios infames em Politica, propalando idéas, que não erão suas, e que contavão mais de tres, ou quatro seculos de idade! Que mais disserão, que não tivesse dito no tempo de Carlos V o Communero Bispo D. Antonio de Mendonça, estrangulado no Castello de Simancas, onde estava prezo? Estes Charlatães não tem mais que idéas velhas, e palavrões novos. João de Padilha foi o seu Preceptor, em tudo o seguem, e se elle foi enforcado, tambem elles o devem ser, para ficarem em tudo semelhantes. Sería o derradeiro excesso da impudencia dizerem elles que tinhão feito a Constituição; e o caso he que o disserão, e apregoárão de tantos modos, sem temerem a pública confrontação da Copia com o Original, e este não estava escripto em lingua Malaia, ou Tonquinense, mas em Castelhano bem claro, e bem perceptivel. Porém estes Politicos, ou Pelotiqueiros, não só nos obrigárão a acreditar que elles erão os pais da creança, mas com vinte mil espingardas ás costas de vinte mil traidores com pena de morte, ou desterro, com fome, nos obrigárão a acceitar aquelle parto do Inferno como hum presente do Ceo. Eis-aqui o Balsamo do Frasquinho, com que vierão sarar as feridas, e mutilações, que elles achárão no corpo da Legislação Portugueza. Naquelle Codigo da Sapiencia humana estava tudo quanto pode concorrer para a felicidade das Nações, e ventura individual de cada membro do Corpo Civil, e Politico. Quando eu fallo nas vantagens trazidas por elles, (fôrão mais que as promessas dos Charlatães, Curandeiros, e Dentistas,) fôrão, e a isto se limitárão, fôrão hum raio, que se desfez em ruinosas sentelhas, e cada huma dellas reduzio a cinzas huma porção, ou parte do edificio social: sobre a industria fabril, sobre o Commercio, sobre a Litteratura, sobre a Navegação, sobre as Fabricas, e, o que he muito mais que tudo isto, sobre os cestumes, sobre o Culto Divino, sobre a honra, sobre a fidelidade, e até sobre o antigo valôr dos Portuguezes; e eis-aqui o que se vasou do bôjo do frasquinho. D'entre o auditorio, que me escuta, sahe huma voz alti-sonante, que retine em ambas as minhas orelhas, que tem sido victimas de tantas parvoices escutadas,

e me diz = Esses consummados Professores, e Mestres do Charlatanismo acudirão ás urgencias públicas, e augmentou-se logo, e accelerou-se a circulação do sangue avivador do Estado, que só he Estado quando tem dinheiro, e mais dinheiro; nem o Povo nadaria em dinheiro, se os Charlatães não se lembrassem da Divinal Instituição do Banco. = Visto isso o Banco he obra de Charlatães? Não Senhor, Senhor Desenganador. Pois então o que he o Banco? O Banco, como outros que taes, Senhor, he huma casa onde se faz dinheiro, sem ser a Casa da Moeda, e o dinheiro, que se faz na tal casa, não he como o que se bate na Casa da Moeda; este he feito de metaes pezados, huns pardos, outros brancos, outros louros, que he hum gosto vêllos, mas he já hum milagre pôr-lhe a vista em cima. Vê V.m. as Freiras Grilas, ou do Rato? Não, Senhor. Pois eis-ahi o que me succede a mim com as Peças de 7$500. Isto he pezado, e incommodo de trazer, e ha muito quem o queira, e he difficil de se esconder, salvo nas Burras dos Capitalistas, e nas unhas dos Usurarios. Pelo contrario o dinheiro, que faz o Banco; e faz quanto quer, são humas tirinhas de papel, com sões, com luas, com banquinhos, com flores, e só lhes falta o olho do Grande Vigilante. Ora nesta Casa ha muitos homens, que estão a hum balcão, recebem alli o pezadissimo dinheiro que se faz na Moeda, das mãos dos que para lá lho levão com a promessa de lhe darem no fim do anno alguns vintens tão coados, que parecem de sardinhas, e o que lá mettêrão, lá está mettido: que digo eu? Vai para o Estrangeiro, como elles já disserão. Chama-se a isto — Operações do Banco — e devia ser Operações no Banco, ou liquidas, ou sólidas; e o Banco começa a *emittir* tirinhas de papel, e mente, porque diz que he metal valôr recebido, e eu, por mais que olho, não vêjo senão bonequinhos, Mercurio com o caducêo, que he o Nume dos ladrões, e Arabescos mais bonitos que os de Rafael nas Camaras do Vaticano. Ora estes homens não só fazem dinheiro, mas rebatem o dos outros, descontão Letras, emprestão sobre penhores, sendo prata, sendo ouro, sendo brilhantes; são verdadeiros Maltezes, ou Cambistas, só com a differença que os Cambistas algum dia estavão nas esquinas das ruas, cada hum com seu saquitel, e os Cambistas do Banco tem huma Casa, que he do Senado, sem pagar, em quanto os Cambistas da rua pagão agora as casas, em que trocão Bilhetes, e estes são os que fazem o arbitrario preço a esta mercadoria, que nunca ella cá apparecêra, porque por amôr della me tem desmentido na minha cara quatro aréos capas em cólo, porque dizendo-lhes eu: Vv.mm. trocão-me este Quartinho? V.m. mente, me dizem elles, isso he lá hum Quartinho? Isso são cinco tostões e meio....

Basta de Banco; porém não me neguem que este Banco não seja tambem huma porção do Balsamo, que os Charlatães trouxerão no frasquinho; eu não quero perguntar onde está o dinheiro, que está no Banco? Tremo que me respondão com o mais fatal Gallicismo, que se introduzio em nossa Lingua = *Foi para o Estrangeiro*....= O Frade expungidor dos Gallicismos não deparou com este, que com

effeito he o peior de todos; os mais deixállos estar, quem os não quizer, que os não diga, mas este dito por elles, pode reduzir o Reino a huma eterna confusão. E se os que fazem as tirinhas do papel, fôrem atraz do dinheiro, tambem para o Estrangeiro! Nelles nada se perdia, mas no que elles levassem, tudo se arruinava. Se hum Moreira das Letras deixou tantas bocas abertas, e a cuidar que estavão sonhando, que faria o Banco com os pés quebrados, e com as cabeças a monte, ou pelos montes da Pensylvania! Mas emfim lá tem agora hum homem, que dirige, que não quebra, nem abala.

Tenho-me demorado muito, porém esta Obra he a unica, que os Charlatães fizerão, porque em tudo o mais eu só vejo demolir, e arrazar, e não vejo edificar, nem construir. As virtudes do Balsamo estendião-se a tudo; e como o mais seguro fundamento de hum Reino sejão as Leis por que elle se fundou, e as Leis por que elle se governa, e na alta sabedoria dos Charlatães se houvesse declarado que estas Leis, ou não as havia, ou estavão enfermas pela sua decrepitude, pois duravão havia sete seculos, com hum só pingo de Balsamo, e foi o primeiro que corrêo do frasquinho, quizerão supprir esta falta, e melhorar estas enfermas. Este perigo chamou-se a *Constituição Politica*, que o Reino não tinha; isto he, daquelle rico feitio, he verdade, porque huma Lei Fundamental, que era hum desaforo, huma insolencia, huma impiedade, nunca Portugal podia ter, nem acceitar, nem conservar, nem as que se derivassem deste principio tão corrompido, podião deixar de ser venenosas. A sua publicação foi o desengano mais claro que o Povo podia ter. O Povo Portuguez desde Affonso I até o Senhor D. João VI inclusivè até o momento da inauguração do Livrinho Hespanhol mal traduzido, nunca tinha visto no Throno senão Monarcas, cuja vontade era Lei, e cujo poder era independente; e segundo o Livrinho, primeiro pingo que deitou o frasquinho, não era mais que hum Fantasma, ou que hum Autómato, cujos movimentos dependião de forças estranhas. O Povo via até alli em torno do Solio do Rei huma Aristocracia, que o sustentava, e que o aformoseava, Aristocracia grande, e fóra do Reino ainda maior nas Missões Diplomaticas, nas victorias alcançadas, nas Nações vencidas, nas Colonias governadas, em novos Mundos descobertos, em thesouros adquiridos, e muito mais nos desprezados; e o pinguinho do Balsamo, confundindo-a na mais esfarrapada Democracia, fez que o Povo a não julgasse digna de o representar, nem de entrar no curral do Salão, entregando a Bodegões Cidadãos a Presidencia dos Tribunaes, o manejo dos negocios, a entrada nos Gabinetes, que os seculos da maior gloria tinhão visto nas mãos dos maiores homens, que os Annaes do Mundo conservão ainda nas suas paginas. Este Povo fidelissimo, que desde a sua primeira união politica, depois de derrocar pelo alicerce a dominação dos Sarracenos, tinha conservado a Religião intacta, e triunfante, levando-a aos ultimos confins dos mares, e da terra, accendendo o seu facho entre as trévas espessas do mais barbaro Paganismo, a vio tornada em hum objecto de desprezo, de mofa, e de zombaria; vio perseguidos, prezos, des-

terrados os seus Ministros, só pelo crime de serem seus Ministros, e de se não julgarem affectos ao *Systema*, dizião os barbaros algozes. Vírão os Tribunaes, e seus Togados, cuja authoridade, como interpretes das Leis era tão acatada, e respeitada, e cujas decisões acabavão os litigios mais ponderosos, fazendo apparecer equilibrada seguramente a balança da Justiça, convertidos em eivados Conventiculos de Jurados, sem mais conhecimento da Jurisprudencia que o que lhes dava a Patente da Maçonaria. Vírão os Povos seus alterosos baixeis, que sulcavão ambos os Oceanos, Atlantico, e Pacifico, pejados das mercadorias, e producções das tres partes do Mundo conhecido, para opulentarem a quarta, que he a Europa, trocados, ou mudados em Caravélas d'albos, e em Cacilheiros carregados de cortiça. Eis-aqui o que pario a primeira pinga de Balsamo, que nos corrêo do frasquinho, que os Esganarellos nos trouxerão, e na segunda Tourada veio mais accrescentada, como Fogaça de Nicho, entrando para Irmãos da Mesa outros Festeiros mais nobres, mas com o mesmo Compromisso, e não vestião capa, punhão avental; e os que são tão inimigos da Mitra Pontifical punhão outra de dous cornos, e a desgraça foi que se visse sobre a Mitra aguda do Pontificado escarranchada outra de dous angulos obtusos!

O Frasquinho não se vasou de todo, o Balsamo vai correndo, ainda dura, e por desdita nossa não estancou nas duas encamisadas; talvez que o que a ellas se tem seguido, ainda seja o peior, quando o Balsamo nos veio do Brasil transformado em Copaiba. Por hoje basta que fiquemos no primeiro pingo, porque largos dias tem cem annos; nem em folha e meia de papel se pode dizer tudo quanto venha a ser bastante para desengano do Povo, mas para que o Povo se desengane he preciso que o Monarca se não illuda. Eis-aqui pois para os Monarcas hum Desengano.

Maxima Politica de eterna verdade.

> « Todo o Monarca, que por meio de huma Carta, que « lhe extorquirem, ou elle espontaneamente queira dar, cha- « mar os Deputados do Povo, e dividir com elles o seu inde- « pendente Poder Legislativo, abdicou effectivamente a sua « propria Soberania.

Os que julgárão, e até escrevêrão, que na Monarquia Constitucional a Soberania era exercitada collectivamente pelo Rei, e pelas Camaras, ou Camara, enganárão-se, e sinceramente se illudírão. A Soberania he huma, e nestes papeis o tenho dito, he huma, e indivisivel, e deve sempre encontrar-se, e existir em hum só ponto. Só o poder, que decide definitivamente huma questão, he o verdadeiro Soberano. No caso de huma opposição entre o Rei, e a Camara dos Deputados, as Fórmulas chamadas Constitucionaes, collocão naturalmente a Soberania na Camara, porque a Camara tem o poder legal de regeitar tudo sem appellação. O Rei, que quizer conservar o

Poder Soberano, não tem outro recurso mais do que a força, que destrua, ou suspenda a Constituição. Tal foi o estado, em que se vio Carlos X, quando seu Real Poder expirou. A consequencia natural da sua quéda devia ser huma Republica; porém a falta de elementos sufficientes para a constituir na França ao mesmo tempo *centralisada, e democratisada*, e o medo da Força da Europa, fizerão preferir huma usurpação, que sirva presentemente de ensaio, e prepare desde já os caminhos ao Despotismo Revolucionario.

Muitos dos Grandes, que olhão para mim, e tem razão, como se olha para huma Formiga, ou para outro ainda mais impalpavel insecto, dirão = Os sessenta e cinco para sessenta e seis annos do Padre, assim como lhe alvejárão os cabellos, tambem lhe desorárão os miolos, não sabe o que diz, e blasfema quando diz aos Monarcas que não queirão outorgar Carta, porque enterrão a Soberania, e dividindo o poder, ficão sem nenhum. Se digo isto, digo a verdade, e Cartas nem as do Correio, e persuadão-se Vossas Excellencias que panela mexida por muitos não tem chorume nenhum. Represente a Nação, não a Soberania, porque a não tem, mas á Soberania, quando fôr chamada, venha por seus Procuradores a Côrtes, consulte ao Rei, mas não delibere com o Rei; proponha, e não impere. As pelles são bonitas, e he verdade, que Deos vestio Adão com huma tunica de pelles, mas então ainda não havia casacas; aquella Pelissa foi para se defender do frio, e não para se apavonar, ou empavezar de soberba. Quando os Portuguezes se vestião de ferro, não havia Pelleiros em Portugal. A Monarquia he o Governo de hum só, e estar o Monarca no seu Palacio esperando com os braços encruzados, e esperando que lhe venha de baixo alguma Ordem para executar, isto não he ser Monarca, mas parece ser hum Commissario daquelles Senhores. Isto lhe diz o velho Padre; mas a sua mesma experiencia ainda lhes falla mais claro. Eu desculpára os Grandes, se quizerão ser como foi o Senado, ou a Senhoria de Veneza, que assim mesmo durou quatorze seculos, e a soberba foi o primeiro peccado do Mundo = sereis como Deoses = lhes disse o Diabo; mas se os *amalgamentos* são impossiveis, nunca pode ser estavel, e sincera a união da Camara de cima com a Camara de baixo. Cá pela rua se hum Grande me encontra a mim, que sou hum peão, ou hum plebêo, e a maior parte da minha vida hum Prégador de aluguel, arreda-se muito, não se contamine com o contacto; são como os Naires no Malabar, que se desvião da casta plebéa, ou como os Judeos, que se tocavão n'hum Samaritano, hão-se logo lavar; só não achão canalha a Camara de baixo nas Commissões mixtas, para se baralharem com ella. Aos Grandes, tendo talentos, são devidos os primeiros cargos do Estado, e são taes alguns, que se cobrem diante d'ElRei, e muitos se ouvissem a sua consciencia, se devião cobrir de suor frio, e a Ilha Terceira não me deixará mentir: e he pouco tão alta Jerarquia para quererem Carta, e quererem Camara? Não ha cegueira mais deploravel nos taes Grandes, e naquelles, a quem os Grandes chamão pequenos. Quem fez os Grandes Grandes foi o Governo Monarquico abso-

luto neste nosso Reino; para a innata vaidade dos homens não ha cousa maior que ser Grande. Venhão Camaras, porque não só queremos ser Grandes, porém Pares; pois venhão Camaras, e serão nullos; e desenganem-se que todas essas fórmulas com que os Charlatães do Frasquinho enfeitão a Revolução, mais cedo, ou mais tarde vem a parar no puro Republicanismo. O apparato com que os dignos Pares se apresentavão na sua alta Camara, amolava, e aguçava os punhaes nas mãos do Demócratas da Camara baixa, e apertando-lhe o cabinho, lhes estavão jurando pela pelle, e pelas pelles. *Voluntur in altum, ut lapsu graviore ruant.* Seu fasto, ou fofices despertão a inveja, a inveja o odio, e o odio a vingança; por isso nas revoluções, como todas as presentes são Maçonicas, o primeiro objecto do concentrado rancor dos revolucionarios, he a demolição de todos os accidentes, ou signaes da grandeza, pagando as paredes, que são macissas, o que fizerão tantas cabeças ôcas, causas occasionaes das mesmas revoluções. Eu não sou inimigo da Nobreza, porque nella vêjo, e nella respeito o premio, e a recompensa da virtude de antigos Portuguezes. Supponhamos que os presentes não obrão grandes acções, nem se distinguem por assignaladas emprezas, mas nelles ha a memoria dellas, e os presentes não são o que são senão pelo que seus avoengos, ou antepassados fôrão; mas lembrem-se que o devem ser, e não degenerem. São Portuguezes, e a fidelidade a ElRei os fez Grandes; e a infidelidade a ElRei até levou já tres Duques ao Cadafalso, e não erão Duques de Abrantes, nem de Dalmacia, nem de Otranto, erão hum de Bragança na Praça de Evora, outro de Caminha na Praça do Rocio, outro de Aveiro na Praça de Belem. Acautelem-se do Balsamo do frasquinho, que para elles tambem se abre a sepultura. Eu deixo o Povo Portuguez desenganado, e lhe darei o ultimo desengano, quando mostrar que pelo desempenho dos deveres da Religião na maioria da Nação, tem merecido a Divina Misericordia, que he manifesta, quando vêmos que ha dez annos nenhuma das tentativas Maçonicas tem ido ávante, todas abortão, e a todas succederá o mesmo, se os Portuguezes temerem a Deos, amarem o Rei, observarem a Lei; porque sem Deos, sem Rei, e sem Religião, nem Throno, nem Nação.

5 de Março de 1831 em Pedroiços.

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA.

1831.

Com Licença.

O DESENGANO,

PERIODICO POLITICO, E MORAL:

POR

JOSÈ AGOSTINHO DE MACEDO.

N.° 15.

Salus Populi suprema Lex esto.

Ensaio filosofico sobre as Malhas.

He muito difficultosa a arte de conhecer os homens. Entendem-se melhor as Súmulas de Aristóteles, e os Principios de Newton, que esta arte, peor que a Cabalistica, ou a Logica de Raymundo Lullo. Diz-se que os homens se conhecem pela cara, e eu digo que não, porque ensinado sempre pela filosofia do summo Moralista *Juvenal*, não ha hum momento em que não trôe em meus mortificados ouvidos o seu infallivel Oraculo = *Fronti nulla fides.* = Não dês credito, nem te governes jámais pelas caras dos homens, tudo se finge, e ha tal que parecendo na cara hum innocentissimo *Abel*, he n'alma hum perfeitissimo *Caim*, ou hum consumado assassino. Hum he na cara hum mortificado S. Francisco: nas covas dos olhos, no chupado das faces, no arrugado da testa, nos beiços lividos, no pescoço esgalgado, no peito fundo, e descarnado, hum penitente da Thebaida; e he no coração, e nas obras hum sensual, e voluptuoso *Sardanapálo*. Nada de caras, por ellas não se conhecem os homens. Pelas palavras ainda menos se conhecem os homens: ainda que eu não seja tão fino e tão escrupuloso como hum Hypocrita, ou Tartufo, que dizia que todos os superlativos da Lingua Portugueza erão outras tantas mentiras, eu não creio em palavras, nem por ellas conheço os homens, ainda que se sirvão só dos positivos. Para se estabelecerem estes principios não he precisa grande perspicacia, ou, se mais quizerem, grande filosofia. Assim como razões não fazem sôpas, as palavras não dão

a conhecer os homens, porque quasi nunca correspondem aos interiores sentimentos. As mulheres, quando tem caras capazes de desmamar creanças, ou de fazerem sem máscara papeis de Furias n'huma Tragedia Grega, sabem com a arte do rebôco, fazer taes pirraças á Natureza, que fica a cara, virando desta sorte de crena, em alguma distancia, que parece a Venus de Medicis, que está, ou estava na Galleria de Florença; mas deixem chegar a noute que desapparelhe aquelle esqueleto vivo, quem o vio de dia, não o conhece de noute; porque por baixo do rebôco estão gelhas, carquilhas, rugas, em fim, a vera effigie da Furia Megéra. Quantos grandes, e meões entrão como esbaforidos por esta casa dentro, e me apresentão logo este salvo-conducto = Eu sou Corcunda, = e pelas contas, que eu tenho deitado, e feito, o Exercito de Xerxes, quando passou o Hellesponto, não levava mais gente, que a que me tem dito aqui, que emigrára para Castella atraz do Marquez de Chaves; dizem-me isto para provarem o contendo no salvo-conducto = Eu sou Corcunda, = e começão depois o estudado arauzel, como o dos Medicos a todas as cabeceiras, da sua amizade a Elrei Nosso Senhor, com a qual não póde correr parelhas nem a de Jonathas, e David: lagrimejão, suspirão, encarecem o seu terniss.no affecto, não ha sacrificio, que por Elrei não tenhão feito, e não queirão tornar a fazer; nem perigo que não tenhão affrontado, nem genero de morte a que se não hajão exposto. Se aqui está algum Corcunda verdadeiro, fica morrendo de amores por aquelle irmão; levanta-se, abraça-o, e se os verdadeiros Corcundas não fossem tão pobres, certamente o convidava para irem merendar á Pomba d'ouro, ou ao Leão do mesmo metal; mas não quiz a Fortuna, que os verdadeiros Corcundas tivessem esta! Como poderião dar merendas os que se deitão sem ceia? Torneinos ao homem dos protestos de amor e de ternura por Sua Magestade. Eu que vejo alguma cousa além da superficie, penétro pela transparencia da impostura, e vejo que, da pelle para dentro, he hum revolucionario, hum malhado superfino, que está entre a Torre de S. Julião, e a Forca, e que sendo em 1820, e 26 hum gritador de Viva a Carta! he em 1831 hum incessante acclamador da Realeza para escapar da Torre, e depois, a bom livrar, da Forca. As palavras, ainda que proferidas com todos os tregeitos, e momos da intimativa persuação, nada decidem, nem por ellas, por mais criterios da verdade, que se inventem, não se podem conhecer os homens. *Lavater*, e *Gall* forão huns patarutas, quando disserão, e escrevêrão, que pelas feições do rosto, e, depois de a gente estar morta, pelas protuberancias, e cavidades da caveira se conhecião as interiores disposições da alma, e se ajuizava com segurança dos diversos, e tão encontrados caracteres, costumes, e intenções dos homens; mas tudo isto he mentira, os homens são huns mysterios indecifraveis, não ha pinta porque se conheção. Este tem as feições angelicas do Antinoo do Vaticano, aquelle as fórmas elegantissimas do Apollo de Belveder; mas tem a alma feroz e a dissimulação de *Tiberio*, tem a brutalidade de *Commodo*, e

a crueldade de Nero. Hum Filosofo dizia a hum mancebo = falla para que te conheção: = muitas parvoices tem dito os Filosofos, e estão dizendo todos os dias! Outro podia tambem dizer: = falla para que te não conheção. =

Tambem me podia dizer outro qualquer ou Filosofo, ou não Filosofo: = E V. m. porque se não cála já, e acaba a comprida arenga, e correnca de palavras com que nos tem querido mostrar, que os homens são incomprehensiveis, e que pelos signaes externos não se póde apuizar do que sejão dentro! Pois V. m. não conhece o que sejão os Malhados, ou quaes sejão os Malhados? Ha gente que mais se dê a conhecer por pensamentos, palavras, e obras? — Sim, Senhor, mas nenhum ha que diga = eu sou malhado =, todos a huma voz clamão, que são Realistas, e que sempre o forão, e esta unanime asseveração confunde o juizo mais seguro, e desorienta a cabeça mais forte, e mais consequente. Reaes Effigies vejo eu, pelas Gazetas, aformoseando milhares de peitos de hum, e outro sexo, obtidas em grande parte por dous Religiosos, Procuradores Medalheiros com seus competentes próes, e alcavallas! Que malhados se poderão contar, e apontar! Nenhuns. Antes que eu vá com isto por diante, cumpre que propale huma das minhas reflexões. — Levanta-se a França, menos Medalhas e Effigies; levanta-se a Belgica, a Polonia, e vem da Ilha Terceira a noticia dos formidaveis preparativos para a campanha por terra, e mar na invasão decretada para a Primavera de 1830 pelo Directorio Executivo, e pelo Conselho de Quinhentos patifes, maior número de Medalhas, e de Effigies desapparecidas. Na vespera das Girandolas, apparecião tantas como cachos em vinha vindimada, e rabiscada. Onde estão tantos medalhados na fé de serem Realistas, pelos quaes a gente queria pôr as mãos no fogo, devendo-os pôr a elles? Passárão para o inimigo!!! Assenta em sua consciencia o Grão Nicolão, que a Pedreirada Poláca deve ser corrida a vergalho, e que depois desta matilha sacudida, a mesma geribanda deve fazer dançar os Belgas, e que elle virá cumprir a palavra que déra a Carlos X, já apparecem Medalhas, e Effigies, que entupem as ruas, e nesta alternativa dos medalhados, e desmedalhados, quaes são os Corcundas, e quaes são os Malhados? Hoje Corcundas, á manhã malhados, com Medalha, e sem Medalha; que confusão he esta? Como se poderão conhecer, e apontar em Corporações, e Corpos, que todos parecem Corcundas, e em alguns a maior parte são malhados! Os signaes externos por onde nos governamos, nos estão a cada instante enganando, e illudindo. Desde 22 de Fevereiro de 1828; ninguem mais foi Malhado; vem o dia 16 de Maio do mesmo anno, eis-aqui em menos de tres mezes, grande parte da Nação apparece malhada; os que entrárão nas guerras do Alecrim, e Mangerona, e por cá ficárão sem irem no Barco do Vapor, e nos Transportes Dinamarquezes, ou se impingirão nos Batalhões dos fieis, e honrados Realistas, ou se emmedalhárão com a Real Effigie, e se pozerão, e mettêrão dentro das mangas, e das algibeiras de seus Re-

verendissimos Procuradores. Eu, se estivesse na pelle delles, de que Deos me livre, cahia como elles cahião, porque se te derem o Bacorinho, acode com o baracinho, e he digno o Operario do seu jornal. Se a bascullhação fosse mais escrupulosa, tão respeitaveis Corpos não se porião a risco de se poderem contaminar. Ora, com a Medalha nos peitos, e no costado a farda, adivinha quem te deo! Vão lá apontar, ou conhecer pela pinta quaes são os Malhados! Tudo he ambiguidade, e o Labyrinto de Creta não tinha mais ambages, nem mais encontradas sendas. E eu a prometter ao Povo Portuguez para seu Desengano, hum Ensaio Filosofico sobre o conhecimento dás Malhas! Talvez me não engane, e que a minha teimosa observação me dê alguma confiança. Parece que era escusada esta minha locubração visto serem tão públicos, e tão apupados os signaes porque se conhecem, e detestão os Malhados de hum, e outro sexo. Querem vêr Malhados aos centos? Do Largo do Limoeiro olhem para cima, olhem para aquellas grades, alli os verão como Gallinhas em capoeira na Praça com a cabeça e com o pescoço de fora. Olhem para essa Torre, grande Obra d'ElRei D. Sebastião, e tão vasta como era o seu animo: aquella he verdadeiramente a Sardinha em tigella, e tão empilhada, que não cabe hum alfinete no chão. O Ergástulo dos Clerigos, sendo só delles, e para elles, porque nelles ha grandes Malhados, he tal nelle a virtude da hospitalidade, que ainda lá não rejeitárão hóspedes, e tantos, que já não tem lugar onde se deitem. Se destes asylos filantropicos, os considero em ar livre passeando despejadamente pelas ruas, para eu os conhecer não necessito documentos, bastão-me os olhos, e os ouvidos: se amparando-me pelos braços, e pelas costas me levão até á janella para estar com a cabeça em hum ambiente menos denso, e menos pezado, e para vêr em mais luz as escabrosas pedras, que me ulcerão a uretra em sua passagem, triste de mim, com hum bando de Caixeiros galopando, ou em sege, para a Procissão de Oeiras! As rizadas, os dichotes, os ataques injuriosos, chovem sobre estas venerandas cãs; já me chamárão o Autócrata, ou Czar de todos os Corcundas, e com termos mais comedidos, o Patriarca de todos os Servís. Ainda que nada digão, bastão os olhos, que me revírão; algum, ou alguns, apartando do peito a banda esquerda da quasi casaca, me fazem vêr o cabinho torneado do Punhal, sempre virgem, com que na Terra se vingão, e sustentão os Direitos do Cidadão, atropellados, ou espezinhados pelo despotismo dos Tyrannos!

Com estes Malhados tão visiveis, e comprehensiveis nada tem o Ensaio Filosofico, andão diante de nossos olhos, e muito mal atirará ao alvo, quem os errar com duas ballas. Estes não são os mais perigosos, por isso mesmo, que são os mais pronunciados: os das Classes, não he preciso que os prendão, como temos visto, e sobre este objecto está o Povo bem desenganado; basta que o homem observador vá movendo vagarosamente os passos pelo lagedo da rua dos Fanqueiros, que he das ruas das Classes a mais comprida, ou vá para

baixo, ou venha para cima, em cada estafermo empertigado que enche a porta com o volume do corpo dando ordens aos Caixeiros por detraz, e por diante, olhando-lhe para a cara, vê logo hum Presidente dos Estados-Unidos. Bruto, e Cassio não forão mais Democratas, nem Candido José Xavier mais Malhado. Não falta quem diga, que na matança geral dos Déspotas tocará a hum Fanqueiro tirar o Turbante, e a Cabeça a Mahamud II, e se o não deixar sem vida, deixallo-ha sem dinheiro, se lhe vender alguma chita. Com estes Brutos, e com estes Cassios, já o Povo se não engana, tem mostrado bem o que são, e em quanto a mim, elles argumentão, e discorrem muito bem, quando dizem lá de si para comsigo: = Na regeneração que passou, hum Braz Taverneiro foi Presidente do Senado, e porque razão na regeneração que ha de vir, hum Pascoal Fanqueiro não será Presidente do Desembargo, ou Commandante da força de mar, e terra! = Este raciocinio está em verdadeira fórma Logica. Pois Lafitte rebatedor, não foi Lafitte Dictador! Em fim, para tudo aquillo que o Povo vê, não são precisos Desenganos: nenhum daquelles Senhores de quem tenho feito menção honrosa, dirá com franqueza que he Malhado, mas neste processo infinito, provão mais as obras, que a propria confissão do Réo: para as obras tem elles sempre a desculpa da coacção, ou constrangimento; e para as palavras, ninguem os obriga a fallar; nesta materia tão perigosa he a verdade quem lhas arranca do bucho. Vamos ás malhas para as quaes destinei este Ensaio. De inimigos dissimulados nos livre Deos; e para que o Povo delles se livre, he preciso conhecellos, e por pintas, e signaes, para que pouco se tem até agora advertido; e preparado o Povo com estes, não intempestivos gracejos, attenda agora para as mais sérias, e importantes verdades.

A Seita revolucionaria, ou esta tão contagiosa, e espalhada mania, que já tem todos os symptomas, e indicações de furiosa, tem recrutado para seus Exercitos individuos de todas as classes, condições, e estados, e desgraçadamente os homens de Letras são, para desgraça sua, e nossa, os Granadeiros destes tão engrossados Batalhões; as Universidades, cujos Mestres, e cujos alumnos tem por si a justa presumpção de Literatos, são como os depositos e escólas, em que se adéstrão estes guerreiros da impiedade, e perturbadores do universal socego dos Povos. As actuaes revoluções da Europa provão estas infelizes verdades, e sem as buscarmos na França, na Belgica, na Polonia, e em muitos dos Estados da Italia, onde os auctores, e promovedores das revoluções se encontrão nesta allucinada Classe de Literatura, ou de frequencia das Aulas, (ou seja o que fôr, porque para saber o que dizem se sabe, que eu creio ser quasi nada, não he preciso o curriculo de tantos annos de passeio nas terras em que ha as Universidades), basta que nos lembremos de Coimbra, do que de lá tem sahido, e do que lá se tem feito. A primeira matricula dos mancebos vê-se exarada no Livro Mestre da Maçonaria. He desgraça, e bem fatal, que se haja convertido em hum motivo de vaidade

orgulhosa o alistamento nesta Seita, porque *ipso facto* se julgão homens em tudo superiores aos outros homens, para quem olhão como para cégos, bebetados, e ignorantes, e eu para elles, como os maiores papelões, e asneirões da Terra. A revolução he a doutrina fundamental da Seita, e para base desta doutrina serve a quimera da decantada Soberania do Povo, a quem elles como gratuitos Procuradores, chamão a Nação; e em nome da Nação se agrilhôa a Nação, e em nome da Nação, não querendo hum Rei, se levantão quinhentos ferozes, e sanguinarios Déspotas, a quem nem todo o sangue mata a sede, nem todos os thesouros abastão a rapina. Ora, depois que os Paladinos de Coïndeixa subirão, no Cáes do Tojo, as escadas do Capitolio para receberem a Coróa Civica de panno de linho, e o collar da mesma planta, toda aquella Mondegal Athenas deixou apparentemente de ser malhada, porque declarando-se tal depois da Ovação de seus Camaradas, temião que a Patria lhe tecesse as mesmas Coróas; tudo tomou o ar, e o gesto de Corcundas, porque estes ainda que sintão grande vulto, e grande pezo na espinha dorsal, conservão nas pernas os proprios calções, e não temem os alheios no cachaço, nem grande aperto nas carótidas do pescoço de hum e outro lado. Não ha entre os filhos, e netos de Minerva hum só que deixe de dar o seu nome ao rol da desobriga. Acabou-se o Malhadismo, apparecem pelas ruas, e polidas Sociedades mais Golfinhos do que naquelle rio nos fins de Novembro atraz da çafra das sardinhas. Forão-se os Malhados? Não, não se forão, ainda cá estão, e estarão por peccados nossos, muito dissimulados, he verdade, mas lá vem hum descuido, huma irreflexão, e a malha apparece: o meu Ensaio tem olhos perspicacissimos, e vejão se eu me engano, e desenganem-se os Povos.

Ha cousa pública, e que por si mesma atrahe as reflexões de todos, por exemplo, as Alçadas, e Commissões creadas pela suprema, e independente Auctoridade de ElRei para julgar, e sentencear os réos de alta traição, e inconfidencia peremptoriamente, e sem as ordinarias delongas da téla judiciaria; o processo he verbal, o crime provado, o réo enforcado, cousa santa e justa, e muito satisfactoria para o Povo, porque não aproveitará o exemplo, se a execução se demora, e o lapso do tempo faz esquecer a atrocidade do delicto. Em qualquer ajuntamento de homens de bem assim se discorre, e discorre bem, porque isto he muito conforme á razão: mas por acaso alli está tambem hum Literato Coimbrão, e conversando até alli corcundalmente; mas como se suppõe hum Oraculo de Jurisprudencia, e todos por tal o acreditão, e respeitão, (quem o não conhecer, que o compre) com hum ar mais hypocrita que a Beata d'Evora, e com cada palavra mais dôce, e suave, que hum pastel de Marvilla, com a cabeça torta, e a bôca semi-aberta, diz: = Não ha homem no Mundo mais amigo d'ElRei, e mais amante da justiça; só no Governo Monarquico absoluto se administra verdadeiramente esta justiça, Nosso Senhor nos livre de Governos Representativos; isso he huma salsada de Galhar-

dos, basta que nelles se nomêão Commissões, e tomára bem do meu coração, Nosso Senhor bem vê o meu interior, e sabe a sinceridade com que eu fallo, tomára eu que Sua Magestade, que Deos nos guarde, e conserve, porque he o melhor dos Monarcas, he o nosso Anjo, abolisse semelhante uso, e costume das Commissões, e Alçadas, tendo nós os melhores Tribunaes, que ha no Mundo, e que menos se afastem das formalidades Forenses; alli não ha sobornos, nem mãos pendentes, o seu a seu dono; ás suas portas nunca ninguem dêo fé de hum Porco, ou de hum Perú, ainda que passem seiscentos Natães. A entrada a Frades Cartuchos he alli absolutamente vedada. Alli fia-se muito fino, e passa tudo por huma miuda peira, todas as Varas são de carrasco, não se torcem, nem amolgão. Alli a verdade he núa como sua mãi a pario. O delicto de huma parte, e a pena da outra, sempre conservão a balança em equilibrio, em fim tudo se faz como quer Filangieri, e o Marquez de Becaria. Os cinco dias da Lei, a assignatura de dez dias, para mais se acrisolar a verdade de hum facto, converte-se em meio seculo de demora. Appellações, Embargos, Revistas, isso então he a vida de hum homem, ainda cá fica para filhos, e netos, e entre tanto morre o Burro, ou quem o tange, e sendo caso de Forca, nenhuma demora he prejudicial. A calumnia sempre he e nbuçada, e he preciso muito tempo para se rasgar o véo, tudo a fim de não padecer a innocencia; he melhor absolver mil criminosos que condemnar hum innocente. Nas Commissões ha muito perigo, porque he muita a precipitação; he necessario ir muito devagar com taes malhões. Sim Senhor, não Senhor; isso he confissão de rapazes, e ElRei Nosso Senhor, nosso legitimo, e verdadeiro Soberano, não deve querer Alçadas....

Ouvirão Vossas Mercês toda essa eloquentissima arenga? Pois digão agora todos comigo = Fóra malhado, fóra malhado, e fóra malhado! = Destes he que o Povo deve ter conhecimento, e desengano. Se os que hoje sobem ao elevado cume da Forca corressem os *tramites* forenses com as formalidades do Direito, e feriados dos Tribunaes, não conseguirião tão depressa esta honra. Como os Tribunaes tem muita gente, e gente de mais, semelhante gentio faz confusão, encontrão-se os votos, divergem as opiniões: os arrazoados dos Letrados são taes, e com tal misturada de grêllos sem tom, nem som, que não se podem lêr, e nisto acho muito juizo nos Ministros, que os despreão, nem para elles querem olhar; jurão mais que hum Algarvio, quando vem a nojenta evasiva = estou doente; = a molestia he chronica, vai durando, e tanto, que se chegão a avistar as fronteiras das Ferias grandes. Os Escribas, eu não sei como a tinta lhes péga, tendo elles as mãos tão untadas.... Os Fieis de Feitos demorão-se tanto nas tavernas, que, quando enchuta a ultima canada, se lembrão de sobraçarem os ensebados Autos, já o Escriptorio de Causidico está fechado, se he que não está em Pedroiços tomando banhos; vem chegando a estação nevosa, e ventosa, abrem os Tribunaes. O Advogado Doutor Rémora, o Demorador, amigo do Escri-

ba, e muito mais dos Fariseos, jogão de ajuste com os Antos, hum não os dá, outro diz que os não tem; tire-se Mandado de entrega, ahi vão dous mezes. Se o Doutor Demorador, levado da curiosidade de monumentos magestosos, e antigos, vai tirar a Planta das Casamatas da Torre de S. Julião, adeos Antos, e antes que elles appareção, e se nomeie outro que tal, e quejando, vem as Ferias do Natal, e fallaremos depois de dia de Reis, e por derradeiro as peças do Processo estão tão baralhadas, alteradas, confundidas, que o réo he absolvido por falta de provas. Eis-aqui porque os malhados, e malhadões andão tão cosidos, e enfeitiçados com os Tribunaes, e em caso dos seus, quando são de Forca, tanto detestão, e abominão as Commissões.

O Ensaio nem se contenta, nem pára só com isto. Vou descobrir Malhas onde parece que nem o Demonio daria com ellas. Que admiravel, e respeitavel he nos Malhados a virtude da Filantropia! Tudo abrange, e a tudo se estende, a vivos, e a mortos, e não ha folgo vivo ou racional, ou bruto, a que não se estenda o amôr sobrenatural da Malhadaria. Começa em grande, e vai descendo até ao minimo sem deixar nada de fóra. He forte amôr de Sobrinho! Elles querem livrar todas as Nações da Terra de ferreo, e pezadissimo jugo dos Déspotas, e dos Tyrannos; matão-se, deixão-se enforcar por estabelecer por toda a parte os Governos Representativos. O que não tem feito, e roubado *Pedro Calhariz* para pôr em pé as duas Camaras, huma em baixo, outra em cima! Elle as tem querido levantar humas vezes com archotes, outras vezes com foguetes no meio desta Nação, de que os Malhados tem querido fazer roupa de Francezes. E porque se chamão os Malhados Regeneradores do Genero Humano? Para o remirem da escravidão, e restituirem á sua natural liberdade, porque os homens sem Constituição não são livres, e bem se vio entre nós, porque a Constituição se estendêo até aos actos interiores da alma, e affectos do coração; desgraçado de quem era *desaffecto* ao Systema, havia de gostar, com pena de desterro, e de morte, e isto era ser completamente livre, e isto andava em harmonia com outro mandamento da mesma Constituição, que declara que ninguem será inquietado por suas opiniões, especialmente religiosas, de sorte que o Cidadão pode ser Atheo, mas não pode ser Realista! Tornemos á Filantropia. Já vimos que amão de coração todos os homens em geral. Em elles governando, já não apparece hum pobre nem por hum olho da cara, todos os Cidadãos ricos! (ao menos piolhos, e fome não lhes faltão.) Em elles governando, tudo são felicidades, mas vem de longe, por isso não tem apparecido ainda: mas se não chegarem aos presentes, por certo chegarão aos nossos netos, e bisnetos, Forte paixão pelas gerações futuras! E que lhes havemos nós deixar, se estes ladroes nos roubão tudo quanto temos? Os canaes da prosperidade pública estão entupidos pelo muito, e com o muito que os carregão, trasbordão tanto como succede nas fontes, que não deitão nada. As letras grande augmento tem recebido, por-

que, deixando-nos o Alfabeto, com o Alfabeto tudo se faz, e escreve. A saude pública, e o bem estar dos Cidadãos he hum objecto, que tanto occupa os malhados, que parece que não tem outro, em que se empreguem. E que mais prova queremos nós que aquelle afinco, com que ha tantos annos estão clamando pela creação, e estabelecimento dos Cemiterios longe, e mui longe, não só das Igrejas, e Adros, mas das Povoações? O Ensaio descobrio nesta disposição filantropica huma tal Malha, que vai espantar os Portuguezes, que por homens muito honrados, e bem intencionados se deixão enganar, mas eu se desenganando, guardar delles; pois eu os desenganarei.

Vem hum Medico a huma casa, e aonde vê que pode pegar a labia, não se lhe dá de alongar a visita, com tanto que aproveite na malhadice; e se não he hum relampago, que desapparece, he hum raio, que estraga, e pulverisa. Abre aquella bôca, de que parece estarem pendentes os destinos da terra, (os da minha morte não, porque para cá vai barrado: cá tenho quem cuide nisso com mais vagar, que são as molestias, que tanto me vão fechando o circulo!) repete tudo quanto nos repetio a Policia Medica; tróa, e fulmina contra os abusos, que atacão as disposições do Direito positivo da melhor Hygiene; pão quente com manteiga, castanhas assadas, louça vidrada, o uso do cobre, porque elle não quer senão ouro no seu receituario, e por aqui vão caminhando, *Isso torrentior* com mais empolada, e grossa enchente de palavras do que o Orador Grego Isséo em suas arengas ate chegar aos enterramentos, obras das suas mãos, e sua enchada; aqui se levanta, e sóbe mais do ponto em sua narcótica, e mortifera eloquencia, chora, porque — *sunt lacrimæ rerum;* — e muitas vezes — *pondera vocis habent*, — tem a mesma força, e o pezo da palavra, que o Senhor Presidente dava, e tirava; chora o costume Gotico dos nossos antepassados de enterrarem os defuntos nas Igrejas. Que os vivos matem, pode ser, mas que os mortos matem os vivos, isto só se podia encontrar nas preoccupações dos que nunca vírão a luz. Eu o digo por bem da humanidade, que com os cadaveres enterrados nas Igrejae estas se enchem de miasmas pestilenciaes, abre-se a porta pela manhã muito cedo, como se costuma, para a Missa das Almas, porque os malditos Sacristães, bicho inquieto, o que querem he vir logo para a porta, e para o Adro com o pratinho de estanho çujo offerecido mesmo ás bochechas dos Fieis, que se queirão estrear com as Almas, porque os seus corpos estão almejando por almoçar; entra gente aos apertões, e se ha milagre, he não ficarem todos mortos com o fedor infernal das sepulturas, sem lhes dar tempo para estarem doentes, para nós, com as nossas bichas, podermos atolar o dente. Graças ás Luzes do Seculo, e aos progressos da Civilisação, em os Reinos, que nós, e os da nossa escóla procuramos republicanisar, desterrando delles os abusos, e os estragos do Fanatismo, hum dos primeiros passos, que damos, he pegar nos defunctos, que nós fazemos, e ir escondellos por essas montanhas bem distantes do Povoado, onde não haja fumos, nem me-

moria delles: isto para bem da humanidade, e muito mais para decencia, e respeito dos sagrados Templos, que são as Casas de Deos Nosso Senhor; inventámos os Cemiterios no campo em nossa segurança, e alta sabedoria; a nossa profissão he sustentar a salubridade dos ares, ainda que tenhamos os nossos arruños com a morte, ainda que, por outro lado, lhe demos que fazer mais do que ella pode; mas nós somos seus Ministros para a ajudar, pois com ella trabalhamos no mesmo Gabinete. — Ora quem não ficaria obrigado a este Hipocrates, a este Galeno, a este Avicena, e Averroes, pelo zêlo, que tem da conservação da humanidade! He a mesma bondade em pessoa: forte homem! Isso dizem Vossas Mercês; eu digo, e o provarei — Forte Malhado! Fóra malhado! Fóra Malhado!

Pois sim, Senhor, fóra Malhados, estou por isso; mas onde está aqui essa malha, que o seu Ensaio quer encontrar onde ninguem a vio, nem apparecem indicios da sua existencia! Ora isso he calumniar de mais! — Para isso he que serve a Filosofia, que he encontrallas onde menos se julga que ellas appareção. Que outra cousa querem os Pedreiros, vulgo Malhados, depois da quéda dos Thronos senão o acabamento do Culto externo, que damos a Deos, que he a Religião, pelas praticas, que ella nos ensina! Huma cousa, que parece bem simples, e que não encerra em si profundos Dogmas, e importantissimas verdades, he orar pelos defunctos. Isto presuppõe em primeiro lugar a crença da espiritualidade, e immortalidade da alma, porque ninguem irá ao Templo orar por aquillo que não existe; em segundo lugar, crê em o Dogma do Purgatorio o que ora pelos defunctos, e applica pelas Almas os Suffragios. Nestas Orações crê em hum Deos Redemptor, Salvador, e Remunerador, crê que elle ha de vir a julgar os vivos, e os mortos. Entra nos Templos, onde estão sepultados os cadaveres de seus pais, de seus parentes, de seus amigos; e a memoria da morte lhe excita a idéa da immortalidade, e mesmo da sombra da sepultura lhe póde dar nos olhos d'alma a luz da Bemaventurança. E os Malhados gostão disto, e morrem tanto por isto como hum Gato por sellada; sem estas idéas, sem estas demonstrações de Religião dadas nos Templos sobre as campas das covas, quanto se amortece o fervor da piedade dos Fieis; e quanto se esvance a utilissima memoria dos novissimos do homem! Isso he o que se pretende; ponhão-se em distancia, e em despovoado os Cemiterios, porque das sepulturas nas Igrejas se exhala hum vapor, que matará quantos fólgos vivos entrarem nos Templos! Então, apparecêo, ou não apparecêo a malha! E talvez seja a mais pestilencial de todas, quando parece huma cousa tão conforme á razão, á justiça, á Natureza, e até mesmo á Religião. Morrem todos? Então qual seria o Clerigo tão pobre como eu, que quizesse ser Capellão das Almas, que fosse de madrugada esperar no Adro que se abrisse a porta da Igreja, e quaes os fieis trabalhadores, que quizessem ir atrás delle para lhe ouvirem a Missa antes do Sol nado, e irem depois para os seus trabalhos, e até para lhe ajudarem á Missa, porque o Sacristão

tem mais que fazer? Quanto mais tumbões, e mais mettidos com as Almas Sanctas, e mais enterradores de defunctos (e tomaião elles muitos) mais vivem, porque disso vivem. Ha Frades eternos por esses Conventos, que de noite, e de dia passião nos Claustros por cima das campas mal batumadas com a mesma frescura, com que passearião nos Jardins de Frascati, e Alamedas de Castel-Gandolfo, e com o cachaco inamolgavel, e rubicundo, que assistirão ao lançar da primeira pedra do Edificio de Mafra, e já tinhão sido Guardiães, e reconduzidos. A muitas Communidades tirar-lhes das mãos os defunctos he tirar-lhes os olhos da cara, e o pão da bôca. O que quer a filantropia dos malhados he metellos a todos na cova.

Aqui chegava, lutando, posso dizer, com a morte em hum terrivel ataque de pedra, quando recebi o magnifico presente, e fartissimo thesouro da *Defeza do Amigo dos Portuguezes* (o unico, que por tal nome, e por antonomasia assim se conhece, porque ninguem mais em Portugal dá provas disso, apezar do muito tempo, que esteve por sahir á luz a sua amizade em letra redonda, começando por huma Resposta a *Não sei Quem*, que com elle se não correspondia). Li com attenção de fio a pavio, ou do principio até o fim, como me ensina a lêr o Mestre Doutor Assumpção Brandão, as suas vinte e oito paginas, e conheci que eu tinha commettido dous erros, ou imprudencias, que chamárão sobre mim a beata colera deste ingenuo Doutor; a primeira foi escrever a *Carta Unica*, cuja impressão lhe tirou o Melhoramento. (Sacrilegio horroroso! A isto chama elle *caballa*, talvez por se tractar de Mesa, que passar-lhe tal vestoria foi acaballa.) A segunda foi, para não ser desconhiposto, não ir eu fazer zumbaia, ou lamuria, para me poupar n a alheios Escriptos... ainda que alguem que eu procurasse me não quizesse fallar, ou alguem que me fallasse, de mim se ficasse rindo. Ora ainda bem que appareceo esta *Defeza do Amigo*: agora sabemos quem elle he, pois até agora estava anonymo. Elle se defende mal, e me ataca muito; dá-se por affrontado, sendo elle quem me affronta muitas vezes no seu Folheto. Impresso está. Eu depennei o Pato por dous continuos annos, sem faltar hum Sabbado só, em que o raio não cahisse em Pato: (veja-se o *Espectador*, 2 Vol. em 4.°) pois o Pato não me injuriou tanto no seu nauseante livreco como me injuria o Doutor Assumpção Brandão neste seu apontoado de rodilhas, que nada tem com a questão: a questão he de facto. Escrevêo, ou não escrevêo este Doutor (Pedagogo do Irmão do que foi Marquez de Palmella em seus Estudos Coimbrões) a pag. 15 da sua Resposta á 1.ª Carta de *Não Sei Quem* estas palavras? (lin. 7.) «*Nada temos a recear de que* «*o exemplo da nova revolução de França contamine Portugal, ou* «*produza aqui os resultados, que esperão os Jornalistas Estrangei-*«*ros.*» E na mesma pagina, §. 4, e deste §. linha 3.: «*Nada temos* «*que recear em Portugal deste novo contagio Francez.*»

Diga agora o Doutor Assumpção Brandão, que o seu *adversario* mutila o que traslada, ou transcreve. Eu não o conhecia, nem pes-

trata das instituições civis, e politicas, correndo desenfreadamente á sua desgraça quando protestão querer unicamente a sua ventura. Tomemos hum fio para correr com alguma segurança pelos encontrados caminhos, e rodeios deste labyrintho de confusão, e huma sonda para calcularmos a profundidade deste abysmo, ou huma tócha para rasgarmos as sombras que nos cercão, e envolvem. Huma grande, e perigosa crise agita, e atormenta actualmente todas as Sociedades Européas. Nos Estados em que não ha muito tempo florecião as Artes, a paz, o Commercio, a doçura, e amenidade dos costumes, horriveis conspirações, e revoluções rebentão, (como em 1820 vimos em nosso Reino, e cujas funestas consequencias vamos sentindo, não lhes podendo assignalar hum termo, nem decepar de todo as cabeças desta peçonhenta Hydra) fazem levantar a multidão contra os legitimos Poderes estabelecidos, ou sejão hereditarios como entre nós, ou voluntariamente Constitucionaes como erão actualmente em França, e na Belgica, e até Republicanos como na Suissa. Os Governos legitimos que se querem defender, são expulsos, e substituidos por outros illegitimos, como na Suecia; e os que por inercia, ou cobardia se determinão a transigir com os demagogos, e revolucionarios, o que conseguem he tornallos mais audaciosos, exigentes, e soberbos. Os Povos, porém, que revoltando-se imaginárão melhorar seu estado, e condição, e a quem os malvados illudirão com suas fantasticas promessas, como entre nós aconteceo com a chamada regeneração politica, não colhêrão outro fructo de suas victorias, que não fosse o de novas miserias, e desventuras; fallo assim, porque tenho presentes os exemplos domesticos. Vinhão clamando para a invasão da Capital os Salteadores sahidos do Porto, a todos os Povos por onde passavão: — « Vós ides ter, e desfructar novas *garantias legaes* para o futuro, » e eis-aqui os Portuguezes perdendo a liberdade, e segurança presente. Em lugar de conseguir huma maior prosperidade, vimos estancar-se a fonte de todas as prosperidades que gozavamos, e tinhamos sempre conservado. Diminuio-se o valor das propriedades, alterou-se, ou destruio-se o credito público, deo-se hum golpe mortal na vitalidade da industria; os thesouros, e a nossa sempre invejada opulencia, desapparecêrão, sumirão-se, e debalde se tem derramado tanto sangue. As bases sobre as quaes repousava e se firmava o edificio da paz entre as Nações, forão derribadas, e feitas em pó; e os que pertendião obedecer aos progressos da chamada civilisação, não fizerão mais que voltar seus passos para a barbaridade. Enfraqueceo-se, e affrouxou a disciplina dos Exercitos pela contagião das maximas immoraes, e pelo exemplo, e vantagens de huma multidão indisciplinada. Os meios de conservar a ordem publica se escapárão das mãos da authoridade. Temos visto excluir-se, e rejeitar-se huma Dynastia sem a vermos soccorrida; a Legitimidade exige com justiça hum reconhecimento, e retarda-se. Outra invoca estes soccorros pela fé dos Tratados mais solemnes, e não se cumprem, e desempenhão as estipulações. A maior parte dos Gabinetes, cuja existencia he ameaçada por huma colligação formidavel, parece não querem intervir em lutas perigosas; e envolvidos no silencio, deixão que os olhos do vulgo penetrem até á primeira fonte donde lhes dimanão os seus Direitos. Vão como recuando passo a passo da frente das exigencias.

populares: bem depressa os Soberanos vião que sua authoridade legitima não sómente he contestada, mas sua mesma utilidade controvertida, chegando a proscrever-se a sua necessidade naquelles Imperios, que contavão mais de quatorze seculos de Governo Monarquico, constituindo-os na impotencia de fazer o bem de seus Povos, e os Povos nas circumstancias de o não poderem conseguir, desapparecendo os meios de o procurar. Em quanto os Governos se conduzem, como estamos vendo em toda a Europa, com mais timidez que prudencia, os Povos se entregão com pertinacia, e cegueira á quimerica esperança de huma indefinita liberdade, que nenhuma Sociedade humana póde, ou deve supportar. No meio deste conflicto de desejos, de opiniões, e de Systemas, os destinos da Europa civilizada ficão suspensos, nada se decide definitivamente; e no meio do delirio, e do medo, os homens não sabem o que querem, os homens, no infernal labyrinthio da politica, não se deixão entender, nem se entendem huns aos outros. Nós não vemos mais que insurreições por toda a Europa; dizem que tudo isto se faz para melhoramento da condição humana, os Povos ficão em peor estado; e conhecendo isto por sua propria experiencia, deixão que os Corifêos de huma Seita destruidora baralhem e transtornem as mais antigas e mais bem fundamentadas instituições Sociaes.

Que querem os Francezes com Luiz Filippe, que não podessem ter, e conseguir com Carlos X? Que querem os Belgas, que querem os Polacos, que querem tantos insurgentes, que fomentão, e fazem rebentar tantas revoluções! O que vemos he caminharem de desgraças para maiores desgraças; e ha quasi meio seculo de effectivas revoluções ainda não assentárão, nem determinárão qual deva ser a fórma de Governo por que as Nações devão estar para conseguirem a sempre futura felicidade, que lhes promettem com Camara, com Camaras, com Cartas, e sem Cartas, com Reis, e sem Reis: e sem me demorar na contemplação do que tem ido, e vai por essa infeliz Europa, á vista do qual me parece mais vantajosa a sorte, e condição dos Povos Nómades, como os Tartaros, e Seithas de incerto domicilio, eu me fixarei unicamente sobre este nosso perseguido Reino. Infernal contradicção! Ha quantos annos vejo eu hum frenetico afinco em estancar e esterilizar entre nós as fontes, ou as vertentes da prosperidade geral do mesmo Reino, e as bôcas destes, cujas mãos tem cavado tão profundamente a nossa ruina, não cessão, no meio dos estragos, de nos annunciar a paz, e prometter venturas! Que querem estes homens? De todo ainda o não disserão. Elles são huma parte deste todo; e sendo o todo desgraçado, poderão elles ser felizes? Evadio-se huma Colonia da Casa das palhas, e juntando cá fóra a força que lá não estava, e pelo que fez, devia estar, dérão nova fórma ao antigo, e primordial Governo deste Reino, e no que fizerão, no que escrevêrão, no que proclamárão, no que, com tão graves penas ameaçadas, e realisadas nos obrigárão a jurar, eu não descubro, com huma sombra, ou fantasma de Realeza, mais do que as escarnadas fórmulas Republicanas; no meio já de Athenas, e de Sparta, eu vejo estes solemnissimos mentecaptos impando de Condecorações, e de Excellencias. No seu Congresso está o tratamento da Magestade, a mesma Casa em que se juntárão para escoucear, como se lhe chamassem sempre Octaviano, sempre lhe chamárão Augusto.

Salão: os Porteiros, e os Varredores erão Excellentissimos; os que gritavão nas altas Gallerias, e correspondião aos signaes convencionados, que he hum bem estranho modo de fazerem Leis, quererião ser chamados suas Altas Potencias. A Scena mais comica que se tem apresentado a meus dous olhos velhos, foi vêr dous Republicanos tão finos como Catão, e Labieno, isto he, Manoel Gonçalves, e José da Silva, ás Excellencias hum ao outro como dous Donatos ás Reverendissimas; e o Contrato Social, e seu Auctor Jacques ás cuadas com a igualdade dos homens!! Que querem os homens com tão contradictoria mixordia de palavras, e de obras? Ora pois, elles querem a Soberania do Povo collectivamente, não he muito queirão Excellencia nos individuos particularmente.

Nesta Colonia aqui evadida da Casa, houve huma fracção que foi entrincheirar-se na Ilha Terceira; isto foi o mais fino, e o mais escoimado dos mentecaptos: embrexado heterogeneo de tão diversos cacos, e caracoes, louça fina, mas quebrada, já sem preço, e já sem prestimo. Que querem estes homens? O que lá tem ido, nem elles o sabem. Veja-se o papel intitulado — *Memorando.* — Palmella quer ser tudo, e elles mesmos querem que Palmella seja nada, porque para nada lhe achão prestimo. Nullo no Gabinete, nullo nas armas, nullo na Diplomacia, nullo no Barco do Vapôr, nullo no passeio militar até aos Carvalhos, ou só até Villa-Nova, e que por esta universal nullidade, mesmo tirando-lhe as Pastas todas, que era a privação que elle mais sentiria, não era capaz de ser nem — *Pro Tutor* — nem Presidente do Governo, e muito menos Thesoureiro, ou Depositario do Grande Emprestimo para o triplice, e simultaneo desembarque, que ha de vir acabar com a usurpação apenas José Ferreira Borges concluir o que está notando, e apontando da Legislação Portugueza sobre Regencias, até se acabar a minoridade da Senhora Princeza do Grão Pará; assim o diz o papel — *Memorando.* — Outro quer em Angra as Assembléas populares e politicas, como faz em Dublim Daniel O'Connell, porque, diz elle, a Nação está constitucionalmente representada na Ilha Terceira, ou na gente da emigração. Outro quer, como nas circumstancias melindrosas da antiga Roma, que a tal Nação que está na Ilha, proclame em suas ruas, e praças hum Dictador a quem se entregue o Governo Politico, e Militar, e que este Supremo Cabeção, que vinha a ser commum de dous, armas, e letras, espada, e tóga, devia ser Rodrigo Pinto Pizarro, *que agora anda no Estrangeiro mendigando o pão da Emigração* — como diz o papelinho — *Memorando.* — E então, fugirão, ou não fugirão da Casa das palhas? Que querem estes homens? Costa a perceber. Serão huns grandes Regeneradores do Mundo, mas tambem são huns pedaços d'asnos. O primeiro § do papelinho — *Memorando* — está dizendo, nós fugimos da Casa dos Orates, *via recta* para esta Ilha Terceira, quando diz — *O Governo accidental e provisorio da Ilha Terceira tem hum Capital mais que sobejo á sua disposição, para preparar todos os meios necessarios para derrubar D. Miguel do Throno em que o assentárão Pares traidores, Ministros Apóstatas, pérfidos Diplomatas, e Deputados libios, e descuidados.* —

Não a maioria, mas a totalidade da Nação Portugueza, legal, e legitimamente representada nos seus Tres distinctos Estados, sem discrepan-

cia de hum Voto; a força moral, e fysica do Exercito, tal qual existe, sem que ladeasse, ou divergisse huma só Patrulha; os Tribunaes todos em corpo, e real união, a massa geral, e promiscua de todo o Povo, considerado em suas diversas classes, acclamárão legitimo Rei de Portugal Sua Magestade Fidelissima o Senhor D. Miguel. Que será preciso, ou, direi melhor, que seria preciso para desfazer tudo isto pelos mesmos meios por que tão completamente se intentára, e concluira? Seria preciso huma resistencia equipolente á força moral, e fysica, e não só igual, mas muito superior em instrumentos e recursos. A força moral na reunião de todas as vontades, na unanimidade de todos os sentimentos, ou que assim externamente se reconhecessem; a força fysica na estabilidade de hum Exercito pouco numeroso, he verdade, mas de huma comprovada fidelidade, forças addicionaes a este mesmo Exercito organizadas com rigorosa disciplina, levadas pela honra, e não pelo interesse do Soldo... em fim huma Nação com todas as attribuições de Nação, qual ainda se representa, e representará sempre. E não se me diga que considerada em sua extensão geografica he pequena, e em seus externos, e internos recursos minguada. Existe acaso esta Nação representada n'hum mólho de foragidos encurralados nos escarceos das aguas de huma das Ilhas dos Açores, ou daquelles que entregues aos Directores dos pobres nos districtos de Londres recebem a raza miseravel das batatas semanaes, e que dizem que alli mesmo formão, e tem hum Governo (Oligarquico), e que com Exercitos a soldo, com Transportes a frete, e com desembarques á Bourmont, irão primeiro com a Esquadra invencivel como a de Filippe II, para a qual está destinada Almiranta a Corveta Piranga, e Vice-Almiranta a Escuna Jacarandá, e Almirante General o Condè de Parati, (vulgo o Intrepido) ao Rio buscar a Menina, ou Joven Rainha, a quem tocou *este Prazo de livre nomeação chamado Portugal*, para ser, pelo *Exercito fiel*, sentada no Throno de seus Maiores, porque assim interpretão a Lei de Lamego os tres Summos Jurisconsultos Bartolo, Baldo, e Cujacio, isto he, Magalhães, Guerreiro, e Ferreira Borges? A Esquadra invencivel, por ordem, e regimento do Governo accidental, e provisorio da Ilha mãi, antes do desembarque nos Armazens do Palliart, deverá cruzar as vergas, e pairar oitenta leguas ao mar da Roca, e fazer subir ao ar os Girandolas do costume, para dar a senha aos *Leaes* Portuguezes, e *Fieis* Subditos *da natural, legitima e unica* Successora do Throno, porque está no espirito, e na letra da Lei de Lamego, porque sendo Princeza do Grão Pará, he Estrangeira, pois este Grão Pará he hum Principado do Brasil, Imperio Estrangeiro, e por isto como Estrangeira, he chamada pela Lei! Depois disto a mesma Lei de Lamego manda, que em quanto houver femeas, não poderão os Varões ainda que os haja aos milheiros, entrar na Successão, e he bem sabido que Affonso Henriques, e os seus valentes, quizerão fundar o Imperio das Amazonas, e esta será Penthesiléa I.ª!

Que querem os homens? Se isto querem, e quando haja nisto suas durezas, e difficuldades, então, comido o figurado Emprestimo, licenciado o Exercito Suisso, mettidas no Dique a Piranga, e a Jacarandá, e mandado para a sua Quinta o intrepido Almirante General, o que quer em he Amnistia, e mais Amnistia, porque a isso se chama tirar o ventre de

miserias, e ir depressa cuidar n'outra, e se nella sahir o gado mosqueiro, outra vez Amnistia; andarmos neste gyro, e a Forca ás moscas. Nesta confusão de sentimentos politicos, que querem os homens? Mostrar que são loucos, e Orates evadidos das palhas.

Que querem os homens neste universal transtorno? Para que são tantas calamidades, vai andando por meio seculo, sem parar o vendaval de opiniões, de estrepitos, de guerras, de sangue, de mudanças de Dynastias, de fórmas de Governo, de Leis, de costumes, de revoluções? Querem, e assim o mostrão, o puro Republicanismo. Odio á Realeza, odio á Nobreza, odio ás Distincções, Condecorações, e a tudo o que fôr grandeza hereditaria. Só Povo, e nada mais que Povo, porque no Povo ha duas cousas que se não podem unir, e que os reformadores do Mundo dizem que as encontrão unidas, e inseparaveis: Soberania, e Obediencia passiva. O Povo impéra, e he Soberano; o mesmo Povo obedece, e he vassallo. E de quem he o Povo vassallo, quando não he Soberano? Temos a Comedia, he o Amo, e he o creado deste mesmo Amo. Isto he o que temos constantemente ouvido apregoar. Nova confusão. Ha muitos annos que ando mettido nestas guerras, em que eu não quero, nem trégoas, nem paz, nem admittirei jámais Capitulações. O meu primeiro dever tem sido conhecer o inimigo com quem pelejo, e conhecer as armas com que elle combate. Todos os grandes Generaes deste grande Exercito tem escripto grandes Tratados da sua Tactica, e com elles se tem augmentado, e aguerrido tanto o mesmo Exercito. Todos os da Seita Encyclopedista erão recrutadores; eu estudei os seus principios para não combater ás cégas, e achei na sua Metafysica o Materialismo, em sua Moral a simples Natureza, em sua Historia o Scepticismo, em sua Religião a incredulidade, e em sua Politica a batida, e rebatida, inculcada sempre, e teimosamente propagada Democracia. Que confusão de sentimentos! Que querem os homens! Todos os seus Livros eu tenho lido, e talvez senão haja visto mais aturado estudo, e sustentada reflexão, só com huma passageira, e fluctuante excepção, eu não encontrei entre todos os Corifeos da igualdade mais que huma Aristocracia arraigada no fundo d'alma. Não fago róes, nem gasto tempo em compôr Catalogos, julgo por tanto, que fará por si só hum fundamentado texto o nome do Generalissimo de toda a caterva Filosofante-Maçonico-Revolucionaria: eis-aqui como elle falla da Democracia, ou Soberania do Povo, que elle naturalmente desprezava, porque tudo o que erão idéas de igualdade offendião o seu orgulho = *He preciso separar de huma vez para sempre o Povo louco, tolo, e estupido dos homens de bem, e me parece que este negocio está muito adiantado. Quem poderá aturar a absurda insolencia, dos que vos dizem — Queremos que vos penseis como o vosso Alfaiate, e a vossa lavadeira?* = Isto escrevia o Senhor Francisco Maria Voltaire, e todas as suas Cartas o provão, pois nellas repiza muitas vezes, que não quer, antes detesta o governo da canalha, e que ainda que concebesse o projecto de fazer huma revolução, de sorte nenhuma teria sentimentos Democraticos. Todos os Filosofos querem arrazar os Thronos, e os Altares, porém nenhum delles quer o Governo Democratico. Rousseau parece huma excepção, porém elle tanto affirmava o pró, como o contra. Vai para Ingla-

terra, e não se mette senão com os Grandes, e morrendo em França, morre em casa de hum Grande. Atirem-nos lá, e digão-me, que querem os homens? Como se compadecem idéas, e palavras Republicanas, escriptos Democraticos com as fofices pessoaes da facticia nobreza dos que entravão no Salão Augusto, e sahião do Salão por augustar! Que querem os homens? Fazer o que elles são, todos loucos quando se trata dos melhoramentos Politicos. Eu direi aos Portuguezes para seu desengano: — Fechai os ouvidos aos zurros destes Impostores, que vos querem fazer depois de rematados loucos, completamente desgraçados, e não ha maior desventura, que ficardes sem Rei, sem Patria, e sem Religião, e, se a fome he hum grande mal, olhai que vos deixão sem panella, e sem camiza.

Aqui faço pausa neste Desengano, porque com a clareza, que elles devem ter, deixo o Povo satisfeito, deixando com isto completo o que lhe prometti dizer; volto-me para onde os meus Fados me chamão, por que estes Fados negros me estão pondo diante de meus olhos o quadro espantoso da mais espantosa Revolução, que está de todos os lados ameaçando a Europa; Revolução, que podemos dizer que está feita neste transtorno de idéas, e confusão dos sentimentos dos homens, porque ha taes, que entre symptomas evidentissimos, entre indicios manifestos (nisto ainda era descupavel a hesitação) mas entre factos existentes, e incontestaveis, ainda escrevêrão, e publicárão, *que nada temos que reccar*, como se isto fosse no tempo de Augusto, *Toto orbe in pace composito.* — Sim, para esta absoluta proposição me chamão os meus Fados, e por mais que eu queira dissimular, como isto he Desengano, não ficará o Povo sem elle. Que querem estes homens? Querem, porque as noites de Maio são mui pequenas, que dormâmos tambem de dia. Quaes são as barbas de visinhos nossos, que não estejão a arder? E as nossas hão de estar mui penteadas, e frisadas sem entrarem no salutifero remôlho? Pérmo-nos em guarda, quando a necessidade o não estivesse mostrando, a prudencia politica, que he a primeira das cardeaes virtudes, o estaria pedindo. Huma falsa confiança he mais damnosa, ou prejudicial, que mil perigos conhecidos. Grite embora quem quizer gritar, na crise em que nos vemos, e não he sonhada, devem os Reis, e os Povos, se querem a sua conservação, detestar, ou fazer calar duas bosinas, a bosina da moderação, e a bosina do adormecimento; eu não sei qual dellas he mais perigosa, mas ambas são tão parentas, que parecem gemeas. Sôa a bosina da moderação: temos dous tons, hum muito alto, outro muito baixo; diz a bosina — *moderação*, não se prenda, nem se enforque, açaimem-se os Cães de fita, *(Qui potest capere, capiat)*, entre o Algoz em Ferias grandes.... moderação; diz a mesma bosina, mas á surdina, — Conspire-se affectuamente, mudem de fórma as Lojas Maçonicas, mas não deixem de existir. Ha mais Lojas, que pela escuridão de fórros, e barambazes velhos, que lhes pôe nas portas, parecem Cavernas: as Columnas Boos, e Jakim, he hum côvado, e mais huma vara, e ambos aferidos. Ate de hum nicho de Santo Antonio são capazes de fazer o Olho Vigilante: — mas isto não he do caso, porque o ceremonial tambem se dispensa, ha bancos, he o que basta, e ha Sessões, isso he o que faz ao caso, pois ahi está huma Loja em Sessão regular, anda de pé, do balcão para a porta em perenne passeio, não seja o Dia-

bo negro, que se interrompão os trabalhos, o Irmão terrivel, ou o 1.° Vigilante; tudo está seguro, porque os mesmos Caixeiros estão iniciados; na ametade do dia se está decretando huma Esquadra para Siringapatão, meia Esquadra para Tablebay, quartilho e meio de rosalgar para a China, e Conselho privado dos Mandarins de Cantão; dimissões para a Curlandia, Ministerio novo para Navarino, emprestimo forçado para a Ilha Terceira, porque a fome he negra, e quanto mais negra mais aperta; huma completa reforma nos abusos da administração das Finanças da Regencia de Madagascar; em fim, huma volta inteira ao Globo terraqueo. Maupertuis, e Clairaut, que o medírão todo, disserão, e escrevêrão, e imprimírão, que elle era achatado, ou do feitio de hum queijo Flamengo, porque depresso nos Polos, pois nós, que o temos na mão, e juntamente a faca, façâmo-lo em talhadas, e talhada a hum, talhada a outro, conforme o Estatuto, sendo dos nossos parentes, e afilhados, de sorte que nem huma só migalha da immunda casca seja para hum Profano. Tudo isto, e muito mais alli se dispõe, e decreta, e isso mesmo he o que se faz. Acaba a Sessão, e estando virados para o Oriente, dão o ósculo Maçonico da parte do Occidente, abaixo do horisonte, e abalão. Ora quem vai passando por esta rua, e vê aquella gente junta, não suspeita mal, porque diz comsigo, isto são homens ahi desses Tribunaes, da Alfandega, das Sete Casas, do Tragamalho, e dessa bicharia das Secretarias; em fim, dessas repartições todas da baixa, ficão estafados de trabalho, que isso he cousa muito grande; vem para aqui, como diz o Poeta, — *refocilar a lassa humanidade.* —

A illusão he maravilhosa, poupão-se luzes, e estão fóra do alcance de hum apertado cerco; os foguetes escorvão-se, e a explosão apressa-se. Isto he hum grande disfarce, mas não pode enganar em qualquer Governo huma Policia activa, nem illudir as Leis contra as Sociedades secretas, porque estas não deixão de o ser com a porta aberta, e são mais perigosas, porque menos suspeitas. A bosina da moderação sôa, he hum concerto apianado, e melodioso, inimigo de estrondo, que arripia os ouvidos, e espanta muito; o tôm desta bosina arremeda muito a voz humana, como o instrumento chamado Corno Inglez, que não ha Orquesta onde não appareça, ou se não mettá, ainda que poucos são os que o tócão, e elle precisa, e merece ser bem tocado, mas entre nós vai esquecendo, como esquecêo o Oboé. Deixemo-nos da imagem, ou figura, e vamos á realidade, e ea bruscamente o digo: — Quem levou Luiz XVI ao cadafalço foi a moderação; quem despojou do Throno Carlos X foi a moderação. Não se cativão animos, que só de crimes se alimentão. A impunidade he filha da frouxa tolerancia. Tudo o que se fez no dia (ominoso lhe chamão elles) de 30 de Abril podia ter o effeito do mais acertado procedimento da Justiça, e da mais prudente medida de prevenção, e os attentados subsequentes justificárão aquelle severo procedimento. Vejão Pedro, o Carga Pastas, o bom Barro que tem dado ao Dizimo, e o que vão dando os que o seguírão na revolta. A Clemencia de Tito he cousa muito boa, mas he para huma Opera de Metastasio com a Musica de Vacái; e a dissimulação de Augusto, abraçando a Cinna, parece muito bem n'hum Theatro, mas não serve de exemplo dentro d'hum Gabinete

Politico, nem he applicavel a huma Conspiração systematica, e seguida contra a existencia de hum Soberano, e estabilidade de hum Reino, contra a ordem pública, contra a tranquillidade geral dos Povos. Eu sou formado pela natureza de hum modo tal, que em hum dia de execução de pena ultima, seja o réo qual for, porque o delicto não lhe faz perder a qualidade de homem, o coração me bate de outra sorte, e huma horrivel convulsão me sacode os membros todos, nem o necessario alimento posso tomar; mas he tal a maldade Maçonica, que no dia 30 de Abril desejei vêr na fachada do Palacio da Bemposta aquelles adornos de Arquitectura amovivel, que tantas vezes se descobrem nos Porticos do Palacio das Sete Torres em Constantinopla — quatro cabeças gotejando sangue. Aos Senhores Diplomatas Estrangeiros daquelle tempo não chegou a influencia do *Celestial Systema* da *Não intervenção* — para se irem metter onde os não chamavão, e com o que lhes não devia importar. A sua força politica se devia unir ao magnanimo Heróe Salvador da vida de seu proprio Pai, e proprio Rei; mas a bosina — moderação — obvio, e efficacissimo recurso da Maçonaria, soava muito alto, e mandava preparar a catastrofe de 6 de Março de 26, e o abominando acto de 13 de Maio de 24 (poucas palavras sobre estes dous objectos); mas elles forão os resultados da moderação; se esta *grande* virtude não fôra, o Barco de Vapôr não appareceêra, nem se realisára a segunda revolução do Porto de 16 de Maio de 1828, infinitamente mais criminosa que a de 24 de Agosto de 1820. Esta rebentou com o especioso titulo de reformas, e melhoramentos no governo economico, e civil do Reino, aquella rebentou com o nefando projecto de despojarem do Throno o Legitimo, e natural Monarca deste Reino, e isto com as armas na mão, e levantadas immediatamente contra elle; eis-aqui hum singularissimo corollario da moderação, como, se quem quizesse apagar hum vasto, activo, e dilatado incendio devesse, com muita moderação, lançar-lhe apenas hum só pucaro de agua, e este pucaro do mais pequeno tamanho. Oh! heroica virtude da moderação! Pêe-se em derrota hum exercito inimigo; mas deste exercito não se faz hum só prisioneiro. Os seus postos são tomados, he verdade sem resistencia, mas quem lha havia de fazer, se nelles não estava nenhuma espingarda? Os malvados foragidos da Ilha Terceira nos fazem, e nos procurão fazer toda a qualidade de males, e valendo-se das estações, do inaccessivel reparo de suas Costas e rochedos, convertem o lugar em hum Emporio de Piratas, que maltratando como barbaros Africanos, os indígenas por elles reduzidos á consternação, e miseria, viráõ a infestar os mares, como já fizerão. Se se fizesse hum Diccionario das Revoluções, que por certo já deitaria a grossos volumes a palavra — moderação — viria em grifo para entendermos, que não era para nós, quando nos opprimem, mas para elles quando os enforcamos. Eu me callo, porque já houve tempo, em que apenas eu abria bico, já pela porta dentro me entrava a bosina — moderação. — Oiçâmos a outra bosina, que tem hum suavissimo concerto de adormecimento, e para mim he o que mais me tem tirado o somno. O motivo da longa Synfonia he este: *Isso não he nada.* — O compasso a estes bosineiros Instrumentistas sei eu com que se devia fazer, e eu me encarregaria disso, errasse, ou não errasse a batuta, porque

nesta musica o caso está em não deixar de bater. *Isso não he nada* — Vacillão os Thronos, regeitão-se Dynastias, abrogão-se Leis fundamentaes, mudão-se Governos, gemem Nações inteiras, proclamão-se illegitimidades, e reconhecem-se usurpações nos mesmos dias em que se fazem, — *Isso não he nada;* são transacções Diplomaticas. Conspira-se descaradamente, ou com surdas maquinações alluem-se os alicerces mais seguros dos Estados, e não pára, nem se suspende a torrente das opiniões Liberaes, isso não he nada; a Tropa está segura, como se a ultima Cidadella a que se acolhem os Pedreiros, não fossem as insurreições militares; isso não he nada, os Commandantes dos Corpos estão apurados. Para dar parte ao Senhor Rei D. João VI da marcha dos Soldados de Napoleão, andou hum homem honrado quatro dias em Mafra sem lhe deixarem fallar; e quando appareceo o Escrivão de Abrantes, que lhes tinha aprompтado as rações, e ao vir esta desastrada nova, não faltou quem dissesse: — isso não he nada. — Os adormecedores são os mais temiveis traidores; e se hum milagre visivel não salvasse o Rei, e a Nação, tudo seria victima do isso não he nada. — Os recursos desprezão-se, ou se atenúão, a força enerva-se, os thesouros consomem-se, ou se dilapidão, e o peor, e mais terrivel de todos os males politicos, que sempre me pareceo huma inspiração infernal, he levantar-se hum muro de bronze intransgredivel, que não deixa chegar a verdade aos degráos do Throno; e não ha lisonjeiro, que não seja adormecedor. Quem me diria, que seria perversidade Maçonica, o que era algum dia simplicidade Sebastica? Hum Sebastianista adormecia-se a si, isso não importa, dormisse quanto quizesse, ou nunca acordasse; o peor era querer adormecer os mais, não querendo que se désse, ou buscasse remedio a cousa alguma; por mais imminente, e mais proximo que o mal estivesse, não tarda quem vem, dizia elle; a Ilha encoberta está a apparecer por instantes, o Encoberto não tarda huma semana, nem o Preto do Japão, nem a Madre Leocadia são capazes de mentir, e o Campo de S. Braz não se mudou d'onde estava, deixem que os Francezes roubem tudo quanto quizerem, o Encoberto tudo fará restituir com lingua de palmo; o mesmo Grão Turco ha de largar a Casa Santa. Se com esta musica adormecessemos, ainda cá teriamos aquelles honrados hospedes; por isso eu gritava, que sendo aquelles homens religiosos, e morigerados, então prejudiciaes, porque se illudião a si, e nos querião enganar a nós; mas com singeleza, e com boa fé: e porque os malvados em 1807 nos adormecêrão, e o — isso não he nada — soava por toda a parte, arma que foi então a mais forte nas mãos do Maçonismo; com hum Exercito em sua intensão fortissimo, e não contaminado, o melhor, e mais bem disciplinado, com os Cofres publicos atulhados, com hum Povo todo ainda Portuguez, e capaz de se sacrificar, como depois mostrou, quando vio desvanecida a illusão, e desfeito o prestigio, vimos repentinamente no meio do Rocio huma procissão de frangalhos, mais capazes de inspirar compaixão do que medo, porque com hum assopro se podia dissipar aquella nuvem de insectos, que por amor do — isso não he nada — e do — não ha que recear — se transformárão logo em Tigres, que nos devorárão.

Malditas bosinas, que não fazem ouvir outros sons que não sejão os

da morte! Este adormecimento, esta moderação tão inculcada, e tão querida, nos poderáõ de todo levar ás bordas do túmulo. Confiemos em nós mesmos, mas com actividade, e com honra. A concordia faz crescer as cousas pequenas, e a discordia, e a desunião dissolve as grandes. Ah! Se os partidos se exacerbão, hum terceiro nos poderá facilmente subjugar. Huma Nação não se salva nem por Allianças, nem por Tratados. O interesse os fórma, o interesse os desfaz. Nenhum Povo he falto de recursos, em quanto tiver braços; estes braços tem muita força, quando a cara tem vergonha; huma baixeza em hum Povo, he hum triunfo para o seu inimigo. Huma paciencia excessivamente offendida, póde produzir Vesperas Sicilianas. Nunca me esquecem, nem devem esquecer aos verdadeiros Portuguezes, e aos verdadeiros Amigos d'ElRei, os nomes de duas terras na Hespanha, que voluntariamente se reduzirão a cinzas: Sagunto, e Numancia. Eu tenho perguntado neste malfadado N.° 16 — que querem os homens? E se me perguntarem — Que querem os Portuguezes? Querem a Religião intacta, o Rei amado e temido, o Exercito fiel, (não digo valoroso, porque isso he elle) os Magistrados justos, a Mocidade docil, os Ministros do Sagrado Culto tão puros como elle he; e se assim forem, Portugal sobrevivirá ás ruinas, e catástrofes de todos os Imperios.

José Agostinho de Macedo.

Pedroiços 2 de Abril e 8 de Maio de 1831.

LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA.
1831.

Com Licença.

O DESENGANO,

PERIODICO POLITICO, E MORAL:

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

N.º 17.

Salus Populi suprema Lex esto.

Quem saõ os Arquitectores das Revoluções? Os Ladrões.

Se acontecesse, e tantas vezes tem acontecido, e talvez naõ passe huma semana em que naõ aconteça, que indo nós visitar hum amigo, e cruzando-lhe a limiar da porta, ou subindo-lhe a escada, encontrassemos a familia com ar de espanto, com gesto de consternaçaõ, com silencio de dôr, e com hum certo olhar da desesperaçaõ, e reparando para o estado da primeira Sala, em que nos costumavamos sentar, porque se chamava das visitas, a vissemos mais despovoada que a Charneca de Monteargil, ou acabando de sahir della o arrevesado Alcaide, e mal encarado Escrivaõ, nos quaes só naõ he pedra o movimento espontaneo dos membros externos, porque as entranhas saõ de finissima pedreneira, e apoz elles hum fio de Gallegos com os cacarêos ás costas; nós naõ poderiamos conter o clamor da amizade, e os brados de afflicçaõ; que he isto, diriamos nós, que he isto? Que mandado de pinhora, e que acto de despejo foi este? Naõ acháraõ hum amigo fiel depositario, e para hum homem tal como o dono desta Casa naõ havia, mesmo dada pelas Leis, huma reserva de bens, e se he pela renda das Casas, naõ estamos nós ainda no mez da cortezia? Nada d'isso foi, nos tornaria o nosso consternadissimo Amigo, cahimos hontem á noite na fofa de nos irmos por mais de tres contínuas horas enjoar, aborrecer, e zangar, a essa nossa respeitavel escóla de moral, e gymnasio da virtude, chamada o Theatro; foi a familia toda, porque em fim, isso era huma vez na vida; fecháraõ-se as portas com triplicadas trancas de ferro, cadeados

de mó-la, e chaves de segredo, o se tivemos o trabalho de as fechar, naõ tivemos o trabalho de as abrir, esse cuidado tomou a si a respeitavel companhia da limpeza, e officiaes de basculho, ou esse exercito de ladrões, que zombaõ da Forca, porque roubaõ de meias, ou repartem com os amigos, e com mais exactos quinhões do que os que fazem os honrados, e arriscados pescadores das Muletas do Barreiro, e do Seixal.

Naõ vem muito fóra de maõ, e de proposito este quadro, que acabo de traçar, se he licito, naõ como diz o texto de Ovidio, de usar em cousas pequenas de exemplos grandes, mas em cousas maximas de exemplos minimos; isto que todos os dias estamos vendo em tantas e tantas Casas roubadas, cirandadas, e basculhadas, exprimindo os sentimentos que nos desperta hum semelhante espectaculo, ainda que taõ usual, e taõ frequente, nós o podemos applicar, quando, com a fértvida, e viajante imaginaçaõ, nós contemplamos hum Reino revolucionado, ou que o esteja sendo. Como se trata com taõ sincero zelo do desengano do Povo Portuguez, naõ devo transgredir os limites de Portugal, e os exemplos domesticos tocaõ mais de perto, e se os temos, muito nos custáraõ. Eu dato o principio da nossa infernal, e infernalissima Revoluçaõ, de que posso affirmar que ainda naõ estamos de todo livres, pois vejo, que o Povo, e o Senado Açoriano vai elevar á Dictadura o Fabio Maximo Rodrigo Pizarro, porque parece que perigaõ as cousas da Republica Imperial, do momento infausto da invasaõ Franceza neste Reino: d'ella nascêraõ todas as calamidades e desgraçados transes por que temos passado. A E'poca da desventura começa em 1807. Paremos aqui, e desde este ponto, consideremos attentamente a situaçaõ de Portugal, lembremo-nos do que elle he na Europa, na Africa, na Asia, e na America. A Africa abrio aos Europeos as suas portas, porque Portugal lhas forçou. Se Carlos V. fugio de Tunes, D. Joaõ I. galgou as muralhas de Ceuta, e Affonso V., o Africano, digno deste nome, foi fazer esquecer a fama e valor de Scipiaõ, e de Mario, este escondido entre as ruinas de Carthago, Affonso V., tirando a espada que era a grimpa da altissima Torre de Arzila para fundar huma Ordem nobilissima de Cavalleiros, que he mais alguma cousa, que a Liga da meia, ou Jarreteira, que o choraõ de Eduardo IV. pendurou do peito namorado. A Asia, porque tudo o que he Litoral, e grande parte do interior he Conquista (era) dos Portuguezes, porque Affonso de Albuquerque do alto de hum revelim de Ormuz podia apontar para os baluartes de Malaca, e de lá para o Cabo de Singapura, e para a enseada de Aynaõ, e ainda para mais longe, a Peninsula de Macáo, e mais alguma cousa ninda, para os Lequios, para Solor, e para Timor, e dizer com mais verdade que o fanfarraõ Alexandre; tudo isto he do Rei de Portugal, e conquistado pelo braço dos Portuguezes. A America, chavascal no principio de seu descobrimento, mas d'ahi a nada desde o Amazonas até ao Prata huma Colonia taõ vasta, e taõ cultivada,

que lhe estaõ chamando Imperio á boca chêa: e para que de huma desgraça aprendamos todas, quando o directo Senhorio deste Prédio o estava occupando, como parte do mais que possuia, lhe chamaõ Reino, lhe chamaõ Imperio, e depois lhe chamaõ seu, e ao que nós ainda temos, tambem lho querem chamar, e os pés que começáraõ a pizar aquelle Imperio, nós os mandamos para lá, mas pizados, e machucados com huma grilheta. Isto he considerar a Portugal fóra, consideremos agora Portugal dentro. O raio naõ abrazou tanto arremeçado por mãos estranhas, abrazou e demolio ainda mais, fulminado pelas domesticas. Pela invasaõ Franceza o Reino, no meio de estragos, ficou abalado, porque em fim quarenta milhões de cruzados, e em cima desta insignificante parcella, todo o ouro, toda a prata, que nelle havia, ou se podesse haver, era alguma cousa; mas pelas Revoluções domesticas de 20, 26, 28 ficou de todo atenuado, e inteiramente demolido, porque completamente roubado; os seus Melhoradores, e Regeneradores, foraõ os seus Ladrões; provemos isto pelo caminho das confrontações. Antes da invasaõ, e da perfidia Franceza, preparada, disposta, conduzida, e sustentada pela traiçaõ Portugueza, e pela ignominia e baixeza dos grandes falsarios, que a facilitáraõ, os olhos do viandante Filosofo, do homem de Estado, e do Economista observador, naõ descobriaõ neste Reino mais do que a imagem da opulencia, e da prosperidade; isso que nos contaõ os engenhosos Romanos da grandeza Commercial da antiga Tyro, de Sidonia, de Canópo, e de Alexandria, e que o douto Huet nos diz em seu Tratado das Navegações de Salomaõ das immensas Armadas que sahiaõ, e entravaõ no Porto de Ossigamber, se offerecia ainda em ponto maior á sua contemplaçaõ. Quasi se naõ via a liquida planicie do Téjo, mais parecia hum cerrado bosque que hum crystallino Rio, parecia hum corpo contiguo, e continuado a multidaõ dos Navios, e de taõ alto bordo; amontoavaõ-se nas extensas Praças as mercadorias, e generos Coloniaes, e os dos Estrangeiros, por naõ caberem os vastos Armazens, e Depositos públicos; homens de todas as Nações, e de todos os Climas, se enlaçavaõ na Praça, ou na Bolça Commercial, e, em suas mutuas transacções, e contractos, se opulentavaõ a si, e nos opulentavaõ a nós; huma somma immensa de milhões passavaõ de humas para outras mãos, sem quebras, sem desvios, e sem falsidades, e tergiversações na boa fé do Commercio. As Letras eraõ moeda corrente, e naõ protestos, e delongas judiciaes. A linguagem do tráfico, e do negocio, era a linguagem da honra, e da verdade; a emulaçaõ nas producções da Industria apurava a sua perfeiçaõ, e naõ abria o passo aos odios, e animosidades; a abundancia era o fructo do trabalho, e naõ era effeito da malicia. Huma paz inalteravel, e segura, huma discreta, e socegada industria animava a primeira virtude da opulencia, e da abundancia, a Agricultura: os trabalhos do campo, a navegaçaõ dos mares, a fertilidade do Clima, tudo attrahia os estranhos, que entretendo o nosso luxo, consumiaõ

as nossas producções indígenas, e coloniaes. Eis-aqui o que offerecia Portugal á contemplaçaõ dos Estrangeiros, que se nos olhavaõ com inveja, tambem nos consideravaõ com respeito, porque a nossa representaçaõ politica era grande, e comparativamente com as outras Potencias a nossa opulencia era immensa. Se as minas do Potosi enchêraõ a Europa de prata, as de Catapreta a enchêraõ de ouro. O Ceo nos quiz pôr debaixo de hum meridiano taõ ditoso, que para nos tornar a existencia suavissima, quiz em tudo lisongear os nossos sentidos. Os fructos saõ os mais saborosos, e deliciosos, as flores mais odoriferas, os horizontes mais matizados e agradaveis. Os animaes da terra, as aves dos ares, os peixes dos mares, e dos rios, saõ os mais delicados ao paladar, e os mais proficuos á saude; em fim, fez Deos com os Portuguezes o mesmo que fez com o primeiro mortal, deo-lhe por morada hum Paraiso, que elle mesmo tinha plantado, para o cultivar, e para o guardar. Neste estado nos achou o anno de 1807, e a Revoluçaõ já taõ arraigada em França, veio plantar esta arvore venenosa na taõ bem fadada Lusitania, e já começamos a estar na mesma situaçaõ da casa roubada. O primeiro ataque de Ladrões nos veio da Revoluçaõ Franceza, porque no Dicionario actual da Politica Revolucionaria do Mundo, revolucionario, e ladraõ saõ rigorosissimos synonymos. He verdade que a Corte com huma naõ insignificante parte da Naçaõ fugiraõ de huns Salteadores para outros, e indo para lá com alguma cousa, veio de lá sem nada; como do Brazil fizeraõ hum Reino, este Reino se fez independente. Os Ladrões de cá mandáraõ dizer para os Ladrões de lá — Roubai por lá tudo quanto poderdes, que nós já por cá começamos a fazer o mesmo, mettei o braço até ao cotovêlo, nós já o temos atolado até ao hombro, e como esses colonos por lá andaõ empélle, se nós despimos, esfolai vós. Eu considero estas cousas em grande, e he impossivel em folha e meia de papel apresentar hum mappa das espoliações, os roubos, os latrocinios que nos fizeraõ ao Reino em geral, e aos individuos em particular estes desalmados Salteadores, que juntando ao crime a zombaria nos deixáraõ neste estado de pobreza, e de captiveiro. Pintei o estado de prosperidade antes que cahissemos nas mãos destes desalmados Corsarios, destes Argelinos de mar, e terra, que tirando-nos a camiza do corpo, naõ nos deixáraõ huma escudéla de favas sêccas para nos alimentarmos.

O mesmo Viandante, que nos considerou na terra, nos venha considerar nos mares; talvez que se naõ atreva a cruzar a barra, se de longe nos observar cá dentro; o Téjo, que desde a fundaçaõ da Monarquia tem servido a tanta gente para tanta cousa, que até concorreo com suas arêas para se fundir para ElRei D. Joaõ III. hum Sceptro, e huma Coroa de que se servia, ou para receber humildes e attenciosos Embaixadores, ou quando em grandes festas vestia os fatos Domingueiros, que craõ brocados da Persia com seus alamares de brilhantes, e safiras, antes que a maõ sacrilega de hum Inglez

commettesse em sua mesma Capella o mais horrendo desacato; o Téjo, de quem os Poetas, especialmente os que fazem elogios de theatro, tem dito cousas inauditas, o Téjo lhe offerecia a imagem do Mar glacial deserto, e medonho até desamparado dos subditos Britannicos, apenas as laranjas, pomos das Hesperides, começaõ a valer trinta réis cada huma, porque elles as levárao todas, sem que ao menos possamos dizer, que nos deixaõ a paõ, e laranja, e menos dizer que he nosso, porque até o ar que respiramos ha de ser das suas fabricas, tendo nós lá negociadores, que parece m que só em ar negocêaõ. As vozerias, os gritos festivaes, o estrondo dos machados, das enchós, dos martélos, que por esses Estaleiros, rebombavaõ nos ares, as fogueiras da querena, que pelos costados dos navios pareciaõ fluctuantes incendios, ficáraõ substituidos pelos roucos berros do catraeiro, que grita — quem vai a Belém — quem vem a Lisboa; e nisto paráraõ as circumnavegações do Globo, em que achando novos Mundos, e vendo com os olhos de Pedro Fernandes de Queirós, a nova quinta parte da Terra no Polo-Sul, nós a comemos com a testa, porque la foraõ cahir nas unhas Hollandezas, e da mais franchinotada; e os ultimos Navios, o Graõ-Pará, o Chocalho, o Canoa, o Trovoada, para onde se igavaõ Pipas, e desigavaõ Caixas, lá descançaõ em paz nas lamas do Caes do Tojo, para ninhos de mexilhões, e de alforrecas. E quem pôz a Marinha mercantil no identico estado da casa roubada, reduzindo homens taõ respeitaveis para mim, e que o devem ser para todos, quaes as Nações estranhas os invejaõ, e reconhecem, como saõ os marujos Portuguezes, ao estado da penosa, e vergonhosa mendicidade? Os falsos Filosofos, isto he, os Ladrões regeneradores, ou revolucionarios. Os marujos Portuguezes cobertos de farrapos embreados, ataõ melhor huma bolina á gavea, e encostaõ com mais vigor, e mais valor o peito á barra de hum cabrestante, que esses que aqui apparecem com as jaquetas taõ agaloadas, e os chapéos taõ envernizados.

Se da Marinha mercante volvo os olhos para os Vasos de guerra, que he feito delles? Alli para a Cova da Piedade, sem sinaes do que foraõ, existem algumas carcaças velhas, que para se naõ conhecerem bem, as fundêaõ tanto ao longe. Grandes cousas eraõ estas, quando tinhaõ nomes de Santos! Hum S. Miguel e Almas escripto na pôpa de huma Náo de tres pontos, affugentava só na enseada de Cambaia a Armada de Suez, e as Galés do Graõ-Turco, e agora, que deixando os nomes do Rosario, Bom Jesus d'Além, Ajuda, e Prazeres, se volváraõ para a Mithologia, *A Náo grande em que vai Paulo da Gama — Quebrado leva o mastro pelo meio*, naõ prosegue, vira de bordo, arriba, apenas a inexoravel faca na maõ do Preto Cozinheiro dególa o ultimo pescoço, que ainda piava na deserta capoeira. Agora ainda me magôa mais este espolio de Ladrões, em que parou, e a que podia ser a maior da Europa, a Marinha Portugueza, quando, esquecidos os nomes dos Santos, e os altisonantes do Paganismo — Vasco da Gama, Martim de Freitas, D. Joaõ de

Castro, entre Bananas, Coqueiros, Cajás, e Preguiças, deviaõ escutar-se, e apodrecer crivados de bichos, os nomes destes raios da guerra! Este roubo arrazou a Casa de Portugal. Hum Reino levantado na melhor posiçaõ do Oceano entre os Tropicos! Reino essencialmente maritimo, com os melhores Pórtos, Angras, Surgidouros, pacificas enseadas, reconcavos, e barras, rios naõ só navegaveis, mas capazes de acolherem em si ao abrigo dos ventos, e tufões, todas as Esquadras do Universo; sem Marinha para o Commercio, sem Marinha para a Guerra, pregada por annos huma quilha em seus estaleiros, continuando por eternos vagares com pinho da terra o que começára com sucupira do Amasonas, e Téca de Damaõ; estamos, ou naõ estamos roubados? E se he muito natural a pergunta — Quem foraõ os Ladrões? Mais natural he a resposta, foraõ, e vaõ sendo os revolucionarios. Ha no Reino revoluçaõ, pois ha no Reino hum universal Ladraõ. Filosofia, e casa vazia tudo he o mesmo. Tudo o que vale, nos roubáraõ, e o que vale mais que tudo, que he a honra, o brio, e o caracter do Heroismo, com tudo nos abaláraõ. A raiz de todas as virtudes civís, e politicas, que he o Patriotismo, com as acções se destruio o que ainda com hum tom moribundo querem conservar nas palavras; mas a que idéa está unida esta palavra? Eis-aqui o que se naõ póde exactamente determinar. Sahe hum bando de Ladrões cada qual de seu feitio, da Charneca do Porto, e poucos eraõ do Porto, e estes Eremitães de charneca naõ vinhaõ pedir esmóla, isso faziaõ elles antes de terem vinte mil espingardas com muito bons Capitães de quadrilha, sem rebuço, e sem ceremonia nenhuma começáraõ o saque sem levarem a praça á escala, porque a maior desgraça nossa, e a maior fortuna daquelles salteadores foi encontrarem, e terem cá dispostos por todas as classes tantos parentes, amigos, e compadres do mesmo officio, ligados aos mesmos votos, e juramentos; naõ achâraõ obstaculo na maioria, antes esta maioria, ou se quizerem fallar com mais propriedade esta grandeza, abrio todas as portas, e deixáraõ que se lhes tirasse das mãos o que com a effusaõ de todo o seu sangue deveria conservar, e defender.

O maior thesouro de hum Reino, e sem o qual naõ póde existir he o seu Governo, este he o nosso thesouro, e tanto mais precioso quanto mais perfeita he a sua fórma, e a fórma do Governo que tinhamos, provava a sua bondade pela sua diuturnidade; este he o arguimento da sua brandura, e suavidade, porque o que he violento naõ póde ter duraçaõ. Este roubo he o maior sacrilegio politico, que se fez, pois roubáraõ o Governo das Mãos de ElRei, e daquellas em que o mesmo Rei o havia depositado: dado este passo, podemos dizer, que com o Governo roubáraõ tudo, e o que era a propriedade do Rei foi logo roupa de Francezes da canalha. Quem vio mais as rendas públicas? Os olhos, e as mãos da mais escandalosa, e universal rapacidade, e os effeitos da rapina logo se descobríraõ na metamorfose dos sugeitos. Que mudança, e que transformaçaõ! Da

condiçaõ de pedintes, e pechincheiros em menos de huma semana o que era Manoel Fernandes, se fez Ibrahim Bachá, e Manoel Borges, o estouvado, se julgou o Duque de Sully; Sepulveda se chamou Turena; o Frade Bento, Ximenes de Cisneros; José da Silva foi quanto quiz, os mais foraõ quanto quizeraõ, e roubáraõ quanto poderaõ, ou quanto havia, pois se mais houvera mais roubáraõ, e a estes mesmos indo já por onze annos, ainda se lhes naõ acabou o dinheiro (e Deos permitta que eu me engane), e talvez que nunca se lhe acabe a influencia, porque dentro, e fóra ainda se conjura contra Deos, e contra o Rei.

Todos estes roubos saõ deploraveis, mas limitaõ-se aos bens temporaes da Naçaõ, tornando-a de taõ opulenta, taõ pobre, e de tanta representaçaõ em tanta opulencia, miseravel, e dependente: e tudo isto naõ he ainda tudo, porque estes insolentes, e descarados Ladrões, naõ satisfeitos de roubar os homens, tambem quizeraõ roubar a Deos, e despojallo da sua gloria, privando-o daquellas homenagens de adoraçaõ, que as creaturas devem ao Creador. A alma se horroriza com estas lembranças. O Povo mais religioso da Terra he o Povo Portuguez, e me lembro de haver dito, e escripto, que Portugal era huma das próvas da perpetuidade da Fé; desde a sua origem nunca foi enfestado pelos habitos da heresia pública, ainda que ha cincoenta annos esteja no particular taõ contaminado pela clandestina introducçaõ de doutrinas, e de livros ímpios. O sinceramente convertido Literatôr La Harpe, em huma sua Carta a hum dos cinco Directores Francezes, escarnece muito hum delles por haver em hum escripto mandado a seus satellites, *que humilhassem o Culto para o acabarem.* Grande parvoice da escóla filosofante! Humilhar o Culto!! Como? Pois a Religiaõ em si como obra immediata da Divina Providencia póde ser humilhada? Este mentecapto, queria dizer — Os Ministros da Religiaõ, que como taes podiaõ ser perseguidos, empobrecidos, e por isto humilhados. — Esta liçaõ foi tomada, e seguida pelos Ladrões revolucionarios Portuguezes; e sobre isto deve o Povo ficar completamente desenganado. A mais crua, e exterminadora guerra, que o Mundo tem feito, e pertinazmente prosegue a Maçonaria, he a que tem soffrido os Ministros da Religiaõ; porque na opiniaõ do Mundo, perde muito na estima dos homens o que langado nos braços da indigencia, morre de fome sem hum negro, e grosseiro paõ, que o sustente; por este meio conseguem o fim. A esmóla, que mendiga o Ecclesiastico, he hum público triunfo para os Ladrões da revoluçaõ: a hum Templo deserto, ou por elles roubado, e fechado, chamaõ elles hum passo mais nos progressos da civilizaçaõ, e no derramamento das luzes: pôr em almoeda as alfaias das Igrejas, e as Imagens dos Santos era, he o ordinario procedimento de Ladrões sacrilegos, quaes foraõ os nossos revolucionarios. Ora quem rouba o que he de Deos, melhor, e mais descaradamente roubará o que he dos homens, e ainda que nem tudo o que luz seja ouro, ha cousas que luzem muito, sem serem ou-

ro, nem diamantes: luz a honra com hum brilho indeficiente, luzem os costumes, quando saõ puros, e verdadeiramente Portuguezes; luz o nome, a reputaçaõ, luz o valor, o denodo, o crédito militar, luz a intrepidez, e a magnanimidade, até nas mesmas conquistas luz o estudo das letras, o fructo das sciencias em escriptos de immortal fama; tudo isto eraõ riquezas dos Portuguezes, e tudo isto nos foi roubado; e a virtude civil, e politica entre nós supereminente, qual foi sempre a nossa inalteravel fidelidade ao Rei sempre Fidelissimo, tudo isto se nos roubou por estes Ladrões sempre inquietos, freneticos, levantados em tantas conspiraçõés, que nem o pavor, e o terror de huma Forca, de huma Policia activa, de huma Constancia Real, que com a Sua Suprema Authoridade, tornando inflexivel a vara da Justiça, mantem a Authoridade das Leis, tem feito suspender, ou de todo desvanecer.

Estas desenganadoras verdades de alguma cousa servirão ao Povo Portuguez, ao menos fechar-lhe-haõ os ouvidos ás vozes da seducçaõ politica, e ás insinuações da impiedade. Embora o orgulho, a vaidade, a presumpçaõ cega, e vingativa, façaõ vociferar hum mentecapto, que ha de provar ao Reino todo, que o *Desengano he hum escripto anarquico*, naõ sendo composto senaõ para illustrar a Naçaõ, exhortando-a a detestar revoluções como causas, e origens de todos os males, e de todas as desgraças dos Póvos, attentatorias da Religiaõ, e dos Thronos, fazendo-lhe conhecer, que a ventura social consiste na conservaçaõ, e no respeito ás antigas Leis, detestando, e abominando todas as innovaçõns, e invenções da moderna Filosofia, que he aos olhos da Razaõ huma rematadissima loucura, como he a sabedoria do Mundo aos olhos de Deos.

APENDIX AO DESENGANO.

Buscar lá, e vir tosquiado.

Algumas Cartas da Provincia do Minho, e de terras mui distantes entre si, chegáraõ aos meus olhos, e alguns ditos dos homens de bem da Capital tocáraõ os meus ouvidos; as Cartas que conservo diziaõ, e os ditos annunciavaõ, que o Mestre Fr. Mattheus, tinha escripto para as terras onde tem parentes, que por elle, ou por seus amigos estavaõ tomadas as medidas, e providencias para me fazer callar. Lembrou-me aquella clausula, que sempre vinha nos Cartázes da Corrida de Touros. — *Se alguem saltar das trincheiras á Praça, estaõ dadas as Providencias....* Adeos, disse eu comigo; temos

Provisaõ para metter a viola no sacco! Naõ estranharei, porque naõ será a primeira vez. Depois da Besta embargada, venha a viola quebrada: a Besta com maniotas, e a Viola com os tampos dentro. Ora fóra de zombaria, se o contexto de taes Cartas fosse certo, naõ haveria cousa mais vil, mais infame, e mais vergonhosa! A questaõ era a mais simples. Está escripto a paginas 15 da Resposta 1.ª a Naõ Sei Quem o principio politico do Padre Mestre Fr. Mattheus —*que nada temos que recear* das consequencias da revoluçaõ Franceza! A resposta bem solemnemente se deo na noite de 7 para 8 de Fevereiro; os Foguetes criaõ de nove respostas; ahi tem, Padre Mestre Fr. Mattheus, respostas nove, e se naõ o contentaõ nove respostas, e quer huma respostada, ahi tem sete no Caes do Sodré, afóra outras menos estrepitosas. Ora parece que isto devia satisfazer o Padre Mestre Fr. Mattheus, e convencello de que ha que recear da revoluçaõ Franceza, e obrigallo a ter seu medo como os mais, porque se a revoluçaõ naõ animasse os attentados de Cadiz, nem o Governador seria taõ barbaramente assassinado, nem a Ilha de Leaõ completamente saqueada, naõ sendo taõ completo o triunfo dos Paladinos, que naõ ficassem bons tres quarteirões delles bem, e verdadeiramente pendurados nas suas competentes Forcas. Eu tenho pena da falta de reflexaõ do Padre Mestre Fr. Mattheus, porque ainda nem de vista o conheço, nem me importa conhecer, pois naõ tenho nada que exista, ou naõ exista hum Frade Bento só como o que está na Serra d'Ossa, nem que sejaõ oito, ou nove os pronunciados na Devassa da Algada, tenho pena do Mestre Fr. Mattheus, porque, coitado, tem soffrido algumas mortificações, e pezadetas, hum irmaõ que tinha, e fora o Deputado Brandaõ, a quem fizeraõ Vigario Geral de Valença, foi ha pouco deposto por huma Ordem Régia, e isto he penoso a hum homem taõ sensivel, e de tanto brio como o Padre Mestre Fr. Mattheus, dando-lhe assim, como diz o rifaõ, humas no cravo, e outras na ferradura; torno a dizer, que tenho pena, que hum homem d'aquelles, que era a alma do defunto Melhoramento, o Pai dos Frades, o consolador dos afflictos, que a todos livrava das garras dos Guardiães casmurros, e cabeçudos, se quizesse mostrar rapaz da escóla ladeando na Defeza com desculpas que naõ vem para alli, e que naõ tem parentesco com a sua expressa opiniaõ *de naõ haver que recear*, e lembra-me aquelle Causidico de que falla Marcial em hum seu Epigramma. Tinha hum Edil encommado tres Cabras, que o Rendeiro achou dentro de hum Cerrado a roer n'huma videira; o Causidico arrazoava a favor do dono das Cabras, e veio, como os mais d'elles costumaõ nos seus eloquentes discursos, com a batalha de Cannas, com a guerra de Mithridates, a invasaõ de Pyrrho com os Elefantes na Italia, com os vagares de Fabio Maximo, a derrota dos Cimbros; e o Causidico, que defendia o Cabreiro, e a Cabrada, tudo era gritar: ó fallador do Inferno, naõ te callarás com essas tontices? Que me importa Trasimeno, e Cannas, Carthago arrazada, Mithridates vencido, e as Bandeiras que Lucio

Crasso perdeo na Persia? Deixa que Germanico passe o Danubio, que Cesar vença em Farsalia, que em hum barco do Rio Nilo Pompeo seja morto á traiçaõ, e que Cleópatra desfaça em vinagre huma Perola para preparar o escabeche a huma Truta frita para Marco Antonio! A minha questaõ he sobre tres Cabras — *Lis est mihi de tribus Capellis* — Saltáraõ, ou naõ saltáraõ no Cerrado as tres amaldiçoadas Cabras? Roèraõ as videiras, ou comêraõ os renovos das Oliveiras? He justa a coima, ou he golodice do Rendeiro? Este o caso do Mestre Fr. Mattheus. A que vem na Defeza o elogio da Ordem Benedictina, que eu naõ ataquei, antes na Apologia dos Regulares foi a primeira que eu tanto louvei, e engrandeci, bem alheio de cuidar, que hum seu bento filho me atiraria huma chumbada, mas injuriosa, e affrontosa, deste calibre? Que tem com o que está escripto n'hum papel anonymo, folhas 15, huma e outra vez, sobre naõ devermos recear cousa alguma da Revoluçaõ Franceza, hum Edital affixado na Praça com arremeços do Vice-Consul para nos deixar, e levar comsigo os Francezes todos, (que naõ querem cahir nesse desproposito, salvo alguns, que bem sabem porque o fazem: perda irreparavel!) A minha questaõ he de tres Cabras. O Mestre Fr. Mattheus diz que naõ, eu digo que sim. Que parentesco tem com este naõ, e com este sim do triste Clerigo entrevado, hum, ou outro necessario atrazo, e filho das circunstancias, na Illustrissima Congregaçaõ de S. Bernardo, no pagamento das suas avultadissimas Decimas, Quintos, e Terços em suas rendas demidiadas por invasões, e por incendios Francezes? Nem por isto Sua Magestade os julgou máos Servidores, sendo, como foi, testemunha de tantos estragos, que nunca viráõ a ser completamente reparados! Felizes, felizes os Benedictinos, diz o Mestre Fr. Mattheus, que n'humas Cortes antigas tiveraõ já dous Abbades! Neste ponto ainda eu digo mais que o Mestre Fr. Mattheus, tiveraõ hum Benedictino, que foi o Abbade das Cortes, naõ antigas, mas modernas.

Se o *nihil admirari* naõ fosse a minha devisa, pelas minhas experiencias da longa carreira de quasi 66 annos de idade, eu me admiraria muito no estado em que estou de me mandarem escrever, e me haver Sua Magestade nomeado, por hum honrorissimo Decreto, Substituto Chronista do Reino, para escrever a Historia do assignalado Periodo dos Fastos Lusitanos, que decorre da Regencia de Seu Augusto Pai Imperador e Rei até o memoravel dia 11 de Julho de 1828, em que os Tres Estados juntos em Cortes O declaráraõ, e acclamáraõ Rei, e Senhor Legitimo destes Reinos, e seus Dominios conforme as Leis primordiaes da Monarquia; declarando, outrosim, Sua Magestade, que he servido fazer-me esta mercê em attençaõ — *ás repetidas provas de fidelidade que tenho dado á Sua Real Pessoa, e meu conhecido merecimento litterario:* admiro-me na verdade, que venha hum Frade Bento clamar, gritar, escrever Cartas, em que, além de me ameaçar, e talvez descompôr, ousa protestar, que estaõ tomadas as medidas para me *fazer callar* (sa-

bendo eu que as cousas se desfazem pelos mesmos meios porque se fazem; porque só quem me mandou escrever, me póde mandar callar) me chama mentiroso, e falsario em citações, sendo elle neste passo hum calumniador, e aleivoso, como logo mostrarei, he para me desconsolar verdadeiramente. E quem me trata assim? Hum Doutor, que he Frade Bento. E que tem feito este Frade Bento? Elle o diz, fiz tres Folhetos contra os Revolucionarios, e Pedreiros Livres. E quando? Quando existimos debaixo de hum Governo Legitimo, e verdadeiro, com hum Ministerio Christaõ, e honrado, em que elle nada tem que temer de força violenta, e intrusa. Pois eu escrevi duzentos Artigos, na Gazeta Universal, e avulsos, tendo nas mãos hum Sceptro de ferro a canalha vinda do Porto, dizendo-lhe o que ella era na sua mesma cara, e na cara do Frade Bento, que a dirigia, e lhe redigia seus Manifestos. Eu escrevi 32 Cartas, e bem compridas, quando hum forte Exercito Estrangeiro se atravessou no meio de Portugal, para auxiliar o dominante Partido Carteiro dos Pedreiros na manutenção d'essa Carta peregrina, aleivosamente aqui trazida, e embutida por hum Estrangeiro. Estas 32 Cartas foraõ, e saõ ainda o ante-mural da Naçaõ, e se ellas naõ foraõ, talvez que n'hum instante se desvanecêra a uniaõ, e resistencia de quasi metade de todos os Portuguezes emigrados. Eu escrevi 27 longos Escriptos, em que combati todos os actos da Besta ferocissima, e damnada, e diga Portugal se naõ foi huma vergonhosa *Caballa* quem a fez parar!... E tudo isto no meio das mais violentas opposições, naõ dando huma passada, que naõ fosse no meio de ciladas, e de laços, e isto combatendo eu só, sem alheio soccorro de hum só papel impresso, e o que mais he, sem protecçaõ, sem Padrinhos, e o que mais ainda admirará os futuros Seculos, como he indifferente ao actual, em hum estado pobre, sempre enfermo, e desvalido. E nestas crises taõ perigosas, nestes transes taõ arriscados, nestes Governos taõ Despoticos, e taõ violentos, que fez o Dr. Frade Bento, que agora no Governo Justo, e Legitimo, nos vem arrotando valentias como Campeaõ do Altar, e do Throno? Esteve callado como hum Rato em sua toca, e só quando se respirou algum ar de serenidade nos primeiros dias de Junho de 1823, que bem depressa se desvaneceo, deitou a cabeça de fóra, e no mesmo instante a recolheo. Quando escrevi eu contra este Padre? Nunca. Escrevi duas palavras, e bem por acaso, quando em hum papel anonymo fui deparar com a parvoice do — *Naõ recear* — e escrevi no estado de anonymo em o qual ninguem directamente se offende, porque naõ ha personalidades, e senaõ digaõ-me onde se encontra naquellas poucas linhas, naõ só citadas, mas transcriptas, o nome da sagrada e inviolavel pessoa do Senhor Reverendo Fr. Matthеus? Entaõ offendido o seu incomprehensivel, ou infinito amor proprio, poderia vomitar contra mim essa enxurrada de improperios, e affrontas de que eu daria mappa exactissimo copiando-os da sua Defeza, linha por linha, e palavra por palavra. Quem adivinhava, que elle era o seu Author?

Podia ser elle, podia ser Manoel Còco, podia ser o Dei de Tripoli: hum Anonymo he hum incognito. De tudo se queixa, e ninguem fallou nelle, e depois de se declarar seu Pai, e Author passados cinco mezes, he que se dá por achado, dizendo-me que eu li o insignificante, e ocioso papelinho do fim para o principio, como se lêm os Livros em Hebraico, ou Arabigo! Ou do cabo para o rabo, ou do rabo para o cabo, nada d'isso faz, que as palavras em que vem a proposiçaõ impugnada — Naõ ha que recear — naõ venhaõ lá. Diz que saõ hum Corollario! Isto he peor ainda, porque Corollario he huma derivaçaõ, consequencia, resultado de principios, ou doutrinas antecedentes; logo estas doutrinas saõ matrizes destes Corollarios. Concluo este escripto com o que mais offende a minha honra, e mais dá a conhecer a alma do Mestre Fr. Mattheus.

Chega elle com o seu *Virus criticaõ* ao N.º 9 do Desengano, onde fallo do principio — Naõ ha que recear, — e deixa este memoravel Memorando: (Defeza, pag. 11, § 4.º, linha 3.ª) *Tudo àsto* (diz elle) *Tudo isto responde immedialamente o meu mesmo perguntador que se contém na tal* 1.ª *Resposta, sem dizer porém em que pagina, ou § para naõ cahir promptamente em mentira.* —

Ora agora venha cá o Mundo inteiro, que aqui está estirado e aberto o N.º 9 do Desengano, pag. 9, lêaõ, linha 4. ,, Assim o vejo a pag. 15, § ultimo, linha 3.ª Quem cita deve trasladar — *Resposta á Carta* 1.ª *de Naõ Sei Quem.* Cópia rigorosamente fiel, e vai em letra Grifa, ou Italica.

> *Eis-aqui, Senhor incognito, huma rápida indicaçaõ dos motivos em que me fundo para assegurar-lhe que nada temos que recear em Portugal d'esse novo contagio Francez.* ,,

O' Mestre Fr. Mattheus, olhe que lá deitaõ foguetes da Embarcaçaõ Franceza! O' Mestre Fr. Mattheus, olhe que lá garrotaõ, e queimaõ no Caes do Sodré sete Revolucionarios contagiados do contagio Francez, para naõ contagiarem os mais. Quem mente mais, sou eu, ou o Mestre Fr. Mattheus? Ora mande dizer ao Senhor seu Mano, o Ex-Reverendo Vigario, que me ha de fazer callar, que logo de cá lhe responde o Povo: — Temos aqui bem certo o dictado, quem assim vem buscar lã, vai tosquiado.

Hoje 13 de Abril de 1831.

José Agostinho de Macedo.

LISBOA. NA TYPOGRAFIA DE BULHÕES. 1831.
Com Licença.

O DESENGANO,

PERIODICO POLITICO, E MORAL:

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

N.º 18.

Salus Populi suprema Lex esto.

Teima invencivel.

Eu cuidava que só o Diabo era incapaz de arrependimento, ou desistencia no proseguimento do mal, e que nesta infernal pertinacia, naõ tinha imitadores, nem discipulos. Precipitado do estellante assento no mais profundo carcere infernal, acompanhado de legiões, e legiões de espiritos rebeldes, e condemnado a eternos tormentos, alli mesmo, com os Socios de sua sempiterna desgraça, naõ desiste dos projectos de sua indestructivel soberba: affectando omnipotencia, anhelando a similhança do Altissimo, quer occupar o Throno do Universo, e dominar sobre todas as creaturas.— Porei meu Solio sobre os Astros, e serei similhante ao Altissimo. Se eu me revoltei contra elle, procurarei revoltar todos os entes racionaes. Dos Ceos trouxe huma terceira parte das estrellas, na Terra quero que sejaõ meus escravos todos os homens: comecei com o primeiro, e naõ deixarei o ultimo. Eu sou o pai da mentira, e naõ ha nas minhas mãos arma mais poderosa do que o engano. Enganei os Anjos no Empyreo, e Adaõ no Paraiso, e promettendo-lhes maior grandeza, eu os privei da maior gloria. Da omnipotencia em prometter ninguem me priva, e da illusaõ da promessa de hum maior interesse, nem escapáraõ Anjos no Ceo, nem me escaparáõ homens na Terra. Apenas eu prometti ao primeiro homem, e á primeira mulher, que seriaõ similhantes a Deoses, e como elles, que seus olhos se abririaõ para verem a luz, e que vendo esta luz, seria taõ grande a torrente da sua sabedoria, que conheceriaõ logo, como o Immortal conhece, o que he verdadeiramente bom, e o que he verdadeiramente máo; naõ podiaõ ser inefficazes promessas desta natureza; grandeza, e grandeza que se equiparasse com a dos Numes; liberdade absoluta, pois os eximia até de hum unico preceito, que Deos lhe tinha imposto; vista de luz, e abertura de olhos; sciencia vasta, e profunda, com hum claro discernimento do bem, e do mal. Quem me naõ acudiria a este reclamo, e naõ cahiria em hum laço taõ subtil,

que em todos os Seculos se ouvirin dizer, foi armado pelo Diabo? E o cumprimento destas promessas? Isso foi cousa minha, e qual se podia esperar de hum Diabo como eu sou. Prometti venturas, e riquezas; os homens, como eu queria, ficáraõ perpetuamente desgraçados, naõ só aquelles que eu illudi, mas quantos delles tem vindo, e viráõ até ao fim dos Seculos: enfraqueci-lhes de tal maneira o livre arbitrio, que huma só obra boa naõ podem fazer sem que hum auxilio superior os naõ conforte, porque a Natureza corrompida pela culpa sente hum continuado pendor para o mal, e este mal he o meu elemento; e ficáraõ tanto a meu geito, que desde o primeiro dia em que os tentei para se iniciarem, o que de facto fizeraõ, ficáraõ sujeitos á morte, o que naõ aconteceria no estado da innocencia, donde por hum doce somno passariaõ do tempo para huma Immortalidade felicissima. Eu os despojei de huma preciosissima, e riquissima vestidura de todos os dons, e graças sobrenaturaes, e os deixei em pelote; e se abríraõ os olhos para verem a luz, tambem os abríraõ para verem que ficavaõ nús. Com o meu engano me fiz a olho, porque promettendo-lhes Mundos, e fundos de conhecimentos, de luzes, de sciencias, ficáraõ huns solemnes asneirões, quando a Religiaõ os naõ illustra, e se o Diabo se póde rir, e ter na sua eterna desgraça hum momento de prazer na eternidade das penas, he quando me ponho a contemplar nos despropositos da humana sabedoria. Todos os Systemas dos Filosofos antigos, e modernos, quando se mettem a papaguear sobre a origem da materia, sobre o movimento dos Corpos Celestes nessa incomprehensivel extensaõ, ou espaço, em que todos andaõ ás apalpadellas, naõ dizem, nem escrevem senaõ despropositos. Em fim, o que huma vez fiz, continuarei pertinazmente a fazer; emperrado sempre, eu procurarei a ruina dos homens; conjuros, exorcismos, a mesma Cruz de que eu fujo sempre..... naõ sei que diga, naõ me haõ de conter.—

Que he isto? Estarei á porta do inferno ouvindo as sacrílegas e horrendas blasfemias de Satanaz, ou no Beco dos Apostolos, á porta da Loja de Rocha Lopes ouvindo o Veneravel entre as bocas abertas, e pasmaceira dos Pedreiros Livres tratando de Revoluções! O Inferno e huma Loja he tudo o mesmo, e se ha differença he para mais em contumacia, ou pertinacia. Os meios porque o Diabo buscou a ruina do genero humano, saõ os mesmos, e naõ outros, com que os Pedreiros buscaõ a subversaõ, e a ruina de todos os Imperios, de todos os Altares, de todas as Instituições Sociaes. Os seus fins saõ a desgraça, e as suas promessas, a mentira. Saõ promessas do Diabo, o contrario do que dizem, e para haver em tudo huma perfeitissima identidade, na contumacia, ou pertinacia, hum Diabo, e hum Pedreiro, saõ a mesmissima cousa. O que faz o Demonio, faz o Pedreiro, de sorte que vista a acçaõ, naõ se sabe se he obra do Diabo, se obra de Maçaõ: taõ perfeita he a similhança, e taõ iguaes, e identicos os resultados! O Diabo desde o momento da sua revolta nos Ceos, onde a soberba lhe fez crer, que podia ser similhante ao Altissimo, *Similis ero Altissimo*, naõ deixou jámais de rebellar-se, e conspirar contra Deos; o Pedreiro, inda bem naõ es-

tá acabado o Toste da Cèa da recepçaõ, já conspira contra os Soberanos, que saõ imagens visiveis, e expressivas de Deos, que he o Arbitro Soberano do Universo, pelo exercicio do Poder, e pelo exercicio da Magestade, pois logo alli com abominanda, e ridicula ceremonia com o punhalzinho de Aprendiz, se rasga o peito a hum Simulacro da Realeza no lugar em que está huma borrachinha de sangue, que, derramado na presença daquelle Senado de bebados, patifes, e revolucionarios, attrahe os applausos, e os gabos á intrepidez do Candidato taõ bebado como elles. Já nós sabemos pelos principios da nossa doutrina bebida com o leite, que saõ tres os inimigos da nossa alma, e que o segundo destes inimigos he o Diabo; elle procura sempre pelas suggestões, ou tentações, corromper nossos puros sentimentos, e fazer que seja imperio de vicios, e crimes, o que foi creado para throno das virtudes, alli derramando aquelle veneno que lhe adquirio o nome, e o officio de serpente antiga: o Pedreiro, apenas iniciado nos infernaes mysterios da Seita, começa, com o veneno mais que diabolico, a mudar os nomes ás cousas, e transformar-lhes as essencias: áquillo mesmo a que a luz da razaõ, e da Natureza dá o nome de virtude, dá elle o nome de crime; e nascendo o homem naturalmente Religioso, ou para condescendencia com algumas opiniões, fazendo-se logo Religioso com o uso da razaõ pelo espectaculo das maravilhas da Natureza, concluindo dellas a existencia de hum Ente Supremo, Creador dos Ceos, e da Terra, o Pedreiro lhe destroe este principio innato, e no seu lugar derrama as sementes do Atheismo. O Diabo naõ quer que haja Deos, o Pedreiro naõ quer outra cousa. Para o homem Religioso, Deos he tudo, para o Pedreiro Deos he nada; a Moral he preoccupaçaõ, e a Virtude hum sonho, ou hum invento do mais sórdido interesse. O Diabo habita hum imperio, ou calabouço onde nem existe, nem póde existir ordem alguma, por que he a morada do sempiterno horror: o Pedreiro naõ quer que outra cousa seja o Mundo moral, e o Mundo politico: de tal maneira tem baralhado, e confundido as idéas, e sentimentos dos homens, sem terem outra regra das suas acções mais do que a perfidia, a mentira, o engano, a aleivosia, e a intriga, que tem feito da Terra hum verdadeiro Inferno, tudo he confusaõ, tudo he horror. Parece, que huma raiva ferocissima, como das féras de diversa especie, se apoderou da Sociedade humana. A existencia actual he hum estado de conflictos, opiniões contra opiniões, systemas contra systemas. Conflicto da Religiaõ contra a impiedade, de fórma de Governo contra fórma de Governo; mortaes desuniões, e partidos entre homens de huma mesma Pátria, de humas mesmas Leis, de huma mesma Crença, de huma Fé, de hum Baptismo, e o que mais he, de huma propria estyrpe, de huma propria familia, e de hum mesmo sangue. Chega o horror, e a confusaõ infernal a penetrar até por esses Tribunaes, que tendo hum mesmo Regimento, e havendo dado o mesmo juramento, e prestado a mesma homenagem, debaixo do mesmo tecto, na mesma materia proposta, obra na razaõ directa da diversidade das opiniões, ou politicas, ou moraes, dos individuos, que os compõe. Sendo a Fide-

lidade a materia proxima, e remota do Juramento militar, sendo a Bandeira sobre que se dá, a mesma, porque he unico o Tymbre Nacional, no caso de huma aggressaõ, ou de huma defeza, em que perplexidade, em que anciedade nos deixa, ou nos conserva a divergencia dos sentimentos, e das opiniões de homens ligados para o mesmo fim, pelo mesmo juramento! E será possivel que ElRei de Portugal chegue a hesitar hum momento sobre a escolha do Sujeito, ou Sujeitos a quem deva commetter huma Expediçaõ melindrosa, hum Governo de Provincias, ou Colonias, ou hum Feito de Armas em que vá ainda huma vez a gloria do nome, e do valor Nacional??? Lembra-me ter lido nas Historias da Italia o caso authenticado da peste artificial e diabolica de Milaõ, em que vinha infallivelmente a morte ás pessoas daquellas casas cujas portas, ou paredes appareciaõ untadas com hum certo unguento, e que fazendo-se fervorosas Preces, e efficazes Conjuros, se tornou visivel o espirito infernal em hum espantoso fantasma, que dentro de huma nuvem mui negra mostrava ir fugindo. Eu creio este caso, e invejo a sorte dos que viraõ aquella cara, porque seria a verdadeira effigie de hum Pedreiro; porque ver o Diabo, e ver hum Pedreiro, estando ambos juntos, quem se atreveria a dizer, este he o Pedreiro, este he o Diabo? Naõ ha differença nas feiçõs externas, e muito menos nas internas disposições. Neste caso o veneno para hum, e outro he hum remedio heroico. Se Buonaparte naõ fosse Pedreiro, naõ envenenaria no Hospital de Jaffa setecentos enfermos. Que mais poderia fazer o Diabo em Milaõ? Envenenar doentes para evitar transportes, só podia lembrar a hum Pedreiro, e se a lembrança faz conhecer hum Pedreiro, a execuçaõ ainda o dá a conhecer mais.

Poder-me-haõ dizer, que tudo isto he hum argumento de presumpçaõ, e naõ de demonstraçaõ; que o veneno he huma cousa vaga, e incerta, e que se naõ dá publicamente a beber como o vinho nas Tabernas, e o caffé nos Botequins; que he verdade que o Diabo, como author da culpa, em hum só homem matou todos, pois pelo peccado veio a morte, e que o Diabo Pedreiro, quer tirar a vida a todos os homens de bem, e com taõ pouco rebuço, que diz quer derramar o sangue a todos os Soberanos, e aos que andaõ á roda delles, chamados Fidalgos, ou Aristocratas, e entre estes em que ha muitos Pedreiros, naõ faltaráõ por esse largo Mundo alguns, que naõ julguem o mister de assassino muito improprio da Aristocracia, mas que essas cousas naõ saõ taõ faceis como se julga. Estou por tudo quanto me quizerem dizer, conceder, ou negar nesta parte; mas como eu quero sustentar o parallelo de Diabos, e Pedreiros em todos os seus projectos, e obras, eu os considerarei debaixo de outros aspectos de que me naõ possaõ fugir.

Assim como o Diabo he o pai de todas as mentiras, assim tambem desde a origem dos Seculos, na ordem moral, he o promotor de todas as desordens: elle he o inimigo d'alma, e nella assanha todas as paixões, atiça todos os appetites, e condensa as sombras de todos os erros. Já o Redemptor disse aos Fariseos — *Vos ex Patre Dibolo estis* — Vós todos sois filhos do Diabo. Os Fariseos eraõ hu-

ma canalha tal e qual, similhantes áquelles a quem n's chamamos *malhados*, inimigos de toda a authoridade Civil, e Religiosa, soberbos, hypocritas, mettidos a reformadores dos homens, vendo argueiros nos olhos dos outros, sem verem trancas, e traves nos seus: affectavaõ hum grave e triste aspeito com cara de quem jejua; mas das portas para dentro, banqueteando-se esplendidamente; chamavaõ aos outros profanos, e elles eraõ os mais incredulos, impuros, e dissolutos, em fim eraõ raça de viboras, isto he, pais dos Pedreiros, e naõ havia desordem, motim, sediçaõ em que naõ entrassem, e de que naõ fossem authores, e promotores os Fariseos, perseguidores dos justos e verdadeiros Israelitas, mas affectando sempre caras de homens de bem, e os mais observantes das miudezas da Lei, postergando sempre o mais essencial, e preciso. Eis-aqui os verdadeiros filhos do Diabo, ou os originaes dos Pedreiros Livres, Fariseos Politicos. Na Historia presente, ou no Quadro dos contemporaneos, naõ se póde apontar em qualquer Paiz huma só Revoluçaõ, hum só transtorno, huma só repentina, e violenta mudança de Governo, huma só desmembraçaõ de Monarquia, ou expulsaõ de Dynastia, que naõ seja obra immediata das mãos dos Pedreiros. Incendios, que parecem casuaes (talvez nenhum o seja), mortes prematuras, roubos sacrilegos, ou desacatos horrendos, e abominaveis, fallimentos escandalosos, e refalsados, traições deshumanas, odios atiçados, injustiças detestaveis, batalhas perdidas em palpavel despreporçaõ de forças, expedições mallogradas, Ministerios trahidos, ou traidores, Diplomatas infieis, ou falsarios, crédito público desvanecido, pobreza Nacional exaggerada, Monarcas tornados odiosos aos Povos, e os Povos aos Monarcas (o peor de todos os males politicos), rendas defraudadas, ou Finanças pervertidas, venalidade de empregos, incapacidade, ou insufficiencia affectada em Ministros subalternos, fluctuaçaõ, e incerteza na armada Força, indifferença absoluta em materias de culto Religioso; impunidade de certos crimes, ou a venenosa, e refalsada palavra — moderaçaõ — ou mui culpavel tolerancia civil, exaggeraçaõ de abusos que naõ existem, ou que pela sua insignificancia em huma prudente administraçaõ se tornaõ irremediaveis; repetidos, e públicos clamores de reformas, que nem os tempos, nem as circunstancias podem admittir simultaneas; tudo o que saõ pretextos, ou elementos de Revoluções publicamente acclamados: todos estes Quadros, novos nos Annaes do Mundo, nelle tem apparecido em nossos dias, e saõ derivações dos estabelecidos principios do Maçonismo; por isso se mostraõ uniformes e constantes, sem que a diversidade dos Climas, a differença das Leis estabelecidas, os diversos costumes dos Povos os alterem, ou mudem, saõ sempre os mesmos, o que próva, que existe huma uniformidade de systema subversivo, e desorganizador, seguido pela malvada Seita, para conseguir seus fins, que he o governo e dominaçaõ dos Povos a seu modo; e se ha hum systema de — *Naõ intervençaõ* — para deixar fazer tudo, ha tambem hum systema universalmente combinado para arruinar, e se algumas vezes falha na consecuçaõ dos fins, ha tambem outro systema da *Naõ desistencia*, para se arraza-

rem todas as barreiras, demolirem todos os obstaculos com tanta pertinacia, que se naõ vê por toda a Europa mais que huma teima invencivel. Em que Paiz tem deixado de trabalhar a maõ do algoz? Parece, que he hum incitamento para proseguir na mesma carreira do crime, e quanto mais espantosa he a severidade das penas, tanto maior he a contumacia dos Réos. Para eu encher este papel, e outros muitos, bastaõ-me os exemplos que todos os dias nos estaõ dando Hespanha, e Portugal, dous Reinos que deviaõ existir em huma alliança perpétua, naõ só na ordem politica, porque he a unica cousa que podia conservar em justo equilibrio a balança das Potencias Européas, como a Hespanha só ja foi capaz de o fazer, mas sobre tudo por hum Tratado offensivo, e defensivo para o cabal exterminio de Pedreiros. Bastando-me estes dous Reinos, taõ limitrofes, e taõ parecidos, que naõ podem deixar de ser irmãos, deixem-me hum pouco divagar com a imaginaçaõ pelo naõ mui largo circulo de dez annos, começando no ponto de 1820, chegando a fechar o mesmo circulo em 1830. Desejo dar próvas da Teima invencivel da mania Revolucionaria em toda a parte onde se conhece Governo. Monarquico, ainda o mais moderado, e circunscripto pelas Leis, as mais sábias, as mais prudentes, e as mais justas, e nas quaes o que se chama liberdade legal tem mais extensaõ, e fallando com mais clareza, para satisfazer aos proprios Filosofos, menos affronta. A teima he geral, he uniforme, he invencivel. Darei noticias estranhas, mas para desengano do Povo Portuguez, taõ efficazes, e poderosas como nos saõ, ou devem ser as domesticas, que oxalá naõ foraõ taõ frequentes, sem que a corda, e a fogueira lhes ponhaõ termo. Chamava-se algum dia a hum rijo bordaõ de zambujo, ou de marmélo, hum — Tira teimas; — agora nem huma corda, ou bamba, ou revirada as póde tirar, mas naõ deixo de me animar com o antigo rifaõ, — Quem porfia mata Caça. — Se os Pedreiros se servem delle para levarem a sua por diante, sirvamo-nos nós para acabarmos com elles, e sendo eu taõ decidido partidario da indulgencia, dez annos de observaçaõ me tem mostrado, que de nada aproveita, só se for para fazerem zombaria das Leis, e da Soberania do Rei, para proseguirem com mais audacia na reincidencia de seus attentados.

O anno de 1820, e o começo do seguinte, faraõ huma época bem notavel nos Fastos da Historia moderna; foi neste singular periodo, o curto espaço de tempo, que as associações politicas organizadas fóra das vistas dos Governos, com o perversissimo intento de lhes darem, e impôrem novas fórmas, fizeraõ simultaneamente os mais poderosos esforços. Foi então que o systema de defeza das antigas Monarquias, conhecido já pelo nome de Santa Alliança, começou a ter huma nova consistencia, ou existencia. Conheceo se que a Europa inteira estava minada por fogo subterraneo, que buscava por toda a parte, com violencia, respiradouros, e sahidas. Desde Gibraltar até ao Baltico, e do fundo da Escocia até ás Ilhas Jonias, ou mar Egêo, se manifestavaõ os mesmos projectos, e se empregavaõ, e punhaõ em acçaõ as mesmas manobras, para chegarem a hum termo commum, que vinha a ser chamar os Povos á fruiçaõ, e exercicio

do Poder Soberano, creando Assembléas deliberantes, ou com poder Legislativo, conforme certas estudadas, e convencionadas regras, sendo a primeira a abolição prévia de tudo quanto na Europa restava de antigas Ordens, e distincções de Classes; em huma palavra de tudo quanto chamamos Aristocracia. Estes principios que já tinhaõ sido proclamados na abominanda Constituição Franceza de 1791, tornáraõ a apparecer na Hespanha com as Cortes de 1812, e depois simultaneamente na Hespanha, e Portugal nas mais abominaveis Cortes de 1820, e por huma fatalidade premeditada foraõ a baze de todas as Constituições com que se conspirou na Europa, e pela Europa se continúa a conspirar desde aquella época da erupçaõ dos vulcões. Estes innovadores, ou públicos salteadores, empregáraõ hum meio geral, mas uniforme, e vinha a ser estribar-se, e escudar-se no que se chama força armada, imbuindo de suas idéas, e de suas vistas a Classe militar, que se assim naõ fôra, nem momentanea existencia teria esta universal conspiraçaõ contra o genero humano. Esta illaqueaçaõ teve huma porta aberta, e segura na relaxaçaõ da militar disciplina, na corrupçaõ da moral, e o desejo de subir nos postos, ou avançar nas patentes tornou, e torna esta força, creada para sustentar os Thronos, taõ accessivel á alliciaçaõ, e á seducçaõ.

Este vasto levantamento contra todas as Authoridades estabelecidas, em toda a parte se executava pela intervençaõ das Sociedades Secretas; em Hespanha, e em Portugal as insurreições Militares da Ilha de Leaõ, e do Porto, foraõ dispostas, e organizadas nas Lojas ou Cavernas Maçonicas, e isto he mais claro, que este mesmo Desengano. Nas Vendas dos Carbonarios, nas Reuniões dos Independentes se tramáraõ as revoltas das Guarnições de Nóla, e de Alexandria, que transtornáraõ, e pozeraõ em taõ perigosa crise os Reinos de Napoles, e do Piemonte. A Colonia Maçonica dos Aiteristas revolucionou simultaneamente a Moldavia, e as Ilhas Ciclades. Outras Sociedades Maçonicas naõ fizeraõ tanta fortuna em seus malvados intentos, mas amotináraõ, e sobresaltáraõ os Póvos. A Sociedade Maçonica intitulada *Arminia*, que tinha produzido, e formado o revolucionario *Sand*, foi supplantada desde logo por huma vigorosa operaçaõ de Policia, nem por toda a Allemanha se vio mais a sombra, ou o fumo desta tenebrosa Caverna. No Reino da Prussia o *Tungenbund* foi de todo a pique pelo descobrimento da conspiraçaõ de Bamberg. O furioso *Dampe* foi prezo em Dinamarca naquelle mesmo instante em que devia apparecer o rompimento de huma revoluçaõ. Na Polonia o chamado Grande Publicista *Hultmann* foi expiar dentro de huma Fortaleza o projecto, ou tentativa de proclamar a Constituiçaõ de 1791. As sedições da Hungria, e da Moravia, ficáraõ frustradas de suas esperanças pela fiel actividade, e vigilancia da Authoridade Militar. Huma alliança secreta entre as Universidades de Berlim, de Varsovia, e de Cracovia (faltaria lá a de Coimbra?) foi descoberta antes da execuçaõ de seus projectos, e baston o degredo do mancebo Potocki para a Siberia, para dissolver esta Alliança, que naõ era santa. Neste mesmo tempo os Radicaes de Inglaterra se communicavaõ com os *Fitinhas* de Irlanda, com

os insurgentes de *Stirling*, e formáraõ em Londres a tresloucada conspiraçaõ do Boticario, que hia comendo laranjas pelo caminho da Forca. Em França huma especial Sociedade Maçonica formada no exercito preparava hum ataque ás Tulherias a 19 de Agosto, e poucos dias depois appareceo em Grenoble com sua bandeira tricolor, disposta, e preparada, para a arvorarem em Leaõ. A simultaneidade destas diversas façanhas, a concordancia das vistas, desta linguagem, destes interesses, naõ nos permittem duvidar, que tudo isto naõ sejaõ resultados do plano da geral subversaõ formado, e concertado pelo Diabo, ou por seus agentes os Pedreiros. Eu li nos papeis públicos de differentes Estados naquelle tempo em que por cá hia outro tanto, achadas pela Policia, as innegaveis prôvas desta correspondencia. Ella existia entre os Pedreiros mais zelosos do bem da humanidade dos tres Reinos de França, de Portugal, e da Hespanha. Neste tempo, ou naquelle tempo, disse Manoel Fernandes ao Frade Bento — Levantemo-nos nós? — Vá de furia, disse o Frade, nós tambem somos gente, e temos cinco dedos em cada maõ. A estas palavras sentíraõ hum grande aperto na garganta, que por hum prodigio, que bem se póde explicar, naõ degenerou em garrotilho, ou esquinencia maligna; mas o que se naõ fez em dia de Santa Maria, fez-se outro dia. Fallava-se aqui muito em papeis, e discursos Constitucionaes no *Genio do Mal*: Veio o Genio do Mal, foi o Genio do Mal &c. e esta continuada empurraçaõ para o Genio do Mal era mais teimosa quando se tratava em Cortes de alguma infracçaõ da Constituiçaõ, sendo esta infracçaõ alguma fracçaõ de craneo, ou costellas do inviolavel corpo de algum Senhor Deputado. Foi o Genio do Mal, que se apossou de algum filho da Pátria degenerado para commetter tal attentado, porque só por inspiraçaõ do Genio do Mal, se podiaõ dar tamanhos bofetões em José da Silva, em José Ferreira, em Manoel Borges, e bofetões que retinem, põe a Pátria em perigo, e por tanto este Augusto Salaõ deve declarar a Pátria em perigo... Pois esteja, dizia a flux todo o Augusto Salaõ. No dia 27 de Maio de 1823 he que o Genio do Mal de todo se mostrou, e fez das suas. Os Padres Conscriptos deraõ ás trancas, e mostráraõ ao Mundo os calcanhares, porque o Genio do Mal quiz atalhar a obra da regeneraçaõ, e felicidade deste Reino, tendo esta possante Náo com tanta gloria velejado por trinta e tres mezes, contrastando as tempestades do Fanatismo, e Superstiçaõ; mas veio o Genio do Mal, apagou o farol com que rompia as sombras da ignorancia, e evitava os cachópos dos abusos em que tantas vezes tinha o Estado miseravelmente padecido naufragio.

Nunca estes malvados revolucionarios se calavaõ com o Genio do Mal. Andávamos fartos do Genio do Mal, e feitas bem, e ajustadas as contas, o Genio do Mal, craõ elles, porque só Diabos, isto he, só Pedreiros podiaõ causar os males, e desgraças de que elles só foraõ causas, e authores, com huma teima, e pertinacia tal, qual em seus crimes podia ter, e tem mostrado o Espirito das trévas. Eu chamo á sua teima, invencivel, porque desde o momento em que neste Reino se começáraõ a manifestar seus damnados in-

tentos, e a apparecerem seus ruinosos planos, ainda até ao dia de hoje 25 de Abril naõ tem desistido, nem se tem quebrado o fio das desgraças, e calamidades, que temos padecido, que naõ se fazem com o tempo toleraveis, mas irremediaveis. Obras saõ do Diabo, ou dos Pedreiros todas as desventuras que em Portugal vemos, a Europa sente, e o Mundo universo póde sentir, e ao menos recear nesta epidemica enfermidade das revoluções. Appareçaõ as obras, conhecer-se-haõ os authores, lembrem os maiores crimes, e ver-se-ha quem sejaõ os facinorosos que os perpetráraõ. Póde-se entender hum Regicidio de duas diversas maneiras, ou dous diversos modos, o primeiro nos ultrajes, e affrontas feitas á Sagrada Pessoa do Rei, despojando-o do livre, e independente Exercicio da Sua Legitima Soberania, e de Seu Illimitado Poder; prescrevendo-lhe, como a hum Mercenario, huma limitada porçaõ, ou raçaõ para seu alimento, e com que mantenha huma debil, e quasi imperceptivel imagem externa da Magestade, constituindo-o na deploravel situaçaõ de simples Mandatario, para executar as vontades, ou mandamentos de seus mesmos Vassallos, exercitando elles mesmos a Soberania pela posiçaõ em que se constituiraõ, tornando-se desta maneira dependente da canalha revolucionaria a sua mesma existencia politica, que os Direitos da Successaõ, e os da unanime acclamaçaõ lhe haviaõ dado, e que o Direito das Gentes lhe reconhecia. Deste Regicidio fomos nós testemunhas, e se a morte natural de hum Rei nos obriga a luto, nós o deviamos tomar no momento em que a Paçaõ Diabolica, ou Maçonica, que vale o mesmo, se nos mostrou revestida, e seguida do Apparato da Soberania popular, mandando ao Rei, que executasse o que ella determinava como Legisladora. O segundo Regicidio, se o naõ vemos, nem o veremos n'hum cadafalço, porque isso naõ he, nem para os olhos, nem para a fidelidade Portugueza, quem nos poderá assegurar, que a força do mysterio, e do veneno, o naõ poderia executar? Se se representasse o Genio da Historia Portugueza, se devia representar rasgando esta folha de seus Annaes: mas de tudo o que he capaz hum Diabo, he capaz hum Pedreiro-Livre!!!

Se deraõ cabo da Cabeça, tambem deraõ cabo do Corpo da Naçaõ: com isto naõ devera eu encher papel, nem rasgar mais as feridas, que pelo estado em que se conservaõ nos desvanecem a esperança de se cicatrizarem. Riqueza, valor, e honra, saõ idéas que ha quasi setecentos annos andáraõ sempre unidas, e inseparaveis da palavra — Portugal. — Riqueza!! Quando se deo o nome de pobre a Portugal, senaõ (para eterna vergonha nossa) depois do *Reinado* de Manoel Fernandes Thomaz, do Vizir José da Silva; do Agá dos Janizaros Mestre Sepulveda; e do Capitaõ Bachá Manoel Cidadaõ, ou Manoel Mendes, por naõ dizer outra cousa?.... Sobre as Portas da Alfofa do Castello de Lisboa, onde estava o Arquivo Nacional, estava hum Thesouro immenso, incalculavel, de Joias, e Ouro, e já era cousa grande antes do Reinado d'ElRei D. Diniz; este o augmentou ainda mais, porque começou o Reino a inundar-se de ouro com os assiduos trabalhos da Mina da Adiça, sitio a que

hoje chamaõ a descida das Vaccas, e he cousa muito curiosa de se ver, e ler o Regimento, e Privilegios dos Adiceiros, sobre os quaes se fizeraõ depois os dos Moedeiros. Em nossos dias se renovou alguma cousa a exploraçaõ desta taõ farta mina, mas como era obra nossa, foi obra de Santa Engracia, mostrando-nos a quotidiana experiencia, que a Mina naõ está estancada: com esta mina, e com o calor, e honra que o mesmo Rei D. Diniz deo á Agricultura, instituindo Feiras onde se naõ vendessem mais que instrumentos para os trabalhos ruraes, com força de Bois, e com força de braços, e naõ com máquinas de vapor, para que as soldadas dos moços, e os jornaes dos Operarios de todo se volatisassem, e evaporassem, levou o Reino sem Conquistas, e Descobrimentos a hum estado de opulencia tal, que naõ havia entaõ outro nem mais farto, nem mais rico, nem com mais paõ, nem mais dinheiro. Se até o Reinado de D. Diniz, sem sahirmos de nossa casa, sem injúria da nossa Historia o Reino naõ se póde chamar pobre, como se poderia chamar pobre depois que seus Monarcas sahiaõ delle para debellar os Mouros? O filho de D. Diniz, Affonso IV., Bravo como as armas, vai daqui acudir a ElRei de Castella, e combater pelas ribeiras do Salado quatrocentos mil Mouros; isto naõ se faz com as mãos abanando, nem com as algibeiras em cotaõ; e como se fez entaõ? Com braços, e com dinheiro: e agora como se faz? Para se prefazer huma Companhia de Fuzileiros, quando se diz — prende-se para Soldado, daõ suores frios nos tristes agarradores, custa a tirar hum lacaio de quatro, ou seis que leva huma trazeira, porque saõ do Sr. Fulano, Contratador de bonecos de gesso, ou de outras drogas de igual valia. E para se lhe dar o paõ, que ás vezes parece amassado com o mineral azeviche? Mais suores frios, e peiores. Se depois de Affonso IV. seu neto D. Joaõ I. passa os mares em huma repentina Esquadra, escala Ceuta, e a leva aos Mouros, era o Reino taõ pobre, que depois de tantas batalhas, e a Campal de Aljubarrota, pôde preparar em poucos dias huma expediçaõ daquellas, onde começáraõ tantas outras, que se naõ acabáraõ, senaõ quando se lhes acabou a Terra, e mais os mares. Vem no mais augusto dos Quadros a Historia dos nossos Descobrimentos, e dos feitos que os Portuguezes fizeraõ, como diz Joaõ de Barros, Caravellas a sahir, e Caravellas a entrar: mas as que entravaõ traziaõ dentro em si mais Caravellas. Ainda ahi ha hum Juiz, que eu naõ sei que faz, chamado de India e Mina; que Mina será esta? A de S. Jorge, que tinha entaõ muitos negocios que tratar, e que depois, como filial da Matriz de Serra Leôa, pertencerá aos nossos amigos, e mais fiéis, e pontuaes Alliados, os filhos da Grã-Bretanha. Nesse tempo havia outra cousa chamada — ir ao resgate do Ouro pelos Reinos de Guiné, e de Benim; mas nós he que ficavamos com o ouro, até que o demos todo para nos resgatarmos, e as nossas propriedades das unhas de Buonaparte, que inda em cima nos levou tambem a prata. Neste tempo, que foi o de D. Joaõ II., chegou o Reino a tanta opulencia, que em Evora se gastáraõ cem moios de trigo em sustentar as Aves, que se deviaõ matar para o banquete do noivado do Principe D. Affonso com a Princeza D. Joan-

na. Ou *credat Judeus Apella*, ou muito se furtava nas cozinhas, e capoeiras!! Nestes Reinados até ao da Senhora D. Maria I. existio Portugal suffocado debaixo do pezo do ouro, porque, ao da Costa Occidental da Africa, no dos Rios de Sena, ao de Sofála, que foi o primeiro que aqui appareceo ao descobrir o Indostaõ, se juntou o de toda a Asia, e depois o de todo o Brazil, que o Diabo, ou os Pedreiros nos leváraõ; podiaõ chamar a Portugal — *El Dorado* — paiz que os Castelhanos sonháraõ, e ninguem até agora achou. Isto he o que pertence á riqueza, he quanto basta; se fossemos mais pobres de Pedreiros seria cada Portuguez mais rico que Crésso, ou que o Judeo Samuel, que faz no Tamisa emprestimos aos Estados pobres, ou como esse Marquez, que aqui nos appareceo ha pouco, que segundo as condições do prospecto, que nos aprensentou, e eu vi, elle he que levava de cá o dinheiro, e naõ o emprestava. — Pelo que pertence ao valor natural dos Portuguezes, he melhor naõ fallar, porque seria compôr livros de andante Cavallaria; basta dizer-se, que na batalha de Campo de Ourique, feita a conta, era hum só Portuguez para cem Mouros; e nas batalhas da India, isto de valor excede toda a comprehensaõ humana. Tinha Portugal outra cousa muito mais preciosa que os thesouros, e que o valor, e taõ pegada aos Portuguezes, que parecia ser o seu dote natural, que vem a ser, a Honra, tanto na ponta do nariz, que ainda muito ao longe, que a mais pequena açaõ, que cheirasse á deshonra, ou baixeza, era presentida de sorte, que logo os fazia virar de rumo; ou preferir a morte á menor mancha, ou menor deslustre. O nosso mais nobre, e magnanimo proloquio era este: — antes morte, que vergonha. — Se todos os Portuguezes velhos se retratassem, o Lema do quadro devia ser este. — Vieraõ os Pedreiros, veio a teima invencivel das revoluções, tudo isto se foi. — O nome de Portugal, taõ opulento, taõ valoroso, taõ honrado, entre as Nações da Europa apenas se devisa (castigo da Divina Justiça!) em algum papel de Inglaterra, que venha com ordens para se executarem! *Opportet vos nasci denuo*, dizia J. C. aos Hebreos, he preciso, que vós nasçaes de novo; eu digo aos Portuguezes, he preciso, que vós resusciteis. Quando eu entrava em algum dos nossos antigos Templos, confesso a verdade, tinha medo dos Defuntos. Ou levantasse os olhos para os altos, e soberbos mausoléos, ou os abaixasse para ler os letreiros das campas das sepulturas, parecia-me que se abriaõ, que se animavaõ aquelles esqueletos, que se lhes moviaõ as queixadas, e que me diziaõ com voz temerosa: Que gente he essa, que parecem Bonifrates, que por ahi anda pizando essas pedras, e profanando essas cinzas? Por certo naõ saõ Portuguezes!! E naõ o serão em quanto naõ derem a todos os Pedreiros, que apanharem, huma eterna morada semelhante a estas nossas. Em quanto o Povo se naõ desenganar, e houver Pedreiros haverá tres invenciveis teimas: huma teima de impiedade, huma teima de politica, huma teima de ignorancia.

Teima de impiedade: armou-se hum Systema, e hum plano de Desenatos, e profanações de Templos; succediaõ-se os Desacatos huns aos outros com horror da Religiaõ, e até da Natureza. Em a

noite, que se seguia ao dia da penitencia, em que o Povo humilhado, e contrito chorava entre o Vestibulo, e o Altar os ultrages feitos a Deos nos Santos Mysterios da Religiaõ, nessa mesma noite, e nesse mesmo Templo se commettia hum novo attentado, hum novo desacato, e poucos saõ os Templos, em que se naõ repetissem com tanto furor, e com tanta pertinacia, que parece se executavaõ taõ nefandas acções, naõ para roubar, mas para offender unicamente. Ha quantos annos se rasga o nosso coraçaõ de pena, mas a torrente naõ se suspende, e tem sido tal a frequencia destes horrores, que a mesma admiraçaõ, o mesmo natural espanto se tem embotado!

Naõ menos pertinaz, naõ menos invencivel he a teima politica das revoluções. O espectaculo da Europa assim o mostra. De todas as partes se ouve hum grito Maçonico, que diz — Huma das duas cousas ha de cançar, ou nós, ou a Forca; mas conheçaõ, e persuadaõ-se os Tyrannos, que ha de ser a segunda. O Carrasco a enforcar, e nós a conspirar. — Naõ sei como naõ apparece hum Cartaz com esta Sentença no Caes do Sodré nos dias das execuções? Ainda bem se naõ acaba esta, já se prepára outra. Isto até nos inspira hum aborrecimento, naõ digo eu da Sociedade só, mas da vida; naõ passa hum dia sem receio, nem huma noite sem sobresalto. Faz annos Pedro de Souza, pois haja hum esplendido jantar. Se a isto se naõ segue huma Forca, será melhor ir viver em Marrocos. Este voto naõ he desesperaçaõ, he affecto a ElRei, e quem assim lho naõ conserva, he parente de *Lourel*.

Que direi da invencivel teima da ignorancia? Eu o direi em duas palavras, e se verá como andaõ as cabeças de alguns Portuguezes. O Folhetinho das 15 paginas, cujo pai já se nomeou a si, diz da nova Revoluçaõ Franceza a paginas 8, linha 13.

> *Que he esta nova Revoluçaõ, senaõ huma repetiçaõ ou resumo de todas as iniquidades, e horrores dessa antecedente Revoluçaõ, que tantos estragos tem causado em todo o Mundo conhecido?!*

O Reino de Portugal he huma parte deste mesmo Mundo conhecido, que existe com tantos symptomas de Revoluçaõ: logo este Portugal, que he huma parte do Mundo conhecido, *nada tem que recear deste novo contagio Francez?* Assim o disse o proprio pai da propria criança a paginas 15 do mesmo seu reconhecido Folhetinho. Se isto naõ fosse crassa ignorancia, então poderia julgar-se manifesta Pedreirice. Eu naõ me vingo, mas desengano os Portuguezes, adoro o Rei, e defendo a Pátria. Hoje 25 de Abril de 1831.

José Agostinho de Macedo.

LISBOA. NA TYPOGRAFIA DE BULHÕES. 1831.
Com Licença.

O DESENGANO,

PERIODICO POLITICO, E MORAL:

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

N.° 19.

Salus Populi suprema Lex esto.

A desgraça universal.

Sem parecer exaggerado, ou encarecido, eu posso dizer que a historia da Sociedade humana, he a historia das calamidades, e das desgraças; são as consequencias da primeira culpa, e são o seu castigo. Mil vezes me pergunto a mim mesmo, ou procuro resolver este problema: — Porque razão, considerados os homens em seus dous estados, no estado da Natureza inculta, ou agreste, e no estado da Sociedade civilisada, haja mais delictos, e mais atrozes neste, do que ha naquelle? Ou porque he mais offendida a Natureza entre homens civilisados, do que seja entre homens incultos, e agrestes? A grandes discussões filosoficas tem dado lugar este problema, para se concluir qual dos dous estados he preferivel! Deixemos esta questão para o Sofista de Genebra, eu não me entendo com estas Filosofias; só digo, que o estado social tem em si, e traz comsigo mais ou menos occasiões, e meios de se desenvolverem as paixões, que fóra de seu equilibrio; como sentimentos, e movimentos d'alma, são origens de todos os males, e desgraças; mas os homens como filhos do mesmo pai, e herdeiros forçados de suas imperfeições, em toda a parte são os mesmos. No estado natural as paixões são mais grosseiras, no social mais refinadas, e em ambos, são motivos das mesmas desgraças relativas. He infeliz o Tapuia no meio de hum Serião, he infeliz o Cortezão em marmoreos, e dourados Palacios, cada hum a seu modo. Huma Horda de Tapuias Gamélas ataca outra Horda de Tapuias Botecudos, como no meio da culta

Europa huma Potencia ataca, e hostilisa outra Potencia; a differença está nos meios. V. g. os Inglezes vão em Náos, e Fragatas, os Tapuias em Canôas, e os Negros de Zanguebar em Almadias, e Pangaios. A calamidade da guerra, e as que comsigo traz a guerra, são as mesmas: a peste, e a fome são muitas vezes naturaes consequencias da Guerra, e quando se trata destes tres flagellos assoladores, eu sempre constituiria em primeiro lugar a guerra. O nome, que para si tomou Attila, Rei dos Hunos, chamando-se Açoute de Deos, devião ter tomado para si todos os Conquistadores. Os quatro maiores Revolucionarios, que eu posso assignalar na idade media, ou no baixo Imperio, são os quatro maiores Conquistadores, que, seguidos dos barbaros do Norte, vierão assolar os paizes do Meio Dia da mesma Europa: Alarico, Genserico, Attila, e Tótila. Estes com a guerra que trouxerão, e com que exterminárão tudo, mudárão a Constituição Politica dos Povos, desbaratando os restos do vasto Imperio Romano. Nos fios da espada trouxerão a morte, porque nos mesmos fios da espada trouxerão a Revolução. Entremos na materia, a desgraça universal do Mundo he a Revolução, e se me lembro de exemplos antigos, ou semi-antigos nas calamidades que a Europa soffreo na Revolução causada pela invasão dos barbaros do Norte, e depois no septimo Seculo com a invasão dos Soldados de Mahomet, e Legiões ferocissimas de Saladino, e de Almansor, he para tornar ainda mais horroroso o Quadro das modernas Revoluções; porque se as guerras mais sanguinarias não forão a sua causa, ellas forão as causas das guerras mais exterminadoras; e com estas guerras, o accessorio de todos os crimes, e de todos os delictos, porque tem disposto os animos para os commetterem, levando a depravação dos costumes até a hum ponto em que nenhum dos Seculos precedentes o tinha visto; e, para não omittir o que sempre tenho presente, o abominando, e nefando attentado de Condeixa, o mais horroroso delicto do Mundo, fructo infausto da Revolução. Chamo á Revolução a desgraça universal, porque este he o estado em que vemos, e veremos o Mundo, os clamores, e os gemidos dos Povos já o dão a conhecer, e quaes são os Povos que não tenhão sido victimas desta universal desgraça? Ella he nascida, he promovida, he sustentada no seio dos mesmos Povos, pois ainda que sejão occupados por armas estranhas para a reprimir, ou extinguir, nisto mesmo são inevitaveis os estragos. Em nós, e junto a nós, para não divagar pelas Nações mais remotas, temos os exemplos mais convincentes, e a mais constante demonstração desta verdade. A Hespanha, e Portugal. Nestes dous theatros tem a Revolução representado as mais horriveis, e espantosas Tragedias desde que levantou seus Estandartes. José o Botelhas, tirado da estribaria de huma Estalagem de Marselha, vem sentar-se naquelle Throno, que desde que a elle subio Ataúlfo, que na mesma Hespanha havia tantas vezes vencido, e derrotado os Romanos, sempre conservára a Dynastia Gothica em algum dos seus Reinos, e Principados, para vêr depois a Austriaca, como com tanta pompa de eloquencia, e erudição nos mostra o sabio, e sisudo Historiador Diogo de Sávedra Fajardo. Que série tão gloriosa de Monarcas! Bem sei que os Pedreiros, que me lerem, soltarão huma rizada ou rizinho de compaixão,

vendo o *Servilismo* com que fallo nos Monarcas, que para os distinguir basta-lhes o titulo honorario, e amovivel de primeiros Cidadãos. Sim, Senhores, Cidadãos, que por armas e poder tantos Reinos conquistárão, e a tão remotos climas estendêrão o Senhorio, e na Europa desde as bôcas do Escalda até ao Faro de Messina, pondo na mesma Italia Governadores em Reinos, e Grandes Ducados; e se acaso os Pedreiros tem lido alguma cousa, ou sabem fazer isso, leião ao menos a Historia de Napoles por Gianone, a de Milão por Dáti, e a de toda a Italia por Guicciardini, e não será em lugar de tudo huma geral desgraça vêr no Throno de Carlos V e de Filippe II sentado despachando botelhas de vinho, o moço incognito de huma estribaria, cujo Sceptro tinha sido até alli, huma Vassoura? A esta desgraça se seguirão duas no mesmo Reino de igual tamanho na minha opinião, a primeira, vêr em roda do aviltado Throno, servindo tal Soberano, tantos verdadeiramente Grandes na mesma Hespanha, e com o titulo de Duques, talvez que correndo-lhe nas veias o sangue de D. Fernando de Toledo; a segunda, vêr perdidos n'America tão vastos Imperios conquistados, e levantados pelos Almagros, Pizarros, e Cortezes, possuindo no Perú aquellas exhaustas vertentes de riquezas, que arrancadas das mãos Hespanholas ainda estão opulentando a Europa, e o Mundo. E donde veio, e vem esta universal desgraça? Quem se atreverá a assignalar-lhe outro principio, que não seja a Revolução? E se isto que acabo de ponderar, não são desgraças, não me negaráõ que o seja o derramamento de tanto sangue de que ficárão inundados tantos Reinos, ou todos os Reinos de que se compõe a mesma Hespanha pela morte (e ainda sou escaço neste calculo) de hum milhão de victimas, que os fios das espadas, e os raios dos canhões sacrificárão á morte nos sacrilegos altares da Revolução. Se entre os estranhos tanto deploro estes males com lagrimas naturaes, com as de sangue devo deplorar as da minha Patria, ainda que no meio della com mais razão que o antigo Romano, eu possa exclamar — *Nem os meus ossos possuirás.* —

Ainda em Portugal não fizerão pausa as desgraças que trouxe a Revolução, ou para me explicar com mór clareza, ainda existe, não só em seus effeitos, mas em si mesma, a Revolução. A rebellião, que povôa, e tyrannisa a Ilha Terceira, que outra cousa he mais que a Revolução? Não podemos nem desconhecer, nem negar hum abafado incendio, que temos visto por vezes rebentar no breve periodo de tres annos. Do corpo politico mais robusto, que havia na Europa tem feito a Revolução hum despolpado esqueleto, e o que vivificava tantos Reinos, apenas dá débeis signaes de vitalidade, e parece que a Revolução o quer aproximar aos ultimos arrancos. Quantos males tem pezado sobre nós! Como os Pedreiros Livres estão fóra da orbita da humanidade, já não ha que fazer calculos exactos sobre os sentimentos dos homens! Quando eu pranteava o Rei ausente, dizia em meus pranteados Soliloquios, porque só comigo podia fallar nelle: — Torne ao seu Reino, os Portuguezes ficaráõ unidos, as facções, e os partidos acabaráõ. Como Rei, nenhum melhor; como homem, são taes os seus predicados, e qualidades, que não póde ter inimigos. Enganei-me, e os infaustos successos de 1823, dérão a conhecer esta fatal

verdade; eu me aterro, e envergonho de a amplificar; ella entre nós he hum crime, e por isso mesmo huma desgraça da Revolução. Ella, por ser obra unicamente dos Pedreiros, jura odio exterminador aos Monarcas: mas a tal Monarca!!! A Natureza diz: — Ahi tendes hum homem a quem eu com larga mão reparti tantos dotes, que cultivados com zelo, e madureza o podem fazer o melhor, e o maior de todos os Reis Portuguezes. As qualidades optimas de todos, e de cada hum delles, neste só estão reunidas. Cada hum dos nossos antigos Reis teve huma virtude, por cujo exercicio se fez grande; todas se acharáõ neste só, porque se lhe observão naturaes disposições para todas, e em gráo heroico. Haver monstros entre os Portuguezes, que as desconhecem, he huma grande parte da desgraça universal da Revolução; mas eu não julgo ainda esta a maior, sendo tão grande, porque rigorosamente não traz comsigo hum manifesto aviltamento de caracter; não tem desculpa, he verdade, mas não encerra em si hum summo horror, porque não exclue absolutamente a Dynastia de Bragança, *Capitolii immobile saxum.* A summa desgraça da Revolução neste Reino foi excluir, e proscrever a Dynastia de Bragança, e ir pedir hum Rei a hum Paiz estrangeiro, e a hum Estrangeiro usurpador. Fôrão Titulos, fôrão Grandes, fôrão Bispos, fôrão Magistrados. Perder o Brasil, perder o Exercito, perder os thesouros, não foi nada, porque em nada disto se perdêo a honra, nem a vergonha. A Hespanha perdêo as Colonias, tambem a Inglaterra as tinha já perdido; nós perdemos todas as da America, e huma parte não pequena das que tinhamos na Asia; quem as fez perder na Asia foi hum dominio estranho, e depois o dote de huma Infanta, que casou fóra; na America huma perfidia, ou huma traição; se isto nos trouxe pena, não nos trouxe pejo; mas, vivo o Monarca Legitimo, ir pedir outro ao filho do Rábula de Ajaccio, como se crê, ou se diz....

Summum crede nefas animam præferre pudori,
Et propter vitam, vivendi perdere causas.
« Julga summa maldade a preferencia
« Que dás á vida, desprezando a honra,
« E por mais vida ter, perdendo as causas
« De a mesma vida conservar com gloria.

Pois que havião de fazer, sendo coactos? Afogar-se. Hum suicidio he melhor que huma deshonra, considerando as cousas de hum modo humano, e á luz de huma Filosofia, que não he a do Evangelho. Que elles fossem pedir, admira muito, porque he o passo mais vil, e o mais impropriô da nobreza do coração Portuguez; mas terem cara para cá tornarem tão enchutos, e senhores de si, tão pagos de seus bons officios, como se cada hum delles fosse hum Cesar esperando as honras do triunfo pela conquista das Galias, he caso unico nos Annaes do descaramento humano, e nelle se enserra huma desgraça geral, que he a derivação immediata da Revolução.

Por estes effeitos bem claramente se conhece o que seja a Revolução,

que não he só a passagem de hum estado para outro na Ordem Politica, he hum transtorno universal, ou mudança para peor em todas as cousas; mas eu neste, talvez que ultimo N.° do Desengano, porque a paciencia cansa de ouvir improperios do orgulho doutoral, farei conhecer ao Povo que cousa seja Revolução com os traços de huma pintura feita pelo mais profundo de todos os Revolucionarios, o Duque de Otranto, *José Fouché*. Com esta pintura conhecerá o Povo que a Revolução he a desgraça universal, e se cahir, não cahirá por ignorancia. Eis aqui as suas palavras:

«A Revolução Européa, que principio rebentou em França ao declinar do seculo passado, foi mal comprehendida desde a sua origem, ella não pertenceo particularmente a huma classe, ou a hum individuo. Não pertenceo nem a Constitucionaes, nem a Girondinos, nem a Robespierre, nem a Bonaparte, antes pelo contrario, tudo isto pertenceo á Revolução. Ella he que os fez, e não a fizerão elles. Encarou o futuro, e o presente só lhe servio de passagem: pelo que pertence ao passado, já não estava em seu poder, mas trabalhou para o deprimir, porque foi elle quem fundou os monumentos, e instituições, que empecem sua marcha. Os que cuidão que a Revolução só teve em vista destruir, enganão-se; ninguem de tal se persuadirá, e difficultosamente se acreditará que homens de caracter, e de talentos, e até muito desinteressados, quaes entre nós muitas vezes se encontrão, passem a vida em contínuas agitações sem outras miras mais que amontoar destroços, e sepultar em ruinas seu mesmo nome. Eis-aqui qual he o projecto verdadeiro, e que abrange os outros todos, e que com muita paciencia se vai seguindo, e que até aqui muito imperfeitamente se tem conhecido.

«Trata-se de fundar huma Republica Européa, ou antes huma Confederação de Governos Democraticos, em que só a palavra seja a Soberana, e em que a Soberania se ha de manifestar pela maioria dos votos. Já se tem repartido as partes, e existe traçada a Carta Estatistica dos Circulos, ou Estados. Estão designadas as Capitaes destes mesmos Estados, e já se tem previsto a Epoca, em que os Soberanos, decahidos de sua antiga authoridade, se darão por mui felizes de obterem huma pensão alimentar, entrando na classe de simplices Cidadãos. Este projecto tão extenso se ha de executar sem abalos, e nisto se ha de pôr o maior cuidado, e diligencia; porem onde se encontrar, ou perceber opposição, ou resistencia, não se ha de poupar a força, nem o sangue. Ha quatro objectos principaes neste vastissimo projecto, ou nesta nova ordem de cousas, que de tão longe vem determinada, e para a qual se descobre em todos os Povos huma inspirada, e fortissima tendencia, que he o fructo de todos os estudos, e de todos os cuidados de huma apurada, e cultivada Filosofia, e sem os quaes não pode fundamentar-se, nem levantar-se este edificio, que he o ultimo esforço do espirito humano. Eis aqui quaes sejão os seus pontos cardeaes — 1.° a destruição cabal da nobreza de Familias, visto que todos os homens nascem iguaes, e que entre elles não ha superioridade natural, nem distincção, ou differença mais que o talento, e a educação, que he cousa muito accidental. — 2.° Huma Legislação pública, que assegure a cada hum a sua propriedade, e os fructos da sua industria, mas só durante a sua vida, porque não pode huma pessoa empenhar além da sua

existencia o que a sociedade lhe garantio durante o tempo, que fez huma parte desta mesma sociedade. Esta Legislação, de que o Codigo Francez he hum imperfeito esboço, deve evitar que as transmissões hereditarias não tragão comsigo acumulações, que violarião o principio da igualdade, e favorecerião o regresso dos privilegios. — 3.° A illimitada tolerancia em materia religiosa. A Lei não se podia apoiar senão nos principios geraes da Moral universal, de que algumas applicações podem variar, segundo os tempos, e os lugares. Nenhuma authoridade da Terra poderia impôr huma Crença, nem dizer-se interprete do Ente Supremo, a cujos olhos todos os homens, sendo iguaes, conservão direitos a serem inspirados. — 4.° A abolição dos Soberanos hereditarios. Para chegar a este ponto se tem ensinado que he hum rematado absurdo que oito, ou dez Familias transmittão na Europa a titulo de herança huma Soberania, que por direito natural pertence aos Povos. Entende-se por Povo a universalidade dos Cidadãos, em que se conhece a faculdade imprescriptivel de manifestar a cada instante sua approvação, ou desapprovação a respeito do Governo existente, pela palavra, pelos escriptos, pelas acções, e sendo necessario, pela insurreição.

« As associações secretas tem concorrido do modo mais efficaz para preparar esta revolução nas idéas, e nas cousas. Tem atacado a jerarquia antiga, propagando a igualdade: tem abalado o Catholicismo, inculcando a todos os animos, como cousa natural, o Direito de exame, e acolheado em seu gremio sem excepção todas as Crenças oppostas. Tem servido, segundo as circumstancias, e debaixo de mil diversas figuras, de introduzir o gosto das innovações, de remoçar o espirito humano, de centralisar todas as forças moraes, para lhes darem, e fazerem seguir nova direcção. A polvora, a imprensa, e o desleixo dos Governos tem feito o resto.

« He já tarde, e muito tarde, e o vasto projecto está muito adiantado para se fazer parar este movimento; a Revolução está completa nas idéas, e nos costumes. Com o trajo Europeo passeia a Igualdade com o seu nivel desde as margens do Neva até Gibraltar. A Legitimidade, objecto, em outro tempo da devoção dos Povos, está hoje reduzida entre as Nações mais adiantadas a offerecer-se auxiliadora dos Povos, os quaes apenas a tratão como alliada interina. Os Thronos da Europa, restos do Feudalismo da idade média já não encontrão seguro apoio depois que se dissolvêra o mesmo Feudalismo. O seu unico recurso, ou o seu mais forte escudo são os exercitos assoldados, porém estes exercitos vivem da guerra, e a guerra sustenta-se de impostos. Para ser Conquistador he preciso opprimir o Povo, e a oppressão militar não póde ser duradoura, e apenas, no estado moderno, se poderá conservar dez, até quinze annos.

« Seria ocioso procurar hum centro a este impulso universal, suppôr directores Conjurados, e huma organisação regular. O motor por toda a parte se manifesta, sem que em parte alguma se possa segurar, ou prender. He huma idéa commum, a que se unem certos homens em todos os Paizes, sem terem necessidade de se corresponderem, porque até não tem precisão de se conhecerem directamente. Com tudo, de tempos a tempos,

se formão momentaneos centros de actividade, e direcção. O principal existe em França ha mais de cincoenta annos. Neste centro permanente, muitos, e muitos homens habeis encarregando-se a si mesmos a importante missão de unir, e compaginar em hum corpo idéas novas, e divergentes para as conduzirem a hum fim unico, se constituirão guias da opinião, conseguirão em breve tirar aos Governos a influencia moral sobre os Povos, tudo lhes facilitava exito. A Literatura Franceza, que se fizera quasi universal, o caracter nacional propenso ás innovações, e mui superficial para antever, e perceber as consequencias dellas; os ciumes entre as Ordens, ou jerarquias do Estado; o amor proprio, com cujo auxilio todo o Francez se deixava levar com os olhos fechados como se o levassem por hum cabresto; a centralisação das forças dos poderes, até dos costumes, começada no tempo de Richelieu, e quasi concluida no tempo do Successor de Luiz XV; taes são as circumstancias que accelerárão em França a explosão, e eis-aqui a razão por que os Bourbons forão os primeiros Monarcas, a cujo Throno se dêo o primeiro ataque. Quando a Revolução rompêo, tudo parecia estar maduro para esta grande mudança. Circumstancias superiores á humana previsão, e resistencias imprevistas vierão transtornar o caracter da Revolução, a qual manchada de assassinios, e de roubos veio por fim a ser empolgada por hum General victorioso.

«A Revolução he contagiosa, não ha fronteiras, que as idéas não possão transpôr: os Monarcas, unidos no perigo commum, devem primeiro que tudo deixar todas as contendas de Estado a Estado; descentralisar o fermento para o dispersar; manter a mais severa disciplina nos Exercitos, empregar, e exercer huma politica attentissima; comprar o silencio dos Espiritos boliçosos por que todos tem seu preço; imprimir pouco a pouco huma nova tendencia á educação pública, entreter, em huma palavra, a Revolução, até terem penetrado, e terem tido tempo de se fortificarem instituições compativeis com os Thronos; eis em *geral*, os meios que se podem empregar, se não para de todo prevenir, ao menos para retardar a conflagração do que ainda resta das antigas Monarquias.»

Está rasgado o véo, e aclarado o mysterio, e propalado o infernal arcano da Maçonaria, e a tudo isto he que se chama a Maçonaria; não são as carochas, que elles pôem na cabeça em seus conventiculos, nem as visagens, e caretas que fazem, o malhete com que batem, o avental de Ferreiro com que se cingem, nem essa farrapagem com que se cobrem, com que tem sido apanhados, e até conduzidos á merecida forca; tudo isto são accidentes ridiculos com que entretem a credulidade dos adeptos até chegarem áquelle ponto de madura depravação em que se lhes mostre o que elles chamão a *Luz*, que vem a ser o fim da Maçonaria, que he tal, e qual o que acabo de manifestar ao Povo pela bôca do terrivel José Fouché de Nantes, Duque de Otranto, e antes Sacerdote da Congregação do Oratorio de S. Filippe Neri. A Revolução produzio estes monstros, por que ella he hum complexo de todas as iniquidades, por que to-

das se encerrão, e se derivão no geral transtorno da Sociedade humana, ou mudança no estado Social. A' vista disto, (póde ser que a vez ultima, que escreva) eu devo chamar a todos para que a si mesmos se vejão, e contemplem neste espelho do Desengano. Os Monarcas: vejão que se prepara, e se dispõe huma geral Republica Européa, ou hum montão de Republicas federativas, e se esta fôr a fórma do Governo, que já está decretado, na Europa, seja qual fôr, ou se imagine o poder das Monarquias, não se verá mais huma testa Coroada, e os thesouros da Corôa converter-se-hão em huma pensão alimentar, e tão modica, e vacillante, que apenas chegará para sustento do individuo. Não nos espantemos disto, por que já vimos entre nós hum exemplo desta dotação sacrilega, e não houve outra differença mais, que conservarem-lhe o titulo de Rei, que por certo não duraria muito tempo, se a obra das trévas fosse por diante. Este espelho não está empanado, nem he infiel; contemplem-se bem os Monarcas; sem huma Confederação vigorosa, e sincera, porque o interesse he commum, contra este universal inimigo, não se salvaráõ a si, nem a nós.

Depois dos Monarcas, cheguem-se a este espelho os Grandes, que são ou os esteios, ou ornamentos dos Thronos, verão que definitivamente está proferida a sua sentença, e na Revolução a desgraça universal começa por elles. Firmado pela Revolução o cardeal principio da igualdade, como está estabelecido o da Soberania popular, acabada está a sua jerarquia. Nem ficaráõ com isso mesmo com que lhes parece haverem nascido, e tão inconsiderados se mostrão, que parece, que a mesma soberba lhes embalára o berço, para depois lhe tapar os olhos. A Revolução não conhece serviços antigos, diz ella, que só reconhece talentos pessoaes; e em quem os ha de achar a Revolução? He tal o odio que tem jurado até ao mesmo ligeiro resquicio d'Aristocracia, que ainda que a Natureza, que não distingue ninguem, tenha accumulado em hum Grande os mais eminentes, e distinctos talentos, tudo será desconhecido, e se acaso se póde effigiar a fome, e o desprezo, nos quarteis dos seus escudos não poderáõ ter outros symbolos representativos de seu perdido estado, e em vão chorada condição. O que eu não saberia explicar, nem com dez annos de estudo, he a razão da indolencia de tantos Nobres. Como se a segurança da sua grandeza actual tivesse hum alicerce indestructivel no meio do transtorno de todas as ideas, ou, como querem os Revolucionarios, de todas as preoccupações antigas. Nem nas forças fysicas, nem nas forças moraes, produzio igualdade a Natureza. A Filosofia de Revolução prova tudo quanto quer com os argumentos das baionetas, e dos canhões, e se estes argumentos destituem os Grandes a que chamámos Fidalgos, serão tudo quanto a Revolução quizer que elles sejão. Eu, que não tenho nada que perder, e menos que esperar, porque, se os Revolucionarios me quizessem tirar alguma cousa, não achavão mais do que a vida, e essa he tal a violencia de dóres, e molestias, que se algum dia não valia dous caracóes, hoje não vale nem hum, assim mesmo independente como hei de morrer, me aterrava, e compadecia dos Fidalgos, quando no meio da mui séria, e mui terrivel Revolução de 1820 os via andar de intima

camaradagem, e nos braços da mais vergonhosa adulação com o Frade Bento, com Manoel Fernandes, com Pascoal Margiochi, o amigo das Contadas, esperando delles Commendas, Governos, Presidencias, estando elles já todos votados á indigencia, e zombaria pública, o que mui depressa se devia realisar.... Era cegueira de mais, ou estupidez de sobejo!

Derrubadas dest'arte estas columnas da Realeza, que na pública opinião podem servir de algum estorvo á marcha da Revolução, segue-se o estabelecimento de huma nova Legislação. Este Codigo está feito, e o estava em 1820; se o não publicárão, he por que temêrão que o Povo desesperado entrasse pelo Augusto Salão, e os apunhalasse a todos, e que espetadas em páos lhes pozesse as cabeças nas ruas, e praças mais publicas da Cidade — « *Huma Legislação, que assegure a cada hum a sua propriedade, e os fructos da sua industria, mas só durante a sua vida; porque não póde huma pessoa empenhar além da sua existencia o que a Sociedade lhe garantio durante o tempo que della fez parte.* —

Se isto horrorisa, muito mais desengana, e faz conhecer que huma Revolução he huma desgraça universal. Ha de o miseravel Jornaleiro banhar a frente com suor para se alimentar a si, e deixar a seus filhos hum miseravel pão com que se alimentem depois de terminar sua existencia, e vem hum Código feito n'huma assembléa de Tigres, que o priva deste sacrosanto, e natural Direito, porque a sociedade de quem elle fez parte, e que lhe *garantio* esta propriedade durante a sua vida, entra na herança depois da sua morte, porque ficão abolidas as transmissões hereditarias, que podem trazer comsigo accumulações, que viessem ressuscitar os privilegios. Que sociedade será, ou poderia ser esta que se transformava em voragem que engolisse todas as heranças? Sim, dizem os inimigos do genero humano, assim era preciso para se não violar o principio da igualdade. E á vista deste escandaloso absurdo, não será a Revolução huma desgraça universal? Fica o animo aterrado quando se nos descobrem estes mysterios da Maçonaria, e que a tanto chegassem não cuidavão os homens, e o Povo enganado se persuadia, que tudo aquillo erão só farrapos, mitrinhas, aventaes, triangulos com seu olho no meio, e luvas de verão, luvas de inverno, luvas de dia, e luvas de noite, e obras de misericordia, e actos de caridade, filantropia, e mais filantropia, amar a Deos sobre todas as cousas, e ao proximo como a nós mesmos.... Ah! malvados! Assim se zomba de Deos, e dos homens!!

A Religião Catholica, Apostolica Romana he a unica herança, o unico thesouro dos Portuguezes, e que elles antepõem, e preferem á sua mesma existencia. Pois isto mesmo lhes he tirado pela 3.ª disposição geral da Maçonaria, que diz: "A illimitada tolerancia em materias de Religião.... Nenhuma authoridade da Terra poderia impôr huma crença, nem constituir-se interprete do Supremo Arquitecto, porque sendo todos os homens iguaes, todos tem igual jus a serem inspirados!» Aqui temos, com esta declaração, cada homem com seu Culto, conforme á sua particular inspiração vinda do Arquitecto. Aqui temos nestas tres geraes disposições, o homem sem Deos, o homem sem Lei, o homem sem Rei,

e tudo isto são consequencias, dizem elles, do eterno principio da igualdade, e esta igualdade não se consegue, nem conserva sem a Revolução. Mas em Revolução não póde haver sociedade, pois com estas geraes disposições, todos os laços moraes que unem os homens, se dissolvem, e effectivamente se despedação, huma vez que prevaleça o principio da igualdade moral, que exclue toda a idéa de obediencia, e subordinação. Meditem bem os Portuguezes, sobre este desengano, que lhes dou — Ficão sem Religião, senão quizerem ficar sem Revolução. — Que Religião lhes conservaria quem a seus mesmos olhos lhe arrastrava, e pizava as Imagens do Redemptor? Nós o vimos, não são cousas sonhadas, e para mais nos admirarmos, tão horrendos desacatos, e tão publicos, erão perpetrados quando a mesma Revolução, pelos abalos que de todas as partes se lhe davão, não estava ainda consolidada, e á vista do caracter Portuguez, não podia ter duração. Rasgado o véo que encobria o negocio, que verdadeiramente girava nas trévas, e comprehendido o escondido mysterio da Maçonaria, parece que o remedio de tão geral desgraça, se deve unicamente encontrar no fio da espada dos Monarcas. Por elles começa a causa, he unicamente sua. Eu fallo em espada, porque só com ella poderáõ defender, e sustentar seus ameaçados Thronos: aqui o disse, e aqui o repito. A 4.ª disposição geral do plano da subversão da Europa, e que ultimará a obra Maçonica, he a abolição total dos Soberanos hereditarios. Esta he huma consequencia natural do sempre preconisado Dogma da Soberania do Povo, exercitada pelos seus representantes. Desta abolição tivemos já entre nós hum terrivel ensaio na Revolução de 1820. Vimos hum Rei despojado dos atributos da Soberania, e tornado hum simples Mandatario do que elles chamavão Povo, ou Nação, cujo supremo poder se manifestava pelas vozerias ou gritarias da canalha. A causa pois he dos Reis, e os seus interesses são reciprocos, e esta causa só se sustenta, e se defende com a força. Se a desprezão, perdem-se a si, e sacrificão os Povos, que tão voluntaria, e sinceramente se querem expôr á morte, para lhes sustentarem a vida, e a Soberania. Vejão primeiro onde está a fidelidade, e aproveitem os homens. Se a encontrão no Titulo, aproveitem o Titular, mas se a não ha, não seja o Titulo motivo para o emprego. A infidelidade n'hum Grande, pela influencia do exemplo, causa mais damno, que hum exercito inimigo. Eu fallo em geral, não me limito a Reino algum, porque se me valesse de argumentos domesticos, quantos ódios pariria huma só verdade???

O mal está conhecido, porque o descubro; o desengano, dado porque se não falla com mais clareza; o remedio apontado, mas a sua execução não me pertence. Assim, não tenho mais que fazer. Devorado sempre por hum verdadeiro zelo patriotico, sem jámais desistir, nem arredar hum passo do caminho da honra, e da verdade na defeza do Rei, e dos ingenuos Portuguezes, impavido entre inimigos taes como são os Pedreiros, pois que se elles me podem tirar a vida, nenhum me póde tirar a morte, que a mais dolorosa enfermidade tanto me apressa, escoltada do pezo de quasi 66 annos; magoado de insultos na intitulada *Defeza* do Frade Bento, (ainda que eu não tenha medo do Frade Bento, nem de todos os

Frades juntos, e por benzer, com tanto que eu possa e me deixem fallar); aborrecido de vêr tantos papeis infames impressos em Inglaterra, que por tantos, e tão diversos modos aqui nos são introduzidos, e alguns em formatos tão pequenos, que em huma só algibeira podem vir maços delles para se espalharem, como effectivamente se espalhão, para contaminar tudo, sem haver quem tenha a coragem de lhes responder victoriosamente, entre tantos homens, que tem a fama de Litteratos, e que se dizem ardentes defensores da Realeza, e amigos d'ElRei, vendo elles apathicamente maculada a honra Nacional, vilipendiados os Tribunaes, infamado o Exercito, vilipendiado o Ministerio, ou afrontado com falsas imputações, filhas da calumnia, e muitas vezes da desesperação; eu deixo o campo, mas não volto as costas; e se alguma pausa fizer a minha enfermidade, como ultima verba de testamento, publicarei alguns modellos da eloquencia do Pulpito, e se não forem meus, serão estranhos, mas naturalisados na Lingua Portugueza, por que são duas cousas que vejo ir expirando, e he bem de esperar que dentro em pouco ambas as cousas ficarião para sempre sepultadas. He tambem huma das desgraças da Revolução, fazerem-se esmorecer as boas Artes, corrompendo-se a linguagem com a mania do Neologismo, olheiros de que he mui difficil desatolar-se. Já que se acodio á Poesia, acuda-se tambem á prósa, porque tambem isto he hum serviço, se isto não desagradar, ou offender ao Doutor, que assim como affecta o Sultanismo em Politica, assim o quererá affectar nas Sciencias todas! São conhecidas as razões porque assim me explico.

Se o que tenho escripto nestes Desenganos, tem sido acceito aos verdadeiros Portuguezes, em recompensa, peço aos Pais de familia, que cuidem efficazmente na Educação Religiosa, e Litteraria de seus filhos; a Religião os fará amados de Deos, e a Litteratura os tornará bons Vassallos, que sirvão o Rei; bons Cidadãos, que sejão uteis á Patria; mas não se enganem na escolha dos Mestres, nisto vai tudo, porque se hum cégo conduzir outro cégo, ambos cahirão n'hum precipicio. Sem que á geração presente se dê huma nova direcção, ou verdadeiramente, a antiga direcção, nem se apurão os costumes, nem se adquirem aquelles conhecimentos que fazem distinguir o homem Catholico na sociedade, como se distinguirão sempre os nossos avós, e com que sempre merecêrão o nome de Portuguezes.

José Agostinho de Macedo.

Pedroiços 16 de Maio de 1831.

LISBOA, NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1831.

Com licença.

O DESENGANO,

PERIODICO POLITICO, E MORAL:

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

N.º 20.

Salus Populi suprema Lex esto.

O Maçonismo com outra cara.

Isto a que eu chamo desengano, e que para muitos o tem sido, quero dizer, para aquelles em cuja alma a verdade ainda conserva algum imperio, e a Religião algum respeito, pelo apparato das circumstancias terriveis, e diversas, que o Mundo todos os dias nos offerece, deveria mudar o nome, e, em lugar de Desengano, chamar-se Despertador: soar nos ouvidos de todos os homens, desde o Throno até á choupana, porque a todos prende, não digo hum pezado somno, mas hum profundo, e perfeitissimo lethargo. Aos Monarcas, e aos Povos se tem declarado sangrenta guerra, a que podemos chamar de exterminio, em que se trata de tirar aos Reis a Soberania, e aos Povos a Religião, e a Moral. Ha mais de cincoenta annos, que se tratava surdamente dos preparativos desta campanha, e, segundo vejo, que se aproximára o momento de começarem as hostilidades, e de romper o activissimo fogo; os inimigos que algum dia só erão suspeitos, agora já são descobertos, e tem passado os Soberanos, e seus Povos do receio para a experiencia. Qual he o Reino, que não tenha experimentado hum ataque furioso, e violento? Não duvido, antes confesso, que ha inimigos contra os quaes a arma mais poderosa he o desprezo, bem como o silencio a mais terminante resposta a seus clamores; mas o estado a que chegámos, por certo o mais calamitoso, que á contemplação nos offerecem todos os volumes da Historia do Mundo, pede outra Tactica, que não seja o desprezo, o silencio, e a dissimulação. Os Monarcas, e os Povos, deverião ter tomado a iniciativa, atacarem, antes que fossem, como tem sido, tão sacrilega, e deshumanamente atacados, quando a conspiração se não tivesse universalisado tanto, pois nem os Reis, nem os Povos, se podem chamar á ignorancia, tendo sido os signaes tão pouco equivocos, as delações tão continuas, e circunstanciadas; mas por huma fatalidade, não difficil de comprehender, deixárão chegar o mal a hum ponto tal, que só o ferro, e o fogo, sem intermissão empregados, podem dar alguma esperança de remedio, mas apenas reme-

dio paliativo. Todo este apparato de figuras foi necessario para o dizer: o Maçonismo tem posto o Mundo neste estado de confusão, e ruina. Elle foi o que com tão nefandas revoluções tem inundado de sangue a Terra, e coberto de luto todos os Povos; porque, ou mais, ou menos, a todos tem chegado os estragos deste raio abrazador. Ao vêr os mais extraordinarios transtornos politicos, aquelles transtornos a que parece se não póde achar huma causa immediata, porque não era aquella a ordem natural das cousas, se conheceo, depois de multiplicadas revoluções, que não tinhão outra mais que o Maçonismo. Daqui vem ha quarenta annos tantas batalhas perdidas, sendo as forças derrotadas muitas vezes mais aguerridas, mais fortes, mais numerosas, que as vencedoras; os Generaes mais exercitados, mais prudentes, mais intrepidos, e valorosos, as posições mais vantajosas. Daqui vem, que, podendo-se suffocar ainda em seu berço a espantosa Revolução Franceza, se retira como em derrota das barreiras de París o Duque de Brunsvick com exercito, que já se podia considerar victorioso. Daqui vem que passando da Italia para a Suissa pelo Monte de S. Bernardo de Menthon o destroçado Bonaparte, conhecido por hum Tenente de Hussares Austriaco, tendo-lhe lançado a mão o deixou ir em socego, e liberdade; daqui vem a derrota de Mélas, e o levantamento do cerco de Mantua. Esta he a chave de tantos mysterios politicos, e militares, que tanto nos assombrárão naquellas infaustas, e primeiras campanhas da Revolução, que ainda não quer parar: daqui a surpreza da Ilha de Malta, sem que de tantos canhões que a defendião se disparasse hum só, ou acudisse hum só Soldado que se oppozesse a hum não formidavel desembarque, acabando-se aquella independente Soberania, cuja legitimidade ninguem até agora se atreveo a contestar: daqui nasceo o Imperio dos cem dias, e a entrada do Corso Amotinador em França, sem mais Exercito, que o prumo, e a esquadria: daqui nascêrão tantas expedições tão apparatosas, e tão dispendiosas, que mallogradas logo em seu principio tornárão mais deploravel a perda das possessões Hespanholas no opposto Hemisferio. E não foi á mesma pancada do Malhete, que huma vastissima Colonia se converteo em hum vasto, e despovoado Imperio? Daqui veio aquella bruta estupidez, ou aquella petrificação em que ficárão os Portuguezes ao apparecimento dos Sycofantas, ou Histriões politicos vindos do Porto, promettendo-nos o Ceo aberto na Terra, trazendo na testada o Frade Bento com a Bulla das indulgencias, graças, e bemaventuranças que podião vir daquellas mãos como de facto vierão, e nós ainda estamos gozando, e ainda se não calárão com muitos annos de perdão geral, não para nós, mas para elles. Daqui veio, ou daqui nasce o mais pezado desaforo para esta Nação no rebate do papel-moeda, por se não pôr em pratica a Lei de sua creação, e gyro, e nas mãos de huns Entes, outro dia na lama, hoje em carrocins dourados, que se chamão Cambistas, que parece terem Gráos assignalados como o Tremómetro de Reaumur, que desce, e sóbe conforme a temperatura da atmosfera. Se ao Cabo da Roca aponta Calhambéque Tricolôr, que traga semente, como de Repôlho Hollandez, de alguma Revolução, o Cambio abaixa, mas nunca abaixo de Zero. Se ha alguma orgia de Cerveja, e Bolacha, e algum Toste, ou tostados no Caes do Sodré, temos logo variação no Termómetro dos Bilhetes, sóbe o Mer-

curio ao ultimo gráo, e nós todos quentes, sem podermos dizer que assim temos as costas, porque em fim bons são os Alliados quando o são, e agora o mostrarão.

Estes, e outros muitos mysterios, que nos confundem, não só pela sua multidão, mas pela sua obscuridade, fôrão para nós sempre impenetraveis, erão como o rio Nilo, que se vê correr, e espraiar-se em seus periodicos E'stos, mas não se sabia donde nascia, e donde vinha.

Arcanum Natura caput non protulit ulli,
Nec licuit populis, parvum te, Nile, videre.
Não quiz Natura descobrir-te a fronte,
Nem teu berço encontrar foi dado á gente.

Mas em fim descobrirão-se as fontes do rio Nilo, e lá forão dar com ellas os Portuguezes. Eu o sou pela graça de Deos; e sem dar muita volta, parece-me que dei com a causa, e com a origem destes indecifraveis arcanos, e sem mais preambulos, esta chave, que acima apontei abrio as portas das Cavernas, e dellas tem sahido tudo quanto nos espanta desde o momento da explosão revolucionaria em França: o Maçonismo. Isto já não he huma novidade, o segredo rompeo-se, todos o sabem; porém tardou este conhecimento, pois corrêrão tempos em que com seriedade se reduzia a Problema a existencia, ou não existencia da Maçonaria: taes erão os véos com que se cobria a Seita; forão-se tornando mais, e mais vehementes os indicios; não se negava a existencia da Seita, mas o segredo das suas doutrinas era inviolavel; mas nada ha occulto, que se não revele, nem tão escondido, que se não encontre. A iniquidade chegou a tocar o ultimo extremo, chegou-se a conhecer o seu objecto, o seu fim, e os seus meios tambem se descobrirão. Nem Deos no Ceo, nem Reis na Terra. Isto trazia em si a ruina da Religião, e a ruina da humana Sociedade. Como vivirião, e se conservarião os homens sem huma, e sem outra cousa? Como vivem os Iroquezes nos bosques, devorando-se mutuamente como as Feras. Este he o Voto da Filosofia, e esta a bemaventurança dos modernos Filosofos. O homem maquina, dizia o Medico La Metrie, não tem mais que o maquinismo das sensações: os sentimentos, ou idéas moraes são méros sonhos. Eis-aqui o que veio das trevas á luz; horrorisou os homens, e assustou os Monarcas; porque as consequencias de taes principios são as revoluções, o maior dos males de que o Mundo podia ser, como tem sido, a miseravel victima. Tudo se armou contra este espantoso Fantasma. Aos raios do Vaticano se juntou a espada dos Reinantes: a indignação dos Povos deo mais força, e mais rigor ás Leis promulgadas contra a Seita. Os ataques, e investidas contra os Thronos, na ordem politica o maior dos crimes, forão repellidos com a morte; mas a cegueira do entendimento traz a pertinacia da vontade, porque ainda depois de restaurada (em apparencia) a Europa dos abalos da Revolução em 1814 e 1815, não tiverão pausa as conspirações. Não foi Paz, foi hum Armisticio, mas não cessárão os combates, ainda que se escondessem as armas; taes inimigos não desistem. Proscritos, forajidos, desterrados, perseguidos, garrotados, reduzidos a cinzas, dos pedaços de huns parece que se produzem enxames de outros, que passando da teima á pertinacia, como os Amoucos na India, ou fazendo-se Amoucos, atirão comsigo ás pontas das baionetas, e ás bôcas dos

canhões, freneticamente buscão a morte, e parece que querem que a morte se dê por cançada, para proseguirem no abominando projecto de republicanisar o Mundo, como se nisto podesse consistir sua maior ventura. Não ha na Hespanha, a bem dizer, huma aldêa de cinco fogos, onde senão veja huma forca levantada, hum verdugo prompto, e hum fuzil engatilhado; lá vão como Touros, que fechão os olhos para marrar, em poucas horas perder a vida, sem que os que a isto escapão, percão a teima. Se em Portugal se mostra ao Mundo (e eu son deste voto) que se ouve mais a voz da humanidade, que o clamor da Justiça, e muito menos o grito da vingança, (huma sepultura de vivos tanto lhes atenúa a vida, que seria melhor não a conservar) pois assim mesmo, passem os Soldados as noutes arrimados aos arcabuzes, ou ás carretas d'artilheria, verdadeiro raio que a Natureza não fez, porque se receia com muita previsão, e prudencia, que a cada momento rebente no Vesuvio revolucionario, que abraza a Europa, huma nova bôca, ou se alargue mais a pavorosa cratéra.

Se por hum instante contemplamos no homem a Natureza só com a luz da mesma Natureza, a cada instante nos parece, que a si mesma se contradiz, quando ostenta seu imperio o Maçonismo!! Diz a Natureza ao homem, que se conserve, clama o Maçonismo que se destrua. Existir he o primeiro impulso, ou o primeiro sentimento da Natureza; existir bem, he o segundo, e he igualmente poderoso, e quer ser obedecido, mas não he assim; armão-se os Monarcas, armão-se as Nações contra esta Hydra, que não gólfa mais do que veneno, e mãos Herculeas lhe tem decepado as pestilentes cabeças; e senão tem bastado o ferro, tambem se tem empregado o fogo, como Hercules fizera contra a de Lérna; nada aproveita, apparecem logo novas cabeças em seu lugar, o monstro apparece logo não só reintegrado, mas multiplicado, e á maior maldade ajunta a maior dissimulação, para poder depois, á cara descoberta, causar maiores estragos. Vírão os Pedreiros-Livres, que proferir este nome entre os Povos, por elles tão opprimidos, e agrilhoados, era levantar hum grito de guerra, a que se não póde assignalar termo senão o do seu exterminio, mas sempre com o firme presupposto de não desistir, e buscar o mesmo porto por outro rumo: «Illudir os Monarcas, e mudar de nome, porque nós temos muitos, e nunca deixamos de ser os mesmos. Pedreiros, Carvoeiros, Jardineiros, Illuminados, Mesmeristas, Calhiostrinos, etc., etc.; e para nos juntarmos em Sociedade, que nos veja Deos, e todo Mundo, appareça o titulo que nos cubra, para que nos não descubra o Algoz; Sociedade dos curiosos da Natureza, Sociedade de Agricultura pratica, para o melhoramento das batatas, e das aboboras, Sociedade Medico-Therapeutica, Cirurgico-Farmaceutica, Anatomico-Pathologica; em todas estas Sociedades ha Socios correspondentes, porque assim todos os Socios, irmãos da grande Confraria, podem estar em contacto, e activissima união, e assim em pleno dia quando os que passão pela porta da Sociedade Hydraulica cuidão que se está tratando do encanamento de algum rio, ou da abertura de alguma valla; trata-se unicamente de fechar o refeitorio aos Frades, os Templos ao Culto; e fechadas que sejão estas portas, abrir todas as outras ao latrocinio, á prostituição, e sem excepção alguma, a todos os crimes, como ao perjurio, á rebellião, e a todos os

delictos que mais offendão a humanidade, e a Natureza. Tudo isto he muito conforme á nossa razão, e aos principios da nossa Moral, tudo isto nos leva, passos contados, ao nosso fim, e tudo isto são estradas Coimbrãs por onde vamos á nossa vontade: mas se huma Policia activa, zelosa, e perspicaz, deitar huma vez só, e detiver os olhos nesta innumeravel turba multa de Sociedades, de que nenhum bem tem resultado aos Povos, porque quasi todas são suppostos Maçonicos, e solemnes imposturas, acabaráõ naquelle instante todas as nossas Filantropias, e pára no meio da sua carreira, a illustração do seculo, que ha mais de quarenta, ou outenta annos está quasi a principiar pela nossa efficaz, e incançavel actividade, e diligencia, e por isto temos decretado, e decretamos, que assim como os Cavalleiros de Rhódes se chamárão depois Cavalleiros de Malta, com huns bem cuidados Estatutos, sem deixarem de ser vigentes os nossos immortaes Codigos, formemos huma ordem mais Pedreira ainda, no espirito, ou intenção, e que pareça cousa nova pela denominação, ainda que seja mais velha que a serpente tentadora. Chame-se a *Ordem dos Cavalleiros da Liberdade;* e como he preciso não espantar a caça, fallaremos n'hum Rei Fantasma, ou Autómato, de quem possamos fazer zombaria.»

Este foi o resultado dos grandes trabalhos Maçonicos desde o momento da restauração da Dynastia dos Bourbons em 1815; e pelo modo do estabelecimento, e propagação desta Ordem, podemos dizer com segurança, que della nasce, e vem a commoção, e oscilação em que no momento actual se acha, e deplora a consternada Europa. Eu vou denunciar este novo parto das treyas á Suprema Authoridade destes Reinos, e a todos os bons Portuguezes, e aos máos tambem; talvez que arredem os passos, vendo a profundidade do abysmo em que os pretendem precipitar. O Monumento que vou apresentar, e commentar veio á mão de hum Grande Funccionario público em França em 1822, época em que na mesma França, e em diversos pontos rebentárão, e se descobrírão diversas conspirações, e foi entregue por hum dos Conspiradores, o qual vendo o atroz objecto da associação em que acabava de entrar, se horrorisou, e veio declarar tudo á Authoridade local implorando o perdão. Tem pois hum titulo, que vem a ser: *Estatutos da Ordem dos Cavalleiros da Liberdade*, (que todos devemos entender por *Maçonismo com outra cara*). Todos estes Estatutos não contém mais que cinco Capitulos, porém de huma substancia Diabolico-immensa. 1.º *Motivo da Instituição.* 2.º *Fim que a Instituição se propõe.* 3.º *Organisação da Sociedade dos Cavalleiros da Liberdade.* 4.º *Condições para ser recebido Cavalleiro da Liberdade.* 5.º *Formalidades que na recepção se devem observar.*

He tal o Texto do primeiro Capitulo, que não me atrevo a dar a Integra, e eu tenho medo (medo não, mas não sei que nome lhe dê, será compaixão que me causão os que se chamão Aristocratas, ou Fidalgos, eu lhes chamaria até Celestes, e Semi-Numes, se todos elles fossem, como eu sou, amigos d'ElRei, atacando sem cessar seus inimigos). He pois o 1.º Capitulo a mais violenta invectiva contra esta Classe, entre nós tão querida, e respeitada, para quem foi sempre o que havia de melhor no Reino, e suas Colonias, e muitos, sem os mandarem, porque são gulosos, até se forão abarrotar da deliciosa, e nunca assáz

louvada, e apetecida Batatada. Parece que os *Sabios* redactores deste 1.º Capitulo molhárão a penna nas aguas do Aqueronte, e se servírão da area das suas margens. Nada ha mais negro, e mais abominavel; não me quero servir das suas palavras para não dizerem que são minhas! Representão esta Classe como huma usurpadora barbara, que arrebatara ás Classes interiores os mais sagrados Direitos, disposta sempre a lhes rebatinhar esse mesmo pouco, e mingoado que ainda lhes reste: e depois de terem enganado a boa fé dos Monarcas, que elles sempre tem o cuidado de os lisongear, a fim de os desligarem de seus esteios naturaes, a representão cheia de incapacidade, de ambição, e de cubiça de todos os empregos honorificos, e lucrativos. Accusão a mesma Classe Illustrissima, e Preclarissima de huma Luciferina soberba, e malicia com que procura embrutecer o Povo, tirando-lhe todos os meios de adquirir verdadeiros conhecimentos, cobrindo-o de opprobrio, e de ignominia. Empregão depois tudo quanto ha de expressões mais odiosas, e infames, para pôr em desesperação este Povo contra a Aristocracia, ou Classe Nobre. Depois exclamão enfaticamente os redactores do Capitulo 1.º «Que homem ha, seja de que Nação fôr, por que todos elles tem os mesmos Direitos, que não dê bramidos de raiva, lembrando-se deste projecto dos Fidalgos, tão criminoso, e tão aviltador?» Remata-se pois o longo Capitulo, ou longa Verrina, e longuissima Catilinaria contra os Fidalgos, com esta apóstrofe, ou exclamação, e mais Portuguezmente, desaforo, aos Militares, e á Juventude em geral:

«Vós, a quem temos visto de hum cabo a outro cabo do Mundo, levar o Estandarte da victoria, e derramar vosso sangue pela igualdade dos Direitos, pela Liberdade, e pela Justiça; vós, brilhante mocidade, cuja instrucção se quer impedir, e amortecer, para mais a seu salvo vos escravisarem; e vós, homens de todas as classes da Sociedade, cujo sentimento dos Direitos do homem ainda faz palpitar o coração, consentireis que esta impia linhagem consiga suas tramas infernaes?? Vós todos vos reunireis, sim, sim, para a proscrever, e apagar seu nome, ou risca-lo da face da Terra...» Isto assim succederá, se a obra infernal vingar, o que Deos não permitta! O espirito do Republicanismo se vigorisa, e espalha cada vez mais de hum Polo a outro Polo; e sendo tão verdade que a Democracia he a unica, e exclusiva fórma de Governo que se quer estabelecer, se para este verdadeiro centro de confusão convergem todas as opiniões arrastradas pelo Maçonismo com outra cara, se este raio que fermenta em a nuvem perpendicular das Revoluções se desfechar!... Será possivel que os Grandes se deitem, e que logo péguem no somno! Não admira, porque tarde se recolhem alguns da orgia banquetial, e dos jogos. Pois eu, que sou em tudo huma formiga, com tanto fato como hum coelho, e tanta casa como hum caracol, ainda que não deva, nem peça, olhando para Portugal, e para o Mundo, e sem o Norte, desesperando do Sul; não ha somno, que me feche as pálpebras, nem travesseiro em que me não dôa a cabeça! Não posso tolerar hum homem em quem descubra alguma cousa em que caiá morto, sem o vêr coberto com huma farda de Realista, e ao qual, purificado que seja, se entregue huma espingarda. De dous milhões e meio de Portuguezes, que ainda conserva este Reino, bem se podem estremar ainda

quatrocentos mil braços, e com hum tal Rei no meio delles, podiamos zombar bem dos taes Cavalleiros da Liberdade; mas, poder-me-hão dizer, se ha esses quatrocentos mil braços, elles não se mechem sem se encherem duzentas mil bôcas, e com que! Respondo: no Augusto Salão houve hum homem chamado Manoel Borges, que ainda que fosse doudo, e estouvado de sua pessoa, era comtudo o maior Financeiro que vio o Mundo; só por huma palavra, que se lhe ouvio no mesmo Augusto Salão — *Eu bem sei onde está o dinheiro.* — Os outros Financeiros dizem (e não sabem dizer outra cousa) — não ha dinheiro, não ha dinheiro.... Eu não quero dizer que se vá tirar a casa de seu dono, que he o que se entende pelo oraculo do Borges; porque o furto he, dizem a fluz com Larraga os outros Moralistas — *res ablata, invito domino.* — Eu só queria que a Capitalistas, e Dinheiristas se fizesse huma pergunta, mas com a cara, e gesto de Ignacio Ferreira Souto, que foi o primeiro Intendente: — V.m. outro dia era hum Jan-Fernandes, que trazia o espinhaço dobrado, e calejado debaixo do pezo dos costaes, que acarretava alli pelo Cáes do Sodré; hoje tem quatro milhões; donde lhe vierão? Esta pergunta não quebrava osso, mas abria sacos, e tudo isto não seria emprestimo, mas restituição. Venha outro: ah! este he Commendador! Não importa, ainda elle outro dia levava, e trazia encommendas. Venha V. S.ª cá: quando vestio a sua primeira casaca, não foi aos quarenta e tantos annos da sua idade! Sim Senhor. Pois nove milhões de cruzados em esplendidas Peças donde lhes vierão? Onde os adquirio! Ora vá para casa, dê-lhe huma vista de olhos, deixe ficar milhão e meio, e mande para cá o resto; deixe arejar essas prisioneiras, que ellas em si são innocentes, ainda que não fossem com innocencia adquiridas. Basta. Eu não vejo nem ouço mais do que calculos de emprestimos para aqui, planos para alem, dividas consolidadas, especies metalicas para a circulação, Apolices averbadas em giro, agio abaixo, e agio acima; e depois de tantas, e tão discretas operações financeiras, a fome comnosco, e das portas para dentro. Eu sou hum triste idiota em tudo, e sobre tudo em Economias Politicas, e calculos financeiros, o meu dinheiro não tem que contar, com o dos outros não me importa; mas não tenho paciencia para vêr o Estado pobre, e sua divida a crescer infinitamente pelas ladroeiras de tantos, e as más cabeças de muitos, e tantos particulares escandalosamente opulentissimos! Isto he huma quebra na gloria, e crédito da Nação Portugueza. O Erario de ElRei não se enche com especulações, que só servem de encher a barriga aos Alvitristas, que as fazem: eu entrevado por molestia, e não metidiço por genio, e tambem por orgulho, só com as apontadas perguntas vou encher, e atulhar o Erario de ElRei, de dinheiro, não deste que leva o vento, que sobe, e desce nas limpas mãos dos especuladores, ou daquelle, em que os apuros da gravura nos fazem vêr bem desenhados bonequinhos, e voadoras aves, que me parecem de rapina, mas daquelle, que cahindo em lisa pedra, nos dá no tinido hum alamiré mais sonoro que o que podia sahir das goélas do Crescentini. Estas idéas tão simplices, e nada oppressivas á Nação, desvião-se; e os que aceitão algumas para não bolirem no todo, só lembrão as rendas Ecclesiasticas, e os trabalhados fundos dos Mosteiros, e a estes lembradores só esquece aquelle rifão, que he hum pé de Evangelho: — Ganhos de Sacristão

cantando vem, cantando vão. — A alguns, por mais que cantem, e tenhão cantado, não lhes vem o ganho, nem na tenda lhes fião, nem na taberna se consolão. Oh! que comem os Dizimos!... Isso era antes que os seus Filosofos de Vv.mm. ensinassem os Povos a não pagarem nem huma Missa ás Almas, que lhes encommendem, quanto mais os Dizimos a Deos para os Clerigos comerem. Quando se falla como o mais pingue recurso, nos fundos dos Mosteiros, para amortisação da Divida pública (outra fraze muito da minha veneração) logo me vem com as mãos á cara, e aos cançados ouvidos com Alcobaça. E quem? Alguns, cujo serviço de mesa he prata dourada, e porçolana de Saxonia, e do Japão, e não pagão os dous vintens da conhecença ao esfomeado Cura, nem o remonte das botas ao Çapateiro. Esta gente cuida que Alcobaça he o Compendio da opulencia do Mundo. Quem quer Diamantes vai a Alcobaça, e acha na cerca as minas de Visapur; chega-se á rocha, e arranca quantos quizer. Quem quer a prata mais fina de onze dinheiros vai a Alcobaça, lá está na cerca tambem a mina inexausta do Potosi, deita huma corda abaixo com huma cesta, e vem acima a trasbodar de prata. Quem quer Brocados da Persia, e os Pannos de Tunes, ou Tapetes de Cachemira, não tem mais que fallar ao Padre Celeireiro; abre-lhe as gavetas do Armazem, cada hum tira os que quer, o mede á sua vontade. Ora depois de tudo isto, como he preciso metter alguma cousa na bôca, vão ao Refeitorio, hoje 23 de Maio, que são Temporas, e jejum, achão huns feijões rajados de máo cozer, e huma posta de bacalháo combalido, que não enche o prato, e que incessantes hospedes ajudão sempre a comer, e o sequestro a apertar, e os exactores a pedir, e ameaçar, sem que a tão antiga conspiração anti-claustral se desengane, nem relativamente a esta, e ás outras Corporações Regulares, sujeitas aos mesmos, e mais impostos, que se estendem ás outras Classes do Estado, exceptuando os Fidalgos, que tem sabido conservar inconcussos os seus originaes privilegios. O odio aos Frades he hum colyrio de tanta virtude para os olhos, que até lhes faz vêr dinheiro onde o não ha, e se algum dia o houve, então não havia tanto odio aos Frades, que mais se refinou contra os de Alcobaça depois que muitos dos dependentes, e agraciados daquelle tão antigo Mosteiro, se atrelárão de cabresto á recua dos que fazião gemer com as pousadeiras as poltronas do Augusto Salão. Eu já alli fui duas vezes na minha vida, contemplando tudo com os olhos daquella Filosofia, com que o imparcial observador deve considerar semelhantes Institutos, e achei tres cousas, trabalho, hospitalidade, e parcimonia. Isto foi antes que a Wandalica barbaridade Franceza reduzisse a cinzas aquelle Monumento, que fazia vêr a Portugal em todas as E'pocas grande.

Tem sido tudo isto huma digressão, para amenisar a severidade da materia deste N.°, que se estenderá a mais algum. Tendo feito algumas observações sobre o 1.° Artigo destes fataes Estatutos, passo á consideração do 2.° não menos revoltoso, e revoltante, e veremos que tal seja o incendio que debaixo de nossos pés nos escondão dolosas cinzas. Tal he o seu titulo —

Fim a que a Instituição se propõe.

« Os Cidadãos verdadeiramente Francezes temendo as Insti-
« tuições barbaras da Aristocracia *tem resolvido para as frustrar*

« *reunirem-se* para formarem huma associação geral, com o ti-
« tulo de — *Sociedade dos Cavalleiros da Liberdade.* As primei-
« ras bases desta associação são mantermos, e defendermos com
« todas as nossas forças huma Carta Constitucional, que man-
« tenha, e proteja todos os *nossos interesses, etc.* »

Já vemos pela simplicidade desta asserção que esta reunião de forças he para destruir, e acabar com tudo o que fôr Aristocracia; logo não haverá mais que a Soberania do Povo, que he a maxima fundamental do Maçonismo, que apparece com outra cara. Conheçamos isto na actual Revolução Franceza. Acabou-se a Carta de Luiz XVIII. Outra Carta, e já lá está, e feita estava, porque n'huma noite não se fazia, e ella appareceo logo pela manhã no meio das tumultuarias Camaras, meias dimittidas, meias vacillantes, e meias espantadas, porque a Carta de Luiz XVIII hia abaixo, quanto mais aquelles odres com pez gritavão no bairro das Typografias Periodicaes — Viva a Carta!! — Desta pressa de mão de obra, ou feitio de Cartas Constitucionaes temos nós hum bem memorando exemplo domestico na Carta de 1826; porque apenas o homem da Corveta pela volta das duas horas da tarde disse no Rio de Janeiro — Morreo o Sr. Rei D. João VI, e partia para bordo, porque tinha vento de fazer, gritárão por elle, e se mandou a Francisco Gomes que fosse n'hum pé, e viesse n'outro, ao Armario das Constituições, que trouxesse huma de quatro Poderes, que isso logo se conhecia pelo pezo; foi logo entregue ao homem da Corveta, e tudo foi huma basbalhada tal, que logo aqui se imprimio metade de huma Constituição, e neste comenos apparece hum Inglez, homemzarrão como hum Pinheiro, que já tinha sido nosso Governador, e a quem ficámos muito obrigados pela fineza de nos ir buscar outra Constituição de mão cheia, porque a do homem da Corveta era de Camara e meia, e esta do Inglez era de duas, que he á moda delles. Hum Rei interino, tão nullo como he o Nada, sem respeito nenhum á Legitimidade, jurada em tres Congressos pela Santa Alliança, que parece que está em Retiro Espiritual, huma vez por amor do gêlo, outra vez por amor do desgêlo: hum Rei interino, a quem chamão já Rei Cidadão, para daqui ámanhã ficar só com este titulo, desfazendo-se do primeiro. Feita que seja esta operação, que se o não está, não tardará; que destino será o dos Fidalgos contra os quaes se instituio esta preclarissima Ordem de Cavalleiros? Ficar-lhes-ha a existencia fysica núa, e crúa, que não he pequeno bem. E as Commendas? E os Titulos? E os Commandos? O Paço acabou-se, e se quizerem dar alguns passos, será a pé, porque as parelhas rabonas, e por derrabar, os Cabriolés com pretenções de esquifes, os Coches fundos, e escuros, onde parece vão enterrados os que das margens do Tibre vem em nossas causas offerecer-nos os necessarios recursos, e o mais que eu devia dizer, e não digo, porque as reclamações fervem; tudo isto reverteo á sua fonte natural, á Nação, que se compõe dos Chefes, (Cabeças), assopradores, e directores das Revoluções. E os Palacios vastissimos, e pomposos, que podião alojar os Exercitos de Niza Maluco? Ficão destinados para Fabricas, humas de grude, outras de alfinetes. E quem ha de presidir nos Tribunaes? O que nós já vimos, os Taverneiros. Em ultima analyse, o fim da instituição dos Cavalleiros da Liberdade no Capitulo 2.° dos seus Estatutos, he a

total abolição da jerarquia dos Fidalgos sem restricção alguma, a clausula abrange tudo a cito, e a esmo.

Isto não he cousa fantastica, nem he o Governo do Mundo em sêco (não he náo Livro Portuguez), isto existe, e isto caminha com agigantados passos, e para o conseguirem, eu vejo já muitos obstaculos removidos. Eu quizera com huma voz de ferro gritar aos Nobres, que olhêm por si, e pelo Reino, que os honra muito, porque os seus passados o honrárão a elle com suas proezas, que não devem estar só nos Livros escriptos, mas nas acções presentes, e, como diz Juvenal, os Emilianos, que estão de pé nos carros falcados com as lanças enristadas nas mãos *stantes in curribus Emilianos*, estão dizendo aos seus bisnetos, que quem ferir pelos ares *o Mouro Cavalleiro*, pode fazer em pedaços os Cavalleiros da Liberdade, e que não devem ver apathica, e cobardemente encher as Muletas da pescaria de despidos, e naufragos Jonas vomitados dos ventres dessas grandes Balêas Francezas, cujos roncos nos não devem assustar, porque Lisboa não he só Portugal, e que desses Cavalleiros da Liberdade, que entre nós tanto campeão, nem hum só ha de ficar que não seja posto a pé, e enterrado, e que, se não fôr a ferro, e a fogo, porque não são francamente inimigos, serão a páo, como se enxotão cães, que entrárão a esbagulhar na vinha alhêa. Os que levárão comsigo, illudidos, e enganados, sem saber o que fazião, tantos Fidalgos por essas Ilhas do Atlantico, onde lhes não falta senão hum Romão, que dê em Santo, que peça com huma alcófa os motrecos de páo com que se sustentem, são os mesmos, que como Mações com outra cara tem jurado o seu já resolvido exterminio. Conseguido este, que se pode esperar! A pura, e purissima Democracia, que he o projecto verdadeiramente dominante, como entre as paixões ha sempre huma, que avassalla, e domina o individuo; e os Fidalgos podem ficar no firme presupposto, que lhes não fica pergaminho algum nos Cartorios, que não vá, ou esfregar rapé, ou reduzir-se a tabaco n'huma fogueira. Passão para a classe, e estado de Pioens, forão-se as grandes chapas do peito esquerdo, tudo he pionagem. O officio tão honroso de Armeiro-mór, não terá mais que fazer — *Stemata quid prosunt?* — Se lhes dirá com Juvenal, de que servem Brazoens d'Armas em casas onde os Reposteiros são lisos? E neste Imperio dos Cavalleiros da Liberdade haverá Guardas-portoens trombudos, e mal creados? E com que lhes hão de os amos encher as barrigas, se elles conservão as suas vazias, e despovoadas!

Eu tão son ave de náo agouro, mas a cabeça me dá baques, e o sangue se me inflamma no amor da honra, e da independencia deste Reino, lembrando-me do que elle foi, e do que tantos malvados querem que elle seja, e vendo outro sim a attitude, que vai tomando a Revolução Franceza. Não me chamem aggressor, porque nunca o fui, e a minha guerra sempre foi defensiva, e não offensiva. Dê-me o Publico licença de fallar com todo o respeito ao Frade Bento, e de lhe dizer: Ora V. Reverencia, que me insultou n'hum Impresso, tendo eu modestamente impugnado hum anonymo, requerendo contra mim aos Ministros, venha passear comigo até á pedra de Alvidrar, e permittir-me que lhe diga com a mais profunda submissão; olhe V. Reverencia para estas aguas, daqui até ás aguas de Peniche. Olhe para esses Vasos

que andão amarados com a travessia do Sudoeste, diga-me, não vê como batem, e ondeão nas altas poupas as Tricolores Bandeiras? E não vê entre elles como atoados alguns Vasos mais pequenos, que pela forma da construcção parecem Portuguezes? Agora olhe aqui para Sotavento, não vê huma Moleta soberbamente empavezada, que com huma volta de pá vai pondo a proa em barlavento? Não vê no paneiro tantas cabecinhas levantadas? Não são Pescadas, nem Caçoens, agora em Maio tão saborosos, são miseraveis Portuguezes despojados de tudo; e não he a Esquadra Turca, nem são as Galés de Barbarroxa quem os poz naquelle estado, he a mais polida, e a mais civilisada Nação do Universo, de cuja espantosa Revolução dizia V. Reverencia *que não ha que recear!* Deos nos dê juizo, Mestre Fr. Mattheus, Deos nos dê juizo, e nos livre dos nossos inimigos. A Censura está muito melindrosa, e para V. Reverencia até a palavra Deos será hum termo doestativo, de que se escandalise, e se queixe ao Ministerio; mas deixando-nos destas vergonhosas questões, veja se ha, ou se não ha que recear desse novo contagio Francez! Veja se era, ou não era de notar esta tão absoluta proposição! — Torno ao que mais importa do que ridiculas questoens com Frades Bentos. O Capitulo 3.° dos Estatutos da Ordem dos Cavalleiros da Liberdade he do theor, e forma seguinte:

Titulo.

Organisação da Sociedade dos Cavalleiros da Liberdade.

« Existe em París hum Supremo Conselho Director, que « mantem correspondencia com todos os Departamentos. Ha em « cada Departamento hum Conselho de nove Membros, hum dos « quaes he o Presidente. Este Conselho se corresponde com o « Conselho Director.... »

Neste que parece hum simples enhanciado, e que nada encerra em si mais que huma innocente, e amigavel correspondencia, encontro eu o que ha de mais consequencia, e maior malicia neste Maçonismo com outra cara. Aqui se vê huma colligação geral, ou todos os Membros em contacto para obrarem, quando preciso for, simultaneamente sobre qualquer objecto determinado. O Centro das operações está em París. Deste centro partem para a circumferencia todas as linhas. Esta divisão, e subdivisão de Conselhos, conforme a população das differentes Comarcas, abrange tudo, e tudo obra debaixo do mesmo plano; esta he a explicação daquella incomprehensivel celeridade, com que a 27, 28, e 29 de Julho de 1830 se communicou o incendio revolucionario desde París até ás extremidades do Reino, obrando todos no mesmo sentido, e não em diverso. Só a luz na ordem fysica pode ter hum movimento mais rapido, pois nos chega do Sol em oito minutos. E quem nos diz que os Pedreiros com outra cara se não communicão tambem telegraficamente? As causas dos fenomenos, que nos espantão, vão, e irão apparecendo todas gradativamente, e vai rebentando por toda a parte a geral, e surda conspiração. Huma Ordem do Grão Mestre dos Cavalleiros da Liberdade, emanada de París pelo Supremo Conselho Director, quantas horas gastará para chegar aos Conselhos, e Conselhinhos de Lisboa! Quero que não venha com a rapidez do relampago; mas vem; o caso não está na pressa, mas está na universalidade da sua communicação. Pode mui bem com vagar, e antecipação communicar-

se a ordem; mas communica-se, e he geral, e marcado o ponto em toda a parte pode haver a mesma explosão, porque a communicação, e correspondencia do Supremo com os Subalternos Conselhos he incessante. A acção de todo o corpo, ainda que em membros separados, he huma, e ao mesmo tempo. Este he o espirito do estabelecimento dos taes Conselhos: invenção diabolica, e contra a qual nunca será demasiada a vigilancia dos Soberanos, e dos Ministros, e muito mais dos Povos; porque aos Povos nada se occulta, e os Povos em nada errão, ou se enganão, quando se trata da applicação dos meios da sua conservação, e salvação. Porém.... eu estremeço?! Descobre-se em hum districto, ou povoação a existencia de hum Conselho da Ordem dos Cavalleiros da Liberdade, o Povo, que em tudo obedece ás Leis, e que só em apuro extremo obra por si mesmo, vai denunciar, ou dar parte deste precioso achado á Authoridade constituida (frase Constitucional), ao Meritissimo Sr. Doutor Juiz de Fóra, não he muito difficultoso achar hum Commendador da mesma Ordem dos Cavalleiros, o Conselho he logo avisado, e instruido das disposições do Povo, cada membro vai passar huns dias á sua respectiva Quinta, e o Meritissimo Senhor Doutor Juiz de Fóra avisa o Governo de ElRei que cada hum dos indiciados (perfidamente) he hum Corcunda finissimo, e que a merendeira do seu costado he maior que a cabeça de Montachique. Ah! Senhores Magistrados, Senhores Magistrados! Se eu fosse o purificador, e qualificador da sua sufficiencia em sentimentos de Realeza, e integridade de caracter Portuguez, e Religioso, em lugar de muitos de VV. SS.ª punha em seu lugar o Porteiro do Concelho. Talvez que na minha terra, Patria dos Arraes, e dos Gouvêas, tenha havido Ministrinhos que comsigo levem ás Companhias das Senhoras, que alli costumão ser muito Doutoras, os mesmos degradados, e mandados vigiar pela Policia, para derramarem nos rios da sua eloquencia a pureza das suas Constitucionaes doutrinas; o que alli tem ido, vai pelas Provincias do Reino, de cuja ruina são causas não mui remotas muitos dos Ministros das Terras, porque a Ordem dos Cavalleiros da Liberdade está mais estendida, e propagada do que se cuida, porque não se compõe mais do que de Mações com outra cara. Se em Paris, de 1816 para cá, se tivesse dado cabo do Supremo Conselho Director, Carlos X não existiria na Escocia como foragido, nem as costas de Portugal andarião tão infestadas, nem viviriamos em tanto sobresalto, mais com os inimigos de dentro, que com os inimigos de fóra. Bem sei, e estou escrevendo a medo, que isto não he da minha competencia; mas se ninguem nisto falla, ninguem escreve cousa que geito tenha... Tantas pennas tão soberbas, e não apparece huma só linha! Grandes palavrões, mas eu não descubro verdadeiro zelo pela gloria da Patria, e pela independencia d'ElRei. E será possivel, que não se lhe dê aos Portuguezes de deixarem de ser Portuguezes? Pois se assim se deixarem disso, (o que eu não espero) eu lhes prometto que me faça Castelhano.

Pedroiços 23 de Maio de 1831.

P. S. Esta mesma materia se continuará n'outro N.º

José Agostinho de Macedo.

LISBOA, NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1831. *Com licença.*

O DESENGANO,

PERIODICO POLITICO, E MORAL:

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

N.º 21.

Salus Populi suprema Lex esto.

Continuação do Maçonismo com outra cara.

Em quanto ElRei não falla, e seus Ministros por elle mandados, se não annuncião, não he licito a particular algum, seja de que jerarquia fôr, intrometter-se a conhecer, e a querer explicar, e decidir negocio algum politico concernente ao Estado. Além de ser huma culpavel arrogancia, he hum verdadeiro attentado contra a tão necessaria ordem pública, porque dando lugar a discursos tão destampados, e ôcos como seus authores, podem fomentar, e exaltar partidos, e desatar os vinculos de união em que se devem conservar todos os Cidadãos, ou mais Portuguezmente, todos os Portuguezes: mas he manha incorrigivel de todos os Novellistas, Jornalistas, Folhetistas, e de toda essa mais que Egypciana praga dos Gazeteiros, constituirem-se oraculos, e chaves de todos os Gabinetes, explicarem os seus arcanos, e mysterios, como se elles só os tratassem, e dirigissem. Quam fartos fomos nós aqui de aturar estes inexgotaveis póços do *Publicitismo*, e da mentira! Dignos objectos de huma Policia repressiva; mas nada os contêm, porque das mesmas cadêas em que os conservavão prezos, teimavão pelas malhas das grades em illustrar o Mundo com parvoices, e atrevimentos. Quando não podião mentir por si, e de sua propria lavra, empurravão isso para os seus correspondentes. Cartas, communicações, noticias, tudo lhe vinha do *Estrangeiro*, como de cá para o *Estrangeiro* hia o dinheiro do Banco, que não ficou nos pés do proprio Banco, ficava nas mãos dos proprios Banquistas. Eu que tambem me atrellei na récua dos Periodiqueiros, quizera ser tão atrevido, precipitado, e metidiço como elles, e começar a fallar adoptivo, como elles fazem, apenas aqui trouxerão as Moletas do Seixal, e do Barreiro a noticia de hum novo Codigo Maritimo, impresso em *Argel* na Typografia de Ali-Mafamede, com todas as licenças necessarias, e Privilegio do Corso, sem ser Bonaparte, ou ser outro Bonaparte. Não o fiz, não porque receasse me viessem logo com as mãos á cara, e me dissessem: — Donde veio a Pedro fallar Gallego? — Eu alguma cousa diria que não fosse muito Gallego,

mas em materia de tanta ponderação, de tanto melindre, e de tanta consequencia, era preciso esperar que Sua Magestade fosse servido pela intervenção de seus Ministros fallar á Nação. Elle o fez com tanto decóro, e tanta franqueza, que eu disse comigo: = Assim fallavão os antigos Reis Portuguezes! = Será hum grande arrojo, mas tudo se desculpa ao zelo inconcusso de huns cabellos já todos brancos, e a hum caracter, sem mistura, Portuguez. Eu quizera pôr hum *Postscriptum* naquella tão honrada participação, e vinha a ser este: — Ataquemos, e triunfemos. — Se formos ao fundo, vão elles tambem, e lá fallaremos. Se alli trazem Jean-Barth, e Duguai-Trouin, cá ainda poderia estar D. Paulo de Lima, e Martim Affonso de Sousa. Deixemos os defuntos, porque os vivos tem medo delles, não os querem seguir, nem querem trocar os Bajús de vapôr pelas Cotas de Anta, e pelos arnezes de aço.

Huma das acções mais gloriosas, e memoraveis dos modernos tempos em que se nos offerece o quadro de tantas batalhas dadas entre tão numerosos exercitos, entre tantas fortalezas entradas, nós não podemos deixar de constituir em primeiro, e mais distincto lugar a conquista, e escalada de Argel. Entre Scipião, e Mário, e o nosso D. João I e Affonso V se deve levantar a estatua de Bourmont. Todas as expedições na Syria, e no Egypto no seculo das Cruzadas, a entrada em Damietta com o mais furioso ataque, a conquista de tantas Cidades fortissimas como Edéssa, Antioquia, Seleucia, e em fim a conquista da Palestina pela tomada de Jerusalem, não offerecem hum feito mais importante, e que por certo equivale a todos aquelles com que se acabassem de huma vez para sempre com as Potencias Berberescas nas Costas do Mediterraneo, e me affouto a dizer, que na conquista de Argel, se abria hum passo seguro para todas as outras com que se acabasse o opprobrio da Europa, e a mais pezada offensa da Natureza. Retrocedeo Carlos V de huma simillhante empreza, e mais levava em sua companhia o Infante D. Luiz. Depois das acções de Lepanto, nenhuma nos mostra a Historia destes ultimos tempos, que emparelhe com este immortal Troféo das armas Francezas. E onde está elle? Parece que o silencio, e o indifferentismo estão dizendo que tal não existira. Podemos dizer, olhando para as bôcas do Téjo, que os Francezes não quizerão trazer da conquista de Argel mais do que o caracter, e os costumes dos Argelinos. D. Luiz de Ataide, não quiz trazer das conquistas da Asia mais que duas talhas de agua, huma do rio Indo, outra do rio Ganges. Os Francezes só quizerão de Argel o Tratado do Direito Publico Argelino. E da revolução de Julho de 1830 os Francezes deixárão até de ser o que até alli nos quinze annos da restauração da Monarquia tinhão sido. Tornou a revolução de 1789, tornou com ella, a perfidia, a ferocidade, e o descaramento do Sanculotismo. Que Protheos são estes! Póde dizer a Europa espantada. Que muitos erão Atheos, isso mostrão os livros por elles compostos, e que por ahi andão livres, sãos, e escorreitos; mas que se fizessem Mouros, e Mouros Argelinos, que lampejem os Alfanges pelas amuradas dos Navios quando abalroão, captivão, e despojão os outros, não lhes faltando mais que irem vender á Turquia os Portuguezes escravos!! Póde o Mundo acreditar isto! Hostilidades começadas, prezas feitas, sem prévia declaração de guerra! Podem vêr as Grandes Potencias com huma que parece estupida apathia soffrer esta escandalosa violação do Direito Natural, e das Gentes? Huma aggressão sem

provocação! Tributos impostos sem vassallagem, e imperio absoluto sem juramento de preito, e homenagem! *Quod genus hoc hominum, quæve tam barbara morem permittit Patria?* Aos Gabinetes Europeos em tempo algum se offereceo hum objecto de maior importancia, e de mais vastas consequencias: constituidos os Francezes nossos Almotaceis Arbitros, nos encoimárão em cousas que mais parecem posturas da Cazinha, que modo de tratar entre Nações, e sem se lhes dizer, que pagavamos, ou não pagavamos as Coimas, infestão como Piratas os nossos Portos, e nos aprezão as nossas embarcações, sem se lembrarem, que existindo entre nós tantas propriedades Francezas, tinha justissimo lugar o Direito das represalias. Quando julgavamos os Francezes contentes, e tranquillos no seu elemento das frivolidades, ou fatuidades, como boliçosas Borboletas, gyrando de flor em flor, ora aperfeiçoando, e introduzindo novos passos no Minuete de Dupré, dando mais ou menos tezoradas nos cabellos tosquiados á Titus, mandando para aqui, e para toda a parte, Colonias, e Colonias de huma especie de *Forçurcinas* chamadas *Afodistas*, que por hum panno de palha feita em chapeos, nos acabassem de alimpar esse resto d'ouro, que para cá mandavão as minas de Catapreta, sem haver quem lhes dè com elles na cara, e por outras regiões com hum rabo de Arraia; enchendo os armazens do Chiado de huma palhada de Livros sem alma, e sem churume, que as mãis de familia destribuão por suas filhas em lugar das Horas Marianas, ou Coròas Seraficas, para se fazerem a olho em materias de namoração, e os mancebos se fação incredulos sem saberem o que isso seja, e só pelo ouvirem dizer; apparecem repentinamente como sobre cousa mole, a carregar sobre nós de mão armada, querendo roubar, não com pretextos frivolos, mas com a força descoberta, pérfidos aggressores, os que se ufanão de illustradores do genero humano! Eu, em materias politicas, vou sempre como gato por brazas, não porque haja medo das reclamações da moda; manifestando o meu parecer, ainda que em geral, sobre os negocios da Europa na crise actual; mas porque a influencia Maçonica de tudo me fará hum crime, huma vez que lhe toque, ou vá contra as suas miras de destruição universal, comtudo sempre digo, e vá como fôr, que se os Francezes desbarbarisárão Argel, as Nações todas da Europa com franqueza, e com honra alliançadas, devião com a força desbarbarisar a França, e para imperar sobre os Francezes, he preciso dividillos, e fazer por huma illustrada Politica o mesmo que os chamados Selvagens do Norte fizerão em sua invasão por ferocidade. A Italia com seus pequenos, e independentes Principados, e Governos assim se conserva ha muitos seculos, e assim se desfez, e acabou o colossal poder do Imperio Romano. Com mais antiga Politica Nabuco de Nosôr, Rei de Babylonia, pegou nos Judeos sempre inquietos, levou-os comsigo, e os dispersou por todas as Provincias de seu vasto Imperio. Em quanto Deos lhes não deo por acabada a transmigração, chamando a Cyro para dar cabo do Imperio dos Assyrios, lá estiverão quietos, sem se amotinarem, nem dizerem chuz, nem buz. Ora estando ainda Deos onde estava, podia muito bem crismar a Nicolão, e chamar-lhe Cyro, ou Salmanasar, e dizer-lhe: — *Pastor meus és, et omnem voluntatem meam complebis*, — Tu és meu Pastor, e cumprirás em tudo as minhas vontades. Salmanasar, pegou em dez Tribus de Judeos, e de tal maneira as dispersou, que nunca mais houve novas dellas. Eu li n'hum Livro (quando cahia, e me mettia

nessas fôfas) que se intitula: — *Como, e de que modo se povoou a America de homens, e de mulheres*, — que naquelle tempo estando huma ponta Septentrional da America, pegada por huma lingueta de terra á mais remota Ilha do Japão por esta ponta passárão os Judeos dispersos pelo Norte da Tartaria, pelos confins da China, e Ilhas do mesmo Japão; eu atenho-me muito a esta opinião, não pelo que diz Laffitau sobre a semelhança que se encontrou entre alguns costumes dos Mexicanos, e Peruvianos com os costumes dos Judeos, mas pelas Judiarias que nos tem feito os taes Americanos Brasileiros em obras, e palavras. Podia pois o Salmanasar, e Cyro do Norte, com ajuda de seus visinhos, dispersar nelles pelas vastas regiões da Siberia, e da Tartaria até ás fronteiras da China, que he até onde se estende o seu Imperio. Assim pararia a inquietação do Mundo, e acabaria o fóco de todas as revoluções havidas, e por haver. Quando eu fallei em Cossacos dentro em París, toda a Confraria se levantou contra mim; agora requererão alguma coima contra o Padre.

Assim como foi hum petulantissimo insulto a toda esta Nação a exigencia Franceza para satisfação de sonhadas offensas, como, por exemplo, a do Sr. Dupont desertor Francez, banido de França, e condemnado á forca, se lá tornar, tem cousas o tal Diploma, que me arrancárão involuntariamente o riso. Fôrão-se, convidados pelo seu Consul, todos os Francezes, que se quizerão ir, sem que de cá os mandassem; vem a Lei do Orçamento Francez, e manda que demos a estes mesmos que se quizerão ir, milhares de Francos; sim Senhores, aqui estão, isso he de justiça. (E he este o Seculo XIX!!!) Manda outro sim o mesmo Decreto, sem se saber de quem, que huma cóta de Francos se apronte já, e fique depositada, para que no caso em que algum dos Francezes, que não quizerão ir para França, tenha por cá alguma ligeira indisposição, seja logo indemnisado com milhares de Francos. Succede que huma dessas sirzidoras de trapos, e consiliadoras de vontades, chamadas Modistas, que pela sua extrema delicadeza são penetraveis, pela irregularidade das Estações, ha qualquer ar frio, ou quente, ou outra qualquer cousa, além das molestias, que comsigo trazem, que tão communicaveis se fazem, he atacada de algum pigarrinho nas goellas, na conformidade da Lei do Orçamento he aprontado hum conto de réis, moeda metalica Portugueza, para indemnisação da despeza, que a Senhora fez em rebuçados, que se carregará ao Thesoureiro das coimas Francezas, e da sua entrega receberá a Nação hum bilhete.

Não pude deixar de reduzir esta inaudita Farça, ou Farçada a este ponto do ridiculo, que eu não quizera deixar apparecer neste papel! Miseraveis Francezes! Nem sabem pedir, nem se lembrão que pedem á Nação Portugueza! No supremo Conselho director da nova Ordem dos Cavalleiros da Liberdade está *Lafite*. E que mais se podia esperar da mesquinhez de hum Cambista, ou Rebatedor? Hum Franco são oito vintens, e quantos francos são precisos para que hum Portuguez conheça nisto cousa, a que possa chamar dinheiro? Mandem lá hum milhão de cruzados ao Papa, disse ElRei D. João V, que he a esmola da Missa, que lhe mandei dizer, e elle disse na Capella, que fiz pôr em S. Roque. — Para se darem huns francos a hum Bolacheiro, e Cervejeiro, e outros a hum Mestre de Florete, venha huma Esquadra para a foz do Téjo, por onde entrárão os thesouros da Asia, os metaes, e as pedras d'America,

e toda a opulencia, que ainda hoje ostentão os Grandes, e aferrolhão os avarentos por toda a Europa. Aqui deixo isto, porque o Governo na participação do insulto falla em providencias, e o Governo merece toda a confiança aos verdadeiros Portuguezes: vou pois realisar o que deixei promettido na advertencia, que se acha no fim do precedente N.° 20.

Pelas sérias, e profundas reflexões, que tenho feito sobre a existencia, e predicados da nova Ordem dos Cavalleiros da Liberdade, posso affirmar que este conhecimento he a explicação mais clara de quantos obscuros, e impenetraveis fenomenos politicos nos offerece o presente seculo, á vista dos quaes os espiritos mais penetrantes da antiguidade, e que melhor fallárão dos Governos dos homens, e melhor conhecêrão as Aulas dos Principes, ficarião absortos, estupefactos, e sem poderem pronunciar huma só palavra. Sallustio, e Tacito ficarião mudos. Os antigos não tiverão, tendo tantas Seitas de Filosofos, huma só Seita politica, que obrasse em corpo. Os interesses das mesmas Monarquias erão communs, deliberava-se muitas vezes pelo impulso das paixões, e nunca por principios, e por systemas, que tem por objecto, e por emprego mudarem a forma dos Governos, e até os sentimentos, e as idéas dos Povos, e muito principalmente a Religião recebida, e conservada nos mesmos Povos. Os Romanos mudárão de forma de Governo algumas vezes: com a expulsão dos Tarquinios pela injuria, e violencia feita a Lucrecia, passárão do Governo Monarquico para o Consular, e Republicano; depois pela astucia de Octaviano Augusto tornárão para o Monarquico absoluto, ainda que modificado com o fantasma de hum Senado baixo, e servil, de que tanto zombárão os Tyrannos, como fez logo Tiberio, pondo-lhe sobre o pescoço de escravos o jugo de ferro do valido Sejano com aquelle Decreto, a quem Juvenal chama — *Longa, et verbosa epistula venit a capreis.* — Tantas mudanças nunca comsigo trouxerão a mudança da Religião, e da Moral: falsa, e ridicula Religião, qual era o Polytheismo, ou Idolatria; mas a moral, como se vê em Seneca, e em Epicteto, era pura; que seus annunciadores só escutavão a voz da Natureza em seus principios geraes, assim como o, que ainda agora chamamos, e seguimos, Direito Romano. Mudar contra vontade dos Povos, não só seus originaes, e antiquissimos Governos, mas a Religião, que bebêrão com o leite, e lhes transmittírão seus Maiores, e isto pelas maquinações de huma Seita, que se creou nas trévas, apanhando pelo fio dos Seculos, ora huma idéa de Manes, ora outra de Wiclefe, outra de Jordão Bruno de Nóla, outra de Hobbes, porque todos esses contratos sociaes, e todos esses Direitos do Cidadão, não são mais que miseraveis rapsodias dos escriptos dos que acabo de nomear; só estava guardado para estes nossos infaustos tempos; sendo entre tantos objectos o mais digno de notar-se, que as opiniões, que erão singularmente deste, ou daquelle individuo, fossem depois collectivamente de hum corpo de Seita, que não só as adoptasse, mas que as propagasse, e sustentasse por tantos, e tão diversos modos, ora com a maquinação occulta, ora com a força descoberta, mas sempre com a mesma pertinacia, e o mesmo afinco. Não posso deixar de lançar aqui por escrito huma habitual reflexão minha, que sempre me occupa, e sempre me atormenta. Os inimigos dos Reis, e inimigos da Religião, que tem jurado dar fim de huma, e d'outra cousa, formão hum corpo, que se conserva, sendo em commum todas as suas operações, debaixo de hum systema, e de hum

regulamento organisado, e seguido: se chegão a ser influentes, mais apertão os seus vinculos, mais estreitamente se unem, e de mais commum acordo caminhão ao seu fim, porque a força unida obra com mais força. Não he assim, quando se trata dos amigos da Monarquia, e dos seguidores, e defensores da Religião. São muitos, e são mais que os impios, e os Revolucionarios; mas não formão hum corpo unido, que obre no sentido inverso dos seus inimigos, para destruir estes, e fazer triunfar a verdade. Na Ordem Politica devia este Corpo, ou esta Legião, que commuita justiça se devêra chamar da honra, organisar-se, e haver entre seus membros hum expresso, e convencionado sinal, por que se conhecessem. Ha hum corpo liberal, que se une, e obra como força unida; o corpo, que se chama servil, que vem a ser os dos homens de bem, siga-lhe, nisto só, o exemplo, combata unido, e triunfará. Nas desgraças lamenta-se, levanta os olhos ao Ceo, e cala-se; na prosperidade modera-se, perdoa, e esquece-se; isto he muito proprio do homem Christão, e do homem de bem. A Maçonaria zomba disto, e persuadindo-se que este tão nobre, e elevado caracter he hum sinal de vileza, e de cobardia, mais soberba se torna, e menos desiste, e com mais furor accommette. Ou eu não conheço os homens, ou então os mais perversos de todos os homens são os Pedreiros Livres. Com essas amostras de vergonhoso latrocinio, que os Demagogos Francezes nos estão fazendo vêr na foz desse rio, e sobre as quaes ElRei Nosso Senhor foi servido mandar fallar ao Povo, e dar as suas Reaes providencias, eu tenho visto, vendo tão pouco neste doloroso encerro, eu tenho visto o rosto de muitos banhado de hum desusado prazer. Considerão-se já escravos de huma revolução, e na fantastica esperança de verem o Throno abalado, e os Altares derrocados, e a insultadora liberdade com o Sceptro na mão, persuadindo-se que já podem profanar os Templos, escarnecer dos Mysterios da Religião, e esbofetear os seus Ministros, como fizerão em 1820, e muito mais em 1826, não cabem em si de contentamento, e de alegria, parece-lhes chegado o dia do seu triunfo (talvez seja o da sua morte). Alguns Monges de Rastello, a quem parece que o Diabo assopra, mostrão tal embriaguez em seu material Maçonismo, que só lhes falta investirem com as tabernas. Destes furiosos mentecaptos, que em seus habitos parecem mais Arlequins que Frades, se me perguntarem os nomes, o Povo sensato dirá que me não engano. Isto he espantoso! Os verdadeiros Realistas gemem em silencio. Os malvados unem-se, e pelejão; pois porque não fazem os verdadeiros Realistas hum muro de bronze em volta do Throno, e á roda dos Altares? Seja para elles o dia da vingança aquelle dia, que estes impunes desaforados julgarem o dia da victoria. Não chamem accusação ao que não he mais que huma exhalação do verdadeiro amor da Patria, e da verdadeira adhesão ao solio de seus Monarcas.

Não tem sido esta longa tirada huma aberração do assumpto, mas huma preparação para elle. Eu não sou Belforinheiro, que gabe os meus alfinetes, nem cuidem que por ser hum enfermo de sessenta e seis annos, seja hum medroso, e hum espavorido, a minha alma não perdeo huma só das suas faculdades, e creio que mais se augmenta a sua energia, quanto mais vilipendiada, e tida em menos vejo a nossa Patria, mais rodeada de perigos, e mais atraiçoada por muitos de seus mesmos ingratos filhos. Estamos ingados, e minados de Mações, a quem eu chamo com outra

cara; lhe preciso que nos defendamos, e só o seu exterminio poderá ser a nossa defeza. Combine-se o que temos visto desde 1823 até hoje com o que vou declarar, e denunciar neste papel, sempre se conhecerá que o que digo he verdade, e o que desejo he o bem, sem querer outra recompensa mais dos homens de bem senão que me façáo hum enterro decente. Pede huma séria, e sisuda attenção o Capitulo 4.° (e a sua exposição) dos Estatutos da Ordem dos Cavalleiros da Liberdade. Eis-aqui o seu Titulo.

Condições para ser recebido Cavalleiro da Liberdade.

» Todos os Cidadãos sem distincção de idade, ou jerarquia po» dem ser recebidos Cavalleiros, com tanto que gozem de alta con» sideração no que toca a suas opiniões, e seu comportamento » moral.

» Previne com tudo o Conselho Supremo que não se devem as» sociar senão pessoas capazes de sustentar os interesses da Causa » commum, tendo hum caracter energico, e saude vigorosa. A es» colha se deve fazer com preferencia nas classes, que vão a desi» gnar-se, a saber: 1.° mancebos instruidos das Cidades, e outras » terras. 2.° Estudantes dos Collegios; das Aulas de Direito; *Me*» *dicina*, e outras. 3.° De Militares a meio soldo, e reformados. » 4.° Possuidores de bens nacionaes. 5.° Proprietarios, e Nego» ciantes, cujos sentimentos politicos, e cuja probidade forem per» feitamente conhecidos. 6.° Pessoas, que se empregão nas Artes » Liberaes, Advogados, *Medicos*, e outros. 7.° Officiaes *inferio*» *res* de Exercito activo, raros Officiaes, huma vez que não te» nhão dado provas claras do seu modo de pensar.

» O Conselho Supremo não pode recommendar em demasia a » prudencia nesta escolha: a honra, a probidade, a consideração, » e a opinião bem pronunciada, e *abastança*, devem servir de » guias em todas as nomeações; quanto ao mais, cumpre se refi» rão á prudencia, e á sagacidade das pessoas, que em cada Con» selho de correspondencia decidirem da admissão. »

Nada mais diz o Capitulo 4.°, nada mais podia dizer, e nada mais era preciso que dissesse para conhecermos o profundo mysterio da iniquidade, com que ha tantos annos lidâmos. Combine-se quanto aqui se determina em cada hum dos mandamentos com o que temos visto, e sentido desde 1817 até o dia de hoje, tanto nas cousas, como nos sujeitos, e conheceremos a que ordem pertencião os enforcados no Campo de Santa Anna em Lisboa, no Caes Politico chamado do Sodré, e na Praça Nova da veneranda Cidade do Porto, e a que ordem pertençáo os que escapárão a estas altas operações, e os que para ellas estão dispostos nas differentes prisões, em que a Justiça, e as Leis do Reino os conservão. Esta consideração nos fará conhecer a existencia real entre nós destes Collegados, e communicantes Conselhos da Ordem dos Cavalleiros da Liberdade, ou Maçonismo com outra cara. A primeira qualidade, ou o primeiro dote, que deve ter o Cavalleiro, que deva ser admittido á Ordem, he *hum caracter energico*, que quer dizer que seja hum incredulo decidido, e contumaz, e que goze de huma saude vigorosa. Temos os trastes

da cabeceira de Catão em Utica, huma espada, e o Tratado de Platão sobre a immortalidade da alma; este para querer morrer, e aquella para poder. *Caracter energico*, conspirar com valentia contra o Imperio, e Sacerdocio, desprezar a força das Leis, a authoridade dos Soberanos, e não escutar os gritos da consciencia! Vigorosa saude, isto he, robusto para entrar em hum conflicto, gritar como energumeno — Viva a Carta! e chegar como desesperado o murrão ao ouvido do canhão. Nem para Cavalleiro da Tabola Redonda com seu Rei Arthur, nem da Jarreteira, ouvi nunca que fosse preciso gozar de boa saude. Em muitos Reinos para ser Cavalleiro basta ser importuno, e vaidoso, ainda que tenha mais Empyemas nos bofes, e chagas nos coiros, que remendos a capa de hum pobre, porque as qualidades da linhagem, e dos costados, isso já esqueceo ha muito tempo. Affonso de Albuquerque dêo por bem pagos os seus serviços com o Habito de S. Tiago, que trazia, e a hum Medico, que receitou huma purga, com que enterrou o doente, ainda lhe parece pouco o Habito da Estrella Polar, porque a Estrella Polar na apparencia não he muito grande. Vão a Dinamarca pedir a do Elefante, porque os brutos entendem-se bem huns com os outros. Não vá mais longe a digressão!

Depois das qualidades, que são as que deixo expostas, e quaes sejão os usos para que se exigem, vejamos as classes, de que devão ser tirados, e escolhidos os Cavalleiros. Nesta enumeração leremos a historia das nossas revoluções. Se estes individuos não são os que as lembrão, são os que as executão, sendo peores os instrumentos que os proprios auctores. 1.ª Classe — Mancebos instruidos das Cidades, e outras terras: eu não sei que instrucção seja esta, talvez seja huma educação licenciosa, porque os pais tenhão alguma cousa de que vivão, e com o que dão imprudentemente aos filhos, estes vão logo, e não faltão, jámais gazeão, buscar a sua instrucção aos Theatros, e aos Caffés, onde achão Professores eximios de todas as faculdades, e huma vez que tomem o tom decisivo, e hum risinho de beiços transversaes quando passão Frades para hum enterro, ou o Viatico, e a Unção para hum enfermo, aqui tem a Ordem hum mancebo com instrucção bastante para o condecorar com as suas insignias. Bem se sabe o que se deve esperar desta civil, e Religiosa instrucção, que he aquella, a quem os Saltimbancos das revoluções costumão chamar pública. Namôro, charuto, e cavallinho, eis-aqui os seus Gabinetes, e os seus Livros. — Vamos á 2.ª classe, e passaremos depois por *Condeixa* para gozarmos de seu fresco ambiente, claras aguas, e odoriferos pomares. = Estudantes dos Collegios, das Aulas de Direito, *Medicina*, e outras.= As Sciencias sêccas, chamadas exactas, e as que com ellas cazão chamadas Naturaes. Aqui temos a Politechnica de Paris, e de Cracovia, e para que ellas sirvão. De 1816 para cá não tem rebentado revolução, motim, ou rebellião, em que estes Actores não representem. Designa a sorte hum Estudante para matar o Poeta-Filosofo Kotzebue, lá vai hum Estudante, em ar de dar os bons dias ao triste velho, e lá lhe deixa huma faca enterrada no bandulho. Fechão-se n'Alemanha algumas Universidades, porque Lentes, e Estudantes erão hum enxame de assassinos, e revolucionarios. Em Turim, em Dresda, em Petersburgo, e em Bolonha são os Estudantes os primeiros assopradores dos motins. Isto, como nos mostra a existencia da Ordem, tambem nos declara qual seja o emprego, e o fim para que foi instituida. Dez Cavalleiros da Liberdade vimos nós

pendurar na Forca, e tirados do gremio da nossa edificante Athenas, Mancebos, e na flor nascente da idade, reunirem em si todos os crimes, que merecendo o nome de atrozes, são todos o maior horror da Natureza, e a maior affronta da Religião, e da humanidade. Ladrões, e salteadores de estrada, assassinos, traidores, aleivosos, ingratos, barbaros como Arabes do deserto, tudo se reunio naquellas almas, ou naquellas furias, deshonra da especie humana, para commetterem o inaudito attentado de Condeixa; neste lugar se devia levantar pela Justiça hum monumento, e eu lhe faria de mui boa vontade a necessaria inscripção, porque em todos os seculos se deve conservar a memoria especificada deste o mais brutal, e abominando de todos os delictos; a memoria da matança da Thessalonica, mandada fazer pelo Imperador Theodosio, não me horrorisa tanto. O motivo da que se fez em Condeixa augmenta tanto a gravidade do crime, que nenhuma lingua, nenhuma penna he capaz de a descrever. — Mortos porque vinhão felicitar o legitimo Soberano pela sua elevação ao Throno!!! Tal he a classe, de que a Ordem venerando dos Cavalleiros da Liberdade elege os seus mais conspicuos Dignatarios. Medicos, Juristas, e Naturalistas! Desejava que se fizesse huma operação cadastrica neste Reino, que não seria muito difficultosa, porque não era recensear todos, mas alguns; vem a ser, mandar a todas as Comarcas que apresentassem na Secretaria do Reino hum mappa, que de lá se lhe remeteria impresso, e riscado, porque talvez fosse cousa que muitos dos taes Provedores não soubessem fazer, de tudo o que em seu districto se chamasse Bacharel por seus nomes, filiações, e idades, empregados, e não empregados. Feito isto, hum dos resultados do calculo, seria saber-se com certeza quantos annos a Universidade poderia, e deveria estar fechada, e a sete chaves, sem detrimento, antes com muita vantagem de toda a Nação. Outro calculo desejaria eu vêr feito, ou fazer, mas só se poderia fazer por aproximação: — Que desfalque sinta cada anno a população do Reino com a existencia de hum Medico em cada Cidade, Villa, e Lugar notavel! A raiz mais segura deste calculo he sem dúvida o conhecimento numerico da população comparado com o dos Medicos. Nas terras que não fossem ao calculo por não terem Medico, se conheceria para mais huma grande differença na população; para muito mais, se não tivesse nem Medico, nem Cirurgião; para muito maior, se nem Barbeiro Sangrador tivesse. Se no Palacio do Rei em caso de molestia eu não visse entrar mais que alguma velha, que benzesse de quebranto, se todos os diaforeticos se reduzissem a dous gômos de flor de carqueija, e os evacuantes a hum punhado de ameixas, ministrado tudo pelas mãos da amizade verdadeira, e sem dependencia, a alma dos verdadeiros amigos do Rei não andaria, como anda, sempre em sobresalto. Das Aulas de Medicina se hão de escolher os Cavalleiros para a Ordem da Liberdade, e huma das armas destes Cavalleiros he o Veneno, que he o meio menos estrondoso, e o mais efficaz para o *desfaçâmo-nos delles* do Jurista Manoel Borges, que se não era da classe dos Medicos, era dos Juristas, e a sentença destes, pode ser executada por aquelles. 3.º De Militares a meio soldo, e Reformados. Lembremo-nos do succedido desde 1817 até 1820. Canning dizia que tinha á sua disposição todos os descontentes do Mundo; não duvido, e nesta classe muito avultão os Reformados com meio soldo, ou tarifa antiga. Para as conspirações são os mais azados são candidatos

natos da Ordem dos Cavalleiros da Liberdade, porque duas cousas os alentão, a vingança, e a esperança; a vingança da dimissão, que sempre por elles he julgada injusta, e injuriosa; a esperança do cumprimento da promessa, que lhes fazem do prompto avançamento nos postos. Isto he huma verdade demonstrada pela existencia da actual Revolução Franceza, e nós o vimos em pequeno na treslouca da função dos foguetes matutinos naquelle miseravel ex-Atirador. Querem 5.° para Cavalleiros da Ordem os possuidores de bens nacionaes. Isto parece huma quimera, porém he cousa muito grande, e de muita ponderação. Bens nacionaes havidos em revolução, na revolução se conservão, e fóra della pode mui bem a propriedade, e a justiça fazer suas revindicações. Os novos possuidores sustentarão a revolução, para sustentarem o que vão possuindo, e que na antiga forma de Governo lhes seria arrancado das mãos. A Ordem sabe muito bem quem lhe faça conta, e conhece os cantos á casa, por isso em 5.° lugar, depois dos Reformados, e dos possuidores de bens da Nação, querem Proprietarios ricos, e Negociantes por sua *probidade* conhecidos. Sem dinheiro nada se faz, e revolucionarios pobretões querem camaradas ricos, a quem comão, e a quem enganem. Desta tactica me ria eu deveras no tempo das nossas geraes, extraordinarias, e constituintes Côrtes, ou o que quer que aquillo era. Tendo o Reino tres Estados, e não podendo ter mais, porque não ha de que se faça, e depois do Clero, Nobreza, e Povo não sei o que reste mais, porque a isto se reduz tudo; elles fizerão o que não faria Lycurgo, nem Solon, fizerão corpos separados, e deliberantes. Até o Commercio foi hum Estado do Reino, porque por alli sentirão dinheiro, e não se enganárão. Hum tal Francisco Barros devia tambem regenerar a Nação, dizião elles, por parte do Commercio. Se a Barra deste Barros fosse como a de Balaão, que fallava, ella diria quanto lhe tirárão da barriga para obra tão meritoria, e pia! Eis-aqui porque são admittidos os Proprietarios, e Negociantes ricos á Ordem dos Cavalleiros da Liberdade. Desta classe, entre nós, estão lá muitos alistados, sem saber o que aquillo seja, ou queira dizer; he farfalhada, farofia, e impostura. Depois que o Corpo do Commercio deixou a vestia assurtoada, os calçoes de tripe, e as meias de Pinhel, em quanto conservava as tres sublimes qualidades (eu assim o julgo) que as Leis requerem n'hum Fiador seguro — homem chão, abonado, e sem privilegios, — não soffria o Reino huma nuvem de pataratas, que mentindo na Praça querem figurar nas Galerias, não lhes comião Bacharcis pobretões o que besuntados adquirirão nas Lojas com alguma verdade, e não escandaloso interesse. Eis-aqui pois para que o braço do Estado, o Corpo do Commercio, representado por Barros, veio em 1820 salvar Portugal das garras do medonho absolutismo, que para isto se creou a Ordem dos Cavalleiros da Liberdade. Quer mais a Ordem 6.° para seus Cavalleiros pessoas, que se empregão nas Artes Liberaes, Letrados, e sobre tudo = Medicos. = Eis-aqui o que me faz desadorar, ou enlouquecer!! Que tem Jalapa com Politica, Oleo de Mamona com Camaras altas, e baixas? Que tem huma Seringa com a Lei organica de hum Reino? Que tem huma Botica com hum Gabinete? Que tem Sinapismos com a marcha de hum Exercito? Será isto por não terem os Medicos nada que estudar, que observar, que experimentar, depois que em todos os Lyceos de Epidauro, officinas da Morte, se inventou a palavra — Bichas! —

Todas as Sciencias Hipocraticas, e Galenicas estão mettidas dentro de hum Bicheiro. O grande Medico-Bichat, era filho de huma Bicha, porque nelle este nome he Patronimico. O Tifo maligno, e o Calo importuno tem o mesmo remedio — Bichas. — Seja isto o que for, mas esta determinação dos Estatutos sobre a escolha de Medicos, e mais Medicos para Cavalleiros da Ordem da Liberdade, deve ter alguma razão, e por ella, eu devo aventurar huma conjectura. Eu não temo, nem respeito os Medicos como Medicos; entre os desenganos que dou ao Povo ha hum para mim, que vem a ser, que não vivo muito tempo, porque hoje 10 de Junho deitei seis grandes pedras, e muito escabrosas, que ferindo-me a uretra me deixárão em extrema prostração; mas tambem desenganem-se os Medicos que nenhum delles me ha de matar, nem com suas parolas, nem com suas Bichas. Bem se sabe que hum dos fins da Ordem he acabar com a Religião, e levantar Altares ao Atheismo, e ao Materialismo: ora em quantas Fisiologias, e na do mesmo Haller com a sua irritabilidade, que tenho visto, e tenho lido, desde que o Francez Des-Cartes tirou a sensibilidade aos Brutos, ou mais, ou menos, sempre encontrei huma forte tintura do Materialismo. Isto não he só moderno, mas antigo, porque os filosofantes novos, não fazem mais que trasladar dos velhos, e nos Livros que Buddeo compoz sobre o Atheismo, e a superstição, na classe dos Medicos encontro mais nomes que em todas as outras. Tenho dado as minhas razões da admissão na Ordem, se aos outros não parecerem fortes, não ficaremos mal por amor disso.

Vamos á consideração da mais notavel de todas as classes, onde os Estatutos mandão fazer a escolha. — 7.° *Officiaes inferiores do Exercito activo.* — Algum dia não conheciamos nós hum Sargento mais do que os dous attributos, ou propriedades essenciaes, a leveza, e a destreza, leve como hum Sargento, déstro como hum Sargento: agora os Sargentos servem para tudo, até hum de huma Brigada de Marinha servio para Rei de Suecia, em lugar dos netos de Gustavo Vaza, e de Gustavo Adolfo. As insurreições politicas, não se fazem agora, sem as insurreições militares, e a força das razões para se estabelecerem, he a maior, ou menor massa de Soldados, que para ellas se compão, ou allicião. Hum Official que tem sua educação, e a quem a Banda enche de algumas fumaças, não falla nisso a hum Soldado; mas hum Sargento, cujo costado não estranha a Tarimba, e cujo vinho he bebido dentro da mesma Taberna onde se vende, bebendo com o Soldado, e livrando o Soldado de algumas esfregações de Chibata por faltar á revista, com meia palavra que diga ao Soldado, tem os revolucionarios mais hum traidor que lhe reforce o partido com a victoriosa razão de huma baioneta. Eu gosto dos Sargentos, porque são vivos, e alegres, e se lhes dá para o lem, são Entes necessarios no actual estado em que a maldita Propaganda do Liberalismo tem posto o Reino. Tem muito que agradecer a tranquilidade do Reino áquelles primeiros, e prudentes Commandantes Militares, que tem expurgado seus Regimentos da murrinha dos máos Sargentos. A operação he muito simples, custa pouco, e vale muito, que vem a ser, tirar-lhes as Dragonas de retróz, que por mais penteadas que sejão, não illudem, e trocar-lhes a Alabarda por huma Espingarda, que ainda que não seja mais maneira, produz mais prompto, e melhor effeito. Ora se esta operação não bastar, elles tambem tem costas. A este respeito, e por fim deste N.° 21, vou lan-

çar por escripto huma reflexão minha, que muitas vezes me atormentou, e julgo que fará o mesmo áquellas almas que não tivessem renunciado de todo á sensibilidade natural. Os Constitucionaes ou Liberaes quando tiverão o poder na mão, não adoptárão o castigo das pancadas de espada de prancha, que he castigo do nosso Regulamento Militar, mas adoptárão as crueis varadas. Assim vimos ficarem quasi mortos muitos homens até por serem fieis a ElRei Nosso Senhor; não he de esperar se imite (nem até agora tem Sua Magestade ordenado tal barbaridade). He tão horrivel o castigo, ou o supplicio das varadas, que não só se offende a Natureza pela crueldade, mas até a dignidade moral do homem pela vileza. He excessivo o número dos golpes; a Lei dura de Moysés mandava que não passasse dos quarenta. Sendo nobre a profissão de Soldado, as nossas Leis eximem o Soldado deste barbaro, e aviltador supplicio, e sendo nobre a occupação do mesmo Soldado, pois não o avilta a lá, ainda que desguarnecida de fios de ouro, ou de prata, entendeo bem o nosso Regulamento que em suas faltas não se lhe devia infligir a pena vilissima dos escravos. O Conde *Rivarol* em seu Ensaio sobre a Revolução Franceza, e as suas causas, em 1789. tratando do Ministro da Guerra, Conde de S. Germano, chamado por Luiz XVI, diz que huma das de se accelerar tanto esta Revolução fôra o Regulamento da Tropa, que este Ministro fez publicar e seguir com tanto rigor. Mandou dar as pranchadas, passou depois para as bastonadas, ou páoladas, e finalmente para a deshumana flagelação das varas. Isto produzio duas cousas, povoou os Exercitos Alemães de Soldados Francezes, e accelerou pela desesperação o ponto ainda remoto da Revolução Franceza. Os Alemães dão nos Soldados com hum páo, os Inglezes, como vimos, mais refinadamente crueis, com as dilacerantes disciplinas chumbadas. Luiz XVI se oppoz por muito tempo á barbaridade do supplicio das varas; mas elle foi hum Monarca infeliz, cuja vontade sempre foi coacta, não o conseguio, e perdeo-se. Quando o Soldado não merece a morte por algum delicto, parece que pela vergonha de alguma pena, ou castigo, se poderia levar, e muito melhor o Soldado Portuguez. Não sendo elles tirados da infima relé, o brio fará o milagre da lealdade, e da subordinação. O Soldado Portuguez assim escolhido, e assim levado. se estimará a si tanto como se estimava o Soldado Romano, e o Soldado Grego.

Devo acabar o Número, a sua materia principal se tratará no seguinte 22.

Pedroiços 10 de Junho de 1831.

José Agostinho de Macedo.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1831.

Com Licença.

O DESENGANO,

PERIODICO POLITICO, E MORAL:

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

N.º 22.

Salus Populi suprema Lex esto.

Continuação do Maçonismo com outra cara.

São muitas, muito admiraveis, sublimes, e profundas as especulações mercantís da nossa idade! A cousa mais simples que ha, e que vem a ser, comprar, e vender, porque em ultima analyse, nada mais he o commercio, por mais voltas que se dê ao juizo para nos fazer conhecer a nobreza desta arte; com tudo, de taes circumstancias se reveste, e acompanha, que a imaginação cança em as ponderar. Elle opulenta as Nações enriquecendo os individuos, não ha canto, e recanto do Mundo onde não chegue, e he cousa de tanto pezo, que hum Rei de Portugal o quiz collocar entre os titulos da sua Grandeza, e Soberania — Senhor do Commercio da Ethiopia, da Arabia, Persia, e da India. — Para tão nobre, e tão venerando emprego, huma admiravel ordem da Natureza deo a cada região do Mundo conhecido, particulares, e privativas producções; o que humas regiões tem, não tem as outras; para que as mutuas precisões de humas, e outras obrigassem a todas a se enlaçarem com os vinculos Coloniaes, e Commerciaes, ou trocando os generos, ou levando pelo valôr representativo de todos, que he o dinheiro, chamando-se por isto os generos, huns de importação, outros de exportação; o que traz, importa, o que leva, exporta. O que não tem para exportar, busca ou se faz em dinheiro para que lho importem. Os arcanos de cima são impenetraveis! Se de cima nos tivesse vindo mais juizo, e menos ouro, nós os Portuguezes teriamos outras relações commerciaes com os Povos do Norte, e com os Povos do Sul; dariamos o que a nossa terra dá, pelo que as mãos dos estrangeiros fazem: mas não fazemos tal, e desprezando commutações que são trocas-baldrocas, tudo deve ser a pezo de ouro, e segundo as contas que eu tenho feito, todo o ouro circulante, ou manente na Europa he Portuguez. Hum, ou outro surrãozinho que se coalhe nas minas da Hungria, ou essa bêta, ou filamento, que se descobrio agora nas Montanhas Ouraes da parte de lá da Siberia, he cousa tão ténue, e mesquinha, que logo desapparece. Isto de ouro para os de fóra he cousa de Portugal. Os Romanos daqui o levavão, os Godos aqui o tinhão, e cunhavão; e se nos admiramos dos thesouros que deste metal ajuntou Salomão,

todo lhe veio de terra que devia depois ser dos Portuguezes, que ainda comêrão das sobras, e ainda podião comer, se o Brasil os não enganasse tanto. Essa Terra de Ofir, de que falla a Escriptura, e donde as Frotas de Salomão trazião todos os annos tamanha carregação, partindo do golfo Persico, e tambem das bôcas do Estreito de Suez, não era outra cousa mais que Sofâla, e os Rios de Sena. Esse ouro tão fino maleavel, e flexivel dos Sequins de Veneza Aristócrata, depois do achado da mina de S. Jorge, de Portugal o tiravão para o prepararem, de cá lhes hia, e elles davão em troca Cristaes bonitos, que logo se quebravão. A Italia harmoniosa não tem metaes, tem mármores, ou de suas pedreiras como as de Carrára, ou de pedaços achados nas escavações das ruinas dos edificios Romanos, que estes de mui longe trouxerão, como da Numidia, de Páros, e do Egypto, e he de pasmar como pôde ser conduzido por mar esse immortal monumento da Columna de Trajano. A Italia não tinha ouro, e se o quiz por Indulgencia, nós lho démos por prodigalidade. Em fim o nosso Commercio sempre foi de ouro para fóra, e nada para dentro. Quer hum dos nossos rapazes tocar Berimbáo, quer a criança ao cólo da mãi hum cavallinho de páo, huma gaitinha do mesmo, por essas feiras inuteis, o ouro Portuguez exporta estas preciosas drogas da bellicosa Alemanha. Eu que sou hum pasmado nunca exercitei tanto este meu natural officio, como á porta de huma Loja de Quinquilheria Alemã, e he para isso. Chitas efémeras, cujas côres tem a duração do relampago, e a diafanidade do ar, ou sejão da magestosa Albion, ou da discordante Gallia, com as ramagens de Perelle, e desenhos de huma imaginação mais vasta que a de Guido, ou Ticiano, aqui nos apparecem logo, mas a preço do pezado ouro. Nenhuma Nação quer mais do que isto, porque he muito natural querermos o que não temos; e a fallarmos a verdade, o ouro alegra olho, he hum cordeal, e mais que as Cerejas pretas, alegra o coração.

Mas tudo muda; Portugal, em materias de Commercio, não he o que foi: as suas relações são outras, e já podemos dizer, temos generos de exportação, e mesmo com o Brazil (forte Imperio!) tivemos hum grande Commercio de commutação de especies. Os nossos Prezuntos, os nossos Paios, os nossos Chouriços, as nossas Sedas, Veludos, Gallões, Pannos de Linho de festo, maços de Linhas como cabellos, tudo producções da nossa Industria; Commutação pasmosa! Tudo se trocava por Côcos, Cajuz, e Bauanas; e se queriamos cousa de mais vulto, como Melaço, Assucar, Arróz, e Coiros, então hia já o nosso ouro, e dizião com razão os Brazileiros, — o bom filho a casa torna —; e não tornou mais para cá, todo se foi para lá, e os Estrangeiros de todo o levárão de lá, para não apparecer mais, nem cá, nem lá. Abrir os Portos do Brasil a toda a Franchinotada Européa, foi o passo mais errado em politica, e economia, que se deo no Mundo, tudo devemos ao Roivides para nos pôr a roer palha, ou outra cousa mais dura, e igualmente oca. Em fim toda esta fastidiosa arenga com que talvez tenha enjoado os pacientes Leitores, foi para lhes dizer, que em fim em materias de Commercio de exportação levantamos cabeça, e Commercio de huma especie tão nova, que não se encontra nem no proprio Diccionario de Commercio de Savary, nem no melhor livro ainda = do Commercio dos Hollandezes em ambos os Mundos =; quem o não leo não sabe ainda quanto possa o trabalho, a industria, e a constancia do homem. O que nós temos agora para exportação, que não lembrou a estes Belgas, nem ao bicho Carpinteiro do Commercio Inglez, que nunca pára, ao menos antes de jantar, he hum

genero de exportação, que nós os Portuguezes d'hoje só temos, e praza ao Ceo que não dêm com elle muitas Nações, senão de todo ficamos aviados, e não teremos mãos a medir. Que genero de Commercio de expottação, que com tanto apparato tenho inculcado, he este? Senhores, não os devo conservar por mais tempo suspensos; este Commercio de hum genero de exportação, e tão lucrativo, para os que levarem este genero — são *SATISFAÇÕES.* — Quem as quer, aqui as vem buscar, ou tirar, e espera levar quantas quer, e com dinheiro em cima! Queira Deos que aos Agentes dos nossos negocios nos Paizes Estrangeiros senão fação para cá muitas encommendas deste nosso genero de exportação. Quando os Embaixadores do Sofi da Persia as pedirão a Affonso de Albuquerque, subindo o Portaló da sua Náo fundeada na pequena bahia de Ormuz, e a quem na tolda mandou que na sua presença tirassem os Carapuços (os Turbantes), porque fallavão com o Governador da India por ElRei de Portugal; tambem mandou içar do Porão os Caixotes das partazanas, e das panellas de polvora, e lhes disse que alli tinhão o primeiro terço da contribuição, as partazanas para o buxo, e as panellas para lhes fazer em cinzas os seus alterosos juncos. Estas erão as satisfações que os Portuguezes davão ao Sofi, ou Imperador da Persia. E ha Portuguezes (eu já o ouvi) que queirão que se dêm aos Sansculotes das lamas de París! Eu sobre esta materia não escreverei mais huma palavra, e se me perguntão porque? Respondo — Porque tenho vergonha. — Vamos, vamos, eu não tenho senão huma amostra de vida, que se vai já, e já á violencia de dôres calculosas; vamos, vamos, sentém-me n'hum canto, que ao menos farei cartuchos, porque dedos que ainda segurão a penna, tambem enrolão papeis. He só a força descoberta, e não as nauseantes negociações de Ministro a Ministro com mais Notas, que as do Banco, em que nada se conclue, e nada se aproveita senão as occasiões de se protestarem mutuamente de serem muito amigos, sem se terem visto em dias de sua vida, a que póde repellir a aggressão injusta, que não farião os mesmos Argelinos nos dias do seu maior poder, ou os ladrões do Pinhal d'Azambuja; senão accommettemos como Portuguezes, então levão-nos a fazenda, e a honra, que he perda que se não repara, e erros em Politica nunca se remedeão. Pois com hum Rei impavido, qual por certo não foi o mesmo Carlos XII, que hirá por si, e sem Ajudante de Ordens, acordar os Soldados na tarimba, e que n'hum Exercito em marcha nunca tomaria o lugar do centro, mas o da frente, poderiamos acaso, não digo eu temer, mas duvidar da victoria? Mas deixemos tudo isto á Sabedoria de Sua Magestade.

A cousa que mais me tem feito bater o coração nesta inesperada crise, não he o descaramento Francez de nos fazerem guerra de Piratas nas embocaduras do Téjo, o que me põe mui perto da sepultura; mas o vêr caras de alguns Portuguezes banhadas de alegria que lhes trasborda do coração pela continuação deste vilipendio que recahe sobre a Nação inteira, não só pela ruina que nos causa, mas pelo pejo de que nos cobre. Talvez que estas minhas reflexões (me dirão) sejão filhas do meu impaciente Patriotismo, e não da minha razão, e natural justiça, porque ignoro as causas. A mim não me importão motivos, quando vejo taes effeitos. Eu sou hum triste homem do Povo, não sei senão o que vejo: não tenho Titulos, nem Habitos, nem Chapas, nem Commendas, nem Commandos; não tenho que perder senão a vida, mas não quero perder a honra. A nossa polvora tambem arde, e os nossos Canhões não estão todos encravados; e perdermos batalhas sem as dar, se nos Portuguezes não póde ser cobardia, he por certo huma

loucura. Se eu podesse ser atrevido, diria que era patrocinio da traição; e como se chamão os Grandes, que estão na Ilha Terceira, e porque estão na Ilha Terceira? E que tem feito na Ilha Terceira? He huma fatalidade, mas huma verdade, o que vou a dizer. Todos os Reis que em Portugal merecêrão com justiça a Antonomasia de Grandes, tiverão que punir traidores, e sempre d'alta classe. D. Sancho II, diga o que quizer a calumnia, foi hum grande Monarca, a quem as Praças devem as suas muralhas, os rios suas pontes, as charnecas sua cultura, as Cidades seus Templos: e quem o fez ir morrer a Toledo? Os Grandes, e os Validos. Que maior Monarca teve Portugal que D. João I? Quem forão os traidores que contra elle apparecêrão nos Campos d'Aljubarrota, misturados com os Castelhanos? Os Grandes; até hum irmão do Condestavel lá ficou estirado no Campo da batalha. Quem carregou a espingarda ao Escrivão Domingos Leite, vindo de Guimarães para matar ElRei D. João IV na rua dos Torneiros? Os Grandes. Quem conspirou contra elle para lhe arrancarem das mãos o Sceptro, e entregallo aos Castelhanos? Os Grandes. Pois o Rei que agora temos, quando o não fosse, como he, pelo Nascimento, pela Dynastia, pelas Leis, primeiras do Reino, pela Ordem da Successão, pelo Voto unanime de toda a Nação legitimamente representada, nós, como homens vendo nelle todas as qualidades de hum Grande Rei o deviamos tomar nos braços para o sentarmos no Throno; em qualquer Monarquia, se fosse electiva, lhe farião o mesmo; pois contra elle ha traidores, e tão alliançados com os traidores da Ilha Terceira, e que com suas mutuas maquinações nos pozerão em estado de verdadeiro sobresalto, e são os que lá por fóra suscitão contra o Reino a rapacidade Franceza. E porque? Não ha effeito cuja causa mais claramente se descubra. Não quiz, não quer, nem quererá nos seus Reinos Pedreiros com outra cara, isto he, Cavalleiros da Liberdade. Se os consentisse, logo era o Legitimo, logo era Numa Pompilio, era Augusto, era Tito, era Trajano, era Marco Aurelio, para ser, passado algum tempo, cousa nenhuma: mas como não toléra, nem se serve com Pedreiros, nem quer as formosas, e encantadoras Camaras com a lindeza das pelles, e fluctuantes cocáres, que do pé para a mão fizessem Leis, como as que fizerão, estremando o Arróz d'Asia do Arróz do Maranhão, cousa que ao passo que honrava tanto a profundidade, e perspicacia do engenho humano, salvou, como vemos, o Reino das unhas da penuria, e da miseria; como não consente, nem quer estas puerilidades, e visagens de Legisladores de promessa, ainda que tudo levasse agua no bico, então em seus desaforos, ditos, e impressos, he Tiberio, he Nero, he Domiciano, Diocleciano, e cousas que não tem resposta senão nas mãos do Carrascó, se aqui se apanhassem as goellas donde ellas sahírão. Com traidores ao longe, que se dão a conhecer, com traidores ao perto, que se mascárão, e que, debaixo dos uniformes de servidores, talvez escondão o punhal do assassino, e o veneno do cobarde, porque a tanto os obriga o juramento da Seita, pois de mercês, e beneficios, de honras, e distincções estão ellés cheios como preamar pelas hervas, como póde o Reino prosperar, e ir ávante, malogrando-se todas as precauções, e providencias, do verdadeiro zelo e prudencia, porque todas ellas são perfidamente reveladas antes que se ponhão em obra, ou se mandem á execução? Toda a minha politica sobre a conservação, e salvação deste nosso Reino se reduz á idéa mais simples, e natural. D. Fernando VII e D. Miguel I são dous Monarcas estreitamente unidos pelos vinculos do sangue; se assim como tem esta união pela natureza, tiverem a das armas pela Politica, fazendo que

a causa seja só huma, e o interesse hum só, a Europa se equilibrará, e a Nação perfida, revoltosa, e inquietadora, e o *Supremo Conselho Director*, terá na bôca hum freio, que nunca tóme nos dentes. Se o Ceo ouvisse, e cumprisse este meu patriotico, e sincero voto, então podiamos dizer até com o tom Dictatorio do Mestre Fr. Mattheus — nada temos que recear — e não tornariamos a vêr o que estamos vendo. Vou expôr á consideração, e ao horror o que resta dos Estatutos da Ordem dos Cavalleiros da Liberdade.

Quando em a determinação 7.ª do Cap. 4.º = Das condições para ser recebido Cavalleiro da Ordem da Liberdade = se manda que do Exercito activo se escolhão, e se admittão Officiaes inferiores, se accrescentão estas bem notaveis frases — *Raros Officiaes, huma vez que não tenhão dado provas do seu modo de pensar;* — Isto tem duas razões, ou por que estão na carreira do avançamento, que não se lhe nega, ou por que estejão persuadidos, que no transtorno geral da Revolução o seu estado póde tomar huma direcção menos vantajosa; por que então a escada volta-se, ou por que não vivem em tão proximo contacto com os soldados, e a resposta, a allicíação para a revolta póde ser huma baionetada nas tripas, e isto he cousa muito indigesta. A restricção he notavel — *Huma vez que não tenhão dado provas do seu modo de pensar* — isto he, huma vez que não sejão Pedreiros conhecidos, matriculados, e juramentados, porque então são páos para toda a obra, e a cousa vai segura. Se o Official for hum impio, hum incredulo, hum traidor, hum descarado, e até hum bebado, seja de que Patente for, tem todos os costados requeridos, não para a Ordem de Malta, e de Calatrava, mas para a Veneranda *Ordem da Liberdade*. Em certos Corpos Militares tem a mesma Ordem por onde escolher á sua vontade, quando os que se chamão Officiaes se dão ao estudo das Exactas, que no momento do combate, não sei que tenhão fagar. Blondel fez huma Arte de deitar Bombas, e nunca determinou ao certo qual fosse a extensão da base da curva parabolica, que ella descreve; cahe aqui, cahe além, cahe onde ella quer, zomba dos calculos das distancias da parallela á muralha; e por entre estes calculos entra muito seguro, e direito o Maçonismo, communicado de Lentes a discipulos, muito principalmente se o Mondego lhes offerece passeios em suas apraziveis ribeiras. Daqui vem os Officiaes *para darem provas do seu modo de pensar*, que vem a ser, nem Throno, nem Altar. Vamos á consideração, e observações do 5.º, e ultimo Capitulo, que assim se chama: —

Formalidades, que se devem observar na recepção.

« Todo o Cavalleiro tem direito de receber outro, e he mes-
« mo isto hum dever a que se obriga na sua recepção. Hum Ca-
« valleiro só póde receber hum unico por cada vez, e em lugar se-
« guro, *affastado totalmente de testemunha.*

Ainda que seja para a recepção de hum Frade Capucho, ou Bento, sempre ha, e sempre apparecem seus convidados, tem parentes, tem amigos, tem conhecidos, até a mãi do noviço tem suas amigas que leva comsigo, que chorão muito, mas logo se calão. Tudo isto se executa em pleno dia, e com a maior publicidade: com os candidatos das outras Ordens, até dos Militares se pratica o mesmo. Nas Academias, que se chamão de Artes,

ou Sciencias, quando se recebe hum Socio, que leva o seu recadinho estudado, que elle mal repete, e a que mal se responde, he para elle, e para os que lá estão huma festa pública, he hum dia de S. Martinho. Pois para receber as insignias de Doutor? He huma Cavalcata pública como hum bando dos Touros, ou dos Arlequins. Todas estas formalidades se dispensão na recepção do Cavalleiro da Liberdade, he gente muito modesta, não quer apparatos. Em toda a parte desejarião ter as solidões de Valumbrosa. Aqui em Lisboa vai o Cavalleiro professo com o noviço recipiendario de passeio até os Arcos das Aguas livres, e no meio, não apparecendo folgo vivo, como se ajustão dous ladrões para roubarem de noute huma Igreja, ou assaltarem huma casa em despovoado, o recebedor repete a laconica arenga, o recebido escuta; e quando se dá o abraço fraternal, cada hum volta a cabeça para seu cabo, não seja o Diabo negro, que os veja alguem; fica a grande ceremonia acabada, e conversando alto nas occorrentes novidades politicas, dão ambos comsigo na primeira taberna, onde com repetidas libações se consuma o sacrificio, e se apartão para ir cada hum a seu destino, o recemprofesso, considerando na rede em que cahio, e o Padre Mestre no peixe que apanhára.

Quem obra mal, nos diz o Evangelho, abborrece a luz, e não sahe das sombras para se não manifestarem suas pessimas obras. Recrutar sem testemunha, e professar fóra da communicação, e vista dos homens, são acaso cousas que obriguem o Mundo a julgar bem de huma similhante sociedade? Ralhava-se muito, ou com razão, ou por lisonja, do — Mónita Secreta — dos Padres da Companhia, e era cousa, que se achava impressa; e que havia alli? Apenas alguma innocente manha, para fazer com que o moribundo, que dictava as verbas do seu Testamento ao Tabellião para as afogar em palavras que delle tirão o nome, deixasse esta, ou aquella Quinta aos Padres da Companhia; isto nem reprehensivel he, por que cada hum chega a braza para a sua sardinha; mas associar-se ás escondidas para depois dar cabo da Ordem Social, destruindo todos os principios da administração pública, civil, politica, e religiosa, não apparecendo de todos estes formularios nem huma só letra, ou escripta de mão, ou estampada na imprensa, he o objecto do maior cuidado, e do maior receio, que os homens em sociedade podem ter, e sobre o qual nunca poderá ser excessiva toda a vigilancia dos Soberanos, e seus bem intencionados Ministros. Tudo isto ainda he pouco para o que vamos vêr, e ouvir.

« Será o recipiendario primeiramente instruido *de palavra*, da existencia da Sociedade, e do fim que esta se propõe; depois prestará o juramento nestes termos = *Juro ser fiel aos Estatutos da Ordem dos Cavalleiros da Liberdade; se os atraiçoar, deve a morte ser o meu castigo* »

Ha bem que notar préviamente neste horroroso juramento! O recipiendario nada sabe, e nada se lhe diz; e como póde elle penhorar a sua vida para a conservação do segredo de huma cousa, que até alli se lhe não tem declarado? O seu castigo será a morte se os atraiçoar? Cousa inaudita! Tomara que apparecessem aqui em róda de mim todos esses assanhados que tanto tem ralhado, e ralhão da obediencia cóga, e da obediencia passiva! Se isto se exigira de hum Cathecúmeno, que na ordem da Religião se preparasse para receber o Baptismo, que dirião os Filosofantes do espirito da Religião Catholica! A que chamarão atraiçoar os Cavalleiros? Sugeitar-se, sem saber por que, á pena de morte? Quem será o executor desta pena? Em que Tribunal se proferirá esta Sentença, e de que Processo será ella consequen-

cia? Pena de morte, que na conformidade das Leis justas, e promulgadas pelos Soberanos, não se executa em qualquer réo, cujos delictos a mereção, não he justiça, he hum verdadeiro assassinio. Os Cavalleiros que a executarem são criminosos assassinos, e n'hum Estado não póde haver outro Estado, e n'hum Estado o poder de hum Soberano he indivisivel. Que existencia, que segurança póde ter, ou prometter hum Reino, dentro do qual existão estas monstruosas anomalias? Sem o tal exterminio, e para elle huma sincera colligação de todos os Soberanos que de coração queirão a conservação, e estabilidade de seus Thronos, e que não queirão vêr, hum apoz outro, cahir-lhes da fronte o Diadema, nada se faz; porque de todas as revoluções, de todas as guerras, e de todos os transtornos politicos, de todas as traições, e perfidias dos Ministros, ou dos Gabinetes, são elles a unica, e proxima causa. O primeiro motivo, ou causa final da instituição desta infernal Ordem de Cavalleiros, he formar huma intima ligação para com a força, ou occulta, ou descoberta, proscreverem tudo o que se chama Aristocracia, e com os esteios da Realeza acabar tambem com todos os Soberanos, por que não conhecem, nem querem outra Soberania mais que a Popular, e em todo o Mundo huma federação, ou confederação de Republicas. Pois a huma Liga se deve oppôr outra Liga; mas sem delongas, e esperdicio de tempo. Elles ligados contra os Soberanos, os Soberanos contra elles, em quanto os mesmos Soberanos tem á sua disposição maior copia de meios para se conservar, que os seus inimigos podem ter para os destruir. Se isto se despreza, ou perfidos Ministros pelos Gabinetes Europeos esparzidos, fizerem adormecer os Soberanos, assegurando-os que nada tem que recear sobre a sua estabilidade, então os Povos quando menos o cuidarem, como se vio em França na primeira revolução, sentirão no pescoço o ferreo jugo de quatrocentos, ou quinhentes Tyrannos, que tragão na bôca a Liberdade, e nas mãos os grilhões, e as cadêas.

Homens juramentados desta sórte, sem apparecer materia explicita sobre que recáia o juramento, sem reconhecerem outra razão, e outra justiça mais que a vontade de seus cabeças, e superiores, e vontade não expressamente motivada, espalhados no meio da Sociedade Civil, e fazendo huma parte della, constituidos nos lugares administrativos de Justiça, e de Fazenda, postos muitas vezes, como se tem visto, na frente de corpos armados, e arbitros da sua força, encarregados da educação pública, objecto em que elles não causão de fallar, que se póde esperar delles? O que tão dolorosamente tem mostrado a experiencia. Nenhuma confiança nas armas, huma escandalosa, e funestissima dilapidação das rendas do Estado, hum augmento progressivo no *Deficit*, que desvanece toda a esperança de remedio. Hum atrazo acintoso no pagamento de tudo, e de todos, que attrahe a desesperação, e produz os mais funestos effeitos em todo o corpo social, augmenta o descontentamento público, torna odioso o Governo, que se desvéla em achar recursos, que mui de proposito se lhe difficultão, ou retardão, fazendo perder o crédito a huma Nação inteira, em quanto as Harpias, e sanguesugas engordão, e se opulentão com as lagrimas do desamparo, e com os gritos da mendicidade: eis-aqui a obra dos Cavalleiros da augusta Ordem da Liberdade, que tem accelerado, e feito romper as Revoluções em tantos Reinos como agora vemos. Não foi a Lei das eleições, nem os acumulados Decretos de Julho quem a fez rebentar na França, forão as causas que aponto, e as incessantes maquinações do Supremo Conselho Director, que como tantas vezes tenho insinuado nestes, que parecem frivolos aranzeis

existia em París, e que tinha destinado o anno de 1830 para se dar principio á explosão geral. Deos tem posto sobre Portugal o Escudo impenetravel da sua misericordia, e se permitte que sintâmos, e vejâmos huma amostra de ignominia, e de prejuizos, he para nos despertar, e pôr em guarda contra tantos inimigos. Deos mandou a ElRei Saul, que exterminasse a Nação dos Amalecitas sem deixar vivo hum só individuo, se assim o não executasse perderia o Throno, e depois a vida, e que este era o meio de salvar todo o Povo de Israel: assim se executou o mandamento de Deos, tudo foi passado aos fios da espada: mas ElRei Saul quiz perder-se a si, e o Reino, chegou-lhe a molestia da Amnistia, e concedêo Amnistia a hum só daquella Nação, que foi Agag, Rei dos mesmos Amalecitas; terrivel exemplo, e admiravel lição para todos os Monarcas!

Hum só Cavalleiro da Liberdade he peor que todos Amalecitas juntos, estes oppozerão-se simplesmente á passagem dos Judêos para a Palestina, os Cavalleiros da Liberdade não querem Monarcas no meio das Nações, nem querem Deos no governo do Universo. A França prova actualmente huma similhante verdade. Se o exterminio dos Cavalleiros fosse como o dos Amalecitas, a paz não se perturbaria na Europa, assim como por tantos annos se não perturbou em Israel, depois que o amnistiado Agag teve a mesma sorte que os outros tiverão. Vamos admirar a ultima disposição destes fataes Estatutos, que tantos damnos tem causado ao Mundo, depois que em 1816 os Mações para continuarem com outra cara, e menos apparato, os redigirão.

« Antes da prestação do juramento, deve o recipiendario obri-
« gar-se a nunca revelar o nome do Cavalleiro que o recebêo. Não
« poderá preguntar *quem são os Chefes da Ordem, nem os nomes dos*
« *Membros dos Conselhos*, huma vez que o que o recebe não julgue
« dever-lhos dizer, e usando com tudo das maiores precauções.

« Todos os Cavalleiros da Liberdade devem amar-se, aju-
« dar-se, proteger-se reciprocamente, cada hum segundo as suas
« faculdades, e seus recursos. »

Tal he o acto fundamental, a Magna Carta, a que se liga a organisação desse Governo occulto, desse Supremo Conselho Director, e dos Conselhos de Correspondencia, que desde 1816 não tem cessado de trabalhar na obscuridade para assegurarem a vindicta do Jacobinismo vencido pelas duas Colligações Européas de 1814, 1815. Tal he a associação dos Conspiradores, que tem successivamente atacado os Thronos de Napoles, Piemonte, Hespanha, e Portugal, e que em ultimo lugar operárão as Revoluções da França, da Belgica, e da Polonia. Pérfidos monstros!! A sua maldade brada ao Ceo, pelo exterminio, qual tiverão os Amacelitas. Nos dias de Julho se vio em Paris começar a insurreição, gritando — Viva o Rei, Viva a Familia Real, e Viva a Carta! No mesmo instante se ouvio o grito do Supremo Conselho Director, que expulsou esse mesmo Rei, e sua familia, e abolindo a Carta.

Este Documento depois de ter sido achado, foi remettido ainda em tempo muito conveniente á Authoridade Suprema, que recebeo simultaneamente de outras partes informações concernentes á existencia, e trama de huma sociedade secreta, que tinha por objecto derrubar todas as instituições em que repousa o systema politico, e administrativo da Europa. A' vista disto he cousa digna de pasmo, que o mesmo Governo Francez, e todos os

outros Governos não hajão de commum acordo empregado todo o seu poder para destruir desde seu berço esta associação, cujas intenções, e espirito se conhecerão desde logo por seus Estatutos, e por suas reuniões no mesmo *Club* Director. Pelo contrario estes mesmos Governos, trahidos sempre, sempre enganados pelos supostos da mesma Ordem, finissimos Hypocritas nos Gabinetes, a deixárão dilatar, crescer, e tornar-se formidavel, não desistindo ainda, antes indo ávante com descaramento, e pertinacia a ponto de pôr em perigo todas as Monarquias, com huma especie de ostentação insultadora, como se já tivessem vencido o Mundo inteiro! As consequencias de tão grande, e inexplicavel descuido, e apathia, já as vemos de perto, e me parecem que vão custar á Europa rios de sangue.

Deste lugar, em que isto escrevo, vejo huma grande porção do Tejo, e ao longo da terra ahi passa huma Moleta, e a seu bordo immensa gente apinhada, e gente miseravel, com suas trouxinhas sobraçadas, como quem foge de hum incendio, ou escapa de hum naufragio; as mesmas aguas parece que sentem, e se entristecem com tão miserando espectaculo; só alguns Monges de Rastello, que em 1826 tanto de suas mesmas janellas insultavão os homens de bem, mostrão huma inexplicavel alegria, como se já chegasse a hora (como no tal anno lhes chegou) de sahirem para a rua a passeio com gabinardos azues, saiotes de panninho, e botas de hum lustrosissimo verniz Britanico; e isto nas barbas de huma Companhia de Policia, que parece que não tem cartuchos. Isto não he deslocado, porque o escandalo não pode ser mais público, nem o Malhadismo mais descarado. Mas deixemos as cousas áquelles a quem pertencem. Para os taes não edificárão Mosteiros os Reis de Portugal. Eu tenho desculpa, porque as apupadas, que me derão, deixárão eternos éccos nos meus ouvidos, e eu como estou com os pés para a cóva, gósto de pagar as minhas dividas, e não deixo cá quem depois da minha morte as pague nesta moeda. A vista destes naufragos do Piratismo me excitou estas idéas: a mesma vista me obriga, mas com muito medo, a fazer huma pergunta: Não será este o Caso *fœderis*, de que tanto nos fallava o Mestre Canning! Eu cuido que he, e que he o mais expresso, e o que mais explicitamente se declara nos Tractados. Se he *Casus fœderis* para a intervenção armada, a volta de huns poucos de Portuguezes, que querião vir para a sua terra vedar a ultima ruina da Monarquia, e sustentar o Throno de seu unico, e legitimo Soberano, e dar dous pontapés na Constituição de Francisco Gomes, feita por Palmella, Barradas, Borges, e Companhia, que sem se lembrarem que erão elles, e não o Rei, que a fazia, alli introduzem o Rei a tractar-se a si mesmo por Magestade, cousa que faz rir a propria melancolia; quanto mais será o *Casus fœderis* huma aggressão violenta, e huma guerra, cuja prévia declaração são hostilidades, e latrocinios, guerra pérfida, e de Corsarios, de que tem resultado tantos prejuizos: e sendo tão grande o da fazenda na apprehensão de tantos vasos com tão importantes carregações, que reduzem á mendicidade seus proprietarios, eu ainda reconheço, e deploro outro prejuizo ainda maior, e de mais funestos resultados, e vem a ser exaltarem-se os animos dos revolucionarios internos, que considerão naquelles barbaros aggressores hum ponto, como se diz agora, hum ponto de *apoio*, em que se firmem para a nunca esquecida revolução, por tantos modos, e por tantas vezes intentada. Já fallei nas públicas demonstrações de alegria, que se tem observado em certos escandalosos Monges, mas nelles não se limita só, todos aquelles, que a verdade apontava com o dedo em 1826, e 27 por superfinos Liberaes se mos-

trão inundados de contentamento, e banhados em ondas de agua de Cordova, e de Rosas. O soffrimento cansa, e até se evapora, não me admirarei se me vierem dizer: lá fôrão muito bem apaleados, e corridos grupos, e grupos de conhecidos malhados, por insolentes, e claramente revoltosos; pelos arruamentos da baixa algumas Lojas de Patrões, e Caixeiros conhecidos estão fechadas; a Policia com seus Agentes, e com sua respeitavel Força armada vigia, e trabalha acima do que podem as forças humanas, os dous Chefes, o de Toga, e sobre tudo o de Espada, não descanção, de mãos dadas, para manterem o socego público, e com justiça querem que se deixe á Justiça o que he de suas privativas attribuições; mas elles conhecem bem que tantos homens cheios de trabalho, e de miseria, sem pão com que fação calar a bôca a tantos filhos, que lho pedem, com os braços involuntariamente ociosos, porque os trabalhos cessárão, porque onde não ha meios para o consumo, não pode prosperar a industria; e outros motivos, que são públicos e por isso os não allego, e ainda em cima insultados porque são amigos de ElRei, promptos a darem por elle a vida, até com o ollar soberbo, e arrogante, soltando palavras ameaçadoras; chegão com tudo isto, carregados de insultos ao ponto da desesperação, e tão suffocados que a Natureza lhes pede algum desafogo. A mão de Deos, que está sempre estendida para nos defender, tem até agora suspendido maiores excessos. Provocar desesperados he promover desgraças, e a maior dos Portuguezes he verem-se neste estado. De 1807 para cá perdemos o socego, porque perdemos a união, e no momento em que se declarão partidos, acabou-se a ventura dos Portuguezes. De muito longe vinhão, mas calados; a apparição dos Francezes fez apparecer o que se não esperava; rasgou-se o véo do Maçonismo; e que personagens nos apparecêrão com a Tróiha na mão! Quanta gente virada de dentro para fóra! Ainda alguns dos que me apparecem hoje, me apparecêrão então. Que muito que agora queirão o que então querião? Então tivemos Alliados, que acodissem, agora parece que nos abandonão. Pois eu digo que nós precisavamos mais de Alliados por mar, do que de Alliados por terra. Quando o Soldado Portuguez pode vir braço a braço com o seu inimigo, o murro do Soldado Portuguez quebra mais, e parte em mais pedaços hum craneo Francez, que o arqueado alfange do maior Ferrabraz Sansculote. Sempre na terra lhe vimos os calcanhares, e toda a planta do pé, que era tão ligeira em fugir, como a mão era prompta em roubar. Agora por mar... Bem disse o Frade Bento, que fez o Manifesto do Porto, que a *nossa Marinha estava podre*. Dêo-lhe o bicho no Rio, quando para lá a levárão. Isto he a Marinha material, e a outra Marinha? Tem morrido muita gente, acabou-se, e por isso torno a dizer, que no mar necessitamos muito dos nossos antigos, e fieis Alliados. Acodirão a manter a Carta, que era hum papelote, que só tinha huma serventia posterior... São generosos, magnanimos, fieis aos Tractados. Troquemos as condições, elles na terra necessitárão de nós, e agora nós no mar necessitamos delles. Que triste recordação! Mas com aguas passadas não móem moinhos. Nós nos mares do Occidente, e nos mares do Oriente fizemos tremer a terra, agora parece trememos na terra de quatro calhambeques no mar. E porque não apparecerá este tão estipulado contingente? He verdade que eu não julgo tão acabada a prata de casa, ainda vejo por esse rio a que nos tornemos, conheço que demanda isso grandes despezas, e pelo estado das cousas grandes vagares. Quem pode explicar isto? Tratava-se de huma Festa Civica, não era preciso que fossem buscar o Mamí, cahia das nuvens, apparecia dinheiro logo,

e logo se despoveava as Estancias de barrotes, para cuchet de cabo a rabo a rua dos Fanqueiros de triangulos Maçonicos illuminados, e o Largo de S. Paulo metia n'hum chinello as luzes do Firmamento. Com tantos lumes nem tudo ardeo, ainda as paredes estão muito quentes, e untadas; mas o patriotismo evaporou-se, ou se converteo em fumo. Os Theatros deitavão gente fóra ás pás, havia dinheiro; agora nem á bala pódem metter gente dentro, porque não ha dinheiro! O panno de veludo franjado de ouro, que cobria a canastra, em que se depositavão os restos mortaes de Manoel Fernandes, custou hum conto de réis; agora não ha quem dê hum real para cobrir de cobre o costado de huma Fragata. Apparece (cousa portentosa!) huma nuvem espessissima de emprestadores de dinheiro, sem nenhum limite, sobre penhores de ouro, prata, e brilhantes, e não ha quem preencha hum emprestimo tão vantajoso para os mutuantes, e isto na maior urgencia do Estado, com os inimigos á porta, e huma insaciavel rapina extinguindo o commercio, mingoando a importação dos generos necessarios, e augmentando a miseria pública, e particular com a ruina proxima de tantas casas, e de tantos individuos, e os meus ricos Monges com merendas na cerca, e sobre as lautas mesas pejadas de botelhas de Tokai, Moscatel, e Carcavellos, a festival alegria estendendo as niveas, e purpureas azas, e o murrão acceso para mandar á mais alta região dos ares a girandola annunciadora da chegada de Pedro Pastareiro na Esquadra da Republica Açoriana com os dous Consules Villa-flor, e Saldanha, já designados nas noutes da archotada, com os Lictores adiante, trazendo aos hombros as varas, e as segures para castigar os rebeldes, e n'hum Cofre marchetado de Tartaruga da terra, o Pergaminho original das Côrtes de Lamego, que com preferencia aos Varões na ordem da successão chamão ao Throno hereditario a Joven Viajante Senhora Princeza do Grão-Pará, conforme a interpretação, e intelligencia do Doutor José Ferreira Borges, com hum Decreto, que manda calar o bico aos Tres Estados do Reino. Não irão os taes Monges de madrugada a Matinas, mas aos Terrassos assestar os Telescopios, e saudar a invencivel... oh!

São isto arcanos, que se não decifrão, senão com o Alfabeto Maçonico, mais facilmente pela consideração da loucura do seculo, e pelos principios da revolta geral, que em todas as partes vai dando signal de si. Este anno de 1831 por certo nos vem trazer o desfeicho deste fatal duello da Religião contra a impiedade, da Justiça contra o crime, da força contra a rebellião, da Soberania contra o Maçonismo, e o direi em huma só palavra, do Neva contra o Sena, que vem a ser, da virtude contra o vicio. Esta he a crise para todas as Nações. As mais sagradas Instituições, as mais antigas, as mais conformes aos sentimentos dos Povos, as mais authorizadas pelo consenso universal, tudo, e todos estão ameaçados de hum universal transtorno. Não ha outro tribunal em que tão grande causa se julgue, senão o das armas. No estado, em que vejo o Mundo, só na ponta da espada, e na boca do canhão existem os Direitos da Soberania, e os da Legitimidade. A' federação Republicana, que tanto inculca, e se assoalha, que he centro para onde convergem todas as miras, e todas as intenções do Maçonismo, se deve oppôr a federação Monarquica, quero dizer, a colligação de todas as Potencias, a união de todos os Thronos. Acabem para sempre as rivalidades sobre a extensão, e limites de territorios. A causa he só huma, a *conservação*, e não se sustenta senão pela liga e união armada de todos os Soberanos.

Parece-me que estou ouvindo dizer a certas cabeças entre nós = O Padre, pela decrepitude, delira, não sabe o que diz: somos Grandes, e por tanto nada ignoramos; querer instruir-nos, e desenganar-nos he punivel atrevimento. Se, a muito conceder-lhe, entende o Breviario, em lugar de escrever, reze.... Sim, Senhores, farei o que me ordenão, e ficarei calado.

Pedroiços 17 de Junho de 1831.

José Agostinho de Macedo.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1831.

Com Licença.

O DESENGANO,

PERIODICO POLITICO, E MORAL:

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

N.º 23.

Salus Populi suprema Lex esto.

Que cousa he hum Malhado?

A resposta a este simples quesito não he para ser dada por hum homem só, ainda que o supponhamos o mais sabio, prudente, e experimentado de todos os homens; nenhum daquelles, que vão de muitos Paizes, e diversas Nações a Londres aprender a pensar em oito dias, e cuja cabeça torna tão cheia de vento, e de sciencia, quanto o bandulho abarrotado de Cerveja: que digo eu? Nem huma Academia em corpo, e em sessão permanente, por mais que barafustem com o juizo (caso que o tenhão) darão huma exacta definição deste repetido termo — *Malhado* —; sejão as qualidades ou boas, ou más, cada individuo tem huma qualidade destas duas classes, que o distingue, e por onde se conheça, e até agora ainda se não vio, nem conheceo hum homem, que seja em tudo bom, e em tudo máo; de huma, e outra cousa ha huma certa mistura no composto humano, e parece ter sido esta a ordem invariavel da Natureza: nem tudo absolutamente bom, nem tudo absolutamente máo; por mais que os Filosofos se hajão dado com profundo estudo ao conhecimento do homem, nada mais achárão que hum pouco de bem, e hum pouco de mal. Mas quando os Filosofos disserão isto, e disto nos deixárão tão doutos escritos, quaes são os de Platão, e os de Marco Tullio, ainda não tinha chegado o Seculo dezenove, que com os seus prodigios confunde toda a Filosofia, e desmente todas as Historias. He verdade que Juvenal, magestoso Poeta, sublime Moralista, e implacavel inimigo dos vicios, em mui poucas expressões, mas ardentes como o fogo, tratando de hum monstro vestido de purpura, disse que era — *monstrum nulla virtute redemptum* — hum monstro, a quem nem huma só virtude podia livrar, ou remir deste nome: parece que como inspirado nos dava a lapis hum ligeiro bosquejo do monstro, a quem nós agora chamamos — *Malhado.* — Todos os crimes, todos os vicios juntos, nenhuma virtude. Isto he hum monstro da Natureza, que, assim como não fez homem algum inteiramente bom, tambem não fez homem algum inteiramente máo. Formem-se

exactissimos Catálogos de todos os vicios, e delictos dos homens. Desde o principio até ao fim, a cada nome, devemos accrescentar — *Malhado* —: cada termo não ha de ficar só no positivo, ou comparativo, ha de subir sempre ao superlativo. Queremos dizer que hum Malhado não tem vergonha, não nos podemos limitar ao simples termo *desavergonhado*, havemos dizer *desavergonhadissimo*, aliás não fallamos correctamente. Eis-aqui porque eu disse, que nem hum homem, nem muitos homens poderão jámais dizer que cousa seja hum Malhado. Não se poderá dizer que he hum Diabo, porque este não he tão feio como o pintão; e hum Malhado ainda he mais feio, e horrendo do que o retratão. Definição em rigor Logico não se pode dar, porque nelle tudo se confunde, o genero, e a differença. Hum Malhado não he isto, nem aquillo, nem menos se pode dizer que he esta, ou aquella especie de mal, porque he todo o mal junto, seja qualquer que for a especie, debaixo da qual, ou na qual se considere. O mesmo Aristoteles, grande mestre da escóla velha, que por certo era melhor que a nova, com todas as suas summulas, e cathegorias ficaria confundido. O profundo *Kant*, que neste Seculo em Metafysica teve seus visos para poder ser chamado o Aristoteles do Norte, se o apertassem com huma definição de Malhado, ficaria tão engasgado como eu, que sou hum pedaço de asno nestas transcendentes abstracções, pois elle disse que hum páo quando o vemos, não existe fóra de nós, mas dentro em nós mesmos: assim se lê no Compendio, que em Francez nos dão da Filosofia de *Kant*, Mr. *Villiers:* melhor fôra que este páo, que elle via dentro em si, elle o sentisse fóra de si, mas nas costas, com pouco tempo de folga na hida, e na vinda. Tornemos ao Malhado, tão facil de conhecer, e tão difficil de definir. Já vemos que hum homem só, nem muitos homens juntos não podem dar a definição de Malhado, e se a derem ficará tão escura, e inintelligivel como a que dão Aristoteles do movimento, dizendo — *Est actus Entis in potentia, quatenus in potentia:* — he huma acção do Ente na potencia, em quanto na potencia. — Ficamos em jejum sobre o movimento, e em jejum ficaremos sobre o Ente Malhado, se o quizermos definir. Talvez que haja algum destes genios decisivos, que fallando do conhecimento das cousas, dão huma definição vaga, e ficão muito contentes, que me diga em tom de desatar, como Alexandre, o Nó Gordio: — Hum Malhado he hum patife. — Eu sou mais escrupuloso, eu quero cousas, e não me satisfaço com palavras, que não correspondem exactamente a huma idéa: sim, Senhores, he hum patife, mas que patife? Patifes ha muitos, huns confundem-se com os outros, e hum Malhado he inconfundivel. Com hum Malhado não ha quem se pareça senão outro Malhado. Concedo que he patife, mas he só patife? Ainda que se diga que he patife em tudo, não fica definido, porque ha acções n'hum Malhado, que são mais que patifarias. Eu não sinto confusão alguma em confessar a minha ignorancia, porque me consolo com os mais profundos pensadores, porque nesta infernal materia tanto ignoro eu, como ignoráo elles. A sciencia, que eu posso adquirir, he saber que nada sei, quando devo fazer saber aos outros que cousa seja hum Malhado. A não ser o Mundo inteiro, sem abstrahir huma só das suas partes, eu não sei que possa haver quem diga que cousa seja hum Malhado. Mãos á obra, lancei o dado, veremos o que sahe. Considerarei as cousas em geral nas mesmas partes de que se compõe o Mundo, depois con-

siderarei as porções mais miudas, de que se compõe cada huma das partes deste Mundo de que eu fallo, que he o Mundo Politico, e o Mundo Moral; ainda simplificarei mais a cousa. Dizem que o Mundo se divide com huma linha em dous Hemisferios, o de baixo, e o de cima. Eu chamo a juizo o Hemisferio de baixo, para vir definir com seu Continente, e Ilhas adjacentes que cousa he hum Malhado, e tão grande cousa he hum Malhado, que he preciso tudo isto para se saber quem, e o que seja neste Mundo. Venhão primeiro os seus Imperios, e não menos de quatro apparecem já, falta o quinto, porque não o acabou de fazer o Padre Antonio Vieira, porque o Imperador que havia de ser, deixou-se ficar em S. Vicente muito bem defunto, e enterrado; e ElRei D. Sebastião nunca mais houve fumos delle. O Mexico, o Perú, o Chili, e o que havia engolir estes tres como o Imperio Romano engolio o Assyrio, o Persa, e o Grego, que era o Imperio Brasileiro, foi engolido por José Bonifacio, José Egidio, e os mais engolidores, que por nome, e sobrenome não percão, porque eu não quiz lêr similhante basbalhada, nem tão ridiculo desfecho do mais ridiculo Entremez. A pessoa de seu Chefe, e que se dizia ser o seu *Perpetuo* Defensor, he para mim Sagrada, e se cobre com huma sombra da Fraternidade, que, depois de DEOS, he para os verdadeiros Portuguezes o objecto de maior respeito na Terra. Elle deixou com tanta rapidez os confins deste Imperio em cueiros, que não mereceo o apôdo de pés de chumbo, com que os seus amados, e fieis Brasileiros costumão designar os Portuguezes Europeos, sem se lembrarem, que, se muitos de seus pais, e avós fossem vivos, inda se lhes acharia na espadua direita impressa a fogo a memoravel, e expressiva letra = L. = Deixemos isto, e vamos vêr os quatro Imperios Americanos como definem o Ente malhado. Antes que elles fallem, permitta-se-me huma reflexão breve. Desde que Pedralves Cabral esbarrou naquelle paiz incognito, logo alli se annunciou a má sorte de todos os que naquella quarta e nova parte do Mundo se chamassem Imperadores: Atabalipa, e Montezuma morrêrão no patibulo, o Asturiano Iturbide morreo fusilado. Ahi vão tres. O Senhor Imperador D. Pedro retirou-se sem gloria, e abdicou sem Magestade, porque deo o Imperio aos mesmos que lho tiravão, despede-se por escripto, e com vergonha, de bordo de huma Náo Ingleza, como a que tinha levado Bonaparte á Ilha de Santa Helena, e huma Corveta o vem trazer á Europa despido de todos os attributos da Soberania, como aquelle furioso, e imprudente Aventureiro; porque hum Soldado feliz foi o Rei primeiro. Sua Magestade o Senhor D. Pedro he o Principe abdicante, como hum Guilherme foi o Guilherme Conquistador; quando, abrogando, de facto, as Leis originaes pelas quaes nesta porção da Peninsula conquistada aos Musulmanos Sarracenos, foi creada a que se chama Monarquia Lusitana, na scisura que fez da maior porção extensiva da mesma Monarquia, abdicou da maneira mais solemne a Corôa de Portugal, porque elle mesmo se fez della independente. Este passo foi contra o Direito primitivo do Reino, que o manda conservar inteiro, porque qualquer alienação traz em si, e comsigo o prejuizo de hum terceiro, que he a Nação. Esta foi a primeira abdicação do Senhor D. Pedro, e o Reino na qualidade de Morgado, como o declarou Jan-das-Regras, ou Jan-d'Aregas, nas Côrtes de Coimbra, passou por Direito de Successão ao

immediato. Depois deste acto, Sua Magestade abdicante abdicou com a sua Imperial palavra, dizendo, que se separava para nunca mais se unir desde aquelle ponto para todo o sempre. Esta palavra he hum *Canon*, ou Texto na Diplomacia Européa. Depois disto, sem se tratar de mais nada sobre a Successão ao Throno, porque nada mais havia que fazer, ou que dizer, e porque abdicado estava, o que para sempre sem restricção se havia abdicado, para não interromper o exercicio a que se tinha dado de abdicar o que tinha, e o que não tinha, abdica o abdicado Reino de Portugal em sua filha a Senhora Princeza do Grão Pará. Na alienação do Brasil se infringírão as Leis primitivas da conservação da integridade do Reino; na abdicação do Reino de Portugal em sua filha ainda mais se quebrantárão as mesmas Leis, que excluem do Throno os Principes Estrangeiros, tendo, outro sim, de executar-se hum impossivel, que vem a ser, dar alguem aquillo que não tem. O Senhor D. Pedro tinha abdicado Portugal, logo vinha a dar o que não tinha. Em tudo isto eu vejo mais hum impossivel, que vem a ser, não advertir seu perspicaz engenho, que abolindo, e abrogando as Leis Primordiaes, abrogava, e proscrevia aquelles mesmos Direitos, por que a Casa de Bragança foi chamada á Successão do Throno Portuguez. Estes absurdos começados na desobediencia a seu Pai, levantando-se com a maior porção da Monarquia, tiverão este resultado; nem já hum palmo de terra he seu no vastissimo Brasil!! Tudo quanto eu digo, com que muitos se arripião, está estampado em muito clara, e formosa letra redonda na Historia, e nas Memorias deste Reino; e se me arguirem, seja no que fôr, eu lhes citarei as paginas, e as linhas. Se os que se escamão me apertarem muito, então direi tudo sem violar, antes respeitando muito as Leis da Censura. Vamos ao caso de Sua Magestade o Ex-Imperador. Nos Livros Sagrados se nos diz, e pôr isso acreditamos, que a Burra de Balaam fallára, e profetizára ao Profeta Balaam, que levava nos lombos. Todos os instrumentos são poderosos quando DEOS se serve delles. Entre nós neste seculo não houve animal tamanho como Manoel Borges Carneiro. Desmarcado animal!! Pois assim mesmo foi Profeta no Salão delles; e se a Imprensa nos conserva a sua Profecia, o facto presente a ratifica, e a confirma. Quando se fazia muita zombaria das Cartas do Senhor D. Pedro para seu Augusto Pai (verdade seja que o Senhor D. Pedro não estava muito visto no estylo epistolar, como se vê agora na sua Carta de despedida) Manoel Borges levantou hum zurro, com o estrepito do trovão, e disse —*Que profugo andaria elle pelos Reinos Estrangeiros, e que nem elle, nem seus filhos reinarião, em castigo da desobediencia a seu Pai, e dos males que acarretava a esta Nação.*— (Ora digão lá que as vozes de Burro não chegão ao Ceo!!)

Tornemos a atar o fio, que parece se quebrára. Nas Colonias Hespanholas da America, pela sua extensão, e população, mais de hum Imperio se podia formar, veio a Constituição de 12, e 20, que são agora —

Grandes Cidades, opulentas Minas?
Lagos de sangue, montes de ruinas.
E, no horror que apresentão sempiterno,
Só vejo a imagem do profundo Inferno.

E se eu perguntar ao Mexico, ao Perú, ao Chili, ao Uraguai, a Monte Video, a Buenos Ayres etc. que cousa he hum Malhado? Todos me dirão: ah! Senhor Padre, hum Malhado he isto que V. m. está vendo, porque só os Malhados nos pozerão neste estado. Alguma luz me vai dando isto para a cathegorica definação do Ente. O Brasil era hum Imperio, á vista do qual o da Russia era huma Provincia, o da Austria huma Comarca, o da China huma casa de Campo, e todos os que correo, e vio Fernão Mendes Pinto, erão os Becos d'Alfama: os seus exercitos erão tão valorosos como huma Companhia de Archeiros aposentados, os seus thesouros actuaes erão tantos, que cabião todos n'huma algibeira; tudo isto assim se descobrio depois da inauguração da Constituição; e quando eu esperava vêr n'hum Throno mais rico que o de Salomão com hum docel de safiras, e rubis sentado S. Magestade Imperial o Senhor D. Pedro, prostradas em imagem em volta do mesmo solio as dezenove Provincias do mesmo Imperio, a cuja vista tremião, e vacillavão os Andes, e dobrava o erguido cocuruto o Chimboraço, acho-me com o Marquez de Caravellas, com Francisco Lima, n'ausencia de Francisco Gomes, e com o Mestre Vergueiro com Fabrica de Cúias na rua do Ouvidor. Pasmei, e entre os quesitos que fiz á vista de tanta miseria, perguntei se sabião por lá que cousa era hum Malhado? Tanto o sabemos, que tudo que o Senhor di lá está vendo he obra de Malhados; só elles a fizerão, e he privativamente sua.

Ha seis dias que até aqui tinha chegado com esta escripta, mas huma escabrosa pedra encalhada na uretra com insoffriveis dôres, me dêo, meu máo grado, todo este suéto, até hoje, onze horas do dia 4 de Julho, ficando-me o corpo em medonha intumescencia. Graças ao Ceo, a pedra sahio sem Medico, porque, se apparecesse, a pedra teimava, amuava-se, e não vinha á luz para lazer na caixinha companhia ás outras, que a vão enchendo! Neste intervallo não pude ser escriptor, fui pacientissimo ouvidor, e talvez, que tão atormentado pelos onvidos, como o era pelo calculo na fossa navicular: (termo enfatico com licença da Faculdade.) Como eu visitava o Brasil para poder dar com o Brasil a definição propria desta Esfinge, o Ente Malhado, meia folha de papel de embrulhar, ou de alimpar, impressa, creio que extracto da Gazeta de Lisboa, tem sido para mim huma Bibliotheca inteira de malhadices. Tão grande aggregado de traições a hum Monarca a quem, (como eu creio) a quem a sua natural bondade, perfidos conselheiros, e a inexperiencia da idade fizerão instrumento da sua mesma, e nossa desgraça, só podia ser o ultimo apuro, ou desaforo do Maçonismo, ou Malhadismo, e eu espero por horas, se he que já não vão apparecendo, as nefandas scenas de horror da Ilha de S. Domingos, ou hum novo *Haiti*, hum novo Christovão, hum novo Henrique. O infernal ajuste de revolucionar o Mundo inteiro, ou de Republicanisar, mostra n'hum e n'outro Hemisferio, os mesmos meios, as mesmas cavilações, os mesmos instrumentos, e os mesmos fins. Eis-aqui fielmente o plano da insurreição, ou rebellião Maçonica da Ilha de Leão. Aquelles furiosos, ou mentecaptos intentavão pôr momentaneamente no Throno de Hespanha a Princezinha filha de D. Fernando VII, *cuja abdicação*, dizião elles, *era indispensavel.*

Juntar-se-hia em Madrid, quanto antes, hum Congresso Nacional Constituinte, que compaginaria huma nova Constituição, por se ter visto, e co-

nhecido que a de 1812 era impraticavel, Constituição conforme as luzes, e tendencia do seculo, e os ulteriores progressos da Civilisação. O Poder executivo seria executado, ou exercitado *na minoridade da Joven Rainha* por hum *Conselho de Regencia*, cujo numero, e escolha serião determinados pelo Soberano Congresso.... He ajuste, ou não he ajuste commum entre toda a Malhadaria?! Abdicações, e minoridades: ambas as cousas chamão naturalmente huma Regencia, e já sabemos de que Membros, e de quantos membros se deve compôr. Está muito distante a Ilha de Leão, e a Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro: geograficamente assim he, mas não he assim, politica, ou revolucionariamente. A Regra de S. Francisco, tanto he Regra de S. Francisco em Cascáes, como no Japão. Os Frades tem a mesma tosquia na cabeça, e o mesmo burel nos lombos, as bragas são as mesmas, e iguaes os alparcátes em hum, e outro ponto. A confraria tem os aventaes do mesmo côrte; e as trolhas são de hum feitio uniforme. Vejão-se esses degenerados Nobres da Ilha Terceira, e os que abandonárão a Patria, e o seu Rei legitimo, que são os de que sempre fallo, e devo fallar, porque esses são os irreconciliaveis inimigos d'ElRei, os maiores criminosos do Globo, e os mais ingratos; talvez que o fallador *Sabugal* fosse o mais acirrado agente do desdouro do Imperador. Vejão-se, torno a dizer, estes applicados discipulos de Adonirão, como trazem a mesma lição na ponta da lingua, e he da mesma cartilha; Menina na Ilha de Leão, Menina na Ilha Terceira, minoridade aqui, minoridade além, Regencia cá, Regencia la. A Menina da Ilha de Leão tem pai, pois este pai abdique, a da Ilha Terceira tem pai, pois abdique tambem, e abdicou. Então a idade? Nós a supriremos, e tudo faremos em nome da Menina, que nem sabe, nem entende o que nós fazemos. He preciso com effeito que estes malditos assopradores das desgraças do Mundo, e da sua interminavel inquietação tenhão huma cara bem desavergonhada, por não dizer estanhada, huma alma bem perversa, e hum coração bem envenenado, e corrompido, para proseguirem sem parar, sem tornar atraz nesta obra das trévas, e da iniquidade.

Quando ponho estes Quadros revolucionarios diante de meus olhos, não posso deixar de pasmar á vista da cegueira desta tão vil canalha. He incapaz de vêr, e reconhecer em tudo, assim como no Mundo fysico, no Mundo moral, huma ordem invariavel da Providencia Divina. Fazem os malvados huma revolução, derrubão hum Throno, declarão-se inimigos de Deos, e inimigos dos homens, nunca chegão a gozar dos fructos da sua maldade; no seio da revolução são elles mesmos os que se degolão, e matão huns aos outros. *Non est pax impiis, dixit Dominus.* Não ha paz para os impios, disse o Senhor. Não tem paz, nem dentro, nem fóra de si; não dentro, porque do coração não se lhes despega a vibora do remorso. Já que estes Sabichões ou Mondegueiros, ou vindos do Mondego, tanto impão, ou tanto arrotão com as maximas, e com as pinturas vivissimas do Historiador Cornelio Tacito, até agora inimitavel, já que tanto, e bem mal o traduzem, o commentão, o allegão, e nelle cavão as suas Theorias politicas, talvez que ainda em suas paginas não deparassem com o retrato que elle faz de Tiberio, roido, ou ralado dos remorsos de suas maldades, e de seus crimes, gozando no ultimo fastigio da grandeza humana, e na sumidade do poder, de todas as delicias, e de todos os prazeres, e cuja lei suprema era

a sua vontade. Eis-aqui o retrato = *Tiberium non opes, non solitudines protegebant, quin tormenta pectori, suasque ipse penas fateretur.* = Nem as riquezas, nem as solidões, isto he, os bosques de seus Imperiaes jardins, não protegião ou defendião Tiberio, nem fazião que elle mesmo não confessasse os tormentos que lhe laceravão o coração, nem suspendessem o castigo de seus remorsos. Eis-aqui os revolucionarios por dentro, vejamos agora os revolucionarios por fora. Eu não sei qual dos primeiros arquitectores da primeira revolução deixou de receber o premio da sua filantropia na Guilhotina. A França foi hum mar de sangue; e o que os Tigres não fazem, que he devorar a propria especie, fizerão os Francezes. As consequencias desta nefanda revolução forão tão vastas, e tão duradouras, que ainda hoje as estamos vendo, e sentindo; e tendo feito tantos estragos em todos os Reinos da Europa, e nas outras tres partes do Mundo, no Reino da Hespanha são mais lastimosos que em ambos os Hemisferios do Globo, e talvez que mais funestos para seus mesmos auctores, que para milhões de opprimidos pela violencia revolucionaria. São innumeraveis as Forcas levantadas por todo o territorio Hespanhol, pois nem huma só se conserva, e conservará ainda de pé, que não tenha rangido huma, e muitas vezes com duzias, e centos de Malhados, e já que tanto se levantão, bom he que assim sejão levantados. Perdêrão a obra, e perdêrão a vida; mas os que ficão não perdem a manha; e sendo felizes aquelles, a quem os perigos, e desgraças alhêas fazem acantellados, os Malhados não aprendem nem na mesma escóla da Forca, dos Presidios, das Galés, e dos desterros. Morrem impenitentes, e contumazes, persuadidos, e levados por hum fanatismo desde a origem dos Seculos nunca visto, assentão que os Povos podem ser illudidos com as abdicações, com minoridades, com Regencias, e reconhecer nisto só a sua suprema felicidade social. Enganão-se, porque os resultados deste ultimo ardil devem ser o mais claro conhecimento, que os Povos adquirão da maldade, e perversidade de seus malignos oppressores. Os Povos Catholicos, como são os Hespanhoes, e os Portuguezes, são naturalmente Religiosos, porque respeitão todos os signaes do Culto; e que podem esperar de bens na mudança da Ordem Politica, vendo o que os innovadores fazem na Ordem Religiosa? Por toda a França revolucionada novamente se tem declarado huma guerra de Atheos, huma guerra de exterminio ao sagrado, e augusto sinal da Redempção, que he a Cruz, e o dizem os seus mesmos Jornaes, ou Papeis publicos; não existindo huma só, que não tenha sido desacatada, ou demolida: convenção expressa da Seita, pois ha muito pouco vimos huma destas gloriosas campanhas pelas margens do rio das letras, das sciencias, e dos desaforos. Como olharão para isto os Povos de Portugal? Huma de duas, ou esta cáfila conta com o bom exito, e com a victoria da sua causa, esperando reduzir os mesmos Povos a huma escravidão tal, que se faça delles o que se faz de hum rebanho de carneiros, ou então os da mesma cáfila são tão estupidos, e mentecaptos, que não prevêm, nem ao menos se lembrão, que incorrendo, como incorrem, no odio, ou aversão de todos os homens de bem, de quem he a maioria, ficão expostos ao que tem já recebido, levarem publicamente com hum páo á face do Ceo, e da Terra sem osso no corpo que são lhes fique; e se o páo, conforme a planta de que fôr tirado, o carrasco, o zambujo, o marmeleiro, ou ainda mesmo a cerejeira

brava, por alguma sua flexibilidade, moleza, ou elasticidade, natural, ou accidental, não produzir logo o seu desejado effeito, então tiro, não simples, mas com duas ballas, ou quatro zagalotes, que he o que elles merecem, e he, a meu vêr, a unica receita para acabar com os perfidos, e impudentes Malhados. Esta medida he das que se podem chamar geraes, para que tudo fica, como ainda não deixámos de ouvir da bôca de alguns altos empregados, ou reformadores; eu nem a approvo, nem persuado, porque he contraria aos principios da Justiça pública, e authoridade das Leis, e á Magestade da Soberania, ainda que pareça conforme aos dictames do brio, e do amor tido, e consagrado ao Soberano; porque a administração da Justiça só está nas mãos do Legitimo Poder, e daquelles a quem este mesmo Poder se communica. Ninguem se deve pagar por suas mãos, nem desforrar-se. Com tudo sem offensa da verdade destes meus invariaveis principios, como tão dorido, e apalpado de vilipendios, com tudo parece-me que ha flagrantes tão flagrantes, que pedem de corpo presente alguns suffragios, *verbi gratia:* Vai hum Realista (que todos devião ser casados pelo bom genio que tem,) vai hum Realista, ou corcunda, que he o mesmo, seu caminho mansamente pela rua dos mercadores da lá acima, ou abaixo, o mesmo digo da rua dos Fanqueiros, Ouro, Prata, Retroz, Capella, ou Bacalhão, vai ao Cáes politico, ou assôma naquelle largo fatal, ou no largo Democratico, onde não ha senão Publicistas, e Legisladores, até Fragateiros; e para não parecer difuso, o largo de S. Paulo, e cabanas do fortum, ou do Pescado, onde cada gancho he hum Sceptro de ferro com que se governa mar e terra, e com o mesmo gancho com que abicão hum chicharro, fundão no ar huns Estados Unidos, e confederados; lá quiz o Feld Marechal Joãozinho, no segundo tempo Constitucional, despejar hum Vaso immundo sobre mim, ou sobre estas cãs. Sahe pois destes largos, destas ruas, destas Baiucas hum Caixeirote ainda com pello na cara; he verdade que traz na mão Guilherme Penn, e o Mably com os Direitos do Cidadão, e assenta que tambem he direito do Cidadão vomitar contra mim hum chorrilho de afrontas, e improperios, insulta o Rei, insulta a Religião, insulta as Leis, e não ha homem de bem, que não leve huma banda de servil, e de fanatico. Ora a mais austera Justiça dirá, que aqui são mãos perdidas. Patrulha de Policia, naquelle *intirim*, não apparece, o cacete não he preciso que lhe búlão, elle mesmo por si se empina, sabe os passos que deve dar, cahe vertical a huma orelheira, e como se fosse a colubrina de Dio, estende o Caixeirote em terra; a caridade do Corcunda, isto he, do amigo do Rei, não lhe falta com a aguardente medicinal; lavada, e curada a prova da sua malhadice, seja conduzido á primeira casa de Guarda de Policia, que o conduza ao competente Magistrado, que se não for muito Malhado, fará o que deve, e depois se irá buscar o Patrão. Eis-aqui o que tenho dito, e prégado a esses homens que a esta casa tem vindo, e que todos tem dado provas de serem amigos do Rei, por pensamentos, palavras, e obras, pedindo-lhes que se unão, e de injurias particulares não tomem vinganças publicas, porque isto não he zelo, he cobardia; que não sejão os primeiros em assoprar desordens, mas que acudão na opportunidade. Hum verdadeiro Realista evita desordens, e não as faz; o que he do Governo, não he delles; mas se virem o Governo atacado, e o Rei desobedecido, ou desacatado, pelo, aqui,

Club director nocturno, então acabárão-se contemplações, a causa já não he particular, he publica. Os verdadeiros Realistas com seus bordões (e nada mais he preciso) formão a Falange Macedonica, a impenetravel, a invencivel. N'hum dos bordões mais compridos tragão (indo a cousa ás do cabo, o que o Ceo não permitta) huma Bandeira; já lhes fiz para ella hum Distico, metade he meu, e a outra metade do meu Camarada Camões; ei-lo:

Não hade o cóllo erguer Mestre Pedreiro;
Nem ramo verde pizaráõ Malhados;
«Em quanto do seguro Azambugeiro
«Nos Pastores do Luso houver cajados.»

Não he mal feito, nem mal achado. A Maça de Hercules (formidavel cacheira!) será o Timbre temeroso da tal Bandeira. Ella quebrou os colmilhos navalhados ao Porco de Erimantho; he verdade que a cabeça de hum Malhado tem mais dureza, e consistencia; mas na mão está o tempero, carrega-se. Esta he a sorte que espera, e esperará sempre os Malhados, elles bem o sabem, e della já tem as triplicadas provas em 20, em 26, e em 28, enganou-os a inconsiderada confiança que tinhão nas forças moraes, e fysicas de seus Confrades por toda a parte espalhados; nada disto produz outro effeito, que não seja a sua propria confusão; e se elles insistem, he porque não tem a mais ligeira tintura de vergonha. Não foi preciso que os intrepidos, e honrados Caceteiros, e Cacetantes, entrassem pelos Pórticos do Augusto Salão, para se despovoar o cortiço daquelle enxame de Zangãos, bastou que o irmão Primeiro Vigilante, e o Patriota Botiquineiro das parras, conhecido Telégrafo nas Gallerias, dissessem = duas legoas ao Oriente do Templo: apontão Profanos, e tão risonhos, e folgazões, que parece vem formando a dança dos Cacetes. = Foi hum tiro dado n'huma esterqueira coberta de huma nuvem de Pardaes, como eu já disse n'outra E'poca, tudo desabilhou. Em tudo estão enganados! Se contão com a protecção de Esquadras, de cujo bordo, como do bandulho do Cavallo de Troia, surdão esquadrões armados, que desembarquem; tambem se enganão, porque sendo necessario algum tempo para esta operação, será o que baste, antes que se lhes veja a cara, para se dar cabo de quantos Malhados conhecidos, e salientes existão, ou soltos, ou prezos, ou alapardados: não gozaráõ, nem ao menos verão o fructo de seu *glorioso* triunfo: e pelas disposições em que estes desenganos tem posto os Povos, não andaráõ para a frente os nossos inimigos quatro varas de terreno. Os Portuguezes estão deixados a si mesmos, não tem mais que as proprias forças com que possão contar, chegamos a ponto de nos considerarmos como huma Nação isolada no meio do Globo: os nossos recursos estão em nós mesmos, a nossa honra, a nossa fidelidade, a nossa adhesão a este unico, mas florecente ramo da Dynastia de Bragança, podem ainda segurar a nossa independencia. Eu sou formado de tal sorte, relativamente á conservação deste Reino, que nenhum revéz me desalenta. A cadèa de prodigios que eu tenho observado desde 1807 até este momento, não se verá jámais interrompida, ainda que os golpes que temos soffrido sejão tão pezados. Ha certa cousa inexplicavel em a Nação Portugueza, que a torna invencivel. Ha certo principio, que se não destróe, e que

tem em si o germen de conservação. He hum resultado do caracter Portuguez, que he como huma barreira insuperavel á dominação estranha, e ás traições domesticas, que lanção mão de todos os recursos para conseguirem o unico fim, que ha tantos annos se procura, que he a nossa destruição por meio da sempre intentada revolução. Por armas, por instigações, por manejos pérfidos de huma Politica vil, e aleivosa, nada tem conseguido. Para com tantas perdas exacerbar os animos, indispôr as vontades, e com isto excitar os clamores da sedição, e accender os archotes da rebellião. Este he o fim, e conseguido este, os meios sejão quaes forem, ainda que tragão em si a ruina da Nação inteira, porque isso mesmo he o que se quer. Todo esse escandalo da Europa inteira, e essa continua reprehensão de todos os Gabinetes, quero dizer, os desaforos da Ilha Terceira, não tem outro objecto, nem outro motivo mais que meter em Portugal a revolução. A vingança de hum sonhado ultrage proprio, e que é sua Pigméa pessoa, diz se fizera, Pedro de Sousa, o Pastalhão. Este infernal carrapato, cujo elemento he o crime, não deixou ainda de entrar, e figurar em todas as maquinações revolucionarias, desde que nelle se desenvolveo o uso da razão, que logo appareceo pervertida, com hum odio fidagal á Casa Reinante, e com hum rancor implacavel áquelle mesmo Soberano, que o encheo de tantas honras, que lhe dêo o Titulo de Marquez, que o empregou em tão relevantes missões Diplomaticas, sem talento nenhum conhecido, se não o da intriga dos Gabinetes; rebanhando outros malvados, e juntando-se a elles, commetteo o maior delicto, ou mais nefanda traição de que os Annaes do Mundo nos conservão a memoria.... Eu não devo renovar nestas paginas a dôr, que sempre partirá o coração dos verdadeiros Portuguezes, quando se lembrarem do sacrilego attentado commettido contra a Pessoa Sagrada do Nosso Augusto Monarca, na sua aleivosa captura na presença de seu Pai dentro de hum barco Inglez, em que figurou tambem unido a elle, e a outros hum Nuncio Apostolico. Promptos para as abdicações, e remoções de Monarcas, e de Principes, e tão difficeis, e vagarosos no reconhecimento de huma não só verdade, mas demonstração em Direito, em Politica, e em unanime vontade dos Povos! Ora queira o Ceo que não venha cólima, por esta exhalação do mais fino amor, que se póde ter a hum Soberano!

Tudo o que até aqui tenho dito, todas estas pinturas, que tenho feito, e que parecem hum grande desvio do objecto principal, não são mais que memorias que vou ajuntando para dar ainda algum dia a cabal, e exactissima definição do termo — Malhado. — Dirão que tenho dado por páos, e por pedras; não duvido, mas estas duas cousas tem huma intima relação com Malhados, huma quando se avistão, e outra quando se apanhão. Erguão as mãos para o Ceo, porque aqui em Portugal são mais bem tratados que na Hespanha, nossa amiga, e companheira, até no nome; lá chamão-se *Negros*, aqui Malhados, que sempre presuppõe a mistura de outras cores, que determinem as malhas; estas cores podem ser agradaveis, e adoçarem o horror do negrume. Na Hespanha são todos Negros, negros n'alma, e negros no corpo. Inda mais negros se fazem, quando os pendurão na Forca, ou lhes apertão os gorgomilos no fatal barrote. Isto não he ser sanguinario, he medirmos pela mesma medida, com que fomos medidos, que

por muito que seja, nunca será tanto. Na Hespanha mostrão-se lugares cheios de pedras em ruinas, onde existirão Cidades, Villas, Lugares populosos, que os Liberaes negros reduzirão a cinzas com tudo o que estava dentro: pois isto nunca fizerão, nem farão os verdadeiros Realistas, cujos ouvidos nunca se fecharão aos clamores da humanidade, e menos ainda ao grito da Justiça. Vejão os mesmos Malhados, e contemplem estas scenas de horror, mas elles tem a alma tão negra, que ainda assim mesmo não afrouxão, nem desistem; mas desenganem-se os Malhados Portuguezes, que lá por fóra atição, e cá dentro promovem a revolução, que se fizerem do Reino de Portugal dez partes, nove acabarão com a espada na mão, ficar-lhes-ha a decima de Malhados, como elles, sobre quem imperem; mas a revolução não pega, e essa arvore, que dá fructos de morte, chamada da liberdade, nunca em Portugal criará raizes. Virão fazer mil Quixotadas até com a Menina ao colo, irão sempre como vierem, e menos do que vierem. Elles sabem quanto estes nossos ares sejão finos, e tendo dado tantas molestias nos Portuguezes, ainda lhes não dêo a do medo, em quanto os mal intencionados não querirão dar este nome ao que são medidas de prudencia, e de cautela.

Agradeça-me a Malhadaria andar eu com pannos quentes, e contemplações aqui, e contemplações além. Tire-nos o Ceo destes apuros, e apparecerá a verdade em toda a sua luz. Os remedios heroicos sei eu quaes elles sejão: e para se não queixarem de mim, já que tão distinctos Senhores são tão vistos nas Historias deste Reino, leião com amor, e com temor o oitavo volume da Monarquia Lusitana, e vejão os actos severissimos de Justiça, que fez ElRei D. João I. naquelles falsarios, que seguirão a voz de Castella, ou levantárão armas contra este Reino, ainda antes de se decidir nas Côrtes de Coimbra os direitos, que chamavão ao Throno o mesmo Monarca; não escapou folgo vivo entre os Grandes, que se rebellárão, huns perdêrão a vida, outros as fazendas, que não erão pequenas, e passárão a novos possuidores, que fielmente servirão o Rei, outros perpetuamente banidos do Reino para nunca mais tornarem a elle, e não deixárão cá nem saudades, nem primos, nem cunhados, que por elles, não só orassem, mas intrigassem; não houve curiosos que se atrevessem a pedir *amnistias*, e a querellas com ameaços, porque então esta palavra *amnistia* era verdadeiramente Grega, e nós nem Gregos, nem Framengos quizemos nunca ouvir, nem conhecer, nem de dia, nem á meia noite. Grande Rei foi este! Não perdoou a traidores. Se fosse aqui occasião, nas angustias deste mesquinho papel, que he o que vale, quarenta reis, eu mostraria que aquelles traidores tinhão muito mais desculpas que os actuaes. A Rainha Dona Brites era filha d'ElRei D. Fernando, este Rei D. Fernando tinha dous irmãos, ou legitimos, ou legitimados; porque ElRei D. Pedro seu pai casou com Dona Ignez de Castro, que assim o diz a Folhinha, que he quem nos dá os dias Santos. Esta Dona Ignez de Castro depois de morta foi muita cousa, foi Rainha, e foi Martyr; e se morreo huma vez em sua vida, tem morrido muitas depois que morreo, nas detestaveis Tragedias dos nossos Theatros. O Mestre d'Aviz era hum bastardo, e os Tres Estados do Reino ainda não tinhão dispensado neste impedimento, o que se fez sem o reconhecimento do Senhor Nuncio, depois da batalha de Aljubarrota. Nenhum destes impedi-

mentos podem allegar os Malhados traidores. Em tudo legitimidade. O nosso Monarca não se pode considerar por lado algum, no qual se não encontre Legitimidade; Legitimo de Direito, Legitimo de facto; Legitimo pela ordem da successão, Legitimo por acclamação; e se querem mais huma prova de Legitimidade, que eu sempre guardarei para as do cabo, (he o trunfo, ou huma redonda Bisca que sempre ganhará o jogo.) He Legitimo, porque nós não queremos outro Rei. Venha o que vier, nós não temos medo, nem queremos outro Rei. Gritarem-nos muito lá de fora, e cá dentro; fazerem grandes féros, e ameaços, isso he querer albardar o Dono á vontade dos Burros. Nós não queremos outro Rei. Portuguezes, elle tem a idade de Alexandre Magno quando sahio de Macedonia para conquistar a Asia. Elle nos levará á victoria, os Lusitanos não são menos valorosos que os Macedonios; entre estes Macedonios valentes não lhe faltará hum Velho Efestião, que lhe diga alguma cousa, consultado, e não entremetido...

Pedroiços 7 de Julho de 1831.

José Agostinho de Macedo.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1831.

Com Licença.

O DESENGANO,

PERIODICO POLITICO, E MORAL:

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

N.º 24.

Salus Populi suprema Lex esto.

A força unida obra prodigios.

Por muitas, e gloriosas acções se immortalisou a Nação Portugueza desde o momento em que se declarou hum corpo livre, politico, e independente; isto não he huma assersão vaga, he hum testemunho público, e conservado sempre de seculo a seculo nas páginas da Historia, e conhecido com respeito, e veneração de todas as Nações da Terra. Depois de abatido o grande, e espantoso collosso do Romano Imperio, foi a primeira Nação, que estendeo, e estabeleceo os seus dominios nas tres partes do velho Mundo; na Europa, na Africa, e na Asia, com conhecida vantagem ao Imperio Romano, porque este conheceo em pouco espaço as costas do Mediterraneo depois da destruição de Carthago; na Asia menor não passou do Eufrates, nem conquistou de todo a Persia, e alli foi sempre infeliz depois da derrota de Crasso, deixando nas mãos de Barbaros as orgulhosas Aguias do Tibre, e mais orgulhosas Legiões Romanas, como Varo as deixou depois nas mãos dos incultos Alemães; fóra disto eu nenhum credito dou ás Conquistas de Trajano, ainda áquem das ribeiras do Rio Indo. Ora a Nação Portugueza, não só excedeo os Romanos na grandeza de seus dominios na Africa, e na Asia, e na vastidão de seus espantosos descobrimentos, mas na parte maior do Mundo novo, e desconhecido; primeiro que todas as Nações edificárão hum grande Imperio, que o valor fundou, e a demencia perdeo. Em tudo isto eu descubro, e até o descobrem os nossos inimigos, acções do verdadeiro heroismo, no amor da Patria, e no desejo da gloria, e da independencia de seus Monarcas: e sendo tão grandes estas acções, estavão guardados para os nossos infelizes dias dous Actos, que engrandecem, e exaltão mais a Nação Portugueza, e que excedem, segundo o meu entender, tudo quanto os Portuguezes, ou juntos, ou separados, tinhão até alli obrado na Europa, na Asia, na Africa, e infelizmente na America. O primeiro foi a 11 de Julho de 1828, o segundo foi a 11 de Julho de 1831. Em 11 de Julho de 1828 não faltou em toda a Nação representada nem sequer hum unico voto que se não declarasse pela Legitimidade do Sobera-

no na Successão ao Throno, o que nem succedeo nas Côrtes de Coimbra quando se declarou Legitimo ElRei D. João I, nem nas de 1641 quando se declarou Legitima a Dynastia de Bragança, nem nas de Monte-Mór o Novo quando foi chamado á Successão o Duque de Béja, para ser o afortunado D. Manoel. Votárão os Tres Braços separados, e foi unanime a sua deliberação, prodigio unico, que suppre, incontestavelmente, todos os reconhecimentos, e todas as acclamações. Eu nunca dei, nem darei para o lado da superstição, e do fanatismo, nada disto he comigo, nem para mim; mas no Assento dos Tres Estados, tomado, e não escripto, porque no escripto alguma cousa falta, ou he mal enunciada, eu descubro huma inspiração superior, que não he da humanidade, e quem não quizer acreditar a apparição do Campo de Ourique, acredite isto. Não faltou a ElRei hum só voto a 11 de Julho de 1828. No dia 11 de Julho de 1831 não faltou hum só Portuguez que senão unisse a ElRei. Aqui me quererão dizer já alguma cousa, e eu que a entendo, lhe respondo tambem já, e digo, que hum alqueire de trigo por ter huns grãos de ervilhaca, não deixa de ser hum alqueire de trigo; parece que mui bem me explico. Em 1828 o caso foi unico entre dous irmãos, hum em quem se conservava o Direito, e outro que voluntariamente, e para sempre o tinha perdido. Em 1831 no dia 11 de Julho, tambem na Historia de Portugal, o caso foi unico, e se ha cousa que se possa dizer mais que unica, foi unicamente esta. Eu não estou em Constantinopla, estou em Lisboa; em Constantinopla póde hum Sultão Déspota tirar o uso da palavra aos seus escravos, nós somos Portuguezes, e o nosso Rei, he, e será sempre Portuguez, e como os verdadeiros Portuguezes querem que elle seja; e por isso sem offensa da Politica, e sem constrangimento do medo, que não me traspassou o coração quando as ballas me traspassavão esta casa, como o dizem estas paredes, direi alguma cousa.

Quando o Prior do Crato D. Antonio, como filho do Infante D. Luiz, pretendia a Corôa deste Reino depois da morte do Cardeal Rei contra Filippe II Rei de Hespanha, que não era por Varonia neto d'ElRei D. Manoel, appareceo com huma Esquadra Ingleza, e muita gente Ingleza nas Costas de Portugal ameaçando hum desembarque, que realisou, porque o golpe devia recahir sobre Lisboa, e o desembarque se fez na pequena enseada, ou bahia de Cascaes; e para que? Para vir a perder-se na pouco lembrada batalha de Alcantara, e ser alli, elle, e os Inglezes derrotados completamente pelos Castelhanos. Pergunto, e porque não entrou D. Antonio, (que chegou a bater moeda em Santarem, moeda que já vi) pela barra do Téjo, ou da parte do Norte, ou da parte do Sul? Isso era impossivel humanamente fallando; a pouco vadeavel barra por natureza, porque o mar rebenta em flor sobre os cachopos, e sem praticos nem os mesmos Navios Portuguezes entrão, podendo dizer-se sem encarecimento que cada Marinheiro he hum Piloto, e talvez que hum melhor Commandante, cujas Dragonas sejão farrapos embreados, era defendida por aquelles formidaveis canhões, ou bombardas, que não podem bornear-se sem as forças de oito robustos Artilheiros, e bem exercitados no manejo destas armas; querer entrar, e querer forçar aquelle inconquistavel padrasto, talvez que mais defensavel que a Goleta, e que Gibraltar, ainda ajudados, (cousa rara!!) por hum obstinado vento Oesnoroeste, era perder-se irremissivelmente, e ainda com mais promptidão que a Esquadra de Filippe II, chamada a invencivel, no Canal da Mancha, ou a commandada por D. Manoel de Menezes, que antes se deixasse ficar no seu officio de Chronista do Reino escrevendo

mais alguma cousa. No caso do Prior do Crato não erão precisas grandes prevenções, porque o mesmo D. Antonio tinha neste Reino hum grande partido de Portuguezes, que seguião a sua voz, porque os Portuguezes não podem supportar Rei Estrangeiro, ou elle o seja por nascimento, ou se faça por vontade. A Torre estava bem provída, porque se a muita gente faz a guerra, o serviço da artilheria não quer, nem demanda pouca. Desde que ElRei D. Sebastião, e lá estão as suas settas esculpidas nos umbraes da Fortaleza, mandou concluir a obra daquella Torre, nunca foi entrada, nem todas as Esquadras do Mundo o ousarião tentar.

Torno a lembrar que eu não sou supersticioso, nem visionario, nem fanatico, mas para animar, e consolar com hum desengano os Portuguezes, lhes lembro que DEOS antes quer tirar o bem do mal, do que permittir que não haja, nem aconteça mal algum. Desta calamidade nunca vista, nem por nós sentida, DEOS quiz que nos resultasse o maior bem que podiamos desejar na ordem politica, qual foi o da pública demonstração do sentimento de todos os Portuguezes pelo seu intrepido, e amado Monarca. Converta-se tudo em montões de estragos, e ruinas, seja a mais bella das Cidades o pasto das chammas, mas salve-se o Rei, e defenda-se a vida do Rei. A fidelidade Portugueza foi hum grito repentino, que chamou á roda do Rei todos os Portuguezes. A primeira victoria que elles alcanção, fallemos sem enfase, e sem figura, foi o projectado plano da cooperação prompta, de todo desvanecido. Os grandes inimigos de Portugal cá estavão, e não vierão de fóra, e assim como hum acaso foi pôr nas mãos de Manoel de Faria e Sousa o Catálogo escripto dos Grandes que vendêrão, e entregárão o Reino a Filippe II para o publicar na sua Historia, tambem a mesma Historia, porque me está commettida a sua composição, algum dia publicará os nomes grandes, e os nomes pequenos dos que preparárão, e chamárão o nosso eterno vilipendio, e se agora o não vinga a espada, esta penna o vingará. A cooperação foi a cobarde fuga, e vergonhoso escondrijo de tantos malvados. Como torpissimas Aves de agouro se envolvem nas sombras da noite, fogem da luz para as fendas dos rochedos, e para os carcomidos troncos das arvores, lá as vai desembrenhar a vingança pública, e se o castigo he dado com o instrumento affrontoso dos escravos; á vileza do seu procedimento se ajunte a vileza do seu castigo; mas apenas o magnanimo Rei dá a conhecer o seu desgosto, tudo se suspende, porque, se o Rei he a imagem de DEOS, para o Rei só he a vingança, e a retribuição. A perfidia destes monstros de todo desenvolveo, e patenteou a fidelidade, a energia, e a constancia do Povo Portuguez. Sem huma grande commoção de ternura não posso vêr fraternisar com a honradissima, e valorosissima Tropa de todas as tres armas, que estão dando hum novo lustre ao Nome Portuguez, e vasta materia a seus gloriosos Annaes, até os mesmos pobres das ultimas classes do Povo, sem que sintão, ou recusem o pezo das fadigas militares. Todos nestes não esperados, não merecidos, não provocados transes, tem dado a conhecer aos mesmos estranhos com assombro, e talvez que com algum pejo de si mesmos, como se ama o Rei, como se acode á defeza da Patria, e como se mantêm a pública tranquillidade; a bandoleira, e cartucheira militar sobre o que não he uniforme, mas vestido de paisano, empregado, artista, etc., o arcabuz sobre o hombro, he o espectaculo mais interessante para o homem moral, e para o verdadeiro politico. Entre estes Soldados de vontade, e Soldados de dever, não ha differença entre o dia, e a noite: as ruas são os quarteis, e as pedras os leitos para huns,

e as tarimbas para os outros, conservando o silencio da paz entre o estrepito da guerra, promptos a repellir toda a força, e violencia da perfidia domestica, ou estranha, sem outro parapeito, ou reducto mais que o peito descoberto. Se se determinasse hum campo em que a estranha, desusada, e inaudita questão se decidisse frente a frente. . . . a Batalha de Aljubarrota durou só meia hora, e a independencia de Portugal ficou para sempre determinada, e o mesmo succedeo na Batalha de Montes-Claros. Póde ser que me digão, que eu fallo á tôa, e que não sei o que digo: assim será. mas tambem sei que digo a verdade, quando juro, que tenho mais medo de escrever, do que tive do silvo das ballas, que assoviavão a estes ouvidos até dentro desta triste casa. Escreva, me dizem. E que garantia me dão? A zombaria dos grandes Malhados, e a insultante compaixão desses que sabem tudo, e mais que outros, porque vierão ao Mundo pegados a huma placenta mais nobre! Nenhum escriptor se vio assim entalado, e comprimido de todas as partes. Se he preciso dizer ligeiramente alguma cousa sobre esses malvados Grandes rebellados na Ilha Terceira, ou mendigando pelas ruas, e tabernas de Londres, gritão innitos de cá que não respeito a classe nobre, quando eu com hum rigor escrupuloso distingo huns dos outros, porque conheço donde vem, e de quem vem todos os males de que somos victimas, e que devemos prudentemente recear. Se lembro algumas medidas, que a minha observação, e longa experiencia me suggere, a acceitação, já o disse, he huma gargalhada dos taes Grandes, ou hum gesto, ou careta de indignação contra o meu atrevimento, e ignorancia. Se deixasse escapar huma expressão, ou reflexão sobre o impensado acontecimento de 11 de Julho, no mesmo instante ouviria as pedantescas revolucionarias, e miseraveis Cantilenas de 1821, e 26 — *Isto he semear a discordia entre os Cidadãos, e chamar os Póvos á rebellião*, e que he melhor sacrificar a honra Nacional, dar o braço a torcer, e perder tudo, do que vêr a sacrilega Traça, e insolente Gorgulho roendo, e consumindo as mimosas Pelles, que tanto aformoseavão inertes corpos, e vasias cabeças, e que he melhor ir hum dia só á Camara alta, que passar a vida toda com honra, e com socego. A hum homem desta sorte suffocado pelas circumstancias, não se diz — *escreva, escreva.* — Esta digressão não he deslocada. Eu não reclamo a liberdade de pensar, ou de imprimir, só lembro a necessidade de fallar. Convenho que não seja preciso desenganar os Povos, porque estes tem bons olhos, e não são cégos, mas he preciso consolar os Povos no meio de tantas desventuras, e he muito mais preciso agradecer-lhes tão purificada fidelidade como tem mostrado, e comprovado. São filhos obedientes, e virtuosos, que defendem hum pai, que por elles se expõe, e sacrifica. (*)

Como talvez este seja o ultimo escripto meu dos que tenho publicado com tantos desenganos, afflija-se quem se quizer affligir com huma verdade, que todos conhecem, e seja natural, ou seja estrangeiro, mas póde ser que comigo venha a concordar. Quem ignora, que se nos manifestárão os elementos, e os instrumentos de huma revolução? O Carrapato Calhariz disse — hide, e tereis logo comvosco, tirados de todas as Classes, dez mil irmãos, e no dia, em que lhes determinardes dar o abraço fraternal, vereis sem op-

(*) Esta verdade inquestionavel só póde ser invertida, como he, nos paizes estrangeiros pelas falsissimas relações daqui enviadas por liberaes infames, Portuguezes, e Estrangeiros, que lá por fóra ainda são acreditados pelos Estadistas influentes, que desejão aqui vêr triunfar a rebellião.

posição plantar na Praça da admiravel Estatua, e diante della a Arvore da Liberdade: — disse o Carrapato, e o dinheiro de Portugal prepara tudo, isto he, a obra, e os operarios. Mas onde estão os dez mil? Esta retirada dos dez mil não foi tão gloriosa como a dos dez mil Gregos envolvidos pelos exercitos de Xerxes. Huns se mirrárão pelas Chavascaes dos Subúrbios, outros se estão mirrando nas lobregas enxovias, e outros cobiçosos das Cadêas publicas; e como se fez esta dispersão, e apprehensão? Como merecião que se fizesse aos dez mil valentes. Este exercito tão unido por juramentos, tão municiado pela opulencia, tão fortalecido, e animado pelas bravatas de seus Capitães Generaes, só se devia levar a pao. Não foi preciso disparar hum tiro de arcabuz, basta que se apparecesse como David se apresentou no Valle de Terebintho, diante do desmedido Gigante Golias armado de aço, e ferro, e com huma lança, cujo ferro era do tamanho da fuga-deira d'hum Tecelão. Já me não admiro da Rodomontada do primeiro Governador de Ceuta o Conde de Vianna D. Pedro de Menezes, quando disse ao Conquistador ElRei D. João I, que para defender a Praça, e repellir os assaltos dos Mouros lhe era de sobejo aquelle bordão de zambujo, que tinha na dextra... Oh! prodigiosa virtude, e sobre humano poder de hum Cacete! Devêo Portugal a hum arroxo no dia 11 de Julho de 1831 a mais assignalada de todas as suas victorias alcançadas desde o berço da sua Monarquia, foi o Cacete o mesmo, segundo dizem as velhas, que lhe hum velha das Candêas accesa a tempo, dissipou a mais horrorosa trovoada, que se havia armado sobre os nossos horisontes em nossas tempestades politicas, para afugentar as partes adversas; o mais poderoso, e efficaz Exorcismo he o Cacete, e para animar ainda mais os Cacetéiros, não para cacetar a torto, e a direito, mas na actualidade do delicto, e na demora, ou falta absoluta da vigilante, e distante Patrulha, lhes digo que eu vi huma vez na Portaria dos Capuchos de Evora deitar o Diabo fóra do corpo das mulheres, onde elle tem a mais cómmoda aposentadoria: o Exorcista de Estella era hum Religioso tamanho como hum Filistêo, e confiava mais no Cordão que no Breviario, e dava taes cordoadas, que á segunda já não havia fumos de Diabo no corpo da mulher, ficava ella só, que vem a ser o mesmo; eis-aqui a virtude natural do Cacete, e lhe podemos dar hum titulo pelos seus triunfos como a Scipião Africano — o Mata Revoluções —; e della livrou Portugal. Mata a revolução, porque elle diz ao revolucionario, que na sua mão está dar cabo delle. Que favores, e merecês não devêrão os Israelitas á Vara de Moysés? Dêo huma cacetada em hum rochedo, e promptamente se desfez em agua, que matou a sede, que no deserto devorava os Judeos; outra cacetada no mar vermelho, e dividio-se para hum e outro cabo, dando huma livre, e enchuta passagem ao Povo; a cacetada, de que eu mais gósto, foi converter-se em serpente, que devorou, e engolio as outras, em que se havião convertido os Cacetes dos Magões Egypcios. Ainda que se não devão misturar as cousas sagradas cóm as profanas, a nossa causa he sagrada, e trata-se de nos livrar de hum captiveiro mais pesado, e duro que o do Egypto. Diz a Escriptura — *Regnavit a ligno Deus* — que quer dizer, que Deos reinára com hum lenho. Eu bem sei qual seja deste Oraculo o sentido Litteral, e mystico, mas deixem-me usar do accommodaticio, e tropologico, porque o Rei he a imagem de Deos no Governo, e na Soberania, e não será hyperbole dizer que o pedaço de hum pao fóra agora hum dos mais seguros esteios do Throno, e me parece que até a cólera-morbus, que mata exercitos, e povos, terá medo de hum Cacete, e tem razão; mas não he preci-

so remedio tão forte, e tão heroico, quando o mal vai remittindo, e ha esperança de se não aggravar mais, porque ha modos nas cousas, e ha certos, e determinados fins; por ora baste; se forem precisos, ha muito quem lhes leve recado, e podemos contar com a sua promptidão, e prestimo. Huma harmonia conservada, huma tranquillidade permanente, e huma segurança pública valem hum osso quebrado, huma cabeça partida, e huma costella amolgada. Paciencia! Fomos grandes nas muralhas, e baluartes de Diu, nos torreões de Malaca, e nos revelins de Marzagão; contenta-te papo que já foste farto; ao menos não fomos agora pequenos com hum seguro bambú nas mãos. Estes Albuquerques em terra, que vão ser Sanchos Pansas no mar, nos enfornárão o caldo; muito juizo tinha o Frade Bento, que em 1820 fez o Manifesto da Rebellião do Porto, quando disse que — *a nossa Marinha estava podre* —; mas foi velhaco, elle bem sabia de que Marinha fallava, e se calou-se; nós vemos agora qual ella era. Os vasos estavão sãos como hum pero, só fôrão apodrecer no Brasil, onde tudo o que era de páo, e de carne nos foi apodrecer...

Tenho-me desviado alguma cousa do trilho, em que comecei este papel, he preciso agora que áte o fio, e prosiga como o pedem as circumstancias da nossa atribulada situação. O Povo Portuguez desde o fatal dia 11 se tem apresentado aos olhos do Mundo em huma attitude digna delle, e digna da séria contemplação dos Povos mais illustrados da Europa. Dous affectos se lhe tem observado em gráo heroico, fidelidade ao Rei, e valor contra inimigos. Estes dous effeitos presuppõe huma causa poderosa, e vem a ser, não quererem os Portuguezes outro Rei, nem outras Instituições, ou Forma politica de Governo mais que o Monarquico absoluto, como sempre tivemos, e com o qual fomos o Povo mais feliz, e mais opulento, e da maior representação na Terra, tendo-lhe mostrado huma constante experiencia que essa armadilha diabolica, que se chama Governo Representativo, não he mais que hum degráo para a destruição do Throno, e estabelecimento da Demorracia, ou Soberania popular. Esta verdade he de huma evidencia tal, qual pode ser o testemunho dos nossos mesmos olhos. Este invento da malicia, ou do furor revolucionario das abdicações he o meio escolhido, e adoptado para se desfazerem dos Soberanos, convertendo-os em meros autómatos, ou fantasmas, sem outra acção, e movimento mais que o que lhes dá a revolução, quando estes não affugenta, como acontece a Carlos X, Rei de França, e com maior escandalo, ou desaforo ainda com o Senhor D. Pedro, Imperador, e Defensor perpetuo do Brasil. Exemplo terrivel para todos os Monarcas, e para todos os Povos, que nelle aprendem quaes sejão os resultados dos Governos Representativos. Se hum precipitado desejo de reinar, se hum frenetico da independencia se lhe não despertasse n'alma com tanto, e tão impetuoso furor; se Sua Magestade, como filho obediente, esperasse o curso ordinario da Natureza para entrar na herança da Soberania depois da morte de seu Augusto Pai, e Senhor, elle o seria de tudo, e era então indisputavel o direito da sua legitimidade, ainda que fosse, como era, hum segundo genito, porque se ha de cumprir sempre aquelle immudavel Decreto da Providencia, pelo qual até hoje nenhum primogenito dos Reis de Portugal chegou a assentar-se no Throno de seu Pai, nem o mesmo D. Affonso Henriques foi o primogenito do Conde D. Henrique. O Senhor D. Pedro levantando-se com a maior porção da Monarquia, podendo depois pacificamente herdar toda, se tal acto não fizera, perdeo o direito, e o perdeo irremissivelmente para sempre á Corôa de Portugal, por elle deixado, desprezado,

perseguido até com a espada na mão, protestando á face do Mundo, que nada queria deste Reino, negando a sua mesma Patria, e o nome de Portuguez. (cousa que mais me horrorisou no espaço de 66 annos da minha vida). Precipitou-se, e sem reflexão se deixou cahir no laço, que tenebrosa facção lhe havia armado, convelo passar do Governo Monarquico absoluto (independente) para o representativo, Camaras, Congresso, Assembléa Brasileira, Corpo Legislativo, tudo quanto quizerão, e tudo quanto a malicia, e a perfidia podia exigir, e alcançar da simplicidade, e da ignorancia, transformando-se em hum cadaver, sem sinal algum de vitalidade politica. Ei-lo expulso do Throno, desamparado de todos, afugentado com tanta ignominia, pobreza, e indigencia, que nem huma embarcação teve sua, de tantas de que se compunha a Esquadra Portugueza alli usurpada, ao menos a bellissima Corveta, em que daqui foi o zeloso Conde de Rio Maior, que Sua Magestade Imperial lá *tomou* pelas custas. Que pena! Em hum artigo de hum papel de Marselha se lê huma pintura tão viva do estado de Sua Magestade, que parece de Rafael; elle viaja só, sem filhos, sem amigos, porque hum Rei destronado he como hum Relogio de Sol em dia nublado, e escuro, ninguem olha para elle, não regula, e para nada serve. Representa o illustre viajante n'huma estalagem de Caen, Departamento de Calvados, sem dinheiro, sem equipagem, sem creados mais que hum tal General Pinto, que não sei em que Olaria o fizerão. Sua Magestade, segundo agora me dizem, já regressou de Inglaterra, talvez ultimasse as suas importantes negociações com aquelle Governo. Na pressa, com que quiz deixar aquelles ingratos, que não merecião a sua presença, e muito menos seu paternal Governo, nada pôde salvar do incendio da revolução da Tropa, e Povo, de quatro Soldados, e hum Cabo, que era a Guarda de honra, que ainda conservava fiel na Quinta de S. Christovão, nem hum só o quiz acompanhar, apenas lhe derão tempo para entregar a sua Familia Augusta, e pequena, a José Bonifacio, escrever aquella Carta, que a Imprensa nos conserva immortal, para causar huma pena terna, e immortal nos corações sensiveis dos que na presente, e na futura idade tiverem a curiosidade, e o animo de a ler; e metter no bolço interior da sobrecasaca de vapôr, que tinha vestido, huma caixinha com brilhantes, para em caso de necessidade se entender com algum Judeo, e vender-lh'a como elles comprão. Nisto não ha exaggeração, ou hyperbole. Hum sopro de vento, que seja, pode derribar hum Cedro do Libano; antes isto que morrer como Cesar no Senado, com vinte e duas punhaladas; ao menos, ainda que com acceleração de passos, salvou a sua Imperial Pessoa, só com o desdouro de o baldearem da Náo, a que se foi acolher, e que o devia conduzir para bordo de huma pequena Corveta, onde não devia caber.

Hum certo presentimento destas desgraças de Constituições, e abdicações, tem ensinado (e agora o mostrou, e claramente desde o dia 11 de Julho) o Povo Portuguez, e o bravo Exercito, a detestar innovações politicas, e a não querer mais que o Rei, que tem, e que sabe constituir-se á sua frente, nem outra Constituição Fundamental mais do que aquella, que seus Avós fizerão, e que tem passado pela Chancellaria de sete seculos, sem mudança, e sem infracção, nem outra Religião mais do que aquella, que seus Avós lhe ensinárão, e que elle soube levar até aos fins da Terra conhecida. Venhão todas as forças de hum Mundo revolucionario assoprar revoluções, e mais assoprar ainda os malvados que as fazem, tirar-lhe-hão o sangue das veias, mas não lhe arrancarão do coração, nem da vontade, estes tres segu-

ros penhores da verdadeira felicidade Nacional, e a sua natural nobreza, e dignidade; nunca quererá, nem consentirá Constituições, e Cartas, que fazem hum Rei de tarraxa, hum Rei que he regido, hum Rei que se tira, e que se põe, hum Rei que chegue a dizer, como Sua Magestade o Senhor D. Pedro, na Carta que de bordo da Fragata La Volage escreveo ao seu intimo Amigo o Villa Flor, estas espantosas palavras, que me fizerão abrir huma bôca maior que a de Sacavem, e farão sempre: — *a A Corôa, que os Brasileiros me tinhão espontaneamente offerecido!»* Que horror! Pois offerecem-lhe o que era seu? De quem era o Brasil? Quem fez o Brasil? Quem civilisou aquelles barbaros Sertões? Quem converteo Tapuias em homens sociaes? Mal o haja o patife que aconselhou o Senhor Rei D. João VI que levantasse á Cathegoria de Reino aquella vasta Colonia, deposito de caiinga, e de degradados!.. Rei assim, não era Rei para os Portuguezes.

Eis-aqui a forma de Governo, que os malvados querem, e que os leaes Portuguezes mostrárão agora detestar até com páos, e com pedras na mão. A Carta, que Sua Magestade o Senhor Imperador D. Pedro escreveo a Sua Exc.ª Villaflor, (Exc.ª, que he o tratamento, que Sua dita Magestade lhe dá repetidas vezes) nos rompêo sombras, que envolvião mysterios, que só elle contra si mesmo podia explicar. Tal he o texto no §. 2.º da mesma Carta, que parece de Marco Tullio escrita a Attico; Cicero esquece-se da dignidade Consular, Sua Magestade da Imperial. — *Aqui me chegárão as felizes noticias de que V. Exc.ª, animado dos mais puros sentimentos de amor para com a vossa Patria...* (Logo sendo o tal Flor Portuguez por Patria, não he Portugal a Patria do Senhor D. Pedro!! Elle a desconhece, e arrenega!!) *e para com a augusta pessoa de D. Maria 2.ª, minha muito amada, e prezada filha, tem conseguido fazer de novo triunfar a causa da justiça, e da razão, supplantando o partido usurpador na Ilha de S. Jorge, e do Pico, arrancada pela virtude, e pelo valor, das garras da traição, e do despotismo. Como Curador natural de minha filha, como verdadeiro Constitucional, e antigo, e affectuoso amigo de V. Exc.ª, aproveito esta occasião para dar a V. Exc.ª huma prova do meu respeito por tanto valor, e constancia, e da minha gratidão por tão heroicos, e bem sustentados sentimentos de honra, e fidelidade á Soberana Causa da Liberdade Legal.....* Eu não sei de mim, nem sei onde estou, nem traslado mais, sempre direi, por desafogo, alguma cousa. Entende alguem a arenga de hum Medico á cabeceira de hum doente, ou de algum apatetado, e novo alumno da nova Escola Cirurgica no Hospital, papagueando em alguma Botica? Não Senhor! Pois o mesmo me sucede a mim com a leitura da Carta, e com a Exc.ª de hum vassallo dada pelo seu Monarca, ou pela sua Monarca, quando lhe escreve! Taes são os resultados da mania Constitucional, e dos palavrões dos Salões augustos. Eu não sei dêveras o que o Senhor Imperador D. Pedro entenda em sua alta sabedoria por *Soberana Causa da Liberdade Legal*, que a Regencia da Ilha Terceira tenha mandado estabelecer não só por suas luminosas Leis, mas pela força de seus invenciveis, e descalços exercitos. Quando deixou entre nós os Portuguezes de existir aquella Liberdade, a que as Leis prescrevem os mais justos, e proveitosos limites? Veio acaso para Portugal instalar-se a Regencia de Argel, ou o Divan de Constantinopla? Neste mirrado papel dos dous vintens não ha espaço para longas dissertações Juridicas, e Politicas, senão em mostraria que o verdadeiro despotismo, a ferrea escravidão de hum Musulmano, a verdadeira degradação do ente racional em seus pensamentos, e suas palavras, existe uni-

camente no violentissimo systema representativo, onde promettendo-se a liberdade de quaesquer pensamentos, palavras, e sentimentos, se proscreve, se remove, se degrada, se emprisiona, se maltrata, e se insulta pelos internos affectos do coração. Quantos em 1822, e 1826 por arbitrarios mandamentos desses Proconsules ferozes das Provincias, e por esses Questores, e Tribunos da Capital, forão gemer em prisões, e em desterros até fora dos limites deste Reino, escravisado então, por = desaffectos ao systema =? Ninguem poderá ser incommodado por suas opiniões Religiosas, e ha de ser desterrado, e arrancado da sua pobre casa, e familia por suas opiniões politicas!! Chamará a isto o Senhor Imperador D. Pedro liberdade legal, cuja sagrada causa os da Ilha Terceira, ladrões desta, e mais das outras, querem com tanta honra, zelo, e sabedoria sustentar? Esses mesmos estrangeiros, que ainda hoje 7 de Agosto existem entre nós, estão pasmados, e confundidos de verem a harmonia dos Portuguezes em seus sentimentos, e a ventura dos Portuguezes na fruição da sua liberdade civil, sustentada, e defendida pelas Leis do paiz, invariaveis desde a origem da Monarquia. Se os nossos inimigos internos, com suas ôcas theorias dos Representativos, e com sua quimerica divisão dos Poderes (com que se multiplica a tyrannia) se essa Fanqueirada, Capellistada, Bacalhoeirada, gritadoras de Galerias, fossem homens em que coubesse razão, que lhes não cabe nos cascos, cabendo-lhe tudo nas lojas, e já muito pouco nas gavetas, quando se trata das verdadeiras urgencias do Estado, e não das galhofas constitucionaes, verião que o nosso feliz, e sempre feliz Governo Monarquico he o mais circunscripto, limitado, e aguarentado pelas immudaveis Leis da mesma Monarquia. Dizem os matreiros apostolos das revoluções á caterva dos gritadores mentecaptos, de que acima trato, que no systema representativo o Rei Constitucional só pode fazer todo o bem, e não pode fazer nenhum mal, porque a sua authoridade, e o seu poder são regulados pela Lei. Que illusão, e que aleive! Em Portugal nenhuma causa criminal, ou civel deixa de ser julgada pelos Tribunaes, e tantos ha, que bastaria metade. Sem estes Tribunaes, nem a mesma Fazenda do Estado deixa de ser administrada. O que parece que he só do Rei, quer que a Justiça publica se administre. Em materias criminaes nenhuma causa he ahi julgada, nenhuma pena infligida, ou applicada só pelo Rei, os processos não se instituem por elle só, mas pelos Tribunaes. Em toda a Historia deste Reino só encontro huma causa criminal de alta traição, em que se desprezasse a formalidade do Processo, e o intermedio dos Tribunaes, em que o Rei quiz ser tudo até o executor; porque ElRei D. João o segundo matou pela sua mão o Duque de Viseu, não o quiz entregar ao Algoz, como fez a D. Fernando segundo Duque de Bragança, mandando ao Verdugo que fizesse a execução vestido com hum capuz preto, e com a cabeça coberta, de sorte que nunca se soube quem foi. A causa, ou o caso do Duque de Viseu he unico em nossa Legislação, e Historia.

O nosso actual Soberano (e o será sempre, Portugal não quer outro, e eu nunca deixarei de clamar — Não queiramos outro) ainda em nenhum dos actos da sua Soberania deixou de querer a Lei, para si, e para nós. Nem absolve malhados, nem condemna innocentes. A Lei faz tudo, e a sua Soberania só he superior á Lei para a fazer observar. A acclamação espontanea do Povo no dia 25 de Abril de 1823 lhe offerece a Corôa; não quero a Corôa, diz elle, só se a Lei examinada, analysada, e applicada ao caso presente pelos tres distinctos Braços do Estado, isto he, por toda a Nação

legalmente representada, não por Deputados, que isso he termo revolucionario, mas pelos Procuradores dos Estados, declararem que estou no caso da Lei, e isto não pela pluralidade, mas pela absoluta unanimidade de votos, me adjudicarem a Corôa, e me declararem a legitimidade na successão, então acceitarei; porque eu não usurpo, herdo. Este Monarca, o mais justo, o mais ligado á Lei, quando se trata de reconhecer a sua legitimidade, e o Direito que o chamava ao Throno, e que não queria o Throno se o Direito lho não désse, he o Monarca chamado o Tyranno, o Usurpador, o intruso, pelos Senhores, e pelos Grandes, que estão na Ilha Terceira, e reunidos em Londres forão, mas com os pés quasi descalços, como quem promette ir á Penha de França em romaria, beijar a mão ao ex-Imperador o Senhor D. Pedro de Alcantara, indo só tres de sege adiante, porque os mais forão a pé, e pela sua muita fraqueza encostados huns aos outros; bambuchata que fez espojar de riso os melancolicos Bretões, e não faltarão ahi caricaturas engenhosas, que os representem como huma matilha de mendigos, que correm ao caldo com huma tijella da Panasqueira debaixo do braço. Esta beijoca de mão foi aqui por alguns dos Grandes, e das Grandes com ternura invejada! Não consta que Sua Magestade mandasse os cem traidores pedintes para a Meza de Estado, porque irião em occasião de se não poder da Ucharia dar huma batata a cada hum. Em todas estas idas, e venidas eu não descubro mais que hum eterno ridiculo, e hum manancial de gargalhadas na mesma posteridade. A estas idéas se me ajunta no coração a mais pungente dor, vendo as scenas que tem representado desde o dia 13 de Abril o irmão do Rei de Portugal, scenas, que sendo já tão lastimosas, acabando-se no Brasil, me parece que vão ter principio na Europa. Se por caridade o trouxerão n'huma pequena Corveta com o necessario incommodo de huma viagem do Hemisferio opposto, até quando durará a caridade na Europa! A sorte dos maiores homens, dos mais temidos guerreiros, e dos mais poderosos Monarcas, não anda longe da desgraça. Belisario, que acabou com o Imperio dos Godos na Italia, acabou pedindo esmola sentado n'huma pedra á porta de Santa Sofia em Constantinopla, e o Grande Annibal, que pizou aos pés o orgulho, e o poder dos Romanos nas tres batalhas decisivas de Trébia, de Trasimeno, e Cannas, refugiado na Bithinia, sem poder, e sem pão... diga-o com mais vehemencia Juvenal

Sedet ad Prætoria Regis,
Donec Bithino libeat vigilare Tyranno.
Sentado á porta do Palacio espera
Que acorde em fim Bithinico Tyranno;

Talvez que para lhe dar hum pão para o almoço... Talvez que espere que se levante o Senhor Casimiro Perrier para lhe dar hum alojamento, ou hum Boleto para hum Quartel. Monarcas da Europa, diz hum artigo de Marselha inserido na Gazeta de Madrid, aprendei a dar vossas filhas por esposas a estes Soberanos Constitucionaes!!! E eu clamo aos Portuguezes que, pondo diante dos olhos tão lastimosas scenas, aprendão a estimar, reverenciar, e servir com lealdade o seu adorado Monarca, contemplando o desfecho, que dêo ao Imperio a que a si se chama Nação Brasileira. Nação Brasileira! Que lingua falla! Que appellidos tem! Que Religião, que costumes! Porque Leis se formou, e se governou! Este transtorno do mundo, que no moral faz mais estragos que no fysico a colera morbus, não se deve mais

que ás malditas Constituições do espirito revolucionario, que invadio todos os espiritos, e que huma quasi universal mania, ou huma como indestructivel illusão conserva. O pai, o mestre, e arquitector de todas as revoluções, he unicamente Montesquieu, e só com elle aprendêrão quantos depois delle tem escrito sobre estas nauseantes materias de Constituições, e de Governos representativos, alli tem apanhado as suas doutrinas, naquelles desligados pensamentos, em que (digão o que quizerem) se não acha hum fio seguido. Elle diz que ha tres formas de governo, o Monarquico, o Republicano, e o Despotico, (confunde quasi sempre o Aristocratico com o Democratico). Dá por fundamento ao Governo Monarquico a *Honra*, ao Republicano a virtude, e ao Despotico a força, e a violencia. Sobre a virtude, como fundamento do Republicano, nada digo, Montesquieu não vio a revolução, ainda que elle, mais que todos os outros agentes, a preparasse; mas se a virtude he a base da Republica, não he muito segura, porque em breve tempo se corrompe, e de apparece; tantos Tyrannos quantos os representantes, ou depositarios do poder. Atenho-me por agora, e nas presentes circunstancias ao fundamento da Monarquia, a Honra, porque o julgo hum estimulo muito poderoso no coração dos verdadeiros Portuguezes. Os primeiros esteios do Throno são, como se costuma dizer, os Grandes, e se o Throno lhe communica honra, porque não hão de corresponder á honra que o Monarca lhes prodigalisa com tanta abundancia, com aquella fidelidade, que he o primeiro dever da honra? Que cegueira! Huma traição n'hum Grande he o mais horroroso de todos os delictos, e attentados. Elles não podem ser Grandes, e por consequencia honrados, sem o Throno; e porque não defendem todos honradamente o Throno! Só elles podem responder a esta pergunta, ainda que nos procedimentos de muitos nós tenhâmos muitas vezes ouvido a resposta, e a cada instante, atravessando os mares, lá nos vem da Terceira. Que vileza! Ajoelhar diante de Manoel Fernandes, de alcunha o Estriga, e não só fugir de D. Miguel I, mas perseguir D. Miguel I! Não me digão que eu aborreço esta Classe; mas se a honra he o fundamento da Monarquia, alguns a querem derrubar, porque a não conservão. Tomára haver trazido da Ilha Terceira, e da famosa Londres atados a hum Balão aerostatico todos esses dispersos transfugas, que tão nefandas blasfemias tem vomitado, e vomitão contra o nosso adorado Soberano, e mostrar-lhes no dia 11 de Julho o espectaculo que aos olhos do Mundo espantado offereceo a união do Povo, e a attitude do Exercito valente (em que militão muitos Nobres), a quem a honra, e a fidelidade fizerão pegar nas armas, e clamar-lhes: Vêde, malvados, a união de hum, e a valentia do outro; e se em vós pode caber a vergonha, e a honra, vêde a prova da legitimidade no Monarca, e da fidelidade em toda a Nação; vêde, e tornai a vossas hediondas pucilgas, e entregai-vos aos Curadores dos pobres mendigos dos bairros de Londres, e aos latrocinios dos Açores, e recolhei as Procurações que destes ao vosso Agente, e Estafeta das Amnistias, e se vos demoro mais alguma cousa he para que vejais a cooperação que os vossos irmãos derão a forças estranhas... não devo dizer para que... para os vossos fins; agora correi, e depressa, antes que vos colha o premio, e a recompensa que elles tiverão, como letra paga á vista, e levada nas costas dos patrioticos trabalhos. Taes são os prodigios que nós vimos resultar da força unida do Povo, e do Exercito.

Eu sou animoso, e bem o tenho mostrado ha onze annos desde o momento, em que apontou a salsada da primeira rebellião do Porto; mas

quando a razões se responde com ballas de trinta e seis, não posso deixar de escrever a medo. A nossa nunca interrompida alliança com a Grã-Bretanha he muito antiga, e vai datar no casamento da Rainha D. Filippa com ElRei D. João I., e me parece que a victoria de Aljubarrota ainda se ganhou sem Inglezes; e são tantos os Tratados que se tem feito, e renovado, modificado, e ampliado com aquella invencivel Nação Senhora dos mares, e a mais influente na terra, que a sua mesma multidão os confunde, e esconde nos vastos Archivos da mesma sublime Potencia. Em 1827 por ser a diligencia mais activa, e mais assiduo o trabalho do grande Politico o Senhor Canning, logo se encontrou o Tratado modernissimo, em que se descobrio como *casus fœderis* obstar a entrada de hum exercito estrangeiro, que se sonhava viria em soccorro da maior parte do Exercito Portuguez, a quem fallar-lhe na maldita Carta, e Camaras, era fallar-lhe no Diabo, e que se lhe apresentasse para alli o autografo do Decreto de 6 de Março, porque era fama publica que Sua Magestade tinha morrido antes de apparecer o mesmo Decreto, apparecendo moeda já batida com hum cunho aberto antes do mesmo dia, e preparado para a occasião necessaria. Seja como for, porque nem todas as verdades se dizem; o certo he que a Grã-Bretanha fiel, e fidelissima sempre na sagrada observancia de seus Tratados, fez entrar, sem ninguem tal esperar, excepto os que o pedírão ao Senhor Canning, pela foz do Téjo hum corpo de exercito, que de tantas esperanças, e consolações nos encheo; e graças immortaes ao Senhor Canning! Agora como se busca pelos Arquivos Britanicos hum mui antigo Tratado, qual he o de 1661, quando se lhe contou o dote da Rainha D. Catharina, que casou com Carlos II, no qual entravão duas addições bem importantes, a Praça de Tangere na Africa, e a Cidade de Bombaim na Asia, primeiro palmo de terra que os Inglezes pizárão, e possuírão na Asia, em se encontrando, e nelle lendo os artigos 15, 16, e 17 o menos que entrará no nosso Téjo são dous Regimentos de Cavallaria de quinhentas praças cada hum, e dez Náos de guerra, que agora se dizem de linha, com petrechos, e mantimentos para oito mezes para nos defenderem em caso de aggressão, como se defenderia a mesma Inglaterra; sendo todas estas, e mais forças dispostas, e postas á disposição do Senhor Rei de Portugal... Tomara já que se achasse entre os outros de Commercio, este singularissimo, e preciosissimo Tratado! Mas não tarda quem vem....

Acabo dizendo que aqui passou o Mestre Fr. Matheus hum dia destes, e eu lhe disse da janella: — O' Mestre Fr. Matheus, então temos, ou não temos que recear? Cortejou-me, porque somos amigos, e a resposta foi encolher tanto os hombros, que eu não lhe via o cachaço. Então lhe disse eu, e não sei se ouvio: O' Mestre Fr. Matheus, quer algum recado para Almeida?...

Pedroiços 8 de Agosto de 1831.

José Agostinho de Macedo.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1831.
Com Licença.

O DESENGANO,

PERIODICO POLITICO, E MORAL:

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

N.º 25.

Salus Populi suprema Lex esto.

Não foi desta, nem vai d'outra.

A Historia dos acontecimentos extraordinarios, que tem occorrido no Mundo neste quarto de seculo, que já conta a revolução Franceza, e que em seu não interrompido movimento nos deixa, ou a esperança, ou o susto de contar muitos mais, não nos offerece hum successo mais espantoso, que a duração, e o desfecho do Imperio Brasileiro; e como he cousa que de tão perto nos tóca, como propriedade nossa, e obra das nossas mãos, eu não posso deixar de me lembrar desta calamidade, onde descubro tão negras, e abominandas traições, sem reconhecer os resultados da conspiração systematica, e geral contra todos os Thronos, e Soberanos, porque este he o fim a que se dirigem os que unicamente procurão a regeneração do Mundo pelos estragos do mesmo Mundo. De longo tempo estava preparada a revolução do Brasil, e já era de admirar a existencia de hum Imperio, que eu via encravado no meio de tantas Republicas quantas vemos do Norte, do Sul, do Nascente, e do Poente do mesmo Brasil. S. Magestade Imperial o Senhor D. Pedro foi sempre o ludibrio, e a zombaria daquelles mesmos de quem se dizia Perpetuo Defensor, e não podemos deixar de notar a sua indolencia, inconsideração, e insufficiencia para notar, e conhecer o que em sua mesma Côrte, e na sua presença se annunciava pelo abuso da Liberdade da Imprensa, sempre nociva, sempre perniciosa para os Povos, e muito mais para os Reis, porque por ella, e com ella se indispõe os Povos contra os Reis, e estes contra os Povos. Eis-aqui o que eu leio em hum infame papel impresso no Rio de Janeiro, e publicado a 5 de Fevereiro deste anno infausto de 1831, intitulado = Tribuno do Povo = pag. 46, § 2.º — « *O Brasil não ha de soffrer Tyranno nenhum; respeita muito o Senhor D. Pedro, porém logo que por qualquer accidente elle ou os seus inimigos o tornem absoluto, então acabárão-se os respeitos, e considerações, e a força he quem decide. — Collegas da opposição, sustentemos a federação, porque só ella nos póde salvar.* »

Parece impossivel, que apparecendo este papel na presença do Imperador então, (porque foi alguns mezes antes de o precipitarem do vacillante, e mal

*

seguro Throno), que não mandasse enforcar o insolente revolucionario redactor! Nem fez isto, nem ao menos deo hum passo para o conhecimento da infernal conspiração contra elle urdida, e que o devia cobrir de hum eterno vilipendio. Então se lembrou de ir dar hum inutil passeio; parece, que para deixar o campo mais livre aos conspiradores, não para tramarem em segredo, porque, quem se annuncía com tanta clareza, e desafogo pela imprensa, não necessitava do segredo, e do mysterio, publicamente se corrompeo a força armada, porque assim como he o apoio do bem, como agora vimos entre nós no meio da mais injusta aggressão de que fazem memoria os Annaes do Mundo, tambem pela seducção, sordido, e vilissimo interesse, se torna o apoio do mal. Os taes Senadores de côr ambigua, e mais depressa ainda que se o fizessem com a ponta do punhal, lhe arrancão com suas mascavadas expressões, ou termos delambidos, a mais vergonhosa de todas as abdicações, que os homens virão nos tempos antigos, como hum Rei dos Longobardos na Italia, que abdicou em hum irmão, e se foi metter Frade Bento, ou como Carlos V, que Senhor dos dous Mundos abdicou estando em Bruxellas, em seu filho Filippe II, e se foi metter Frade Leigo no Mosteiro de S. Justo, tomando para si o ministerio de tocar de madrugada a matraca para o Côro, para que, assim como tinha inquietado o Mundo com as armas, inquietasse os Frades com o ingrato motim de huma taboa cheia de argolas de ferro; ou nos tempos de agora como Fernando VII nas mãos do Usurpador, ou Ladrão Corso; como o Rei de Sardenha, como Carlos X, e outros Reis mais, feitos, e desfeitos á Pedreira. A abdicação do Senhor D. Pedro he de huma especie nova: chegão junto ao Throno Imperial tres homens, não affanço, nem digo, que erão de côr uniforme, n'hum mais fechada, n'outro mais aberta; e para me explicar melhor, erão de huma côr, que não he a do dia, nem he a da noute, ficava no meio; mas em fim, os Roxinoes são pardos, mas cantão bem, e lhe disserão, olhando para o alto do Throno: — Ponha-se cá em baixo, porque ca em baixo he que o queremos; até agora era o primeiro Cidadão, agora he o ultimo. — No mesmo instante se vio no Rio o que se vio em Roma com Cesar Borgia; parente muito, e muito chegado do Papa Alexandre VI.

Qui modo Cæsar erat, incipit esse nihil.

O que era até agora Cesar,
Agora he cousa nenhuma.
Nem se assenta em banco razo,
Quem teve a cadeira summa.

A esta vergonhosa nullidade o reduzio a perversidade Maçonica, mas nunca o despojará da Magestade, e da Grandeza de ser Irmão d'ElRei Nosso Senhor, isto o fará mais respeitavel, e venerando no Mundo do que o fazia o Imperio dos Macacos, e das Bananas; Victima da perfidia, e jogo, ou ludibrio da inconstante Fortuna. A Napoleão, na Ilha de Santa Helena, chamárão os Inglezes simplesmente General, tendo-o considerado, e temido Imperador. No Senhor D. Pedro desvanecêrão-se os Titulos, e fica a Natureza, he o Irmão d'El-Rei de Portugal, sendo para esta Corôa tão insignificante o Brasil, que nunca em Lei, ou Diploma, ou Tratado algum, foi posto entre os seus gloriosos Titulos, ou Tymbres. Achamos a Ethiopia, achamos a Arabia, achamos a Persia,

achamos a India; mas achamos o Brasil? Não. Pois se nem para hum Titulo nos servio, não nos sirva para nada, ainda que, como espero, ainda algum dia nos venha a servir para Conquista. Aqui, por vida minha, dos labios purpureos de alguns Grandes se deslisará hum surriso, e em alguns Politicos esmorecidos, manicacas, e medrosos, alguns abanos, ou menêos da macissa cabeça: pois eu digo, que sería a empreza mais facil, com duas cousas, com os votos do Conselho, e alguns Machados na Ribeira, mas com bom Inspector. Ahi vem já as mãos com que me costumão vir á cara; mas antes que fallem, eu lhes respondo com hûma pergunta: — donde vierão as madeiras, com que se construírão as tres Náos, huma grande, e duas pequenas, em que foi Vasco da Gama aos encontrões, e ás cabeçadas com as ondas, e com as borrascas passar o Cabo das tormentas, e já então de Boa Esperança, porque já antes delle tinha ido Bartolomeu Dias até ao Ilheo da Cruz, a 25 de Novembro de 1497? E fizerão-se as Náos no sitio, onde hoje se chama o Mal-cozinhado, onde preparamos bem mal tão bons guizados, que hoje estão comendo os Inglezes, e outros tão nossos generosos amigos como os Inglezes; (pois se não fossem elles, que seria de nós, como agora estamos vendo?) e madeiras? N'hum sitio junto a Leiria, e nas margens de hum rio, que desagua na Vieira, e que se pode fazer navegavel, vi Carvalhos tão elevados, e tão direitos, que dous fazião a quilha de huma Náo de 74 peças. Dirão que o Padre sonha, e o Padre diz que não, que está acordado. Dormindo estão os que lhe dizem isto, e talvez a estejão cozendo.

Tornemos ao Senhor D. Pedro, porque he preciso dar sobre elle hum desengano aos Portuguezes, e no Senhor D. Pedro falla toda a papelada Ingleza, e toda a papelada Franceza, e entre as suas mentiras, e imposturas he preciso que appareça alguma verdade. Abdique, disse Braz Vergueiro, o Anspeçada Lima, e hum tal, a quem pode ser que por alcunha chamem o Marquez das Caravellas; eu perderia o meu tempo se lesse a Nobiliarquia Portugueza, mas por certo lá não vem similhante titulo, ou cassoada. Caravellas só conheço huma pintada n'huma columna da Igreja de Cezimbra, que determina o porte destas antigas embarcações, sobre que se tem dissertado tanto. Fallárão estes tres Papagaios do mato, e no mesmo instante huma grande Potencia desapparece do Globo. Vendo-o já a duas leguas de distancia fóra do Pão de Assucar, diz o Precursor, Periodico Francez, N.° 23, que se cantára hum solemne *Te Deum*, que em bocas Tapuias he o mesmo que huma apupada. A que reflexões nos obriga este tombo de gozo, e o mais estrepitoso do Mundo! O Senhor de hum vasto Imperio, ao mesmo tempo que rico sem dinheiro, e grande sem gente, repentinamente se vio como se vê o espargo no monte, desamparado, e solitario, mettido n'huma chácara, onde não apparecem senão duas cousas, elle, e Bananas. Não acha na sua Côrte, onde havia tantos Grandes como Mosquitos, hum só Grande, que lhe sirva de Camarista; no seu Exercito hum só Tambor, que o leve a toque de caixa; na sua Marinha, que enchia de espanto, e rasgava as ondas de ambos os Oceanos, Atlantico, e Pacifico, hum só bote, em que se acolha a bordo da Náo Ingleza, por cuja escada descerá logo para hûma pequena Corveta, onde se accomodará em hum Beliche de re, paredes meias com o Contra-mestre, comendo talvez mal, porque o pequeno ambito da meia laranja não davão lugar a capoeiras, sem que de tantos Diplomatas Embaixadores, Enviados, Encarregados dos Negocios houvesse hum só, que o acompanhasse no bota fóra, porque todos ficarão em casa do Senhor Nuncio a comer Rabioles apimentados, em que a Cachaça trabalhou bastante, á saude do menino orfão, que

acavallo os vio elle por mal de seu peccado. De tantos filhos pequenos nem hum só pôde trazer pela mão, como Eneas o menino Ascanio, quando Troia se estava abrazando; e, se não trouxe, como o mesmo Eneas o pai Anchises acavallo no cachaço, he porque por amor delle o tinhão mandado para hum outro Mundo, como era fama pública, e corria de plano. Mostrem-me em todas as Comedias antigas, e modernas hum desfecho como este, em que o Protogonista fique só na Scena, sem hum Comparsa, que lhe diga — boas noites. — Peiores dias se lhe preparão, porque, como pode existir quem traz o coração varado de duas setas as mais agudas, e penetrantes, a primeira chama-se saudade, a segunda amor, saudade da sua *Patria adoptiva*, como elle o diz, a segunda amor aos seus Brazileiros, amor tão forte, amor tão heroico, amor tão fino, que o obrigárão, por lhe fazer a vontade, a abdicar *para sempre* duas Coroas, e mais abdicára, se mais tivera, e se não fôra — *para tão grande amor tão curta a vida* — como do amor de Jacob nos diz Luiz de Camões. O fim, ou o objecto mais apetecido do amor he a união com o objecto amado, e nisto parece que se contradiz o Senhor D. Pedro, pois deixa, e abandona o que mais protestava querer, os seus Brasileiros, a sua Patria adoptiva, sabendo-se que os filhos da adopção são mais queridos que os da Natureza; e elle o mostrou quando disse, e escrevêo — De Portugal não queremos nada, nada; e sem nada ficou. Como o Senhor D. Pedro em toda a sua vida, com especialidade a Imperatoria, não obrou huma acção, que não fosse motivada, sem se apartar jámais dos dictames da razão, elle mesmo, para nos não deixar com a bôca aberta, produzio a razão, e o motivo, que obrigou o seu coração, maior que o de Alexandre, a tantas abdicações, e tantos sacrificios, dizendo — *Não desejando mais nada neste Mundo senão gloria para mim;* — e bem o mostrou, e já a conseguio, dando em París com o martellinho suas pancadas naquella primeira pedra do Monumento, que perpetuando a gloria dos tres dias, deverá levar á posteridade a memoria de huma revolução, de huma rebellião, de huma desthronação de hum Monarca legitimo; e foi muito bem achado hum Monarca desthronado para esta operação. Conseguio a gloria, que queria, se por vontade, ou por força, os Brasileiros que o digão. Ainda quiz mais o Senhor D. Pedro em suas abdicações — Gloria para mim — isto já está dito, e feito; agora falta — *E felicidade para a minha Patria.* — Não podemos negar que elle nascêra no Brasil, porque não vai atraz a sua Augusta Palavra — *para a minha Patria.* — Eu préguei na Real Capella de Queluz na Festa do seu nascimento, e tinha tão poucos dias de nascido, que me parece impossivel que houvesse tempo, e Embarcação tão veleira, que o podesse trazer do Brasil, mas talvez seja illusão minha, e muito principalmente estando cá seu Pai, e sua Mãi; mas elle o diz, e protesta que abdicára, e que abalava para felicidade da sua Patria; isto não se entende, aqui ha mysterio, cuja explicação não he para mim. Permanecer na sua Patria como Soberano, para a fazer feliz, mas deixalla para que o fosse, isto he dizer que com sua presença a fazia desgraçada. Isto dão a conhecer os seus Patricios Brasileiros, pois com hum *Te Deum laudamus* dérão graças ao Todo Poderoso pela sua ausencia, deixando vêr que della pendia a felicidade da sua Patria; com humas cousas se provão as outras; assim como a felicidade de Portugal está pendente da presença, e conservação do Senhor Rei D. Miguel I, e sem elle acabaria logo Portugal, ou seria logo o horror, e a confusão de hum verdadeiro Inferno.

A Náo Ingleza *Warspite* descartou-se do Senhor D. Pedro para bordo de huma Corveta, e lá se accomodasse como podesse com a Senhora ex-Imperatriz.

Não se faz em relação nenhuma menção de hum só criado, que acompanhasse, e viesse servindo o Augusto Pai, porque até Francisco Gomes, que era unha com carne com o Snr. D. Pedro, não apparecêo, e dizem que anda em Missão cá pela Europa para referendar todas as Constituições, que fizerem os Pedreiros Livres, pois em dizendo no fim. como a de 26 — Está conforme Francisco Gomes, isto he, parece-se com Francisco Gomes, fica segura a felicidade de huma Nação: nem este lão seu apaixonado amigo o acompanha. Querendo todos o Botafóra, ninguem vai a elle, e, *a Deos Patria. a Dios amigos, a Deos para sempre*: e ninguem disse, (porque não apparecêo ninguem) — boa viagem!!

Temos na Europa o Senhor D. Pedro; agora fallará hum papel impresso em Inglaterra, o seu author como testemunha ocular merece alguma attenção, e muito crédito, depois tornarei ás minhas reflexões, porque sempre me dou melhor com a prata de casa. «Os homens que se desvelão por achar meios de suspender a torrente do Liberalismo, que leva, e arrebata em si os Estados todos, com trabalho, ou difficuldade acreditão, que hum Principe como o Senhor D. Pedro, hum ramo, ou vergontea dos Bourbons, e de Bragança, seja o gato-çapato de hum partido, que já deitou a terra quatro Thronos em menos de hum anno. O Ex-Imperador do Brasil devia conhecer melhor os homens que o rodeião. São os *irmãos*, e os *amigos* dos que o expulsárão do Brasil. Com palavras adoçicadas na bôca escondem no coração a raiva, e odio do partido contra todas as testas coroadas. Festejão-no muito na Estalagem de Clarendon, porque o julgão necessario, e util a seus damnados projectos; mas quando elle concorresse para se realisarem, suppondo por hum instante só, que isto lhe fosse possivel, bem depressa se renovaria a scena do Rio, e ver-se-hia obrigado com toda a sua condescendencia a deixar o Throno, ou trocallo pela presença de hum Senhor Presidente, e de lá passar para as mãos de hum Algoz, e para o reposso de hum patibulo. Quando vemos nesta Estalagem, onde está o Principe D. Pedro, a solemne recepção que se faz a quantos refugiados Portuguezes mendigos em Londres, podemos dizer, que o filho dos Reis, esquecendo-se do seu berço, da a sua mão a beijar aos assassinos dos Reis.» Muitas idéas occorrem ao espirito dos que pretendem descortinar o futuro no horisonte politico. Pregunta-se que meios são os de D. Pedro para obter a Corôa de Portugal! O Ex-Imperador do Brasil perdêo o Imperio, e com esta perda perdêo os amigos; desfez-se o prestigio, e para fins bem sabidos, os que nelle fallão, ou mostrão que nelle esperão, são os foragidos em Londres, esfarrapados, famintos, com caras de ladrões da charneca, alguns não se podem ter de pé com o pezo dos annos, e da extrema debilidade; na procissão dos cem estropiados, que forão á Estalagem visitar o Senhor D. Pedro (me disse quem vio) hia Luiz de Vasconcellos, que tanto engordou no Terreiro, e onde adquirio aquella pansa, vasta, e prominente, com que de les a lés enchia a rua, reduzida a huma especie de badana, que volteava com o vento, e que, como se fosse hum capaxo, lhe chegava aos joelhos. Depois destes, tem para formar o seu exercito outros quejandos em Paris, e a terceira Divisão, os levantados, ou rebellados da Ilha Terceira. Comecemos pelos Palhaços de Paris, mólho de heterogeneos, ou quadrilha de todas as castas; poucos em numero, pequenos em corpo, tugidos de miolo, fortes como aboio as para a guerra, porque só a fazem de dente, e de penna, poucas esperanças dão ao partido do desamparado Senhor D. Pedro, mas póde este Senhor contar com elles para fazerem apparecer no Periodico — o *Constitucional* — alguma correspondencia fabricada em Paris, e datada de Lisboa, em que se affirme, e dê por certo,

que S. Magestade o Senhor D. Miguel he hum monstro de huma nova especie, que em Lisboa ha cada mez huma revolução, e ás vezes duas, que os enforcados são aos milheiros, (sendo Pedreiros, se lhe devia fazer o dito verdadeiro, e em quanto se não fizer, não estaremos seguros, e viviremos sempre em sobresalto) com outras sandices desta natureza, que os mesmos papa-moscas de Paris já não engolem, porque são de mui difficil digestão.

Custa na verdade a ouvir, que em Portugal se enforcão homens, e mulheres aos quarteirões, e aos milheiros por opiniões politicas. Pois nestes ultimos tres annos, diz hum papel de Inglaterra, se tem executado mais gente na Terceira, que em todo Portugal pelo mesmo espaço de tempo. Não confundâmos estas execuções com a matança dos Officiaes Realistas, que ficárão prisioneiros na desgraçadissima jornada da Villa da Praia em 1829, nem a barbaridade manifestada ultimamente na Ilha de S. Jorge, onde a sangue frio matarão, para provar as espadas, mais de duzentas pessoas, sem consideração, e sem respeito a sexo, a idade, a jerarquia; e todo o crime destes desgraçados era a sua fidelidade, e amor ao Senhor Rei D. Miguel I, delicto que os Libernes costumão punir por mão do Verdugo. Que não dizem á filantropia destes Moralistas politicos! São estes Filosofos marmanjos os que se prepárão para nos trazerem a ventura a casa, a opulencia, as artes, e antiga grandeza, e representação a este Reino, com a clausula expressa, de que as seis Pastas juntas não conheção outro suvaco, que não seja o do pastel Calhariz, unica fonte de todas as desventuras.

Aqui chegava hoje 29 de Agosto ás seis horas da manhã, momento, e tempo, em que os horriveis ataques de pedra me deixão ou meditar, ou escrever alguma cousa, sendo a minha existencia hum quotidiano milagre. A zunida, e o estrago das balas aqui mesmo não só ouvidas, mas sentidas no dia 11 de Julho, não me atemorisárão tanto, como me atemorisou a infaustissima nova da sedição, ou rebellião militar, ou destampado frenesim de hum só Regimento. Ouvi a nova, e me assentei a esta meza sem poder por muito tempo sahir do justo estupor em que me via lançado; a multidão, e rapida successão de medonhas idéas, me quebrava a cada passo o fio, que eu queria dar ao meu discurso. Hum combate nocturno dentro em Lisboa! Cadaveres de Portuguezes, feitos por outros Portuguezes! Se os barbaros, e injustos aggressores Francezes levantassem este Trofeo á sua ferocidade, não me assombrava, porque hum Francez em revolução he hum Cambal, ou Iroquez; mas que hum Portuguez mate hum Portuguez, sem peculiar, ou particular, quero dizer, sem pessoal offensa, não em huma charneca, como faz hum salteador, mas no meio de huma Capital, em suas ruas, e praças!... Entre nós he a cousa mais espantosa que se tem visto, porque não he como isto o que se vio no Campo de Alvalade (Campo pequeno, e grande) entre a gente armada de ElRei D. Diniz, e seu filho o Infante D. Affonso, depois Affonso IV, o que se vio nos Oiteiros da Alfarrobeira sobre Alverca entre o Infante D. Pedro, Regente do Reino, e os que querião a minoridade de D. Affonso V, não póde entrar em comparação, ou exemplo com a presente atrocidade, que a não ter só horas de existencia, não se podia acreditar. A minha primeira reflexão foi a que se segue — Ou esta Horda de assassinos tinha furiosamente enlouquecido, ou estes desesperados revolucionarios tinhão plano, e tinhão apoio. Qualquer bom juizo, que considere estes extremos, ficará pelo segundo. Para estes casos não são precisos Magistrados Togados, porque entre elles não faltaria algum, ou alguns que dissesse, ainda que aos Autos fossem por appenso os Cadaveres — Absolvidos por falta de prova. — Assim mesmo

tremo que haja formalidades forenses, em que os Ulpianos, e Papinianos do Rocio nos venhão atormentar mais com seus ôcos palavrões, que os brutaes assassinos com suas macissas ballas. Estão a bordo da Náo, pois seja a dos Quintos, ou dos Quintados para a direita, e depois para a esquerda. Quem seria o da lembrança de espalhar pelos honradissimos, e fidelissimos Corpos do Exercito Portuguez, exemplares de valor, e de lealdade, a escoria dos pattifes que seguirão a voz dos salteadores do Barco de Vapor? Não sabia que estas particulas do — *Colera-morbus* — irião inficionar o que era completamente são? Eis-aqui os effeitos desta inconsideração, ou malhadisse!! Não deixar hum só de taes réos vivo he o mais sagrado dever da justiça. Nas consequencias foge ao calculo a gravidade immensa deste delicto. Expor hum Reino á ultima subversão, e ultima ruina! Com estas nocturnas, e sanguinarias orgias se alimenta o Liberalismo; he este maldito Liberalismo huma interminavel guerra feita á Natureza, que sendo a sua primeira impulsão o conservar-se, o Liberalismo ataca esta conservação, e a destroe; e buscando a Natureza humana por disposição do seu Auctor sempre o melhor, esta desventurada Seita quer, promove, e deseja sempre o peor. Que cegueira arrastou estes malvados? Que pertendem? Nós sabemos o que elles escondem no coração, que não he por certo o que elles manifestão em suas palavras. Decretarão em seus errados conselhos acabar de todo com os Monarcas da terra, e se não o conseguem já, para o conseguirem depois, inventarão huma tal fórma de governos, em que se não deixe aos Reis mais do que este nome para fazerem delles, antes da sua vergonhosa desthronação, huma continuada, e vergonhosa zombaria, que seria melhor ter nas mãos as algemas dos captivos, que o Sceptro dos Reinantes.

Digão-me, malvados, digão-me o que falta ao Senhor Rei de Portugal D. Miguel I! Que lhe falta? O quimerico bordão da primogenitura, a que tantos rebeldes se encostão, e com o qual tantos Gabinetes se illudem, ou fingem illudir-se. Digão-me, depois de firmada, e tão reconhecida a independencia do Brasil, levantado á jerarquia de Imperio independente, e da abdicação não virtual, mas expressa do Senhor D. Pedro, que solemnemente renunciou a posse deste Reino, já de facto devolvido a hum Legitimo Successor, depois da morte do Senhor Rei D. João VI, ficou, ou não ficou vago o Reino? Quem he o herdeiro com as circumstancias, e predicados que as inconcussas Leis da Monarquia chamão! Chamão quem não seja estrangeiro, quem viva, e permaneça neste mesmo Reino, que seja acclamado, que dê o juramento de conservar suas leis, seus foros, seus privilegios, e sua integridade. Concorre alguma destas cousas no Senhor D. Pedro? Não he estrangeiro quem se naturalisa em paiz estranho? He possuidor quem renuncia? He Senhor quem abdica? Pela mesma razão que o Brasil he independente do Portugal, Portugal he independente do Brasil. Que invencivel teima he esta do Senhor D. Pedro! Se estes monstros de perfidia fossem capazes de verdade, dirião com as palavras o que estão declarando com as obras — Queremos em Portugal fazer a D. Pedro o que a D. Pedro fizemos no Brasil, porque nós temos Lei expressa em nosso Codigo, Lei que he matriz de todas as outras, e o nosso Bozima mór já a deixou escorregar de seus labios no meio do augusto Salão — *Desfaçamo-nos delles* —; porque em nosso baralho ha só Valetes, e descaradas Sotas. Isto fizerão no Brasil, isto querem fazer em Portugal, só com a differença que no Brasil deixarão-no vivo, porque elle lhe quiz mostrar que não era pé de chumbo, como no Brasil se chama aos Portuguezes, pois comsigo só trouxe duas cousas, trajes de frasqueira, e fato de coelho; aqui mui-

to de seu vagar lhe dahão cabo da vida, cousa que para elles não he nova, nem muito de costa acima. Dois pingos d'agua Tofana em hum cristallino copo fazem esse facil milagre, e o mais glorioso troféo do Maçonismo. Para isto estão mettendo nestas fofas o Senhor D. Pedro, e lhe levão a casa trabalhos que elle não estranha.

Aqui me dizem, *com a authoridade que tem, e credito que merecem*, os papeis dos transfugas escritores em Inglaterra, como o *Chaveco*, e o *Paquete de Lisboa*, que o Senhor D. Pedro recebêra de sua Augusta Filha huma Patente Carta, em que o nomêa Generalissimo dos seus Exercitos de mar, e terra para a conquista da Lusitania, e que o Senhor D. Pedro pedia para esta obra de caridade, e de misericordia aos nossos Alliados dinheiro aos milhões, não dos nossos pequenos cruzados, mas das suas esplendidas Esterlinas, e homens aos milhares, e que não são menos de cem mil, e dizem muito boas linguas que os mutuantes respondêrão, como verdadeiros Bretões, o que respondeo hum Galego a quem á falta de homens pedirão que pegasse n'huma tocha para acompanhar o SS. Viatico a hum enfermo — *Quem he que me ha de pagar?* — E isto quando asseverão que o Senhor D. Pedro trouxera no Brigue mercante, que conduzia as *bagagens* da familia do Marquez de Loulé, toda a riqueza do Brasil, effeito das poupas, e frugalidade do Senhor Ex-Imperador; não duvido, mas o Senhor Ex-Imperador aprendeo no Brasil a ter mão de macaco, que nunca laga da mão o coco, que com a mão filára; e como o Senhor D. Pedro he prudente, e não sabe os dias que ha de viver (poucos, se se entregasse no commando dos Exercitos de mar, e terra aos Pedreiros Livres) não ha ver-lhe hum só real; tambem não basta para hum emprestimo deste lote a Hypotheca da sua Augusta, e Imperial palavra, porque o homem he creatura mudavel, tambem elle disse que havia de ser, se o deixassem, Defensor Perpetuo do Brasil, mas elle está cá na Europa por estalagens, e o Brasil estará a estas horas em mãos não sei de quem, e talvez que nem haja por lá huma caritativa mão que acuda com huma Cuia de Tapióca para fazer hum caldinho para as crianças que elle lá deixou em Casa do Mestre Bonifacio, que talvez tenhão mortido á mingoa. Estes emprestimos, estes exercitos, este salto retrógado que se faz dar ao Imperador da corôa fechada do Imperio para Commandante das Forças da sua Filha, tão ludibriada, que até a fazem n'hum collegio, ou casa de huma mestra de meninas, formão hum Entremezão tão destampado, que parece de bebados em dia de S. Martinho. No actual momento toda a Europa me parece hum Entremezão: os Russos sempre ao pé de Varsovia, e nunca em Varsovia! Gello, desgello, Colera-morbus, Lithuanos hoje, Lithuanos ámanhã; os Belgas sempre em scena, como os Hellenos algum dia: dous Cambistas occupando todo o Periodismo Europeo, Perrier, e La Fitte, e hum Ministerio, como já disse hum Francez, que se não póde ver sem a gente se rir: hum Wellington fallando como hum Militar, valoroso, e franco; hum Grey fadeando como hum Caloteiro; hum Bill, que custa a passar, como beco de Alfama enlameado: ámanhã, ou qualquer dia, o exercito da Terceira faz o seu desembarque no Cáes da Forca. Isto cança a paciencia, desvanece as esperanças dos homens de bem amantes do socego, e tranquillidade social; e os Portuguezes naturalmente amantes da paz, aborrecidos de tantos annos de perturbações domesticas, e estranhas, sem lhe verem o fim, não fazem mais que passar de hum sobresalto a outro sobresalto; a sua marcha civil sempre alterada, o Soldado sem socego, e o pacifico Artista, o Magistrado grave, o Empregado respeitavel, com as espingardas ás costas, e

mãos invisiveis a metterem mais lenha no incendio, fazendo perder o equilibrio a tudo o que em todos os estados, e condições se chama ordem; e tudo isto porque? São muitas as fontes donde podemos receber a resposta, eu atenho-me a huma só, que abrange todas. A Seita he dominadora, dominar he o seu fim, e para elle póe em obra todos os meios, e se serve de todos os instrumentos; e o que parece que com hum assopro se desfaria, tem sido entre nós o mais poderoso. O Pigmeo Calhariz, perfido Ministro, Vassallo traidor, teimoso Anglomano, sacrilego Beleguim do mais honrado dos homens, do mais bem intencionado dos Principes em todas as suas acções, em todos os seus passos, o mais amante dos Portuguezes em todas as suas Soberanas Determinações, e isto manifestado sempre, como homem, como Infante, como Rei, tomou huma justa, mas muito ligeira vingança do traidor, e preparado assassino de seu paiz, algumas horas de prizão, porque, prendendo Pedreiros, como poderia este Demonio inquietador ficar de fóra? Todo o Mundo, disse o malvado, será o instrumento da minha vingança. A sua parentella toda será como hum Estado maior da mais prosegnida, e contumaz conspiração . . . O resto he sabido, e já repizado enjôa . . .

Em quanto o Oceano não engolir a Ilha Terceira, que de seu seio foi vomitada, permanecerá hum padrão de perfidia, e da impotente vingança, os seus tiros tem por alvo hum peito só, e he o do Nosso verdadeiro Tito, delicias dos bons Portuguezes, como o antigo foi as delicias do Genero Humano. Nenhum Rei subio ainda ao Throno cercado daquellas qualidades, e accidentes que constituem hum Monarcha Legitimo, nas circunstancias em que o Reino se achava, como acima disse, pela morte de seu Pai, e desnaturalização, e reconhecida independencia de seu irmão. Ora, que maior injuria se póde fazer, ou que maior vingança se póde tomar de hum Monarca Legitimo que arrancar-lhe o Diadema, e derruballo do seu Throno? Isto he o que se quiz, e o que se quer pela infame chusma dos conspiradores, para isto se inventou até o pueril estratagema de hum Monarca estrangeiro abdicar em huma filha de tenra idade hum Throno, do qual pelas Leis com que se fundou o Reino, e que ainda não forão abrogadas, são excluidas as femeas, quando existe successor varonil; e hum segundo genito não he huma segunda Linha. Não querem nem ouvir estas verdades, nem reconhecer estes Direitos os Gabinetes da Europa, e porque? Porque os Pedreiros penetrão as paredes dos Gabinetes, e o Monarca Lusitano he hum inimigo invencivel dos Pedreiros. Esta he a chave deste enigma incomprehensivel; vendo-nos sempre ameaçados com o nome da Senhora D. Maria da Gloria, que veio acabar a sua educação em Inglaterra, que devia começar em Alemanha. Ella deve conquistar o Reino: nos discursos Parlamentares, no arrazoado do Demosthenes Aberdeen, clara, e elegantemente se nos diz, que o Senhor D. Pedro, solicitando emprestimos, a que nem a mesma avareza, e sordido interesse dão ouvidos, porque as fianças tem a sua segurança no ar, e em hypotheticas victorias sobre hum Reino, que antes quer ser cinzas que ter outro Monarca, que não seja aquelle que declarára, e reconhecêra Legitimo. He Rei, he Pai, he Soldado, e onde ha o perigo esse he o seu posto. Faça o Senhor D. Pedro a Imperatoria Quichotada de recrutar pelo Mundo hum exercito de Mercenarios, que quantos mais forem, menos valem, ache transportes, munições, petrechos, reservas, vá fazendo depositos necessarios de tudo isto, para que não bastão só, nem palavras, nem promessas no Covil de Ladrões, e de cobardes assassinos, que he a Ilha Terceira, prepare o seu desembarque para maior gloria sua, e das

suas lestnas, seja nas praias do Tejo, mas venha desenganado (*) que o Povo Portuguez não se servirá para repellir essas Hordas, com que elle intenta (sonhando) impôr o jugo aos Portuguezes, nem do canhão, nem do fuzil, mas daquella arma, com que se enchoitão cães, e com que soube suffocar huma revolução, não menos que apoiada, ou especada por huma formidavel Esquadra Franceza, cujo objecto foi tão vil em suas escondidas intenções, como são vilissimos os dous Cambistas, que a enviárão para cobrar a lançada condemnação pecuniaria, que a sordidez nos impoz, porque o Verdugo enchotou as moscas dos lombos do Senhor Bonbomme, réo de hum nefando, e abominavel sacrilegio, que como domiciliado neste Paiz se devia sugeitar ás suas Leis, como o paiz caritativamente lhe dava o seu pão a comer. E não cahio a cara com vergonha a toda a Nação Franceza, declararem por motivo de huma invasão tão barbara, como injusta, o mais que ridiculo pretexto de huma cobrança miseravel!! Que juizo fará de tantas violencias a imparcial Posteridade, se com effeito se não chegarem a barbarizar as Nações, que hoje chamamos cultas!

Desenganem-se os Portuguezes de huma vez para sempre, que por todos os meios que póde suggerir a perversidade, e a vingança, se procura dentro, e fóra a sua ruina, como devem tambem seus inimigos ficar convencidos, que assim como não foi desta, não irá de qualquer outra que intentarem. Quando nos intervallos da mais dolorosa das enfermidades comecei a traçar algumas linhas neste papel, ainda não tinha rompido a parcial insurreição dos illusos Soldados do ex-n.° 4, que tão gloriosamente foi logo repellida, e supplantada pela verdadeira Guarda do Rei, e do Povo, e pelo muro de bronze, que cerca a Capital, quero dizer, a Real Guarda da Policia, a cujo denodo, como hum toque electrico, acodio o invencivel Exercito da Guarnição, com tão acertadas medidas, tão prudentes disposições, tanto valôr, e tanta lealdade, que o primeiro movimento de hum Commandante de Cavallaria, que deve a si mesmo, sem outra valia mais que seu proprio merecimento, a sua elevação, e que por certo não parará no Posto que occupa, foi metter dentro do circulo das suas Tropas o Real Palacio; assim defendida, e segura a Suprema Cabeça do Reino, seguro, e defendido estava o seu Corpo. Não ha louvor que exalte, ou que iguale tanta virtude! A Tropa salvou o Reino em duas horas; e o que se podia converter em hum vasto incendio, que abrazasse tudo, não foi mais que huma frisca, que o valor extinguio logo. Com taes Soldados, e taes Capitães, eu desde este leito da minha dôr faço por elles todos hum solemne desafio. Venhão Esquadras pejadas de armas, e de braços; dêm fogo a duas mil bôcas, que vomitão mortes; escudem-se com hum fosso que a Natureza abrio, e encheo de agua por mais de huma legoa de largura, na sua margem se postão as Cohortes Portuguezas; se vom o berro dos canhões os inimigos atrôão os ares, e os ferreos globos, rivaes do raio, abatem frageis paredes, vinde, inimigos, se vos atreveis a profanar com a planta de vossos pés este terreno do valor, e da lealdade! Affonso de Albuquerque não quiz do mar bombardear Malaca, cujas muralhas crão defendidas por duzentas columbrinas de bronze, desembarcou com seus Leões, isto he, com seus Soldados, porque no mar combatem-se os que estão no mar, e na terra os que estão em terra; e elle sempre á frente, levou a formidavel Fortaleza, e

(*) Creio já o está: bastava o que disse Lord Aberdeen delle no Parlamento em 5 de Agosto para abalar daquelle paiz, d'onde sahio para França com sua mulher, e sua filha no dia 16 deste mez.

triunfou: entendei-me, e não tornareis a dizer — se me não dais dinheiro, arrazarei essas mudas, e immoveis paredes. — Vinde vós, foragidos n'hum rochedo no meio do Oceano, e trazei comvosco esses mesmos despreziveis Entes, que vierão, e fugirão logo n'hum Barco de Vapôr, e de quem diz hum Periodista em Inglaterra, que vos conhece, que observára em vós humas caras, que não erão de guerreiros, nem de Financeiros, e que todos erão — *Bananas*, — isto he, caras côr de chumbo; mas com qualquer cara com que appareçais, vinde, que se vivos tornardes, em vós se verá o que diz Camões de huns negros peiores que vós — *Que a côr vermelha tenão desta feita*, — e as armas com que, ou muitos, ou poucos, sereis combatidos, serão os inflexiveis... eu o digo com plena satisfação, os inflexiveis Cacetes; conhecereis, que se não foi desta, tambem não irá de outras, porque sentireis a mesma união no Povo, o mesmo valor na Tropa, o mesmo enthusiasmo em todos. Este he o Cartel do desafio, e o lugar do combate será aquelle, e serão todos aquelles, em que ousardes apparecer, se o Diabo vos cegar tanto, que intenteis outros, vendo como tem abortado todos os vossos projectos neste Reino desde 1817 até hoje. Tendes tornado pelo vezo, mas não tornareis mais, creio eu, porque se contais com a cooperação da Inglaterra, e protecção do vosso querido padrinho G..., este mesmo declara, Parlamentarmente respondendo ao Grande Aberdeen, que he tão grande, que parece Portuguez, que nem intervenção, nem cooperação podem esperar da Grã-Bretanha, porque isso, além de ser huma escandalosa infracção dos mais solemnes Tractados desde 1385, seria huma nódoa indelevel lançada sobre a honra, e sobre a gloria, e, o que lá póde mais que tudo, sobre os interesses commerciaes daquelle Paiz, que tão respeitado quer ser na Terra, com manifesta offensa da sua stricta neutralidade.

Os Portuguezes não necessitão dos meus louvores, porque nos actuaes apuros cada acção sua he hum verdadeiro elogio; em seu lugar lhes farei súpplicas, e lhes pedirei que olhem por si, e que vejão, e que advirtão qual seja o abysmo em que os querem precipitar. Com invasões, com sangue, com mortes, com rebelliões Militares se lhes promettem venturas, opulencias, e liberdades; querem com guerra, e morte que tenhão hum Rei, que com guerra, e morte os perseguio, os abandonou, que levantando-se com as mais vastas possessões da Monarquia, as perdeo para sempre, e que talvez ande agora em Paizes estranhos mendigando armas para escravisar aquella Patria, que elle mesmo desprezou, dizendo a seu Pai — Nós somos dous Monarcas, que estamos em guerra, — amargurando assim a sua velhice, e cavando mais á pressa a sua sepultura. Abdicando a Monarquia, ou mais verdadeiramente, expulso ignominiosamente della, se constitue, com tanto desdouro de sua Augusta Pessoa, cabeça de bandidos, e rebelados. Renunciando ao nome de Portuguez, como se este nome não fosse a mesma nobreza, quiz chamar-se *Brasileiro*, para não ser agora, nem Brasileiro, nem Portuguez; estando certo que, em acabando o estampido da sua quéda, ficará hum Ente vago, e inglorio, a quem só o nome de seu Irmão fará conhecido. Que erro he este de entendimento!! Deveu lo entre as Nações grandes, poderosas, e guerreiras sollicitar, e até negociar aquella força, com que recobrasse o Throno, de que o despojárão, no meio não só da rebellião, mas da ignominia, insensivel a tão grande ultraje da Fortuna, só procura armas, e poder para violentar a vontade livre de huma Nação, que acclamára o Legitimo Soberano, depois de atropelar o sagrado Direito, que o chamava ao Throno, vago pela morte de seu Pai, e pela sua espontanea separação! Ah! Portuguezes, á

vista disto, que falta, ou que defeito maior de faculdades mentaes havia em Sancho II, ou em Affonso VI para serem excluidos do Throno, que possuião como primogenitos, para entrarem Affonso III, e Pedro II? Sejamos honrados, e fieis, ó Portuguezes, e seja a nossa unica, e contínua saudação —

VIVA ELREI.

Pedroiços 26 de Agosto de 1831.

José Agostinho de Macedo.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1831.

Com Licença.

O DESENGANO,

PERIODICO POLITICO, E MORAL:

POR

JOSÈ AGOSTINHO DE MACEDO.

N.º 26.

Salus Populi suprema Lex esto.

Origem do Mal.

O que se não fez, e o que se fez na morte de Sua Magestade o Senhor Rei D. João VI.

Sejâmos sinceros; depois que o já descarado, e impudente Maçonismo levantou como venenosa serpente o soberbo collo neste Reino de Portugal, sempre temido, sempre respeitado, toda a sua gloria se desvaneceo, e toda a sua grandeza se evaporou: os barbaros da Escandinavia, e da Panonia, desmembrárão o Romano Imperio, acabando-lhe o poder, e a magestade; deixárão-lhe as ruinas, para que por ellas se podesse medir tanto a sua gloria anterior, como a sua posterior decadencia, e sempiternos estragos; e o que tinha sido o espanto, e o terror de todas as Nações, fosse, e esteja sendo ainda a sua zombaria, e o seu ludibrio. Todos os barbaros do Septentrião conspirárão em sua ruina: Godos, Wandalos, Suevos, Longobardos, Gépidas, Scytas, todos se armárão, e todos vencêrão, e os restos do mesmo no Oriente forão engolidos pelo ferocissimo Mahomet II na entrada, e na tomada de Constantinopla. Houve mister tantas Nações para demolirem, e abaterem os Romanos; bastou huma unica Seita, e desta huma facção para abrirem, e cavarem a sepultura a hum Reino, cujas conquistas nas tres partes do Mundo, Africa, Asia, e America tinhão, e descrevião hum maior circulo que o dilatado Imperio dos antigos Romanos, — *Rerum Dominos, gentemque togatam*, — Senhores de tudo, e homens de Toga.

Levantárão-se os Pedreiros, e desapparece o antigo Portugal. Venhão factos, e não as exhalações do zelo, e amor da Patria de hum entrevado, que se tivera o corpo são, como tem a alma segura, e de perto podéra ir dizer o que ao longe não cabe em papeis que o vento leva, ou mãos perfidas desvião, nenhum *Gallo* nos cantára. Desde o anno de 1503 foi Portugal a Potencia Politica mais respeitada, temida, e contemplada não só de todas as Potencias da Europa, mas do Globo inteiro. Todas estas Po-

tencias á porfia querião, e buscavão, como meio seguro da sua conservação, e prosperidade, allianças offensivas, defensivas, e commerciaes com Portugal: appareciáo Infantas no Real Berço, não ficavão para Tias, não havia mãos a medir, tudo era mais a mim, mais a mim. Já a Alemanha tinha querido, e tinha levado huma D. Leonor, filha de ElRei D. Duarte. O Imperador Carlos V não quiz outra para Esposa senão a filha de ElRei D. Manoel. O Soberano do Piemonte, ou Saboia, ou Sardenha, lá apparou outra ao mesmo Rei D. Manoel. Apenas Tristão da Cunha entrou as portas de Roma, levando atraz de si o Elefante domesticado, e em cima do lombo aquelle grande caixão de prata, e dentro do caixão a maior riqueza que veio até agora da Asia, que não erão cacos, e trapos, e hervas, isto he, louça, chitas, e chá, mas do mais bem trabalhado brocado de ouro da Persia, hum completo paramento Pontifical, cujas costuras erão abrochadas de Diamantes, Safiras, Esmeraldas, Rubins, e Opálos, e hum cavallo Arabe, levando na garupa hum Tigre manso ensinado a caçar Veados, como vai hum Furão para apanhar coelhos, e em cima do cavallo hum Arabe, que se entendia com o Tigre, para divertir o Papa em Castel Gandolfo, Leão X, que até de vista desejava *reconhecer* ElRei de Portugal, não deixou naquelle dia alma de Portuguez dentro do Purgatorio, porque com hum diluvio de Indulgencias lhe abrio de par em par as portas até ao couce: mandou o que tinha, e se mais cousas tivera, mais mandára, porque a mesma Biblia de Belém, presente que se lhe attribue, a mandou ElRei D. Manoel fazer em Florença, e á sua custa, que não sei como cá tornou a apparecer, alcovitada por Portuguezes, e empolgada por mão Franceza: os Desenhos são de Paulo Varonese, e a execução não sei de que Macarronis mais. A Senhoria de Veneza, vencedora dos Turcos, lhe mandou pedir que pelo Divino amor de Deos lhe deixasse daqui levar hum saquitel de pimenta, e de especiarias de Banda, e de Moluco, porque já, nem por Alepo, nem por Alexandria lhe apparecia hum bago de pimenta para adubar huma Enguia pescada á cana em suas lodacentas lagôas: — *Conecdido.* — He verdade que muitos annos depois aqui mandárão de presente, pelos haverem deixado negociar em adubos, hum Lampadario de Cristal (hum lustre), a que os Poetas daquelle tempo fizerão detestaveis versos, e os de agora não serião somenos!! Deixemos isto, que consóla, e desconsóla. Tornemos ás buscadas allianças com Portugal, para que vendo a gloria de então, conheçâmos melhor a miseria de agora.

Já fallei em o N.° 24 sobre o não encontrado Tratado de Alliança feito com a Grã-Bretanha em 1661 estipulando-se o dote da Rainha D. Catharina; o de 1827, esse appareceo, e veio logo ao de cima, porque, como se costuma dizer, o cão de busca era Mister Canning, (se sobre isto ha de vir coima, então vai barrado, porque esta casa teve ballas, e ainda tem buracos). Como pouco visto em materias Diplomaticas, não me lembrei do Tratado de 1654 sobre os Direitos das Alfandegas, e menos do de 1703 sobre a introducção dos Pannos de Inglaterra, em que fomos de pernas ao ar, e chama-se este Tratado o de Methuen, porque assim se chamava o Negociador Inglez, e o Portuguez creio que se devia chamar Pascoal, ou Mamede, homem que não conhecia que cousa era equilibrio, porque a corrente da balança toda foi para a parte do Norte. Nestes, e n'outros muitos Tratados que depois se fizerão, se confirmão, e revalidão as condições que

nos precedentes forão propostas, queridas, e determinadas pela Inglaterra, porque todas as vantagens reaes, e verdadeiras crão para esta Potencia como as do Tractado de 1661, que não fizemos mais que dar de presente, para termos alguma cousa de futuro, e de futuro contingente, e que agora em 1831 não foi contingente, mas existente. Diz Juvenal que Cornelia, mãi dos Gracchos, contava no dote para o seu casamento os triunfos de seus antepassados — *Et numeras in dote triumphos.* — No dote da Rainha D. Catharina não contamos os triunfos de Ormuz, da defensa de Diu, da tomada de Malaca, de Arzila, e de Azamor, contamos Praças fortes, que demos, como quem dá dinheiro de contado, fóra o que iria por baixo em privilegios, e balança de commercio. Tudo isto faz vêr a nossa antiga grandeza, e a nossa superioridade até em relação ás mais poderosas Nações, e assim como depois do Imperio Pedreiro a nossa miseria, e a nossa politica nullidade. Trata-se do cumprimento, e observancia dos Tractados, se he pelo lado, que nos são favoraveis, risada; se he pelo lado da conveniencia, caprichos, e interesses dos outros, então mais escrupulos, observancia, disciplina, e rigor, que nos Conventos da Trapa, ou da Cartuxa. Se dizem que falta, ainda que não faite, hum ápice, esperem que ahi vem balazio, ahi vem huma condemnação pecuniaria, que nos deixa as bolsas em lastro. Eu já não queria a equilibrada reciprocidade dos Tratados em toda a sua extensão, queria a observancia de hum só Artigo, e he o 1.º do Tractado de 1654, e feito a 10 de Julho!!! *Não recebendo, ou dando hospedagem aos rebeldes, e fugitivos de huma, e outra Nação reciprocamente em suas Terras, Dominios, Portos, e Fronteiras.* Se cá tivessemos alguns dos seus, que reclamações haveria! Que fortissimo Orçamento de lucros cessantes, e damnos emergentes! Bem nos podiamos fazer em dinheiro! Donde nos vem, e nasce este aviltamento? De duas Irmandades do mesmo Compromisso, dos Radicaes, e dos Pedreiros; da Força ociosa, do brio perdido, do caracter mudado, da honra desvanecida. Vamos aos outros males, fazêllos conhecer he lembrar o remedio.

Portugal desde o principio do terceiro Seculo da sua existencia politica foi huma Nação maritima, e commerciante, porque isto era huma necessaria derivação de seus espantosos descobrimentos, e nestes dois objectos foi a Nação mais distincta, e mais gloriosa da terra; não apparecêo mar, que por ella não fosse navegado, nem paiz remoto, que por ella não fosse conhecido; apparecem Pedreiros, acabou-se commercio, navegação, fogem, desfazem-se como o sonho dos que acordão pela manhã, Conquistas, Possessões, Marinha, e como se miseraveis restos fossem alguma cousa, hum rebotalho de Vasos inválidos, que parece que já por velhos nem nome tinhão, lá se fôrão na rede da rapacidade Maçonica, chamando-lhe boa preza, e tão boa, e tão segura, e tão quieta estava, que até pregadas no fundo tinha as suas ancoras: chama-se a isto triunfar sem combater, guerrear sem peleja, e furtar sem vergonha. Venhão, malvados, e se querem a nossa vida, saibão que a não hão de levar tão barata; a nossa paciencia offendida já se convertêo em furor. Que desalmados saltenderes no descampado de huma Charneca tirem ao viandante tudo quanto leva, sem exceptuar a camisa, isso he cousa que vêmos todos os dias, mas roubando-lhe tudo, não lhe levão a honra, nem a vergonha, e disto vejo eu tanta gente voluntariamente despojada pelo Maçonismo, que quando os Corsarios civilisados nos

invadirão, forçando a porta da Capital, ou entrando por aquella mesma razão por que entrão os cães na Igreja, se declarárão muitos de tal arte impudentes, que não satisfeitos de mostrarem o seu contentamento na alegria do rosto á vista de tantos estragos, quizerão até em bebedar-se, baptizando os vinhos, não com a agua, que isso não se compadecia com suas sarmentas goellas, mas com o nome de *Imperial do Porto*.... Isto não erão miseraveis do Povo, que estes não tinhão copos que vasar, mas lagrimas que verter, e pejo de que se cobrir; mas grandes, e destes que, vestindo pelles, não querem ser lobos, ou não querem que lh'o chamem, destes que, já conspirados para me matar, não quando o honrado Conde da Cunha encarregou disso huma mulata, mas agora; e não me admirei, nem assustei, porque a tantas vilanias devião ajuntar mais essa; e eu tenho a alma tão acanhada, ou tão estoica, que lhes digo que o façáo já, porque no estado em que estou, tenho a vida perpurada de hum fio, o mais delgado de todos os fios; e isto porque! Porque busco encaminhar a opinião dos Portuguezes pela estrada da honra, que os nossos maiores tanto trilhárão, e por onde tanto se engrandecêrão. Digo tudo isto, ainda que com o receio do desdouro de me repetir, para mostrar a decadencia, e o aviltamento, a que o Maçonismo conduzio tal porção da Nação Portugueza, que parece existir para della fazerem chacota estes estranhos Framengos, que algum dia sem tremerem não se atrevão a nos olharem para a cara, e que agora nos tratão de pusillanimes, porque tratando-nos como Nação conquistada com as mais deshumanas hostilidades, violencias, e rapinas, nós lhes não correspondemos por cada tiro com a cabeça formosa de huma Modista, de hum Barbeiro tosquiador, de hum Dançarino, de hum Dentista approvado, de hum Cura-calos, de hum Bolacheiro, de hum Cervejeiro Licorista, esmaltes da nossa Capital, e sanguesugas do nosso dinheiro. Em cima disto vão dizer com aquella verdade, que he filha primogenita da Escola Franceza, o que aqui leio impresso em mui boa letra redonda, que a Torre, ou Fortaleza de S. Julião correspondêra á sua Náo Marengo, que vinha na testada da columna nautica, quando lhe fez fogo, com 360 peças do maior calibre! Ora na Torre estavão quarenta Artilheiros, e feita bem a conta de repartir, se cobrem com a exactidão arithmetica quantos Artilheiros cabião a cada Peça; e que nessa mesma tarde, sahindo de passeio á terra os dois Contra-Almirantes, andárão acompanhados de duas Companhias de Granadeiros Francezes, e de hum Esquadrão de Cavallaria Portugueza (a passo, porque os dois Contra-Almirantes não acharão nem huma Sege de aluguel). Assim dizião, e escrevião aquelles mesmos, a quem a consciencia gritava que nem hum só daqui sahiria, se os Portuguezes quizessem, e que fôra hum estratagema militar a facilidade da entrada, para depois encontrarem a impossibilidade da sahida.

São isto cousas já ditas, e repetidas, mas pela sua extraordinaria novidade vem ellas mesmas pelo seu pé espetar-se nos bicos da penna; mas o que ha de mais desaforado, e mais Francez, he, segundo veridicas participações, Casimiro Perrier, Troca-Bilhetes, ou Cambista, e os outros destes trato, e officio, que formão actualmente o Supremo Governo da França bem digna delles a governarem, metterem em Conselho de Guerra o Contra Almirante por chegar lá com as mãos abanando, e sem dinheiro, que cubra a despeza que fez a Frota Flibusteira, porque assentárão estes novo

Jasões que vinhão a Colcos para levarem para a sua terra o Velocino de ouro, ou que erão os Agamenões que vinhão recobrar a bella Helena, e para isto arrazarem Troia; mas vinhão para maior cousa do que esta, e vinha a ser, repararem os incommodos que soffreria a omoplata do Senhor Bonhomme exposta pelas ruas ao rigor do tempo, descarregando sobre ella o mestre Algoz ligeiras, e compadrescas çapatadas. A hum cambista, por mais dinheiro que receba, todo lhe parece pouco; mas quem lhe encommendou o sermão que lho pague. Certas Burras parirão hum milhão para a Esquadra vir, porque era muito amor de sobrinho vir tanta força, ou tanta Quixotada para vingar a affronta feita ao Senhor Bonhomme, e ao tal Tripa de Vacca do Bolacheiro. Ah! malvados! As auroras com que nos quereis annunciar a claridade de hum dia de *Gloria*, ou o desembarque apedrejado do Senhor Defensor *perpetuo* do Brasil, são huns actos de brutalidade, e de ferocidade tal, que envergonharião os mesmos Arabes Beduinos: com taes actos nos preparão para o feliz, e pacifico Imperio do verdadeiro Numa Pompilio. Sahir do Quartel de Campo de Ourique huma Horda de Canibaes, ao grito, ou bramido de viva a Gloria, viva a Carta (não faltaria quem de rasgadas e soberbas janelas de Palacios e Palacetes fizesse a segunda a tão infernaes berros com hum — Vivão Pelles —) e o instrumental destas vozes erão descargas cerradas de balas sobre gente viva, e paredes mudas; e como toda a Musica tem batuta, e tem compasso, e se he canto chão se lhe faz com hum páo, como eu já vi na mão de hum Vigario em Mafra, ou em Xabregas, e de hum tamanho tal, que me parecia a bengala de Polyfemo, se apparecesse para tal Musica a batuta dos Cacetes, na mesma Musica haveria logo pausas geraes, e eternas, milagrosa operação, cuja pontaria he mais certa, e infallivel que a das balas de trinta e seis, vindas de Náos á bolina! Mas moderação, moderação..... sim, senhores, moderação, e verão o que vai. Ora pois, se não querem hum páo no lombo de hum, ou outro malvado demagogo, ver-se-hão obrigados a se servirem de tres páos, que servem de banco á ferramenta do Carrasco, e o que pode ser util até aos Barbeiros pelas transacções de Bichas para as amolgaduras, e intumecencias de cutis, he melhor que o remedio, que horrorisa a humanidade, ainda que satisfaça a Justiça.

Tenho-me demorado nos accessorios a este Discurso, mas são cousas tão presentes, e de tal natureza, que supplantão todas as outras idéas, e prevalecem ainda a objectos de mais transcendencia, quaes são a origem de todos os nossos males politicos, de que estes accessorios de que fallo são huma parte. *O que se não fez, e o que se fez na morte do Senhor Rei D. João VI.*

Os symptomas da enfermidade mortal deste Soberano dizem melhor que todos os Medicos de que doença acabára S. Magestade: passou deste Mundo para melhor vida, segundo a melhor chronologia, e computação a 6 de Março, ainda que a generosa Folhinha lhe dê mais quatro dias de vida, porque assim se fez preciso: não morrendo de repente, morreo abintestado, e se o Decreto de 6 de Março, de que tanto se começou a fallar, e ainda falla, se quizesse reputar como Testamento do Rei, tão sellado, e lacrado ficou, que ainda não appareceo. Aqui começa tudo o que se não fez, porque concedendo a existencia do *qui pro quo* do Testamento, para se fazer devia convocar-se o Conselho de Estado, servindo de Escrivão o Secre-

tario de Estado do Reino, nada disto se fez, e em lugar disto que se devia fazer, fizerão-se tres cousas; 1.ª Boletins fóra com hum caracter de verdade tal, que nem os dos exercitos, e victorias de Buonaparte. 2.ª Renduffe á porta, medonho Centurião, que com a cohorte dos do segredo, não deixava lá entrar ninguem, como se estivesse vivo o que já era morto. 3.ª Ajuntar, e pôr em ordem os cadernos dos nomes, ou assignaturas daquelles que tinhão ido saber do estado Rei nos dias da sua enfermidade, e até depois de terminar a sua existencia, porque se cá não erão precisos, erão papeis muito necessarios nas partes do Brasil para pedir hum Rei vivo, com aquillo mesmo com que forão saber de hum Rei morto. Eu não hei de apartar-me no resto deste discurso do espirito, e da letra das Leis de Portugal, nem da observancia dos usos, e costumes da Nação, consignados nas paginas da sua Historia. Vejo, e examino o seu estado de Regencias na morte dos Reis, na menoridade dos Reis, nos impedimentos, ou molestias dos Reis. Na menoridade de D. Affonso V. antes do Infante D. Pedro, regeo a Rainha viuva D. Leonor. Na menoridade d'ElRei D. Sebastião, regeo sua Avó a Rainha D. Catharina; na menoridade de ElRei D. Affonso VI, e na enfermidade do Senhor D. João IV, regeo a Rainha D. Luiza. Na longa enfermidade do Senhor D. João V, e na do Senhor D. José I. regêrão as Rainhas D. Marianna de Austria, e D. Marianna Victoria. Por esta Lei consuetudinaria, e sempre observada, devia logo, e logo entrar na Regencia a Senhora Imperatriz Rainha D. Carlota Joaquina; eis-aqui o que se não fez, e não só a não deixárão entrar na Regencia, mas nem no mesmo Palacio, onde jazia enfermo, ou assassinado seu marido, fechar-lhe os olhos, e recolher-lhe seus ultimos suspiros. O Centurião Renduffe, Aguazil infernal, não destrancava a porta, e já entravão as botijas, e ancoretas de vinagre alcanforado, para se vedarem os miasmas pestilentes da corrupção. Desta cousa, que se não fez, nascêrão todos os males, que depois se fizerão, e ainda hoje se sentem, porque deste crime se derivão todos. Quem excluio desta legitima Regencia a Senhora Rainha viuva? O Testamento não, porque se não fez: o Decreto não, porque se não vio. Supponho por hum instante verdadeiro o Decreto, e reconhecida a assignatura do proprio punho de S. Magestade, bastaria neste o mais ponderoso de todos os casos que podião acontecer neste Reino, pelo que logo direi, hum simples, e muito ambiguo Decreto? Eu digo que não; o papel escrito mostrou-se ao Conselho de Estado, mas não se fez em Conselho de Estado. Eu não devo arriscar conjecturas, nem devo ir topar com o trapo do novelo, que nem por isso está muito escondido; só devo dizer o que se não fez, e que se devia fazer; com tudo, parece-me que se devião dar outros passos, vista a acintosa ambiguidade do Decreto fatal— até que dê as providencias o Successor. —E porque se não declára explicitamente quem elle seja! Este —até que dê as providencias —dá a entender que elle não estava presente, mas fóra não só da Côrte, mas do Reino. Os dous unicos filhos varões do Rei finado, existem, hum está no Brasil, outro em Allemanha, e era cousa bem facil de escrever —até que se apresente o Senhor D. Pedro, ou que se apresente o Senhor D. Miguel. Não querem este, nem se atrevem a nomear o outro, porque temêrão, que não havendo Direito no Senhor D. Pedro, pelo haver renunciado, e perdido, se conhecesse a mais infernal facção, ou meada que ainda se dobou no Mundo. Feita a separação, reconhecida a independencia

dos dous differentes Estados, como poderia haver simultaneamente em ambos elles hum unico poder indivisivel! Como poderia haver independencia entre duas differentes Monarquias, onde havia hum unico centro de poder? Neste caso, ou hum, ou outro devia deixar de ser Monarquia para ser Colonia. Chame-se o Brasil o que quizer; se ha alguma cousa mais que Imperio, seja o Brasil esta mais alguma cousa; mas nunca se chame Portugal Colonia; isto seria fazer passar os Portuguezes de brancos para pretos. Em fim o Decreto ambiguo, como o Oraculo de Apollo Delfico, pedia explicaçoes, e para remover para sempre todas as duvidas, e ambibologias, era preciso que se fizesse o que se não fiz. O Poder de facto, fos e qual fosse o que existisse então, devia chamar a Côrtes, porque o caso era o mais urgente, que até alli apontavão os nossos Fastos, e com a authoridade que he propria dos Estados, quero dizer a consultiva, attendendo unicamente ao já renunciado Direito da primogenitura, representar com respeito, e segurança ao Senhor D. Pedro, que querendo S. Magestade reduzir-se ao Estado em que seu pai o deixára no Brasil, tirando-lhe o titulo de Imperio, passando-o para a sua classe natural de Colonia com os mesmos Governos antigos das suas Capitanias, sugeito todo o paiz á sua Metropole como o corpo á sua cabeça, restituindo-se S. Magestade a este Reino, porque deve ser real, corporal, e permanente, para ser Rei, a sua presença, e morada neste Reino, *o seria*, e se não, não; como fazião n'outro tempo os Aragonezes.

Esta respeitosa consulta, com estas impreteriveis condiçóes, *servíria* para satisfação da Europa, para remoção de duvidas, para antecipado remedio de partidos, e para mostrarmos a todos os seculos, que não queriamos outra cousa mais, que a inalteravel observancia do nosso Pacto constitutivo, e primordial. Se o Senhor D. Pedro aquiescesse a esta proposta, e suas condições; se aqui se apresentasse, segurando, como devia, o Brasil, para que, depois de feito tresloucadamente Imperio, o não perdesse para sempre com tanto desdouro, e vilipendio, como vemos; se elle naquella Esquadra de que com tanta perfidia se apossou, se apresentasse na hoje desilorada barra desse rio, com mais promptidão, ou pontualidade do que ElRei D. João II foi alli mesmo entregar a seu Pai D. Affonso V, vindo de França, ou da Palestina, o Sceptro, que lhe entregára, ou cedêra antes da sua partida, nós lhe entregariamos a Corôa, que pela ordem da successão lhe pertencia, e a qual elle espontaneamente renunciou, e reiteradamente abdicou. Em fim, se o Senhor D. Pedro aqui viesse, mas naquelle estado em que aqui permanecia antes de 29 de Novembro de 1807, seria Senhor de Portugal, e Senhor do Brasil, e agora nem do Brasil, nem de Portugal; e cavando mais fundo, para descobrir as raizes de tantos crimes, e de tantas calamidades, vejo que se derivão da malicia, e da perversidade daquelles que não fizerão o que devião fazer, e fizerão o que não devião na morte, ou para a morte do Senhor Rei D. João VI. Que almas são estas as que se investirão do Supremo Poder! Para não fazerem duas cousas que não querião, fizerão huma que não devião. Não querião na Regencia a Senhora Rainha Viuva, não querião em Portugal, nem a sombra d'ElRei Nosso Senhor; e quizerão huma, que elles bem sabião que não se realisaria jámais, que era ser o Senhor D. Pedro Imperador n'hum Hemisferio, e Rei no outro. Que precipitação! Que afogadilho! Que medidas! Feita a partilha dos bens antes da morte do possuidor de todos, tomando para si

hum dos herdeiros a maior, e a melhor parte do casal, ficárão desde logo, e para todo o sempre, o filho independente do pai, e o pai independente do filho, tirando cada hum sua carta de partilhas, sem que o Tabellião se lembrasse de lavrar a necessaria clausula de reciprocidade, se o pai morresse antes do filho, passar para o filho, o que pela carta de partilhas concedia ao pai, e passar para o pai o que era do filho, se este morresse antes do pai; vindo a ser por este silencio, a herança de ambos intransmissivel. Os da grande trama caminhavão ao seu fim, atropelando tudo, e este Conselho de Fariseos de farda, e de Escribas de tóga resolvêo, que se entregassem os bens do defunto a hum que não podia cá vir, para que em caso nenhum viesse o outro que devia vir, e que tanto Fariseo, e tanto Escriba não queria que viesse. Eu vejo á Letra o Conselho do Synedrio de Jerusalem — Que faremos? Desfaçâmo-nos deste homem, que desterrámos, porque faz muitos milagres, e prodigios; se o deixamos cá vir, elle dá cabo da nossa gente, e tira-nos o nosso lugar; pois então, mãos á obra, demos já, e já a outro o que lhe não pertence, antes que venha o nosso inimigo, e lance a mão ao que he seu pela morte de seu pai. —

Com effeito, parece que se fez em maquina de vapor, o que com tanta pressa se fez! N'hum abrir, e fechar de olhos abrir-se hum cunho para se bater a moeda com a effigie de hum Rei, que não sabe ainda que se lembrárão delle, nem está acclamado, nem recebêo a homenagem, nem dêo o juramento: ouvir-se pelas Igrejas — *Regem nostrum Petrum* — sem ser o 1.º, nem o 2.º, nem o 3.º, e fazerem de lá écco os Tapuias — *Imperatorem nostrum Petrum*: — governar huma Regencia, que elle não nomeou; mandarem-lhe para lá huma Constituição, que elle não fez, nem lhe fizerão Pedreiros Cariócas, obrigando-o a mentir, e a dizer que era sua, referendada por Francisco Gomes, que assignava de cruz os papeis do Imperio, pagarem a hum Inglez para dizer que a trazia de lá, e mandar elle de lá pélles para Pares, que nascêrão depois delle lá estar, parecem cousas dignas dos contos de Trancoso, ou das viagens de Gulliver, fazendo com tão descaradas imposturas, escandalisar, e dividir a Nação Portugueza, obrigando-a com o Exercito a emigrar huma boa parte, vendo illudida, e arrastrada huma alta inexperiencia..... Andem lá por onde quizerem, nas revoluções, ou revoltas da Europa desde o anno de 1789, nenhuma houve, ou ainda hoje ha, mais systematicamente perversa, nem mais abominavel, que este enredo mais que infernal, que começou a manifestar-se com a morte, e pela morte do Senhor Rei D. João VI em 1826. Não acho tanta malicia no estratagema com que o Diabo tentou a Eva, e fez o genero humano tão desgraçado, como encontro na cadêa de atrocidades, cujo primeiro annel prende na morte do Senhor Rei D. João VI. Olhemos com seriedade para este quadro espantoso. Empobrecêo-se o Reino já tão atenuado, e bem pezada a cousa, já são quasi insolviveis as suas dividas, porque não só tem esmorecido todos os recursos das rendas do Estado, mas augmentado hum *deficit* espantoso. Estancárão-se todas as fontes da prosperidade: parárão todos os trabalhos da industria: eu não posso ouvir dizer que ácimte se administra mal a fazenda, quando não vejo fazenda que administrar. Os receptaculos das Alfandegas estão ermos. Em tudo a teima das revoluções em nome de huma criança, a quem dizem que toca Portugal, como prazo de lizie nomeação, tem dado visiveis, e irreparaveis golpes no Commercio que

já não temos, nas Colonias que já não possuimos, na Marinha que nos roubárão, nas Fabricas que se estacionárão, na Lavoura em que parece que, ingrata a Natureza nos inutiliza os trabalhos, e nos malogra os fructos. Quando ouço fallar em Finanças, e em Financeiros, cubro-me de suores frios; nem estes nomes, nem estas cousas se ouvírão, e virão em Portugal senão depois que nos roubárão os nossos thesouros, e conhecemos por experiencia, que estavamos verdadeiramente pobres. Fiquei espantado quando ouvi fallar com muito enfase em hum Systema de Finanças para Portugal segundo as idéas de Smith, e do Economista Say, e disse comigo: Law, e Turgot em Portugal, e Necker, Cambista de Genebra conhecido em Portugal, que não conhecia mais que a Casa dos contos, e contos, e mais contos em moeda que tinia, e não em Assignados, e Notas, que só devião servir de buxas para carregarem pistolas, que mettessem sem conto balas no buxo aos inventores de taes embrechados volantes.... pois esperem pelos resultados, os mesmos que em França, huma redonda revolução, e dous males permanentes peiores que a revolução, que ás vezes he como a trovoada, estala, e passa, que vem a ser, Papel-Moeda, e peior que Papel-Moeda, os Cambistas. Quando eu estudava sem livros, que he o melhor estudo, isto he, a observação do que vai por esse Mundo, tinha pés, e pernas para andar, vinha olhando em pasmaceira para toda a parte a vêr se as Lojas de Cambio, e Desconto estavão ainda no mesmo sitio, em que estavão no dia antecedente, porque era facil desapparecer tanta cousa, que era tão facil de entrouxar. Que insolencia, e que ousadia! Se ha balas que assoviem, desce a vinte e sete; se acaba a zunida, sobe logo a trinta e hum! Os tentos para este trinta e hum devião ser cabeças espetadas nos parafusos da Forca. No meio desta geral penuria em hum Reino que era, com tanta gloria, duas cousas, ouro, e Conquistas, vivemos em sobresalto, fechando agora hermeticamente as portas a Ladrões que nos cercão, e a rebellados que dizem nos invadiráõ, trazendo a menina ao collo, e nós como espavoridos, parecendo-nos hóspedes os nossos mesmos dedos; em vendo além do Bogio quatro Moletas velejando, e dois Callões do Algarve carregados de chicharros, já nos parecem a Armada dos Achens, que vem sobre Malaca, ou os Galeões, e Galés de Mustafá Bachá nas aguas de Lepanto, e que vem cobrindo todo o Atlantico os Transportes que trazem, não só os que estão nas Ilhas, mas as mesmas Ilhas conquistadas, e que he chegado o Barbarroxa, e o Velho da Montanha do Lavradio... Duas Patentes Cartas de Corso dadas ahi a dous Navios, que tenhão, e tem tão bom costado como huma Fragata, que o que apanhassem mettessem no fundo alli da meia travessa para a terra, n'hum instante se acabava o nojento Entremez.

E todos estes males nascêrão, e se conservão pelo que se não fez, e pelo que se fez na morte do Senhor Rei D. João VI. Se não prevalecesse a intriga contra a Lei, a perfidia contra a honra, e a malicia contra a incauta simplicidade, não nos perderiamos no meio da maior confusão politica, em que jámais se vírão, e se perdêrão os Povos da Terra. Se deste venenoso principio não brotassem tantos males, a que dilatados tempos não poderáõ trazer remedio, bastaria hum só, e este unico he a chamada, e instantanea, e repentina vinda de hum Exercito Inglez mandado por Canning, não porque o trouxesse o *casus fœderis*, pois nenhum dedo estrangeiro nos dava então hum só beliscão, nem aqui estava fundeada nenhuma Esquadra Fran-

ceza de treze velas alterosas, e com mais de mil bôcas de fogo, entrando com violencia, e com ruina, exigindo com barbaridade, e tratando com insolencia os trahidos Portuguezes. A revolução trouxe ao Mundo mais esta; foi, e será unica; não teve exemplo, nem o póde ter. O Exercito foi chamado, pago, e manteúdo para vir matar Portuguezes, se estes de seu voluntario desterro, e emigração intentassem vir para a sua Patria; e se vinhão com o presupposto de darem cabo de huma facção, isto era huma virtude, não era hum delicto, que mãos estranhas devessem punir a ferro, e a fogo. Os nossos Soldados vinhão aos dous, e aos tres, e talvez viesse algum, que trouxesse só hum capato, e muitos marcharião com meia, ou hum quarto de camisa nos coiros; marchárão com huma muito boa companhia, que era a fome, e com os seus derivados, fraqueza, e piolhos, porque se este corpo formidavel viesse como tinha ido, sem fome, e com honra, seria justo, e muito bem feito que antes de se aproximarem a Coimbra fizessem alli do pé para a mão hum — *casus fœderis*, — e saltassem naquella Medronhada, e esfatachassem tudo desde Clinttou até ao ultimo ôdre, que tocasse o Tambor, e deste geito desembaraçassem a estrada até á Capital, e mondassem a Capital da basta Pedreirada, causa, e instrumento de todas as nossas desventuras. Não foi assim, porque os Pedreiros todos parece que nascêrão n'hum fole; ainda que não tenhão levado a sua ávante, escapão sempre, e para isto he necessario muita fortuna, ou muitos padrinhos, ou ambas estas cousas juntas. Vingárão-se depois, ou ainda se vingão, porque os tristes emigrados ficárão sendo desde então, ou Lobos, ou Cães damnados, atirão-lhe a matar. He verdade que elles não varejárão os Medronhos; he verdade que elles em Coruche forão atraiçoados, porque eu sempre perguntarei, quem tiron duas peças de artilheria da ponta daquelle Pinhal? He verdade que nos arrabaldes de Braga lhes andou o Diabo com a cabeça á roda para se dividirem em tres pernas para enfraquecerem o corpo; podendo augmentar a força unida com a força que os esperava em Santo Thyrso, o Porto seria entrado, e era melhor defender-se de dentro, que atacarem de fóra: mas em fim isso já lá vai, e com aguas passadas não moem moinhos, e tudo deve esquecer á vista do imponderavel serviço, que a emigração fez á Causa da Legitimidade. A intriga Bemposteira, e Palmeloa de todo se deslindou com a emigração; mostrou com tamanha, e tão pública dissidencia, que a Regencia fora usurpada a quem a devia exercitar; que as Camaras, que em pouco tempo devião contradançar, indo a de baixo para cima, e a de cima para baixo, erão obra puramente revolucionaria; que o verdadeiro Rei não era o Senhor D. Pedro de Bragança e Bourbon, como hoje se assigna o Ex-Imperador, que por hum triz não foi Iturbide; que o mólho de grêlos da authoridade governativa era hum mólho de facciosos, que dentro em pouco se devião succeder, e descompôr huns aos outros. Tudo isto mostrou, e provou a emigração ás Nações da Europa espantada; a emigração era hum vivo protesto contra a violencia, e machiavelico procedimento dos que promovião a detensão, e a coacção do Legitimo Rei de Portugal. Tudo isto fez a emigração, talvez que sem comprehender estas remotas, mas naturaes consequencias; mas a desgraça de tanta, e tão honrada gente foi em se ir misturar com ella hum bom par de Pedreiros Livres, que com affectadas caras de Santos, e Anjos erão verdadeiros, e extremados Judas Escariotes, que he fazenda de que abundamos por todas as Repartições.

Parece-me que desengano bem o Povo sobre os males tão verdadeiros, e tão duradouros, que se derivárão do que se não fez, e do que se fez com a morte do Senhor Rei D. João VI, e que o emperralo Maçonismo procura não só contaminar, mas augmentar depois que o nosso Legitimo Soberano appareceo entre nós para reinar. Assim mesmo succedem-se as calamidades humas ás outras sem pararem hum só momento, e até de hum caracter novo, porque a conspiração he permanente, prosegue, e caminha com a mesma contumacia, e se aborta tantas vezes no Continente, não desiste, e permanece nas Ilhas; em toda a parte maquina, e trabalha. Na Fraunça, na Inglaterra, na mesma Alemanha, e o que he mais, na mesma Italia, até nas margens do Tibre, se mostra com a mesma actividade, e até com a mais insolente publicidade. Não era trama escondida a do Barco de Vapôr, que veio fundear ao Porto, era a mão armada, que atacava, e corrompia, e tanto póde, que contaminou huma grande parte do Exercito. Esta he huma calamidade trazida pelos nossos contra a Sagrada Pessoa d'ElRei. Huma invasão estranha, com tanta força, como descaramento, roubando sem vergonha, e exigindo sem medida. He verdade que a mão do Senhor Deos dos Exercitos nos tem feito conhecer a sua Omnipotencia, e a sua Misericordia, e tem corrido em nosso adjutorio no meio das maiores tribulações. Desfazem-se as tempestades quando mais perpendiculares estavão ás nossas cabeças.

A calamidade, que eu julgo, entre todas, a mais pezada, he essa insensata perseguição que nos faz o Senhor D. Pedro, Imperador que foi do Brasil, para nunca chegar a ser Rei de Portugal. Sem Throno, e fugitivo, pobre, e individado, dando-se em espectaculo de miseria, e extrema indigencia a todo o Mundo, mais deixado, e só, que o bão antigo, e theatral Rei de Córsega Theodoro, assim mesmo he calamitoso meteóro para este Reino. O seu nome he hum grito de guerra para os malvados, e scelerados conspiradores. Oução-se os vivas dos Tigres desaçaimados do Quartel do Campo de Ourique no meio de continuas descargas de fusilaria! Que nome se profere? O do Senhor D. Pedro, e no mesmo instante parece lhe querem levantar o Throno sobre ruinas, e montões de cadaveres de Portuguezes, que nenhum mal lhe fizerão, nenhum desgosto lhe derão, e os mesmos Portuguezes lidimos que ainda existião, e até soldados, quando elle sem entrar na sua Côrte do Rio, vinha correndo para a praia, a lançar-se no primeiro catraio, que se lhe offerecesse, lhe enviárão a dizer, que tornasse a traz, e que se pozesse á sua frente, e atacasse os mascavados, que por certo triunfaria, e se vingaria delles frigindo-os em azeite de carrapatos. Não quiz; que tal era o terror que se lhe aquartelára nos ossos. Aceitou o vilipendio da passagem que lhe derão na Corveta, e veio ao Faial acirrar, e açular os cães da Terceira, para se não poder, sem incommodo corporal, na Gran-Bretanha (se lhe não acode com alguns vintens o Judeo Samuel Filippe, talvez sobre as arrecadas, e Rossicler da Ex-Imperatriz) demorar-se alguns dias, lá foi para Franca negociar com os Cambistas Perrier, e La Fitte a futura enthronisação de sua filha, que he a unica cousa que lhe dá cuidado neste Mundo, e com que póde suavisar a magoa da ausencia dos seus Brasileiros, que tambem lhe desejão fazer os bons officios sem ser o do corpo presente, e já que não póde fazer a felicidade do Brasil, faz a guerra a Portugal, e tudo para arrumar aquella filha, que he a menina de seus olhos; os outros filhos arrumados estão, e entregues em boas mãos; o Bonifacio teria cuidado no seu modo de .

vida, talvez quizesse ensinar o mais pequenino a achar minas de carvão, como elle fez em Buarcos, onde ficárão muitos contos de réis em dous lugares, na cova que abrio, e na algibeira que fechou.

E não he tudo isto huma verdadeira calamidade para este Reino, hum contínuo pretexto de ameaços e féros de tantos perversos, que não sabem como se vinguem do mesmo crime que fizerão? Portuguezes, despertemos do lethargo, olhai que vos pertendem tirar da Lista das Nações; e entre estas ha sete seculos, pela vossa representação, poder, e antiguidade na mesma linha da successão, tivestes o primeiro lugar. Nos gellos, e cerrações do Norte, mal se conhecião na mesma Europa os Moscovitas; por informações ambiguas se sabia que a Dinamarca, e a Suecia erão a antiga Escandinavia, e que os Vandalos, e os Godos dalli tinhão rompido, mas ainda agora se não póde saber quem erão. A Alemanha era hum bosque inaccessivel na sua totalidade. A França até ao principio da terceira raça era conhecida por cavalleiros andantes, e pelas doações de Pipino, e Carlos Magno. A Inglaterra não conhecia outra navegação mais que a Litôral, ou Cabotagem; e Portugal já passeava pelas ruas de Nangasaqui na ultima Ilha do Japão. Os filhos do Rei de Ormuz vinhão de refens a esta nossa Terra, feita agora roupa de Francezes. Affonso d'Albuquerque mandava degolar em publico cadafalso Utimutáraja Rei de Malaca; e agora por mandarmos dar quatro açoutes em hum incognito franchinote, sacrilego, e profanador, somos invadidos, e roubados. Sejamos outra vez Nação, pois começámos mais pequenos do que agora estâmos. Respeitemos muito o Senhor D. Pedro, porque he irmão d'ElRei, mas não o temamos. Os Tapuias não o quizerão Imperador, nós não o queremos Rei, porque perdeo o direito a este Reino, sendo elle a causa unica de todos os nossos infortunios. Lembrai-vós sempre do dito desse Corsario que ahi tivemos: *A Nação Portugueza póde ser bombeada, mas não póde ser pervertida, nem revolucionada.* E eu, sem ser Corsario, accrescento: — Sejamos amigos da gloria, mas não queiramos Maria da Gloria, que Deos nos dará a sua graça, e depois a Gloria eterna. Amen.

Pedroiços 9 de Setembro de 1831.

José Agostinho de Macedo.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 1831.

Com Licença.

ULTIMO DESENGANO,

OPUSCULO MORAL E POLITICO

EM ADDIÇÃO A'S ULTIMAS PALAVRAS

DO GRANDE JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO

EM O N.º 26 DOS SEUS DESENGANOS.

Dedicado aos verdadeiros Amigos da Legitimidade, e da Realeza.

SEjamos amigos da Gloria, mas não queiramos Maria da Gloria, que Deos nos dará a sua Graça, e depois a Gloria eterna. Amen. Taes forão as ultimas palavras, que no seu Desengano N.º 26 dirigio a todos os Portuguezes o Socrates, o Fenelon, o Sabio dos nossos dias José Agostinho de Macedo, este grande Escriptor, que em tão subido gráo amava o legitimo e excelso Monarcha, que felizmente nos rege, e a Patria e honrada Nação, a que pertencia, trabalhando sempre por conduzi-la suave, e jocosamente pela unica vereda, que pode levar os Povos á verdadeira prosperidade! Como que presagiando serem as ultimas, que nos transmittia a nós, e á posteridade, quiz deixar compendiado nestas duas linhas, excedendo a brevidade das antigas Leis das doze Taboas, quanto se encerra de mais importante nos seus amplissimos, e sapientissimos Escriptos. Como Theologo, como Filosofo, e como Politico nos recommenda o patriotismo, a confraternidade nacional, e heroica imitação dos gloriosos feitos de nossos Maiores; a inteira obediencia á legitima Authoridade, que nos governa; e a firme esperança no Omnipotente, que espalhando então sobre nós os doces orvalhos do seu Manná suavissimo, permittirá tambem que não declinemos para a direita, nem para a esquerda do verdadeiro caminho, que seguramente conduz á celestial Cidade. Estas duas linhas do seu Desengano se podem na verdade considerar como o exuberantissimo Legado, que a seus Compatriotas deixa em Testamento o nosso Sabio do seculo 19, o honrado, o benemerito, o verdadeiramente Portuguez José Agostinho de Macedo. Engenhos mais sublimes, pennas mais aparadas, e discretas farão seus justos, e bem merecidos elogios: ou antes: existem gravados nos corações dos bons Portuguezes; e a recordação de tão estremado homem, ainda que saudosa, será sempre grata aos presentes, e vindouros. He só meu intento renovar pela repetição, pois conheço o limite de minhas forças, a salutifera impressão, que nos animos de todos os Portu-

*

Ainda se ignorava a publicação futura do Posthumo N.º 27.

guezes devem fazer aquellas palavras — *Sejamos amigos da Gloria, mas não queiramos Maria da Gloria, que Deos nos dará a sua Graça, e depois a Gloria eterna. Amen.* —

Sim: o virtuoso desejo da Gloria, mesmo temporal, mas racionavel, e não vaidosa, e vã, he hum sentimento natural ao homem, e muito proprio de hum coração bem formado: todos os Filosofos de senso antigos e modernos, todas as Nações cultas em todos os tempos o tem assim julgado, e a mesma nossa Santa Religião se lhe não oppõe. Mas consistirá esta Gloria, em que, v. gr. hum Portuguez venda a sua Patria aos Estrangeiros, hum vassallo se rebelle contra o seu Soberano, e desobedeça aos seus Generaes, e Magistrados, e hum cidadão arbitraria e loucamente se desenlace daquelles vinculos, com que a natureza, a amizade, e o interesse commum o tem unido aos outros membros da Civil Sociedade? Pelo contrario. Nada ennobrece tanto a hum homem, nada o cobre de Gloria, como as acções heroicas, que pratíca, os trabalhos, que soffre, e os riscos, a que se expõe pela defeza, e justa independencia da sua Patria. Da mesma sorte hum Soberano, que se não poupa a fadigas, e esforços pela conservação, e prosperidade de seus Povos, he hum Heroe angelico, ou antes huma Emanação da mesma Divindade, que merece as bençãos, a obediencia, e fidelidade, e os corações de todos. E quando nós tivemos hum D. Affonso Henriques, (pois não precisamos de exemplos externos) que atravez de immensos perigos e trabalhos acompanhado de seus fieis vassallos debellou, e venceo tantos inimigos Africanos, e Europeos, firmando assim a estabilidade e independencia desta Monarchia, não se cobrirão de Gloria por tão insignes façanhas o Principe, que mandava, e os Portuguezes, que obedecião? Nos tempos dos Senhores D. João I, e D. João IV. neste Reino, e tambem dos Senhores D. Manoel, e Successores nos Dominios Ultramarinos não praticárão nossos Maiores, guiados por tão dignos Chefes, acções, que parecia excederem todo o esforço humano, e que enchêrão de assombro as Nações visinhas, e de admiração as mais remotas? Em nossos mesmos dias vimos com que valor, e coragem se arrostárão contra o colossal poder de Napoleão as bravas Legiões Lusitanas, tocando-lhes não pequena parte da Gloria, que resultou da queda e exterminio daquelle Usurpador. São em fim patentissimos, ninguem os ignora, e sobejamente fallão os ultimos acontecimentos da Monarchia desde 1823 por diante, em que a lealdade, e valentia Portugueza tão repetidas vezes minada, e combatida triunfou cinco vezes, como Cezar em Roma; porem menos fragil do que aquelle, que pouco sobreviveo ao quinto triunfo, será permanente, será constante, e duradoura a Gloriosa victoria, que resultou, e resultará sempre dos virtuosos, nobres, e firmes sentimentos religiosos, e politicos da nunca pervertida (he confissão estrangeira) Nação Portugueza.

Desta Gloria pois he que falla, e esta he, a que nos recommenda o grande Sabio José Agostinho de Macedo. Temos á nossa frente hum Gedeão valente, e corajoso, ou antes hum novo Affonso Henriques; (até no fracasso da perna os assemelhou a sorte!) existe em nós o principio, ou causas efficientes das heroicas, e grandes acções; porque a natureza he sempre a mesma, e em toda a parte: desenvolvamo-las, para que possão operar, e estejamos promptos á voz, e aceno do Soberano Chefe, que a Providencia benéfica nos concedeo. Fortificados com a Religião Santa de nossos Maiores, exercitados com seus honestos, e piedosos costumes, e exemplos, e unidos e ligados com as sabias, providentes, e inalteraveis Leis fundamentaes da Monarchia, que poderemos recear dos inimigos internos ou externos? — *Hæc est fides Patrum, omnes ita credimus* — dizião antigamente os Padres da Igreja reunidos em certo Concilio: e porque não diremos agora tambem — esta foi a Religião de nossos Pais, estas as suas Leis e costumes, esta a sua união, e fidelidade a seus Soberanos, e esta a sua honrada, e maravilhosa conducta, que os fez grandes no Universo: por tanto assim todos hoje queremos, e obraremos sempre o mesmo —? Este procedimento será o mais religioso, o mais patriotico, e por isso tambem o mais glorioso. Porem que juizo deveremos fazer de certos, que blazonando de Portuguezes legitimos, e dos quatro Costados fallão, vestem, e talvez obrão á estrangeira? Já, entre outros, o Auctor do Filinto Elysio ridiculisou em seu *Gallici-parla*, e outras composições metricas, os que tão desnecessaria, como affrontosamente adulteravão a nossa copiosissima, e harmoniosa Lingua; e mais vivia então, se me não engano, ou lá procurou seu asilo, em paizes estrangeiros, e até nesse fóco epidemico, donde os miasmas tem assolado a Europa, e as Americas, e sem cessar vão ameaçando todo o Globo. Quando eu vejo hum Taful de chapéo á Londrina, cheio de casquilharias desde as pontas dos odoriferos cabellos até á chave do relogio á Parisiense; e, se monta a cavallo, o vejo dançando pelas ruas ao compasso do batecú no retalho de sella postado sobre o dorso da grande alimaria, que até pelo extenso do pescoço, e levantado da extremidade da focinheira me parece a Náo de cento e vinte com vento em popa, sulcando (ainda da sua parte) não arados mares, então fico assentando para comigo, que semelhante composto heterogeneo tende menos para a nativa, do que para a adoptiva natureza. Perdoem-me os eruditos este modo de dizer, se lhes não agrada; e para os menos lidos eu me explico de outro modo. A mania de quererem usar de modas, maneiras, e costumes e *mais effeitos* estrangeiros, ainda que á primeira vista pareça huma bagatella, não he assim: he isto huma cousa muito séria: costuma-se dizer — o *habito não faz o Monge* —: concordo nisso, e ainda accrescen-

to, que a toga, a tanga, a aljuba, a opalanda, etc., etc. são meras exterioridades: mas se eu vejo hum homem quasi nú, deixarei de persuadir-me, de que, a não ser no excesso do Verão, elle se acha penetrado de frio? Se observo outro individuo coberto de farrapos e immundicia, não ajuizo d'alli com muita probabilidade, quaes são os sentimentos, que affligem o coração daquelle desgraçado? Por outro lado se diviso algum sujeito aceado com esmero, ou com luxo, rosto altanado, e passo magestoso lançando os olhos com certa indifferença, ou desprezo para todos e para tudo, posso ignorar por ventura quaes sejão probabilissimamente as suas idéas, e modo de pensar, geralmente fallando? As ancoras do vicio, ou da virtude quasi sempre trazem suas boias na superficie humana. Logo tambem com razão podemos dizer, que aquelles, que contra o uso geral da Nação vestem, e usão de maneiras á estrangeira, preferem neste particular, o que he estrangeiro, ao que he nacional: daqui passa gradualmente o gosto aos costumes, destes á forma de Governo; e ainda daqui póde passar ás Pessoas, que governão, e eis huma grande causa da nossa decadencia, e abatimento. O proprio delicado Sexo não precisava de recorrer tão assiduamente ao artificio estrangeiro: nem a *hygiene* v. gr. de Mr. e Madame Villarets, assoalhada nas Folhas públicas, he certamente, a que ha de preservar-nos de algum grande mal, como por ex. a cholera-morbus, se esse caudaloso rio de morte, como lhe chama o excellente Ecclesiastico de París, trasbordar por estes confins occidentaes da Europa. Tudo nasce deste principio — falta de Patriotismo, e falta de amor da Gloria. —

Parece que o Discurso ía naturalmente recahindo sobre o importantissimo assumpto — Economia Politica — relativamente considerada a lucros e despezas; e neste sentido que longas observações não se poderião fazer? O nosso dinheiro vai sustentar as Fabricas estrangeiras, alimentar as Artes, e instigar a Industria dos outros Povos, ao passo que nós adormecidos, e enervados no ocio, e no luxo vemos com ignominia a nossa debilidade, e os presagios da nossa total ruina, porque o sangue, que devia conservar-nos o vigor, e a existencia girando sem cessar por todas as nossas vêas, passou a circular em corpo estranho. Se eu tivera a linguagem melliflua de hum Theophrasto, a suasoria de hum Demosthenes, ou Cicero, esgotalla-hia toda, faria quanto me fosse possivel por persuadir desta verdade a meus Concidadãos, pintando com as mais vivas e apropriadas côres os graves males, que resultão sempre desta anti-patriotica, maniaca, e perigosissima devoção, ou adhesão, a quanto he estrangeiro: de lá nos tem vindo raras vezes algum pequeno bem, e quasi sempre os maiores, e mais irremediaveis prejuizos. Longe de promover desta maneira a desintelligencia, a inimizade, ou a guerra com os estrangeiros; eu só

pertendo, e aconselharei sempre, quanto ser possa, a paz, a harmonia, e a mutua correspondencia com os outros Povos, mas guardando sempre as balizas, e certo equilibrio, que sustenta e mantem a independencia das Nações. He o Lord Chanceller Mr. Brougham, que na Sessão de 14 de Setembro (salvo o erro) declarou, «que detestava tanto, como qualquer homem no Mundo, toda e qualquer idéa de vil submissão á França, ou a outra qualquer Potencia estrangeira.» E seriamos nós formados de outro barro? Se os Romanos, tendo aprendido dos Gregos, aborrecião tanto aquillo tudo, que era estrangeiro, (menos o ouro, e prata, que levárão de todas as partes) que denominavão geralmente com o epitheto de *barbaro* as pessoas, os idiomas, os costumes, e vestidos das outras Gentes, obraremos nós tanto ao contrario, que passemos a ter-nos em a conta de barbaros, de escravos mesmo, ou de colonos de tantos Senados Romanos, quantas são as Camaras, ou Parlamentos estrangeiros? Os Tratados, e as Allianças devem observar-se religiosissima, e escrupulosamente; mas o caracter nacional nunca deverá perder-se, ou aviltar-se. Já fomos preza talvez, com a máscara do commercio, dos Fenicios, e dos Gregos, e fomos dos Carthaginezes, e dos Romanos, dos Godos, e dos Arabes ou Mouros, sem fallar nas épocas posteriores, que ninguem ignora. A nossa Peninsula foi inundada de sangue, e espoliada de ouro, prata, e riquezas immensas, de que abundava este solo abençoado; a tal ponto que não se concedia em Roma o triunfo, ou só era julgado digno do chamado *Oval*, ou da magra, e lanigera ovelha; ou então do pingue, e nutritivo boi aquelle General, que no seu regresso apresentasse nas mui ávidas mãos do Senado certas ou certas enormes quantias daquelles bellos, e preciosos metaes; fosse bem ou mal adquirido, que disso não curavão os *Padres Conscriptos*. Napoleão (façamos justiça a Mr. Lepayen e C.ª, que tanto deseja a reclamação das cinzas, que ha tantos annos descanção no jazigo, não de Santa Helena, mas da Ilha assim chamada, para serem conduzidas á Europa, e collocadas debaixo da columna da Praça de Vendome!), Napoleão quiz, e levou dinheiro; Argel fazia o mesmo; e quando mais desprevenidos nos acordamos, vimos ás nossas portas, e logo dentro, duplicadas Esquadras, pedindo avultadas sommas—*ferum visu, dictuque!*—Sagunto experimentou os ultimos horrores da desolação, e da morte, em quanto a sua potentissima Alliada opinava, e preopinava em pleno Senado, movia argumentos bem fundados, razões subtilissimas deduzidas do Direito Natural, e das Gentes, dos Tratados e Transacções em vigor, esfolheando toda a sua Legislação, ou fosse de fabrica Tiberina, ou de cunho Egypcio ou Grego, (e que seria, se já possuisse os *plusquam* immensissimos Digestos, e Codigos Theodosianos, e Justinianeos, ou mesmo as Pan-

dectas de miraculoso invento, ou achada, com a turba multa dos Commentadores, e a mesma Glossa!) concluindo em ultima discussão mandar cautos e seguros exploradores, que depois de navegarem costa a costa desembarcassem nas praias mais proximas aquella infeliz Cidade: dalli, investigadas bem as cousas, passassem á outra parte do mundo a fazer intimações á Carthagineza Republica; e depois voltassem a Roma, para então se cuidar em mandar hum *promptissimo*, e efficacissimo adjutorio á sua Alliada. Porém de volta, e com taes delongas, chegárão a Roma os Legados, e logo a noticia de ter succumbido a misera Sagunto. Eu leio por essas Gazetas mui bellas e arrazoadas fallas de Lords, e Mylords advogando justamente a Causa de Portugal, seu antigo Alliado, sobre factos, que principiárão, progredírão, e se concluírão mez, ou mezes, antes que ellas tivessem lugar no Parlamento: as distancias erão limitadissimas: a indifferença, ou a nullidade foi sem limites. Não me posso explicar melhor; e como parece ir aberrando do fio, voltemos a elle.

A Historia, e a experiencia, que são as melhores mestras da vida, nos ensinão, que mais felizes vivem, e por conseguinte mais gloriosos aquelles Povos, cujos individuos ligados ao exercicio dos seus deveres, e occupações, á pratica de sãos costumes, e á obediencia e respeito ás Authoridades, formão hum só Corpo moral, prompto sempre a operar ás ordens da Cabeça. Quando Scipião Emiliano (o terceiro Scipião, que veio ás Hespanhas) quiz vencer os Numantinos, julgou tão ardua e difficultosa esta empreza, que chegando ao Exercito combateo primeiro com os seus Soldados, do que com os inimigos; cuidou logo em exterminar os vicios, restituir a disciplina, e obediencia, remover as delicadezas, e o luxo, as superfluidades na comida, no vestido, e na cama, o ocio e a companhia de gentes pervertidas; e vigorado assim o seu pequeno Exercito acommetteo, e venceo Numancia, Numancia que assim havia amedrentado o destructor de Carthago, o domador da Africa, o libertador do Romano Imperio! Tão poderosa he a força dos bons costumes, da virtude, e da união, que hum Povo he quasi invencivel, quando marcha escudado com estes preservativos, e então he sempre glorioso: sorte, que tanto nos desejava o Sabio do Seculo XIX! Ah! que grande vacuo me parece conhecer agora na direcção, e guia da opinião pública pela falta d'aquelle Portuguez, que com a espada da penna valia hum poderoso exercito! Mas existem seus Escriptos, revejamos tão preciosos monumentos, e estudemos sempre por este Mestre, e Director eximio. Porém a Divina Providencia, que nunca descuidada vela dia e noite sobre os nossos destinos, quiz deparar-nos, já com antecipação, hum digno Successor aos seus ultimos trabalhos literarios. Fallo do eruditissimo Author da *Contra-Mina*, cujos uteis, e sabios Escriptos

deste, e d'outros diversos titulos, pois tem já publicado muitos, vão continuando a aplanar a verdadeira estrada, que devemos pizar em seguimento da prosperidade, e da gloria. Permittão os Ceos, que os grandes trabalhos, de que está sobrecarregado não sirvão de obstaculo á continuação de tão appetecido Periodico para instrucção nossa, e lenitivo da justa saudade, que nos acompanha.

Mas não queirámos Maria da Gloria, dizia aquelle grande Mestre da Politica. E que immensidade de idéas elle nos não transmitte nestas poucas palavras?! Esta Real Menina, como Sobrinha de ElRei Nosso Senhor, he na verdade digna dos nossos respeitos: a sua innocencia, e ainda mais a sua desgraça, devem excitar em nós os sentimentos de compaixão, proprios da humanidade, e Christianismo, que professamos. Impellida barbaramente a transitar o grande Oceano desde o Occaso ao Nascente, d'alli ao Septentrião, e desté ao Occidente para outra vez voltar á Terra do frio, dos nevoeiros, e do gêlo, e isto na sua tenra puericia, para vir cingir Diademas, e empunhar Sceptros, que as Leis Fundamentaes da Monarchia inteiramente lhe vedavão; esta Senhora, quasi sem Pai, e sem Patria, só abandonada á discrição das ondas, e das gentes, repito, he digna da nossa compaixão. Mas para Soberana de Portugal contra a Lei, contra o interesse, e contra a vontade geral, ou quasi unanime dos Portuguezes nunca poderá ser chamada. Embora os estrangeiros summamente caridosos deixem penetrar seus sensiveis corações dos ternos gemidos da Innocente: embora se prestem, quaes outros Paladinos, ou Cavalleiros Andantes, a dar auxilio ao desaggravo desta Donzella desprezada: nossa firmeza, nossa união, e nossa obediencia ao Legitimo Soberano, que nos governa, hão de em fim serenar todas as borrascas, e tormentas, que nos ameacem. Temos hum centro commum: sigâmos a força centripeta, que a elle constantemente nos impelle, para que formando assim hum corpo sólido, e compacto possâmos expellir essas *particulas profugas, e errantes*, que attrahidas de hum *iman* enganador forão procurar alheio centro. Esses chamados Subditos da Senhora D. Maria da Gloria, e do Senhor D. Pedro IV nem querem Maria da Gloria, nem a gloria de Maria: não querem Pedro IV, nem hum quarto, ou hum oitavo, ou hum centesimo de Pedro: tudo isto são pintadas mascaras, com que pertendem encobrir-nos as suas Democraticas physionomias. Essa alcateia, ou aggregado de féras crueis, e sempre vigilantes, e manhosas tem esgotado todos os meios de nos precipitar no abysmo da anarchia: tem chegado a enganar, e seduzir grandes Potencias da Europa: chegarão mesmo a conseguir algum apoio; mas hoje todos já devem estar bem desenganados, que nem o Direito, e a Lei, nem a utilidade, e in-

teresse, nem a vontade geral dos Portuguezes permittem, ou querem outra cousa, que não seja Monarchia pura, e o Senhor D. Miguel I á sua frente, Religião, e costumes de nossos honrados Avós, nobreza de caracter, e independencia de qualquer Nação estranha. Não he meu designio fazer hum Tratado de Jurisprudencia, nem mesmo repetir aqui as incontestaveis provas, que justificão a elevação do nosso Monarcha ao Throno, que felizmente occupa: tudo está sobejamente demonstrado: a evidencia tem chegado neste ponto á sua ultima perfeição. E de mais: falto de talentos, de lição, e até de livros; isolado das sociedades, e reduzido ao breve recinto de quatro paredes ermas no centro de hum insaturavel *Sarcophago de Provincianos*, e por isso tambem mais entregue á melancolica meditação, minhas forças tão sómente se limitão á consideração das ultimas, porém tão sabias, tão cheias, e tão concisas palavras do incomparavel José Agostinho de Macedo. Algumas idéas geraes, algum texto destacado, ou algum exemplo historico, que a minha debil memoria me vai aqui, ou alli *ad rem* subministrando, são os toscos materiaes, com que em continente me decidi a formar este pequeno Opusculo, quando tive noticia do fatal acontecimento, a fim de fazer reviver na lembrança de meus Compatriotas esta sapientissima recommendação do grande Escriptor.

Solon, Lycurgo, ou Confucio, ou Monarchicos, ou Democratas, ou em meio termo, como os queirão considerar, deixárão na verdade a seus contemporaneos, e vindouros riquissimos monumentos de Legislação, de Politica, e de Moral. O ultimo foi mesmo tão bem succedido, que a travez de milhares de annos a sua Patria tem a felicidade (talvez a mais appetecivel de qualquer Nação) de não haver soffrido na fórma de Governo as oscillações, os abalos, e a quéda, a que mais remota, ou mais proximamente quasi não tem podido escapar nenhuma Potencia da Terra no Mundo, que se chama civilisado. Centos de milhões de habitantes, segundo algumas Geographias, que tenho visto, formão aquelle florecente, e laborioso Povo, onde se venerão ainda hoje com o maior respeito os conhecidos Descendentes daquelle verdadeiro Pai da Patria. Assim mesmo nem este, nem qualquer outro dos Legisladores, ou Filosofos antigos, ou modernos deixárão a seus vindouros, em tão poucas palavras, hum tão rico, e exuberantissimo penhor, como o que das suas cordatas, e profundas letras, e do vivissimo amor, que firmemente consagrava ao seu Rei, e aos seus Concidadãos, nos transmittio o nosso altamente Benemerito Macedo. Não era Legislador; porém estas palavras = *Sejamos amigos da Gloria, mas não queiramos Maria da Gloria, que Deos nos dará a sua Graça, e depois a Gloria eterna. Amen.* = tem a Sancção Divina, tem a humana, e tem os votos de todos

es Portuguezes Christãos. Poderá pois haver algum homem, que se preze de honrado, a quem possão agradar, e lisongear as idéas de sujeição a hum alheio Principe, *ou Princeza*, ou ao dominio de huma Potencia estranha? Assaz estranhas serão sempre estas idéas aos não degenerados Descendentes dos Vencedores de Ourique, de Aljubarrota, e de Montes claros. E se alguns, chamados Portuguezes, pensarem de outra sorte, risquem tambem então da sua memoria, dos seus Titulos, e Brazões, dos seus mesmos Nomes tudo aquillo, que lhes poder suscitar a lembrança de tão abalisado heroismo; e fazendo na mais favoravel, ou casual monção huma viagem ás Regiões austraes, de cujas terras ultimamente descobertas apenas se faz huma confusa idéa da sua immensa extensão, formem alli, ou constituão, ou installem (será huma acção mais abbreviada) Governos a seu bel prazer, e sejão então lá venturosos, e felizes á sua vontade; mas deixem-nos cá viver com tranquillidade, e repouso á moda dos nossos Antigos.

Já em outros tempos se declamou muitissimo contra aquella velha expressão, tão usada — *Rasão de Estado* —; mas hoje não vejo serem menos vulgares os apeguilhos — *Pòlitica Europea*, *Civilisação actual*, *Equilibrio das Potencias*, *Estado* quo *relativo ao caso fœderis*, *etc.*, *etc.* — descabeçados troncos, a que se encostão membrudos Polyfemos, porem que a final menos cégos, e mais cautos que o da Fabula, se não deixarão illudir, e enganar por estes Ulysses manhosos, que não cessão de forjar, e urdir trapaças, com que pertendem trazer o Mundo enredado, e a Justiça maneatada ao carro triunfal da vaidosa, e soberba iniquidade. Perversos, e contumazes não só os externos, mas ainda, por maior desgraça nossa, os internos Catilinas conjuradores ameação, minão, e combatem a justissima Causa da Realeza, e da Legitimidade: muito bem conhecem já, e talvez detestem a vergonhosa cegueira, que os levou á borda do precipicio, mas abarrotados de pertinacia não cessão dos seus maleficios. Podião marchar sobre rosas, e vagueião por entre cardos, e espinhos; sendo perfeitamente applicaveis a cada hum delles aquellas palavras de Medea — *Video meliora*, *proboque*, *Deteriora sequor*. — Porem forrárão-se as nossas portas de bronze; e quando cheguem a romper-se, teremos braços fortes, peitos de firmeza, e lealdade; e seguindo a Voz, e o Mando do valente Machabeo, defenderemos nossas vidas, nossa honra, e a nossa independencia, e antigas Instituições da Monarchia. E se pois a extensissima, e robusta muralha, a cujo abrigo o imbelle Povo Chinez, de que ha pouco fallei, procurava escapar-se á indomita, e barbara ferocidade dos Tartaros visinhos, falhou, e mais do que huma vez; e se podem tambem falhar os nossos Fortes, e Baterias, comtudo, se por fatalidade assim acontecesse, estou certo de que nunca jámais em tão justa Causa falbarião as espadas, e as baionetas dos Portuguezes.

Quanto ás restantes, e mui religiosas palavras do grande José Agostinho de Macedo — *que Deos nos dará a sua Graça, e depois a Gloria eterna. Amen.* — ellas mesmas por si se recommendão. São tão cheias de luz, e de clareza, (pois fallo entre Christãos) que ao primeiro intuito ellas penetrão na alma, e descem logo ao coração, sem que preciso seja recorrer ao uso de variadas interpretações, ou á escolha de multiplicados sentidos, ou seja o mistico, o anagogico, e tropologico, ou tambem o metaphorico. Sómente basta lêr; e depois crer, e bem obrar. E andar, que vamos bem. Aqui temos pois o ultimo Desengano, que no seu N.° 26 nos offerece o grande Mestre da Moral, e da Politica, encerrando em tão poucas palavras tudo aquillo, que póde conduzir-nos á temporal, ou á eterna felicidade. Nunca já mais imitemos, nem sigâmos o exemplo daquelles homens, que arrastados pelo insaciavel desejo de encontrarem a *maga e deliciosa Batmendi* correm ás cégas por caminhos difficultosissimos, e tortuosos, arrostando-se mesmo a ultrapassar os limites, que a razão, e a Lei marcavão; por quanto não he assim, que ella apparece: de todo esquiva a taes excessos, ella sómente se facilita áquelles, que entregues aos seus honestos deveres, e occupações, laboriosos, sobrios, e obedientes, e submissos a Deos, ao Rei, e á Lei formarem cordialmente huma como unica, e indivisivel Familia Nacional, entregue aos cuidadosos desvélos do Soberano Pai, que a governe. Tudo o contrario he andar ás cégas, por mais que se chamem *illuminados;* até que aborrecidos, e enfadados já de dar tantos tropeções, e cabeçadas, rematão seus immensos desvarios com maiores loucuras ainda, v. gr. algum *applaudido suicidio*, que a sua cobardia, baixeza, e vileza de animo reputa por huma acção menos má, ou ainda gloriosa. Isto nos testifica a Historia ter acontecido a muitissimos Revolucionarios, Republicanos, e Illuminados; não deixando de me causar algum riso (ao mesmo tempo que lamento aquella desgraçada sorte) o annuncio, que ha pouco nos transmittio o Redactor do Morning Post — *O muito honrado João Calcraft membro do Parlamento commetteo suicidio.* — Fez muito *bem:* e por que seria? Foi justamente pela mesma razão, por que hum esteio, ou páo, sobre que se firma certa barraca, depois de se achar carcomido de caruncho, quebra pelo meio, e dá com a *armadilha* toda em terra. A consciencia do *muito honrado* João Calcraft achava-se picada, e roida pelos bichos do remorso; (refiro-me ao dito Morning Post): não esteve para mais demoras; matou-se, e lá está gostando agora os saborosos fructos da sua *honra*, e heroismo. Bem differente por certo daquelle, que tanto procurou inspirar-nos o nosso verdadeiro, e grande Sabio.

Tivemos tambem já em quasi análogos tempos aos de hoje outro Macedo, (Duarte Ribeiro de Macedo) que addido por Secre-

tario á Embaixada, que á França foi mandado fazer o Conde de Soure, (em cuja illustre Casa não tem até agora degenerado os sentimentos de Realeza, e Fidelidade) se esforçou por defender em vinte e sete fortissimas razões, se bem me lembro quanto ao número, a justa Causa da Independencia dos Portuguezes, e da legitima elevação do seu Rei ao Throno de seus Maiores, mostrando que Portugal devia ser comprehendido na Paz, que se tratava entre a França, e a Hespanha. O seu Aristippo, ou Homem de Côrte, he digno de ser lido, e estudado por todos os que cercão a Magestade. Foi bom Grammatico, e Poeta; Jurisconsulto perito; Genealogico, Politico, e Historiador consummado. Devemos-lhe muito, e o confessarei sempre. No presente Seculo possuimos o incomparavel José Agostinho de Macedo, cuja vastidão, e profundidade de Saber será justamente avaliada nas gerações vindouras as mais remotas. Porem se a vicissitude dos tempos, ou a volubilidade dos homens, e a sua tendencia para o mal fizerem preciso lá no indescortinado Futuro algum outro semelhante conductor da opinião pública, para que assim — *Correctæ sint semitæ eorum, qui sunt in terris* — (na phrase da Escriptura), e não apparecer, volva-se então aos locupletissimos Escriptos do nosso incansavel Mestre; e quasi não será necessario outro fanal.

A nossa ventura foi grande na verdade em gozarmos Varão tão illustrado. Ensinou-nos, e dirigio-nos: aproveitemos as lições de tão sabio Director; e não tornemos nullo, e inutil este Portento da Natureza, e da Arte. Então abrazados no amôr da verdadeira Gloria, e cheios de lealdade ao Rei, e á Patria, marcharemos com valôr, e promptidão á voz, e acêno do Augusto Soberano, que legitima, e felizmente sobre nós está reinando. Como em seguro, e luminoso Santelmo, depositemos toda a nossa confiança no Paternal Governo do Senhor D. Miguel Primeiro, Excelso, e Magestoso Principe, no qual vemos claramente figuradas a mysteriosa Vara de Moysés, que partindo os Mares, dêo passagem, e seguro abrigo ao Povo de Israel; e a Columna de fogo, ou de nuvem, que a través das solidões do Deserto, e de innumeraveis perigos o guiava incolume pelas melhores veredas. E qual outro Josué guerreiro, e ditoso, nos meterá de posse da appetecida *Terra da Promissão*, isto he, do repouso, e da prosperidade pública, de que são incontestavelmente os mais seguros garantes as sublimes virtudes, e brilhantissimas qualidades internas, e externas, que em gráo tão subido adornão a Sua Real Pessoa. Religião, e piedade, justiça, beneficencia, affabilidade, gentileza, intrepida robustez, actividade, e hum coração magnanimo; tudo em fim, que pode contribuir para a humana perfeição de hum Monarcha, se acha reunido no Senhor D. Miguel Primeiro. Rei, e Modelo dos seus Povos, Elle governa mais ainda com o exemplo, do que com o

proprio Mando. A mesma veneração, que tão discretamente consagra aos usos, e antigos costumes de seus Augustos Maiores, deve penetrar os corações dos Portuguezes; e o meu está de tal sorte a respeito de tudo quanto acabo de dizer, que servindo-me da expressão do Panegyrista de Benedicto XIII, sem curar muito da metrica certeza, não cessarei de exclamar

Ars utinam posset Michaelis *pingere dotes,*
Pulchrior in terris nulla Tabella foret.

Se podessem descrever-se
Prendas de Miguel Primeiro,
Achar-se mais lindo quadro
Não podia no Orbe inteiro.

Viva ElRei Nosso Senhor D. Miguel Primeiro.

Lisboa 13 de Outubro de 1831.

* * *

LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA.
1831.

Com Licença.

O DESENGANO,

PERIODICO POLITICO, E MORAL:

POR

JOSÈ AGOSTINHO DE MACEDO.

N.º 27.

Salus Populi suprema Lex esto.

A cegueira pertinaz.

Proseguir no mal conhecido por experiencia propria, senão he cegueira pertinaz, he por certo loucura rematada, e pelo que vemos, não tem remedio senão na sepultura, acabando pela molestia aguda do aperto das goellas, ou, segundo a melhor Pathologia — Garrotilho. — Os progressos, e a propagação da cólera morbus não se hão estendido tanto, nem tem causado tantos estragos, como este contagio pestilente da cegueira pertinaz; e ha Paizes no Mundo, especialmente na Europa, onde, entre os atacados da molestia, haja hum só, que tenha hum olho para ser Rei, e vèr alguma cousa. Ninguem quer voluntariamente ser atacado, e ferido da cólera morbus, nem ha cégo que o queira ser por sua vontade. No Mundo só houve hum unico mentecapto, que voluntariamente quiz ficar cégo para discorrer sem a distracção, que este sentido costuma dar ao entendimento. Este mentecapto foi hum Filosofo, porque as maiores parvoices são feitas por Filosofos, e o de que fallo, foi o Filosofo Demócrito, e bem asno, e bem parvo se mostrou, porque andava sempre em gargalhadas, á vista do que vai pelo Mundo. Este he o unico exemplo que a Historia nos aponta de huma cegueira voluntaria, e diz elle que se fizera cégo para filosofar com mais acerto,

e descobrir mais facilmente a verdade, que elle dizia fôra lançada no fundo de hum poço. Ora se os homens com dois bons olhos a não encontrão quando se trata dos mais simplices, e ordinarios fenómenos da Natureza, como me succede a mim neste instante, que estou vendo encher a maré, por mais que barafuste com o entendimento, eu não sei porque enche, e daqui a nada, quando repontar para a vazante, eu não sei porque vaza, sem que ninguem lhe mexa, nem para hunia, nem para outra cousa; que fará hum cégo, que anda em perpetuas sombras ás apalpa-lellas? Isto que no seculo de Demócrito espantou todos os homens, que souberão de tal parvoice, estamos nós vendo não em hum só homem, mas em milhões de homens pertinazmente cégos. Em Portugal, e suas adjacentes, em França, e seus Departamentos, em Inglaterra, e seus Condados, em Alemanha, e seus Circulos, no Brasil, e suas catingas, na sempiterna Roma, e seus Breves da Marca, tudo está cheio de cégos pertinazes, que não querem, nem vêr hum homem, nem reconhecer huma verdade, mais clara que esta luz que nos descobre o Mundo agora ao meio dia. Isto não são cousas que se demorem com preambulos; o homem que elles não querem, nem reconhecer, nem vêr, porque querem ser pertinazmente cégos, he ElRei Nosso Senhor, e a verdade demonstrada he a sua indisputavel Legitimidade na Successão ao Throno; porque, se para ser Rei de Portugal he preciso que seja filho de Rei, natural deste Reino, elle he o unico que se apresentou, porque o outro foi ser Monarca de hum paiz estranho, e independente (agora lhe dirão o tempo por acabado) desnaturalisando-se, e deixando de ser Portuguez tão solemnemente, protestando que a sua Patria era o Brasil (A Deos, Patria!) e tão amante della, e tão generoso, que recebendo della huma descortezia tal, que nem a hum negro se faria, ao menos para imitar a Scipião Africano, não lhe quiz chamar — Ingrata Patria —, e não porque elle o diga, mas porque elle o faz, e quer, nem os ossos lhe ha de possuir. Se para ser legitimo Rei de Portugal he preciso que as Leis o chamem, as Leis porque se formou, e constituio a Monarquia nas circumstancias da morte voluntaria, moral, e politica do ante-génito, não tem outro a quem chamar senão o que para a Nação estava vivo, que he ElRei Nosso Senhor. Se he preciso o voto unanime da Nação legalmente representada por seus Procuradores, nem hum só Voto lhe faltou, e se mil vezes se convocassem os Estados, mil vezes assim decidirião. Se he preciso huma pública acclamação, ninguem mais universalmente foi acclamado; e apenas o grupéz da Fra-

gata apontou pela barra dentro, e ainda a pôpa estava lá fóra, pasmando o Aguazil, que estava na barraca para arrecadar os novos Direitos estabelecidos em 1820, já elle estava acclamado, sem ser necessario propôr a materia a votos; o grito universal, e incessante de hum Povo, trasbordando de alegria, e consolação equivalia a muitas acclamaçôes, e satisfazendo isto a Nação, que a nenhuma outra he responsavel de seus peculiares actos, não satisfez nem a desinteressada magnanimidade, nem a boa fé de Sua Magestade. Todas estas legalidades, este procedimento tão franco, e tão honrado, não tem podido ainda abrir os olhos de tantos cégos pertinazes, e, o que mais he ainda, de tantas cégas voluntarias, que podendo vêr as cousas deste Mundo em ar livre, e pleno dia, talvez agora nem pelas miudas malhas de estreitas gelozias o possão lombrigar; ouvindo huma campa que impõe o silencio dos tumulos áquellas mesmas em cujas linguas o Moto contínuo, que os Filosofos não tem podido achar, tinha constituido o seu delicioso assento, e throno; porém favor foi do Ceo fazer-lhes ter as bôcas caladas, donde sem freio, e sem aziar se precipitava huma cascata de parvoices politicas, que se em voz alta as dissessem no meio do Rocio atrahião acima de suas ôcas cabeças huma espessa nuvem de solidos calhãos. Se o Senhor D. Pedro possuisse a arte de as fazer moças, bonitas, e discretas, *vade in pace*, quizessem embora, e levassem para o seu toucador o Senhor D. Pedro, ennastrassem-lhe louros na frente, e depositassem em suas mãos o Sceptro do Imperio de Cythera. Se o Senhor D. Pedro no momento da sua ascensão ao Solio do Imperio Antarctico, e de tomar pelas suas Victorias, e Conquistas o nome de Montevideano, como Scipião o de Africano, e Mario o de Cimbrico, se declarasse o amparo das Viuvas, e seu Casamenteiro, eu daria alguma desculpa a estas estouvadas, que misturão extremos oppostos, pondo junto da Arca do Testamento o Idolo de Dagon, áquelle amor Platonico, que protestão ao Senhor D. Pedro, a quem ellas não importão, nem ellas (talvez) vejão mais no resto da sua vida Claustral, e penitente. Eu não sei dar a razão de tão fino extremo a tão crúa, e tão selvagem ingratidão. Se ellas não fossem tão teimosas, e emperradas, se o = T = da sua testa não tivesse crescido tanto em sua hastea, e sua cópa, eu teria dó da sua apertada situação; mas em fim esta mesma situação lhe dá tempo, e meios de começarem, e proseguirem em suas Novenas, para que Nosso Senhor abrande o coração, e dobre a cerviz dos dinheirentos Israelitas de Inglaterra, e França, para que sobre prata, ouro, e brilhantes, como aqui fazem os filantropicos Em-

prestadores, realizem aquelle Emprestimo (*de hum fim tão justo!*) com o qual o Senhor D. Pedro venha impôr o ultimo sello aos beneficios immortaes, que tem feito a estes Reinos, que de pleno poder, e sciencia certa lhe mandárão daqui, e de presente, ou mimo, tres homens, hum por malicia, e dous por simplicidade, pasmando o Senhor D. Pedro da remessa, porque tal não esperava. No fim de cada hum dos dias da Novena, hum Padre Nosso avulso, e supranumerario, para que os Exercitos de mar, e terra, que o Senhor D. Pedro commandará em pessoa, sejão tão numerosos, e aguerridos nas tres armas, que todos caibão no Barco de Vapôr, que varando em terra no Cáes de Manoel Ribeiro, nos fação aqui dar hum par de risadas boas, como as que se dão aos Preopinantes das Camaras de França, e tanto merecião as de cá. Quando tratar neste Papel dos males, que o Senhor D. Pedro tem feito a este Reino, dos golpes, que sobre elle tem descarregado desde o momento, em que delle se separou por sua independencia, tractando-o com o ultimo desprezo, protestando que nada queria delle mais que a sua ruina, e acabamento, sem se dignar jámais dirigir-se directamente a elle com meia folha de papel; então mais claramente se conhecerá a pertinaz cegueira das religiosas matronas, bem dignas de as mandarem reformar o Recolhimento de Santa Margarida de Cortona, sito dentro da Cordoaria, e não só destas, mas de muitos Portuguezes inteiramente varridos de miolo. Talvez que eu nisto não diga a verdade, porque elles conhecem bem onde esteja a legitimidade, e a justiça; mas como bons Pedreiros não querem no Throno o seu exterminador inimigo. Se elle por hum impossivel, e methafisico impossivel, tivesse huma pequena sombra do sansculotismo no gesto, e na figura, e no coração hum toque só do Maçonismo, não haveria nem rua, nem praça, onde lhe não levantassem huma Estatua de bronze, e hum arco de triunfo maior que o que ainda existe de Septimio Severo. Se este acanhado Papel não tivesse tão estreitos limites, e esta penna tivesse menos maniotas, eu declararia huma guerra de exterminio a certa canalha embirrada, e emperrada; eu lhe mostraria que desde 1143 até 1828 não houve hum Rei em Portugal, que maiores beneficios fizesse á Nação Portugueza, e á Religião Christã Apostolica Romana, que o Senhor Rei D. Miguel I; mas sempre digo desde já que Portugal ía a perder para sempre a sua Forma de Governo Monarquico, e Sua Magestade o tirou, e salvou deste abysmo. Portugal com a fatal perda do Governo Monarquico ía a perder a pureza do Culto Catholico, que em pouco se extinguiria; Sua Magestade foi huma firme columna

da Religião, e seu sustentáculo em taes circumstancias; he mais que dilatalla até aos confins da Terra, levando-a até ás ultimas Ilhas do Occano pacifico; e se a verdade da Religião se mostra pelos factos, eu pelos factos mostraria a verdade eterna destas asserções.

E hum tal Rei não he politicamente reconhecido? Luiz Filippe sim, e D. Miguel não!!! Já não fallo com essas ôcas aboboras meninas, ou porqueiras, que agora nos Sanctuarios do Deos vivo estão dando ao Diabo a cardada, que isso fiz para amenisar a aspereza da politica, fallo de cousas de extrema ponderação, e que ao bom pensador mostrão claramente qual seja o espirito do Seculo, em que vivemos. O objecto mais digno do nosso respeito como Portuguezes, e como Catholicos, deve ser a Suprema Cabeça visivel da Religião, quero dizer, o Soberano Pontifice, Pai commum de todos os Fieis, laço de paz, e de concordia, e centro da união de todos os Povos Christãos, e de tão elevado poder sobre os mesmos objectos puramente temporaes; que houve Seculos, em que elles davão a Investidura dos Thronos aos mesmos Soberanos da Terra, o que vemos até na Historia dos primeiros Seculos da nossa Monarquia, em que vinha para subirem ao Throno a vontade expressa do Senhor Papa, e estabelecêo-se hum feudo, ou tributo de tantos, ou quantos Marcos de ouro para o Senhor Papa. Isto era mais decoroso que o tributo da Hacanéa, que era pago pelo Rei de Napoles. Tão respeitada era esta Authoridade, que, quando os Portuguezes, em lugar de D. Sancho II, sentárão no throno seu irmão segundo-génito, que se chamou Affonso III, dérão disto parte ao Senhor Papa, e no mesmo instante o Senhor Papa approvou, e *reconhecêo* Rei o irmão chamado para o lugar do irmão excluido, e logo vierão Bullas, Breves, Rescriptos, Letras Apostolicas, Confirmações, e Annullações de Matrimonio, invalidando-se o da Condessa de Bolonha, Mathilde, e logo apparecêo motivo para tudo isto. D. Affonso reinou em Portugal, e D. Sancho foi morrer a Toledo, e lá continúa a estar enterrado. Morrêo o terceiro neto deste D. Affonso III, isto he, D. Fernando, sem successão varonil, porque D. Brites casou fóra, e era mulher, cousa, que só em caso de extrema necessidade, quando a ha de successão, soffrem, e consentem as Leis por que se fundou o Reino; mas tinha irmãos filhos da Rainha D. Ignez de Castro, e tinha mais hum irmão bastardo, filho d'El-Rei D. Pedro, e de Tereza Lourenço, que fez taes cousas, taes victorias alcançou, tantos Castelhanos vencêo, taes emprezas emprehendêo, e acabou, que os Portuguezes não quizerão outro

Rei, no meio de tantos pretendentes, e o fizerão, e acclamárão Rei. Dérão parte ao Senhor Papa, dispensou logo na bastardia, reconhecêo-o legitimo: vierão logo Bullas, Breves, Rescriptos, e virião Reconhecimentos ás duzias, se os quizessem. Este Rei não gostava de traidores, em os apanhando, matava huns, desterrava outros, confiscava todos, e até tinha muita graça, e pilhéria, porque os bens confiscados aos rebeldes, e transfugas, erão por elle dados, e repartidos aos Vassallos fieis, que não levantárão armas contra elle. Succede a portentosa catastrofe da Africa na infeliz batalha do Rei Maluco, que parece que todos o crão; morre ElRei D. Sebastião (com o devido respeito de alguns Senhores) morre ElRei D. Sebastião, e os Portuguezes tanto querem hum Rei natural, que até fizerão Rei hum Clerigo velho (hum Cardeal he hum Clerigo como os mais no caracter, só com a differença de vestir Loba encarnada) só porque era irmão do Avô do Rei (com licença) defunto. Tanto o reconhecêo o Senhor Papa, que até quiz dispensar no implicito Voto de Castidade no Presbyterado. Bullas, Breves, Rescriptos, Dispensas, Reconhecimentos, tudo quanto quizerão os Portuguezes, porque querem o que he justiça, quando querem hum Rei natural. Morre o semivivo Cardeal. Está vago o Throno; e a quem pertence o Throno? Tantos pretendentes! E não menos que todos netos d'ElRei D. Manoel; mas a nenhum de tantos Candidatos pertencia o Reino sendo parentes tão proximos do Rei defunto, mas elles estrangeiros, e isso he condição, que os Portuguezes nem querem, nem devem aturar. Quem chamava pois a Lei, pela qual se regulava, e regulou sempre a Successão ao Throno? Não ha homem, mas ha mulher, venha a mulher, que he natural, e fóra os homens que são estrangeiros. Esta mulher he a Duqueza de Bragança D. Catharina. Nella existe o indisputavel Direito ao Throno. Ella era Catharina, mas não era a do Norte, tinha direito, mas não tinha força, e aquelle sem esta he cousa nenhuma. O Diabo do Meio dia, que assim chamavão a Filippe II Rei de Castella, tinha cem mil homens, e para a sua frente o feio, espantoso, e terrivel D. Fernando de Toledo, Duque d'Alva. Vejão se ha Direito mais forte, e mais claro! A' vista de cem mil homens, nem Baldo, nem Bártolo, nem Cujacio, nem Covarruvias, tinhão razões que fazer, nem Leis que allegar, e o Senhor Papa — *Dominus Papa* — que assim lhe chamão os nossos Diplomas antigos, encostando-se, em Consistorio pleno, á opinião victoriosa dos Doutores de Baioneta, e Bachareis de Artilheria, reconhecêo logo a concussa legitimidade do Rei de Castella, que allegou ser filho de

mãi Portugueza, a Infanta D. Isabel, mulher de Carlos V, e filha d'ElRei D. Manoel; mas elle por femea, e D. Catharina por Varão, o Infante D. Duarte. Nenhum escrupulo da parte do Senhor Papa, Bullas, Breves, Rescriptos, Letras Apostolicas, Absolvições de juramentos, etc., porque as Baionetas são o vivo Diabo: em fim, se o Senhor Papa reconhecêo legitimo Filippe II, os Portuguezes não quizerão reconhecer legitimo seu neto Filippe IV. A revolução de 1640 não teve por objecto, como a de 1826, destruir, e invalidar as Leis da Monarquia, mas fazêllas vigentes: e proclamou os Direitos da Casa de Bragança com tanta dignidade, tanta grandeza, e tão Portuguezmente, que se todas as revoluções fossem como aquella, eu as quereria até em França, porque erão para dar a cada hum o que lhe pertence. E que fez o Senhor Papa Urbano VIII, antes Maffeo Barberini, bom homem, e muito mediocre Poeta? Não quiz reconhecer o Senhor Rei D. João IV. Não quiz confirmar Bispos, nem dispensar em impedimentos matrimoniaes, tudo com medo dos Castelhanos, de quem depois foi muito inimigo, mas custou-lhe a vida, o que se collige daquelle discreto Distico, que lhe pregárão na porta do seu Gabinete, alludindo ás tres Abelhas, que elle tinha no seu escudo de armas:

Mella dabit Gallis, Hispanis spicula finget,
Spicula sed fingens, et vita, et melle carebit.
Aos Hespanhoes ferrão, mel aos Francezes;
Mas dando a ferroada,
Fica sem vida, e mel, e em fim, sem nada.

Este Senhor Papa cahio em si, e mais de cá não lhe dérão com mel pelos beiços, derão-lhe com a razão, e com a Justiça; pezou, e nas balanças do Sanctuario, quanto era vantajoso á mesma Religião o reconhecimento da Legitimidade do Rei de Portugal, e a conservação da obediencia á Sancta Sé da Nação Portugueza, e que tinha dado a elle Summo Pontifice, até como a Soberano temporal, parte da resolução que tomára, subtrahindo-se a hum jugo estranho para acclamar hum Rei natural, e antes da paz dos Pyrenéos, e dos Congressos que então se fizerão, foi reconhecido pela Côrte de Roma o Senhor Rei D. João IV. Ora basta de allegações, já são bastantes para cotejarmos as circumstancias em que se achárão para serem Reis D. Affonso III, D. João I, o Cardeal D. Henrique, Filippe II, seu filho, e seu neto, com as circumstancias em que existia ElRei Nosso Senhor para ser por nós acclamado, e pelo Senhor Papa reconhecido (como ha de ser) não só como

Pai de todos os fieis, mas como Monarca de hum Imperio temporal; onde haveria mais dúvidas, e escrupulos para o seu reconhecimento da parte da Côrte de Roma, nelle, ou nos outros que eu acabo de recensear? Em Sua Magestade sobejão as razões que nos outros faltavão. Eu deixei para o fim a ultima razão. Deixou acaso de ser reconhecido o Senhor Rei D. Pedro II, na exclusão de seu irmão mais velho D. Affonso VI? Sei que me dirão já com muito calor: — Foi reconhecido Regente. — Sim, porque não foi demonstrada com evidencia a absoluta impossibilidade da cura da molestia mental, e tambem corporal do Senhor Rei Affonso VI, da qual, tirado do Castello de S. João Baptista da Ilha Terceira, veio a morrer no Palacio de Cintra, e depois disso não quizerão os Tres Estados chamados a Côrtes saudallo com o Titulo de Rei; e no Senhor Rei D. Miguel I se vio hum prodigio na unanimidade dos Votos dos mesmos Tres Estados. Esta suspensão nos dois ultimos Vigarios de Christo era huma prova da existente geral conspiração, que com as armas da illusão tem sapado as mesmas paredes do Sanctuario; com tudo eu não quero dizer com hum dos Profetas, que a abominação tomára assento no Lugar Sancto, porque a Pedra do Capitolio he immovel; mas se não entra, nem póde entrar no Sanctuario, entra no Gabinete. Vejão o que se podia esperar do Secretario da Legação, Doutor Migueis, creatura nata de Castello-Melhor, e companhia! Grande monda devia haver pelas Legações! Sorvedouros, e sumidouros de dinheiro, e por fim, deliberado desleixo, e nenhum interesse pela Causa Sagrada de S. Magestade, e da Nação Portugueza. Eu tremo de entrar nestes labyrinthos de politica tão alta; mas o Povo deve ser desenganado. Se corro os olhos pelo quadro da Historia Ecclesiastica, vejo que por menos, e muito menos se introduzírão scismas, e dissidencias. Nós os Portuguezes sômos firmes na Fé, e nenhum Povo na Terra reconhece, e respeita mais a authoridade Pontificia; e quando fosse preciso recorrer a ella, em casos que não são da alçada dos Senhores Bispos, apezar da Tentativa Theologica, que nenhuma Lei prohibio ainda, nós recorreriamos, e para isto não he do caso, que a Curia Romana esteja longe, ou esteja perto, lá chegarião as nossas humildes supplicas; o que se fazia antes da instituição, e tolerancia de hum Tribunal Supremo, e Tribunal em fórma, e com todos, e mais apanagios dos outros Tribunaes. Este Tribunal de Estrangeiros não he para casos de Dogma, ou de Disciplina geral da Igreja, que para taes casos tem os taes Estrangeiros cuidado de nos mandar recorrer á Sancta Sé. Então para que ser-

ve! Que nos importa a nós que hum Frade jante (tendo que) na meza travessa, ou venha comer hum nojento mendrugo para o *De profundis?* Que traga meias, ou ande de perna núa, e muito impertigada! Que o Capitulo se suste, ou que o Capitulo se faça! Quando se requer hum Breve a Roma, pelas ultimas, ou novissimas disposições, e vai daqui munido com o Regio Beneplacito, lá não dizem que não, e que querem hum Beneplacito Regental, ou Lugar-Tenental! Mas de cá não ia com isso, e lá não se passava o Breve. Isto he custoso, e duro de se dizer por hum verdadeiro Portuguez, que vem a ser hum verdadeiro Catholico Romano, mas até este ponto deixárão chegar tudo os malvados, a quem nenhuma experiencia desengana, e nenhum revéz parece desalentar, pois os vemos proseguir com a mesma pertinacia, sem que os olhos fechados de muitos na Forca, abrão os olhos aos que ainda passeião, sem darem ao menos voltas á roda della.

Ora tornemos á pertinaz cegueira dos que nos matão o bicho do ouvido com a legitimidade do Senhor Ex-Imperador D. Pedro, que segundo os papeis de França faz grande farinha até no Theatro com o Ex-Dei de Argel; mas ao menos este perdendo Argel disparou horrenda artilheria, não deixando que os Francezes o levassem ás mãos lavadas, e o Ex-Imperador do Brasil não achou hum junco de sipó, ou hum massangano para desancar ao menos hum das Caravellas! Veio com muita pressa, nem isso pôde fazer; e vão-se os aneis, e fiquem os dedos, cá fica o meu verdadeiro amigo Bonifacio; e se as minhas crianças chorarem, elle as embalará, e cá se avenhão, que eu não me posso demorar nem hum instante, porque a maré não espera por ninguem. A Deos Patria, a Deos melaço, a Deos alcomonia, e a Deos senhora que eu parto; fiz a felicidade dos meus Brasileiros, agora vou cuidar na minha, que consiste em dar cabo daquella terra, que me vio nascer, e de cujo Reino por minha má cabeça deixei de ser Soberano, mas já agora morra Sansão, e quantos aqui estão. O Senhor D. Pedro gostava muito de dizer estas graças, e de fazer estes beneficios aos Portuguezes, e só, mesmo com o zelo do seu bom ensino, mandou açoitar mais de duzentos em praça pública, assistindo elle mesmo a esta correccional, e paternal disciplina, para que os açoites não fossem n'huns menos rijos que nos outros; só lhe faltou lá o Presidente da açoitaria da Praça de Alcantara, no ditoso tempo do Imperio da Lei. Eu estou intimamente persuadido que esta especie de borracheira, que tantos, e tantas mostrão na paixão que mostrão pelo Senhor D. Pedro, porque com effeito parecem

bebedos, e bebedas ás cabeçadas, couces, e boléos, que levão, e muito contentes, e que tanto merecem, tem o seu motivo nos sentimentos de gratidão aos nunca interrompidos beneficios, que a Monarquia Portugueza tem recebido das suas liberalissimas, e ex-imperatorias mãos. Ora contemplemos algumas mais extremosas finezas. Em 1825 se fez elle Independente, desmembrando a Monarquia, e fazendo para si unicamente da sua maior porção hum vasto Imperio, deixando a seu Pai huma pequena parte, sem clausula na Carta de partilhas, que elle mesmo fez, de que a dita pequena parte reverteria para elle outorgante; e seu pai dahi a pouco, (pouco, porque foi logo a 6 de Março de 1826) falleceo da vida presente, ou o fizerão fallecer. Se elle esperasse, era logo herdeiro *in solidum* de todos os bens do Casal, sem tornas, nem alimentos dos mais herdeiros: mas tão grande era o ardor, e tamanha a ancia que tinha de nos fazer hum beneficio, que veio a deixar o Brasil, sem ser delle, e sem ser nosso. Tem razão elles, e ellas em quererem para Rei quem não soube, nem póde conservar o Imperio. Quem não teve força para sopitar Tapuias, como terá Magestade para governar Portuguezes? Ora, este beneficio não he para esquecer nem hum instante sem huma feia ingratidão! Elle, por beneficio nosso, não só se metteo de posse da casa, mas quiz tambem herdar os móveis, e que erão do serviço immediato da casa de seu Pai, ou já defunto, ou que estava para o ser, o que dizem se fez de pé para a mão.

(Aqui hia o A. no dia 19 de Setembro, quando entrou a sentir grande frio, effeito da molestia das sezões, que então o atacou, e que o roubou á Patria no dia 2 de Outubro de 1831. Poucos dias tardou o reconhecimento do Nosso Santo Padre, Gregorio XVI, que o Autor já previa, seguindo diverso, e mais acertado caminho nesta questão que os seus dois ultimos Predecessores.)

Por occasião da sentida morte do Padre J. A. de Macedo.

SONETO I.

Musas, quem pranteais! — « O eximio Vate,
Que, tanto nos honrou na Lusa Terra,
Que, fazendo á Ignorancia crua guerra,
Sempre sahio triunfante do combate!... »

Religião, tu gemes? — « O resgate
Não terei desta perda!... A Campa encerra
Macedo!... A Impiedade não se aterra,
E agora talvez mais me desacate!... »

Oh dôr!... Que muito hum tal Amigo eu chore,
Senão ha entre o Povo Lusitano
Quem de Macedo a falta não deplore!

Sentio-a até o nosso Bom Sob'rano!...
Porém quiz Deos que lá no Empyreo o adore
Macedo, alto Brazão do Ser humano.

SONETO II.

Foi da Religião pod'roso esteio,
Da Impiedade os sofismas fulminando,
Pela vereda o Povo encaminhando
Da Santa Lei de hum Deos, que ao Mundo veio:

Impoz da Patria aos Inimigos freio,
Illusos Cidadãos desenganando;
Charlatães, e Impostores fustigando,
Deo proficuas lições; grato recreio:

Creou Poemas immortaes na mente,
Filosoficos, Epicos, Jocosos,
Que encantão, que arrebatão douta gente:

Possuio os thesouros mais copiosos
Da erudição, de graça huma torrente,
Macedo, e a todos nos deixou saudosos.

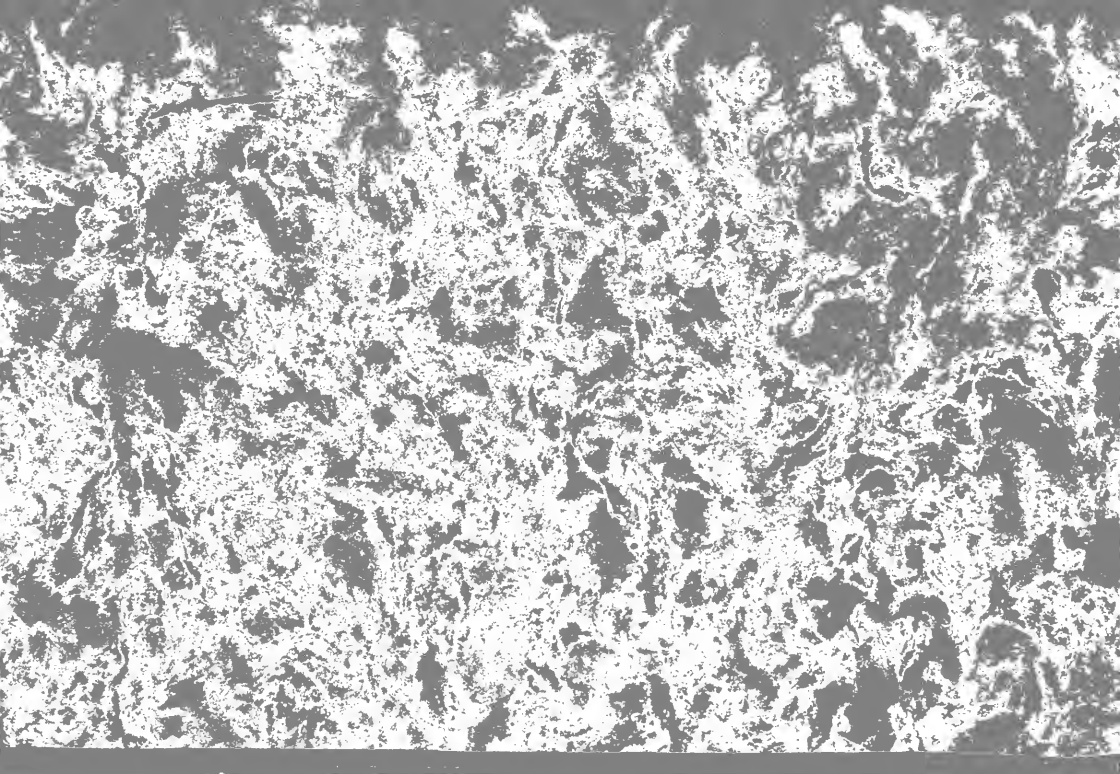
J. J. P. L.

INDICE

DOS TITULOS DOS NUMEROS DESTA OBRA

N. 1 *Introducção.*
N. 2 *Que cousa he Revolução?*
N. 3 *Pretextos das Revoluções.*
N. 4 *Os Revolucionarios mentem sempre.*
N. 5 *Consequencias da Revolução.*
N. 6 *Doutrinas da Revolução.*
N. 7 *Qual he o fim da Revolução.*
N. 8 *Salvo-conducto das Revoluções. (As Ammistias, e Carta a respeito destas por J. J. P. L.)*
N. 9 *Pés de lã da Revolução.*
N. 10 *Insolencia da Revolução.*
N. 11 *A Escada voltada na Revolução.*
N. 12 *A Casa dos Orates na Revolução.*
N. 13 *Os Cães ladradores, e os Cães derramados na Revolução.*
N. 14 *O Frasquinho de Balsamo, ou os Charlatães na Revolução.*
N. 15 *Ensaio Filosofico sobre as Malhas.*
N. 16 *Confusão de sentimentos politicos, ou o que querem os homens?*
N. 17 *Quem são os Arquitectores das Revoluções?*
N. 18 *Teima invencivel.*
N. 19 *A Desgraça universal.*
N. 20 *O Maçonismo com outra cara.*
N. 21 *Continuação do Maçonismo com outra cara.*
N. 22 *Continuação do Maçonismo com outra cara.*
N. 23 *Que cousa he hum Malhado?*
N. 24 *A Força unida obra prodigios.*
N. 25 *Não foi desta, nem vai d'outra.*
N. 26 *Origem do Mal.*
N. 27 *A Cegueira pertinaz.*

FIM.

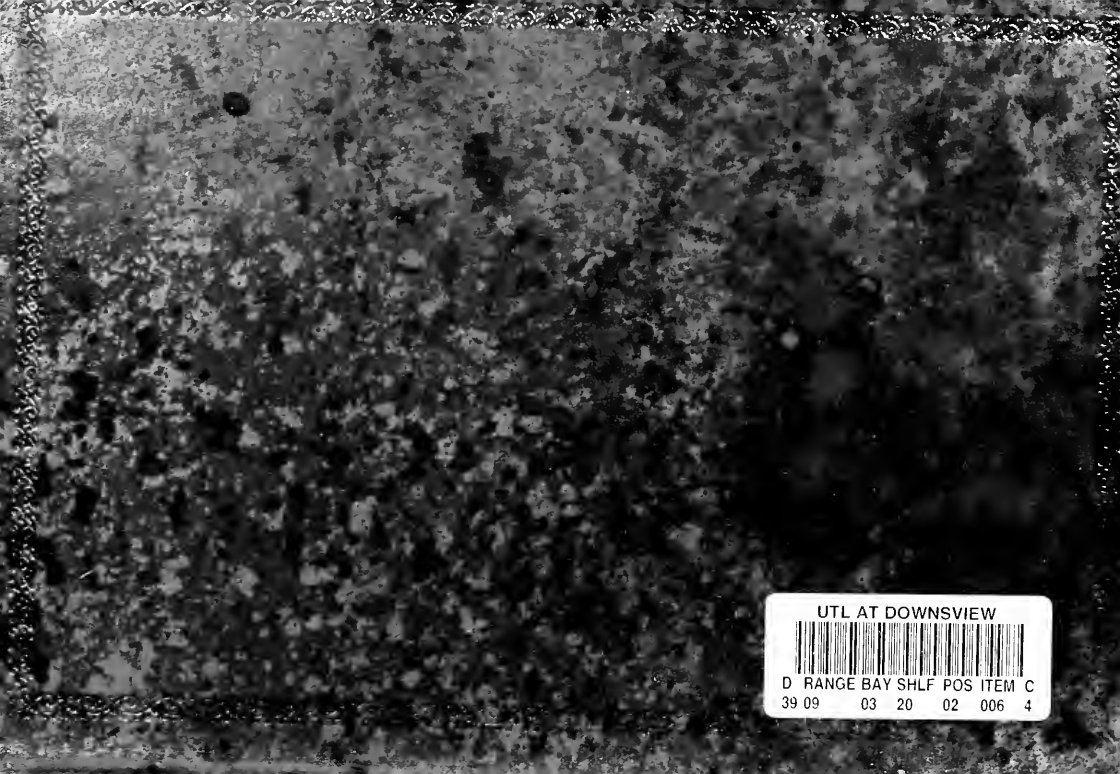


PQ
9261
M2D47

O Desengano; periodico
politico e moral

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY


UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 03 20 02 006 4